CLÁSSICOS | GLOBO

Contos e novelas

Voltaire

Plano de edição e prefácio de Roger Bastide
Introdução de Gilbert Chinard / Notas de Sérgio Milliet
Tradução de Mario Quintana



Coleção Clássicos Globo

Coordenação: Manuel da Costa Pinto

Títulos publicados:

Memórias de um sargento de milícias, de Manuel Antônio de Almeida
Macário/Noite na taverna, de Álvares de Azevedo
A Viagem à Lua, de Cyrano de Bergerac
As aventuras do sr. Pickwick, de Charles Dickens
O bracelete de granadas, de Aleksandr Ivánovitch Kuprin
Ecce Homo, de Eusébio de Matos
Pequenas tragédias, de Aleksander Sergheievitch Púchkin
A capital!, de Eça de Queirós
Infortúnios trágicos da constante Florinda,
de Gaspar Pires de Rebelo
A cartuxa de Parma, de Stendhal
O Silvano, de Anton Tchékhov
Contos e novelas, de Voltaire



A coleção *Clássicos Globo* traz obras célebres da literatura universal e da língua portuguesa, retomando e ampliando um dos projetos editoriais mais marcantes da história recente do Brasil: o acervo de traduções constituído nos anos 1930 e 1940 pela editora Globo de Porto Alegre, que tinha, entre seus colaboradores, intelectuais como Erico Verissimo e Mario Quintana, e ficou conhecida como "Globo da rua da Praia".

Os títulos da coleção *Clássicos Globo* foram escolhidos a partir desse catálogo. Além das traduções (revistas e atualizadas) de livros pertencentes ao cânone da literatura ocidental, a coleção compreende também novas obras, em edições críticas e versões feitas por tradutores contemporâneos que dão continuidade a esse legado editorial.

Voltaire

Contos e novelas

plano da edição e
introdução biográfica:
Roger Bastide

ensaio *Voltaire e o Novo Mundo*:
Gilbert Chinard

notas introdutórias:
Sérgio Milliet

tradução:
Mario Quintana

revisão técnica:
Manuel da Costa Pinto

GLOBOLIVROS

Copyright da tradução © by Editora Globo S. A.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de bancos de dados, sem a expressa autorização da editora.

Revisão: Valquiria Della Pozza, Otacílio Nunes e Ana Maria Barbosa
Cronologia: Leila Guenther
Capa: Isabel Carballo, sobre *Voltaire à mesa de xadrez*, de Jean Huber (c. 1750-1775), óleo sobre tela (53cm x 44cm), State Hermitage Museum, S. Petersburgo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Voltaire, 1694-1778
Contos e novelas / Voltaire ; plano da edição e introdução biográfica Roger Bastide ; prefácio Sérgio Milliet ; tradução Mario Quintana – São Paulo : Globo, 2005.

ISBN 978-85-250-5657-3

1. Contos franceses I. Bastide, Roger II. Milliet, Sérgio III. Quintana, Mario, 1906-1994 IV. Título

05-0442 CDD-843

Índice para catálogo sistemático:
1. Contos: Literatura francesa 843

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil
adquiridos por Editora Globo S. A.
Av. Jaguaré, 1485 – 05346-902 – São Paulo – SP
www.globolivros.com.br

Sumário

Capa
Coleção Clássicos Globo
A coleção
Folha de rosto
Créditos
Nota introdutória
Voltaire
Voltaire e o Novo Mundo
Contos e novelas de Voltaire
- Zadig ou o destino
- O mundo como está
- Memnon
- Micrômegas
- Os dois consolados
- História das viagens de Scarmentado
- Cândido ou o Otimismo
- História de um brâmane
- O branco e o preto
- Jeannot e Colin
- Pot-pourri
- O Ingênuo
- O Homem dos Quarenta Escudos
- A princesa da Babilônia
- As cartas de Amabed etc.
- Escritos avulsos
  - História de Jenni ou o ateu e o sábio
  - Os ouvidos do conde de Chesterfield e o capelão Goudman
  - O touro branco
- Miscelânea
  - Aventura da memória
  - Sonho de Platão
  - Carta de um turco
  - Pequena digressão

Aventura indiana
Elogio histórico da razão
Contos não recolhidos por Voltaire
O carregador zarolho
Cosi-Sancta
Cronologia
Notas

Nota introdutória

Contos e novelas foi publicado pela editora Globo em 1951, com tradução do poeta Mario Quintana. Desde então, foram reimpressas várias edições parciais do livro, incluindo apenas as narrativas mais conhecidas de Voltaire. O presente livro recupera a edição original, contendo a totalidade daquilo que — segundo os estudiosos de sua obra – constitui o cerne da ficção legada pelo filósofo e escritor francês. Ao todo, o conjunto aqui reunido apresenta praticamente o dobro dos relatos disponíveis em nosso mercado editorial.

Este volume da coleção *Clássicos Globo* passou por um processo de revisão que, sem detrimento da fluência e das soluções estilísticas encontradas por Quintana, corrigiu algumas imprecisões e saltos que haviam sido reproduzidos nas publicações que seguiram a versão inicial. Além disso, por sua importância histórica, a edição não inclui (como nos demais títulos da coleção) o posfácio de um crítico contemporâneo, mas traz os prefácios de Roger Bastide e Gilbert Chinard e apresentações dos contos por Sérgio Milliet, conforme a edição original.

M. da C. P.

Voltaire

por Roger Bastide

tradução:
Sérgio Milliet

De Voltaire se disse, a um tempo, todo o bem e todo o mal possíveis. Chamaram-no "ginasiano moleque", estigmatizaram-lhe o egoísmo burguês, a avareza, a cobiça: "Anda sempre a cavaleiro do Parnaso e da rua Quincampoix",[3] observavam. De sua filosofia se afirmou ser um "caos de idéias claras" (Faguet) e a marquesa de Charost deparava nele com um ar de loucura: "Raciocinando sem princípio, sua razão tem acessos, como a loucura dos outros". Entretanto, ele angariou tantos admiradores apaixonados quantos detratores exaltados. As contradições do seu pensamento atenuam-se, dizem os admiradores, se é que não desaparecem por completo, quando se estudam os textos filosóficos na sua ordem cronológica. Se Voltaire foi por vezes avaro, foi também generoso. Foi duro com seus inimigos e terno com seus amigos; e o fato de ter amado a glória não o impediu de abandonar o Parnaso para defender a causa dos infelizes e lutar contra todas as injustiças. Uns e outros, admiradores e detratores, têm razão. Tentemos pintar Voltaire com fidelidade e pintá-lo em toda a sua complexidade, com as luzes e as sombras.

O que nos impressiona de imediato nele é a sua universalidade. Seus inimigos motejavam-no. Piron assesta-lhe um epigrama acerca da mania de tudo ventilar apressadamente:

A Enciclopédia é sua tabuleta.
Que desejais? Inglês, toscano,

verso, prosa, álgebra, comédia, ópera,
poema épico, história, ode ou romance?
Dizei. Pronto...
Pois que ambiciona refazer o mundo
e refazê-lo em menos de semana.

Seus amigos, ao contrário, louvavam-lhe a riqueza do talento. Mas a versatilidade, como vemos, atordoava uns e outros. Frederico II escreve a seu ilustre missivista de Paris: "Duvido que haja um Voltaire no mundo: construí um sistema para negar-lhe a existência. Não, por certo, não é um homem só que faz o trabalho prodigioso atribuído ao sr. de Voltaire. Há em Cirey filósofos que traduzem Newton, há poetas heróicos, há Corneilles, Catulos, Tucídides, e a obra dessa academia se publica sob o nome de Voltaire, tal qual os feitos de todo um exército se atribuem ao chefe que o comanda". Isso me parece lindamente escrito e é absolutamente exato. Brunetière, que cita esse texto, acrescenta haver em verdade vinte Voltaires, um Newton, um Corneille, um Tucídides, um Catulo, mas também um homem da sociedade e um fino espírito de salão, um cortesão e um diplomata, um empresário e um jornalista, um fabricante de relógios e um negociante de meias de seda, um homem de negócios e um construtor de cidades. Pode-se juntar a tantas profissões a de um homem de guerra, inventando os carros assírios, que são os precursores dos nossos tanques, um saneador de pauis, um amoroso intermitente, sei lá que mais ainda.

É que Voltaire é essencialmente um curioso — quer conhecer tudo — e, em moral, um epicurista — quer sentir tudo. Chamava a D'Alembert "Senhor o multiforme", mas a expressão o caracteriza mais do que a D'Alembert: "Não há melhor partido", escreve, "que o de dar à própria alma todas as virtudes, todos os prazeres; toda a instrução de que ela é capaz; é preciso fazer entrar em nosso ser todos os modos imagináveis, abrir todas as portas da alma a todas as ciências, e a todos os sentimentos". Experimentou todas as alegrias, as da literatura e as da ação.

Mas Voltaire é mais do que um Proteu, hoje aquecendo alambiques num laboratório, enchendo, ontem, o teatro das lamentações de uma terna heroína, agitando amanhã a opinião pública em torno de um erro judiciário. É um Proteu que muda de nome. Dissemina suas obras pela Europa inteira sem assiná-las ou assinando-as com nomes falsos. Acumula

os mais divertidos pseudônimos, atribui mesmo, por vezes, seus trabalhos a indivíduos que viveram realmente. Como Proteu, que mudava de aspecto a cada vez que o tentavam pegar, ele escorrega entre as patas dos Senhores do Parlamento, dos ministros da polícia, dos padres, largando nas mãos deles um nome imaginário.

É que a liberdade de escrever não existia então. E os escritores nem sempre tinham a sorte de livrar-se mediante uma simples estada na Bastilha. Em 1757 um édito real condenava à morte toda pessoa reconhecida culpada de "ter composto ou mandado imprimir escritos visando atacar a religião, comover os espíritos, lesar a autoridade real". O *Dicionário filosófico* foi queimado na fogueira que consumira o corpo do cavaleiro De la Barre e o poema *Sobre a lei natural* já tivera antes o mesmo destino; e até o inocente *Templo do gosto,* deambulações de um crítico por entre as obras-primas da literatura clássica, valeu a Voltaire algumas perseguições.

É compreensível, portanto, que desminta sempre a autoria de seus trabalhos. "Quem são esses ociosos", escreve a propósito do mais perfeito de seus contos, "que me atribuem um tal *Cândido,* uma brincadeira de colegial que me mandam de Paris? Em verdade tenho mais que fazer." Quando se imprimem as *Cartas filosóficas* ele faz com que lhe roubem as provas a fim de serem impressas sem responsabilidade sua e de que ele possa alegar o roubo, caso se veja ameaçado. Quando espalha em pequenos pacotes os artigos de seu *Dicionário,* adverte os amigos: "Logo que houver perigo avisem-me por favor para que eu renegue a obra". Faz passar o padre Chaulieu por autor da *Epístola a Urânia;* "Os mortos zombam da calúnia, mas os vivos podem vir a morrer". E ele não desejava absolutamente morrer antes da hora, nem sequer meditar, solitário, à sombra de uma cela.

Entretanto, nesse jogo de pseudônimos, parece-me ver algo mais que o medo das perseguições policiais. Ligando-o a essa infatigável curiosidade que o incita a viver vinte vidas diferentes, descubro a verdadeira figura de Voltaire. Não é ela apenas a de um Jano bifronte, mas a do homem das múltiplas máscaras. Voltaire adorava o teatro; onde pára, constrói salas de espetáculos, organiza elencos de amadores, ou manda vir atores em *tournée.* Sua correspondência está cheia de alusões a essas representações dadas em Cirey ou Ferney, no seu "pequeno teatro ouro e verde". E com suas cartas, o brilho desse teatrinho se espalha por toda a

Europa. Mas não escreve as peças apenas, representa-as também, e se seus amigos vêm vê-lo, logo os obriga a aprender um papel, a declamar; veste-os e os faz subir ao palco iluminado por velas. Levou o amor ao teatro a ponto de se desavir com seus amigos e protetores, de encher de cólera Frederico II por causa de sua companhia prussiana, de tentar converter à força os pastores de Genebra à religião da comédia...

É por isso que aos olhos de Voltaire o próprio mundo se transforma num imenso teatro. Não creio enganar-me dizendo que para ele a natureza não passava de um cenário a mais; compra castelos de onde se tenha uma bela vista e manda derrubar a igreja de Ferney que lhe esconde os últimos planos da paisagem. Apreciava o campo como um amador de espetáculos. Deixa escapar em suas cartas expressões significativas a esse respeito: "Este mundo, este teatro...", "no palco do mundo...", "tendo desempenhado seu papel como um excelente ator". E dado que encarou a vida como um teatro, comprazeu-se em desempenhar um papel. Ou melhor, como um verdadeiro ator, a desempenhar ora um, ora outro papel, o de Newton ou o de Corneille, o de Locke ou o de Boileau.

Houve na antiguidade uma filosofia que assentava nessa comparação da vida com um teatro; foi a filosofia dos estóicos. Deus nos deu um papel a desempenhar, nossa tarefa consiste em desempenhá-lo bem; não devemos invejar a sina dos outros nem tentar modificar o nosso destino, mas sim obedecer honestamente às regras do jogo. Nisso consiste a moral. Voltaire não era estóico. Ao contrário, foi durante toda a vida aquilo que aprendera a ser com seus amigos do "Templo", um epicurista. Mudou portanto a ética teatral dos estóicos, mas conservou o princípio. Somente não é mais um só papel a ser desempenhado, desde o nascimento, esse *lever de rideau,* até o fim da peça: são mil papéis. É preciso mudar de personagem, sem o que a gente se aborrece, e Voltaire faz-se ator pelo prazer do divertimento: "O que importa, unicamente, é ser feliz". Ora, para um amador de teatro ser feliz é passar loucamente da farsa à ópera: "Divirto-me, brinco com a vida. Só para isso ela serve". O estóico representa seriamente, Voltaire faz piruetas no palco.

Shakespeare terá existido? Quem foi ele? Nós o ignoramos. O homem foi devorado pelas personagens de seus dramas. Existe outro filósofo, depois de Voltaire, que também escondeu sua multiplicidade sob pseudônimo: Kierkegaard. O pseudônimo para esse filósofo não é uma fuga a uma determinada responsabilidade intelectual, é uma forma

superior de sinceridade. O homem é múltiplo e cada um de seus estados de alma, cada momento de sua vida, é uma realidade completa e total: o poeta bebedor de vinho e o místico bebedor de Deus, o esteta, o puritano, Jó sobre o estrume de sua fé. Por isso cada um dos seres que existem em nós deve ter seu próprio nome. E Kierkegaard assina cada uma de suas obras com um pseudônimo diferente. Pode parecer estranho, à primeira vista, unir o nome de Voltaire ao do criador do existencialismo. Entretanto descubro tanto num como noutro a mesma crença na absurdeza da vida. Cherel insistiu na tragicidade de *Cândido*. Sem ir tão longe, principalmente sem identificar Kierkegaard, que passou, pelo caminho do desespero, do absurdo do mundo à idéia de um Deus absurdo, com Voltaire, que com tudo se diverte, vejo neste último uma das raízes remotas do existencialismo. O que o impediu de chegar ao existencialismo foi o que ainda havia de demasiado cartesiano nesse inimigo de Descartes. A idéia que se tinha de Deus era a de um princípio racional, de uma causa explicativa do universo. Não chegara ainda o momento de colocar o absurdo na existência da própria divindade. Se Kierkegaard, Chestov ou Dostoiévski houvessem vivido por ocasião do terremoto de Lisboa, teriam mostrado um Deus ilógico, bárbaro, que se sobrepõe à nossa inteligência, que escapa às nossas pobres categorias do racional e do moral. Voltaire, ao contrário, opõe o terremoto à sua concepção cartesiana ou aristotélica de Deus e conclui que a Providência não existe. Ele prefere salvar a razão, prefere justificar Deus a elevar o absurdo a uma categoria do espiritual. O que não impede que o mundo em si lhe pareça um absurdo. Os escritores recebem porretadas, os inocentes são esmagados sob as rodas das carruagens, as pessoas piedosas amassadas sob as abóbadas das igrejas que desabam na mui católica capital portuguesa, Pangloss e Cândido passeiam pelo mundo suas aventuras como uma refutação, pelo absurdo, ao racionalismo de Leibniz.

Não creio estar muito longe da verdade ao fazer de Voltaire autor, amador de teatro, multiforme, desejoso de tudo provar, tudo ver, tudo entender, tudo sentir, mudando de papel e multiplicando seus pseudônimos, antes de mais nada um prodigioso ator. No fundo despreza os homens, mas aprecia os aplausos deles. Por isso é que achou bonito, ele, filho de tabelião, tornar-se fidalgo de Luís XV, camareiro de Frederico II, senhor feudal de Tourney. Projeta a lanterna mágica e muda de voz a cada personagem que passa pela tela branca. Depois de *Édipo* aguardava-se um

novo Corneille e ele faz uma epopéia nacional. Proclamam-no grande poeta. Ele se torna filósofo e físico. A lanterna mágica funciona; mas Voltaire tem outras marionetes para mostrar: a do historiador, do diplomata, do jornalista. Escreve coisas apimentadas ao sair dos salões onde andou a fazer madrigais brejeiros para as senhoras extasiadas. Riem-se ainda de seus chistes e já ele está esbravejando, suplicando, na luta em prol de Calas e Sirven.

É que sentia perfeitamente que o homem é complexo e a tarefa do homem consiste em ser fiel a essa complexidade. Se o tomaram por hipócrita foi por desconhecerem que, mudando embora amiúde de personagem, era sincero na pele de cada uma delas. Desempenhou esses papéis a fundo, esgotou-os totalmente. Parece que ele sente que o mundo de sua época está condenado, que uma revolução violenta vai muito breve varrê-lo, e ele quer gozar esse mundo e segurar ao mesmo tempo todos os cordões que o movimentam. Será diplomata como Choiseul, intendente do rei, nas suas terras, como Turgot, manufatureiro como os negociantes ingleses seus amigos, homem de letras como seus mestres do século XVII. Representará com sua enfermidade, tirando partido de suas dores de cabeça, de seus reumatismos, de seu estômago para exibir um coquetismo que o não impede de trabalhar dezoito horas por dia. Divertir-se-á como o camundongo com o leão nas suas relações com os reis (é ele próprio quem assim se designa nas suas cartas ao rei da Prússia). Far-se-á de moribundo para motejar os padres, e de convertedor das protestantes bonitas a fim de conseguir a vinda de uma amante querida pelas vias eclesiásticas. Quer agradar e ser aplaudido, pois o mundo é por demais absurdo, em verdade, para que o tomemos a sério; é preciso divertir-se, "é preciso divertir-se sempre", divertindo os outros. Não é um introvertido. Ao contrário, necessita de um público e quando não o tem a seu lado ele o cria com sua correspondência. Conta ao universo inteiro suas indigestões, suas cóleras, seus prazeres. É o que dá valor a suas cartas. Dessa correspondência, mais ainda que das fábulas de La Fontaine, poder-se-ia dizer que é uma ampla comédia de cem atos diversos... É somente no fim da vida que a aproximação da morte lhe arranca a última máscara e revela um Voltaire humano, caridoso, crente no futuro da razão...

Mas as três pancadas já soaram. A peça vai começar. Contemplemos Voltaire no desempenho de todos os seus papéis, como "um excelente ator", nesse "teatro de orgulho e erro" que é o mundo.

François-Marie Arouet nasceu em Paris a 21 de novembro de 1694. Pertencia a uma família burguesa, mas dessa burguesia que começava então a subir na escala social, aspirava a penetrar nas fileiras da aristocracia. Seu pai era tabelião e se tornou, no momento em que o jovem Arouet tinha sete anos, pagador das especiarias, recebedor das multas na Câmara das Contas, com residência gratuita no Palácio. Por sua mãe, Marguerite Daumard, que perdeu cedo (sempre faltou a Voltaire essa afeição materna que adoça o caráter), pertencia mesmo à pequena nobreza judiciária, nobreza em verdade de data recente então.

Seu pai desejara que estudasse direito, que se tornasse advogado do rei, que continuasse a carreira por ele próprio tão bem iniciada. Como bom burguês que era, apreciava os títulos, as situações, o dinheiro. Seu filho brincava e divertia-se, fazia versos e dívidas. O tabelião podia imaginar que engendrara um "melro branco", como dirá mais tarde Musset. E no entanto, Voltaire teria essas qualidades burguesas de seu pai elevadas ao mais alto grau. Depois de alguns anos de mocidade louca, especulou, enriqueceu, administrou admiravelmente sua fortuna, adquiriu títulos e honras, foi fidalgo do rei, morreu senhor feudal. Sim, era da mesma laia do tabelião Arouet, era do mesmo sangue desses burgueses invejosos da nobreza de sangue, desprezando o povo miúdo e aspirando a subir sempre mais alto, por todos os meios, renegando suas origens plebéias junto aos grandes deste mundo. Não é esse sem dúvida o melhor Voltaire, o Voltaire avaro e parcimonioso, o Voltaire que zomba da "canalha" e que chega a sujar a memória de sua mãe para fazer crer que tem sangue nobre nas veias:

Nos teus versos, Duché, eu te peço,
Não compares ao Messias
Um pobre-diabo como eu.
Dele só tenho a miséria;
E bem longe estou, por certo,
De ter uma virgem por mãe.

Na sua correspondência diz-se "o bastardo de Rochebrune" (os Rochebrune eram uma família antiga do alto Auvergne) e o "pobre-diabo" morreu com 180 mil libras de renda!

Mas não andemos tão depressa. E voltemos ao pequeno Arouet. Aos dez anos é ele colocado no colégio Louis-le Grand, dos jesuítas. Era o

melhor da época e aí teve bons mestres, revelando desde logo suas qualidades de inteligência e espírito: *puer ingeniosus,* diz um relatório de seus professores, *sed insignis nebulo.*[4] Ali granjeou bons amigos, e soube escolhê-los entre os futuros ministros ou os filhos dos que tinham entrada e posição na corte. Mas, ao mesmo tempo, aproveitava as lições dos jesuítas. Seu padrinho, o padre de Chateauneuf, levava-o nos dias de saída à casa da velha Ninon de Lenclos e à freqüentação dos libertinos da época, epicuristas voluptuosos e poetas galantes. Voltaire ficou marcado por essa dupla influência, essa educação contraditória.

Os jesuítas não puderam fazer dele um cristão. Os libertinos o conquistaram para a poesia galante, o prazer e o livre pensamento. Entretanto, algo de sua passagem entre os jesuítas ficará sempre em Voltaire: antes de tudo seu ódio ao jansenismo, visível nos seus comentários aos pensamentos de Pascal. No fundo a idéia que se faz do cristianismo e que ataca é a de um cristianismo trágico, torturado pela obsessão do pecado original. Em segundo lugar, suas predileções literárias: conhece bem os latinos, mas ignora os gregos; é clássico; considera o século de Luís XIV como o "grande século", o que deve ser imitado e continuado. Alimentou-se de Corneille, de Racine e de Boileau ainda em criança. Toda a sua estética vem daí.

Ao sair do Colégio, o jovem Arouet não arreda pé da sociedade do Templo; diverte-se em vez de estudar direito. O pai inquieta-se; é preciso desambientar o rapaz. O marquês de Chateauneuf que parte para a Holanda como embaixador leva o menino na qualidade de pajem. Dizem que a visão desse país livre, onde se imprimia sem censura, onde as seitas mais diversas e absurdas viviam lado a lado, onde reinava a tolerância, teve forte influência sobre Voltaire. Mas por enquanto o jovem Arouet não se interessa nem pelos costumes nem pela filosofia; tem dezenove anos e só pensa na linda Pimpette, que namora com vivacidade e esperteza. A mãe de Pimpette, sra. Dunoyer, uma aventureira das letras, se amedronta, porém. Não é um casamento possível, e ela prende a filha, a qual se fantasia de homem para juntar-se a seu namorado. Mas a sra. Dunoyer insiste junto ao embaixador e Arouet é mandado de volta a Paris. Não esquece de pronto sua terna amiga Pimpette. Não é ela protestante? Ele intercede junto ao padre Tournemine e ao bispo de Evreux: trata-se de uma obra pia, fazer com que Olympe Dunoyer volte ao seio da Igreja Católica Romana; mas os virtuosos prelados não vão no embrulho, compreendem

logo que se visa menos uma conversão do que a entrega de uma menina desenvolta ao seu carinhoso amante. Pimpette fica na Holanda. E Arouet, admoestado pelo pai, tem de aceitar emprego nos escritórios de Mestre Alain.

Escrevinha. Mas faz versos também. Compõe uma ode sobre Luís XIII, a qual não é premiada pela Academia. Vinga-se com uma sátira, pois não tem bom gênio, contra o vencedor, sr. De La Motte. Primeira algazarra; Voltaire vê-se forçado a fugir de Paris. Mas volta no momento em que Luís XIV expira. Inicia-se a Regência. Sabe-se o que foi esse período de reação contra o puritanismo de fins do século XVII, do velho rei governado pela sra. de Maintenou: uma embriaguez de vida, uma seqüência de ceias galantes, a desforra da libertinagem sob as suas duas formas, a libertinagem dos sentidos e a libertinagem do pensamento. Ao mesmo tempo um esbanjamento de especulação, de fortunas feitas ou desfeitas em uma noite, uma febre de dinheiro. Nesse meio algo crapuloso, todas as posições se misturam, confundidas na mesma embriaguez de viver, grandes senhores e financistas duvidosos, abades e atrizes, homens de letras e cortesãs. Representemo-nos Arouet nessa época: magro, comprido, seco, lábios finos e apertados, glabro (Voltaire nunca teve barba nem precisou jamais fazê-la; com uma pinça arrancava de quando em vez algum pêlo perdido no rosto), olhos vivos e perspicazes, jeito de sátiro — diz um relatório policial —, contudo terrivelmente malicioso, encantador, muito bem tratado e "perfumado com essência de cravo". Freqüenta a Comédia; é amante da linda Susana de Livry que o abandonará breve pelo seu amigo Genonville. Mas nessa época ninguém se zangava por tão pouco. Anda pelos salões, desde o de Sceaux até o de Vaux, por toda parte onde haja festas, divertimentos, onde se possa exibir espírito e galanteio. Entra mesmo na Corte e adula tão bem a jovem rainha, Maria Leczinska, que ela lhe outorga sua amizade.

Pode doravante considerar-se feito. É um conviva habitual dos príncipes e ministros. Abandona seu nome demasiado plebeu de Arouet e escolhe o de Voltaire. Mas não se contenta com fazer versos galantes, leves e esfuziantes, para as damas, nem com epigramas e pequenas poesias. Esse aluno dos jesuítas tem outra ambição: ocupar o lugar deixado vago com a morte de Corneille e Racine, tornar-se o grande trágico de seu século. Escreve *Édipo* (1715), peça de um gênero novo e capaz de revolucionar a época: uma tragédia sem amor! Mas Voltaire não

tinha, infelizmente, a coragem necessária para lutar contra a opinião e impor-se pela obstinação. Queria os aplausos imediatos do público, ao lado da embriaguez dos salões a embriaguez das platéias; por isso, no último momento inventa os amores escabrosos de Filocteta com a velha Jocasta. Em 1770, faz representar *Artemire* que se malogra; Voltaire porém é tão parcimonioso no seu trabalho literário quanto nos seus negócios; não pode admitir a idéia de ter trabalhado inutilmente; retoma a tragédia, reforma-a, muda-lhe o título e *Mariana* é enfim imposta ao público. Mas não se contenta com a glória de suceder a Racine. Tem outras e mais belas intenções: inventa um poema épico sobre a Liga e Henrique IV; lê trechos desse poema nos salões onde admiram o escritor a caminho da glória.

A glória entretanto não o impede de pensar no dinheiro. Freqüentava os negocistas e os agiotas e sabia muito bem que a fortuna só podia fortalecer as suas ligações com os grandes. O sangue burguês dos Arouet acorda. Começa, de início, como todos os poetas, conseguindo subvenções: 1.200 francos do duque de Orléans, 2 mil do rei, 1.500 da rainha. Entrementes morre-lhe o pai, deixando-lhe uma renda de 4.200 libras. Imediatamente especula nas companhias de comércio mas quase se arruína. Procura algo mais seguro e ocupa-se de loteria, torna-se fornecedor dos exércitos. Rouba, naturalmente, no abastecimento, compra e vende ações, faz-se negociante de gravuras, empresta dinheiro aos nobres necessitados e em tudo se revela um homem de negócios sem nenhum escrúpulo mas muito hábil. Se o pobre tabelião fosse vivo, ele que tanto temia pelo futuro do pequeno Arouet, malandro, desajuizado, teria ficado satisfeito com o filho: bom sangue burguês não falha nunca. O rapaz acredita-se mesmo destinado aos mais altos cargos. O antigo pajem de Chateauneuf sonha voltar ao estrangeiro, mas desta feita como embaixador. Sempre acreditou ter nascido diplomata. Começa porém com aventuras policiais; fareja e esquadrinha para obter informações sobre "Salomão Levy, judeu, natural de Metz" de quem desejava conhecer a vida íntima e as intrigas financeiras; suplica ao padre Dubois que o "empregue em alguma coisa", à espera do que o cumula, em verso e prosa, de elogios.

Poeta festejado na sociedade, considerado como uma das futuras glórias da literatura francesa, e ainda por cima rico, que lhe falta? Sem dúvida Voltaire teve alguns aborrecimentos. Atribuíram-lhe a autoria de uns versos satíricos acerca dos amores incestuosos do regente e ele teve de passar uns tempos em casa do duque de Sully, mas ele sabia como se

resguardar e se proteger. Dedica *Édipo* à madame, a mulher do duque de Orléans. Por causa de outros escritos contra o regente, que não eram dele (mas só se empresta aos ricos), ele teve uma estada na Bastilha. Entretanto a Bastilha não era o que o povo de 1789 imaginava; era-se bem recebido pelo governador, comia-se bem e era-se bem tratado pelos próprios criados, pagos aliás pelo rei. Demais uma passagem pela Bastilha era a glória assegurada. Morellet sentia-se despeitado por não conseguir ser preso nessa prisão: "É", dizia ele, "uma excelente recomendação". Esses pequenos incidentes na vida de Voltaire não têm pois grande importância; só podiam mesmo acariciar-lhe o amor-próprio. A Bastilha não era a solitária do pobre, era a prisão dos homens influentes. Mas em 1725 vai acontecer algo muito mais grave. Voltaire era impertinente; respondera acerbamente ao cavaleiro de Rohan no *foyer* da Comédie Française. O cavaleiro fingira ter esquecido o nome do escritor e não saber se devia dizer Arouet ou Voltaire. Certa noite, no momento em que Voltaire saía do palácio do duque de Sully, os lacaios do cavaleiro o esperaram para surrá-lo, enquanto Rohan, na sua carruagem, fiscalizava o trabalho e recomendava que não estragassem demasiado a cabeça... Voltaire quer bater-se em duelo, mas um nobre não se rebaixa em cruzar a espada com um simples literato. Em vão Voltaire procura seus amigos. Está em toda parte, na Corte, na cidade, queixando-se a todos os ouvidos. Mas todos se riem: "Estaríamos bem arranjados se os poetas não tivessem costelas", diz o bispo de Blois. E Marais escreve nas suas *Memórias*: "Aqueles que ele imaginava seus amigos viram-lhe as costas".

Essa é a grande experiência de Voltaire e a que vai transformá-lo, essa a ferida do amor-próprio que se abre no fundo de sua filosofia e de sua concepção da vida. Ele imaginara que um homem da sua categoria, que renovava a tragédia e criava a epopéia francesa, fosse igual aos grandes nobres. Fora iludido pela confusão que caracterizava a Regência. Mas agora o acordar era triste: não as porretadas, porém o riso dos que acreditava seus amigos. A sociedade francesa pode misturar nobres e plebeus nos salões e nas ceias galantes; o poeta aí está apenas para acrescentar o condimento de sua poesia ao sal dos beijos ou à música dos minuetos. Na realidade ele é de outro mundo. Basta ler o juízo de Saint-Simon acerca de Voltaire para ver como um nobre fala de um pequeno-burguês, com que insolência e altivez. Há em Proust o "lado de Swann" e o

“lado de Guermantes”. Pois há aqui também, mesmo quando se entrecruzam sem se confundirem, o “lado de Rohan” e o “lado de Arouet”.

Voltaire poderia ter tirado do incidente uma condenação da sociedade. Poderia ter tirado uma filosofia igualitária. Mas da lição tirará apenas o desejo da desforra, não o de nivelar as posições, porém o de assegurar ao homem de letras a possibilidade de penetrar nessa aristocracia arrogante. Ele freqüentará reis, tornar-se-á fidalgo, aumentará mais ainda sua fortuna para emprestar aos nobres e transformá-los em protegidos seus. É o tipo da revolta de Machado de Assis, mais tarde, no Brasil, contra a sociedade escravagista; não lutará contra a lei, mas há de transpor a linha de cor, tornar-se patriarca da sociedade dos homens de letras brancos.

Entrementes, Voltaire surrado é tão insuportável que o encerram mais uma vez na Bastilha, para calmá-lo. Sai em 1726, e pede para ser enviado à Inglaterra. Aí vai terminar sua educação iniciada com os jesuítas, prosseguida na sociedade da Regência e que se completara com a surra recebida de um grande senhor. Tem então 32 anos.

Por que pedira Voltaire para ser mandado à Inglaterra em vez de ser exilado, à saída da prisão, em uma província qualquer da França? A Inglaterra não estava ainda na moda e, embora começasse a ser conhecida, Voltaire é que iria criar a anglomania. Mas ele se fizera amigo, na sociedade da Regência, de um inglês, Bolingbroke, voluptuoso e preguiçoso, que lhe inspirara o desejo de conhecer um país onde os negociantes eram considerados nobres e os nobres não pensavam diminuir-se com o trabalho. E onde, principalmente, os homens de letras eram apreciados. Voltaire começara mesmo a aprender o inglês, o que, numa época em que toda a Europa intelectual falava francês, era uma grande novidade. Talvez Bolingbroke, entretanto, como bom inglês, muito preso a seu país e patriota sob a máscara céptica, tivesse tido a idéia de conseguir assim (sabia que Voltaire não deixaria de escrever um livro sobre o seu país) um pouco de propaganda da Inglaterra.

Voltaire partia com recomendações. Não era um exilado que fugia. Era um homem rico, protegido pelo embaixador da Inglaterra em Paris e pelo ministro da França em Londres, um homem com cartas de apresentação para todas as personagens influentes do lugar. Seu encantamento não tarda; chega num dia alegre de sol e de festas, encontra exatamente um negociante para o qual trazia uma recomendação. Assiste

às corridas, oferecem-lhe um cavalo e ele cabriola entre a multidão expansiva e entusiasmada. Mas na mesma noite já está decepcionado; vem a saber pelas senhoras da sociedade que não se monta um cavalo alugado, que uma pessoa distinta não se mistura ao povo. Demais, no dia seguinte, sopra esse vento do oeste que traz com ele a melancolia. Vai visitar seus amigos negociantes; todos estão tristes e silenciosos, com *spleen.* Tão rápida mudança devia atiçar-lhe a curiosidade. Ora Voltaire era, por temperamento, muito curioso. Freqüenta os melhores salões, os de Walpole e do duque de Newcastle; é recebido pelo príncipe de Gales; trava relações com os escritores Young, Pope, Swift e com os filósofos Berkeley, Clarke. Não se contenta com falar inglês, bastante mal de resto, mas escreve em inglês e escreve bem; compõe nessa língua um *Ensaio sobre a poesia épica* e *sobre as guerras civis na França,* duas questões que conhecia de verdade, porquanto era o autor da *Henriade.* Lança um apelo ao público para obter informações sobre a história e o desenvolvimento das ciências na Inglaterra. Vai assistir à representação das peças de Shakespeare e visita o Parlamento. Tudo o interessa, a doutrina de Newton e a religião dos quacres. Toma notas, acumula materiais. Prepara suas *Cartas da Inglaterra* que sairão em Londres primeiro e pouco depois em França sob o título de *Cartas filosóficas,* mas sem a autorização prévia do rei, o que arruina o infeliz editor e acarreta um processo contra Voltaire.

Discutiu-se muito a influência que exerceu a Inglaterra sobre a formação intelectual de Voltaire. Naturalmente os autores ingleses julgam-na grande. Voltaire, poeta de corte, teria voltado, três anos depois, filósofo. A filosofia de Voltaire, observam Collins e E. Herz, não passa da filosofia dos ingleses que ele teria importado, a de Bacon, Locke ou Newton. Quis, timidamente, renovar o teatro francês inspirando-se em Shakespeare, dando maior peso ao cenário, ao espetáculo, e até aos espectros como em *Hamlet*.

Isso não é bem exato. Por certo imitou uma tragédia inglesa, mas é uma tragédia de Addison, *Catão*, isto é, de um autor que escrevia peças moldadas nos clássicos franceses. Sem dúvida introduziu fantasmas em *Erifila* e em *Semíramis*. Mas a novidade não teve nenhum êxito e Voltaire não recidivou. Tirou, isso sim, de *Otelo* a idéia de escrever uma peça sobre o ciúme, a melhor de suas peças de resto: *Zaïre*: "É ao teatro inglês que devo a ousadia de levar à cena reis e antigas famílias do reino", confessa. Não se deve exagerar essa influência, pois se tomou alguma coisa de

empréstimo a Shakespeare, logo a adaptou às regras e conveniências da tragédia clássica, e se leva ao palco assuntos nacionais em vez de pintar apenas gregos ou romanos, é porque acaba de escrever também uma epopéia sobre a história da França e tem a pretensão de nacionalizar a arte. No fundo o que toma de empréstimo aos ingleses, em matéria de literatura, é o que concorda com suas próprias idéias e sentimentos. Não vê o resto ou o despreza, a poesia selvagem, a fantasia, o lirismo. Na verdade a influência mais forte que recebeu, do ponto de vista literário, é em suma uma influência de alcance mediato: a de Swift, de que pouco se falou aliás nos seus romances e nas suas farsas. Mas ainda aqui há um abismo entre a ironia voltairiana e o humor inglês.

O mesmo se poderá dizer da filosofia. No fundo o freqüentador dos malandros e libertinos já tinha, ao chegar à Inglaterra, uma filosofia formada e que já exprimia em suas primeiras obras. Não fora a *Henriade* uma apologia da tolerância em oposição ao fanatismo religioso? Não proclamara em sua *Epístola a Urânia* e no *Le Pour et le Contre* a missão que entendia desempenhar?

[...] com mão ousada
às superstições arranco a venda.

Não se podiam ler até em seu *Édipo* versos como estes:

Nossos sacerdotes não são o que a gente estulta pensa;
Na nossa credulidade assenta toda a sua ciência

e não fora ele buscar no Dicionário de Bayle toda a sua argumentação em prol da religião natural contra as religiões reveladas? Nisso, portanto, como em relação ao teatro, Voltaire tomou de empréstimo aos ingleses o que neles havia de paralelo a suas próprias idéias; não se converteu a nada que já não existisse nele mesmo.

E a prova é que, se admira o Parlamento, não reclamará jamais, ao contrário de Montesquieu, uma monarquia constitucional ou a separação dos poderes. Não voltará de Londres com uma política, porque a monarquia inglesa se achava demasiado afastada de seu próprio sonho, de sua idéia de que o povo é incapaz de se governar, sendo o ideal, em suma, um monarca esclarecido, um rei sábio e filósofo sem dúvida, mas dotado de poderes absolutos.

Se é certo que Voltaire não se converteu não o é menos que encontrou um país onde suas mais caras idéias dominavam os espíritos e onde os homens de letras não eram surrados. Suas *Cartas filosóficas* louvam um país onde a tolerância reina entre as seitas religiosas, onde Locke rejeita as idéias inatas para mostrar que tudo nos vem da experiência, que não temos ao nascer nem o conceito de Deus, nem o conhecimento do bem e do mal, onde se permite a todos pensar livremente sem que os livros sejam apreendidos e queimados, onde os atores são considerados e não perseguidos até depois da morte pela Igreja, e onde nasceu um grande sábio, Newton, pelo qual se entusiasma imediatamente por ódio de Descartes. O livro teve um grande êxito, tanto maior quanto foi condenado pelo Parlamento, apreendido e queimado. Condorcet assinalou com felicidade a importância que teve no movimento das idéias: "Essa obra foi para nós uma revolução. Começou por provocar o nascimento do gosto pela filosofia e a literatura inglesas, suscitar nosso interesse pelos costumes, a política, os conhecimentos comerciais daquele povo e difundir a sua língua entre nós". Data de então a anglomania.

Ela ultrapassará muito breve o que desejara Voltaire. Não se traduzem apenas os ingleses, multiplicam-se os livros e até os jornais sobre a Inglaterra, principalmente com o padre Prévost, e "era preciso que tudo se copiasse de nossos vizinhos [...] até os cavalos e as carruagens. Alguns rapazes mesmo, como Charles de Noailles e outros, exibiam com afetação", escreve a marquesa de la Tour du Pin, "um sotaque inglês, a maneira de andar e todas as aparências exteriores dos ingleses". Joga-se nas corridas, toma-se chá. Nada disso podia inquietar Voltaire, mas quando Montesquieu escreve *O espírito das leis* e elogia o regime político dos ingleses, ele começa a perturbar-se e ataca Montesquieu. Quando se principia a ler romance inglês e a chorar sobre as desgraças de *Clarissa,* ele se zanga diante do novo gosto que toma corpo, o gosto do sentimento, da melancolia, da virtude infeliz e choramingas que contrasta com o seu gênio feito de inteligência luminosa e de ironia. Era uma concorrência para sua glória futura, a possibilidade de um desamor das novas gerações. Era necessário escolher entre ele e a Inglaterra. Quando Le Tourneur publica a primeira edição das obras de Shakespeare, em 1776, com subvenção do rei, da rainha e dos próprios amigos de Voltaire, D'Argental, Choiseul, Turgot, Necker; quando Ducis representa Shakespeare no teatro francês, seu furor não conhece mais limites. Fala de patriotismo, esse

homem que aplaudiu as vitórias do rei da Prússia sobre os franceses. É "um velho soldado que luta pela pátria". Escreve a D'Alembert e envia-lhe uma memória para ser lida na Academia, denunciando esse Gille de feira, esse bárbaro embriagado, esse selvagem com relâmpagos de gênio. "Terei visto o fim do reinado da razão e do gosto", lamenta, mas é preciso traduzir a frase assim: "estou vendo acabar o reinado de Voltaire". O que ele aceitara de bom grado fora uma Inglaterra voltairiana, de que fosse ele o único guia, e que abundasse no sentido de suas idéias, e não uma Inglaterra como a Inglaterra política de Montesquieu ou a romântica de Rousseau. Mas ele lançara a moda e teve de assistir, no fim da vida, às primeiras agitações de uma corrente que corria em sentido inverso ao de sua obra.

O feitiço virara contra o feiticeiro.

Voltaire volta da Inglaterra em 1729. As *Cartas filosóficas* só são publicadas em 1733 (edição inglesa) e 1734 (edição francesa). Que aconteceu entrementes?

O recém-chegado não parece ter mudado. Continua a freqüentar a mesma sociedade de antes de sua partida, e, como perdeu dinheiro em alguns negócios, especula e aumenta sua fortuna. Escreve uma tragédia, *Bruto* (1730), na qual se conspira à sombra do amor, e sua primeira obra histórica, *Carlos XII* (1731), apaixonante como um romance e no entanto solidamente documentada, conscienciosa e na qual, talvez pela primeira vez, aparece a crítica histórica. É um novo aspecto de Voltaire. O poeta transmuta-se em narrador. Que terá provocado semelhante transformação? Uma frase do prefácio do livro dá-nos talvez a chave do enigma: "pensaram que essa leitura pudesse ser útil a certos príncipes, se por acaso o livro lhes caísse nas mãos". O príncipe em que pensa é sem dúvida Luís XV. Mas pensava menos em instruí-lo acerca dos deveres de um soberano que, pela exibição da própria capacidade, se candidatar a um possível cargo de historiógrafo do rei. Boileau e Racine o haviam sido e não sabiam o que era história. Por que Voltaire, que a conhecia, não viria a ser o brilhante sucessor deles? Em 1732 faz representar *Zaïre,* que enternece muita gente. Esse homem de quem se afirmou ter o coração duro, encontra-se em verdade num período de extremada sensibilidade; não perdeu ainda o dom das lágrimas. Acaba de ver morrer-lhe nos braços um jovem amigo, o presidente De Maison, e sofre. Para consolar-se relê os

escritores do século XVII, encanta-se com sua arte perfeita, e compõe, com suas impressões de leitura, uma obra deliciosa, em que os versos se misturam à prosa, *O templo do gosto* (1733). É por certo um verdadeiro templo, como aqueles que se erigiam então nos parques, com colunas de mármore em torno das quais se enrolavam as roseiras e se expandiam sombras frescas onde cantavam as fontes límpidas. Os versos de Voltaire são as guirlandas de rosas, as músicas puras embelezando uma prosa cheia de bom senso e de gosto clássico. Mas a agitação provocada pelo livro vai obrigar o escritor a escolher longe de Paris e do templo do gosto, outro lugar, "uma solidão apavorante", diz a sra. Denis, porém onde, pelo menos;

de ser um homem de bem se tenha a liberdade.

Essa "solidão apavorante para a humanidade, a quatro léguas de qualquer habitação, numa região onde só se vêem montanhas e terras incultas", era o castelo da amante de Voltaire, a sra. du Châtelet, era Cirey. Voltaire nessa época não teria desposado uma Nenette ou uma Teresa, como Diderot ou Rousseau. Só se entendia com a aristocracia, a princípio a duquesa de Rohan, a sra. du Châtelet mais tarde. No entanto esta não era particularmente bonita. Tinha 28 anos quando Voltaire a conheceu. A sra. du Deffand deixou-nos dela um retrato nada lisonjeiro: "Grande e seca, o nariz pontudo, o rosto agudo, dois olhinhos verde-mar, a boca chata, raros dentes e extremamente estragados, eis o retrato da bela Emília, e dessa figura se mostra tão contente que nada economiza para valorizá-la: frisados, enfeites, pedrarias, vidrarias, tudo em profusão". Dir-se-á que isso é de uma mulher falando de outra mulher e o testemunho, portanto, deve ser posto de quarentena. Entretanto Grimm, que é homem, não se mostra mais amável: "Imaginai uma professora grande, seca, sem nádegas, sem ancas, o busto mirrado, duas tetinhas que vêm de longe, braços grossos, pernas gordas, pés de grou enormes, uma cabecinha de pássaro noturno, um rosto agudo, nariz pontudo, dois olhinhos entre verde-mar e verde-terra, tez escura e quente, boca chata, dentes raros e estragados". Mas Voltaire tem então 41 anos, o rosto furado pela varíola e não é muito bonito tampouco. Quando vão em visita à casa dos amigos, surgem, diz a duquesa du Maine, "como dois fantasmas, com um cheiro de corpo embalsamado". É pena que não tenhamos a correspondência dos amantes.

O abade de Voisenon, que a folheou, afirma que havia nas cartas de Voltaire "mais epigramas contra a religião que madrigais para a amante".

No entanto parece que se amaram muito. Sem dúvida Voltaire, sempre doente, carecia de temperamento. Quase no início de sua ligação ele escrevia à amiga:

Se quereis que vos ame,
Devolvei-me a idade dos amores.

Porém ele conserva ainda algo do pajem que cortejara Pimpette; era encantador quando queria, malicioso e terno. A sra. du Châtelet tinha mais temperamento; fora amiga do duque de Richelieu e seu marido era um marido complacente como havia tantos então. Sabemos até onde ia seu amor, pelas cartas que escreveu ao duque d'Argental por ocasião das escapadas, numerosas, de Voltaire. Essas cartas exprimem uma verdadeira paixão: "Há doze dias não recebo notícias dele. Perdoai-me, perdoai-me, mas meu estado é lamentável. Sou como um avaro de quem se arrancou todo o seu tesouro e que teme sem cessar que o deitem ao mar". Por isso quando ela morreu, embora o amor tivesse cedido lugar à amizade, a dor de Voltaire foi sincera. Não é ele quem o diz e, de resto, sua afirmação poderia ser contestada. É seu criado de quarto Longchamps: "Durante as noites [que se seguiram à morte da sra. du Châtelet] ele se levantava muito agitado; seu espírito abalado pensava ver essa senhora; ele a chamava e deambulava penosamente de quarto em quarto a procurá-la".

Amaram-se portanto, mas a seu modo. Os apartamentos de Voltaire e da sra. du Châtelet, em Cirey, eram muito limpos e belos, com porcelanas raras, cantoneiras de laca, um quarto de banho "envernizado de verde-pessegueiro divino", pequenas galerias cheias de estatuetas mitológicas e soalhos luzidios como espelhos. No restante a residência era suja, mal mobiliada, aberta ao vento e ao frio. Não era nada divertido, ao que parece. A sra. du Châtelet era uma sábia, aprendera matemática com Maupertuis e outros, escrevera tratados científicos que não eram ruins *(Instituições de física),* e traduzira mesmo os *Princípios* de Newton.

Quanto a Voltaire, era um trabalhador incansável; dormia apenas cinco a seis horas por dia. É verdade que, por causa de sua saúde, passava quase o dia inteiro na cama, mas escrevia, meditava à luz de três velas. Haviam montado um laboratório e por vezes passavam os dias entre instrumentos e aparelhos, refazendo as experiências de Newton. Ao saírem

daí ou de seus quartos, cansados, o cérebro ainda cheio de problemas e de versos, não estavam de bom humor, tanto mais quanto nem um nem outro tinha bom gênio. A sra. du Châtelet queria fazer de Voltaire um matemático e ele se escondia, envergonhado, como um colegial, para escrever os versos maliciosos da *Donzela.* A sra. du Châtelet era partidária fervorosa de Leibniz e Wolff, do otimismo e da harmonia preestabelecida; Voltaire só concordava plenamente com Clarke e não achava, em absoluto, que tudo estivesse bem e no melhor dos mundos. Por isso bastava uma faísca, um epigrama contra ele vindo de Paris, um elogio insuficiente a seu ver, até a simples menção do nome de Rousseau, para que o barril de pólvora explodisse.

Havia entretanto momentos alegres, à ceia, quando todos saíam de seus quartos, ou quando recebiam visitas. Então Voltaire se mostrava cintilante, transbordante de saídas, de motejos, de espírito. “Em vinte e quatro horas”, escreve a sra. de Graffigny que acabava de chegar, “ensaiamos e representamos trinta e três atos de tragédias, óperas ou comédias”. Ou então Voltaire exibe seu teatro de bonecos ou põe em movimento a lanterna mágica com “histórias de morrer de rir”.

O eterno doente revela-se cheio de vida e enche tudo de vida em torno dele. As pessoas se dispersam afinal, os últimos convidados partem, Voltaire volta a suas pílulas e a seu laboratório, a sra. du Châtelet fecha-se no seu escritório, proíbe a entrada de quem quer que seja, mergulha na geometria.

Os doze anos que Voltaire viveu em Cirey são muito importantes. Vimos que perdera a mãe em criança. Faltava-lhe uma influência de mulher e a da sra. du Châtelet não deixou em suma de ser boa. Ela o admoestava por escrever poemas escabrosos que podiam prejudicar a reputação de seu querido grande homem. Por certo não era pudica essa mulher que tomava banho nua diante do criado de quarto, mas não ignorava o mal que a *Donzela* podia causar à glória do poeta, inclusive fechar-lhe as portas da Academia que ele desejava forçar. Voltaire era um estabanado que não resistia ao prazer de uma brincadeira, embora se arrependesse em seguida. Era preciso que ela fosse prudente por dois. Ela o empurrava aos trabalhos sérios, canalizava-lhe o gênio repentista, impedia-o, o mais possível, de dispersar-se, mas era isso realizável com um homem que tudo escrevia sob o impulso da inspiração, cuja pena

corria sobre o papel? É que ela nutria a ambição de fazer dele o grande filósofo da França.

Voltaire não se tornou esse filósofo. Nem um sábio. Sem dúvida escreve os *Elementos da filosofia de Newton* e o *Ensaio sobre a natureza do fogo,* que entregou à Academia das Ciências (1738); mas carecia de imaginação para descobrir novas hipóteses. Nada tinha de um Goethe que, encontrando um crânio de cervo, pressente as teorias evolucionistas. Quando nas montanhas do Jura lhe mostram alguns fósseis, ele zomba: "Qual, simples cascas de ostras jogadas pelos peregrinos de volta da Terra Santa". Ouvindo falar da possibilidade de terem as espécies animais nascido umas das outras através de transformações insensíveis, caçoa: "Esses sujeitos", escreve, "que acreditam na variabilidade das espécies e que as nadadeiras dos cetáceos podem haver-se transformado com o tempo em mãos de literatos e braços de marquesas! Que loucos!". Não é com esse espírito céptico e zombeteiro que um sábio faz as ciências progredirem. Seu tratado acerca da filosofia de Newton não passa de uma obra de vulgarização, e o ensaio sobre o fogo, embora mais original, e no qual se pressente, por vezes, a futura explicação mecânica dos fenômenos caloríferos, é no fundo um livro de polêmica dirigido contra o método cartesiano. Voltaire era demasiado inteligente para não conhecer suas limitações. Fora levado às ciências pela moda e pelo amor. Aos poucos as abandonara. Escreve a um de seus amigos que o considera um gênio universal para dizer de sua dúvida quanto à existência de semelhante gênio e afirmar que conhece seus próprios limites: "Verifiquei que meus órgãos não se acertavam para ir muito longe na matemática; compreendi que não tinha nenhuma disposição para a música".

Mas embora a sra. du Châtelet não tenha realizado o sonho concebido, disciplinando o gênio vagabundo do escritor e infundindo-lhe o sentido dos grandes problemas, exerceu sobre ele uma influência favorável. A época passada em Cirey é um período de grande produção intelectual. Voltaire escreve então tragédias em que tenta renovar um gênero já quase esgotado: *Alzira* (1736), *Zulina* (1740), *Maomé* (1741), A *morte de César* (1743), *Semíramis* (1748), *Nanina* (comédia,1749). Escreve poemas filosóficos, como *O mundano* (1736), uma apologia do luxo, esse "supérfluo, coisa mui necessária", e ao mesmo tempo uma crítica ao que Rousseau chamará mais tarde o estado natural; escreve também o *Discurso em verso sobre o homem,* no qual trata do problema da liberdade.

Inicia uma história do século de Luís XIV e procura por toda parte dados informativos para a obra que terminará mais tarde, *Ensaio sobre os costumes*. Entrementes, para distrair-se, escreve um romance: *Zadig* (1747).

Essa obra bastaria para encher uma vida inteira. Mas Voltaire não podia aquietar-se. Deixara a corte de moto próprio sem dúvida, irritava-se contra os confrades, falava mal dos costumes dos literatos menores, invejosos, sempre em disputas, mas tinha a nostalgia da atmosfera de Paris, dos aplausos, dos êxitos nos salões, da proximidade do rei. Tudo isso lhe fazia falta. Por ora freqüenta o rei Estanislau de Lorena e entra em correspondência com Frederico II da Prússia. Quer mostrar que se Luís XV o hostiliza, outros príncipes lhe reconhecem o valor. Viaja, vai à Holanda para dirigir a publicação de um livro do príncipe da Prússia, o *Anti-Maquiavel;* concorda em ir ver Frederico em Clèves, em Rheinsberg e até em Berlim. Essas visitas lisonjeiras incentivam sua predileção pela diplomacia; o momento era favorável; o último dos Habsburgos morrera e a França apresentava um candidato à Coroa Imperial, o eleitor da Baviera; iniciara-se a guerra da Silésia e era preciso conhecer as intenções da Prússia. Voltaire dirige-se imediatamente a Fleury, lembrando sua amizade com o grande rei do Norte; ninguém há de estar mais indicado para unir os dois reinos na mesma causa. E ei-lo a palmilhar as estradas da Europa, encarregado enfim de uma missão política. Mas o grande tagarela não arranja nada com o rei silencioso. Sua missão se malogra e Voltaire não consegue, como esperava, voltar triunfante à Corte de Versalhes. Sem dúvida, ao passar por Paris, alcança um êxito agradável; à representação de *Merope,* o público, que o vê no camarote das sras. de Boufflers e de Luxemburgo, aplaude-o freneticamente. Mas não consegue entrar para a Academia Francesa; não querem saber dele nas altas esferas.

Em 1745 morre o cardeal de Fleury e são nomeados para o ministério dois amigos de Voltaire, os irmãos D'Argenson. A sra. d'Etiolles, que ele conhecera outrora e de quem fora mesmo, ao que se diz, o confidente, torna-se a sra. de Pompadour e amante oficial do rei. A hora de Voltaire parece ter soado. Corre a Versalhes, e para o casamento do Delfim escreve uma comédia-bailado, bem como, em homenagem a Luís XV, o poema "Fontenoy" e o "Templo da glória". Faz as pazes com os jesuítas e chega a dedicar *Maomé,* uma peça contra a religião, ao papa! O que salva esse Voltaire cortesão é que sua lisonja se faz sempre *cum grano salis*. A sra. de

Pompadour obtém para ele o título de historiógrafo do rei, com 2 mil francos de honorários, e em seguida, o que era melhor, e sem que ele tivesse de comprá-lo (o amor à glória nunca impediu Voltaire de pensar nos negócios), o cargo de fidalgo do rei, que rendia 60 mil libras. Posteriormente, convencido de que não conseguiria vencer a hostilidade de Luís XV, ele vende o cargo, recebendo assim um dinheiro que não desembolsara e conservando o título e as honrarias a ele inerentes (como se vê, os seus negócios eram bons negócios). Finalmente, em 1746, entra para a Academia.

Entretanto, nessas viagens e nessas empresas esquecia o amor da sra. du Châtelet. Esta podia, em rigor, perdoar-lhe algumas infidelidades momentâneas com atrizes, mas os madrigais para a pequena Ulrique, futura rainha da Suécia, que fizeram barulho e escandalizaram o protocolo, a impressionavam de verdade.

Não raro um pouco de verdade
Se une à mentira mais grosseira.
À noite, na ilusão de um sonho
Às alturas dos reis subi:
Amava-vos, princesa, e vo-lo confessara!
Os deuses me acordando a tudo não roubaram;
Pois só perdi o meu império.

Sainte-Beuve analisou com muita finura o estado de alma da amante de Voltaire. Sua grande rival era a glória. "Para que tanta glória, lamenta-se, uma felicidade obscura valeria muito mais." Tem razão, a razão da mulher amorosa. Mas Voltaire preferia a companhia lisonjeira de Frederico ao retiro amigo de Cirey. Ela pensava no trabalho e na afeição, ele só sonhava com os cargos e a diplomacia. Fazia-se acompanhar sempre (a expressão é da sra. du Châtelet) "por seus louros!". Ela desabafa com seu grande amigo d'Argental: "Se vísseis sua última carta... assinada por extenso e chama-me madame! Era tal o disparate que perdi a cabeça de dor." Mais do que as mulheres, a deusa Reputação rouba-lhe o coração de Voltaire. O amor agoniza. A amizade o substitui: "Fui feliz durante dez anos em virtude do amor daquele que me subjugou a alma... Quando a idade e as doenças lhe diminuíram a inclinação, por muito tempo não o percebi; amava pelos dois; vivia inteiramente com ele e meu coração, isento de suspeitas, gozava o prazer de amar e crer-se amado. É verdade

que perdi esse estado de espírito tão feliz, mas não sem verter muitas lágrimas". Entretanto, a sra. du Châtelet não podia ficar sem procurar algo mais substancial que esse amor transformado em amizade. Em 1747, por ocasião de uma visita à corte do rei Estanislau, ela trava relações com um capitão da guarda, aliás poeta agradável, o sr. de Saint-Lambert, autor de *Estações*. Torna-se sua amante. E eis que ocorre a catástrofe: a sra. du Châtelet percebe que está grávida. Mandam vir o marido com urgência para que ele acredite ser seu o filho. A 6 de setembro ela dá à luz uma menina; cinco dias depois morre em conseqüência do parto. O amante honorário fica desesperado, embora fazendo, como não podia deixar de fazê-lo, algumas cabriolas em meio às lágrimas. Disputa com Saint-Lambert, censura-lhe sua tolice e a morte da amante. O que não o impedirá mais tarde de ajudar o infeliz, de lançá-lo, de protegê-lo na sociedade.

Assim termina um período importante da vida de Voltaire. O do namoro com a ciência. Ao finalizar nosso comentário a esse período podemos indagar o que, afinal, nosso escritor tirou dele. A esse respeito não nos cabe melhor solução que dar a palavra a Lanson, um dos melhores críticos e comentadores de Voltaire. "Tendo rejeitado a construção teológica das relações do homem com o mundo, é nas ciências naturais que ele vai buscar o modelo de um método para o estudo do homem, e luzes sobre o todo, capazes de pôr em evidência o lugar, a potência e o fim do homem; seu conhecimento geral do conjunto das coisas serviu-lhe para determinar sua idéia da perfeição e da felicidade em que fosse possível erguer a sociedade humana e o homem individual. Se a sabedoria consiste em conformar-se com a ordem universal, só a crença, que permite conhecer essa ordem, conduz à sabedoria. Uma boa moral decorre de uma boa física." Essa "boa física" foi o que ele aprendeu em Cirey.

Em 1750, Voltaire tem 56 anos. Para qualquer outro que não ele os anos de aprendizado já estariam de há muito terminados. Mas esse aventureiro não cessa de tentar novas escolas. É somente aos sessenta anos que Cândido encontrará finalmente o seu jardim, onde, de todas as flores de sua vida tumultuosa, extrairá o mel de sua obra.

Por enquanto Voltaire não pode contentar-se com um simples jardim, ainda que de bom rendimento; precisa de uma corte para brilhar, da sociedade um pouco fictícia que gira em volta dos príncipes, dos privilégios, das honrarias. Tinha boas relações, já o dissemos, com o rei

Estanislau; mas era um reizinho. Tinha dois pés em Versalhes, a rainha e a Pompadour, a esposa de Luís XV e a amante do soberano. Mas era difícil, mesmo para um mundano hábil como Voltaire, agradar muito tempo e ao mesmo tempo a ambas. Seus rapapés à Pompadour aborrecem Maria Leczinska e a sra. de Pompadour, por sua vez, acha que os elogios do poeta a sua pessoa são de um tom demasiado livre que não convém a uma quase soberana. Rechaçado de todos os lados, deixa-se seduzir pelo canto da sereia de Potsdam.

Já dissemos que Voltaire em Cirey estava em correspondência com o príncipe da Prússia. Este tinha a pretensão de se tornar um grande escritor de língua francesa. E devemos acrescentar, em sua homenagem, que quase o conseguiu. Sainte-Beuve, conhecedor indiscutível do assunto, elogia-lhe a prosa limpa e precisa. Mas, em 1736, não passava ele de um estudioso da língua e não podia encontrar melhor guia que Voltaire. Deste dirá mais tarde, num momento de mau humor: "Pode-se aprender muita coisa boa com um salafrário; quero saber o francês". É certo que a princípio ele não julgara Voltaire um salafrário; sua inteligência aguda e seu bom gosto lhe haviam de imediato revelado em Voltaire o homem que melhor escrevia o francês na época. Envia-lhe versos, tratados de filosofia; pede-lhe que os corrija, que sublinhe os erros, cumula-o de elogios.

Em 1740 encontram-se pela primeira vez em Clèves e se entusiasmam reciprocamente. Frederico era anti-religioso como Voltaire, inteligente como ele e como ele não se entregava às futilidades da metafísica. Eram dois espíritos de igual formação em verdade, e feitos para se compreenderem. Demais Voltaire sabia embair seus interlocutores e Frederico, que ainda não reinara, possuía a fantasia da mocidade. Subindo ao trono, Frederico quer desempenhar o papel de Luís XIV, atrair para junto de si poetas e sábios, filósofos e homens de letras, a fim de ficar na história como seu ilustre predecessor francês. Ele sabe que são os escritores que trombeteiam o renome, a fama. Mas Voltaire prefere ainda seu "grande homem de saia" (a sra. du Châtelet) ao soberano filósofo: "A amizade que me amarra ao retiro onde me encontro não me permite sair". Irá até fazer uma viagem à Holanda para editar um livro de Frederico, o *Anti-Maquiavel,* e conseguirá ser encarregado pelo cardeal de Fleury de uma missão diplomática que o levará a Berlim. Já aludimos a esses dois sucessos. Mas, de cada vez, voltará à solidão de Cirey. Somente a morte da sra. du Châtelet e seu malogro em Versalhes o decidirão a dar ouvido ao

apelo incessante que lhe vem do Norte. Pede antes permissão a Luís XV, que lhe responde secamente que "parta quando quiser". Sem dúvida imaginava que seria retido, mas o "grande rei do Sul" pouco se importava com o filósofo francês.

Ele parte pois, em 1750, não sem ter resolvido antes as questões materiais. O homem de negócios não dormia nunca, mesmo quando o amor-próprio estava em jogo. Frederico devia pagar as despesas de viagem, conceder-lhe o título de camareiro de Sua Majestade, a grande cruz da Ordem do Mérito e, além de hospedá-lo, dar-lhe uma subvenção de 20 mil libras por ano. Não era bem um casamento de amor; era um casamento de conveniência: "Entregaram-me com todos os requisitos legais ao rei de Prússia. O casamento está consumado; será ele feliz? Não sei. Não pude deixar de dizer *sim.* Era preciso acabar no casamento após os namoros de tantos anos. O coração bateu-me mais depressa diante do altar". A lua-de-mel foi deliciosa. Voltaire é muito bem recebido. As festas, as ceias, as conversações filosóficas, as homenagens prestadas por um rei vencedor a um escritor desprezado em Versalhes, tudo encanta Voltaire. Mas a partir do outono ligeira melancolia se insinua em sua correspondência. Ele visava um papel político e não passa de professor de um aluno ilustre: "Minha função é não fazer nada. Dou uma hora por dia ao rei da Prússia para arredondar um pouco as suas obras em prosa e verso; sou o seu gramático e não o seu camareiro". Os *mas* começam a introduzir-se nas cartas: "A*s* ceias do rei são deliciosas, razão, espírito, ciência; reina aí a liberdade; ele é a alma de tudo; nenhum mau humor, nenhuma nuvem, nenhuma tempestade pelo menos; mas... mas... Óperas, comédias, divertimentos, ceias em Sans-Souci, manobras, concertos, estudos, leituras, mas... mas...". É que, após as ternuras da lua-de-mel, os gênios respectivos aparecem e Voltaire e Frederico tinham forçosamente de chocar-se. Voltaire era ciumento, não suportava que agradassem a outros escritores, nem que o rei repartisse com eqüidade seus elogios e suas homenagens entre todos os homens de letras que se encontravam em sua corte; ele é exclusivista e briguento, irritante e irritável. Quanto a Frederico, é autoritário e desdenhoso; não tinha a majestade de Luís XIV, mas a brutalidade de um sargento prussiano; queria a glória de uma corte de intelectuais, mas tratava a estes como aos soldados da guarda. Acrescente-se a isso os bons amigos sempre à espreita de um diz-que-diz, tentando indispor Voltaire com o rei para tomar o seu lugar, propagando as

menores observações de um ou de outro com ares apiedados e hipócritas, e ter-se-á uma idéia da atmosfera de Potsdam. Voltaire escreve a seu sobrinho: “La Mettrie jurou-me que ao falar ao rei, há dias, do favor a que eu pretendia, e da pequena inveja que suscito, o rei teria respondido: ‘preciso dele ainda durante um ano, no máximo; espreme-se a laranja e joga-se a casca fora’. Será possível? Como, depois de dezesseis anos de bondades, de propostas, de promessas... e em que momento, imagine só? No momento em que corrijo suas obras, em que escrevo à margem delas uma retórica, uma poética completa”.

A bem da verdade deve-se dizer que a culpa não cabe toda a Frederico. Voltaire era amiúde insuportável. Em primeiro lugar adorava as demandas e continuava a traficar com negócios mais ou menos duvidosos para arredondar a sua renda. A propósito de certo negócio que Voltaire tivera com o banqueiro Herschel, Frederico escreve à irmã: “Perguntais-me em que consiste o processo de Voltaire contra um banqueiro judeu. Trata-se de um velhaco que tenta enganar um trapaceiro... Aguardo que a coisa termine para passar-lhe um sabão e ver se é possível torná-lo, aos cinqüenta e seis anos, menos velhaco se não mais sensato”. O rei deseja um pouco mais de dignidade nos que o cercam e, quando se trata de dinheiro, Voltaire carece terrivelmente de dignidade. Mas sobretudo o rei desejava que sua *entourage* vivesse em plena harmonia. Ora, Voltaire disputava com todo mundo. Provocava desentendimentos por toda parte, inclusive nos organismos burocráticos. Armava intrigas contra Maupertuis. Era o cúmulo essa luta entre seus dois funcionários mais brilhantes, o camareiro contra o presidente da Academia: “Maupertuis espalhou discretamente o boato de que eu achara as obras do rei muito ruins... afirma, à boca pequena, que tendo o rei me enviado versos para corrigir eu respondera: quando se fartará de mandar-me a roupa suja para eu lavar?”. E Voltaire era, com efeito, muito capaz de ter dito semelhante gracejo. Toma por isso a ofensiva e ameaça dividir a Academia. O rei tem mais que fazer na Europa para preocupar-se ainda com apaziguar seus intelectuais. Ele começa a desiludir-se da mania de novo Rei-Sol. Os poetas e sábios são mais difíceis de governar que os soldados e camponeses. E escreve à irmã: “Vede-me ainda espavorido com minhas aventuras entre os belos espíritos; recebi alguns respingos de lama, como acontece receber a gente algumas pancadas ao querer separar os que

brigam.” E acrescenta: “É um consolo para os animais verem que tanto espírito não os [os intelectuais] torna melhores”.

Frederico está zangado. E Voltaire baixa a cabeça. Desejara por certo partir. Manda à sra. Denis, que serve de exutório a suas cóleras e a seus rancores recalcados, um pequeno dicionário para uso dos reis: “*Meu amigo* — significa *meu escravo. Meu querido amigo* — quer dizer *Sois-me totalmente indiferente. Ceai comigo hoje à noite* significa *zombarei de vós esta noite”*. Mas que dirão em Versalhes se ele voltar assim de orelha caída? Suporta pois os maiores vexames para que imaginem estar ele em excelentes relações com o rei de Prússia. Tem muito espírito porém, e o espírito lhe coça... Escreve a *Diatribe do dr. Akakia,* uma obra-prima de ironia contra Maupertuis. Desta feita fora longe demais. Frederico fica indignado. Manda queimar publicamente o libelo e ordena uma retratação solene. Voltaire vê-se forçado a assinar uma declaração que lhe deve ter ferido terrivelmente o amor-próprio: “Prometo a S. Majestade que, enquanto me conceder a graça de sua hospedagem, não escreverei contra ninguém, que me conduzirei de maneira correta, acorde com a posição de um homem de letras que tem a honra de ser camareiro de Sua Majestade e vive entre homens de bem”. Mas a 1º de janeiro, indo visitar o rei e cumprimentá-lo pelo Ano-Bom, devolve-lhe a chave de camareiro e a fita da ordem do Mérito. De nada valeu não aceitá-las o rei, Voltaire a pretexto de uma cura em Plombières deixa a Prússia com licença de Frederico. Nunca mais voltaria. O suspiro de alívio ao sair não marcava entretanto o fim de suas atribulações. Levara consigo um manuscrito qualquer do rei. Não teria sido no intuito de utilizá-lo em França para ridicularizar o rei? Este, que melhor do que ninguém conhecia a falta de escrúpulos do escritor e o alcance de suas flechas, envia a Frankfurt, onde a sra. Denis se juntara ao tio, um sr. de Freitag para exigir a devolução das poesias. Voltaire é preso no hotel, suas bagagens são revistadas inteiramente e só três dias mais tarde recupera a liberdade.

Voltaire, entretanto, não perdeu seu tempo em Berlim. Em primeiro lugar publicou o *Século de Luís XIV,* que alguns críticos consideram sua obra-prima. Em segundo lugar soube observar, e seus livros de história refletirão essas observações. Se Voltaire era um bom professor de poética, Frederico era um excelente mestre de história, com seu realismo brutal. Se o primeiro ensinou muito bem ao outro as leis da versificação, o segundo pagou as lições revelando as molas secretas da história viva, mostrando

que há outra coisa, e mais importante, ao lado das genealogias e das campanhas militares. Em pleno centro da Europa, entre a França e a Rússia, a Suécia e os países meridionais, Voltaire achava-se numa encruzilhada diplomática e o entendeu. Começa a *História universal*. Melhor ainda: seus olhos sempre divertidos, por vezes irritados, vêem girar em torno dele todas as personagens de seus futuros romances, canalhas e médicos ateus, loucos e viajantes cépticos, conquistadores de mulheres e conquistadores de dinheiros, Pangloss dogmáticos e ingênuos Cândidos. Quando escrever suas farsas que divertirão o mundo, bastar-lhe-á apelar para suas recordações de Potsdam, onde ele, de resto, já começara a trabalhar a sátira ligeira, esse jornalismo filosófico que constitui o melhor de seu gênio. Escrevera, para divertir o seu senhor, o conto "Micrômegas".

Mas também aprendera a sabedoria:

Eu próprio, renunciando aos primeiros intentos
Vi-os, confesso, junto aos soberanos
Meu navio naufragou nesse mar de sereias [...]
Se quereis viver feliz vivei sem donos [...]

Voitaire está maduro para cultivar seu jardim. Tanto mais quanto é bastante rico para se permitir o luxo de um jardim de senhor feudal. Descobriu que o maior dos bens é a liberdade, isto é, a independência em relação a quaisquer laços. Pagou a descoberta suficientemente caro para conservá-la mais ou menos intata. Digo mais ou menos porque ainda surgem por vezes no escritor veleidades de correr mundos e cortes.

Haverá um reverso dessas lições? Brunetière insinua que Voltaire aprendeu igualmente, com o rei de Prússia, a mentir sem escrúpulo, a motejar com cinismo, a admitir cinicamente o êxito e a enriquecer seu vocabulário de homem educado com expressões tiradas da soldadesca prussiana. O verso permanece mais importante porém do que o reverso.

A desavença entre Frederico II e Voltaire não duraria eternamente, entretanto. A separação, enfraquecendo as impressões passageiras e fortalecendo as permanentes, devolvera ao escritor e ao rei a objetividade necessária. Ora Frederico admirava sinceramente o gênio de Voltaire: "Não é dado a todos fazer rir o espírito". Não suportava por certo o homem de letras, mas o saneador dos pauis, o criador da indústria prussiana, admirava o patriarca de Ferney que abria estradas, repovoava

suas terras e nelas reorganizava o artesanato. Reconhecia neste um homem de têmpera idêntica à sua. Voltaire, por seu lado, tinha verdadeira afeição ao rei. Quando este, depois das derrotas na Silésia, quis matar-se, o escritor tentou dissuadi-lo, mostrando que a sorte é caprichosa e muda amiúde de campo. A filosofia de Frederico era a mesma de Voltaire, anti-religiosa, culto da natureza, absolutismo esclarecido. Não podiam viver juntos, mas, separados, tinham de se admirar mutuamente.

A correspondência se restabelece. Uma correspondência digna e bela, cada qual falando enfim com sinceridade: "cometestes grandes faltas comigo", escreve Frederico, "mas eu vos perdoei tudo". "Aprecio em vós o maior gênio de todos os séculos; admiro vossos versos, gosto de vossa prosa, sobretudo essas pequenas peças destacadas... Sois a criatura mais sedutora que conheço... Seríeis perfeito, enfim, se não fôsseis um homem". E Voltaire responde no mesmo tom: "Estive muito doente e estou muito velho. Confesso que sou muito rico, muito independente, muito feliz, mas vós faltais à minha felicidade e morrerei breve sem vos ter revisto... Não pude viver convosco nem sem vós. Não falo ao rei, ao herói, isso é com os soberanos. Falo àquele que me conquistou, que amei e com o qual continuo zangado".

"É preciso que os filósofos possuam dois ou três buracos na terra contra os cães que lhes correm atrás." Voltaire ao voltar da Prússia (1753) não se resigna entretanto ao isolamento imediato. Faz sondagens na Corte, vai tratar da saúde em crise, consente em ser homenageado em Lião e, finalmente, em visita a amigos de Genebra, sente-se seduzido pela beleza da região, a vantagem de uma terra livre, não muito longe da França e onde se fala francês. Adquire perto da grande cidade protestante a propriedade das Délices pela soma de 87 mil libras. Pensava fazer dela apenas uma residência de verão, uma casa comprada em Lausanne devendo ser a residência de inverno, mas agrada-se do lugar, o cenário é lindo, com vista para o lago e as montanhas. Aí se fixa definitivamente.

E logo se instala, isto é, começa a desempenhar o papel de proprietário. Planta, compra animais, "nós nos ocupamos, a sra. Denis e eu, em mandar construir baias para os asnos e abrigos para as galinhas. Mandamos fazer carruagens e carrinhos de mão; plantamos laranjeiras e cebolas, tulipas e cenouras", escreve. Recebe convidados — pois não pode prescindir do prazer da conversação —, oferece jantares, monta um teatro

de amadores para si. Está feliz. Entende-se muito bem com os pastores de Genebra que não são, ao que lhe parece, tão sectários quanto os curas; tenta mesmo filiá-los à sua doutrina, a da religião natural. Trabalha também. Nessa época publica seu *Ensaio sobre os costumes,* que é em verdade uma nova versão da *História universal* começada em Potsdam. Nessa época também é que entra em relações com os enciclopedistas. Enquanto estava na Prússia as idéias haviam mudado muito em França. Um grupo de plebeus, como Diderot ou Rousseau, entrava a passos pesados na Literatura. D'Alembert propunha-se recomeçar o *Dicionário de Bayle*, mas julgava que já não era mais possível a um homem só levar a cabo a tarefa de redigir uma enciclopédia das ciências e dos ofícios. Ele procura colaboradores para esse aparelho novo que vai fazer explodir a antiga ordem social. Pensa-se naturalmente no velho filósofo Voltaire. Este hesita. Já foi bastante perseguido para que se comprometa levianamente. Porém gosta do êxito imediato, e não quer ir de encontro à opinião. Ora ele reside em Genebra, ao abrigo das perseguições policiais portanto, e sente que a opinião está com os recém-chegados. Por isso aceita colaborar.

Entretanto toda essa felicidade é perturbada por dois acontecimentos. Em 1755 ocorre o terremoto de Lisboa. Era, sem dúvida, por um lado, um novo argumento contra a Providência, contra o dogma cristão. Mas ele não pensa imediatamente nisso e o acontecimento era um golpe do destino na sua filosofia sorridente, aquela que ele defenderá no *Mundano.* Doravante um certo sabor trágico se misturará ao riso de Voltaire. Ele nunca fora otimista; desaviera-se mesmo muitas vezes a esse respeito com a sra. du Châtelet que era "leibniziana". A viagem à Prússia não o convertera por certo a uma filosofia alemã e rompendo com Frederico ele rompera com todos os pensadores de além-Reno. Mas havia assim mesmo um certo otimismo nele, uma certa confiança no homem obediente à lei natural, isto é, à lei do prazer. Porém a natureza, esmagando milhares de pessoas sob as ruínas das casas, lembra-nos que o homem é não raro esmagado pelo sofrimento e pela miséria. Voltaire não muda de filosofia, mas sua filosofia muda de tom.

O segundo acontecimento que vai forçar Voltaire a uma revisão de suas concepções é a querela com os pastores genebrinos. Em 1755 a casa das Délices recebera a visita do ator Lekain; haviam aproveitado a sua presença para fazê-lo representar *Zaïre* perante "quase todo o Conselho de

Genebra". Chorara-se muito e muito se aplaudira. Mas os pastores se inquietaram. Não correriam o risco de ver o teatro introduzir o vício na virtuosa Genebra? E quando Voltaire pensa representar outra peça com a colaboração de cidadãos da Roma calvinista, o Consistório age e proíbe a representação. Voltaire fica desolado. Pois querem impedir-lhe que se divirta, a ele que tanto aprecia o teatro? Ei-lo lançado à luta. Acontece que nessa ocasião D'Alembert vem a Genebra documentar-se para o artigo que deverá ser escrito sobre a cidade. Esta o recebe com grandes homenagens; deseja que o diretor da Enciclopédia possa escrever um artigo favorável. Porém D'Alembert de volta detém-se na residência de seu amigo Voltaire e os "mas..." começam. Sim, é uma cidade deliciosa, mas... é proibido fazer teatro; sim, os pastores são cultos, mas... têm uma moral estúpida e sectária. Em 1757 o artigo aparece. Há nele grandes elogios mas também uma sombra: por que Genebra não possui um teatro, o que forma o gosto e purifica os costumes? E Rousseau entra na dança para atiçar com seu estilo eloqüente a chama do desentendimento.

A residência das Délices deixa imediatamente de ter para Voltaire o encanto do início. Pelo menos na França pode a gente divertir-se como bem entende. Se Genebra concede a liberdade de pensamento, tira a liberdade de rir. Não venderá entretanto sua linda propriedade. É sempre útil possuir um lugar seguro para abrigar-se em caso de fuga. Mas põe-se a procurar perto da Suíça outra residência onde lhe seja permitido fazer teatro à vontade, representar óperas e comédias às barbas dos puritanos.

Indaga da existência de alguma casa na França e acha uma no condado de Gex a meia hora da Suíça. Adquire o castelo de Ferney e arrenda do presidente De Brosses, conhecido por haver introduzido na história das religiões o fetichismo dos povos selvagens, o condado de Tourney. Sente-se então ao abrigo. Tem "quatro patas em vez de duas, um pé em Lausanne, numa belíssima residência de inverno, um pé nas Délices, onde a boa sociedade me vem visitar: são os pés da frente. Os de trás estão em Ferney e no condado de Tourney". "A terra de Ferney é tanto melhor porque esteve abandonada; estou construindo um castelo bastante bonito. Completei a propriedade com aquisições úteis. O conjunto alcança a importância equivalente a uma renda de dez mil libras e me economiza mais de vinte, pois as três propriedades custeiam quase uma casa com mais de trinta pessoas e de doze cavalos para alimentar."

Assim Voltaire se torna um fidalgo rural. Sem dúvida seu trem de vida é grande, suas despesas enormes. Estabelece seu orçamento em 4 mil libras por ano somente para Ferney. Aí hospeda sua sobrinha, a esperta sra. Denis, que dizem as más línguas ter sido sua amante, secretários para lhe recopiarem os manuscritos, um jesuíta para jogar xadrez, moças casadouras como a sobrinha-neta de Corneille, sem falar dos hóspedes momentâneos e de sua numerosa criadagem. Masera rico e continuava ainda a fazer frutificar sua fortuna. Em 1768 possui ele 80 mil libras de apólices de seguros, 40 mil de rendimentos de propriedades e 60 mil de rendimentos de títulos. É de observar-se o capítulo das apólices de seguros. Voltaire não se contentara com especular sobre os cereais ou os fornecimentos ao exército; inventara um novo meio de ganhar dinheiro: especulava sobre a própria saúde periclitante, sobre as doenças perpétuas. Parece estar sempre a pique de passar desta para melhor e desse modo consegue aplicar seus capitais a juros muito elevados junto ao marechal de Richelieu, ao eleitor do Palatinado, ao duque de Württemberg, os grandes senhores que aguardam todos os dias a notícia de sua morte, mas, entrementes, pagam-lhe pingues rendimentos.

Não se contenta tampouco com ser rico. Exibe seus títulos. Juntamente com os direitos senhoriais de Tourney, ele adquirira os privilégios. Em trajes de cerimônia, faz uma entrada triunfal nas suas novas terras: recebe-o o cura com um belo discurso, os camponeses dão tiros para o ar, soltam rojões e desfilam diante do novo senhor para oferecer-lhe os presentes de boas-vindas. Janta-se em seguida, pois os arrendatários preparam uma suculenta refeição. O antigo fidalgo do rei, o antigo camareiro de Frederico subiu de posto. O filho do tabelião Arouet é doravante senhor feudal. Assina suas cartas como “conde de Tourney”. O inimigo da religião tem dois curas sob as suas ordens: “Tenho dois curas”, escreve visivelmente satisfeito, “com os quais estou bastante contente. Arruíno um e dou esmola ao outro.”

Logo quer tirar lucros de suas terras e entra em luta com o presidente De Brosses. O contrato de locação que cedia Tourney a Voltaire “à vida” estipulava que ele gozaria de tudo como usufrutuário e bom chefe de família. Mas Voltaire quer, enquanto viver, agir não como locatário, porém como proprietário, derruba árvores e muros, modifica o arranjo do castelo... De Brosses se inquieta. Em que estado encontrará sua propriedade? Entretanto a discussão começa por causa de uma ninharia, a

propósito do lenheiro. Voltaire indagara do presidente onde podia obter um pouco de lenha para o fogo e De Brosses, amavelmente, mandara-lhe o seu próprio carvoeiro. Porém na hora do pagamento Voltaire finge-se espantado: alega que a lenha faz parte do arrendamento, recusa dar o dinheiro, protesta, apela para a alta filosofia e a salvação da coletividade. Mas De Brosses não o entende assim: "Desejara que tivéssemos no coração metade somente da moral e da filosofia que vossos escritos contêm". Voltaire perde o processo e é obrigado a pagar. Isso custará caro a De Brosses, pois Voltaire é rancoroso. Ao apresentar-se o presidente candidato à Academia Francesa, Voltaire intervém junto a seus amigos e tanto faz que De Brosses não é eleito.

Voltaire adora a demanda. Passa a vida entre autos, em processos contra os editores, os banqueiros, De Brosses, seu corretor. Gasta nababescamente nas festas que dá, porém é avaro nas pequenas coisas. Desavinha-se com seus camponeses, com seu meeiro Bouquet, que lhe deve dois anos de arrendamento, com Isaac Vernet, que abre um poço nas terras da sra. Denis, "quando não faltam nascentes nas dele", com Pelissari, que usa caminhos seus. Pegando em flagrante umas mulheres que lenhavam em suas terras, ele as processa: "se a coisa não ficar excessivamente cara", escreve ao encarregado de seus negócios, "será útil pelo exemplo". Acha que se gasta demais no seu castelo. Manda indagar do almoxarife do sal quanto lhe remeteram, exatamente: "debitam-me tamanha quantidade que eu não posso acreditar se tenha consumido tudo". Está sempre com medo de ser roubado. Não dá prazo aos devedores. Isso se admite ainda em relação aos grandes senhores, mas ele age da mesma maneira com os pequenos, os lavradores infelizes: "se não pagar até quinze dias depois do vencimento, poderá, após aviso prévio, ser expulso".

Mas esse Voltaire miserável é apenas um lado do personagem. Se apertava o mais das vezes os cordões da bolsa, sabia também abri-la generosamente. Já aludimos à sobrinha-neta de Corneille. O tio de Corneille morrera em 1675 na indigência, seu neto Jean-François apelara para o primo Fontenelle, mas este já dispusera de sua fortuna e por outro lado Jean-François cometera uma escroqueria, fazia-se passar por descendente direto do autor do *Cid.* Contudo apelou-se para Voltaire e este teve a generosidade de acolher a filha de Jean-François, de dar-lhe boa educação, educação religiosa mesmo, e para dotá-la escreveu *Comentários a Corneille,* cujos direitos de autor foram doados à moça. Acabou

casando-a em meio a grandes demonstrações de ternura. De resto, Voltaire não percebia seus direitos de autor. Era bastante rico e destinava o dinheiro auferido de seus livros às obras de caridade. Havia um Voltaire sensível ao lado do Voltaire sarcástico, era o Voltaire que, antes de iniciar sua prodigiosa ascensão financeira, vendia móveis para socorrer um amigo necessitado. Acolheu também a srta. de Varicourt, que era pobre e boa, e conseguiu fazer com que casasse rica. Hospedou Durcy de Morsan, que se arruinara.

Em verdade é duro para seus camponeses, mas ama a terra. Cultiva seu jardim. É como o Fausto do fim do poema de Goethe que salva a alma no trabalho. A propriedade é deserta, mal tratada; ele a repovoará e lhe dará vida. Não empresta apenas aos príncipes, empresta também aos trabalhadores honestos e laboriosos para que comprem um pedaço de terra na região e construam suas casas e fixem residência perto das suas próprias; a Beten, são 4 mil libras, a Vuaillet mil escudos, a Etienne de Liassy mil libras. Chega até a ceder, de graça, alguns lotes nas suas terras a Desplaces, André Guillot, Landri para que façam um jardim. Manda drenar os pantanais, trata de manter as estradas sempre em bom estado, ameaça "multar duas aldeias e chamar a polícia", porque não cuidam dos caminhos, luta contra as epidemias que matam o gado, persegue os malandros e bêbedos que infestam a região. Interessa-se pela vida de seus vassalos e trata pessoalmente das desavenças deles, julgando, compenetrado, as questões: um marco deslocado, uma mulher violentada na estrada etc. É bem o patriarca de um pequeno latifúndio francês.

"Alguns visitantes deixaram-nos suas impressões. Mostram-nos esse ancião alto e descarnado, de olhos faiscantes, envolvido no seu roupão persa ou, nos grandes dias, vestindo o costume nobre, castanho com reflexos avermelhados, peruca e punhos de rendas caindo-lhe até as pontas dos dedos: limpo, seco, vivo, sóbrio, tomando exclusivamente algumas chávenas de café com creme, sempre à morte e ingurgitando-se de drogas, trabalhando no leito uma parte do dia e aí recebendo as visitas", escreve Lanson num resumo desses testemunhos. Acrescentarei que ao café juntava por vezes pratos mais substanciais, apreciando furiosamente os doces, os bombons, as matérias gordurosas, embora ficasse doente com isso e quase agonizasse de indigestão dias seguidos. Esse é o homem que se ocupa com o sal, a madeira, os pântanos, as desavenças entre seus campônios, que se queixa sem cessar de todas as doenças possíveis e no

entanto entrega-se à mais espantosa atividade literária. Escreve sem parar. Escreve tragédias ou comédias, *Tancredo* (1760) e *O direito do senhor* (1762), *Os Citas* (1767) e *Os Guebros* (1769). Compõe sátiras como *O pobre diabo* (1758) ou *A variedade* (1760) e epístolas a Boileau (1769) e a Horácio (1770). Lança sobre a Europa pombos-correios cujo vôo gracioso admira e que carregam nas patas o rolo secreto, a carta pérfida, romances, contos, *Cândido, O ingênuo,* diálogos, facécias avulsas, os artigos do *Dicionário filosófico*. Não esquece tampouco a história e publica, após demoradas pesquisas documentárias, a *História do império da Rússia, Pedro, o Grande* (1763) e o *Resumo do século de Luís XV* (1768), a *História do Parlamento de Paris* (1769) e *A Bíblia enfim explicada* (1776). Diariamente senta-se à sua mesa de trabalho ou redige deitado no leito cartas brilhantes, petulantes como ele mesmo, em que expande suas cóleras, suas alegrias, adula ou descompõe ou se enternece. Tem correspondentes por toda parte, reis como Frederico ou a grande Catarina, senhores como Choiseul e Richelieu, ministros como Turgot, chefes de polícia para se resguardar das perseguições, empregados do correio a fim de evitar que violem suas cartas, atrizes e filósofos.

Não se imagine entretanto que Voltaire se disperse. Pois todas essas obras multiformes, peças de teatro, epístolas, sátiras, romances, dicionários, e até os livros de história, pelo menos o que escreveu sobre o Parlamento, obras de exegese bíblica, e finalmente sua volumosa correspondência, tudo gira em torno de uma só idéia, de um programa filosófico único: a crítica política e principalmente a crítica religiosa. *Esmagar a infame...* como diz em suas cartas. E a infame era a Igreja Católica.

Já dissemos que o ano de 1750 constitui um marco no século XVIII. Ele o foi também para Voltaire, sempre em atraso de alguns anos porque corre atrás da opinião pública em vez de precedê-la. Até então sua filosofia fora a dos libertinos que freqüentara na mocidade e à qual juntara como um apêndice científico o empirismo de Locke e as pesquisas experimentais de Newton. Era um sensualismo em suma bastante limitado. O homem é feito para procurar a felicidade; a felicidade não está fora do mundo; releguemos como impossíveis e inúteis as pesquisas metafísicas, as dissertações racionalistas e cartesianas sobre a essência de Deus. A existência do mundo pressupõe um criador e um ordenador das coisas, mas é isso tudo o que podemos saber dele. Saber que ele existe. Não nos

abandonemos à quimera. Sigamos nosso instinto, é o guia mais seguro. Faguet define bastante bem o ideal que Voltaire tinha então: "Viver com sentimentos ternos e bons, apreciar nas alegrias da vida o que há de mais delicado, nobremente, sem fadiga e sem ceder aos impulsos, pensando na morte o menos possível".

Entretanto, os filósofos tornaram-se verdadeiras potências. A Enciclopédia ataca sistematicamente o antigo regime e a religião. Diderot declara-se ateu convicto. D'Holbach e Helvetius preparam a opinião pública à aceitação de uma doutrina infinitamente mais radical que a da religião natural: a da ausência de religião. Jean-Jacques Rousseau já escrevera seus dois discursos, o primeiro contra a ciência, o segundo sobre a desigualdade. E ninguém sabe onde classificá-lo exatamente, se entre os enciclopedistas ou entre os adversários, pois embora sintam nele um revolucionário fogoso, suas primeiras flechas visam o que os enciclopedistas consideravam a própria base de qualquer reforma nacional: o progresso das luzes. Nessa agitação das idéias qual será a posição de Voltaire?

Ele está com a Enciclopédia. Colabora na sua redação, anima d'Alembert perseguido, estimula-o. Veremos mesmo, ao estudar o caso do cavaleiro De la Barre, que teve em dado momento a idéia de criar uma República dos Filósofos, um retiro para o novo espírito. Mas todos os comentadores concordam em que sua crítica das instituições não era radical. Voltaire é um liberal, mas não um revolucionário. Permaneceu um adversário de Montesquieu e não pensa numa monarquia constitucional. De resto, detesta por demais os parlamentos chicanistas e fúteis, último reduto do jansenismo em França, para sonhar sequer em dar-lhes uma função legislativa. Mas ele quer que a monarquia deixe de ser arbitrária, que se submeta às leis e a lei suprema é a liberdade. Será pois o defensor de todas as liberdades, a liberdade de pensar e escrever contra a censura e o sectarismo religioso, a liberdade da pessoa humana contra a servidão e as detenções arbitrárias, a liberdade da propriedade e do trabalho contra o regime das corporações e dos regulamentos agrícolas. Não são medidas violentas que ele reclama, mas reformas; daí sua admiração por Turgot, que foi seu grande homem. *Habeas-corpus*, tolerância, instituição do casamento civil, abolição da tortura, supressão do sepultamento nas igrejas, proporcionalidade do imposto segundo a fortuna, substituição dos arrendamentos pela regência direta no sistema fiscal, abolição das tarefas

forçadas e dos dízimos, das alterações no valor da moeda e das loterias; em compensação, desenvolvimento da agricultura, que deve tornar-se científica, e da indústria, ambas enriquecendo a nação, abolição dos direitos alfandegários internos, divórcio, e instituição de uma assistência pública estatal. Voltaire não se perde nas nuvens e foi isso que fez a sua popularidade. Os abusos contra os quais se revoltara eram conhecidos de todos e a todos atingiam. Não imaginou nenhum contrato social, nenhum regime futuro, mas aplicou o ferro em brasa sobre todas as chagas da sociedade, que supuravam.

Sem dúvida já se observou que esse partidário feroz das liberdades era o mesmo homem que protestava contra todos os que o atacavam; que era tirânico com os adversários; que desejara queimar publicamente os libelos sacados contra ele; que exigia em altos brados a prisão de Fréron. Mas é preciso compreender que embora desejando a liberdade, ele não queria a licença. Liberdade de pensar mas não de injuriar. E não se deve esquecer que Fréron era o chefe do partido conservador ou reacionário; ora, não pode haver liberdade para os inimigos da liberdade.

Também se insistiu em mostrar a que ponto Voltaire, conde de Tourney, era aristocrata. Desprezava o povo, e esse inimigo da religião não hesitava em admiti-la para a canalha, cujos excessos podiam ser contidos com a ameaça do Inferno:

Se Deus não existisse fora preciso inventá-lo.

Encontram-se na obra do escritor expressões que se apontaram mais de uma vez e hoje em dia nos chocam: “Penso que não nos entenderemos sobre o item povo. Considero povo o populacho que só dispõe dos braços para viver. Duvido que essa espécie de cidadãos tenha jamais tempo e capacidade para se educar... Quando o populacho se põe a raciocinar tudo está perdido”. “São os bois para os quais há necessidade de um jugo, aguilhões e feno.” É indispensável separar a gente de bem da canalha. “Quanto à canalha, será sempre canalha, não quero meter-me nisso.” Representa o papel do patriarca em suas terras, mas não permite que o seu secretário tome assento à mesa com ele. Pede a Meaupou a supressão de certo libelo. Por quê? Por que ataca as suas idéias? Não, insinua apenas ser ele filho de um pasteleiro. E é isso que o magoa. Deve-se esclarecer contudo que a canalha detestada era o povo embrutecido pelo clero, supersticioso; e a instrução que ele recusava dar à gentinha era a instrução

de sua época, que estava nas mãos do clero. Esses textos voltairianos sobre aquilo que se classificou como a necessidade da ignorância para o povo precisam ser recolocados no seu contexto. Só então aparece o verdadeiro sentido deles: "Deve se pregar a virtude ao povo mais humilde, mas ele não deve perder seu tempo a examinar quem tinha razão, se Nestório ou Capelle, Eusébio ou Atanásio". Voltaire abriu uma escola em Ferney; tinha porém sua pedagogia própria que, convenhamos, não se afasta muito da de certos sociólogos de hoje. Não desejava uma escola que desintegrasse o indivíduo do meio em que lhe coubesse viver: "O rapaz que infelizmente aprendeu latim, crendo-se rico, corre para a cidade... e morre na dependência". A escola deve harmonizar o homem e o meio; deve ser antes de mais nada uma escola profissional, onde se formam bons camponeses e artesãos: "Compartilho a opinião dos que querem fazer das crianças abandonadas bons lavradores em vez de bons teólogos". Não haverá nisso algum vestígio do aristocrata que procura manter cada qual em seu lugar? Talvez, mas a escola profissional não negligencia a cultura geral: "O povo não é tão imbecil quanto se imagina... acreditamos que o mais baixo povo é capaz de compreender a verdade... Há na alma mais estúpida uma fímbria de justiça". Champion recolheu com cuidado todos os textos voltairianos favoráveis ao povo e os há particularmente característicos, como este: "Não, tudo não está perdido quando se coloca o povo em estado de perceber que tem um espírito. Tudo está perdido, ao contrário, quando se trata dele como uma manada de touros". Ou este texto do artigo *Democracia:* "Eu me ajustaria de bom grado a um governo democrático [...] gosto de ver homens livres fazer eles próprios as leis sob as quais vivem [...] Sinto prazer em que meu pedreiro, meu carpinteiro, meu ferreiro, os que me ajudaram a construir minha casa, meu vizinho agricultor e meu amigo industrial se ergam acima de seus ofícios e conheçam melhor que o mais insolente alcaide da Turquia os interesses da coletividade".

Parecia-lhe, porém, que essa democracia só era possível em países como a Holanda ou a Suíça, que o catolicismo não dominava. Eis por que a crítica de Voltaire é mais religiosa que política. Sua ligação com a Enciclopédia não tem outras raízes. É preciso *esmagar a infame*...

Havia nele um duplo ódio contra a religião cristã. Em primeiro lugar a concepção pessimista da natureza humana, viciada pelo pecado, repugnava a esse epicurista partidário da lei natural, do instinto do homem para a

felicidade, os prazeres e a volúpia moderada. Em segundo lugar a posição dos católicos no Estado, seu sectarismo e sua intolerância, isso que fazia da religião a defensora de todas as iniqüidades contra as quais ele lutara. E à medida que envelhece, Voltaire se faz mais obstinado a esse respeito. Tivera a idéia de um dicionário filosófico quando era hóspede de Frederico II, o qual, já o dissemos, era também anti-religioso. Tal dicionário deveria constituir uma espécie de bíblia do racionalismo moderno, mas a idéia ficara na gaveta. A opinião não estava ainda madura para tanto. Sua primeira crítica à Igreja é a publicação dos *Extratos dos sentimentos de Jean Meslier* (1762), um conjunto de comentários ao Velho Testamento. Vem em seguida o *Sermão dos cinqüenta,* provavelmente da mesma época. Decide-se afinal a escrever o *Dicionário filosófico,* cujo êxito é formidável. "Punham-no por debaixo das portas, penduravam-no aos cordões das campainhas, os bancos dos passeios públicos andavam repletos dele — conta Desnoiresterres. — Nos lugares destinados ao ensino religioso substituía como por encanto os catecismos; e até na Madeleine dicionários de bolso, encadernados à maneira de livros de salmos, eram esquecidos nos assentos..." Vê-se que se tratava de uma guerra, sistematicamente dirigida e perfeitamente bem organizada.

A esse respeito chovem críticas contra Voltaire, inimigo da religião. Censuram-lhe a hipocrisia de suas atitudes. Ele tinha, com efeito, de se resguardar dos ataques que a Igreja não deixou de fazer-lhe. Ele multiplica os libelos anticatólicos, mas ao mesmo tempo manda construir uma igreja em suas terras (houvera uma, porém ela lhe escondia a paisagem e ele obtivera a autorização eclesiástica para derrubá-la e construir outra). Vai ostensivamente à igreja e, depois da missa, faz um sermão sobre o roubo e a embriaguez para seus vassalos. Comunga e tem o cuidado de fazê-lo perante testemunhas e de fazê-lo constar por escrito, a fim de se garantir. Em 1769 finge-se moribundo e solicita a extrema-unção. O cura, acordado a altas horas, recusa-se a desempenhar um papel nessa farsa macabra, mas Voltaire ameaça denunciá-lo ao Parlamento, obriga-o a vestir-se e a precipitar-se com a hóstia no palácio. Antes era simples hipocrisia, agora é o ridículo jogado sobre a Igreja.

Isso se explica, entretanto, mesmo sem aludir à potência da Igreja e aos processos contra os hereges e os livres-pensadores, o que no entanto era importante: o processo contra o cavaleiro De la Barre mostra que a Igreja e o Poder Civil não brincavam. Voltaire escreve: "A liberdade tem

algo divino, mas o sossego vale mais ainda... direi tudo o que quiserem para que me dêem sossego". E há melhores argumentos. Em primeiro lugar, se constrói uma igreja, não a dedica à Virgem nem aos santos; manda colocar no frontispício as seguintes palavras: *Deo erexit*.[5] Isso não é hipocrisia. Voltaire sempre foi deísta e sua igreja é erigida ao deísmo, por cima das religiões reveladas. Quando o bispo de Annecy finge acreditar, por causa da comunhão de Voltaire, numa retratação do filósofo e se vale do gesto maliciosamente, Voltaire põe com sinceridade os pontos nos is: "Vossa carta espantou-me. Como vos podeis mostrar grato por ter eu cumprido os deveres que todo senhor deve cumprir para dar o exemplo em suas terras? [...] Seria estranho que o senhor de uma paróquia não fizesse na igreja por ele construída aquilo que os pretensos reformadores fazem nos seus templos, a seu modo. Não mereço por certo as felicitações que me enviais". Com isso o gesto de Voltaire adquire seu verdadeiro sentido: é um gesto convencional. Infelizmente esse homem endiabrado não podia deixar de se entregar ao gracejo. Lamenta sinceramente o falecimento da sra. du Châtelet, mas introduz seus motejos até nas cartas de luto. Tem "um pé no túmulo" e "dança com outro". Aqui também ele se resguarda, separa, no catolicismo, como muitos senhores libertinos da época, a religião dos costumes; deixa-se levar, entretanto, pelo amor à facécia e estraga tudo.

Voltaire, mais do que o inimigo da Monarquia, foi, portanto, o grande inimigo do catolicismo. Não da religião, pelo menos tal qual a compreendia. Distinguia a superstição da verdadeira religião. Desta diz ele: "É triste que se tenha tentado cortar pelas raízes uma árvore que se podia tornar muito útil podando alguns galhos e limpando-a dos musgos". Mas em que consiste, a seu ver, a verdadeira religião? Unicamente na crença na existência de Deus. Voltaire rejeita a Providência e a imortalidade da alma. A alma para ele não é uma substância, é uma propriedade dos órgãos corporais. Desaparece pois com o corpo. Esse Deus cuja realidade ele aceita é o criador do mundo e do homem. Fora disto pouco se sabe dele. Quando Voltaire tenta defini-lo, embora não apreciasse Spinoza, cai no panteísmo: Deus está em tudo. Se está em tudo, está também no homem. É por isso que podemos confiar em nosso instinto, o que nos leva ao prazer. A lei natural é como as leis físicas, um efeito da criação divina. Pode-se pois dizer, num certo sentido, que Deus funda a moral, mas funda-a na qualidade de criador, não como juiz. Os

mitos do Paraíso e do Inferno podem ter uma utilidade social; não assentam em nenhuma base sólida.

Essa religião Voltaire a defende contra seus adversários da direita e da esquerda, contra os ateus e contra Rousseau. Observou-se que no fim da vida combateu mais a D'Holbach que a Sorbona. Mais uma prova de que seu deísmo era sincero; não podia aceitar nem o materialismo nem o utilitarismo descabelado do fim do século XVIII. Mas de outro lado a religiosidade de Rousseau o apavora e nela é que se deve buscar a causa fundamental de sua desavença com o autor de *Emílio.* Detenhamo-nos um pouco nessa disputa tão debatida e comentada.

As relações entre Voltaire e Rousseau haviam sido a princípio muito amistosas. Rousseau enviara a Voltaire seu *Discurso sobre a desigualdade* e Voltaire agradecera. Um e outro podiam julgar-se do mesmo lado da luta, pertenciam ao partido dos filósofos. O que opôs um a outro foi a questão do teatro. Quando D'Alembert no seu artigo sobre *Genebra,* na Enciclopédia, defendeu a tese de Voltaire e pediu a criação de um teatro na Roma de Calvino, Rousseau tomou a defesa de seus concidadãos e escreveu a *Carta sobre os espetáculos.* Apontava na comédia uma escola de corrupção e fazia o elogio dos pastores. Voltaire não o podia admitir e isso constituiu o ponto de partida da disputa. Mas essa assumiu tal tom que não se pode crer tenha sido tão insignificante pretexto o motivo fundamental da verdadeira guerra entre o patriarca e o paradoxal genebrino. Voltaire trata Rousseau de "louco", de "bastardo do cão de Diógenes". Ele o acusa de escrever aos ministros de Genebra para atiçá-los. Rousseau mostra maior dignidade, chegando mesmo a subscrever depois da disputa uma lista para a ereção de uma estátua a Voltaire, mas isso não o impede de exprimir sentimentos de igual violência:

"Eu o odiaria mais, se o desprezasse menos." "Não vos aprecio [...] odeio-vos." Como Voltaire o acusava de atiçar os pastores, ele acusa Voltaire de trabalhar junto aos genebrinos para que não possa voltar à sua terra natal, e de ter contribuído para a condenação de *Emílio* pelo Consistório.

Evidentemente os dois homens não podiam entender-se. Voltaire era o conde de Tourney, orgulhoso de seus títulos, era o burguês rico que conquistara a nobreza. Rousseau era plebeu, "um aprendiz de relojoeiro", diz seu adversário com desprezo. Rousseau por seu lado só podia invejar o opulento senhor. Mas essa luta de classes marcava um antagonismo mais

profundo: o antagonismo de dois temperamentos, a luta entre a inteligência e a sensibilidade e entre duas filosofias, uma propugnando a vida social, a outra pregando a volta à natureza, uma que considerava natural o instinto social, a outra que encarava a sociedade como resultante da vontade dos homens. No fundo Voltaire via muito bem que esse estado de natureza não passava de uma metamorfose do Jardim do Éden e a concepção de civilização de Rousseau, de uma imagem laica do pecado original. À primeira vista parece não haver grande diferença entre o deísmo de ambos os filósofos. Mas o tom não é o mesmo. Antes de mais nada, Rousseau acredita na Providência. Quanto a Voltaire, seu Deus é a conclusão de um raciocínio, é um ente frio e sem vida, nem mesmo um ente: um princípio. O Deus de Rousseau é uma "pessoa", para a qual a alma apela, ardente e febril, amorosa e respeitosa. O autor do *Dicionário filosófico*, o exegeta da Bíblia, o colecionador de todas as puerilidades, de todas as contradições das Santas Escrituras, sentia que Rousseau abria novos caminhos ao sentimento religioso, caminhos que conduziriam a uma nova ofensiva do catolicismo. Se Voltaire é o antepassado de Homais, Rousseau é responsável por Chateaubriand e o romantismo místico. Aí está a razão fundamental da disputa.

Mas Voltaire em Ferney não se restringe a escrever e filosofar. Sempre sonhou com a ação. Não pode ser ministro nem diplomata, vai tornar-se o jornalista que agita a opinião pública, faz campanhas, ataca as injustiças, defende os oprimidos e os desgraçados.

"Fiz algum bem, é minha melhor obra." O epicurista voluptuoso transforma-se no fim da vida em D. Quixote dos pobres-diabos. O fidalgo rural muda-se em patriarca adorado pela opinião pública. Como se deu essa conversão? E em que medida foi Voltaire sincero?

Observemos desde logo que já em Cirey a moral de Voltaire se alarga e se alarga logicamente. Se a lei natural nos induz ao prazer, o melhor dos prazeres é o que nos proporciona a vida em sociedade. E esta só é possível pela amizade recíproca. No seu *Discurso sobre o homem,* escreve: "Certo legislador [trata-se do Padre de Saint-Pierre, autor do projeto da paz perpétua, o antepassado da Liga das Nações...] acaba de criar uma palavra que não se encontra em Vaugelas.[6] Essa palavra é beneficência; ela me agrada". O que induz Faguet a afirmar que a base da ética de Voltaire não é a tolerância, mas o humanitarismo. Essa beneficência é o que parece

exprimir desde então a ação do patriarca, de início em suas terras e em seguida em toda a nação francesa.

Nas suas terras em primeiro lugar, pois não se deve esquecer que depois do verso célebre citado "Fiz algum bem..." Voltaire não fala dos grandes processos judiciários de que se ocupou, mas de seus camponeses:

Meu abrigo é delicioso, mas era selvagem
Depois do grande édito,[7] *inculto, inabitado,*
Ignorado dos homens, na sua triste beleza
Aí definhava a natureza; trouxe-lhe a vida.
Ousei tudo animar. Punha atividade
Reuniu os colonos que a miséria espalhara,
Chamei os ofícios que precedem as artes.

Persuadido de que o trabalho, científico principalmente, é que enriquece as nações, atrai às suas propriedades os sem trabalho, os fugitivos, e compra para eles máquinas e cria assim uma verdadeira aldeia de colonos especializados em suas indústrias, a da relojoaria e a da tecelagem. Velho demais para continuar a fazer teatro, transforma sua sala de espetáculos em manufatura. Mas não se contenta com fazer surgir do deserto uma ativa colmeia, torna-se comerciante a fim de colocar seus produtos e assegurar a seus protegidos um honesto bem-estar. Escreve aos reis, a Frederico, a Catarina da Rússia, aos embaixadores, aos ministros, a Choiseul. Manda caixotes de relógios até para a Turquia e para o bei de Túnis.

Quando Voltaire vem a saber da existência de servos nas vizinhanças, assume a defesa dos desgraçados e luta contra a sobrevivência da pior espécie de feudalismo. Defendeu também os camponeses do condado de Gex contra a Gabela, que era o pior imposto do Antigo Regime, e conseguiu substituir o sistema iníquo pelo arrendamento por preço razoável. Voltaire que, já o dissemos, sabia fazer negócios, coloca dessa feita sua habilidade financeira a serviço dos camponeses. Daí a popularidade do patriarca, que se manifesta numa primeira apoteose quando, aclamado pelos rendeiros, responde com o grito de "liberdade" e o povo todo brada "viva o Direito! Viva Voltaire!".

Por aí o patriarca revela-se um patriota verdadeiro. Dá uma lição aos senhores que vêem no trabalho uma humilhação e preferem vegetar em suas terras, com anuidades recebidas do rei, a criar manufaturas.

Censurou-se muito a Voltaire sua falta de patriotismo. Mas é preciso lembrar que o patriotismo de então não tinha o caráter que assumiu mais recentemente. Confundia-se com a fidelidade à dinastia. Rei e nação eram uma só coisa e o povo se afastava dia a dia mais da monarquia. As derrotas do exército francês eram festejadas em Paris como derrotas da Corte. Compreende-se, nessas condições, que Voltaire tenha podido por vezes felicitar o rei da Prússia por suas vitórias sobre os exércitos da França. E não se deve esquecer o cosmopolitismo até certo ponto acima das nações, de uma espécie de república intelectual dos filósofos de que Voltaire era um dos chefes e à qual Frederico, muito hábil, se juntara. Isso não quer dizer que Voltaire não amasse a França, e seu patriotismo se depurou e se fortaleceu dia a dia mais: "Amamos sempre a nossa pátria, quaisquer que sejam as nossas queixas [...] É preciso amá-la, sejam quais forem as injustiças recebidas, como é preciso amar o Ser Supremo apesar das superstições que desonram o culto. Comer pão na nossa pátria ainda é melhor que ter biscoitos no estrangeiro". Quando os exércitos franceses são derrotados, ele sofre as derrotas na própria carne e prega, ele, o feroz inimigo dos abusos, a união sagrada: "Nenhuma discussão acerca de impostos ou assuntos administrativos; veremos isso depois da paz. Por enquanto não se trata de criticar o governo; o dever do cidadão é unir-se a ele".[8]

Porém o que faz a glória de Voltaire ancião não é o manufatureiro, nem o patriota. É o Dom Quixote dos desgraçados. É o defensor de Calas e Sirven. No entanto, nem nesse ponto os adversários de Voltaire se desarmam; censuram-no por ter agido sob o impulso não da caridade, mas de motivos de ordem egoística. Analisemos por isso o problema.

A 12 de outubro de 1761 Marc-Antoine Calas é encontrado morto na loja de seu pai. Eram os Calas uma família protestante de Toulouse, mas nessa época a Igreja Católica fazia um esforço considerável de propaganda, e um dos filhos se convertera ao catolicismo e corria o boato de que Marc-Antoine pensava também em mudar de religião. Dava a entender que muito breve envergaria a roupa azul, usada pelos católicos. Como a loja onde se encontrou o corpo não fora roubada, nem os bolsos do infeliz haviam sido revistados, não se tratava de um crime vulgar. O mais grave porém é que o corpo parecia ter sido fantasiado: tinham mudado a roupa da vítima e provavelmente o haviam transportado da sala em que fora morto para outra. Logo correu o boato de ter sido Marc-Antoine

assassinado pelo pai por causa da religião. O processo iniciou-se. Infelizmente para ele, o velho Calas se contradisse, desmentiu suas primeiras declarações, acabou afirmando que o filho se suicidara e que ele mentira antes a fim de evitar a vergonha do suicídio para a família. Calas foi condenado à tortura. Morreu heroicamente, sobre a roda, os membros esmagados, proclamando até o último instante a sua inocência.

A ação de Voltaire é posta em movimento pelos pastores de Genebra. Mas ele principia por fazer um inquérito. Interroga dois dos filhos de Calas que se haviam refugiado na Suíça. Convencido da inocência do infeliz, escreve à sra. Calas e manda-a a Paris para solicitar a revisão do processo. Como ela está arruinada, arranja-lhe dinheiro e escolhe seus advogados. Mas principalmente inicia a mais brilhante das campanhas de imprensa, escrevendo libelos e avulsos, agitando a opinião pública. Dá mesmo ao debate um tom elevado e tira do caso uma filosofia: o *Tratado da tolerância.* E ganha o processo. A sentença do Parlamento de Toulouse, condenando Pierre Calas, é cassada. O Tribunal de Apelação de Paris revê o processo e ao fim de nove meses apresenta uma sentença de reabilitação.

Brilhantes juristas estudaram recentemente os autos empoeirados desse processo: Chassaigne e Henri Robert. Ambos estão de acordo em que o caso não é muito claro e em nossa época os juízes condenariam sem dúvida Pierre Calas. Os argumentos em prol de um assassínio são impressionantes e a favor da tese contrária, do suicídio, existem apenas os protestos do acusado e suas declarações de inocência até o suplício inclusive. Isso não impede que Voltaire tenha acreditado na injustiça da sentença condenatória; não é possível afirmar que montou a peça exclusivamente por ódio ao Parlamento e para prejudicar a religião católica. Dissemos que antes de se comprometer ele interrogou os filhos de Calas. A boa-fé de Voltaire parece evidente. Contra o nosso filósofo andaram desenterrando alguns ditos jocosos na sua correspondência: “O mundo é louco, meus caros anjos; o Parlamento de Toulouse julga sem parar: acaba de condenar um ministro, meu amigo, à forca, três fidalgos à decapitação e cinco ou seis burgueses às galés, tudo isso porque cantaram cânticos de David.[9] O Parlamento de Toulouse não suporta os maus versos”. Como pôde ele revoltar-se contra a condenação de Calas, dizem, e fazer neste caso uma pirueta divertida? Quanto a mim, acho a brincadeira bastante amarga e mais triste que divertida. Mas Voltaire não podia acusar ainda. Tinha de aguardar uma oportunidade mais favorável para lançar a

opinião pública contra o Parlamento, carecia de um erro judiciário e não era esse o caso dos pastores e fidalgos pegados em flagrante.

Entretanto, é verdade que o caso Calas foi para Voltaire a oportunidade esperada de vingar-se de seus inimigos, e ele transformou o processo de um infeliz chefe de família no processo dos Parlamentos jansenistas e chicanistas no processo, também, da Igreja. "Gritai e fazei com que gritem", recomenda na sua correspondência, e mostra a ponta da orelha ao publicar suas *Memórias* a respeito de Calas: "Estas memórias se escrevem apenas para preparar os espíritos" — confessa — "e ter-se o prazer de tornar um parlamento e os Penitentes brancos execráveis e ridículos". Nada mais natural, porém. Quando se entra na ação, entra-se de corpo e alma, com o temperamento, as paixões e as teorias. Voltaire transformou um caso judiciário em uma nova luta *contra a infame*... O que não quer dizer que não tenha acreditado na inocência de Calas e que não fosse sensível.

Nem bem terminara ainda o caso Calas e descobria-se num poço comunal, a 4 de janeiro de 1762, o corpo de Elisabeth Sirven. Era uma rapariga estranha, um pouco maluca, que os católicos tentavam converter. Embora Sirven fosse muito querido e considerado um pai afetuoso, o juiz encarregado do caso suspeitou-o. A família inteira, apavorada, fugiu. Cada qual, por um caminho diferente, chegou à Suíça após inúmeras aventuras e apelou para Voltaire. Entrementes uma sentença declarava culpados o pai e a mãe e os enforcava em efígie. Voltaire não ousa agitar a opinião pública imediatamente. O caso Calas ainda não foi liquidado, e não se sabe como acabará. Limita-se por isso a interessar no assunto o rei da Prússia e a czarina, os reis da Polônia e da Dinamarca, e a abrir uma subscrição em favor dos Sirven. Foi somente depois de julgado o processo de Calas que ele incitou Sirven a voltar à França, entregar-se à justiça e solicitar a revisão do processo. Sirven foi absolvido. A reabilitação de Calas é de 1765, a de Sirven teve de esperar até 1771.

Até agora Voltaire foi o defensor, mas não demorará muito a ser o acusado, pelo menos por tabela. Na noite de 8 ou 9 de agosto de 1765 alguns rapazes, algo alcoolizados, cortam a canivete um crucifixo na Ponte Nova de Abbeville. Três conseguem fugir, mas o cavaleiro De la Barre é preso, condenado à confissão pública, a ter a língua cortada e a cabeça decepada. Durante o processo o conselheiro Pasquier denuncia a ação dos filósofos, que guiara as mãos sacrílegas dos pobres-diabos. Em particular

acusa o autor do *Dicionário filosófico.* Dizia-se que o cavaleiro De la Barre pronunciara palavras ímpias e que ele confessara ter recitado versos da *Donzela* e da *Epístola a Urânia.* Voltaire via-se pois diretamente acusado. E principiou a se amedrontar: "A coisa é importante", escreve a D'Alembert, "procurai indagar ao certo da origem desse boato odioso e perigoso". E a Deneville: "Não vos seria possível remontar às origens de um boato tão odioso e tão ridículo?". Sabia, pelos casos de Calas e Sirven, que a justiça não brinca. Seu primeiro pensamento é fugir: "Graças a Deus tenho 45 mil libras de renda no estrangeiro e de bom grado abandonarei o que me sobra em França". "Tenta-se renovar a aventura de Sócrates". Mas Sócrates desta feita não está disposto a tomar cicuta. E imagina então fundar, com alguns amigos malvistos igualmente, como Diderot, uma república de filósofos na Prússia: "Ali, como seria agradável vivermos juntos, reunir cinco ou seis sábios longe dos maus e dos obstáculos". E ele pede a Frederico licença para se instalarem em Clèves. Mas Frederico conhece o gênio de Voltaire, lembra-se dos processos e das desavenças de Potsdam e receia esse espírito turbulento que lhe causou aborrecimentos e que a idade talvez não tenha acalmado. Aceita em princípio: "Vossos filósofos serão bem recebidos em Clèves, se vierem [...]. Aí encontrarão segurança e proteção", mas com algumas condições: "conquanto poupem os que devem ser poupados e que nos seus escritos observem as regras da decência". Não esqueceu a *Diatribe do dr. Akakia:* "Ofereço asilo aos filósofos desde que sejam prudentes e tão pacíficos quanto o subentende o belo título de que se ornam". Entretanto, durante essas discussões e manobras o escândalo se atenua. Voltaire, que fora fazer uma cura de águas, tranqüiliza-se. Põe-se logo a motejar como de costume: "Acreditai-me, se eu vir passar uma procissão de capuchinhos irei à frente, chapéu na mão, em meio à chuva mais violenta". Mais tarde, sentindo-se forte, toma a ofensiva. Escreve uma narrativa da morte do cavaleiro De la Barre para instigar a opinião pública contra a intolerância religiosa. Um dos fugitivos era d'Etallonde. Voltaire tenta uma revisão de seu processo.

Até então os casos de que se ocupara diziam respeito à religião; pode-se compreender, assim, a censura de que só se interessava por eles na medida em que lhe proporcionavam uma campanha anticatólica. A caridade de nosso filósofo não passava de uma máscara. Mas o argumento cai agora. Voltaire, com efeito, lança-se com o mesmo ardor nos casos

totalmente alheios à religião, casos em que há apenas injustiças a reparar, inocentes a defender. O humanitarismo não foi para ele uma palavra vã.

Em primeiro lugar, o caso do lavrador Martin. Cometera-se um crime em Bar. Vestígios de passos iam do cadáver até a casa de Martin. O pobre camponês, que não sabia defender-se, disse palavras infelizes. Foi condenado à tortura. Pouco depois descobriu-se o verdadeiro culpado, que confessou o crime. Voltaire obteve a reabilitação da família Martin. Outro caso: em 1770 o casal Montbailli é acusado de ter assassinado a velha mãe e sogra. O marido morre torturado, mãos decepadas, mas clamando sua inocência. Voltaire intervém, desta feita discretamente, escrevendo ao chanceler de França, o qual salva a sra. Montbailli. Finalmente Voltaire consagra suas últimas forças à revisão do processo de Lally-Tallendal, ex-governador das possessões francesas da Índia e que fora decapitado. E teve a alegria de ver, poucos dias antes de morrer, proclamar-se a inocência de Lally. É comovente verificar que sua última carta refere-se exatamente ao assunto. Acaba assim sua obra com uma página de grande beleza moral: "O agonizante ressuscita ao saber da grande notícia [...] vê que o rei é o defensor da justiça. Morrerá contente". São muito justas estas reflexões de Diderot: "É preciso que esse homem tenha alma e sensibilidade [...]. Que são para ele os Calas? Que é que o leva a interessar-se por eles? Que razões o induzem a suspender o trabalho de sua predileção para ocupar-se de sua defesa? Se houvesse um Cristo; juro-vos que Voltaire estaria salvo [...]".

Sem dúvida outras realezas intelectuais são mais espetaculares. A de Victor Hugo, por exemplo, no seu rochedo de Guernesey, batido pelas ondas, cercado de neblinas e aves marítimas, fustigando Napoleão III com seus versos sonoros, tocando a reunir para os republicanos e apontando aos povos oprimidos a estrela da democracia que surge no céu do futuro. Mas o romantismo emprestara a esses soberanos do espírito a capacidade de perceber o pitoresco dos cenários selvagens e a pompa da poesia. Embora a realeza de Voltaire não possua o mesmo brilho impressionante, não carece entretanto de grandeza.

Essa realeza vai terminar numa apoteose. Luís XV morrera, um novo rei subira ao trono de França. Nada mais impedia Voltaire de ir a Paris, e a oportunidade se apresentou com a representação de uma tragédia recém-acabada, *Irene* (1778).

O autor de *Cândido* acreditava no futuro do espírito humano. À aproximação da morte pressentia, para além das decadências passageiras, a lenta ascensão da razão. Via no horizonte clarear a aurora dos tempos novos. Não era por certo a aurora avermelhada da Revolução de 1789, porém a aurora amável do século da filosofia: "Haverá sem dúvida um dia uma grande revolução nos espíritos. Um homem de minha idade não a verá, mas morrerá na esperança de que os homens serão mais esclarecidos e menos duros". O povo saudava em Voltaire o apóstolo do progresso humano. Por isso corria ao palacete Villèle onde se hospedara. Apesar das recomendações de seu médico, o dr. Tronchin, que o achara muito cansado da viagem, os amigos desfilavam para cumprimentá-lo. A Academia Francesa envia uma delegação. Franklin abraça o patriarca de Ferney e o neto do sábio americano joga-se aos pés do filósofo para receber sua bênção. A cena é conhecida. Voltaire pousa as mãos trêmulas sobre a cabeça do menino como se quisesse abençoar a jovem América: *God and liberty*. O gesto tem algo de hugoniano, e a fórmula já sabe às da jovem República que nasce do outro lado do Atlântico e que será uma democracia a um tempo religiosa e liberal. Voltaire soube encontrar a divisa profética. Mas o filósofo está exausto. Em vão seu médico proíbe as visitas; por demais sensível à glória, Voltaire recebe, escreve, trabalha. Escarra sangue. Arrasta-se ao teatro para a representação de *Irene*. Visita seus amigos, os ministros e somente a oposição do rei impede a rainha de encontrá-lo. A Academia recebe-o a 30 de março, com homenagens que não concedera jamais nem sequer a um príncipe. Dali vai ele à Comédia. Mal chega ao camarote, o ator Brizard se aproxima para colocar-lhe sobre a cabeça descarnada uma coroa de louros: "Ah, Deus meu, quereis matar-me de glórias!", murmura o ancião, e durante vinte minutos o público o aclama freneticamente. Mas isso era apenas o início. O pano ergue-se: no palco os atores comovidos cercam o busto de Voltaire. Das mãos de todos os presentes as coroas se estendem para a estátua e a sra. Vestris, que desempenhara o principal papel em *Irene,* avança para o lado do público, dirigindo-se ao ilustre escritor alquebrado por tantas emoções:

Não precisas chegar às margens negras
para gozar da imortalidade.
Recebe, Voltaire, a coroa
que acabamos de te entregar

pois vale a pena recebê-la
quando é a própria França que a oferece.

A srta. Fanier, numa exaltação entusiástica, precipita-se sobre o busto e beija-o apaixonadamente. Voltaire não podia resistir muito tempo a esse regime. Vivendo apenas de café (tomava 25 xícaras por dia), freqüentando a Academia e a Loja das Nove Irmãs a que pertencia, acabaria falecendo a 30 de maio de 1778.

Toda apoteose tem porém um reverso e a comédia da glória assume por vezes um aspecto tragicômico. Não eram somente os admiradores que disputavam Voltaire entre si, eram também os padres, ansiosos por ter a glória de convertê-lo *in extremis*. O padre Gautier conseguiu mesmo, após o primeiro escarro de sangue, fazer Voltaire escrever um bilhete: "Eu, abaixo-assinado, declaro que, estando atacado há quatro meses de vômitos de sangue, não podendo arrastar-me até a Igreja e tendo o cura de Saint Sulpice se dignado acrescer a suas obras pias a de enviar-me o padre Gautier, confessei-me a ele e se Deus quiser morrerei na religião católica, na qual nasci, esperando da misericórdia divina que condescenda em perdoar os meus erros. E se alguma vez escandalizei a Igreja, peço perdão a Deus e a Ela". Mas a Igreja disputa em torno do bilhete. O cura de Saint Sulpice não quer entregar a um padre desconhecido como Gautier o cuidado de converter Voltaire, e, enquanto as batinas se chocam, Voltaire, restabelecido, volta a seus amigos maçônicos.

Os últimos momentos de Voltaire conduzem-nos da tragicomédia ao drama. Voltaire agonizou num quarto pequeno do hotel Vilette, sozinho, berrando e protestando de tal modo que ninguém podia entrar, jogando à cabeça da sra. Roger, que o tratava, tudo o que lhe caía nas mãos ou expulsando-a a bengaladas, recusando os padres que tentaram obter uma declaração mais precisa de retratação. "Deixai-me morrer em paz!", berrava, e fechava a porta aos médicos, enquanto no vestíbulo a sra. Denis, preocupada unicamente com a herança, abria as cartas do moribundo para ver se não havia uma que a deserdasse. E com isso se negava a entrar no quarto do tio por causa do cheiro. O clero não permitiu a inumação em Paris e foi preciso transportar o corpo, embalsamado às pressas, para Scellières, onde Voltaire tinha um amigo, o padre Mignot, disposto a lhe prestar os últimos cuidados, os do sepultamento e da missa, à espera de que a Revolução triunfante o fizesse entrar para o templo dos grandes

Homens, sob a cúpula do Pantheon, onde sua sombra iria, no silêncio propício da morte, continuar com a sombra de seu antigo inimigo, J.-J. Rousseau, o eterno diálogo da Razão e do Sentimento.

A obra de Voltaire é considerável. Vimos que era um grande trabalhador e ainda por cima escrevia depressa, sob o impulso da inspiração. Terminava uma tragédia em uma ou duas semanas. *Zaïre* em dezessete dias; *Olímpia* em seis. Seus versos ligeiros, suas facécias, nasciam de sua pena como flores de uma varinha de condão. Chamaram-no mesmo, por vezes, um apressado de gênio. Nessa obra tão abundante devia-se portanto proceder a uma escolha.

Os organizadores desta coleção eliminaram em primeiro lugar toda a parte poética. Sem dúvida foi a que fez a glória de Voltaire em vida, mas foi também a que mais envelheceu. É que estamos no século XVIII, quando se dizia dos versos: que eram belos como uma bela prosa. Boileau secara os louros do Parnaso colocando a razão antes da sensibilidade e da imaginação. A qualidade essencial de Voltaire é o espírito crítico, mas ele não era um Goethe para fazer dialogar Mefistófeles com Fausto, a inteligência destrutiva e a imaginação criadora. Escreveu uma epopéia nacional, *A Henriade*, e epístolas filosóficas. Há na primeira algumas narrativas nervosas, alguns retratos bem traçados, mas o conjunto é chato, prosaico, prejudicado pelas alegorias insossas, de nenhum interesse. Quanto aos poemas filosóficos, são límpidos, com pequenos toques campestres, como nos seus mestres Horácio e Boileau. Às vezes, porém, consegue versos lapidares, isolados, que se gravam na memória. Tinha um talento de criador de provérbios:

Quereis viver feliz, vivei sem mestre [...]
O bem mais perfeito é a fonte do mal [...]

O que dele permanece vivo, do ponto de vista poético, são seus madrigais. Era amável e acariciante. Sabia adular e agradar. E como tinha muitíssimo espírito é, certamente como Clément Marot, o mais encantador dos epistológrafos em verso. Essa facúndia versátil, coisa curiosa, ele a conservara até os últimos dias da vida. Porém enternecida pela melancolia das recordações da mocidade: “Todas essas frágeis maravilhas”, escreve à sua antiga amante, srta. de Civry, a qual se casara rica:

Esses ricos colares
Essa pompa encantadora
Não valem um só dos beijos
Que davas na mocidade.

Serão publicados futuramente alguns poucos desses versos ligeiros, os que se encontram em sua correspondência. É que além da dificuldade da tradução do verso, em que tudo é matiz, leve pó de asas de borboletas, o próprio Voltaire considerava que esses versos circunstanciais não deviam figurar nas suas obras completas: "Aborrece-me bastante", escreve, "que se tenha impresso *Ce qui plaît aux dames* e *L'Éducation d'une fille;* essas flores só não murcham e são agradáveis quando não se vendem no mercado". Eliminando-as desta edição, nada mais fazemos portanto do que respeitar a vontade do autor.

Eliminaram-se igualmente desta edição as tragédias e as comédias. Voltaire sonhara em ser o substituto de Corneille e de Racine; seus contemporâneos julgaram-no mesmo o continuador glorioso dos mestres. Ele adorava o teatro e escrevia suas peças numa espécie de êxtase. Tentara rejuvenescer a tragédia clássica dando maior importância ao espetáculo, acrescentando à piedade de Racine e à admiração de Corneille o drama e o interesse político como molas de ação. Mas ficou fiel às regras de Aristóteles, e a novidade real de sua contribuição é pequena, é a de conduzir-nos à época dos antigos reis de França em vez de ficar nos gregos ou latinos, e também de nos fazer viajar pela China ou pela América. Sem dúvida margeou excelentes assuntos, como o do encontro de duas civilizações em *Alzira,* os conquistadores espanhóis e os índios do Peru, mas ele carecia por demais de psicologia e ignorava as seduções do exotismo para tirar disso todos os efeitos dramáticos que o tema comportava. Por outro lado a preocupação filosófica venceu aos poucos nele a preocupação literária. *Maomé* mostra-nos a base da religião na hipocrisia dos sacerdotes; os *Guebros* são uma crítica da intolerância. Assim, as suas tragédias tornaram-se verdadeiros panfletos *contra a infame* e suas comédias, contos moralistas. Ele próprio confessara de resto ser esse o seu intento: "contribuir para a felicidade pública por meio de máximas sábias e virtuosas [...] tornar os costumes menos selvagens, os povos mais avisados, os soberanos mais piedosos, a religião mais de acordo com a vontade divina".

Por isso mesmo não se lêem mais as peças de Voltaire, à exceção talvez de *Merope* e *Zaïre*.[10] Seu interesse, entretanto, sobretudo quando se comparam às obras-primas do século XVII, não é de ordem a nos induzir a traduzi-las. Desapareceram para sempre dos palcos.

A edição que a Editora Globo ora apresenta ao público brasileiro compõe-se apenas dos contos e novelas, ficando para mais tarde a edição das obras de história e de filosofia, além de fragmentos da correspondência. Não se editará, aliás, nem todo o Voltaire historiador nem todo o Voltaire filósofo. Nesse campo também tivemos de escolher dentro da multiplicidade caótica das obras as que resistiram à prova do tempo. Porque Voltaire é um jornalista, sua doutrina está ligada à ação e sua ação é condicionada pelas circunstâncias, boa parte de sua obra deixou de interessar-nos, ultrapassada a atualidade que a inspirou. Mas é preciso não esquecer que Voltaire criou a história moderna. Antes dele existiam somente a cronologia e a filosofia da história à maneira de Bossuet. Voltaire criou a crítica histórica dos documentos; censuraram-lhe por vezes a predileção pelos pormenores insignificantes ou escabrosos, disseram que ele viu a história dos grandes homens através das narrativas de seus criados de quarto. Não é verdade. Ele sabia admirar, mas julgava que a história verdadeira não é uma relação de batalhas, porém o drama do espírito humano em luta contra os obstáculos e a marcha da civilização. Não se restringe aos fatos, busca a causa dos acontecimentos: "é preciso afastar a multidão dos pequenos fatos para ver os grandes". Sem dúvida errou não raro, mas sua visão é de um grande historiador. Foi o primeiro a perceber a importância de Clóvis, a formular a hipótese de ser o Pentateuco obra do profeta Jeremias e não a crônica de Moisés. Na sua obra histórica três trabalhos se destacam: *Carlos XII,* pelas qualidades de narrativa; *O século de Luís XIV,* pela síntese magistral, e *Ensaio sobre os costumes,* por ser a primeira tentativa de uma verdadeira história da civilização.

Quanto à filosofia, Voltaire não foi um filósofo propriamente dito. Ele detestava a metafísica, o jogo da razão raciocinante, as especulações abstratas. A não ser a existência de Deus, nada podemos saber. Nada trouxe de novo, portanto, e seus tratados de filosofia como o que escreveu sobre a filosofia de Newton têm um interesse exclusivamente histórico. Bem melhores são os seus tratados de moral ou de política, como o *Tratado sobre a tolerância.* Mas ele tinha principalmente o dom de

apaixonar o leitor, de fazê-lo compreender, de conquistar a opinião. Foi o brilhante vulgarizador das idéias inglesas nas suas *Cartas filosóficas*. E o mais impiedoso demolidor dos abusos do antigo regime, dos dogmas da religião revelada no seu dicionário portátil. É aí, na polêmica, que se depara o verdadeiro gênio de Voltaire; aí ele brinca, se irrita, faz prodígios de espírito. Pode-se não apreciar as suas idéias, pode-se mesmo detestá-las, mas é impossível não se inclinar diante de sua arte endiabrada e fremente.

Entretanto, acima de tudo Voltaire é o mestre do romance, ou mais exatamente, do conto filosófico, da facécia, e um notável epistológrafo. Sempre se lerá *Cândido* com prazer e se folheará com delícia a sua correspondência. É em relação a essas obras que a frase de Frederico assume inteiro valor: "Não é dado a qualquer um fazer rir o espírito". O riso de Voltaire mudou; há um abismo entre o sorriso leve e irônico que paira sobre os lábios de Voltaire moço, do retrato de Largillière, e o riso sardônico do busto de Houdon. O riso de Voltaire perdeu a graça do pajem divertido com a vida para tornar-se urna arma temível: "Este mundo é uma guerra e quem ri a expensas de outrem é o vencedor". Fez, com efeito, de seu riso não mais a leve espuma de que fala em uma de suas cartas, e que ferve na taça erguida, mas a máquina infernal que se colocou no velho mundo de antes de 1789 como uma carga de dinamite e o fez saltar pelos ares. E isso, mais seguramente por certo do que Rousseau com toda a sua eloqüência proletária e sua dialética feroz.

Voltaire e o Novo Mundo

por Gilbert Chinard

tradução:
Mario Quintana

NÃO SE PODIA ESPERAR do autor do *Mundano,* do homem que não cessou de zombar, a vida inteira, dos apóstolos da vida simples, que demonstrasse grande entusiasmo pelos povos bárbaros do Novo Mundo. Ao contrário, ele desculpa as crueldades dos espanhóis, as quais, a seu ver, podem explicar-se por um desejo muito legítimo de represálias. Se os conquistadores tiveram a mão pesada, os peruanos e mexicanos, com seus sacrifícios sanguinários, estão longe de aparecer-lhe como santinhos, e se foram aniquilados, tanto melhor para a espécie humana.[11] No fundo ele admira, e muito, os companheiros de Cortez e de Pizarro pela grandeza de sua conquista e de seus êxitos. Pela mesma razão celebra de maneira quase lírica os feitos dos Flibusteiros a quem chama "heróis do banditismo". Embora "só tenha ficado a lembrança de seu valor e de sua crueldade", percebe-se que nutre por eles uma simpatia que mal procura dissimular.[12]

Condena contudo a conquista do Novo Mundo, mas por motivos bem diversos dos de Rousseau. Para ele o negócio não valia os riscos e os gastos, e os homens que durante dois séculos foram morrer nas Índias, não sem glória mas sem proveito para sua pátria, teriam andado melhor ficando na Europa. Tem horror a essas expedições longínquas e deplora que, caindo no mesmo erro dos espanhóis, gastássemos tanto dinheiro e tantas vidas pela Louisiana, as Antilhas e o próprio Canadá, que não passa de uma péssima região.[13] Valeram-se disso para censurar a Voltaire sua falta de patriotismo; seria mais certo dizer que carecia de clarividência

não suspeitando sequer o desenvolvimento que deveriam ter um dia essas colônias que desprezava. Seu pensamento verdadeiro se encontra algumas páginas adiante. Partidário decidido da "penetração pacífica", como diríamos hoje, lamenta que não tenhamos dado liberdade aos jesuítas, os quais, sem efusão de sangue, teriam levado a cabo a conquista do Novo Mundo para a França. Entre todas as colônias européias na América ele só admira uma, a do Paraguai, não pela religião que aí reina, mas porque os bons padres, cuja coragem é, pelo menos, tão grande quanto a coragem guerreira, "timbraram em submeter os selvagens pela instrução e a persuasão". "Somente eles, entre todos os colonizadores do Novo Mundo, souberam construir um império sem cometer inúteis crueldades. À barbárie e à ignorância substituíram a ordem, a ciência, a felicidade; sob a sua disciplina leve mas firme os habitantes aprenderam a cultivar a terra"; civilizaram-se, por conseguinte viram aumentar sua felicidade.[14] É que para Voltaire a felicidade resulta natural e necessariamente da civilização, por isso só admira os índios na medida em que os podemos considerar civilizados. No início do *Ensaio* já ele tivera o cuidado de explicar-se com clareza a esse respeito, de fulminar Lafiteau e seus sucessores:[15] "Entendeis por selvagens animais de dois pés, capazes de andar sobre as mãos se necessário, isolados, errando nas florestas, *salvatici, selvaggi,* juntando-se ao acaso, esquecendo as mulheres a que se uniram, não conhecendo nem filhos nem pais, vivendo como feras, sem entretanto os mesmos recursos e instintos? Escreveu-se que esse é o verdadeiro estado do homem, e que nada mais fizemos senão degenerar miseravelmente desde que o abandonamos. Não creio que essa vida solitária atribuída a nossos pais esteja na natureza humana". Houve pois, desde sempre, uma espécie qualquer de sociedade, "não éramos feitos para viver à maneira dos ursos".

Mas logo em seguida Voltaire proclama que por mais desgraçados e bárbaros que nos pareçam, os povos do Novo Mundo são ainda superiores, em inteligência e principalmente em felicidade, àqueles a quem chama selvagens da Europa, isto é, aos camponeses que vão à missa e formam os exércitos.[16] "Entendeis por selvagens labregos vivendo em cabanas com suas famílias e alguns animais, expostos permanentemente às intempéries; conhecendo apenas a terra que os nutre e os mercados aonde vão por vezes vender seus gêneros a fim de adquirir algumas grosseiras vestimentas; falando um jargão que não se compreende nas cidades; tendo poucas idéias

e portanto poucas expressões; submetidos sem saber por quê a um plumitivo a quem entregam a metade do que ganham com o suor do rosto; reunindo-se em certos dias numa espécie de celeiro a fim de celebrar cerimônias que não compreendem e ouvir um homem vestido de modo diferente e que eles não entendem; abandonam suas palhoças por vezes ao roncarem os tambores e assentando praça para se fazer matar numa terra estranha pelo quarto do que podem ganhar no trabalho? Há selvagens dessa espécie em toda a Europa.[17] Devemos convir, sobretudo, em que os povos do Canadá e os cafres que timbramos em considerar selvagens são infinitamente superiores aos nossos. O hurão, o algonquim, o ilinóis, o cafre, o hotentote conhecem a arte de fabricar eles próprios tudo de que precisam e essa arte falta aos nossos campônios. As hordas da América e da África são livres e os nossos selvagens não têm sequer idéia da liberdade."

Para Voltaire o descobrimento da América apresenta um interesse puramente histórico, "pois todos os povos foram durante séculos o que são hoje os habitantes das costas meridionais da África, os de inúmeras ilhas e a metade dos americanos". O que não quer dizer, nem de longe, que devamos admirá-los e ainda menos tentar imitá-los.

A atitude de Voltaire se evidencia ainda mais claramente nas cartas que escreveu a propósito de uma obra que fez muito barulho em seu tempo, embora não tivesse grande mérito. Um padre filósofo, amigo de Frederico, o abade de Paw, pretendeu provar, nas suas *Pesquisas filosóficas* acerca dos americanos, que os selvagens do Novo Mundo levavam, antes da chegada dos europeus, uma existência precária e miserável e que sua vida não cessara de melhorar desde a conquista. Era a contrapartida da teoria de Jean-Jacques. Esforçava-se principalmente por mostrar que não se podia em absoluto confiar nos missionários que "estonteados pela vertigem de seu entusiasmo viram tão mal as coisas que à leitura de suas *Cartas edificantes* tem a gente a impressão de transportar-se para o centro das absurdezas e dos prodígios". Na realidade, os americanos não devem ser considerados senão como "uma espécie degenerada da humanidade, covarde, impotente, sem força física, sem vigor e sem elevação de espírito". Isso basta a Voltaire, que o proclama "um verdadeiro sábio, pois não imagina favorecer os modernos" *a priori.* Infelizmente, De Paw, prosseguindo na sua obra de crítica impiedosa e destruidora de lendas, atacava pouco depois com a mesma violência a

parte das *Cartas edificantes* que dizia respeito à China. Voltaire dessa feita zangou-se seriamente. Tudo é permitido contra os americanos que se assemelham demasiado aos homens naturais de Rousseau, desde que os golpes desfechados nuns não atinjam os outros. Mas que não se toque nos virtuosos chineses, os quais por direito de conquista filosófica pertencem a Voltaire. E ei-lo que se dedica a compor um panfleto intitulado *Das cartas chinesas, indianas e tártaras ao sr. De Paw, por um beneditino.* Nele refere-se, de resto, somente aos chineses que são civilizados superiores, que possuem uma religião e, sobretudo, uma filosofia notável, um governo maravilhosamente organizado e que há muitos séculos gozam de uma invejável felicidade.[18]

Não é mais indulgente com os selvagens em *Cândido,* paródia maliciosa das narrativas de viagens e aventuras e que nos mostra a que ponto Voltaire se familiarizara com essa literatura especial.[19] Lembram-se todos da pintura que faz dos orelhudos tão semelhantes a macacos que Cândido atira neles. Só têm uma qualidade, não gostam dos jesuítas e os põem no espeto sempre que conseguem pegá-los, "o que obedece ao direito natural, o qual nos ensina a matar o próximo, e assim ocorre em toda a terra". O elogio é mesquinho, como se vê.

O Hurão ou o Ingênuo, apesar de seu título prometedor, não é mais favorável aos selvagens. Aliás o Ingênuo é um falso Hurão, pois é raptado em criança e volta ao seio de sua família na Baixa Bretanha. Poderia ser persa, turco ou siamês sem que houvesse necessidade de trocar uma só palavra ao conto de Voltaire. Ele não faz sequer comparações entre a felicidade dos selvagens do Canadá e os de França, e se ajeita tão bem à civilização, em que pesem os seus infortúnios, que "Louvois consegue fazer do Ingênuo um excelente oficial, o qual surgiu em Paris com outro nome e foi a um tempo guerreiro e filósofo intrépido".[20] Estamos longe do selvagem de Deslile que se recusava a permanecer nas cidades e pedia como uma graça ser reconduzido às suas florestas.

Voltaire não era o único a evidenciar tal desprezo pelos índios. La Condamine já voltara muito desiludido de sua viagem pela América Meridional. Não descobrira nem a virtude nem a felicidade que, acreditando nos missionários, julgara encontrar. "Não se pode ver sem humilhação", dizia em seu relatório à Academia, "a que ponto o homem abandonado à sua natureza e privado de educação e de sociedade difere pouco do animal."[21] Apesar de algumas reservas a favor dos selvagens, é

o mesmo sentimento que predomina nas obras de Pierre Poivre.[22] Esse honesto intendente que percorre as colônias francesas fazendo conferências para demonstrar que a felicidade resulta de uma boa agricultura prega *a volta à natureza a vida* do campo e não a anarquia. Um homem que considera que um país mal cultivado só pode ser habitado por bárbaros ou escravos está longe das teorias do *Discurso sobre a desigualdade* e da admiração de Rousseau pelos povos nômades.

Contos e novelas de Voltaire

tradução:
Mario Quintana

As notas introdutórias do texto voltariano, de autoria de Sérgio Milliet, estão compostas em itálico.

Zadig ou o destino

HISTÓRIA ORIENTAL

A duquesa du Maine *reunia em suas "noites brancas de Sceaux" escritores e mundanos. Imaginara uma loteria assaz original com as vinte letras do alfabeto. Quem tirava o C tinha de escrever uma comédia, quem tirava o O uma ópera etc. A sorte obrigou Voltaire a escrever romances. Nessa sociedade era igualmente punida qualquer gaffe. E a punição consistia em escrever "um conto na hora". Punição mais agradável em verdade, quando era Voltaire o punido, do que aquela que Boileau infligia a seus amigos: "a leitura de alguns versos de Chapelain".*

Os primeiros contos assim escritos por Voltaire, para divertimento dessa sociedade, perderam-se, à exceção de dois que se encontram no fim deste volume e de Zadig*, que foi publicado mais tarde em Londres (1747) sem nome de autor, sob o título de* Memnon, História oriental. *Uma segunda edição, ampliada, foi editada em 1748, sob o título definitivo de* Zadig. *Voltaire, aliás, não cessou nunca de rever a novela e acrescentar novos capítulos. Alguns até, como os da "Dança" e dos "Olhos azuis", só apareceram após a morte do autor.*

O Oriente estava em moda desde a segunda metade do século XVII. Racine escrevera Bajazet*, tragédia do Serralho, Molière juntara a seu* Burguês gentil-homem *uma* turquerie *bufa e La Fontaine inspirara-se, nas suas últimas fábulas, em apologias orientais. O século XVIII vê continuar o movimento, sabe-se que Montesquieu passeia um persa por Paris a fim de melhor criticar os costumes de seu país. Deve-se situar* Zadig *nesse conjunto de narrativas e obras inspiradas na moda do Oriente. Mas Voltaire inventou algo novo: o conto filosófico. Sua intenção não é divertir-nos nem nos fazer viajar, mas dicutir idéias no estilo galhofeiro das "noites brancas de Sceaux".*

Já na sua época Voltaire era acusado de plágio. O capítulo sobre "o nariz" inspira-se com efeito em um conto chinês vulgarizado em França

em 1735 por Jean Baptiste Duhalde; o de "O cão e o cavalo" está nas Viagens e aventuras dos príncipes Sarendip*, traduzidas do persa; o do "eremita" parece tirado de um poema de igual título de Thomas Parnell. É que Voltaire, como todos os grandes escritores clássicos, faz seus os bens que encontra; o que lhe importa não é o assunto, mas a maneira de tratá-lo; por outro lado seus empréstimos serviam-lhe para dar à narrativa sabor mais oriental.*

O romance é dedicado à sra. Pompadour, que se esconde sob o nome da sultana Sherra. Voltaire precisava, na verdade, dessa alta proteção para fazer com que aceitassem o conto. Escrevia a D'Argental: "aborrece-me passar por autor de Zadig *[...] que ousam acusar de conter dogmas temerários contra a nossa santa religião". É certo que a crítica religiosa não ocupa em* Zadig *o lugar que terá mais tarde na obra de Voltaire, mas já se percebe a tendência, ocasionalmente. O filósofo considera com efeito que todas as religiões, do Egito, da Índia, da Caldéia, da China, dos gregos e dos celtas, são equivalentes, porquanto em última instância consistem todas na adoração do ser supremo. É o repúdio do privilégio exclusivo da Igreja Católica como reveladora única da verdade.*

S. M.

Epístola dedicatória à sultana Sheraá, por sadi

18 do mês de *schewal* **do ano 837 da Hégira.**

ENCANTO DOS OLHOS, tormento dos corações, luz do espírito, não beijo a poeira de vossos pés porque não costumais andar, ou só o fazeis sobre tapetes do Irã ou pétalas de rosas. Ofereço-vos a tradução deste livro de um sábio antigo, que, gozando a ventura de não ter nada que fazer, teve também a de se divertir escrevendo a história de Zadig: obra que diz mais do que parece. Lede e julgai-a, peço-vos: porque, embora vos acheis na

primavera da vida, embora andem a reclamar-vos todos os prazeres, e os dotes que possuís ainda realcem a vossa beleza; embora vos louvem da noite ao alvorecer, cabendo-vos, assim, o direito de não ter senso comum, revelais no entanto um espírito bastante avisado e um gosto bastante fino; e a verdade é que já vos ouvi discorrer muito melhor que derviches de longa barba e chapéu pontiagudo. Sois discreta e não sois desconfiada; sois doce sem ser fraca; benevolente, porém com discernimento; amais vossos amigos e não fazeis inimigos. Vosso espírito jamais buscou seu encanto na maledicência; não dizeis mal, nem o fazeis, apesar de prodigiosa facilidade que teríeis para uma coisa e outra. Contais, até, com um pequeno fundo de filosofia; e isso me faz acreditar que apreciareis mais do que qualquer outra mulher esta obra composta por um sábio.

Foi primeiro escrita em antigo caldaico, que nenhum de nós compreende, e depois traduzida, em árabe, para divertir o célebre sultão Ulubeg. Era no tempo em que árabes e persas começavam a escrever Mil e uma noites, Mil e um dias etc. Ulubeg comprazia-se mais no Zadig, mas as sultanas preferiam os Mil e um. "Como podeis suportar — dizia-lhes o sábio Ulubeg — "histórias completamente desarrazoadas e que não significam coisa alguma?" — "Por isso mesmo é que nós gostamos" — retrucavam as sultanas.

Folgo que não vos assemelheis a elas, mas sim que haveis de ser um verdadeiro Ulubeg. E, quando vos aborrecerem as conversações de ordem geral (que tanto se parecem aos Mil e um, embora menos divertidas), espero conseguir um minuto para ter a honra de vos dizer a verdade. Se fôsseis Talestris do tempo de Scander, filho de Filipe, se fôsseis a rainha de Sabá do tempo de Salomão, esses reis é que fariam a minha viagem.

Rogo às potências celestiais que os vossos prazeres sejam sem mescla, a vossa beleza durável, e infinita a vossa felicidade.

SADI

I. O caolho

NO TEMPO DO REI MOABDAR havia na Babilônia um jovem chamado Zadig e cuja boa índole se aprimorara pela educação. Embora moço e rico, sabia moderar as paixões; não afetava nada; não pretendia ter sempre razão, e costumava respeitar a fraqueza dos homens. Era de espantar que, com tanto espírito, jamais procurasse meter a ridículo esses diálogos tão vagos, tão incoerentes, tão irrequietos, essas temerárias maledicências, esses juízos ignaros, essas grosseiras chocarrices, esse vão palavrório, a que se chamava *conversação* em Babilônia. Aprendera, no primeiro livro de Zoroastro, que o amor-próprio é um balão cheio de vento, de onde brotam tempestades quando se lhes dá uma alfinetada. Não se vangloriava, principalmente, de desprezar as mulheres e subjugá-las. Era generoso; não se arreceava de prestar serviços a ingratos, conforme este grande preceito de Zoroastro: *Quando comeres, dá de comer aos cães, ainda que te mordam.* Era o mais sábio possível, pois procurava viver com os sábios. Instruído na ciência dos antigos caldeus, não ignorava os princípios físicos da natureza, tais como se conheciam então, e, quanto à metafísica, sabia dessa matéria o que sempre se soube em todas as épocas, isto é, pouquíssima coisa. Estava firmemente convicto de que o ano se compunha de trezentos e sessenta e cinco dias e um quarto, mau grado a nova filosofia do seu tempo, e de que o sol ficava no centro do mundo; e quando os principais magos, com insultuosa arrogância, lhe diziam que demonstrava, assim, maus sentimentos e que só um inimigo do Estado poderia acreditar que o Sol girasse sobre si mesmo e o ano tivesse doze meses — Zadig calava sem cólera e sem desprezo.

Com grandes riquezas, e por conseguinte com amigos, de boa saúde, agradável aparência, espírito justo e moderado, e um coração sincero e nobre, julgou que podia ser feliz. Ia desposar Semira, cujo nascimento e fortuna a tornavam o primeiro partido de Babilônia. Dedicava-lhe um firme e virtuoso afeto e Semira o amava com paixão. Não tardava o feliz momento que os ia unir, quando, passeando os dois pelas proximidades de uma das portas de Babilônia, viram encaminhar-se a seu encontro alguns homens armados de sabres e flechas. Eram os satélites do jovem Orcan, sobrinho de um ministro, e a quem os cortesãos do tio haviam feito acreditar que tudo lhe era permitido. Não tinha nenhuma das graças ou virtudes de Zadig; mas, julgando valer muito mais, exasperava-se por não ser o predileto. Tal ciúme, que só a vaidade inspirava, o convencera de que amava loucamente a Semira. E queria raptá-la. Os asseclas lançaram-se a

ela e, na sua brutalidade, chegaram a feri-la, derramando o sangue daquela criatura cuja vista seria capaz de enternecer os tigres do monte Imaús. Ela feria os céus com seus lamentos. “O meu caro esposo! — bradava. — Arrancam-me aquele a quem adoro!” Não se preocupava com o próprio perigo; pensava apenas no seu Zadig, o qual, ao mesmo tempo, a defendia com todas as forças que emprestam a coragem e o amor. Somente com o auxílio de dois escravos, pôs os homens em fuga, carregando-a, desfalecida e ensangüentada, para a casa de seus pais. Logo que Semira voltou a si, deu com os olhos no seu salvador, e disse-lhe: “Ó, Zadig! antes eu te amava como a meu esposo; mas agora amo-te como aquele a quem devo a honra e a vida”. Nunca houve coração mais comovido que o de Semira. Nunca uns lábios encantadores exprimiram mais tocantes sentimentos, com essas ardentes palavras inspiradas na maior gratidão e nos transportes do mais justificado amor. Seus ferimentos eram leves; ficou logo boa. Zadig fora atingido mais gravemente; uma flechada perto de um olho produzira-lhe profundo ferimento. Semira só pedia aos deuses a cura de seu amado. Seus olhos, noite e dia, estavam banhados de lágrimas: esperava o momento em que os de Zadig pudessem gozar de seus olhares; mas um abscesso, que se formou na vista afetada, deu causa às maiores apreensões. Mandaram chamar em Mênfis o grande médico Hermes, que chegou com numeroso séquito, visitou o enfermo, e declarou que este perderia a vista; predisse até dia e hora em que deveria suceder o nefasto acidente. “Se fosse o olho direito — disse ele —, eu poderia curá-lo; mas as feridas na vista esquerda são incuráveis.” Toda Babilônia, lamentando o destino de Zadig, admirou a profundeza da ciência de Hermes. Dois dias depois, o abscesso resolveu-se por si mesmo; Zadig ficou completamente são. Hermes escreveu então um livro, em que lhe provou que não deveria ter sarado. Zadig não o leu; mas, logo que pôde sair, aprestou-se para visitar aquela em que fazia consistir toda a sua felicidade e só pela qual desejava conservar os dois olhos. Fazia três dias que Semira se achava no campo. Soube, em caminho, que essa bela dama, depois de declarar, abertamente, a sua invencível aversão aos caolhos, desposara Orcan naquela mesma noite. A essa nova, Zadig perdeu os sentidos; a dor o levou à beira do túmulo; por muito tempo esteve doente; mas enfim a razão venceu o sofrimento, e a própria atrocidade do que experimentava serviu para o consolar.

“Já que sofri” — disse ele — “tão cruel capricho de uma moça da Corte, devo agora procurar uma burguesa.”

Escolheu Azora, a mais recatada donzela e a de melhor família da cidade; desposou-a, e viveu com ela um mês entre os encantos da mais doce união. Apenas lhe notava certa leviandade e demasiado pendor para achar que eram exatamente os jovens mais bonitos que tinham mais espírito e virtudes.

II. O nariz

Um dia Azora voltou de um passeio muito encolerizada e com grandes exclamações.

— Que tens, minha querida esposa? Quem te pôs nesse estado?

— Ah! ficarias como eu, se visses o que acabo de presenciar. Fui confortar a viúva Cosni, que há dois dias edificou um túmulo para seu jovem esposo, junto ao arroio que banha as redondezas. Na sua aflição, prometera aos deuses que ficaria junto do túmulo enquanto lhe corressem ao lado as águas do arroio.

— Pois então! Eis aí uma estimável mulher, que amava verdadeiramente a seu marido!

— Ah! se soubesses em que se ocupava ela quando a fui visitar!

— Em que, minha bela Mora?

— Ela estava mandando desviar o arroio.

E Azora alongou-se em tais invectivas, explodiu em recriminações tão violentas, que não agradou em nada a Zadig tamanha ostentação de virtude.

Tinha este um amigo, chamado Cador, que era um daqueles jovens a quem sua mulher atribuía mais probidade e mérito que aos outros: confiou-lhe os seus pensamentos e assegurou-se, como podia, da sua fidelidade, dando-lhe um valioso presente. Azora, que passara dois dias no campo em casa de uma amiga, regressou no terceiro dia. Criados em pranto anunciaram-lhe que o marido morrera subitamente naquela noite e que, não ousando levar-lhe essa infausta notícia, acabavam de sepultá-lo

no túmulo de seus pais, ao fundo do jardim. Ela chorou, arrancou os cabelos, e jurou morrer. À noite, Cador pediu-lhe licença para lhe falar, e choraram ambos. No dia seguinte, choraram menos, e jantaram juntos. Cador confessou que o amigo lhe deixara a maior parte de sua fortuna, e deu a entender que a maior ventura, para ele, seria compartilhá-la com Azora. A dama chorou, irritou-se, voltou às boas; a ceia foi mais longa que o jantar; falaram-se com mais confiança: Azora fez o elogio do defunto; mas confessou que Zadig tivera em vida alguns defeitos de que Cador era isento.

Durante a ceia, Cador queixou-se de uma violenta pontada no baço; a dama, inquieta e solícita, mandou trazer todas as essências com que se perfumava, a fim de ver se alguma não seria boa para aquilo; lamentou muito que o grande Hermes já não estivesse em Babilônia; dignou-se até a tocar no ponto onde Cador sentia dores tão agudas.

— E tens muito seguido esses cruéis ataques? — perguntou-lhe, cheia de compaixão.

— Levam-me às vezes à beira do túmulo, e só há um remédio que me dá alivio: é aplicar no local o nariz de um homem falecido na véspera.

— Estranho remédio! — espantou-se Azora.

— Não mais estranho — respondeu Cador — que os saquinhos do senhor Arnoult contra apoplexia.[1]

A esta razão, juntamente com os extraordinários méritos do jovem, rendeu-se afinal a dama. “Em todo caso — disse ela consigo —, quando meu marido, na ponte de Tchinavar, passar do mundo de ontem para o mundo de amanhã, será que o anjo Asrael deixará de lhe dar passagem, só porque ele vai ter o nariz um pouco mais curto na segunda vida do que na primeira?” Tomou, pois, uma navalha; foi ao túmulo do esposo; regou-o de lágrimas, e aproximou-se para cortar o nariz a Zadig, que encontrou estendido na tumba. Zadig ergueu-se, defendendo o nariz com uma das mãos e detendo a navalha com a outra.

—Senhora, disse ele, não clame tanto assim contra a viúva Cosru: o projeto de me cortar o nariz vale bem o de desviar um arroio.

III. O cão e o cavalo

Zadig reconheceu que o primeiro mês do casamento é mesmo, como está escrito no *Zenda*, a lua-de-mel, e que o segundo é a lua de fel. Viu-se dentro em pouco obrigado a repudiar Azora, que se tornara dificílima de trato, e buscou refúgio no estudo da natureza. "Ninguém pode ser mais feliz — dizia ele — do que um filósofo que lê nesse grande livro colocado por Deus ante nossos olhos. É dono das verdades que descobre; alimenta e eleva a alma; vive tranqüilo; nada teme dos homens, e a sua extremosa mulher não lhe vem cortar o nariz."

Penetrado dessas idéias, retirou-se para uma casa de campo à margem do Eufrates. Ali, não se preocupava ele em calcular quantas polegadas de água corriam por segundo sob os arcos de uma ponte, ou se caía mais uma linha cúbica de chuva no mês do rato do que no mês do carneiro. Não planejava fabricar seda com teias de aranha, nem porcelana com cacos de garrafa; mas dedicou-se principalmente ao estudo dos animais e das plantas, adquirindo em breve uma agudeza que lhe desvendava mil diferenças onde os outros não viam mais que uniformidade.

Ora, estando um dia a passear pelas proximidades de um bosque, acorreu-lhe ao encontro um eunuco da rainha, seguido de vários oficiais que demonstravam a maior inquietação e vagavam de um lado para outro, como pessoas desorientadas que houvessem perdido a maior preciosidade deste mundo.

— Jovem — disse-lhe o primeiro eunuco —, não viste o cão da rainha?

— É uma cadela, e não um cão — respondeu Zadig discretamente.

— Tens razão — tornou o primeiro eunuco.

— É caçadeira, e por sinal que muito pequena — acrescentou Zadig. — Deu cria há pouco; manqueja da pata dianteira esquerda e tem orelhas muito compridas.

— Viste-a, então? — perguntou o primeiro eunuco, esbaforido.

— Não — respondeu Zadig, — nunca a vi na minha vida, nem nunca soube se a rainha tinha ou não uma cadela.

Ao mesmo tempo, por um ordinário capricho da sorte, sucedeu escapar-se das mãos de um palafreneiro o mais belo exemplar das cavalariças do rei, extraviando-se nos campos de Babilônia. O monteiro-mor e todos os outros oficiais corriam à sua procura com mais inquietação do que o primeiro eunuco em busca da cadela. O monteiro-mor dirigiu-se a Zadig e perguntou-lhe se não vira acaso o cavalo do rei.

—É — respondeu Zadig — o cavalo de melhor galope; tem cinco pés de altura e os cascos pequenos; a cauda mede três pés e meio de comprimento; o freio é de ouro de vinte e três quilates; e as ferraduras de prata de onze denários.

— Que direção tomou ele? Onde está? — perguntou o monteiro-mor.

— Não o vi — respondeu Zadig — nem nunca ouvi falar nele.

Omonteiro-mor e o primeiro eunuco não tiveram mais dúvidas de que Zadig houvesse roubado o cavalo do rei e a cadela da rainha; levaram-no perante a assembléia do grande *desterham*, que o condenou ao *knut* e a passar o resto da vida na Sibéria. Mal se encerrara o julgamento, foram encontrados o cavalo e a cadela. Viram-se os juízes na dolorosa obrigação de reformar sua sentença; mas condenaram Zadig a desembolsar quatrocentas onças de ouro, por haver dito que não vira o que tinha visto. Primeiro foi preciso pagar a multa; depois concederam-lhe licença para se defender perante o conselho do grande *desterham*. Zadig falou nos seguintes termos:

"Estrelas de justiça, abismos de ciência, espelhos da verdade, ó vós que tendes o peso do chumbo, a dureza do ferro, o fulgor do diamante e tanta afinidade com o ouro! Já que me é dado falar perante essa augusta assembléia, juro-vos por Orosmade que jamais vi a respeitável cadela da rainha, nem o sagrado cavalo do rei dos reis. Eis o que me aconteceu. Passeava eu pelas cercanias do bosque onde vim a encontrar o venerável eunuco e o ilustríssimo monteiro-mor, quando vi na areia as pegadas de um animal. Descobri facilmente que eram as de um pequeno cão. Sulcos leves e longos, impressos nos montículos de areia, por entre os traços das patas, revelaram-me que se tratava de uma cadela cujas tetas estavam pendentes, e que portanto não fazia muito que dera cria. Outras marcas em sentido diferente, que sempre se mostravam no solo ao lado das patas dianteiras, denotavam que o animal tinha orelhas muito compridas; e, como notei que o chão era sempre menos amolgado por uma das patas do que pelas três outras, compreendi que a cadela de nossa augusta rainha manquejava um pouco, se assim me ouso exprimir.

"Quanto ao cavalo do rei dos reis, seja-vos cientificado que, passeando eu pelos caminhos do referido bosque, divisei marcas de ferraduras que se achavam todas a igual distância. 'Eis aqui — considerei — um cavalo que tem um galope perfeito.' A poeira dos troncos, num estreito caminho de sete pés de largura, fora levemente removida à

esquerda e à direita, a três pés e meio do centro da estrada. ‘Esse cavalo — disse eu comigo — tem uma cauda de três pés e meio, a qual, movendo-se para um lado e outro, varreu assim a poeira dos tronco.’ Vi debaixo das árvores, que formavam um dossel de cinco pés de altura, algumas folhas recém-tombadas e conclui que o cavalo lhes tocara com a cabeça e que tinha, portanto, cinco pés de altura. Quanto ao freio, deve ser de ouro de vinte e três quilates: pois ele lhe esfregou a parte externa contra certa pedra que eu identifiquei como uma pedra de toque. E, enfim, pelas marcas que as ferraduras deixaram em pedras de outra espécie, descobri eu que era prata de onze denários.”

Todos os juízes pasmaram do profundo e sutil discernimento de Zadig, o que logo chegou aos ouvidos do rei e da rainha. Só se falava em Zadig nas antecâmaras, na câmara e no gabinete; e, embora vários magos opinassem que o deviam queimar como feiticeiro, ordenou o rei que lhe restituíssem as quatrocentas onças de ouro a que fora multado. O escrivão, os meirinhos, os procuradores compareceram em grande pompa à presença de Zadig, para lhe entregar as suas quatrocentas onças; apenas retiveram trezentas e noventa e oito para as custas do processo, e os seus ajudantes reclamaram gratificação.

Zadig compreendeu como era às vezes perigoso ser demasiado sábio, e jurou consigo que, na próxima ocasião, nada diria do que acaso houvesse testemunhado.

Essa oportunidade não se fez esperar. Um prisioneiro de Estado, que fugira, passou pelas janelas de sua casa. Zadig, interrogado, nada respondeu; mas provaram-lhe que ele olhara pela janela. Foi multado, por esse crime, em quinhentas onças de ouro, e ele agradeceu a indulgência dos juízes, segundo o costume de Babilônia. “Como é lamentável, meu Deus — dizia ele consigo —, ir a gente passear num bosque por onde passaram a cadela da rainha e o cavalo do rei! Que perigoso chegar à janela! E que difícil ser feliz nesta vida!”

IV. O invejoso

Zadig procurou consolo, na filosofia e na amizade, dos males que lhe causara a sorte. Possuía, num arrabalde de Babilônia, uma casa arranjada com excelente gosto, onde acolhia todas as artes e divertimentos dignos de um homem de bem. De manhã, franqueava a biblioteca a todos os sábios; e a mesa, de noite, à gente de boa companhia. Mas logo viu como são perigosos os primeiros. Explodiu entre eles uma grande querela acerca da lei de Zoroastro que proibia comer grifo.

— Como proibir carne de grifo — diziam uns —, se esse animal não existe?

— Tem de existir — diziam outros —, visto que Zoroastro não quer que o comam.

Zadig procurou harmonizá-los, dizendo:

— Se houver grifos, não os devemos comer; se não os houver, muito menos os comeremos; e assim, de qualquer modo, obedecemos todos a Zoroastro.

Um sábio, que compusera treze volumes sobre os grifos e que, além disso, era grande teurgista, se apressou em ir acusar Zadig perante um arquimago chamado Yebor, o mais tolo dos caldeus e, portanto, o mais fanático. Esse homem seria capaz de mandar empalar Zadig para maior glória do Sol, recitando depois o breviário de Zoroastro no tom mais satisfeito do mundo. O amigo Cador (um amigo vale mais que cem sacerdotes) foi procurar o velho Yebor e disse-lhe:

— Viva o sol e os grifos! guardai-vos de punir Zadig; é um santo, ele tem grifos no terreiro e não os come; e o seu acusador é um herege que ousa sustentar que os coelhos têm a pata fendida e não são imundos.

— Pois bem — disse Yebor, balançando a calva —, cumpre empalar Zadig por ter pensado mal dos grifos, e o outro por ter falado mal dos coelhos.

Cador contornou a questão por intermédio de uma dama de honor a quem fizera um filho e que gozava de muito crédito junto ao colégio dos magos. Ninguém foi empalado, motivo pelo qual muitos doutores começaram a murmurar, vaticinando a decadência de Babilônia. “Do que depende a felicidade! — exclamou Zadig — Tudo me persegue neste mundo, até os seres que não existem.” Amaldiçoou os sábios, e dali por diante só procurou viver em boa companhia.

Reunia em casa os homens mais distintos de Babilônia e as damas mais amáveis; oferecia delicadas ceias, muita vez precedidas de concertos

e animadas por encantadoras conversações de que soubera banir o empenho de mostrar espírito, que é a mais certa maneira de não o ter e de estragar a sociedade mais brilhante. Nem a escolha dos amigos, nem a dos pratos, era ditada pela vaidade: pois em tudo preferia o ser ao parecer; e com isso atraíra a verdadeira consideração, à qual não aspirava.

Defronte à sua casa morava Arimaze, personagem cuja mesquinha alma se lhe via pintada na grosseira fisionomia. Vivia corroído de fel e inchado de orgulho; e, para cúmulo, era um aborrecido "espirituoso". Não tendo jamais alcançado sucesso na sociedade, vingava-se falando mal dela. Opulento como era, tinha dificuldade em reunir alguns aduladores nos seus salões. Importunava-o o rumor dos carros que paravam à noite diante da casa de Zadig, e ainda mais o irritava o rumor de seus louvores. Ia algumas vezes visitar Zadig e sentava-se à mesa sem ser convidado: corrompia então toda a alegria da sociedade, como dizem que as harpias envenenam a carne em que tocam. Aconteceu-lhe uma vez oferecer uma festa a certa dama, que, em vez de aceitá-la, foi cear em casa de Zadig. Doutra feita, estando ambos em palácio, abordaram um ministro, que convidou Zadig para cear, sem estender o convite a Arimaze. Os mais implacáveis ódios não têm comumente raízes mais importantes. Esse homem, a quem chamavam o Invejoso, planejou perder Zadig, porque a este chamavam o Feliz. A oportunidade de fazer mal depara-se cem vezes por dia, e a de fazer bem uma vez por ano, diz Zoroastro.

Oinvejoso foi ter com Zadig, que passeava no jardim em companhia de dois amigos e uma dama a quem muita vez dizia coisas galantes, sem maior intenção que lhas dizer. Conversavam sobre a guerra que o rei acabava de ganhar ao príncipe de Hircânia, seu vassalo. Zadig, que se assinalara, pela coragem, nessa curta guerra, louvava muito o rei e ainda mais a dama. Tomou as suas tabuinhas, e escreveu quatro versos de improviso, dando-os a ler à sua bela companheira. Os amigos pediram que lhos lesse; mas a modéstia o impediu, ou antes, um bem compreendido amor-próprio. Sabia que versos improvisados só prestam para aquela em cuja honra são compostos: quebrou em duas a tabuinha onde acabava de escrever e lançou as duas metades numa moita de rosas, onde em vão os outros as procuraram. Como principiasse a garoar, entraram em casa. O invejoso, tendo ficado no jardim, tanto procurou que encontrou uma das metades. Fora rompida de tal modo que cada metade de linha formava sentido e até mesmo um verso de menor medida; mas, por um acaso ainda

mais estranho, o conjunto desses quatro pequenos versos também completava um sentido que continha as mais terríveis injúrias contra o rei. Lia-se, pois:

Pelo crime brutal
Venceu o soberano,
Na paz universal
É o único tirano.

O invejoso sentiu-se feliz pela primeira vez na vida. Tinha entre as mãos com que perder a um homem virtuoso e digno. Cheio de cruel alegria, fez chegar ao rei aquela sátira escrita por mão de Zadig; puseram-no em prisão, a ele, aos seus dois amigos e à dama. Em breve foi concluído o processo sem que se dignassem inquiri-lo. Quando foi ouvir a sentença, encontrou de passagem o invejoso, o qual lhe disse que os seus versos não valiam nada. Zadig não tinha pretensões a bom poeta; mas exasperava-se de ser condenado por crime de lesa-majestade e ver que retinham em prisão uma bela dama e dois amigos, por causa de um atentado que ele não cometera. Não lhe permitiram que falasse, porque as suas tábuas falavam o bastante. Tal era a lei de Babilônia. Mandaram-no, pois, ao suplício, através de uma multidão de curiosos, nenhum dos quais ousava lamentá-lo, e que se precipitavam para examinar-lhe o rosto e ver se ele morria de boa cara. Apenas seus parentes estavam aflitos, pois não herdavam nada. Três quartos de seus bens eram confiscados em proveito do rei, e o último quarto em proveito do invejoso.

Enquanto ele se preparava para a morte, o papagaio do rei voou do seu balcão e foi pousar no jardim de Zadig, sobre uma moita de rosas. De uma árvore vizinha, tombara ali um pêssego, sacudido pelo vento, indo aplastar-se contra um pedaço de tábua de escrever, a que ficara colado. O pássaro carregou o pêssego e a tabuinha, depondo-os sobre os joelhos do monarca. O príncipe, curioso, leu no fragmento umas palavras que não formavam sentido e que pareciam finais de versos. Ele amava a poesia, e sempre há algum recurso com príncipes que gostam de versos: a aventura do papagaio deu-lhe que pensar. A rainha, que se lembrava do que vinha escrito na tábua de Zadig, mandou buscá-la. Confrontaram os dois pedaços, que se ajustavam perfeitamente; surgiram então os versos tais quais Zadig os escrevera:

Pelo crime brutal era assolada a terra.
Venceu o soberano, e libertos nos vimos.
Na paz universal somente o amor faz guerra:
É o único tirano a quem não resistimos.

O rei ordenou em seguida que trouxessem Zadig à sua presença e retirassem da prisão seus dois amigos e a bela dama. Zadig lançou-se de rosto contra o solo aos pés do rei e da rainha: pediu-lhes humildemente perdão de haver feito maus versos; falou com tanta graça, espírito e razão que o rei e a rainha manifestaram desejo de tornar a vê-lo. Voltou, e agradou ainda mais. Deram-lhe todos os bens do invejoso que o acusara injustamente, mas Zadig lhos restituiu, e o invejoso só se comoveu com o prazer de não perder seus haveres. Dia a dia aumentava a estima do rei. Convidava Zadig para todas as suas festas e consultava-o em todos os seus negócios. A rainha começou então a olhá-lo com uma complacência que podia tornar-se perigosa para si mesma, para o rei seu augusto esposo, para Zadig e para o reino. Zadig principiava a crer que não é nada difícil ser feliz.

V. Os generosos

Chegou a época de uma grande festa que se celebrava de cinco em cinco anos. Era costume em Babilônia proclamar solenemente, ao cabo de cinco anos, qual o cidadão que havia praticado a ação mais generosa. Os grandes e os magos serviam de juízes. O primeiro sátrapa, que regia a cidade, expunha as mais belas ações que haviam ocorrido sob o seu governo. Procedia-se à votação; o rei pronunciava a sentença. Dos quatro cantos da terra, vinha gente assistir a essa solenidade. O vencedor recebia das mãos do monarca uma taça de ouro guarnecida de pedrarias, e o rei lhe dizia estas palavras: *Recebei este prêmio da generosidade, e queiram os deuses conceder-me muitos súditos que se assemelhem a vós!*

Chegado o memorável dia, sentou o rei no seu trono, cercado dos grandes, dos magos e dos deputados de todas as nações que compareciam a

essa justa, onde a glória não era conquistada com a rapidez dos cavalos, nem com a força física, mas tão-somente com a virtude. O primeiro sátrapa relatou em voz alta as ações que podiam fazer jus à inestimável recompensa. Não falou da magnanimidade com que Zadig devolvera a fortuna ao invejoso: não era ação que merecesse concorrer ao prêmio.

Apresentou primeiro um juiz que, tendo feito um cidadão perder considerável processo devido a um equívoco de que não lhe cabia responsabilidade alguma, lhe dera no entanto todos os seus bens, que eram do valor do que o outro havia perdido.

Depois um jovem que, loucamente enamorado da moça com quem ia casar, não hesitara em cedê-la a um amigo prestes a expirar de amor por ela; e ainda concorrera com o dote.

E finalmente um soldado que, na guerra de Hircânia, dera ainda maior exemplo de generosidade. Soldados inimigos procuravam raptar-lhe a sua querida, que ele defendia valentemente, quando lhe vieram dizer que outros hircanianos, a alguns passos dali, se apoderavam de sua mãe: deixou, em lágrimas, a bem-amada e correu a livrar a mãe; voltou em seguida para aquela a quem amava, e encontrou-a moribunda. Quis matar-se; a mãe lhe fez ver que ele era o seu único arrimo, e o soldado teve a coragem de suportar a vida.

As simpatias dos juízes inclinavam-se para esse soldado, quando o rei tomou a palavra e disse:

— Sua ação e a dos outros são belas; mas não me espantam; todavia o que ontem fez Zadig me deixou verdadeiramente admirado. Há poucos dias, privara eu de minha graça a meu ministro e favorito Coreb. Queixava-me dele com violência, e todos os cortesãos me asseguravam que fora demasiado brando; cada qual se empenhava em dizer o pior possível de Coreb. Perguntei a Zadig o que pensava, e ele ousou falar bem do desvalido. Confesso que vi, nas nossas histórias, exemplos de quem indenizasse um erro com a própria fortuna, quem cedesse a noiva, ou preferisse a mãe ao objeto de seu amor; mas nunca li que um cortesão haja falado vantajosamente de um ministro em desgraça, contra o qual ainda estivesse encolerizado o soberano. Concedo vinte mil moedas de ouro a cada um cujas generosas ações acabam de ser relatadas; mas entrego a taça a Zadig.

— Sire — disse este —, é Vossa Majestade quem merece a taça, pois foi quem praticou a ação mais inaudita: sendo rei, não vos indignastes por

haver vosso escravo contrariado as vossas paixões.

Admiraram ao rei e a Zadig. O que cedera seus bens, o que casara a noiva com o amigo, o que preferira a salvação da mãe à da mulher a quem amava, receberam os presentes do monarca; tiveram seu nome escrito no livro dos generosos. Zadig ganhou a taça. O rei adquiriu a reputação de bom príncipe, que não conservou por muito tempo. Tal dia foi comemorado com festas mais longas do que o previa a lei — e ainda é lembrado em toda a Ásia. Zadig dizia: "Eis-me enfim feliz!". Mas enganava-se.

VI. O ministro

Perdera o rei seu primeiro-ministro. Escolheu Zadig para substitui-lo. Todas as belas damas de Babilônia aplaudiram a escolha, pois desde a fundação do império não houvera um ministro tão jovem. Todos os cortesãos ficaram descontentes; o invejoso chegou a escarrar sangue, e seu nariz aumentou prodigiosamente. Depois de agradecer ao rei e à rainha, Zadig foi também agradecer ao papagaio:

— Belo pássaro, foste tu quem me salvou a vida e quem me fez primeiro-ministro: a cadela e o cavalo de suas Majestades me haviam feito bastante mal, mas tu me fizeste bem. Eis do que depende o destino dos homens! Mas — acrescentou ele — tão estranha felicidade talvez se acabe dentro em breve.

— Sim — respondeu o papagaio. O que não deixou de impressionar a Zadig. No entanto, como era bom físico e não acreditasse que os papagaios tivessem o dom da profecia, logo se tranqüilizou e pôs-se a exercer o ministério da melhor forma possível.

Fez pesar sobre todos o sagrado poder das leis, e a ninguém fez sentir o peso de sua própria dignidade. Não interferiu nos votos do divã, e cada vizir podia ter sua opinião sem lhe cair no desagrado. Quando julgava uma causa, não era ele quem julgava, era a lei, mas, quando esta era demasiado severa, sabia-a temperar, e, se não havia leis sobre a matéria, a sua

eqüidade as criava tais que poderiam ser tomadas pelas do próprio Zoroastro.

Foi dele que herdaram as nações este grande princípio: antes arriscar-se a salvar um culpado que condenar um inocente. Acreditava que as leis eram feitas para socorrer os cidadãos, tanto quanto para os intimidar. Seu principal talento consistia em deslindar a verdade, que todos os homens procuram obscurecer.

Logo nos primeiros dias de sua administração, pôs à prova esse inestimável dom. Morrera na Índia um famoso negociante de Babilônia; constituíra herdeiros seus dois filhos varões, em partes iguais, depois que houvessem casado a irmã, e deixava ainda trinta mil moedas de ouro àquele dentre os dois filhos que ficasse provado ter-lhe mais amor. O mais velho erigiu-lhe um túmulo, o segundo aumentou com uma parte da própria herança o dote da irmã. "É o mais velho — diziam todos — o que mais ama a seu pai; o mais moço tem mais amor à irmã; é ao mais velho que pertencem as trinta mil moedas."

Zadig mandou chamar a ambos separadamente. Disse ao mais velho:

— Teu pai não morreu; curou-se de sua doença e está de regresso a Babilônia.

— Louvado seja Deus — respondeu o jovem. — Mas eis aí um túmulo que me custou bastante caro!

Zadig disse em seguida a mesma coisa ao mais moço.

— Louvado seja Deus — respondeu este. — Vou devolver a meu pai tudo o que tenho; mas desejaria que ele deixasse com minha irmã o que lhe dei por dote.

— Não devolverás nada — disse Zadig — e terás as trinta mil moedas: és tu que tens mais amor a teu pai.

Uma jovem muito rica prometera casamento a dois magos e, depois de haver recebido, por alguns meses, doutrinação de um e outro, viu-se em estado de gravidez. Ambos queriam desposá-la.

— Tomarei para marido — declarou ela — aquele que me pôs em condições de dar um cidadão ao Império.

— Fui eu que fiz essa boa obra — disse um.

— Fui eu que tive essa vantagem — afiançou o outro.

— Pois bem — concluiu ela —, reconhecerei como pai da criança aquele que lhe puder dar melhor educação.

Nasceu-lhe um menino. Cada um dos magos quer encarregar-se da sua educação. A causa é levada perante Zadig, que manda chamar os dois litigantes.

— Que ensinarás a teu pupilo? — pergunta ele ao primeiro.

— Ensinar-lhe-ei — diz o doutor — as oito partes da oração, e dialética, astrologia, demonomania, e o que vem a ser a substância e o acidente, o abstrato e o concreto, as mônadas e a harmonia preestabelecida.

— Eu — diz o segundo — procurarei torná-lo justo e digno de ter amigos.

Zadig pronunciou-se: *Sejas ou não pai da criança, desposarás a sua mãe.*

VII. Demandas e audiências

Assim mostrava ele todos os dias a sutileza de seu gênio e a bondade de sua alma; admiravam-no e, no entanto, o amavam. Passava pelo mais afortunado dos homens; todo o Império estava cheio de seu nome; todas as mulheres o traziam de olho; todos os cidadãos lhe celebravam a justiça; tinham-no os sábios como um oráculo; os próprios sacerdotes confessavam que ele sabia mais que o velho arquimago Yebor. Longe se estava agora de o processar por causa de grifos; só se acreditava no que lhe parecia crível.

Havia em Babilônia uma grande querela que, tendo começado há coisa de mil e quinhentos anos, ainda dividia o Império em duas seitas irreconciliáveis: pretendia uma que jamais se deveria entrar no templo de Mitra a não ser com o pé esquerdo; abominava a outra tal costume, e só entrava com o pé direito. Esperava-se o dia da festa solene do fogo sagrado para saber qual seita seria favorecida por Zadig. Estava o universo com os olhos pregados nos dois pés, e toda a cidade agitada e suspensa. Zadig entrou no templo saltando de pés juntos, e em seguida provou, numa eloquente oração, que ao Deus do céu e da terra, que não faz exceção de pessoa, tanto lhe importa a perna esquerda como a perna direita.

O invejoso e a mulher acharam que no seu discurso não havia figuras suficientes, nem que fizera devidamente dançar os montes e as colinas. “É seco e sem inspiração — diziam. — Não se lhe vê nem o mar fugir, nem tombarem as estrelas, nem o sol fundir-se como cera; falta-lhe o bom estilo oriental.” Zadig contentava-se em ter o estilo da razão. Todo o mundo concordou com ele, não porque estivesse no bom caminho, não porque fosse razoável, ou amável, mas porque era o primeiro vizir.

Com igual felicidade se resolveu o grande processo entre os magos brancos e os magos negros. Sustentavam os brancos que era uma impiedade voltar-se, quando se orava a Deus, para o Levante; asseguravam os negros que Deus tinha horror às preces dos homens que se voltavam para o Poente. Zadig ordenou que cada qual se voltasse para onde bem lhe parecesse.

Achou meio de expedir, pela manhã, os negócios particulares e os gerais; destinava o resto do dia ao embelezamento de Babilônia; mandava representar tragédias que faziam chorar e comédias que faziam rir, o que de há muito passara de moda, mas a que o seu discernimento dera novo crédito. Não pretendia saber mais que os artistas; recompensava-os com benefícios e distinções, e não se enciumava em segredo com o seu talento. À noite, divertia muito ao rei, e principalmente à rainha. Dizia o rei: “O grande ministro!”, e a rainha: “O amável ministro!”, e ambos acrescentavam: “Que pena se o tivessem enforcado!”.

Jamais um homem na sua posição foi obrigado a conceder tantas audiências às damas. A maioria vinha falar-lhe de complicações que não tinham, para arranjarem alguma com ele. A mulher do invejoso foi das primeiras que se apresentaram; jurou-lhe por Mitra, pelo Zend-Avesta, e pelo fogo sagrado, que fora contra o procedimento do marido; confiou-lhe depois que este era um ciumento, um brutal; deu-lhe a entender que os deuses o puniam recusando-lhe os preciosos efeitos desse fogo sagrado só pelo qual é o homem semelhante aos imortais; acabou por deixar cair a liga; Zadig apanhou-a com a ordinária polidez, mas não a prendeu ao joelho da dama; e essa pequena falta, se o era, foi causa dos mais tremendos infortúnios. Zadig não pensou mais no caso, e a mulher do invejoso pensou muito.

Outras damas se apresentavam todos os dias. Rezam os anais secretos de Babilônia que ele sucumbiu uma vez, mas muito se espantou de o fazer sem volúpia e enlaçar a amante distraidamente. Aquela a quem dera, quase

sem o notar, testemunhos da sua proteção era uma camareira da rainha Astartéia. Essa terna Babilônia dizia consigo mesma, para se consolar: “Que negócios não terá esse homem na cabeça para que sempre ande pensando neles, até quando pratica o amor!”. No instante em que muitas pessoas não dizem patavina e outras só pronunciam palavras sagradas, Zadig exclamara de súbito: “A rainha!”. Julgou a babilônia que ele afinal voltara a si num bom momento e que lhe dizia: “Minha rainha!”. Mas Zadig, sempre absorto, pronunciou o nome de Astartéia. A dama que, naquelas felizes circunstâncias, interpretava tudo em proveito seu, imaginou que aquilo queria dizer: “Tu és mais linda que a rainha Astartéia!”. Saiu do serralho de Zadig cheia de belos presentes. Foi contar a aventura à invejosa, que era sua íntima amiga; esta se sentiu cruelmente ofendida com a preferência.

— Ele nem se dignou — disse ela — prender-me esta liga, que eu aliás não quis mais usar.

— Oh! Imagina! — disse a feliz à invejosa. — Essas tuas ligas são idênticas às da rainha! São feitas pela mesma costureira? — A invejosa ficou absorta em cismas, nada respondeu, e foi consultar seu marido, o invejoso.

No entanto, Zadig se dava conta de suas contínuas distrações durante as audiências e julgamentos; não sabia a que atribuí-las: era esse o seu único cuidado.

Teve um sonho: parecia-lhe estar deitado a princípio sobre ervas secas, entre as quais algumas espinhosas, que o incomodavam, e que depois repousava brandamente num leito de rosas, de onde saía uma serpente que o feria no coração com sua língua aguda e peçonhenta. “Ai! — dizia ele —, bem sei que estive por muito tempo deitado naquelas ervas secas e espinhentas e agora me acho num leito de rosas; mas que significará a serpente?”

VIII. O ciúme

A desgraça de Zadig originou-se da própria ventura, e principalmente de seu mérito. Avistava-se todos os dias com o rei e Astartéia, sua augusta esposa. O encanto da conversação do primeiro-ministro era redobrado por esse desejo de agradar que está para o espírito como o ornamento para a beleza; sua juventude e graça causaram insensivelmente em Astartéia uma impressão de que esta a princípio não se apercebeu. Sua paixão crescia no seio da inocência. Astartéia entregava-se sem escrúpulo e sem temor ao prazer de ver e escutar um homem tão caro a seu esposo e ao Estado; não cessava de o elogiar perante o rei; falava dele às damas de companhia, que ainda acrescentavam os louvores; tudo concorria para lhe aprofundar no coração a flecha que ela não sentia. Fazia presentes a Zadig, nos quais entrava mais galanteria do que supunha; julgava não lhe falar senão como rainha satisfeita de seus serviços, e suas expressões eram, algumas vezes, as de uma mulher sensível.

Astartéia era muito mais bonita do que aquela Semira que tanto odiava aos caolhos, e do que aquela outra mulher que quisera cortar o nariz ao esposo. A familiaridade de Astartéia, suas ternas frases, de que começava a corar, seus olhares, que queria desviar, e que se fixavam nos dele, acenderam no coração de Zadig uma flama que o espantou. Lutou; pediu socorro à filosofia, que sempre lhe valera; mas só lhe obteve luzes, não recebendo em troca nenhum alívio. O dever, a gratidão, a soberana majestade violada apresentavam-se-lhe aos olhos como deuses vindicativos; lutava e triunfava; mas essa vitória, que era preciso renovar a todo momento, custava-lhe gemidos e lágrimas. Não mais ousava falar à rainha com aquela doce liberdade que tais encantos tivera para ambos; seus olhos cobriam-se de uma nuvem; suas palavras eram constrangidas e incoerentes; baixava as pálpebras; e quando, sem querer, o seu olhar se voltava para Astartéia, encontrava o da rainha turbado de lágrimas, de onde partiam raios; pareciam dizer um ao outro: “Nós nos adoramos, e temos medo do amor; ardemos os dois num fogo que condenamos”.

Zadig retirava-se desvairado da sua presença, com um peso no coração, que não mais podia suportar; na violência da sua agitação, não pôde evitar que o amigo Cador lhe descobrisse o segredo, como um homem que, tendo agüentado por muito tempo uma dor profunda, deixa enfim revelar-se o seu mal, por um grito que lhe arranca um acesso mais agudo e pelo suor que poreja a fronte.

— Já desvendei — disse-lhe Cador — os sentimentos que a ti mesmo procuravas ocultar; as paixões têm sinais que não enganam. Por aí verás, meu caro Zadig, já que eu li no teu coração, se o próprio rei não irá descobrir um sentimento que o ofende. Não tem ele outro defeito senão o de ser o mais ciumento dos homens. Resistes à tua paixão com mais força do que a rainha combate a sua, porque és filósofo e porque és Zadig. Astartéia é mulher; deixa falar seus olhares com tanto maior imprudência por ainda não se julgar culpada. Infelizmente tranqüilizada pela sua inocência, negligencia as aparências necessárias. Tremerei por ela enquanto não tiver nada que se censurar. Se estivessem ambos em cumplicidade, saberiam enganar todos os olhos: uma paixão nascente e combatida logo se revela; um amor satisfeito sabe ocultar-se.

Zadig fremiu à idéia de trair o rei seu benfeitor; e nunca foi tão fiel ao príncipe como quando se viu culpado para com ele de um crime involuntário. Contudo, tantas vezes pronunciava a rainha o nome de Zadig, tal rubor lhe cobria a fronte ao dizê-lo; ora se mostrava tão animada, ora tão interdita quando lhe falava em presença do rei; caía em tão profundas cismas depois que Zadig se retirava, que o rei se sentiu inquieto. Acreditou tudo o que via, e imaginou tudo o que não via. Observou principalmente que as babuchas de sua mulher eram azuis, e que as babuchas de Zadig eram azuis, que as fitas da touca de sua mulher eram amarelas, e que o barrete de Zadig era amarelo: indícios terríveis para um príncipe suscetível. No seu espírito envenenado, transformaram-se as suspeitas em certezas.

Os escravos dos reis e das rainhas são outros tantos espias de seus corações. Descobriram logo que Astartéia amava e que Moabdar sentia ciúmes. O invejoso fez a invejosa enviar ao rei a sua liga, que se assemelhava à da rainha. Por cúmulo da desgraça, essa liga era azul. O monarca não pensou senão na maneira de vingar-se. Resolveu uma noite mandar envenenar a rainha, e enforcar Zadig ao raiar do dia. A ordem foi transmitida a um impiedoso eunuco, executor das suas vinganças. Achava-se então na câmara do rei um anãozinho que era mudo, mas não surdo. Toleravam-no sempre em toda parte: era testemunha de tudo o que se passava de mais secreto, como um animal doméstico. Esse pequeno mudo era muito devotado à rainha e a Zadig. Ouviu, com tanta surpresa quanto horror, a sentença de morte. Mas como prevenir essa terrível ordem, que dentro em poucas horas seria executada? Escrever, não sabia; mas

aprendera a desenhar e fazia retratos com muita parecença. Passou uma parte da noite a rabiscar o que desejaria dizer à rainha. O desenho representava o rei furioso, a um canto do quadro; um cordão azul e um vaso sobre uma mesa, com ligas azuis e fitas amarelas; a rainha, no meio do quadro, expirante entre os braços de suas mulheres, e Zadig estrangulado a seus pés. O horizonte representava um sol nascente, para indicar que a horrível execução se efetuaria aos primeiros raios da aurora. Logo que terminou o trabalho, correu a uma camareira de Astartéia, despertou-a, e deu-lhe a entender que era preciso levar imediatamente o quadro à rainha.

Em meio à noite, batem à porta de Zadig; acordam-no; entregam-lhe um bilhete da rainha; pensa que está sonhando; abre o papel com mão tremente. Qual não foi a sua surpresa, e quem lhe poderia exprimir a consternação e desespero, ao ler as seguintes palavras: *Foge imediatamente, senão te arrancam a vida. Foge, Zadig, ordeno-te em nome do nosso amor e das minhas fitas amarelas. Eu não era culpada; mas sinto que vou morrer criminosa*.

Zadig mal teve forças de falar. Mandou chamar Cador e, sem nada lhe dizer, mostrou-lhe o bilhete. Cador forçou-o a obedecer e a tomar logo o caminho de Mênfis.

— Se te atreves a ir falar com a rainha, apressas a sua morte; se falares ao rei, da mesma forma prejudicarás a rainha. Encarrego-me do seu destino; segue o teu. Espalharei o boato de que partiste para a Índia. Em breve me encontrareI contigo e te comunicarei o que houver sucedido em Babilônia.

Cador, no mesmo instante, mandou trazer dois dromedários dos mais rápidos a uma porta secreta do palácio; fez com que Zadig montasse, tendo até de ampará-lo, pois parecia prestes a entregar a alma. Um só criado o acompanhou; e em breve Cador, transido de espanto e angústia, perdeu de vista o amigo.

O ilustre fugitivo, chegando ao alto de uma colina de onde se avistava Babilônia, volveu o olhar para o palácio da rainha, e desfaleceu; só recuperou os sentidos para derramar lágrimas e desejar a morte. Enfim, depois de se haver ocupado do deplorável destino da mais amável entre as mulheres e a primeira rainha do mundo, voltou o pensamento para si mesmo e exclamou: “Que coisa é então a vida humana? De que me serviste, ó virtude? Duas mulheres me enganaram indignamente; a

terceira, que não é culpada, e mais bela que as outras, vai perder a vida. Todo o bem que pratiquei foi sempre para mim uma fonte de maldições, e só fui elevado ao cúmulo da grandeza para tombar no mais horrível precipício do infortúnio. Se eu tivesse sido mau como tantos outros, seria hoje feliz como eles". Acabrunhado por essas funestas reflexões, cobertos os olhos pelo véu da dor, a palidez da morte nas faces, e a alma abismada no mais sombrio desespero, seguia ele a caminho do Egito.

IX. A mulher espancada

Zadig orientava-se pelas estrelas. A constelação de Órion e o brilhante astro de Sírio guiavam-no para o pólo de Canope. Admirava esses vastos globos de luz que não parecem a nossos olhos mais que fracas centelhas, ao passo que a Terra, que em verdade é apenas um imperceptível ponto na natureza, afigura-se à nossa cupidez uma coisa tão grande e tão nobre. Via então os homens tais como são na realidade: insetos a se entredevorarem num pequeno átomo de lama. Essa imagem verdadeira parecia aniquilar suas desventuras, retraçando-lhe o nada da sua existência e a de Babilônia. Sua alma arrebatava-se até o infinito e contemplava, liberta dos sentidos, a imutável ordem do universo. Mas quando, em seguida, de volta a si mesmo e penetrando de novo em seu coração, pensava em Astartéia sacrificada por sua causa, o universo desaparecia a seus olhos, e ele apenas via, em toda a natureza, Astartéia moribunda e Zadig desgraçado.

Enquanto se entregava a esse fluxo e refluxo de sublime filosofia e dor acabrunhante, ia avançando pelas fronteiras do Egito; e já seu fiel criado se achava na primeira localidade, em busca de alojamento. Enquanto isso, Zadig passeava pelos jardins dos arredores. Senão quando avistou, não longe da estrada real, uma mulher que gritava por socorro e um homem furioso que a perseguia. Já o homem a alcançava e ela, caída, enlaçava-lhe os joelhos. O homem enchia-a de pancadas e censuras. Pela violência do egípcio e pelos reiterados perdões que lhe pedia a dama, viu Zadig que ele era ciumento e ela infiel. Mas, depois de atentar naquela mulher, que era de impressionante beleza e até se assemelhava um pouco à

infeliz Astartéia, sentiu-se tomado de compaixão por ela e aversão ao egípcio.

— Acode-me! — bradou ela a Zadig, entre soluços. — Arranca-me das mãos do mais bárbaro dos homens, salva-me a vida!

A esses clamores, Zadig lançou-se entre ela e aquele bárbaro. Tinha algum conhecimento da língua egípcia, e assim lhe falou:

— Se tens alguma humanidade, conjuro-te a respeitar a beleza e a fraqueza. Podes assim ultrajar uma obra-prima da Criação, que jaz a teus pés e só tem por defesa as lágrimas?

— Ah! Ah! — exclamou o possesso. — Com que então também a amas? É de ti que tenho de vingar-me.

Dizendo tais palavras, deixa a dama, que segurava pelos cabelos, e, empunhando a lança, tenta matar o estrangeiro. Este, que não perdera o sangue-frio, evitou facilmente o golpe de um furioso. Segurou a lança perto da ponta. Quer um retirá-la, o outro arrancá-la. A lança parte-se. O egípcio puxa da espada; Zadig também. Atacam-se. Lança este cem golpes precipitados, apara-os aquele com destreza. A dama, sentada na relva, reajusta os cabelos e olha-os. O egípcio era o mais robusto, Zadig o mais ágil. Batia-se o último como um homem cuja cabeça conduzia o braço, e o primeiro como um arrebatado, cuja cólera cega lhe guiava ao acaso os movimentos. Zadig desarma-o. E como o egípcio, mais furioso, procura arremeter contra ele, Zadig segura-o, domina-o, fá-lo cair e, apontando-lhe a espada contra o peito, oferece poupar-lhe a vida. O egípcio, fora de si, arranca o punhal e fere Zadig no mesmo instante em que o vencedor lhe perdoava. Zadig, indignado, lhe mergulha a espada no peito. O egípcio lança um grito horrível e morre, debatendo-se.

Zadig avança então para a dama e lhe diz respeitosamente:

— Foi ele que me obrigou a matá-lo; estais vingada, e livre do homem mais violento que já vi na minha vida. Que quereis agora de mim, senhora?

— Que morras, celerado, que morras; mataste o meu amor; eu quisera estraçalhar-te o coração.

— Na verdade, senhora, tínheis um esquisito amor; ele vos batia com toda a força e queria tirar-me a vida, por me haverdes pedido socorro.

— Quisera que ele me batesse ainda — tornou a dama, aos gritos. — Eu bem que o merecia, pois lhe dei motivos para ciúmes. Quem dera que ele me batesse e que tu estivesses no seu lugar!

Zadig, mais surpreso e encolerizado do que nunca estivera em sua vida, retrucou:

— Senhora, com toda a vossa beleza, merecíeis que eu vos batesse por minha vez, tão incoerente sois; mas não me darei a esse trabalho.

Dito isto, montou no camelo e dirigiu-se para a cidade. Mal dera alguns passes, volta-se ao estrépito que faziam quatro correios de Babilônia. Vinham a toda brida. Um deles, ao ver a mulher, exclamou:

— É ela mesma; assemelha-se à descrição que nos fizeram. — Sem dar atenção ao morto, apoderaram-se logo da dama, a qual não cessava de gritar para Zadig:

— Socorrei-me outra vez, generoso estrangeiro! Perdoai-me por me haver queixado de vós. Socorrei-me, que serei vossa até o túmulo. — A Zadig, passara-lhe todo e qualquer desejo de se bater por ela.

— Arranja-te com outros — respondeu-lhe —, a mim é que não me pegas mais!

Aliás, estava ferido, perdia sangue e necessitava socorro; e a vista dos quatro babilônios, provavelmente enviados pelo rei Moabdar, enchia-o de inquietação. Avança às pressas para a aldeia, sem atinar por que motivo vinham quatro correios de Babilônia apoderar-se daquela egípcia, mas ainda muito mais espantado com o caráter da referida dama.

X. A escravidão

Ao entrar na cidade egípcia, viu-se cercado pelo povo.

— Eis o que raptou a bela Missuf — bradavam — e o que acaba de assassinar Cletófis!

— Senhores — disse ele —, Deus me livre de raptar algum dia a vossa bela Missuf! É demasiado caprichosa. E, quanto a Cletófis, não o matei: apenas me defendi contra ele. Queria matar-me, porque lhe pedi com toda a humildade que poupasse a bela Missuf, a quem batia impiedosamente. Sou um estrangeiro que vem procurar asilo no Egito; e não teria cabimento que, vindo solicitar vossa proteção, começasse por me apoderar de uma mulher e por assassinar um homem.

Os egípcios eram então justos e humanos. O povo conduziu Zadig à prefeitura. Começaram por lhe tratar do ferimento, e em seguida o interrogaram, a ele e ao criado separadamente, a fim de saber a verdade. Reconheceu-se que Zadig não era um assassino; mas, sendo culpado de ter vertido sangue humano, a lei o condenava à escravidão. Os seus dois camelos foram vendidos em proveito da comuna, repartido entre os habitantes todo o ouro que trouxera, e sua pessoa exposta em hasta pública, bem como o seu companheiro de viagem. Um mercador árabe, chamado Setoc, arrematou-o; mas o criado, mais resistente à fadiga, foi vendido muito mais caro que o patrão. Nem faziam comparação entre os dois. Zadig ficou, como escravo, subordinado a seu serviçal; ligaram um ao outro por uma cadeia presa aos tornozelos e, nesse estado, acompanharam ambos o seu senhor. Zadig, pelo caminho, consolava o criado e exortava-o à paciência; mas, segundo o seu costume, fazia reflexões sobre a vida humana:

— Vejo — dizia-lhe — que os males do meu destino se expandem sobre o teu. Até agora, tudo me saiu muito estranho, na verdade. Multaram-me por causa de um grifo; mandaram-me a suplício por ter feito versos em louvor do rei; estive prestes a ser estrangulado porque a rainha tinha fitas amarelas; e eis-mo agora escravizado contigo porque um brutamontes deu uma sova na amante. Mas não percamos a coragem; tudo isso, decerto, acabará; afinal de contas, os mercadores árabes têm de possuir escravos; e por que não seria eu um escravo como qualquer outro, visto que sou um homem como qualquer outro? Esse mercador não pode ser impiedoso, pois terá de tratar bem a seus escravos, se quiser aproveitá-los. — Assim falava ele, mas, no fundo do coração, estava preocupado com a sorte da rainha de Babilônia.

Setoc, o mercador, partiu, dois dias depois, para a Arábia deserta, com os escravos e camelos. Sua tribo habitava para as bandas do deserto de Horeb, e a viagem foi longa e penosa. Setoc, no caminho, fazia mais caso do criado que do patrão, pois o primeiro sabia lidar melhor com os camelos, e todas as pequenas regalias foram para ele.

Um camelo morreu a dois dias de Horeb; dividiram-lhe a carga pelos escravos; Zadig ganhou o seu quinhão. Setoc pôs-se a rir ao ver todos os escravos marcharem curvados. Zadig tomou a liberdade de explicar-lhe a razão, e fez-lhe conhecer as leis do equilíbrio. O mercador, espantado, começou a olhá-lo de outra maneira. Zadig, vendo que lhe excitava a

curiosidade, redobrou-a, ensinando-lhe muitas coisas que não eram estranhas a seu comércio: o peso específico dos metais e dos gêneros em volume igual; as propriedades de vários animais úteis; os meios de tornar úteis os que não o eram; em suma, afigurou-se-lhe um verdadeiro sábio. Setoc o preferiu a seu camarada, a quem tanto estimara. Tratou-o bem, e não teve de que se arrepender.

Chegado a sua tribo, Setoc reclamou duzentas onças de prata a um hebreu a quem as emprestara em presença de duas testemunhas; mas estas haviam morrido, e o hebreu disso se aproveitara para ficar com o dinheiro do mercador, dando graças a Deus por lhe haver proporcionado ensejo de enganar a um árabe. Setoc confiou a dificuldade a Zadig, que se tornara seu conselheiro.

— Em que local emprestou suas quinhentas onças a esse infiel? — perguntou-lhe Zadig.

— Sobre uma larga pedra que se acha ao pé do monte Horeb.

— Qual é o caráter de seu devedor?

— O de um legítimo velhaco.

— Mas o que lhe pergunto é se é um homem vivo ou fleugmático, atilado ou imprudente.

— De todos os maus pagadores, é o mais vivo que eu conheço.

— Pois bem! — insistiu Zadig. — Permita que pleiteie sua causa perante o juiz.

Com efeito, citou o hebreu ao tribunal, e assim falou ao juiz:

— Almofada do trono da eqüidade, venho reclamar a esse homem, em nome de meu senhor, quinhentas onças de prata, que ele não quer devolver.

— Há testemunhas?

— Não, morreram; mas existe uma larga pedra sobre a qual foi contado o dinheiro; e, se aprouver a Vossa Grandeza mandar trazê-la, espero que ela preste testemunho; aqui ficaremos, o israelita e eu, à espera de que chegue essa pedra; mandarei buscá-la por conta de Setoc, meu senhor.

— Muito bem — concordou o juiz. E pôs-se a despachar outros assuntos.

— E então? — disse ele a Zadig no fim da audiência. — Ainda não chegou a sua pedra?

O hebreu retrucou a rir:

— Poderia Vossa Grandeza ficar aqui até amanhã, que a pedra ainda não chegaria; está a mais de seis milhas de distância e seria preciso uns quinze homens para transportá-la.

— Estais vendo?! — exclamou Zadig. — Bem disse eu que a pedra prestaria testemunho; já que esse homem sabe onde está a pedra, confessa, pois, que foi sobre ela que se contou o dinheiro.

O hebreu, interdito, viu-se logo obrigado a confessar tudo. O juiz ordenou que fosse ele atado à pedra, sem beber nem comer, até devolver as quinhentas onças, que foram pagas sem demora.

O escravo Zadig e a pedra alcançaram grande fama em toda a Arábia.

XI. A pira

Setoc, encantado, fez do escravo seu amigo íntimo. Tal como o rei de Babilônia, não podia passar sem ele, e Zadig felicitava-se de que Setoc não tivesse mulher. Reconhecia no seu amo um natural pendor para o bem, muita retidão e bom senso. Doeu-lhe comprovar que este adorava o exército celeste, isto é, o Sol, a Lua e as estrelas, conforme o antigo costume árabe. E a isso se referia às vezes muito discretamente. Afinal lhe disse que eram corpos como os outros e que não mereciam as suas homenagens, mais que uma árvore ou um rochedo quaisquer.

— Mas — retrucava Setoc —, trata-se de seres eternos de que auferimos todos os benefícios; animam a natureza; regulam as estações; e estão aliás tão longe de nós que é impossível deixar de venerá-los.

— Mais benefícios — respondeu Zadig — recebe o senhor das águas do mar Vermelho, que lhe transportam as mercadorias para a Índia. Por que não há de ser ele tão antigo como as estrelas? E se o caso é adorar o que se acha afastado, devia então o amo adorar a terra dos gangáridas, que fica nos limites do mundo.

— Não — dizia Setoc —, as estrelas são muito brilhantes para que eu não as adore.

Quando anoiteceu, Zadig acendeu inúmeras velas na tenda onde devia cear com Setoc, e logo que este apareceu lançou-se ao pé daquelas ceras

alumiadas, e exclamou: “Eternas e brilhantes luzes, sede-me propícias para sempre”. Dito isto, sentou-se à mesa sem olhar para Setoc.

— Que fazes? — perguntou Setoc, espantado.

— Faço como o meu amo; adoro essas luzes e negligencio aquele que é senhor delas, e meu senhor também.

Setoc compreendeu o profundo sentido desse apólogo. Penetrou-lhe na alma a sabedoria de seu escravo; não mais prodigalizou incenso às criaturas, e adorou o Ser eterno que as fez.

Havia então na Arábia um terrível costume, originário da Cítia e que, estabelecido na Índia pelos brâmanes, ameaçava invadir todo o Oriente. Quando morria um homem casado e a sua amada esposa desejava ser santa, fazia-se ela queimar em público, sobre o corpo do marido. Era uma festa solene a que se chamava *a pira da viuvez*. A tribo em que houvesse mais mulheres queimadas era a mais considerada de todas. Ora, tendo morrido um homem da tribo de Setoc, sua viúva, chamada Almona, que era muito devota, fez saber dia e hora em que se lançaria às chamas, ao som de tambores e trombetas. Zadig observou a Setoc o quanto era contrário ao bem do gênero humano esse horrível costume de deixar que se queimassem, todos os dias, viúvas moças que poderiam dar filhos ao Estado, ou pelo menos criar os seus; e fez-lhe ver que deveria, se possível, abolir tão bárbaro costume.

— Há mais de mil anos — ponderou Setoc — que as mulheres têm o direito de queimar-se. Qual de nós ousaria mudar uma lei que o tempo consagrou? Haverá coisa mais respeitável do que um antigo abuso?

— A razão é mais antiga — retrucou Zadig. — Dirija-se aos chefes das tribos, e eu vou ter com a viúva.

Fez-se apresentar a ela; e, depois de se lhe haver insinuado no espírito com louvores à sua beleza, e ter-lhe dito como era lastimável entregar ao fogo tamanhos encantos, ainda lhe encareceu a constância e a coragem.

— Decerto amava prodigiosamente a seu marido, não?

— Eu? Qual nada! — respondeu a dama. — Era um bruto, um ciumento, um homem insuportável; mas estou firmemente resolvida a lançar-me às chamas.

— Mas com certeza deve ser delicioso ser queimada viva...

— Oh! até arrepia a natureza — disse a dama. — Mas tem-se de passar por isso. Eu sou devota; e perderia a reputação, e todo o mundo riria de mim se eu não me queimasse.

Zadig, tendo-lhe demonstrado que ela se queimava por causa dos outros e por vaidade, falou-lhe longamente, de modo a fazer-lhe amar um pouco a vida e chegando até a lhe inspirar alguma benevolência por aquele que assim lhe falava.

— Que faria, enfim, a senhora, se lhe passasse essa vaidade de ser queimada?

— Ah! — retrucou a dama. — Acho que lhe pediria que se casasse comigo.

Muito preocupado ainda estava Zadig com Astartéia para que se deixasse impressionar com essa declaração; mas foi logo ao encontro dos chefes de tribo, contou-lhes o que se passava e lhes aconselhou que baixassem uma lei que só permitiria a uma viúva ir para a fogueira depois de haver falado durante uma hora, a sós, com um homem jovem. E desde esse tempo, nenhuma viúva árabe se lançou às chamas. Assim se deveu a Zadig o ser abolido, em um dia, tão cruel costume, que vinha durando há séculos. Era, pois, o benfeitor da Arábia.

XII. A ceia

Setoc, que não podia separar-se daquele homem em quem habitava a sabedoria, levou-o à grande feira de Basra, a que deviam comparecer os maiores negociantes do mundo habitável. Foi para Zadig um conforto espiritual ver congregados no mesmo local tantos homens das mais diversas regiões. Parecia-lhe que o universo era uma grande família que se reunia em Basra. Encontrou-se à mesa, logo ao segundo dia, com um egípcio, um gangárida, um habitante de Catai, um grego, um celta e vários outros estrangeiros que, nas suas freqüentes viagens ao golfo arábico, haviam aprendido o suficiente de árabe para se fazerem compreender. O egípcio parecia bastante encolerizado.

— Que abominável terra! — exclamou ele. — Recusam-me aqui mil onças de ouro sobre o melhor artigo do mundo.

— Como! Que artigo é esse? — indagou Setoc.

— O corpo de minha tia — respondeu o egípcio. — Era a mais brava mulher de todo o Egito. Acompanhava-me sempre; morreu em viagem; mandei fazer dela uma das mais belas múmias que já tivemos; na minha terra eu conseguiria empenhá-la por quanto quisesse. É estranho que aqui não me queiram emprestar ao menos mil onças de ouro sobre um artigo tão sólido.

Enquanto assim se exasperava, dispunha-se a servir-se de uma excelente galinha cozida, quando o indiano, segurando-lhe a mão, exclamou, alarmado:

— Oh! que vai fazer?

— Comer essa galinha — disse o homem da múmia.

— Oh! não faça isto! Suponha-se que a alma de sua tia se haja encarnado nessa galinha... e o senhor certamente não vai expor-se a devorar a senhora sua tia! Ah, cozinhar galinhas é um ultraje à natureza.

— Ora, não me venha com essa história de naturezas e galinhas! — retrucou o irascível egípcio. — Nós adoramos a um boi, e nem por isso deixamos de os comer.

— Adoram a um boi? Será possível?! — estranhou o homem do Ganges.

— Nada mais possível; há cento e trinta e cinco mil anos que assim fazemos; e ninguém entre nós achou nada que objetar.

— Ah! cento e trinta e cinco mil anos é exagero! — protestou o hindu. — Há apenas oitenta mil anos que a Índia é povoada e sem dúvida alguma somos o povo mais antigo do mundo; e Brama nos proibiu de comer bois muito antes que os senhores se lembrassem de os pôr nos altares e no espeto.

— Belo animal esse Brama para se comparar a Ápis! Que diabo fez ele que se aproveitasse?

— Foi ele quem ensinou os homens a ler e escrever, e a ele é que deve o mundo a invenção do xadrez — respondeu o brâmane.

— Pois estão muito enganados — aparteou um caldeu vizinho. — É ao peixe Oanes que devemos tamanhos benefícios, e só a ele é justo rendermos homenagem. Todo o mundo lhes dirá que era um ser divino, que tinha uma cauda dourada, uma bela cabeça de homem, e que todos os dias saía das águas para vir pregar em terra durante três horas. Teve vários filhos, que foram reis, como todos sabem. Tenho em casa a sua imagem, que venero, como é devido. Pode-se comer quanto boi se queira; mas é

sem dúvida uma grande impiedade cozinhar peixe; aliás, os senhores todos são de origem muito pouco nobre e muito recente. A nação egípcia conta apenas cento e trinta e cinco mil anos, e os hindus só se vangloriam de oitenta mil, ao passo que nós temos almanaques de quatro mil séculos. Renunciem a tais loucuras, e eu darei a cada um dos senhores uma bela imagem de Oanes.

O homem de Cambalu tomou então a palavra:

— Respeito muito os egípcios, os caldeus, os gregos, os celtas, Brama, o boi Ápis, o belo peixe Oanes; mas talvez o Li, ou o Tien,[2] como queiram chamar-lhe, valha tanto como os bois e peixes. Nada direi de meu país; é tão grande como o Egito, a Caldéia e a Índia reunidos. De antiguidade não discuto, pois basta ser feliz, e é bem pouca coisa ser antigo; mas, se fôssemos falar de almanaques, diria que toda a Ásia copia os nossos, e os tínhamos excelentes antes que soubessem aritmética na Caldéia.

— Uns grandes ignorantes é o que os senhores são — exclamou o grego. — Será que não sabem que o caos é o pai de tudo, e que a forma e a matéria puseram o mundo no estado em que se acha?

Esse grego falou por muito tempo; mas foi interrompido afinal pelo celta, que, tendo bebido à larga enquanto discutiam, julgou-se então mais sábio que todos os outros e disse, praguejando, que, além de Teutath e do agárico de carvalho, nada mais havia digno de menção neste mundo; que ele tinha sempre um agárico no bolso; que os citas, seus antepassados, foram os únicos homens de bem que jamais existiram sobre a face da Terra, que algumas vezes, na verdade, tinham comido homens, mas isso não impedia que se tributasse o máximo respeito à sua nação; e que, enfim, se alguém falasse mal de Teutath, teria de haver-se com ele. A discussão acalorou-se e Setoc viu o momento em que o sangue correria pela mesa. Zadig, que se mantivera em silêncio durante toda a disputa, afinal se ergueu: dirigiu-se primeiro ao celta, que era o mais furioso; disse-lhe que ele tinha razão, e pediu-lhe o agárico; gabou ao grego a sua eloqüência e acalmou os ânimos exaltados. Poucas palavras disse ao homem de Catai, pois fora este o mais sensato de todos. Em seguida lhes disse:

— Iam os meus caros amigos brigar por coisa nenhuma, pois afinal são todos da mesma opinião.

A estas palavras, levantou-se um protesto geral.

— Não é verdade — disse ele ao celta — que o senhor não adora a esse agárico, mas aquele que fez o agárico e o carvalho?

— Sem dúvida — respondeu o celta.

— E o senhor — disse ao egípcio — não venera, sob a aparência de certo boi, aquele que nos deu os bois?

— Sim — concordou o egípcio.

— O peixe Oanes — continuou ele — deve ceder ante aquele que fez o mar e os peixes.

— De acordo — disse o caldeu.

— O natural da Índia — acrescentou — e o de Catai reconhecem, como os senhores, um primeiro princípio; não compreendo lá muito bem as coisas admiráveis que disse o grego, mas estou certo de que ele também admite um Ser superior, de que dependem a forma e a matéria.

O grego, a quem admiravam, disse que Zadig lhe apreendera muito bem o pensamento.

— Todos são, pois, da mesma opinião — concluiu Zadig — e não há motivos para disputas. E todos o abraçaram.

Setoc, depois de haver vendido bastante caro as mercadorias, reconduziu o amigo Zadig à sua tribo. Ao chegar, soube este que o haviam processado durante a sua ausência e que seria queimado a fogo lento.

XIII. As entrevistas

Enquanto se achava em Basra, os sacerdotes das estrelas tinham resolvido puni-lo. A estes pertenciam de direito as pedrarias e adereços das viúvas a quem condenavam à fogueira; não era demais que mandassem queimar Zadig pela peça que lhes pregara. Acusaram-no, pois, de alimentar sentimentos errôneos para com o exército celeste; depuseram contra ele e juraram que o tinham ouvido dizer que as estrelas não se punham no mar. Essa horrenda blasfêmia fez estremecer os juízes; estiveram a ponto de rasgar as vestes, ao ouvir essas impias palavras, e sem dúvida o teriam feito se Zadig tivesse com que lhas pagar. Mas, no auge da dor, contentaram-se em condená-lo a ser queimado a fogo lento.

Setoc, desesperado, empregou em vão toda a sua influência para salvar o amigo; foi logo obrigado a calar-se. A jovem viúva Almona, que tomara bastante gosto à vida e que devia isso a Zadig, resolveu livrá-lo da fogueira, cujo absurdo ele a fizera reconhecer. Remoeu consigo esse projeto, sem o comunicar a ninguém. Zadig devia ser executado no dia seguinte; ela dispunha apenas da noite para o salvar. Eis o que fez, como mulher caridosa e prudente.

Perfumou-se, realçou sua beleza com os mais ricos e galantes atavios, e foi solicitar uma audiência secreta ao chefe dos sacerdotes das estrelas. Quando se viu em presença do venerável ancião, falou-lhe nos seguintes termos:

— Filho primogênito da Ursa Maior, irmão de Touro, primo do Grande Cão (eram os títulos do pontífice), aqui venho confiar-vos meus escrúpulos. Estou com muito medo de haver cometido um enorme pecado, não me queimando na pira de meu querido esposo. Com efeito, que tinha eu a conservar? Uma carne perecível, e que já se vai fanando...

Ao dizer tais palavras, retirou das longas mangas de seda os seus braços nus, admiráveis de contorno e deslumbrantes de brancura.

— Vede — disse ela — o pouco que isto vale.

O pontífice achou, no íntimo do coração, que aquilo valia muito. Disseram-no os seus olhos, e sua boca o confirmou: jurou que nunca, em sua vida, vira uns braços mais lindos.

— Ai! — Suspirou a viúva — os braços pode ser que estejam menos mal que o resto; mas haveis de confessar que o colo não era digno de meu apreço.

Deixou ver então o seio mais encantador que já formara a natureza. Um botão de rosa sobre um pomo de marfim nada seria, em comparação, e os cordeiros recem-saídos do lavadoiro pareceriam de um amarelo sujo. Aqueles seios, seus grandes olhos negros que enlanguesciam, brilhando suavemente num carinhoso ardor, suas faces animadas da mais bela púrpura misturada ao branco do mais puro leite, o seu nariz, que não era como a torre do monte Líbano, os seus lábios, que eram escrínios de coral, encerrando as mais belas pérolas do mar da Arábia, tudo isso convenceu ao velho de que tinha vinte anos. Fez-lhe, gaguejando, uma declaração amorosa. Almona, vendo-o inflamado, pediu-lhe o perdão de Zadig.

— Ah! Minha bela dama — disse ele —, ainda que eu lhe concedesse o perdão, minha indulgência de nada serviria; é preciso que seja assinado

por três outros confrades meus.

— Assinai, assim mesmo — insistiu Almona.

— Com muito gosto — disse o sacerdote —, sob a condição de que seus favores sejam o prêmio de minha facilidade.

— Muita honra me concedeis — disse Almona. — Dignai-vos vir a meu quarto depois que o sol se puser, e logo que a brilhante estrela Sheat erguer-se no horinzonte. E então me encontrareis num sofá cor-de-rosa, e podereis dispor de vossa serva como bem quiserdes.

Ela então retirou-se, levando consigo a assinatura, e deixando o velho cheio de amor e desconfiança de suas próprias forças. Empregou ele o resto do dia em banhar-se; bebeu um licor composto de canela de Ceilão e preciosas especiarias de Tidor e Ternate, e esperou com impaciência que aparecesse a estrela Sheat.

Enquanto isto, a bela Almona foi procurar o segundo pontífice. Este lhe assegurou que o Sol, a Lua e todos os luzeiros do firmamento não passavam de fogos-fátuos em comparação com os seus encantos. Almona lhe pediu a mesma graça, e propuseram-lhe o mesmo preço. Ela deixou-se vencer, e marcou econtro com o segundo pontífice ao erguer a estrela da Algenib. Dali, dirigiu-se à casa do terceiro e do quarto sacerdote, sempre recebendo uma assinatura e marcando encontro de estrela em estrela. Mandou então pedir aos juízes que comparecessem à sua residência, para um assunto importante. Ali chegados, mostrou-lhes os quatro nomes e disse-lhes por que preço haviam os sacerdotes vendido o perdão de Zadig. Cada um destes chegou à hora aprazada, e cada qual se espantou de ali encontrar os seus confrades, e mais os juízes, perante os quais ficou patenteada a sua vergonha. Zadig foi salvo. Quanto a Setoc, ficou tão encantado com a habilidade de Almona que casou com ela. Zadig partiu, após se haver lançado aos pés da sua bela salvadora. Setoc e ele separaram-se em pranto, jurando eterna amizade e prometendo-se que o primeiro dos dois que conseguisse uma grande fortuna o participaria ao outro.

Zadig se dirigiu para as bandas da Síria, sempre com o pensamento na infeliz Astartéia, e refletindo na sorte que se obstinava em o escarnecer e perseguir. “Meu Deus! — dizia ele consigo. — Quatrocentas onças de ouro por causa da passagem de uma cadela! condenado à decapitação por quatro maus versos em louvor do rei! quase estrangulado porque a rainha tinha babuchas da cor do meu barrete! reduzido à escravidão por haver socorrido

uma mulher a quem espancavam! e prestes a ser queimado por ter salvo a vida de todas as viúvas árabes!”

XIV. O salteador

Chegado às fronteiras que separam a Arábia Pétrea da Síria e quando passava por um castelo bastante fortificado, saíram deste uns árabes de arma em punho, que o cercavam, gritando: “Tudo o que você tem nos pertence; e sua pessoa pertence a nosso chefe”. Zadig, como resposta, puxou da espada; seu criado, que tinha coragem, fez o mesmo. Estenderam mortos os primeiros árabes que se atreveram a lhes pôr a mão; o número redobrou; eles não se assustaram com isso e resolveram morrer lutando. Viam-se dois homens a defender-se contra uma multidão; tal combate não poderia durar muito tempo. O senhor do castelo, por nome Arbogad, que assistia de uma janela aos prodígios de coragem que praticava Zadig, encheu-se de estima por ele. Desceu às pressas e veio em pessoa afastar seu pessoal e livrar os dois viajantes.

— Tudo o que passa por minhas terras é meu — dizia ele —, mas você me parece tão bom sujeito, que o dispenso da lei comum. — Fê-lo entrar no castelo, dando ordens para que o tratassem bem, e, à noite, fez questão de cear em companhia do seu hóspede.

O senhor do castelo era um desses árabes a que chamam *ladrões*; mas às vezes, em meio a uma multidão de más ações, sucedia-lhe praticar algumas boas; roubava com furiosa rapacidade, e sabia dar liberalmente. Intrépido na ação, bastante tratável em sociedade, intemperante na mesa, alegre na pândega, e sobretudo cheio de franqueza, muito se agradou de Zadig. A conversação, que se animou, prolongou o repasto. Disse ele enfim a seu hóspede:

— Aconselho-o a alistar-se com minha gente; é o que pode fazer de melhor; este ofício, afinal de contas, não é mau; e poderá um dia chegar ao que eu sou.

— Permite-me perguntar-lhe — disse Zadig — desde quando exerce essa nobre profissão?

— Desde rapazinho — replicou o senhor. — Servia eu de criado a um árabe muito esperto; e essa situação me era insuportável. Desesperava-me ver que em toda a terra, que pertence igualmente aos homens, não me houvesse o destino reservado a parte a que tinha direito. Confiei minhas penas a um velho árabe, que me disse: "Não desesperes, meu filho: era uma vez um grão de areia que se lamentava de ser um átomo ignorado no deserto; ao cabo de alguns anos tornou-se diamante, e é agora o mais belo ornamento da coroa do rei das Índias". Tais palavras me causaram profunda impressão; eu era o grão de areia, resolvi tornar-me diamante. Comecei roubando dois cavalos; depois associei a mim alguns camaradas; fiquei em condições de roubar pequenas caravanas; e assim fiz cessar pouco a pouco a desproporção que a princípio havia entre mim e os outros homens. Tive a minha parte nos bens deste mundo; e fui até sobejamente indenizado: alcancei grande consideração; tornei-me senhor bandoleiro, adquiri este castelo por direito de conquista. O sátrapa da Síria quis desapossar-me; mas eu já era bastante rico para não temer o que quer que fosse: dei dinheiro ao sátrapa, conservando assim este castelo, e aumentei os meus domínios; ele nomeou-me tesoureiro dos impostos que a Arábia Pétrea pagava ao rei dos reis. Desempenhei o meu cargo de recebedor, desdenhando o de pagador.

"O grande *desterham* de Babilônia mandou para aqui, em nome do rei Moabdar, um pequeno sátrapa, para que me fizesse estrangular. Esse homem chegou com a sua ordem: eu estava inteirado de tudo; mandei estrangular na sua presença os quatro personagens que trouxera consigo para apertarem o laço; feito o que, perguntei-lhe o quanto lhe poderia render a incumbência de estrangular-me. Respondeu-me que seus honorários poderiam montar a trezentas moedas de ouro. Dei-lhe claramente a entender que comigo poderia ganhar muito mais. Fi-lo subsalteador; é hoje um de meus melhores oficiais, e dos mais ricos. Palavra que o amigo há de vencer como ele! Para roubar, acredite, nunca esteve melhor a temporada, depois que Moabdar foi morto e tudo é confusão em Babilônia.

— Morto, Moabdar?! — exclamou Zadig. — E que é feito da rainha Astartéia?

— Não sei — respondeu Arbogad. — Só o que sei é que Moabdar enlouqueceu, que o mataram, que Babilônia é um pandemônio, que todo o

império está assolado, que ainda há belos golpes a dar e que eu, da minha parte, os dei admiráveis.

— Mas e a rainha? — insistiu Zadig. — Por favor, não sabe mesmo nada da sorte da rainha?

— Falaram-me de um príncipe da Hircânia; ela está provavelmente entre as suas concubinas, se é que não foi morta no tumulto; mas estou mais interessado pelos saques que por novidades. Apoderei-me de várias mulheres em minhas excursões; não conservo nenhuma; vendo-as caro quando são belas, sem me importar o que sejam. Ninguém compra posições: uma rainha feia não seria arrematada. Talvez eu tenha vendido a rainha Astartéia, talvez ela esteja morta; mas pouco se me dá, e acho que isso não o deve preocupar mais do que a mim.

Assim falando, bebia tão valentemente e confundia de tal modo todas as idéias, que Zadig não pôde obter nenhum esclarecimento.

Permanecia interdito, aniquilado, imóvel. Arbogad não parava de beber, inventava histórias, repetia incessantemente que era o mais feliz de todos os homens, exortando Zadig a se tornar tão feliz quanto ele. Afinal, levemente amodorrado pelos vapores do vinho, foi dormir um sossegado sono. Zadig passou a noite na mais violenta agitação. “Como! — exclamava ele. — O rei enlouqueceu! Foi assassinado! Não posso deixar de o lamentar. O império está devastado, e esse ladrão é feliz. Ó fortuna! ó destino! Um ladrão é feliz, e o que de mais amável fez a natureza pereceu talvez de um modo horrível, ou vive num estado pior que a morte. Ó Astartéia! que é feito de ti?”

Logo ao raiar do dia, interrogou todos aqueles que encontrava pelo castelo; mas todos estavam ocupados, ninguém lhe respondia: tinham feito novas conquistas durante a noite e repartiam os despojos. Só o que pôde obter, naquela tumultuosa confusão, foi permissão de partir. Aproveitou-a sem demora, mais absorto do que nunca em seus dolorosos pensamentos.

Zadig marchava inquieto, agitado, a pensar na infeliz Astartéia, no rei da Babilônia, no seu fiel Cador, no feliz ladrão Arbogad, naquela mulher tão caprichosa que os babilônios haviam detido nos confins do Egito; enfim, em todos os contratempos e infortúnios que experimentara.

XV. O pescador

A algumas léguas do castelo de Arbogad, achou-se à margem de um ribeiro, sempre a deplorar seu destino e considerando-se o modelo da desgraça. Viu um pescador reclinado à margem, segurando frouxamente a rede, que parecia abandonar, e erguendo os olhos para o céu.

— Sou sem dúvida o mais infeliz de todos os homens — clamava o pescador. — Fui, por consenso geral, o mais famoso mercador de queijo em toda a Babilônia, e fiquei arruinado. Tinha a mais linda mulher que um homem jamais possuiu, e ela traiu-me. Restava-me uma modesta casa, que foi pilhada e destruída. Refugiei-me numa choça, tendo a pesca como único recurso, e não apanho nenhum peixe. Ó minha rede, não mais te lançarei, eu é que devo lançar-me à água.

Dizendo tais palavras, ergue-se e avança, na atitude de um homem que se fosse arremessar e dar cabo da vida. "Como! — dizia consigo Zadig. — Há então outros mais infelizes do que eu?!" O ardor de salvar a vida ao homem foi tão rápido quanto esta reflexão. Acorre, detém-no, interroga-o com um ar comovido e animador. A gente acha que é menos infeliz quando não o é sozinho. Mas isso, segundo Zoroastro, não significa maldade; é uma necessidade, apenas. Sentimo-nos atraídos então para um infeliz, como para um semelhante nosso. A alegria de um homem venturoso nos seria um insulto; mas dois desgraçados são como dois frágeis arbustos que, apoiando-se um no outro, se fortalecem contra a tempestade.

— Por que sucumbes às tuas desditas? — perguntou Zadig ao pescador.

— É que não lhes vejo remédio — retrucou o outro. — Fui o homem mais considerado da aldeia de Derlback, e fabricava, com o auxílio de minha esposa, os melhores queijos de todo o império. A rainha Astartéia e o famoso ministro Zadig os apreciavam loucamente. Tinha-lhes fornecido seiscentos queijos. Fui um dia a Babilônia receber o pagamento; soube, de chegada, que a rainha e Zadig haviam desaparecido. Corri à casa do senhor Zadig, a quem jamais vira; ali encontrei os arqueiros do grande *desterham*, que, munidos de um édito real, saqueavam-na legalmente e com toda a ordem. Voei às cozinhas da rainha; alguns dos despenseiros me disseram

que ela morrera; outros que estava presa; outros que fugira; mas todos me asseguravam que não me seriam pagos os meus queijos. Em companhia de minha mulher, fui falar com o senhor Orcan, que era um de meus fregueses, e lhe pedimos proteção em nossa desgraça; ele a concedeu à minha mulher, e recusou-a a mim. Era ela mais branca que os seus queijos, que começaram minha desgraça; e o esplendor da púrpura de Tiro não era mais brilhante que o carmim que animava aquela brancura. Foi o que fez com que Orcan a detivesse e me escorraçasse da sua casa. Escrevi à minha querida esposa uma carta desesperada. — Ah! sim — disse ela ao portador —, sei quem é esse homem que me escreve, já ouvi falar nele: dizem que fabrica excelentes queijos; tragam-me alguns e não se esqueçam de lhos pagar.

"Na minha desgraça, decidi recorrer à justiça. Restavam-me seis onças de ouro: tive de dar duas ao legista que consultei, duas ao advogado que se encarregou do meu caso, duas ao secretário do primeiro juiz. Depois de tudo isso, meu processo ainda não fora encetado, e eu já tinha dispendido mais dinheiro do que valiam os meus queijos e a minha mulher. Voltei à minha aldeia, na intenção de vender a casa para conseguir minha mulher.

"Minha casa valia umas sessenta onças de ouro; mas sabiam-me pobre e necessitado de dinheiro. O primeiro a quem me dirigi ofereceu-me trinta onças, o segundo vinte, e o terceiro dez. Estava prestes a liquidar tudo, tão cego me achava, quando um príncipe da Hircânia veio a Babilônia e assolou tudo na sua passagem. Minha casa foi primeiro saqueada e depois reduzida a cinzas.

"Tendo assim perdido o meu dinheiro, a minha mulher e a minha casa, retirei-me para esta região onde o senhor me vê. Procurei viver do ofício de pescador: os peixes zombam de mim, como os homens. Não apanho nenhum, morro de fome; e, se não fosse a sua intervenção, augusto consolador, iria afogar-me no rio."

A narrativa acima, o pescador não a fez sem interrupção, pois a todo momento Zadig, comovido e arrebatado, dizia-lhe:

— Como! Não sabes nada do destino da rainha?

— Não, meu senhor, mas sei que a rainha e Zadig não me pagaram os meus queijos, que me roubaram a minha mulher, e que estou desesperado.

— Creio — disse Zadig — que não perderás todo o teu dinheiro. Ouvi falar desse Zadig; é um sujeito honesto e, se voltar a Babilônia, como

pretende, há de pagar-te mais do que te deve; mas quanto à tua mulher, que não é honesta, aconselho-o que não procures recuperá-la. Vai a Babilônia; lá estarei antes de ti, porque ando a cavalo e tu a pé. Dirige-te ao ilustre Cador; dize-lhe que encontraste o seu amigo; espera-me na casa dele. Anda, vai; talvez não sejas sempre desditado. Ó, possante Orosmade — continuou ele —, tu que te serves de mim para consolar esse homem, de quem te servirás para consolar-me?

Assim falando, entregava ao pescador metade de todo o dinheiro que trouxera da Arábia, e o pescador, confuso e maravilhado, lhe beijava os pés e dizia-lhe: — És o meu anjo salvador.

Enquanto isto, Zadig continuava a pedir informações e desfazia-se em lágrimas.

— Como! — exclamou o pescador. — Tu que praticas o bem, serás assim tão desgraçado?

— Cem vezes mais desgraçado do que tu — respondia Zadig.

— Mas como pode ser — estranhava o homem — que aquele que dá seja mais digno de lástima do que aquele que recebe?

— É que a tua maior desgraça — tornou Zadig — era a necessidade; e, quanto a mim, sou desgraçado pelo coração.

— Será que Orcan te roubou a mulher? — indagou o pescador.

Esta frase lembrou a Zadig todas as suas aventuras: rememorava a lista de seus infortúnios, desde a cadela da rainha até a chegada ao castelo do ladrão Arbogad.

— Ah! — disse ele. — Orcan merece punição. Mas em geral é essa gente que o destino favorece. Em todo caso, vai ter com Cador, e espera-me.

Separaram-se; pôs-se o pescador a andar, abençoando o seu destino, e Zadig a correr, amaldiçoando o seu.

XVI. O basilisco

Chegando a uma bela campina, viu inúmeras mulheres que procuravam afanosamente qualquer coisa. Tomou a liberdade de

aproximar-se de uma delas e perguntar-lhe se não poderia ter a honra de auxiliá-las.

— Não faça isto — respondeu-lhe a síria. — O que nós procuramos só pode ser tocado por mulheres.

— Eis uma coisa bastante estranha — retrucou Zadig.

— Não seria indiscrição perguntar-lhe que coisa é essa em que só as mulheres podem tocar?

— É um basilisco — disse ela.

— Um basilisco, senhora? Mas por que motivo procuram um basilisco?

— É para o nosso senhor e amo Ogul, cujo castelo se avista à margem deste rio, ao fundo do prado. Somos as suas humildes escravas; o senhor Ogul está doente; o médico prescreveu-lhe um basilisco cozido em água de rosas, e como é um animal muito raro, que só se deixa apanhar por mulheres, o senhor Ogul prometeu escolher para esposa bem-amada aquela dentre nós que lhe levasse um basilisco: deixe-me procurar, por favor, pois bem vê que me sairia muito caro se as minhas companheiras me precedessem.

Zadig deixou aquela e as outras sírias em busca do seu basilisco e continuava a passear pela campina. Chegando à margem de um arroio, ali encontrou outra dama sentada na relva e que não procurava nada. Seu talhe parecia majestoso, mas o rosto achava-se coberto por um véu. Estava inclinada para o arroio, e brotavam-lhe do peito profundos suspiros. Tinha na mão uma varinha, com que traçava caracteres na fina areia da margem. Zadig teve curiosidade de ver o que escrevia aquela mulher. Aproximou-se; viu a letra Z, depois um A; ficou espantado. Depois apareceu um D; ele estremeceu. Jamais houve surpresa igual à sua quando viu as duas últimas letras de seu nome. Permaneceu algum tempo imóvel; e afinal, rompendo o silêncio com voz entrecortada:

— O generosa dama! perdoai que um estrangeiro, um infeliz, ouse perguntar-vos por que espantosa aventura vejo aqui o nome de Zadig escrito por vossa mão divina.

A essa voz, a essas palavras, a dama ergueu o véu com mão trêmula, fitou Zadig, lançou um grito de ternura, de surpresa e de alegria e, sucumbindo aos diversos sentimentos que lhe assaltavam ao mesmo tempo a alma, tombou desmaiada entre seus braços. Era a própria Astartéia, era a rainha de Babilônia, era aquela a quem Zadig adorava, e a quem se

inculpava de adorar; era aquela a quem tanto havia chorado e por cujo destino tanto receava. Viu-se, um momento, privado do uso dos sentidos; e quando fitou os olhos nos de Astartéia, que se abriam com um langor mesclado de confusão e ternura: "O potências divinas! — exclamou — que regeis o destino dos frágeis humanos, então me devolveis Astartéia? Em que tempo, em que lugar, em que estado a revejo!"

Lançou-se de joelhos ante Astartéia, tocando com a fronte a poeira de seus pés. A rainha de Babilônia o ergue, e o faz sentar a seu lado, à margem daquele arroio; enxugava por várias vezes os olhos, cujas lágrimas continuavam sempre a rolar. Encetava, vinte vezes, frases que os gemidos interrompiam; interrogava-o sobre o acaso que os reunia e lhe sustava a resposta com outras perguntas. Iniciava a narrativa de seus males, e queria saber os de Zadig. Tendo ambos enfim apaziguado um pouco o tumulto interior, contou-lhe Zadig em poucas palavras por que aventuras se encontrava naquele prado.

— Mas como, ó infeliz e respeitável rainha, vos encontro eu neste remoto lugar, vestida de escrava, e acompanhada de outras mulheres escravas que procuram um basilisco, para o cozinhar em água de rosas, por prescrição médica?

— Enquanto elas procuram o basilisco — disse a bela Astartéia, — vou contar-lhe o que sofri e tudo o que perdôo ao Céu desde que tornei a ver-te. Sabes que o rei meu marido não levou a bem que fosses o mais amável dos homens; e, por esse motivo, decidiu, uma noite, mandar estrangular-te e, a mim, envenenar-me. Sabes como o Céu permitiu que o meu pequeno mudo me avisasse da ordem de Sua Sublime Majestade. O fiel Cador, logo que te obrigou a que me obedecesses e partisses, ousou penetrar alta noite em meus aposentos, por uma passagem secreta. Raptou-me e conduziu-me para o templo de Orosmade, onde o mago, seu irmão, me encerrou numa estátua colossal cuja base toca os alicerces do templo e cuja cabeça atinge a abóbada. Ali fiquei como sepultada, mas atendida pelo mago, e não me faltava nenhuma coisa necessária. Ao raiar do dia, o boticário de Sua Majestade entrou no meu quarto, com uma poção de jusquiana, ópio, cicuta, eléboro negro e acônito; e um outro oficial foi à tua casa com um laço de seda azul. Não encontraram ninguém. Cador, para melhor enganar o rei, fingiu acusar-nos a ambos. Disse que havias tomado o caminho da Índia e eu o de Mênfis; enviaram satélites no encalço de nós dois.

"Os correios que me procuravam não me conheciam, pois eu nunca havia mostrado o meu rosto senão a ti, em presença e por ordem de meu esposo. Correram em minha busca, fiados no retrato que lhes haviam traçado da minha pessoa. Encontraram na fronteira do Egito uma mulher do mesmo corpo que eu, e que talvez tivesse mais encanto. Estava desamparada, errante. Não duvidaram que fosse a rainha de Babilônia, e conduziram-na a Moabdar. Diante de tal engano, o rei entrou em violenta cólera; mas depois, considerando de mais perto a referida mulher, achou-a bastante linda, e consolou-se. Chamava-se Missuf. Disseram-no, depois, que esse nome significa, em língua egípcia, a *bela caprichosa.* Era-o, de fato; mas tinha tanta arte quanto capricho. Agradou a Moabdar. Subjugou-a a ponto de fazer com que fosse declarada sua esposa. Seu caráter, então, manifestou-se livremente; entregou-se, sem peias, a todas as loucuras da imaginação. Quis obrigar o chefe dos magos, que era velho e gotoso, a dançar diante dela; e, ante a recusa do mago, fez-lhe violenta perseguição. Mandou o grande escudeiro fazer-lhe uma torta de confeitos. Por mais que o homem alegasse que não era doceiro, foi obrigado a fabricar a torta; e, como a tivesse deixado queimar-se, despacharam-no sumariamente. Deu o cargo de grande escudeiro ao seu anão, e o de chanceler a um pajem. Foi assim que governou Babilônia. Todos lamentavam a minha falta. O rei, que fora bastante justo até o momento em que resolveu envenenar-me e estrangular-me, parecia ter afogado as suas virtudes no prodigioso amor que dedicava à bela caprichosa. Compareceu ao templo no grande dia do fogo sagrado. Vi-o implorar aos deuses, por Missuf, ao pé da estátua onde me achava encerrada. Elevei a voz; gritei-lhe: *Os deuses recusam* os *votos de um rei que se transformou em tirano e que quis matar uma mulher sensata para desposar uma louca.* Tão confuso ficou Moabdar ao ouvir tais palavras, que sua mente se perturbou. O oráculo que eu proferira e a tirania de Missuf bastavam para lhe fazer perder o juízo. Enlouqueceu em poucos dias.

"Sua loucura, que se afigurou um castigo do céu, foi o sinal da revolta. Ergueram-se em armas. Babilônia, por tanto tempo mergulhada em ociosa moleza, foi teatro de terrível guerra civil. Retiraram-me do interior de minha estátua e puseram-me à frente de um partido. Cador correu a Mênfis para te reconduzir a Babilônia. O príncipe de Hircânia, cientificado dessas funestas novas, voltou com o seu exército para formar um terceiro partido na Caldéia. Atacou o rei, que correu a seu encontro

com a sua extravagante egípcia. Moabdar morreu varado de golpes. Missuf tombou nas mãos do vencedor. Quis a desgraça que eu também fosse aprisionada pelas hostes hircanianas e que me conduzissem perante o príncipe ao mesmo tempo em que lhe levavam Missuf. Ficarás sem dúvida lisonjeado de saber que o príncipe me achou mais bela que a egípcia; mas hás de arreliar-te ao saber que ele me destinou ao seu serralho. Disse-me peremptoriamente que, mal terminasse uma expedição que ia executar, viria ter comigo. Imagina qual não foi a minha dor! Meus laços com Moabdar estavam rompidos, eu poderia pertencer a Zadig; e caía nas mãos daquele bárbaro. Respondi-lhe com toda a altivez que comportavam a minha posição e os meus sentimentos. Sempre ouvira dizer que o Céu concedia às pessoas de minha qualidade uma espécie de grandeza que, com uma palavra ou um olhar, compelia ao mais profundo respeito os temerários que ousavam infringi-la. Falei como rainha; mas fui tratada como aia. O hircaniano, sem ao menos se dignar dirigir-me a palavra, disse ao eunuco negro que eu era uma impertinente, mas que me achava linda. Ordenou-me que cuidasse de mim e me submetesse ao regime das favoritas, a fim de me suavizar a cútis e me tornar mais digna de seus favores, no dia em que lhe aprouvesse honrar-me com eles. Disse-lhe que me mataria; replicou a rir que ninguém se matava por isso, que estava acostumado a tais cenas, e deixou-me como um homem que acabasse de meter um papagaio no seu terreiro. Que situação para a primeira rainha do universo e, direi mais, para um coração que pertencia a Zadig!”

A estas palavras, Zadig lançou-se aos joelhos de Astartéia e banhou-os de lágrimas. Astartéia ergueu-o carinhosamente, e assim continuou:

— Via-me em poder de um bárbaro, e como rival de uma louca, com quem me achava encerrada. Contou-me a sua aventura no Egito. Pelos traços com que te pintava, pelo tempo, pelo dromedário que montavas, por todas as circunstâncias, compreendi que fora Zadig quem combatera por ela. Não duvidei que estivesses em Mênfis, e resolvi partir para lá. “Bela Missuf — disse-lhe então —, és muito mais sedutora do que eu, e saberás divertir o príncipe de Hircânia. Facilita a minha fuga, e reinarás sozinha; e assim farás a minha felicidade, ao mesmo tempo que te desembaraças de uma rival.” Missuf combinou comigo os preparativos da fuga. Parti, pois, secretamente, com uma escrava egípcia.

“Estava perto da Arábia, quando um famoso salteador, chamado Arbogad, me raptou, e vendeu-me a mercadores que me trouxeram a este

castelo, de propriedade do senhor Ogul. Este me adquiriu sem saber quem eu era. É um homem voluptuoso, que só procura passar bem e que acredita que Deus o pôs no mundo para banquetear-se. É de uma gordura excessiva, que sempre parece a ponto de sufocá-lo. Seu médico, que pouca fé lhe merece quando ele, Ogul, digere bem, governa-o despoticamente quando apanha uma indigestão. Persuadiu-o de que o curaria com um basilisco cozido em água de rosas. O senhor Ogul prometeu a mão de esposo à escrava sua que lhe conseguisse um basilisco. Bem vês que eu as deixo se esforçarem à vontade por merecerem tal honra, e nunca tive menos desejo de encontrar esse basilisco do que depois que o Céu permitiu que eu tornasse a ver-te."

Astartéia e Zadig disseram-se, então, tudo o que sentimentos longamente retidos, tudo o que as suas desditas e amores podiam inspirar aos corações mais nobres e mais apaixonados; e os gênios que presidem o amor levaram suas palavras até a esfera de Vênus.

As mulheres se recolheram sem haver encontrado coisa alguma. Zadig fez-se apresentar a Ogul e falou-lhe nos seguintes termos:

— Que a saúde imortal baixe do Céu para tomar a seu cuidado todos os vossos dias! Sou médico; acorri ao saber de vossa doença, e vos trouxe um basilisco cozido em água de rosas. Não que eu pretenda desposar-vos. Só vos peço a liberdade de uma jovem escrava de Babilônia que tendes há alguns dias em vosso poder; e consinto em ficar como escravo no seu lugar, se não tiver a ventura de curar o magnífico senhor Ogul.

A proposta foi aceita. Astartéia partiu para Babilônia com o criado de Zadig, prometendo enviar-lhe continuamente um correio, a fim de o trazer a par de tudo o que se passasse. A despedida foi tão terna como o reencontro. O momento em que nos tornamos a encontrar e o momento em que nos separamos são as duas maiores épocas da vida, como diz o grande livro do *Zenda*. Zadig amava a rainha tanto quanto lho jurava, e a rainha amava a Zadig mais do que lho dizia.

Entrementes, assim falou Zadig a Ogul:

— Senhor, o meu basilisco não é de comer, toda a sua virtude deve penetrar em vós pelos poros. Coloquei-o num pequeno odre bem inflado e recoberto de fina pele: é preciso que arremesseis esse odre com toda a força e que eu vô-lo rebata inúmeras vezes; e, em poucos dias de regime vereis o que pode a minha arte.

Ogul, logo no primeiro dia, sentiu-se sem respiração e julgou morrer de fadiga. No segundo, cansou-se menos e dormiu melhor: Em oito dias, recuperou toda a força, saúde, leveza e alegria de seus verdes anos.

— Jogastes bola e fostes sóbrio — disse-lhe Zadig. — Sabei, senhor, que não há basilisco na natureza, que sempre nos damos bem com sobriedade e exercício e que a arte de combinar a intemperança com a saúde é uma arte tão quimérica quanto a pedra filosofal, a astrologia judiciária e a teologia dos magos.

O primeiro médico de Ogul, reconhecendo o quanto aquele homem era perigoso para a medicina, uniu-se com o boticário do corpo para mandar Zadig procurar basiliscos no outro mundo. Assim, depois de ter sido sempre castigado por haver procedido direito, estava na iminência de perecer por haver curado um senhor glutão. Convidaram-no para uma excelente ceia. Deveria ser envenenado no segundo prato; mas recebeu um recado da bela Astartéia durante o primeiro. Retirou-se da mesa e partiu. "Quando somos amados por uma bela mulher — disse o grande Zoroastro —, sempre nos livramos de dificuldades neste mundo."

XVII. Os combates

A rainha foi recebida em Babilônia com o entusiasmo que sempre inspira uma bela e infeliz princesa. Babilônia parecia agora mais tranqüila. O príncipe de Hircânia fora morto em combate. Os babilônios, vencedores, declaravam que Astartéia desposaria aquele a quem escolhessem para soberano. Não queriam que a mais alta posição do mundo, que seria a de marido de Astartéia e de rei da Babilônia, dependesse de intrigas e cabalas. Juravam reconhecer como rei ao mais valente e mais sábio. A algumas léguas da cidade, preparavam uma grande pista cercada de anfiteatros magnificamente ornamentados. Os combatentes deviam comparecer armados de ponto em branco. Cada qual devia ter, por detrás dos anfiteatros, um apartamento separado onde não deveriam ser vistos por ninguém. Haveria quatro jogos preliminares. Aqueles que tivessem a felicidade de vencer quatro cavaleiros deveriam combater em seguida uns

contra os outros; de maneira que aquele que restasse por último senhor do campo seria proclamado campeão dos jogos. Devia voltar quatro dias depois, com as mesmas armas, e decifrar os enigmas propostos pelos magos. Se não os resolvesse, não seria rei, e recomeçariam as justas, até que se encontrasse um homem que fosse vencedor nas duas competições; pois queriam exclusivamente para rei o mais corajoso e o mais sábio. A rainha, durante todo esse tempo, deveria ser estritamente guardada: apenas lhe era permitido assistir aos espetáculos coberta com um véu; mas não lhe era concedido falar com nenhum dos pretendentes, a fim de que não houvesse favor nem injustiça.

Eis o que a rainha fazia saber a seu enamorado, esperando que este demonstrasse, por ela, mais valor e espírito do que ninguém. Zadig partiu, rogou a Vênus que lhe fortalecesse a coragem e esclarecesse o espírito. Chegou à margem do Eufrates na véspera do grande dia. Inscreveu sua divisa entre as dos competidores, ocultando o rosto e o nome, como o ordenava a lei, e foi repousar no apartamento que lhe coubera por sorte. Seu amigo Cador, que voltara a Babilônia depois de o haver procurado inutilmente pelo Egito, mandou levar-lhe aos aposentos uma armadura completa que lhe enviava a rainha. Mandou-lhe também o mais belo cavalo da Pérsia. Zadig reconheceu o dedo de Astartéia em tais presentes, nos quais sua coragem e amor cobraram novas forças e esperanças.

No dia seguinte, alojada a rainha sob um dossel de pedrarias, e cheios os anfiteatros de todas as damas e todas as ordens de Babilônia, penetraram no circo os lidadores. Cada qual foi depor sua divisa aos pés do grande mago. Tiraram à sorte as divisas; a de Zadig foi a última. O primeiro que avançou era um senhor muito rico, chamado Itobad, vaidoso em demasia, pouco corajoso, muito inábil e falto de espírito. Seus familiares haviam-no convencido de que um homem como ele devia ser rei, e Itobad lhes replicara: “Um homem como eu deve reinar”. De modo que o haviam armado a preceito. Trazia uma armadura de ouro com esmaltes verdes, um penacho verde, uma lança ornada de fitas verdes. Viu-se logo, pela maneira como Itobad governava o cavalo, que não era a um homem como ele que o Céu reservara o cetro de Babilônia. O primeiro cavaleiro que o acometeu fez-lhe perder os estribos; o segundo derribou-o sobre a anca do cavalo, com as duas pernas para o ar e os braços estendidos. Itobad reergueu-se, mas tão desajeitadamente, que todo o anfiteatro se pôs a rir. Um terceiro não se dignou servir-se da lança; mas,

em hábil manobra, pegou-o pela perna direita, e fazendo-o dar meia-volta, derribou-o na arena; os escudeiros dos jogos acorreram, a rir, e recolocaram-no sobre a sela. O quarto combatente toma-o da perna esquerda e o faz tombar pelo outro lado. Conduziram-no, abaixo de vaias, para o seu alojamento, onde devia passar a noite, segundo a lei; e Itobad, caminhando a custo, dizia: "Que aventura para um homem como eu!".

Os outros cavaleiros tiveram melhor desempenho. Houve alguns que venceram dois cavaleiros sucessivamente; outros chegaram a três. Apenas o príncipe Otame venceu quatro. Afinal chegou a vez de Zadig; este desmontou a quatro cavaleiros, com a maior graça possível. Viu-se pois que a competição se resumiria a Otame e Zadig. O primeiro usava armas azuis e ouro, com um penacho das mesmas cores; as de Zadig eram brancas. Todos os votos se dividiam entre o cavaleiro azul e o cavaleiro branco. A rainha, com o coração a palpitar, rezava pela cor branca.

Os dois campeões fizeram passes e voltas com tanta agilidade, trocaram tão belos golpes de lança, tão firmes estavam nos estribos, que todos, menos a rainha, desejavam que houvesse dois reis em Babilônia. Enfim, cansados ambos os cavalos e rotas as duas lanças, Zadig usou de um expediente. Passa por trás do príncipe azul, salta-lhe à garupa, toma-o pela cintura, lança-o por terra, monta na sela em seu lugar, e caracoleia em torno de Otame estendido na arena. Todo o anfiteatro brada: "Vitória ao cavaleiro branco!". Otame, indignado, ergue-se, puxa da espada; Zadig apeia, de sabre em punho. Ei-los ambos na arena, empenhados em novo combate, em que vencem alternadamente a agilidade e a força. As plumas dos capacetes, os pregos dos braçais, as malhas das armaduras saltam ao longe, sob mil golpes precipitados. Golpeiam de ponta e de fio, à direita, à esquerda, na cabeça, no peito; recuam, avançam, medem-se, chocam-se, enlaçam-se, enroscam-se como serpentes, atracam-se como leões; a todo instante saltam chispas dos golpes mutuamente vibrados. Enfim Zadig, refazendo-se um momento, estaca, faz uma finta, derriba Otame, desarma-o. E Otame exclama: — "Ó cavaleiro branco! és tu que deves reinar em Babilônia". — A rainha estava no auge da alegria. Conduziram o cavaleiro azul e o cavaleiro branco a seus respectivos alojamentos, bem como a todos os outros, conforme a lei. Mudos vieram servi-los e trazer-lhes alimento. Logo se vê que foi o pequeno mudo da rainha quem atendeu a Zadig. Em seguida, deixaram-nos dormir a sós até o dia seguinte de

manhã, quando o vencedor devia levar sua divisa ao grande mago, para conferi-la e dar-se a conhecer.

Zadig dormiu bem, apesar de enamorado, tão exausto se achava. Itobad, que pousava no alojamento próximo, não pregou olho. Ergueu-se durante a noite, penetrou no quarto do vizinho, tomou as armas brancas de Zadig, juntamente com a sua divisa, e pôs sua armadura verde no lugar da do outro. Ao amanhecer, compareceu orgulhosamente perante o grande mago, declarando que um homem como ele era o vencedor. Ninguém o esperava; mas foi proclamado como tal enquanto Zadig ainda dormia. Astartéia, surpresa, e com o desespero no coração, regressou a Babilônia. Já estava quase vazio o anfiteatro quando Zadig despertou. Procurou as suas armas, e só encontrou aquela armadura verde. Viu-se obrigado a usá-la, pois não tinha mais nada junto a si. Atônito e indignado, veste-a com furor e avança, em tal equipagem.

Todos os que ainda se achavam no teatro e no circo receberam-no com assuadas. Rodeavam-no; insultavam-no em cara. Jamais homem algum experimentou tão humilhantes mortificações. Perdeu então a paciência; dispersou a golpes de sabre o populacho que ousava ultrajá-lo; mas não sabia que partido tomar. Não podia avistar-se com a rainha; não podia reclamar a armadura branca que esta lhe enviara: seria comprometê-la. Assim, enquanto se achava ela abismada na dor, estava Zadig cheio de furor e inquietação. Passeava ele às margens do Eufrates, persuadido de que sua estrela o destinava a ser irremissivelmente infeliz, e repassando no espírito todas as suas desgraças, desde a aventura da mulher que odiava os caolhos até a da sua armadura. “Eis em que deu — dizia ele consigo — ter-me acordado tarde; se houvesse dormido menos, seria rei de Babilônia e possuiria Astartéia. As ciências, o caráter, a coragem, só serviram, pois, para meu infortúnio.” Escapou-lhe enfim murmurar contra a Providência, e foi tentado a crer que tudo era governado por um destino cruel que oprimia os bons e fazia prosperarem os cavaleiros verdes. Um de seus pesares era carregar aquela armadura verde que lhe atraíra tamanho escárnio. Vendeu-a barato a um comerciante que passava e comprou-lhe uma túnica e carapuça. Nessa indumentária, passeava à margem do Eufrates, cheio de desespero, e acusando em segredo a Providência, que não deixava de o perseguir.

XVIII. O eremita

Assim caminhando, encontrou um eremita, cuja venerável barba branca lhe tombava até a cintura. Tinha na mão um livro que lia atentamente. Zadig parou e fez-lhe uma profunda reverência. O eremita saudou-o com um ar tão nobre e tão bondoso, que Zadig teve curiosidade de conversar com ele. Perguntou-lhe que livro lia.

— É o livro dos destinos — disse o eremita. — Quer ler um pouco?

Pôs o livro nas mãos de Zadig, que, embora versado em várias línguas, não pode decifrar-lhe uma única letra. Isso ainda mais lhe aumentou a curiosidade.

— Pareces bastante aborrecido — disse-lhe o ancião.

— Motivos não me faltam! — exclamou Zadig.

— Se me permites que te acompanhe — tornou o velho —, talvez eu te possa ser útil: tenho às vezes derramado sentimentos de consolação na alma dos infelizes.

Zadig sentiu-se tomado de respeito ante o ar, as barbas e o livro do eremita. Achou-lhe superiores luzes na conversação. Falava o eremita do destino, da justiça, da moral, do soberano bem, da fraqueza humana, das virtudes e dos vícios, com tão viva e tocante eloqüência, que Zadig sentiu-se atraído para ele por invencível encanto. Pediu-lhe com insistência que não o deixasse até chegarem à Babilônia.

— O mesmo favor te peço — disse-lhe o velho. — Jura, por Orosmade, que não te separarás de mim, por mais estranhos que te pareçam os meus atos.

Zadig jurou, e partiram juntos.

Chegaram os dois viajantes a um soberbo castelo. O eremita pediu hospitalidade para si e para o jovem que o acompanhava. O porteiro, que se poderia tomar por um grão-senhor, os introduziu com uma espécie de desdenhosa complacência. Foram apresentados ao criado-mor, que lhes mostrou os magníficos apartamentos do amo. Permitiram-lhes que se sentassem à extremidade da mesa deste, sem que o senhor do castelo se dignasse honrá-los com um olhar, durante a ceia; mas foram servidos, como os outros, com refinamento e profusão. Fizeram com que se lavassem em uma bacia de ouro, guarnecida de esmeraldas e rubis.

Levaram-nos a deitar-se em um belo apartamento, e no dia seguinte um criado entregou a cada qual uma moeda de ouro; após o que foram despedidos.

— O dono da casa — disse Zadig em caminho — parece-me um homem generoso, embora um pouco altivo; exerce nobremente a hospitalidade.

Dizendo tais palavras, percebeu que uma espécie de bolsa muito grande que usava o eremita parecia distendida e inflada: viu ali a bacia de ouro guarnecida de pedrarias que este havia furtado. Não ousou dizer coisa alguma; mas sentia-se tomado de estranha surpresa.

Pelo meio-dia, o eremita apresentou-se à porta de uma casa muito pequena onde morava um rico avarento; pediu hospitalidade por algumas horas. Um velho criado mal vestido recebeu-o rudemente e fez entrar o eremita e Zadig na estrebaria, onde lhes serviram algumas azeitonas podres, pão duro e cerveja estragada. O eremita bebeu e comeu com um ar tão contente como na véspera. Depois, dirigindo-se ao velho criado, que os observava para ver se não roubavam nada e os instava a partirem, deu-lhe as duas moedas de ouro que recebera de manhã e agradeceu-lhe muito as suas atenções.

— Peço-lhe — acrescentou — que me leve à presença de seu amo.

O criado, atônito, introduziu os dois viajantes.

— Magnífico senhor — disse o eremita —, não posso deixar de agradecer-vos humildemente a nobre maneira como nos recebestes: dignai-vos aceitar esta bacia de ouro como um modesto penhor de minha gratidão.

O avarento quase caiu para trás. Sem lhe dar tempo para que voltasse a si do assombro, o eremita partiu às pressas com o seu jovem companheiro.

— Senhor, que vejo eu? — diz-lhe Zadig. — Não vos pareceis em nada com os outros homens, roubais uma bacia de ouro guarnecida de pedrarias a um senhor que vos recebe magnificamente, e a presenteais a um avarento que vos trata com indignidade.

— Meu filho — respondeu o velho —, esse homem magnífico, que só recebe os estranhos por vaidade e para fazê-los admirar suas riquezas, se tornará mais sensato; o avarento aprenderá a praticar a hospitalidade: não te espantes de nada, e segue-me.

Zadig não sabia ainda se tratava com o mais louco ou o mais sábio dos homens; mas o eremita falava com tanta autoridade que Zadig, ligado aliás pelo juramento, não pôde deixar de segui-lo.

Chegaram de noite a uma casa de aspecto agradável mas simples, onde nada denunciava prodigalidade ou avareza. O dono era um filósofo retirado do mundo, que cultivava em paz a sabedoria e a virtude, e que no entanto não se aborrecia. Aprouvera-lhe construir aquele retiro, onde recebia os visitantes com uma nobreza que nada tinha de ostentação. Foi em pessoa ao encontro dos dois viajantes, a quem primeiro fez repousar num cômodo apartamento. Algum tempo depois veio convidá-los para uma refeição sadia e variada, durante a qual se referiu discretamente às últimas revoluções de Babilônia. Pareceu sinceramente devotado à rainha e mostrou-se desejoso de que Zadig tivesse comparecido ao torneio para disputar a coroa. — Mas os homens — acrescentou — não merecem um rei como Zadig. — Este enrubescia e sentia redobrarem seus sofrimentos. Convieram, na conversação, em que as coisas deste mundo não marchavam sempre ao agrado dos mais sensatos. O eremita sustentava que não se conheciam os caminhos da Providência, e que os homens faziam mal em julgar um todo de que só percebiam a mais ínfima parte.

Falaram em seguida sobre as paixões.

— Ah! como são funestas! — dizia Zadig.

— São como os ventos que enfunam as velas do barco — retrucou o eremita. — Submergem-no às vezes; mas, sem o seu auxílio, o barco não poderia vogar. A bílis nos torna coléricos e doentes, mas, sem a bílis, não poderíamos viver. Tudo é perigoso neste mundo e tudo é necessário.

Falou-se do prazer, e o eremita provou que é um presente da divindade: — Pois — disse ele — o homem não pode dar a si próprio nem sensações nem idéias, recebe tudo; a dor e o prazer lhe vêm de fora, como a sua existência.

Zadig admirava-se de como um homem que fizera coisas tão extravagantes podia raciocinar tão bem. Enfim, depois de uma palestra tão instrutiva quão agradável, o proprietário conduziu os hóspedes ao quarto, bendizendo o Céu por lhe haver enviado dois homens tão sábios e virtuosos. Ofereceu-lhes dinheiro de um modo natural e nobre que não podia melindrar. O eremita recusou-o e despediu-se, dizendo que partiria para Babilônia antes do raiar do dia. A separação foi comovente; Zadig,

sobretudo, sentia-se cheio de estima e simpatia por aquele homem tão amável.

Quando o eremita e ele se viram a sós no apartamento, fizeram por muito tempo o elogio de seu hospedeiro. O velho, alta madrugada, despertou Zadig.

— Temos de partir — disse ele. — Mas, enquanto todos ainda estão dormindo, quero deixar a esse homem um testemunho de minha estima e afeição.

Dizendo tais palavras, tomou um archote e ateou fogo à casa. Zadig, horrorizado, pôs-se aos gritos, e quis impedi-lo de cometer tão revoltante ação. O eremita arrastava-o com uma força superior; a casa estava em chamas. Quando já se achava bastante 1onge com o companheiro, o velho pôs-se a contemplar tranqüilamente o incêndio. — Graças a Deus! — disse ele. — Eis a casa do nosso querido hospedeiro completamente destruída! Que homem feliz! — A estas palavras, Zadig viu-se tentado, a um tempo, a romper em gargalhadas, a encher de injúrias o venerável ancião, a bater-lhe, e a fugir, mas não fez nada disso e, sempre dominado pela ascendência do eremita, seguiu-o, a contragosto, até a próxima pousada.

Era em casa de uma viúva caritativa e virtuosa que tinha um sobrinho de catorze anos, cheio de atrativos e que era a sua única esperança. Fez, o melhor possível, as honras da casa. Na manhã seguinte, ordenou ao sobrinho que acompanhasse os viajantes até uma ponte que, estando meio arruinada, se tornara de passagem perigosa. O jovem, solícito, marchava à frente deles. Ao chegarem à ponte, disse-lhe o eremita:

— Vem cá, devo dar uma amostra de gratidão à tua tia.

Toma-o então pelos cabelos e arremessa-o ao rio. O menino tomba, reaparece um instante à tona dágua, e é engolido pela torrente.

— Ó monstro! ó celerado! — bradou Zadig.

— Tu me havias prometido mais paciência — disse-lhe o eremita, interrompendo-o. — Pois fica sabendo que, debaixo das ruínas dessa casa que a Providência incendiou, o proprietário encontrou um tesouro imenso; e é bom que saibas que esse jovem, a quem a Providência torceu o pescoço, teria assassinado a sua tia dentro em um ano, e a ti daqui a dois anos.

— Quem te disse tal coisa, bárbaro? — gritou Zadig. — E, mesmo que houvesses lido esse acontecimento no teu livro dos destinos, acaso te será permitido afogar uma criança que não te fez mal nenhum?

Enquanto assim falava, Zadig percebeu que o velho já não tinha barba, que o seu rosto adquiria os traços da juventude. Desapareceu-lhe o hábito de eremita; quatro belas asas recobriam um corpo majestoso e resplandecente de luz.

— Ó enviado do Céu! ó anjo divino! — exclamou Zadig, prosternando-se. — Desceste então do empíreo para ensinar um frágil mortal a submeter-se às ordens eternas?

— Os homens — disse o anjo Jeshad — julgam tudo sem nada conhecer: eras tu, dentre todos os homens, quem mais merecia ser esclarecido.

Zadig pediu permissão para falar.

— Desconfio de mim próprio — disse ele —, mas ousarei pedir-te que me esclareças uma dúvida: não seria melhor corrigir esse menino, e torná-lo virtuoso, em vez de afogá-lo?

— Se ele tivesse sido virtuoso e vivido — tornou Jesrad —, o seu destino seria o de ser assassinado com a mulher que deveria desposar, e com o filho que deveriam ter.

— Como! — exclamou Zadig. — É então necessário que haja crimes e males, e que os males tombem sobre as pessoas de bem?

— Os maus — respondeu Jesrad — são sempre infelizes: servem para experimentar um pequeno número de justos espalhados sobre a Terra, e não há mal de que não provenha um bem.

— Mas — disse Zadig — e se só houvesse bem, e nenhum mal?

— Então — replicou Jesrad — este mundo seria outro; o encadeamento dos fatos obedeceria a uma outra ordem de sabedoria; e essa outra ordem, que seria perfeita, só pode existir na morada eterna do Ser Supremo, de quem o mal não pode aproximar-se. Criou Ele milhões de mundos, nenhum dos quais se pode assemelhar ao outro. Essa imensa variedade é um atributo de seu poder imenso. Não há nem duas folhas de árvore na Terra, nem dois globos nos campos infinitos do Céu, que sejam semelhantes; e tudo o que vês sobre o pequeno átomo em que nasceste devia estar no seu lugar e no seu tempo fixo, conforme as ordens imutáveis daquele que tudo abrange. Os homens pensam que esse menino que acaba de perecer caiu no rio por acaso: tudo é prova, ou punição, ou recompensa, ou providência. Lembra-te daquele pescador que se julgava o mais infeliz dos homens. Orosmade te enviou para lhe mudar o destino. Frágil mortal, cessa de argüir contra aquilo que cumpre adorar.

— Mas... — disse Zadig.

E, enquanto dizia *mas,* já o anjo alçava o vôo para a décima esfera. Zadig, de joelhos, adorou a Providência, e submeteu-se. O anjo gritou-lhe das alturas:

— Segue para Babilônia.

XIX. Os enigmas

Zadig, fora de si, e como um homem a cujos pés houvesse tombado um raio, caminhava ao acaso. Entrou em Babilônia no dia em que aqueles com quem combatera se achavam já reunidos no vestíbulo do palácio, para decifrar os enigmas e responder às perguntas do grande mago. Todos os cavaleiros tinham chegado, exceto o da armadura verde. Logo que Zadig apareceu na cidade, o povo se reuniu em torno dele; os olhos não se saciavam de o ver, as bocas de o abençoar, os corações de desejar-lhe o império. O invejoso o viu passar, estremeceu e desviou-se; o povo o levou até o local da assembléia. A rainha a quem haviam comunicado a sua vinda sentia-se agitada de temores e esperanças; a inquietação a devorava: não podia compreender nem como Zadig estava sem armas, nem como Itobad trazia a armadura branca. À vista de Zadig, elevou-se um confuso murmúrio. Estavam surpresos e encantados de tornar a vê-lo; mas só aos cavaleiros que haviam combatido era permitido ingresso na assembléia.

— Combati como qualquer outro — declarou ele. — Mas alguém está usando aqui as minhas armas; e, enquanto aguardo a honra de o provar, peço licença para apresentar-me no concurso de enigmas.

Puseram a proposta em votação: tão arraigada estava nos espíritos a sua reputação de probidade, que ninguém hesitou em admiti-lo.

O grande mago propôs primeiro a seguinte questão:

— Qual é, de todas as coisas do mundo, a mais longa e a mais curta, a mais rápida e a mais lenta, a mais divisível e a mais extensa, a mais negligenciada e a mais irreparavelmente lamentada, que devora tudo o que é pequeno e que vivifica tudo o que é grande?

Cabia a Itobad falar. Respondeu que um homem como ele nada entendia de enigmas e que lhe bastava ter batido os adversários a lançaços. Disseram uns que a chave do enigma era a fortuna, outros a terra, outros a luz. Zadig disse que era o tempo. "Nada é mais longo — acrescentou ele —, pois que é a medida da eternidade; nada é mais curto, pois que falta a todos os nossos projetos; nada mais lento para quem espera; nada mais rápido para quem desfruta a vida; estende-se, em grandeza, até o infinito; divide-se, até o infinito, em pequenez; todos os homens o negligenciam, todos lhe lamentam a perda; nada se faz sem ele; faz esquecer tudo o que é indigno da posteridade, e imortaliza as grandes coisas." A assembléia deu razão a Zadig.

Perguntaram em seguida: "Qual é a coisa que se recebe sem agradecer, que se desfruta sem saber como, que damos aos outros quando não sabemos onde é que estamos, e que perdemos sem o perceber?".

Cada qual deu a sua explicação. Apenas Zadig adivinhou que se tratava da vida. Resolveu todos os outros enigmas com igual facilidade. Itobad dizia sempre que nada era mais fácil e que ele também o descobriria, se se tivesse dado ao trabalho. Propuseram questões sobre a justiça, o soberano bem, a arte de reinar. As respostas de Zadig foram julgadas as mais sólidas. "É pena — diziam — que tão bom espírito seja tão mau cavaleiro."

— Ilustres senhores — declara Zadig —, tive a honra de vencer na liça. É a mim que pertence a armadura branca. O senhor Itobad apoderou-se dela durante o meu sono: com certeza julgou que lhe sentaria mais que a verde... Estou disposto a provar perante todos, com esta túnica e esta espada, contra toda essa armadura branca que ele me tomou, que fui eu que tive a honra de vencer o bravo Otame.

Itobad aceitou o desafio com a maior confiança. Não duvidava que, estando de capacete, couraça e braçais, facilmente venceria a um galã de camisola e barrete de dormir. Zadig puxou da espada, saudando a rainha, que o contemplava cheia de alegria e temor. Itobad puxou a sua, sem saudar ninguém. Avançou para Zadig como homem que nada tivesse a temer. Estava prestes a lhe fender a cabeça. Zadig soube aparar o golpe, opondo o que se chama o forte da espada ao fraco do adversário, de modo que a espada de Itobad se rompeu. Então Zadig, enlaçando o inimigo, derrubou-o por terra; e, colocando a ponta da espada na frincha da couraça, disse-lhe: — Deixa-me desarmar-te, ou eu te mato. — Itobad, sempre

surpreso das desgraças que aconteciam a um homem como ele, deixou que Zadig lhe tirasse tranqüilamente o magnífico capacete, a soberba couraça, os belos braçais, os brilhantes coxotes. Zadig os vestiu e, assim equipado, correu a lançar-se aos joelhos de Astartéia. Cador provou facilmente que a armadura pertencia a Zadig. Foi proclamado rei por assentimento de todos, e sobretudo de Astartéia, que, após tantas adversidades, gozava da doçura de ver o seu enamorado digno, perante o universo, de ser seu esposo. Itobad foi fazer-se chamar de senhor em sua casa. Zadig foi rei, e rei feliz. Tinha presente ao espírito o que lhe dissera o anjo Jesrad. Lembrava-se até do grão de areia convertido em diamante. A rainha e ele adoraram a Providência. Zadig deixou a bela caprichosa, Missuf, correr mundo. Mandou chamar o salteador Arbogad, a quem confiou um honroso posto no exército, com a promessa de elevá-lo às mais altas dignidades se se comportasse como legítimo guerreiro, e de o enforcar se se entregasse às atividades de salteador.

Setoc foi chamado dos confins da Arábia, com a bela Almona, para dirigir o comércio babilônio. Cador obteve a posição e estima que mereciam seus serviços; era o amigo do rei; e este foi o único monarca da terra que teve um amigo. O pequeno mudo não ficou no esquecimento. O pescador ganhou uma bela casa. Orcan foi condenado a pagar-lhe uma grande soma e a devolver-lhe a mulher; mas o pescador, que ganhara juízo, só ficou com o dinheiro.

Nem a bela Semira se consolava de haver acreditado que Zadig era caolho, nem Azora cessava de chorar por lhe haver querido cortar o nariz. Zadig abrandou o pesar de ambas com uns bons presentes. O invejoso morreu de raiva e de vexame. O império gozou da paz, da glória e da abundância; foi o mais belo século da Terra: era esta governada pela justiça e o amor. Bendiziam a Zadig, e Zadig bendizia ao Céu.[23]

apêndice

A dança

Setoc devia ir, para assuntos comerciais, à ilha de Serendib; mas o primeiro mês de seu casamento, que é, como se sabe, a lua-de-mel, não lhe permitia deixar a esposa, nem supor que jamais pudesse deixá-la: pediu a Zadig que fizesse a viagem em seu lugar. "Ai! — suspirava este. — Devo ainda colocar maior distância entre mim e a bela Astartéia? Mas estou na obrigação de servir a meus benfeitores." Assim disse, chorou e partiu.

Não demorou muito em Serendib sem que fosse considerado um homem extraordinário. Tornou-se árbitro de todas as questões entre os negociantes, amigo dos sábios e conselheiro do pequeno número de pessoas que ouvem conselhos. O rei manifestou desejos de o ver e ouvir. Reconheceu logo o valor de Zadig; confiou na sua sabedoria e fez dele seu amigo. A familiaridade e estima do rei fizeram-no tremer. Dia e noite recordava os males que lhe haviam acarretado as boas graças de Moabdar. "Se agrado ao rei — pensava ele, — não estarei perdido?" Não podia, contudo, furtar-se às gentilezas da Sua Majestade: pois cumpre confessar que Nabussan, rei de Serendib, filho de Nussanab, filho de Nabassun, filho de Sanbusná, era um dos melhores príncipes da Ásia e que, quando se lhe falava, tornava-se difícil deixar de amá-lo.

Esse bom príncipe era sempre louvado, enganado e roubado; esforçavam-se, à porfia, a ver quem mais lhe pilhava os tesouros. O recebedor geral da ilha de Serendib dava o exemplo, seguido fielmente pelos outros. O rei sabia-o: por várias vezes mudara de tesoureiro; mas não pudera mudar o costume estabelecido de dividir os proventos do rei em duas partes, a menor das quais cabia sempre à Sua Majestade, e a maior aos administradores.

O rei Nabussan confiou seus cuidados ao sábio Zadig.

— Tu que sabes tão belas coisas — disse-lhe ele — não saberias encontrar-me um tesoureiro que não roube?

— Sem dúvida — respondeu Zadig. — Sei um meio infalível de conseguir-lhe um homem de mãos limpas.

O rei, encantado, perguntou-lhe, abraçando-o, como deveria proceder.

— É só fazer dançar todos aqueles que se candidatem à dignidade de tesoureiro, e aquele que dançar com mais leveza será infalivelmente o homem mais honrado.

— Estás zombando — disse o rei. — Eis um modo bastante esquisito de escolher um tesoureiro... Como? Julgas então que aquele que fizer melhor um *entrechat* será o financista mais probo e mais hábil?

— Não garanto que seja o mais hábil — retrucou Zadig —, mas asseguro que será indubitavelmente o mais honesto.

Falava Zadig com tamanha segurança que o rei o julgou possuidor de algum segredo sobrenatural para reconhecer os financistas.

— Não me agrada o sobrenatural — disse Zadig —, sempre detestei as pessoas e livros mágicos: se Vossa Majestade deixar-me fazer a prova que lhe proponho, há de convencer-se de que o meu segredo é a coisa mais simples e mais fácil deste mundo.

Nabussan, rei de Serendib, ficou muito mais espantado de ouvir que esse segredo era simples do que se lho houvessem apresentado como um milagre.

— Está bem — disse ele —, faze como bem entenderes.

— Deixe o caso comigo — tornou Zadig — e Vossa Majestade ganhará com essa experiência muito mais do que supõe.

No mesmo dia mandou afixar que todos os pretendentes ao cargo de recebedor-mor dos dinheiros de Sua Graciosa Majestade Nabussan, filho de Nussanab, deveriam apresentar-se, vestidos de seda leve, a 1º da lua do crocodilo, na antecâmara do rei. Ali compareceram, em número de sessenta e quatro. Tinham reunido rabequistas num salão vizinho; tudo se achava pronto para o bailado; mas a porta desse salão estava fechada, e, para ali entrar, era preciso passar por uma pequena galeria bastante escura. Um guarda vinha buscar e introduzir cada candidato, um após outro, naquela passagem, onde o deixava sozinho alguns minutos. O rei, que estava a par de tudo, expusera todos os seus tesouros na referida galeria. Depois que todos os pretendentes chegaram ao salão, Sua Majestade lhes ordenou que dançassem. Jamais se dançou tão pesadamente e com menos graça; tinham todos a cabeça baixa, o busto encolhido, as mãos coladas ao corpo. “Que velhacos!” — dizia Zadig em voz baixa. Um só dentre eles dançava com agilidade, de cabeça alta, olhar seguro, braços estendidos, corpo ereto e jarretes firmes. “Ah! que homem honrado! Que excelente homem!” — dizia Zadig. O rei abraçou aquele bom dançarino, proclamou-o tesoureiro, e todos os outros foram punidos e multados com a maior justiça do mundo: pois cada qual, durante o tempo em que estivera na galeria, atulhara os bolsos e mal podia andar. Muito vexado se sentiu o rei com a natureza humana pelo fato de haver, entre aqueles sessenta e quatro dançarinos, sesenta e três gatunos. A galeria escura foi chamada *o corredor da tentação*. Se fosse na Pérsia, teriam empalado aqueles

sessenta e três senhores; em outros países formariam um tribunal de justiça que consumiria nas custas do processo o triplo do dinheiro roubado e que nada reporia nos cofres do rei; em outro reino, os sessenta e três se justificariam plenamente e fariam cair em descrédito aquele dançarino tão leviano: em Serendib, apenas foram condenados a aumentar o tesouro público, pois Nabussan era muito indulgente.

Era também muito reconhecido: deu a Zadig uma quantia mais considerável do que qualquer tesoureiro jamais roubara a el-rei seu senhor. Zadig se utilizou da soma para enviar correios a Babilônia, que deviam informá-lo do destino de Astartéia. A voz tremeu-lhe ao dar essa ordem, o sangue lhe refluiu para o coração, seus olhos cobriram-se de trevas, a alma esteve a ponto de abandoná-lo. O mensageiro partiu, Zadig o viu embarcar; entrou no palácio, sem ver ninguém, como se estivesse em seu quarto, e pronunciado a palavra amor.

— Ah! o amor — disse o rei —, é precisamente do que se trata; adivinhaste a minha pena. És um grande homem! Espero que me ensines a descobrir uma mulher acima de qualquer suspeita, como me fizeste encontrar um tesoureiro desinteressado.

Zadig, voltando a si, prometeu servi-lo no amor como em finanças, embora a coisa lhe parecesse ainda mais difícil.

Os olhos azuis

— O corpo e o coração... — começou o rei. A estas palavras, o babilônio não pôde deixar de interrompê-lo:

— Como lhe sou grato por não haver Sua Majestade dito o *espírito e o coração!* pois só se ouvem estas palavras nas conversações de Babilônia; não se vê mais que livros a respeito do coração e do espírito, escritos por pessoas que não têm nem uma coisa nem outra; mas tenha a bondade de prosseguir, Sire.

Nabussan assim continuou:

— O corpo e o coração estão, em mim, destinados a amar; a primeira dessas duas potências tem todos os motivos para se achar satisfeita. Tenho

aqui cem mulheres a meu serviço, todas belas, complacentas, solícitas, voluptuosas até, ou que o fingem ser comigo. Quanto a meu coração, já não é tão feliz. Por demais tenho visto que agradam muito o rei de Serendib e pouco se importam com Nabussan. Não que eu julgue infiéis as minhas mulheres; mas desejaria encontrar uma alma que fosse minha; daria por esse tesouro as cem belezas cujos encantos possuo: vê se podes, dentre as cem sultanas, achar-me uma de quem eu possa ter certeza de ser amado.

Zadig respondeu como no caso dos financistas:

— Deixe tudo a meu cuidado, Sire; mas permita primeiro que eu disponha do que Vossa Majestade expôs na galeria da tentação; dar-lhe-ei conta de tudo e não perderá coisa alguma.

O rei deixou-o como senhor absoluto. Zadig escolheu em Serendib trinta e três pequenos corcundas dos mais feios que pôde achar, trinta e três pajens dos mais belos, e trinta e três bonzos dos mais eloqüentes e dos mais robustos. Concedeu a todos plena liberdade de entrarem nas celas das sultanas. Cada corcundinha ficou com quatro mil moedas de ouro a seu dispor, e logo no primeiro dia todos eles foram felizes. Os pajens, que nada tinham a dar senão a sua própria pessoa, só triunfaram ao fim de dois ou três dias. Os bonzos tiveram um pouco mais de trabalho; mas afinal trinta e três devotas se renderam a eles. O rei, por gelosias que davam para todas as celas, viu todas essas provas, e maravilhou-se. De suas cem mulheres, noventa e nove sucumbiram às suas próprias vistas.

Restava apenas uma jovem, bastante novinha, de quem Sua Majestade jamais se aproximara. Enviaram-lhe um, dois, três corcundas, que lhe ofereceram até vinte mil moedas; ela foi incorruptível, e não pôde deixar de rir de que aqueles corcundas julgassem que o dinheiro os tornaria mais bem-feitos de corpo. Apresentaram-lhe os dois pajens mais belos; ela disse que achava o rei ainda mais belo. Largaram-lhe o mais eloqüente dos bonzos, e em seguida o mais intrépido; ela achou o primeiro um papagaio e não se dignou nem mesmo a suspeitar o mérito do segundo. “O coração é tudo — dizia ela. — Nunca cederei, nem ao ouro de um corcunda, nem às graças de um jovem, nem às seduções de um bonzo; amarei unicamente a Nabussan, filho de Nussanab, e esperarei que ele se digne amar-me.” O rei sentiu-se transportado de alegria, de espanto e de ternura. Recolheu todo o dinheiro que causara o sucesso dos corcundas e presenteou-o à bela Falide; era esse o nome da jovem criatura. Deu-lhe o seu coração: ela bem o

merecia. Jamais foi tão viçosa a flor da juventude, jamais tiveram tal sedução os encantos da formosura. Que ela não sabia fazer direito a reverência, é coisa que a verdade histórica não permite calar; mas dançava como as fadas, falava como as sereias e cantava como as Graças: era cheia de prendas e virtudes.

Nabussan, amado, adorou-a; mas Falide tinha olhos azuis, e foi isso a fonte das maiores desgraças. Havia uma antiga lei que proibia aos reis amarem uma dessas mulheres que os gregos depois chamaram de *boópis*. [24] Fazia mais de cinco mil anos que o chefe dos bonzos tinha estabelecido essa lei; fora com o intuito de se apoderar da amante do primeiro rei da ilha de Serendib que esse primeiro bonzo introduzira o anátema dos olhos azuis na Constituição do Estado. Todas as ordens do império vieram apresentar advertências ao rei. Dizia-se publicamente que eram chegados os últimos dias do reino, que a abominação atingira o auge, que toda a natureza se achava ameaçada de uma catástrofe; que, numa palavra, Nabussan, filho de Nussanab, amava dois grandes olhos azuis. Os corcundas, os financistas, os bonzos e as morenas encheram o reino com suas queixas.

Os povos selvagens que habitam o norte de Serendib aproveitaram-se do descontentamento geral. Fizeram irrupção nos Estados do bom Nabussan. Este pediu auxílio financeiro aos súditos; os bonzos, que possuíam metade das rendas do Estado, contentaram-se em erguer as mãos ao céu e recusaram-se a metê-las no cofre para ajudar ao rei. Fizeram belas preces com música, e deixaram o Estado à mercê dos bárbaros.

— Ó meu caro Zadig, será que ainda me tirarás deste horrível embaraço? — exclamou dolorosamente Nabussan.

— De bom grado — respondeu Zadig. — Vossa Majestade terá dos bonzos todo o dinheiro que quiser. Deixe desguarnecidas as terras onde eles têm os seus castelos, e defenda unicamente os de Vossa Majestade.

Nabussan assim fez; os bonzos vieram lançar-se aos pés do rei e implorar-lhe assistência. O rei respondeu-lhes com uma bela canção, cuja letra era uma prece pela conservação de suas terras. Os bonzos afinal deram dinheiro e o rei acabou a guerra com felicidade. Deste modo Zadig, com os seus sábios e oportunos conselhos, e pelos grandes serviços que prestava, atraíra a irreconciliável inimizade dos homens mais poderosos do Estado. Os bonzos e as morenas juraram a sua perda; os financistas e os corcundas não mais o pouparam; tornaram-no suspeito ao bom Nabussan.

Os serviços prestados ficam muita vez na antecâmara, e as suspeitas entram no gabinete, segundo a sentença de Zoroastro: eram todos os dias novas acusações; a primeira é repelida, a segunda roça a pele, a terceira fere, a quarta mata.

Zadig, intimidado, já que tratara dos negócios de seu amigo Setoc e lhe salvara o dinheiro, não pensou mais senão em partir da ilha, e resolveu ir em pessoa saber notícias de Astartéia. "Pois — pensava ele — se fico em Serendib, os bonzos me farão empalar; mas aonde ir? Serei escravizado no Egito, queimado, segundo todas as aparências, na Arábia, estrangulado em Babilônia. Mas preciso saber o que é feito de Astartéia: partamos, e vejamos o que me reserva o meu triste destino.

Aqui termina o manuscrito que encontramos da história de Zadig. Esses dois capítulo devem certamente ser colocados depois do décimo segundo, e antes da chegada de Zadig à Síria. Sabemos que ele passou por muitas outras aventuras, que foram fielmente descritas. Rogamos aos senhores intérpretes das línguas orientais que informem caso venham a encontrá-las.

O mundo como está

visão de babuc, escrita por ele próprio

Este conto, que, como o precedente, se prende à moda das narrativas orientais, apareceu pela primeira vez em 1748 no tomo VIII das Obras *do senhor de Voltaire, em Dresden, Walther editor.*

Valendo-se de uma fantasia, Voltaire critica os costumes de sua época e traça um esboço da vida parisiense. Mas sua filosofia permanece ainda sorridente, amável, não faz como os predicadores cristãos, não invectiva a nova Babilônia. "Ituriel resolveu não pensar sequer em corrigir Persépolis e deixar o mundo como vai. Pois, disse, se nem tudo está bem, tudo é passável." Voltaire é ainda nessa época o cortesão que aprecia a vida dos salões e as conversações galantes, e ri do absurdo do mundo.

Este conto é em suma da mesma linhagem que a epístola do Mundano *(1736).*

Lamente quem quiser o tempo antigo
A Idade de Ouro, e o reino de Astréia...
Quanto a mim aprecio a natureza sábia
Que, para meu bem, fez-me nascer nesta época
Tão desacreditada por nossos descontentes.

Veremos nos contos ulteriores Voltaire não mais se satisfazer com esse otimismo algo aristocrático.

S. M.

Capítulo I

Entre os gênios que presidem os impérios do mundo, ocupa Ituriel um dos primeiros lugares, e tem a seu cargo o departamento da Alta Ásia. Desceu certa manhã à morada do cita Babuc, à margem do Oxus, e disse-lhe:

— Babuc, as loucuras e excessos dos persas atraíram nossa cólera; reuniu-se ontem uma assembléia dos gênios da Alta Ásia para decidir se se devia castigar Persépolis ou destruí-la. Vai a esta cidade, examina tudo; conta-me fielmente o que vires; e eu resolverei, conforme o teu relato, corrigir a cidade ou exterminá-la.

— Mas, Senhor — observou humildemente Babuc —, eu nunca estive na Pérsia; não conheço ninguém por lá.

— Tanto melhor — retrucou o anjo —, assim não serás parcial; recebeste do céu o discernimento, e eu acrescento-lhe o dom de inspirar confiança; anda, olha, escuta, observa, e nada temas: serás bem recebido em toda parte.

Babuc montou no camelo e partiu com os seus criados. Ao cabo de alguns dias, encontrou nas planícies de Senaar o exército persa, que ia combater o exército indiano. Dirigiu-se primeiro a um soldado que encontrou sozinho. Falou-lhe, e indagou qual o motivo da guerra.

— Por todos os deuses — replicou o soldado —, nada sei. Isso não é da minha conta; o meu ofício é matar e ser morto para ganhar a vida; não importa a quem sirva. Poderia até passar amanhã mesmo para o acampamento dos hindus, pois dizem que pagam a seus soldados, por dia, cerca de meia dracma de cobre a mais do que recebemos neste maldito serviço da Pérsia. Se quer saber por que nos batemos, fale com o meu capitão.

Depois de dar um pequeno presente ao soldado, Babuc entrou no acampamento. Em breve travou conhecimento com o capitão e perguntou-lhe o motivo da guerra.

— Como quer que eu saiba? — respondeu o capitão. — E que me importa esse belo motivo? Moro a duzentas léguas de Persépolis; ouço dizer que foi declarada guerra; abandono em seguida a família, e vou procurar, segundo nosso costume, a fortuna ou a morte, visto que nada tenho de fazer.

— Mas os seus camaradas — diz Babuc — não estarão um pouco mais informados do que o senhor?

— Não — responde o oficial —, só os nossos principais sátrapas é que sabem precisamente por que nos matamos.

Babuc, espantado, introduziu-se entre os generais, conquistando-lhes a intimidade.

— A causa desta guerra que há vinte anos assola a Ásia — disse-lhe afinal um deles — provém de uma querela entre o eunuco de uma mulher do grande rei da Pérsia e um fúncionário do grande rei das Índias. Tratava-se de uma taxa que montava pouco mais ou menos à trigésima parte de um dárico. O primeiro-ministro das Índias e o nosso sustentaram dignamente os direitos de seus senhores. De ambas as partes, armou-se um exército de um milhão de soldados. É preciso recrutar anualmente, para esse exército, cerca de quatrocentos mil homens. Multiplicam-se os assassínios, e os incêndios, as ruinas, as devastações; o universo sofre, e o encarniçamento continua. Nosso primeiro-ministro e o das Índias protestam seguidamente que só se trata da felicidade do gênero humano; e, a cada protesto, há sempre algumas cidades destruídas e algumas províncias devastadas.

No dia seguinte, devido a um boato, que se espalhara, de que ia ser concluída a paz, o general persa e o general hindu apressaram-se em travar batalha; esta foi sangrenta. Babuc assistiu-lhe a todos os erros e abominações; testemunhou as manobras dos principais sátrapas, que fizeram o possível para que o seu chefe fosse batido. Viu oficiais mortos pelas próprias tropas; viu soldados que acabavam de matar os camaradas agonizantes, para lhes arrancar alguns despojos ensangüentados, rotos e cobertos de lama. Entrou nos hospitais para onde conduziam os feridos, cuja maioria expirava, pela desumana negligência daqueles mesmos que o rei da Pérsia pagava regiamente para os socorrerem. “Serão homens — exclamou Babuc — ou animais ferozes? Ah! bem vejo que Persépolis vai ser destruída.”

Absorto nesses pensamentos, passou ao acampamento dos indianos. Foi ali tão bem acolhido como no dos persas, conforme lhe fora predito; mas viu os mesmos excessos que o haviam transido de horror. “Oh! oh! — exclamou consigo —, se o anjo Ituriel quer exterminar os persas, também o anjo das Índias tem de exterminar os indianos.” Informando-se em seguida, mais detalhadamente, do que se passara em ambos os exércitos, soube de atos de desprendimento, de grandeza de alma, de humanidade, que o espantaram e comoveram. “Inexplicáveis humanos — exclamou —, como podeis reunir tanta baixeza e grandeza, tantas virtudes e crimes?”

A paz foi firmada. Os dois chefes contrários, nenhum dos quais alcançara vitória, mas que, em seu exclusivo interesse, haviam derramado

o sangue de tantos homens seus semelhantes, acorreram às respectivas Cortes, para disputar recompensas. Celebrou-se a paz em éditos públicos que anunciavam nada menos que a volta da virtude e da felicidade à face da terra. “Louvado seja Deus! — disse Babuc. — Persépolis será a mansão da esclarecida inocência; não será destruída, como o queriam esses mesquinhos gênios: corramos sem tardança à capital da Ásia.”

Capítulo II

Chegou a esta cidade imensa pela antiga entrada, que tinha um bárbaro aspecto e cuja desagradável rusticidade ofendia a vista. Toda essa parte da cidade ressentia-se do tempo em que fora construída; pois, apesar da teimosia dos homens em louvar o antigo à custa do moderno, cumpre confessar que, em tudo, os primeiros ensaios são sempre grosseiros.

Babuc misturou-se a uma multidão composta do que havia de mais sujo e feio em ambos os sexos. Essa multidão precipitava-se com ar estúpido em um vasto e sombrio recinto. Pelo contínuo vozerio e movimento que ali notou, pelo dinheiro que algumas pessoas davam a outras para terem o direito de sentar-se, julgou achar-se num mercado onde vendiam cadeiras de palha; mas em breve, vendo que várias mulheres se punham de joelhos, fingindo olhar fixamente para a frente e olhando os homens de soslaio, compreendeu que estava num templo. Vozes agudas, roucas, selvagens, discordantes, faziam a abóbada reboar de sons mal articulados, que produziam o mesmo efeito da voz dos onagros quando respondem, nos campos dos pictávios, à trompa de corno que os chama. Babuc tapava os ouvidos; mas esteve quase a tapar também os olhos e o nariz, quando viu entrarem alguns operários com ferramentas. Ergueram uma grande laje, e lançaram à direita e à esquerda uma terra de onde se exalava um cheiro pestilento; depositaram em seguida um cadáver naquela abertura e colocaram-lhe a pedra em cima.

“Como! — estranhava Babuc. — Então esses povos enterram os mortos no mesmo local onde adoram a Divindade?! Como! Então os seus templos são pavimentados de cadáveres?! Não mais me espanto dessas

pestes que seguidamente assolam Persépolis. A corrupção dos mortos, e a de tantos vivos reunidos e apertados no mesmo local, é capaz de envenenar o globo terrestre. Porca cidade, esta Persépolis! Sem dúvida os anjos querem destruí-la para construir outra mais bela e povoá-la de habitantes menos sujos e que cantem melhor. A Providência pode ter lá as suas razões: deixemo-la agir.”

Capítulo III

Entrementes, o sol aproximava-se do alto da sua carreira. Babuc devia ir jantar no outro extremo da cidade, em casa de uma dama a quem levava carta do marido, oficial do exército. Deu primeiro várias voltas por Persépolis; viu outros templos mais bem construídos e ornamentados, cheios de polida gente e ressoantes de belas harmonias; notou fontes públicas que, embora mal situadas, agradavam pela beleza; praças onde pareciam respirar em bronze os melhores reis que haviam governado a Pérsia; outras praças onde ouvia o povo exclamar: “Quando veremos aqui o senhor a quem queremos?” Admirou as pontes magníficas que atravessavam o rio, os cais soberbos e cômodos, os palácios erguidos de um lado e outro, um edifício imenso onde, cada dia, velhos soldados feridos e vencedores rendiam graças ao deus dos exércitos. Chegou enfim à casa da dama, que o esperava para jantar, em companhia de distintas pessoas. A casa era limpa e ornada, a dama jovem, bonita, agradável, atenciosa, a companhia digna dela; e Babuc dizia consigo a cada instante: “O anjo Ituriel zomba do mundo em querer destruir uma cidade tão encantadora”.

Capítulo IV

Notou, entretanto, que a dama, que começara por lhe pedir ternamente notícias do marido, falava ainda mais ternamente, no fim da refeição, com um jovem mago. Viu um magistrado que, em presença da mulher, assediava vivamente a uma viúva; e essa viúva indulgente enlaçava com uma das mãos o pescoço do magistrado, enquanto estendia a outra a um jovem cidadão muito bonito e modesto. A mulher do magistrado foi quem primeiro se ergueu da mesa, para ir falar, num gabinete vizinho, com o seu diretor, que chegara atrasado e a quem haviam esperado para jantar; e o diretor, homem eloqüente, falou-lhe, naquele gabinete, com tanta veemência e unção, que a dama tinha, ao voltar, os olhos úmidos, as faces vermelhas, o passo inseguro, a voz trêmula.

Então Babuc começou a recear que o gênio de Ituriel tivesse razão. O seu dom de atrair confiança fê-lo conhecer no mesmo dia os segredos da dama; confessou-lhe esta a sua inclinação pelo jovem mago e assegurou-lhe que, em todas as casas de Persépolis, encontraria o equivalente do que vira na sua. Babuc concluiu que uma sociedade assim não poderia subsistir; que o ciúme, a discórdia, a vingança deviam desolar todos os lares; que todos os dias deviam correr lágrimas e sangue; que sem dúvida os maridos matariam os galãs de suas mulheres, ou seriam mortos por estes; e que enfim Ituriel fazia muito bem em destruir de uma vez por todas uma cidade entregue a contínuos desmandos.

Capítulo V

Achava-se mergulhado nessas funestas idéias, quando se apresentou à porta um homem grave, de manto negro, que pediu humildemente para falar ao jovem magistrado. Este, sem se levantar, sem olhar para ele, deu-lhe altivamente, e com um ar distraído, alguns papéis, e despediu-o. Babuc indagou quem era aquele homem.

— É um dos melhores advogados da cidade — disse-lhe em voz baixa a dona da casa. — Faz cinqüenta anos que estuda as leis. O magistrado, que tem apenas vinte e cinco anos e que é sátrapa de lei apenas há dois

dias, encarrega-o de fazer a súmula de um processo que deve julgar, e que ainda não leu.

— Esse jovem estouvado faz muito bem — disse Babuc — em pedir conselho a um velho; mas por que não é esse velho o juiz?

— O senhor está brincando — retrucou a dama. — Os que envelheceram em empregos laboriosos e subalternos jamais atingem às dignidades. Esse jovem exerce um alto cargo porque o seu pai é rico, e aqui o direito de distribuir justiça compra-se como um terreno.

— Ó costumes! Ó desgraçada cidade — exclamou Babuc. — Eis o cúmulo da desordem. Os que assim compraram o direito de julgar, com certeza vendem os seus julgamentos. Não vejo aqui senão abismos de iniqüidade.

Como assim externasse a sua dor e surpresa, disse-lhe um jovem guerreiro, que chegara naquele mesmo dia do exército:

— Por que não quer o senhor que se comprem os cargos da justiça? Quanto a mim, comprei o direito de afrontar a morte à frente de dois mil homens que comando; desembolsei quarenta mil dáricos de ouro este ano, para dormir por terra trinta noites seguidas, e receber dois belos flechaços de que ainda me ressinto. Se me arruíno para servir ao imperador persa, a quem nunca vi, o senhor sátrapa de toga pode muito bem pagar qualquer coisa para ter o prazer de dar audiência a litigantes.

Babuc, indignado, não pôde deixar de condenar, no íntimo, um país onde se punham em leilão as dignidades da paz e da guerra; concluiu precipitadamente que ali deviam ignorar de todo a guerra e as leis e que, mesmo que Ituriel não os exterminasse, pereceriam por obra da sua detestável administração.

Sua má opinião agravou-se ante a chegada de um homem corpulento que, depois de saudar familiarmente a toda a companhia, se aproximou do jovem oficial e disse-lhe:

— Só lhe posso emprestar cinqüenta mil dáricos de ouro, pois, na verdade as alfândegas do império apenas me renderam trezentos mil este ano.

Babuc informou-se sobre quem era aquele homem que se queixava de ganhar tão pouco; soube que havia em Persépolis quarenta reis plebeus que arrendavam o império da Pérsia, e que davam alguma coisa ao monarca.

Capítulo VI

Foi, depois de jantar, a um dos mais soberbos templos da cidade; sentou-se em meio a um grupo de mulheres e homens que ali tinham ido passar o tempo. Num elevado balcão apareceu um mago, que falou longamente do vício e da virtude. Esse mago dividiu em várias partes o que não tinha necessidade de ser dividido; provou metodicamente tudo o que era claro, ensinou tudo o que se sabia. Apaixonou-se a frio, e saiu suando e sem fôlego. Toda a assembléia então despertou e julgou ter assistido a uma instrução. "Eis um homem — disse Babuc — que fez o melhor que pôde para aborrecer a duzentos ou trezentos de seus concidadãos; mas a sua intenção era boa e por isso não há motivo de destruir Persépolis."

Ao sair dessa assembléia, levaram-no a ver uma festa pública que era celebrada todos os dias; era numa espécie de basílica, ao fundo da qual se via um palácio. As mais belas cidadãs de Persépolis, os mais consideráveis sátrapas, colocados em ordem, constituíam um espetáculo tão belo, que Babuc julgou a princípio que aquilo era toda a festa. Duas ou três pessoas, que pareciam reis e rainhas, apareceram logo no vestíbulo daquele palácio; sua linguagem, muito diferente da do povo, era medida, harmoniosa e sublime. Ninguém dormia, todos escutavam em profundo silêncio, apenas interrompido pelos testemunhos de sensibilidade e admiração. O dever dos reis, o amor da virtude, os perigos das paixões, eram expressos em tiradas tão vivas e comoventes, que Babuc rompeu em pranto. Não duvidou que aqueles heróis e heroínas, aqueles reis e rainhas que acabava de ouvir, fossem os predicadores do império; propôs-se, até, a induzir Ituriel a que viesse ouvi-los, certo de que tal espetáculo o reconciliaria para sempre com a cidade.

Terminada a festa, quis ir visitar a principal rainha, que declamara naquele belo palácio uma moral tão nobre e tão pura; fez-se apresentar a Sua Majestade; levaram-no, por uma estreita escada, a um apartamento mal mobiliado do segundo andar, onde encontrou uma mulher mal vestida, que lhe disse com um ar nobre e patético: — Este ofício não dá para viver; um dos príncipes que o senhor viu me fez um filho; em breve vou dar à luz; não tenho dinheiro, e sem dinheiro não se pode ter filhos. — Babuc

deu-lhe cem dáricos de ouro, dizendo consigo: “Se não houvesse senão esse mal na cidade, Ituriel não teria razão de incomodar-se tanto”.

Dali, foi passar a noite no estabelecimento de uns vendedores de magníficas bagatelas, aonde o levou um homem inteligente com quem travara relações. Escolheu o que lhe agradou, e que lhe venderam polidamente por muito mais do que valia. Seu amigo, na volta, fez-lhe compreender como o haviam enganado. Babuc inscreveu nas suas tabuinhas o nome do negociante, para indicá-lo a Ituriel no dia da punição da cidade. Enquanto escrevia, bateram-lhe à porta: era o próprio negociante que vinha trazer-lhe a bolsa que ele havia esquecido sobre o balcão.

— Como se explica — estranhou Babuc — que o senhor se mostre tão fiel e generoso, quando não teve vergonha de vender-me bugigangas quatro vezes acima do seu valor?

— Não há nesta cidade nenhum negociante mais ou menos conhecido — respondeu-lhe o outro — que não viesse devolver-lhe a bolsa; mas muito o enganaram, dizendo-lhe que eu lhe vendera artigos quatro vezes mais caro do que valiam: vendi-os por dez vezes mais. E tanto isto é verdade que, se daqui a um mês o senhor quiser revendê-los, não obterá nem essa décima parte. Mas nada mais justo: é a fantasia dos homens que dá preço a essas coisas frívolas; é essa fantasia que faz viver cem operários que eu emprego, é ela que me dá uma bela casa, um carro cômodo, cavalos, é ela que anima a indústria, que mantém o gosto, a circulação e a abundância. Às nações vizinhas vendo eu essas bagatelas muito mais caro que ao senhor, e assim sou útil ao império.

Babuc, depois de haver cismado um pouco, riscou-o das suas tabuinhas.

Capítulo VII

Babuc, muito incerto do que deveria pensar de Persépolis, resolveu avistar-se com os magos e os letrados: pois uns estudam a sabedoria, e os outros a religião; e esperava que esses pudessem salvar o resto do povo.

Na manhã seguinte transportou-se para um colégio de magos. O arquimandrita confessou-lhe que tinha cem mil escudos de renda por haver feito voto de pobreza, e que exercia um império bastante extenso em vista do seu voto de humildade; depois do que, deixou Babuc aos cuidados de um irmão menor, que lhe fez as honras da casa.

Ora, enquanto esse irmão lhe mostrava as magnificências daquela casa de penitência, espalhou-se o rumor de que Babuc ali fora para reformar todos aqueles estabelecimentos. Começaram logo a chegar-lhe memoriais de cada uma das referidas casas; esses memoriais diziam todos, em substância: *Conservai-nos, e destruí todas as outras.* A julgar por suas apologias, essas sociedades eram todas necessárias. Mas, a julgar por suas acusações recíprocas, mereciam ser todas aniquiladas. Admirava-se de como não havia nenhuma delas que, para edificar o universo, não lhe quisesse conseguir o império. Apresentou-se então um homenzinho que era um semimago e que lhe disse:

— Vejo que os tempos vão cumprir-se, pois Zerdust voltou à terra; as meninas profetizam, recebendo pinçaços pela frente e chicotaços por trás. Pedimos, pois, vossa proteção contra o Grande Lama.

— Como! — exclamou Babuc. — Contra esse pontífice-rei que reside no Tibete?

Ele mesmo.

— Então lhe declarastes guerra, e ergueis exércitos contra ele?

— Não, mas o Grande Lama diz que o homem é livre, coisa que nós não acreditamos; escrevemos panfletos, atacando-o, e que ele não lê; quando muito, ouviu apenas falar de nós; e limitou-se a nos condenar, como um proprietário ordena que destruam as lagartas de sua horta.

Babuc estremeceu ante a loucura daqueles homens que faziam profissão de sabedoria, as intrigas daqueles que haviam renunciado ao mundo, a orgulhosa ambição e cobiça daqueles que pregavam a humildade e o desinteresse; e concluiu que Ituriel tinha boas razões para destruir toda aquela espécie.

Capítulo VIII

De regresso à casa, mandou procurar livros novos para suavizar suas penas e convidou alguns letrados para jantar, a fim de distrair-se. Veio o dobro do que convidara, como vespas que o mel atrai. Esses parasitas não faziam mais que comer e falar; louvavam duas espécies de pessoas, aos mortos e a si próprios, e nunca a seus contemporâneos, exceto o dono da casa. Se algum deles dizia uma boa frase, os outros baixavam os olhos e mordiam os lábios de dor por não lhes haver ocorrido isso. Eram menos dissimulados que os magos, pois não tinham tão grandes ambições. Cada qual disputava um lugar de lacaio e uma reputação de grande homem; diziam-se em cara coisas insultantes, que julgavam frases de espírito. Tinham algum conhecimento da missão de Babuc. Um deles pediu-lhe em segredo que exterminasse um autor que não o louvara suficientemente cinco anos atrás. Outro solicitou a perda de um cidadão que nunca rira nas suas comédias. Um terceiro pediu a extinção da Academia, porque jamais conseguira entrar para ela. Findo o almoço, cada qual se retirou sozinho, pois não havia em todo o grupo dois homens que se pudessem suportar, nem se falar a não ser em casa dos ricos que os convidavam para a sua mesa. Babuc julgou que não se perderia nada se toda aquela cambada perecesse na destruição geral.

Capítulo IX

Logo que se desfez deles, pôs-se a ler alguns dos novos livros, nos quais reconheceu a mentalidade de seus convivas. Viu sobretudo com indignação essas gazetas de maledicência, esses arquivos do mau gosto, que a inveja, a baixeza e a fome ditaram; essas covardes sátiras onde se poupa o abutre e se estraçalha a pomba; esses romances destituídos de imaginação, onde se vêem tantos retratos de mulheres que o autor não conhece.

Lançou ao fogo todos aqueles detestáveis escritos e saiu a passear. Apresentaram-lhe um velho letrado, que não fora aumentar o número daqueles parasitas. Esse letrado fugia sempre à multidão, conhecia os

homens, o que muito lhe aproveitava, e falava com discrição. Babuc falou-lhe amargamente do que lera e do que tinha ouvido.

— O senhor leu coisas bastante desprezíveis — disse-lhe o sábio letrado. — Mas em todas as épocas, e em todos os países, e em todos os gêneros, sempre formiga o mau e escasseia o bom. E se o senhor recebeu em casa o rebotalho do pedantismo é porque, em todas as profissões, o que há de mais indigno de aparecer é sempre o que se apresenta com maior imprudência. Os verdadeiros sábios vivem entre si, retirados e tranqüilos; há ainda, em nosso meio, homens e livros dignos de lhe ocupar a atenção.

Enquanto aquele assim falava, veio juntar-se-lhes outro letrado; e o que disseram ambos foi tão agradável e instrutivo, tão acima dos preconceitos, e tão conforme à virtude, que Babuc confessou jamais ter ouvido nada semelhante. "Eis aí uns homens — murmurava ele — em quem o anjo Ituriel não ousará tocar, a menos que seja muito impiedoso."

Acomodado com as letras, continuava todavia em cólera contra o resto da nação. — O senhor é estrangeiro — dizia-lhe o avisado homem que lhe falava —, de modo que os abusos se lhe apresentam em multidão, e passa-lhe despercebido o bem, que está oculto e às vezes resulta desses mesmos abusos.

Soube então que, entre os letrados, alguns havia que não eram invejosos e que, até entre os magos, havia-os cheios de virtude. Compreendeu então que aquelas grandes sociedades que pareciam, em seus entrechoques, preparar a ruína comum eram no fundo instituições salutares; que cada agrupamento de magos era um freio a seus rivais; que, se diferiam em algumas opiniões, esses êmulos pregavam todos a mesma moral, que instruíam o povo e viviam submissos às leis, semelhantes aos preceptores que vigiam os filhos da casa, enquanto os donos os vigiam a eles. Conversou com vários desses magos e descobriu almas celestiais. Reconheceu até que, entre os loucos que pretendiam guerrear o Grande Lama, havia homens eminentes. Suspeitou enfim que com os costumes de Persépolis poderia acontecer a mesma coisa que com os edifícios: uns lhe pareciam dignos de lástima, outros o enchiam de admiracão.

Capítulo X

Disse ao seu letrado:

— Reconheço que esses magos, a quem julgara tão perigosos, são, com efeito, muito úteis, sobretudo quando um sábio governo os impede de se tornarem demasiado necessários; mas ao menos confesse que os seus jovens magistrados, que compram um cargo de juiz logo que aprendem a montar a cavalo, devem revelar nos tribunais tudo o que a impertinência tem de mais ridículo e a iniqüidade de mais perverso; melhor seria ceder gratuitamente esses lugares aos velhos jurisconsultos que passaram toda a vida a pesar o pró e o contra.

— Antes de chegar a Persépolis — replicou o letrado —, viu o senhor o nosso exército; sabe que os nossos oficiais se batem muito bem, embora tenham comprado as divisas; igualmente há de ver que os nossos jovens magistrados não julgam mal, embora tenham pago para isso.

Levou-o no dia seguinte ao tribunal, onde devia ser proferida importante sentença. A causa era conhecida de todos. Os velhos advogados que a discutiam pareciam flutuar nas suas opiniões; alegavam cem leis, nenhuma das quais era aplicável ao fundo da questão; consideravam o assunto por cem pontos de vista, nenhum deles o adequado; os juízes decidiram mais depressa do que o tempo que gastaram os advogados em hesitar. O veredicto foi quase unânime; julgaram bem, porque seguiam as luzes da razão, e os outros haviam opinado mal, porque apenas tinham consultado os livros.

Babuc concluiu que muita vez havia excelentes coisas nos abusos. Viu no mesmo dia que as riquezas dos financistas, que tanto o haviam revoltado, podiam produzir um ótimo efeito; pois tendo o imperador necessidade de dinheiro, encontrou, em uma hora, por intermédio deles, o que não conseguiria em seis meses pelas vias ordinárias; viu que aquelas grossas nuvens, infladas do orvalho da terra, devolviam em chuva o que haviam recebido. Aliás, os filhos desses homens novos, não raro mais bem educados que os de famílias mais antigas, valiam às vezes muito mais; pois nada impede que se seja um bom juiz, um bravo guerreiro, um hábil homem de Estado, quando se tem um pai bom calculista.

Capítulo XI

Insensivelmente, perdoava Babuc a avidez do financista, que não é, no fundo, mais ávido que os outros homens, e que é necessário. Escusava a loucura dos que se arruinavam para julgar e bater-se, loucura que produz grandes magistrados e heróis. Passava por alto sobre a inveja dos letrados, entre os quais se encontravam homens que esclareciam o mundo; reconciliava-se com os magos ambiciosos e intrigantes, entre os quais havia ainda maiores virtudes que pequenos vícios. Mas ainda lhe restava muito que censurar; e principalmente as galanterias femininas, e suas possíveis conseqüências, o enchiam de inquietação e temor.

Como quisesse estudar todas as condições humanas, fez-se conduzir a um ministro; mas, no caminho, continuava a recear que alguma mulher fosse assassinada na sua presença pelo marido. Chegado ao gabinete do ministro, esperou duas horas na antecâmara antes de ser anunciado, e mais duas horas depois de o ter sido. Propunha-se, nesse intervalo, recomendar ao anjo Ituriel esse ministro e seus insolentes oficiais. A sala de espera estava cheia de damas de todas as condições, de magos de todas as cores, de juízes, de homens de negócio, de militares, de pedantes; todos se queixavam do ministro. O avarento e o usurário diziam: "Com toda a certeza, esse homem pilha as províncias"; o caprichoso lhe estranhava a esquisitice; "Ele só pensa nos prazeres", dizia o libertino; o intrigante suspirava vê-lo em breve perdido por uma cabala; as mulheres esperavam que lhe dessem em breve um ministro mais jovem.

Babuc, que os ouvia a todos, não pôde deixar de dizer consigo mesmo: "Eis aí um homem bastante feliz; tem todos os seus inimigos na antecâmara; aplastra com o seu poder aqueles que o invejam; vê a seus pés os que o detestam". Afinal entrou: viu um velhinho curvado ao peso dos anos e dos trabalhos, mas ainda vivo e cheio de espírito.

Babuc agradou-lhe, e pareceu a Babuc um homem estimável. A palestra tornou-se interessante. Confessou-lhe o ministro que era muito infeliz; que passava por homem rico, e era pobre; que o julgavam todo-poderoso, e era contrariado; que só prestara serviço a ingratos, e que, num trabalho contínuo de quarenta anos, mal tivera um momento de consolo. Babuc sentiu-se comovido e pensou que, se aquele homem cometera faltas e o anjo Ituriel o quisesse punir, não precisava exterminá-lo, mas apenas conservá-lo naquele posto.

Capítulo XII

Enquanto falava ao ministro, entra de súbito a bela dama em cuja casa havia jantado. Liam-lhe nos olhos e na fronte os sintomas da dor e da cólera. Explodiu em censuras ao homem de Estado; chorou; queixou-se amargamente de haverem recusado a seu marido um lugar a que o seu sangue permitia aspirar e que os seus serviços e ferimentos mereciam; exprimiu-se com tanta força, pôs tanta graça nas suas queixas, destruiu tão habilmente as objeções, fez valer com tamanha eloqüência as suas razões, que não saiu do gabinete sem ter feito a fortuna do marido.

Babuc estendeu-lhe a mão.

— Será possível, minha senhora — disse-lhe ele —, que se haja dado a todo esse trabalho por um homem a quem não ama e de quem tem tudo a temer?

— Um homem a quem não amo! — exclamou a dama. — Pois saiba que meu marido é o melhor amigo que tenho no mundo, que não há nada que eu não lhe sacrifique, exceto o meu amante, e que ele faria tudo por mim, menos abandonar a sua amante. Quero que a conheça; é uma mulher encantadora, cheia de espírito e tem o melhor caráter do mundo; ceamos juntas esta noite com o meu marido e o meu maguinho: venha compartilhar da nossa alegria.

A dama conduziu Babuc até a casa dela. O marido, que chegara imerso em dor, tornou a ver a esposa com transportes de alegria e gratidão; beijava sucessivamente a amante, a mulher, o mago e Babuc. A união, a alegria, o espírito e as graças foram a alma daquela ceia.

— Saiba — disse-lhe a bela dama — que aquelas a quem chamam às vezes de desonestas têm quase sempre os méritos que constituem um homem honrado; e, para convencer-se disso, vá amanhã jantar comigo em casa da bela Teone. Há algumas velhas vestais que a estraçalham; mas Teone faz maior bem que todas elas juntas. Seria incapaz de cometer uma pequena injustiça pelo maior dos interesses; não dá a seu amante senão conselhos generosos; este coraria diante dela se deixasse escapar alguma ocasião de fazer o bem; pois nada incita mais às ações virtuosas do que ter, como testemunha e juiz, uma amante cuja estima se busca merecer.

Babuc não faltou ao encontro. Viu uma casa onde reinavam todas as atrações; Teone reinava sobre elas; sabia falar a cada qual a sua própria linguagem. Seu gênio natural punha à vontade o dos outros; agradava quase sem querer; era tão amável quanto bondosa; e, o que aumentava o preço de todas as suas boas qualidades, era bela.

Babuc, por mais cita e mensageiro celestial que fosse, sentiu que, se se demorasse mais em Persépolis, esqueceria Ituriel por Teone. Afeiçoava-se à cidade, cujo povo era polido, pacífico e benévolo, embora leviano, tagarela e cheio de vaidade. Temia que Persépolis fosse condenada; temia até o relatório que teria de fazer.

Eis como se houve para apresentar esse relatório. Mandou fazer no melhor fundidor da cidade uma estatueta composta de todos os metais, das terras e pedras mais preciosas e mais vis; e levou-a a Ituriel.

— Destruirias — disse ele — esta linda estátua, porque não é toda de ouro e diamantes?

Ituriel soube compreender; nem mesmo pensou em corrigir Persépolis, e resolveu *deixar o mundo como estava.* Pois, disse ele, *se nem tudo está bem, tudo é passável*. Deixou pois subsistir Persépolis; e longe estava Babuc de se queixar, como Jonas, que se agastou por não terem destruído Nínive. Mas depois que a gente passou três dias dentro de uma baleia, não se sente de tão bom humor como depois de haver estado na ópera, na comédia, e de ter jantado em boa companhia.

Memnon

OU A SABEDORIA HUMANA

"Memnon", que Voltaire talvez tivesse escrito para o rei Estanislau, apareceu em 1749 ao mesmo tempo que os Discursos em versos sobre o homem, *na* Coletânea de peças em versos e em prosa pelo autor da tragédia de Semiramis, *editado* em *Amsterdã em 1750. Acompanha o conto uma nota assim redigida: "Tendo esta pequena obra alguma relação com os discursos acima* [*trata-se dos poemas sobre o Homem*]*, pensou-se que devia ser impressa a seguir".*

Com efeito esse conto e os discursos em versos formam um conjunto de conselhos sobre a arte de bem viver. Poder-se-ia pois colocar-lhe como epígrafe o início do primeiro discurso:

> Não sabes ainda que partido tomar
> Desejarias lições sobre a grande arte de viver?
> É preciso escolher. Hesitante em teus desejos
> Queres escolher, dizes, o destino mais feliz.
> Mas qual é esse destino?

Ao passo, entretanto, que os discursos elaboram uma ética da moderação nos prazeres, já encontramos em "Memnon" um primeiro esboço de Candido, *com a diferença que o otimismo criticado não é ainda o de Leibniz, mas o do filósofo inglês Pope. Este afirma com efeito que "tudo o que é, é certo". Observa-se que o processo usado por Voltaire para criticar essa filosofia é o mesmo empregado mais tarde em* Cândido. *Desse ponto de vista, dos sete discursos em versos sobre o homem, é ao sexto que o canto deve ser comparado, o qual mostra que o homem, não pode alcançar a perfeição neste mundo, e que, portanto, não lhe cabe lamentar-se. Nesse discurso Voltaire ventila de passagem o problema do otimismo:*

Vós insistis em vão; essa vasta ciência
Ou me ultrapassa ou me obriga ao silêncio.
Meu espírito marcado pelo compasso francês
Não tem a liberdade dos gregos e ingleses.
Pope pode dizer tudo, eu devo calar-me...

Mas não calará completamente e, na impossibilidade de solução diversa, sua crítica assumirá a forma do conto.

"Memnon", embora muito curto, alcançou extraordinário êxito. Voltaire o retomará nas Questões sobre a Enciclopédia, *no artigo: "Confiança em si" (1771), dando-lhe outra moralidade:*

Enganarmo-nos em nossos empreendimentos
É coisa a que estamos sujeitos;
Pela manhã faço projetos
E tolices o dia inteiro.

O Mercure *publicou posteriormente uma imitação em versos desse conto "Danion ou o sábio insensato, conto moral tirado do sr. de Voltaire", em seu número de outubro de 1759, e o padre de Voisenon escreveu sobre o assunto uma comédia em três atos em prosa:* Memnon, assunto tirado de Voltaire.

S. M.

MEMNON CONCEBEU UM DIA o insensato projeto de ser perfeitamente sábio. Não há homem a quem essa loucura não tenha ocorrido alguma vez.

"Para ser bastante sábio, e por conseguinte bastante feliz —, considerou Memnon —, basta não ter paixões; e nada é mais fácil, como se sabe. Antes de tudo, jamais amarei mulher nenhuma: pois, ao ver uma beleza perfeita, direi comigo mesmo: 'Essas faces se enrugarão um dia; esses belos olhos se debruarão de vermelho; esses rijos seios se tornarão flácidos e pendentes; essa linda cabeça perderá os cabelos'. É só olhá-la

agora com os olhos com que a verei então, e essa cabeça não há de virar a minha.

"Em segundo lugar, serei sóbrio. Por mais que seja tentado pela boa mesa, os vinhos deliciosos, a sedução da sociedade, bastará imaginar as conseqüências dos excessos, a cabeça pesada, o estômago arruinado, a perda da razão, da saúde e do tempo: apenas comerei por necessidade; minha saúde será sempre igual, minhas idéias sempre puras e luminosas. Tudo isso é tão fácil que não há nenhum mérito em consegui-lo.

"Depois — dizia Memnon —, devo pensar um pouco na minha fortuna. Meus desejos são moderados; meus bens estão solidamente colocados em mãos do recebedor geral das finanças de Nínive; tenho com que viver independentemente; é esse o maior dos bens. Nunca me verei na cruel necessidade de freqüentar a Corte: não invejarei ninguém, e ninguém me invejará. Eis o que é também bastante fácil. Tenho amigos — continuava ele — e hei de conservá-los, pois nada terão que me disputar. Nunca me indisporei com eles, nem eles comigo. Isso não tem dificuldade alguma."

Tendo assim feito no interior do quarto o seu pequeno plano de sabedoria, Memnon pôs a cabeça à janela. Viu duas mulheres que passeavam debaixo dos plátanos, perto da sua casa. Uma era velha e não aparentava pensar em nada. A outra era jovem, bonita, e parecia muito preocupada. Suspirava, chorava, e com isso não fazia mais que aumentar as suas graças. O nosso filósofo sentiu-se impressionado, não com a beleza da dama (estava seguro de não se entregar a tais fraquezas), mas com a aflição em que a via. Desceu à rua e abordou a jovem, com a intenção de consolá-la sabiamente. A linda criatura contou-lhe, com o ar mais ingênuo e comovente do mundo, todo o mal que lhe causava um tio que ela não tinha; com que artimanhas lhe roubara ele uns bens que ela jamais possuíra; e tudo o que tinha a temer da sua violência. — O senhor me parece um homem tão avisado — lhe disse ela — que, se tivesse a bondade de acompanhar-me até em casa e examinar meus negócios, estou certa de que me tiraria do cruel embaraço em que me encontro. — Memnon não hesitou em segui-la para examinar sabiamente os seus negócios e dar-lhe um bom conselho.

A dama aflita levou-o para um salão perfumado e fê-lo sentar-se polidamente num largo sofá, onde se mantinham ambos, com as pernas cruzadas, um defrontando o outro. A dama falou baixando os olhos, de

onde escapavam lágrimas de vez em quando e que, ao erguerem-se, cruzavam sempre com os olhares do sábio Memnon. As frases dela eram cheias de um enternecimento que redobrava sempre que os dois se olhavam. Memnon tomava os seus negócios extremamente a peito, e de momento a momento sentia maior desejo de socorrer a uma criatura tão honesta e tão desgraçada. No calor da conversação, deixaram insensivelmente de estar um defronte ao outro. As suas pernas descruzaram-se. Memnon aconselhou-a de tão perto, deu-lhe conselhos tão ternos, que nenhum dos dois podia falar de negócios, e não sabiam mais onde se achavam.

E, como se achassem em tal ponto, eis que chega o tio, como era de prever; estava armado da cabeça aos pés; e a primeira coisa que disse foi que ia matar, como de razão, o sábio Memnon e a sobrinha; a última que lhe escapou foi que ainda poderia perdoar aquilo tudo mediante considerável quantia. Memnon foi obrigado a entregar tudo o que tinha consigo. Davam-se por muito felizes, naquele tempo, em livrar-se tão modicamente; a América ainda não tinha sido descoberta e as damas aflitas não eram tão perigosas como hoje.

Memnon, envergonhado e desesperado, voltou para casa: encontrou um bilhete que o convidava para jantar com alguns amigos íntimos. “Se fico sozinho em casa — considerava ele —, terei o espírito preocupado com a minha triste aventura, não poderei comer, e acabo adoecendo. É melhor ir fazer, com meus íntimos, uma refeiçãozinha frugal. Esquecerei, na doçura do seu convívio, a tolice que fiz esta manhã.” Comparece à reunião; acham-no um pouco taciturno. Obrigam-no a beber para dissipar a tristeza. Um pouco de vinho tomado com moderação é um remédio para a alma e o corpo. É assim que pensa o sábio Memnon; e embebeda-se. Depois propõem-lhe uma partida. Um joguinho entre amigos é um passatempo honesto. Ele joga; ganham-lhe tudo o que tem na bolsa, e quatro vezes mais sob palavra. No meio do jogo surge uma disputa; exaltam-se os ânimos: um de seus amigos íntimos lança-lhe à cara um copo de dados e lhe vaza um olho. Carregam para casa o sábio Memnon, embriagado, sem dinheiro, e com um olho de menos.

Cozinha um pouco o seu vinho; e, logo que se vê com a cabeça mais livre, manda o criado conseguir dinheiro com o recebedor geral das finanças de Nínive, a fim de pagar seus íntimos amigos: dizem-lhe que seu credor, pela manhã, abrira falência fraudulenta, deixando cem famílias em

pânico. Memnon, consternado, dirige-se à Corte, com um emplastro no olho e um memorial na mão, para pedir justiça ao rei contra o bancarroteiro. Encontra num salão várias damas que usavam todas, comodamente, umas saias de vinte e quatro pés de circunferência. Uma delas, que o conhecia um pouco, exclamou, olhando-o de soslaio: — Ai, que horror! — Outra, que o conhecia mais, lhe disse: — Boa tarde, senhor Memnon. Verdadeiramente encantada de vê-lo, senhor Memnon. A propósito, senhor Memnon: como foi que perdeu um olho? — E passou adiante sem esperar resposta. Memnon ocultou-se a um canto, aguardando o momento em que se pudesse lançar aos pés do rei. Chegado esse momento, beijou três vezes o chão e apresentou seu memorial. Sua Graciosa Majestade o recebeu muito favoravelmente e entregou o memorial a um dos sátrapas, para informar. O sátrapa chama Memnon à parte e diz-lhe com ar altivo, rindo amargamente:

— Belo caolho me saiu você, dirigindo-se ao rei e não a mim! E ainda por cima ousa pedir justiça contra um honesto bancarroteiro a quem honro com a minha proteção e que é sobrinho de uma camareira de minha amante. Quer saber de uma coisa? Abandone esse negócio, meu amigo, se pretende conservar o olho que lhe resta...

Memnon, tendo assim renunciado, pela manhã, às mulheres, aos excessos da mesa, ao jogo, a qualquer discussão, e sobretudo à Corte, fora, antes de chegar a noite, enganado e roubado por uma bela dama, embriagara-se, jogara, metera-se numa disputa, perdera um olho e recorrera à Corte, onde haviam zombado dele.

Petrificado de espanto, transido de dor, regressa com a morte no coração. Quer entrar em casa: ali encontra oficiais de justiça que o despejavam em nome dos credores. Detém-se quase desmaiado sob um plátano; ali se encontra com a bela dama da manhã, a passear com o querido tio e que explodiu de riso ao ver Memnon com o seu emplastro. Tombou a noite; Memnon deitou-se na palha junto dos muros de sua casa. Veio-lhe a febre; assim adormeceu; e um espírito celeste lhe apareceu em sonhos.

Era todo resplendente de luz. Tinha seis belas asas, mas nem pés, nem cabeça, nem cauda, e não se assemelhava a coisa alguma.

— Quem és tu? — lhe diz Memnon.

— O teu bom gênio — respondeu-lhe o outro.

— Devolve-me então o meu olho, a minha saúde, o meu dinheiro, a minha sabedoria — pede-lhe Memnon.

Em seguida contou-lhe como perdera tudo aquilo em um único dia.

— Eis aí aventuras que nunca nos acontecem no mundo em que habitamos — observa o espírito.

— E em que mundo habitas? — indaga o infeliz.

— A minha pátria fica a quinhentos milhões de léguas do sol, numa pequena estrela perto de Sírio, que tu vês daqui.

— Que bela terra! — exclamou Memnon. — Quer dizer que lá não há espertalhonas que enganem um pobre homem, nem amigos íntimos que lhe ganhem o dinheiro e lhe furem um olho, nem bancarroteiros, nem sátrapas que zombem da gente, recusando-nos justiça?

— Não — respondeu o habitante da estrela —, nada disso. Nunca somos enganados pelas mulheres, porque não as temos; não nos entregamos a excessos de mesa, porque não comemos; não temos bancarroteiros, porque não existe entre nós nem ouro nem prata; não nos podem furar os olhos, porque não temos corpos à maneira dos vossos; e os sátrapas nunca nos fazem injustiça, porque na nossa estrela todos são iguais.

— Sem mulher e sem dinheiro — disse Memnon —, como passam então o tempo?

— A vigiar — respondeu o gênio — os outros globos que nos são confiados; e eu vim para consolar-te.

— Ah! — suspirava Memnon. — Por que não vieste na noite passada, para impedir-me de cometer tantas loucuras?

— Eu estava junto de Assan, teu irmão mais velho — respondeu o ente celeste. — Ele é mais digno de lástima que tu. Sua Graciosa Majestade o Rei das Índias, em cuja Corte tem a honra de servir, mandou-lhe vazar os dois olhos, devido a uma pequena indiscrição, e Assan acha-se atualmente num calabouço, com ferros nos pulsos e tornozelos.

— Mas que adianta ter um gênio na família, para que, de dois irmãos, um esteja caolho, o outro cego, um nas palhas, o outro na prisão?

— A tua sorte mudará — tornou o animal da estrela. — É verdade que serás sempre caolho; mas, afora isso, ainda hás de ser bastante feliz, contanto que não faças o tolo projeto de ser perfeitamente sábio.

— É então uma coisa impossível de conseguir? — exclamou Memnon, suspirando.

— Tão impossível — replicou o outro — como ser perfeitamente hábil, perfeitamente forte, perfeitamente poderoso, perfeitamente feliz. Nós próprios estamos muito longe disso. Há um globo em tais condições; mas, nos cem milhões de mundos que estão esparsos pela imensidade, tudo se encadeia por gradações. Tem-se menos sabedoria e prazer no segundo que no primeiro, menos no terceiro que no segundo. E assim até o último, onde todos são completamente loucos.

— Receio muito — disse Memnon — que este nosso pequeno globo terráqueo seja precisamente o hospício do universo de que me fazes a honra de falar.

— Não tanto — respondeu o espírito —, mas aproxima-se: tudo está no seu lugar.

— Ah! — exclamou Memnon. — Bem se vê que certos poetas, certos filósofos, não têm razão nenhuma em dizer que *tudo está bem.*

— Pelo contrário, têm toda a razão — retrucou o filósofo das alturas —, levando-se em conta o arranjo do universo inteiro.

— Ah! só acreditarei nisso — replicou o pobre Memnon — quando não for mais caolho.

Micrômegas

HISTÓRIA FILOSÓFICA

Voltaire em Londres lera com prazer infinito as Aventuras de Gulliver *de Swift.* Micrômegas *pode ser atribuído à influência dessa fonte. Gulliver é substituído pelo habitante de Sírio. Também já se falou da possível ligação entre* Micrômegas *e a fantasia de Cyrano de Bergerac,* Viagem aos Estados da Lua. *Não me parece, entretanto, que Cyrano tenha fornecido alguma coisa a Voltaire.*

Fontenelle, a quem de resto se alude no romance, pusera em voga a astronomia com suas Palestras sobre a Pluralidade dos Mundos. *Voltaire estudara a mecânica de Newton. Foi do casamento dessas duas correntes, a de Swift e a do interesse dos mundanos pela astronomia, que nasceu essa* Bouffonnerie d'Arlequin, *na expressão do próprio autor.*

Na sua primeira forma, que se perdeu e deveria datar de 1739, o conto foi escrito para Frederico II em Berlim. A correspondência entre o filósofo e o soberano revela-nos que a fantasia terminava com a apologia do rei da Prússia. Esse trecho apologético desapareceu do Micrômegas *publicado em 1752, em Londres. Acredita-se que a edição de Berlim, de 1750, seja antedatada.*

S. M.

CAPÍTULO I

Viagem de um habitante da estrela Sírio ao planeta Saturno

NUM DESSES PLANETAS que giram em torno da estrela chamada Sírio, havia um jovem de muito espírito a quem tive a honra de conhecer durante a última viagem que fez a este nosso pequeno formigueiro: chamava-se Micrômegas, nome bastante adequado a todos os grandes. Tinha oito léguas de altura: entendo, por oito léguas, vinte e quatro mil passos geométricos de cinco pés cada um.

Alguns algebristas, gente sempre útil ao público, tomarão logo da pena e, tendo em vista que o senhor Micrômegas, habitante do país de Sírio, tem da cabeça aos pés vinte e quatro mil passos, ou sejam vinte mil pés, e que nós outros, cidadãos da terra, não medimos mais que cinco pés de altura e o nosso globo nove mil léguas de circunferência, esses algebristas, dizia, eu, calcularão que é preciso, absolutamente, que o globo que o produziu seja exatamente vinte e um milhões e seiscentas mil vezes maior que a nossa minúscula terra. Nada mais simples nem mais comum na natureza. Os Estados de alguns soberanos da Alemanha ou da Itália, cuja volta se pode fazer em meia hora, comparados ao império da Turquia, de Moscóvia ou da China, não são mais que uma débil imagem das prodigiosas diferenças que a natureza colocou em todos os seres.

Sendo Sua Excelência da altura que eu disse, todos os nossos escultores e pintores convirão sem dificuldade em que a sua cintura pode medir cinqüenta mil pés, o que constitui uma bela proporção.

Quanto a seu espírito, é um dos mais cultivados que existem; sabe muitas coisas e inventou algumas outras: não tinha ainda duzentos e cinqüenta anos e estudava, segundo o costume, no colégio dos jesuítas de seu planeta, quando adivinhou, só pela força de seu espírito, mais de cinqüenta proposições de Euclides — isto é, dezoito mais que Blaise Pascal, o qual depois de ter adivinhado trinta e duas, por brincadeira, pelo que diz a sua irmã, tornou-se mais tarde um geômetra bastante medíocre e um péssimo metafísico. Lá pelos seus quatrocentos e cinqüenta anos, ao sair da infância, dissecou muitos desses pequenos insetos que têm apenas cem pés de diâmetro e que se furtam aos microscópios ordinários; compôs sobre a matéria um livro bastante curioso, mas que lhe valeu algumas

contrariedades. O mufti de seu país, sujeito esmiuçador e ignorantíssimo, achou no seu livro proposições suspeitas, malsoantes, temerárias, heréticas, que cheiravam a heresia, e o perseguiu sem tréguas: tratava-se de saber se a forma substancial das pulgas de Sírio era a mesma que a dos caracóis. Micrômegas defendeu-se com espírito; pôs as mulheres a seu favor; o processo durou duzentos e vinte anos. Afinal o mufti fez com que o livro fosse condenado por jurisconsultos que não o haviam lido, e o autor teve ordem de não aparecer na Corte durante oitocentos anos.

Pouco se afligiu ele de ser banido de uma Corte onde só havia intrigas e mesquinharias. Compôs uma canção muito divertida contra o mufti, a que este não deu importância; e pôs-se a viajar de planeta em planeta, para acabar de formar *o espírito e o coração,* como se diz. Os que só viajam de cadeira de posta e berlinda ficarão decerto espantados com as equipagens de lá; pois nós, em nossa pequena bola de lama, nada concebemos além de nossos usos. O nosso viajante conhecia às maravilhas as leis da gravitação e todas as forças atrativas e repulsivas. Utilizava-as tão a propósito que, ou por intermédio de um raio de sol, ou graças à comodidade de um cometa, ia de globo em globo, ele e os seus, como um pássaro voeja de ramo em ramo. Em pouco percorreu a Via-Láctea; e sou obrigado a confessar que nunca viu, em meio às estrelas de que é semeada, esse belo céu empíreo que o ilustre vigário Derham se gaba de ter enxergado na ponta de sua luneta. Não que eu pretenda alegar que o senhor Derham tenha visto mal, Deus me livre!, mas Micrômegas esteve no local, é um bom observador, e eu não quero contradizer ninguém. Micrômegas, depois de muitas voltas, chegou ao globo de Saturno. Por mais acostumado que estivesse a ver coisas novas, não pôde, ante a pequenez do globo e de seus habitantes, evitar esse sorriso de superioridade que às vezes escapa aos mais sábios. Pois afinal Saturno não é mais que novecentas vezes maior que a Terra, e os seus cidadãos não passam de anões que têm apenas umas mil toesas de altura. A princípio, zombou ele um pouco com a sua gente, mais ou menos como um músico italiano se põe a rir da música de Lulli, quando chega em França. Mas o siriano, que tinha o espírito justo, compreendeu que uma criatura pensante poderia muito bem não ser ridícula só por ter seis mil pés de altura. Familiarizou-se com os saturnianos, depois de os haver espantado. Ligou-se de estreita amizade com o secretário da Academia de Saturno, homem de muito espírito, que na verdade nada inventara, mas prestava excelente conta das invenções dos outros, e fazia passavelmente

pequenos versos e grandes cálculos. Transcreverei aqui, para satisfação dos leitores, uma singular conversação que Micrômegas teve um dia com o senhor secretário.

Capítulo II

Conversação do habitante de Sírio com o de Saturno

Depois que sua Excelência se deitou, o secretário aproximou-se de seu rosto:

— Tem-se de confessar — disse Micrômegas — que a natureza é bastante variada.

— Sim — disse o saturniano —, a natureza é como um canteiro cujas flores...

— Ah! — exclama o outro. — Deixe o canteiro em paz.

— Ela é — tornou o secretário — como uma assembléia de loiras e morenas cujos adornos...

— Que tenho eu a ver com as suas morenas?

— É então como uma galeria de pinturas cujos traços...

— Ora! — atalha o viajante. — De uma vez por todas: a natureza é como a natureza. Para que lhe buscar comparações?

— Para ser agradável ao senhor — respondeu o secretário.

— Eu não quero que me agradem — retrucou o viajante. — Quero que me instruam. Comece por me dizer quantos sentidos têm os homens do seu globo.

— Temos setenta e dois — disse o acadêmico. — E todos os dias nos queixamos de tão pouco. A nossa imaginação vai além de nossas necessidades; achamos que, com os nossos setenta e dois sentidos, o nosso anel, as nossas cinco luas, somos muito limitados; e, apesar de toda a nossa curiosidade e do considerável número de paixões que resultam dos

nossos setenta e dois sentidos, ainda temos tempo de sobra para nos aborrecermos.

— Não duvido — disse Micrômegas —, pois no nosso globo temos cerca de mil sentidos, e resta-nos ainda não sei que vago desejo, não sei que inquietação, que incessantemente nos adverte do pouco que nós somos e de que existem seres muito mais perfeitos. Tenho viajado um pouco; vi mortais muito abaixo de nós; vi-os muito superiores; mas a nenhum vi que não tivesse mais desejos que verdadeiras necessidades, e mais necessidades que satisfação. Talvez chegue um dia ao país onde não falta nada; mas desse país até agora ninguém me deu notícias.

O saturniano e o siriano alongaram-se então em conjeturas; mas, depois de muitos raciocínios tão engenhosos quão incertos, foi preciso voltar aos fatos.

— Quanto tempo vivem vocês? — indagou o siriano.

— Ah! pouquíssimo — replicou o homenzinho de Saturno.

— Exatamente como entre nós — disse o siriano —, vivemos sempre a nos queixar do pouco. Deve ser uma lei universal da natureza.

— Ai! — suspirou o saturniano. — Vivemos apenas quinhentas grandes revoluções do sol. (O que, pela nossa maneira de contar, dá aproximadamente uns quinze mil anos.) Bem vê que é quase o mesmo que morrer no momento em que se nasce; a nossa existência é um ponto, a nossa duração um instante, o nosso globo um átomo. Apenas começa a gente a instruir-se um pouco, quando chega a morte, antes que se tenha adquirido experiência. Quanto a mim, não ouso fazer projeto algum; sou como uma gota dágua em um oceano imenso. Sinto-me envergonhado, principalmente diante do senhor, da figura ridícula que faço neste mundo.

— Se o amigo não fosse filósofo — respondeu Micrômegas —, eu temeria afligi-lo dizendo-lhe que a nossa vida é setecentas vezes mais longa que a sua. Mas bem sabe que, quando nos cumpre devolver o corpo aos elementos e reanimar a natureza sob outra forma (que é o que se chama morrer), quando é chegado esse instante de metamorfose, ter vivido uma eternidade, ou um dia, é precisamente a mesma coisa. Estive em países onde se vivia mil vezes mais tempo do que no meu, e vi que ainda se queixavam. Mas há por toda parte gente de bom senso, que sabe tomar o seu partido e agradecer ao autor da natureza. Expandiu Ele por este universo uma profusão infinita de variedades, com uma admirável espécie de uniformidade. Por exemplo, todos os seres pensantes são diferentes, e

todos se assemelham no fundo, pelo dom do pensamento e dos desejos. A matéria está por toda parte, mas tem em cada globo propriedades diversas. Quantas dessas propriedades contam os senhores na sua matéria?

— Se se refere — disse o saturniano — a essas propriedades sem as quais julgamos que este globo não poderia subsistir tal como é, contamos trezentas, como a extensão, a impenetrabilidade, a mobilidade, a gravitação, a divisibilidade, e o resto.

— Aparentemente — replicou o viajante — basta esse pequeno número para os objetivos do Criador quanto à vossa pequena habitação. Em tudo admiro a sua sabedoria; vejo por toda parte diferenças; mas também proporções por toda parte. Pequeno é o vosso globo, vossos habitantes também o são; tendes poucas sensações; vossa matéria tem poucas propriedades: tudo isto é obra da Providência. De que cor é verdadeiramente o vosso sol?

— De um branco bastante amarelado — disse o saturniano. — E quando dividimos um de seus raios, vemos que contém sete cores.

— O nosso sol tende para o vermelho — disse o siriano — e temos trinta e nove cores primitivas. Dentre os sóis de que me aproximei, não há dois que se assemelhem, como não há entre vós um rosto que não seja diferente de todos os outros.

Após várias perguntas dessa natureza, indagou quantas substâncias essencialmente diferentes se contavam em Saturno. Soube que não havia mais que umas trinta, como Deus, o espaço, a matéria, os seres extensos que sentem e pensam, os seres pensantes que não têm extensão, os que se penetram, os que não se penetram, e o resto. O siriano, em cuja pátria se contavam trezentas, e que descobrira três mil outras em suas viagens, deixou o filósofo de Saturno prodigiosamente espantado. Afinal, depois de haverem comunicado um ao outro um pouco do que sabiam e muito do que não sabiam, depois de haverem trocado idéias durante uma revolução do sol, resolveram fazer juntos uma pequena viagem filosófica.

Capítulo III

Viagem dos dois habitantes de Sírio e de Saturno

Estavam os nossos dois filósofos prestes a embarcar na atmosfera de Saturno, com uma bela provisão de instrumentos matemáticos, quando a amante do saturniano, ao saber disso, veio queixar-se em pranto. Era uma linda moreninha que tinha apenas seiscentas toesas, mas que compensava com vários encantos a pequenez de seu talhe.

— Ah, cruel! — clamava ela. — Depois de te haver resistido durante mil e quinhentos anos, quando enfim começava a render-me, quando apenas passei cem anos em teus braços, tu me deixas para ir viajar com um gigante de um outro mundo! Vai, não passas de um curioso, nunca tiveste amor; se fosses um verdadeiro saturniano, serias fiel. Por onde vais correr? Que queres? As nossas cinco luas são menos errantes que tu, o nosso anel é menos mutável. Pronto! Nunca mais amarei a ninguém.

O filósofo, por mais que o fosse, beijou-a, chorou com ela, e a dama, depois de haver desmaiado, foi consolar-se com um peralvilho do país.

Os nossos dois curiosos partiram; saltaram primeiro sobre o anel, que acharam bastante chato, como bem o adivinhou um ilustre habitante do nosso pequeno globo; seguiram, depois, de lua em lua. Como um cometa viesse a passar muito próximo da última, lançaram-se sobre ele, com todos os seus criados e instrumentos. Depois de terem coberto cerca de cento e cinqüenta milhões de léguas, toparam com os satélites de Júpiter. Nesse planeta demoraram-se um ano inteiro, durante o qual descobriram belos segredos, que estariam agora em vias de publicação se não fossem os senhores inquisidores, que acharam algumas proposições um pouco fortes. Mas li o manuscrito na biblioteca do ilustre arcebispo de ***, que me deixou examinar seus livros, com uma generosidade e benevolência nunca assaz louvada.

Mas voltemos aos nossos viajantes. Deixando Júpiter, atravessaram um espaço de cerca de cem milhões de léguas, e passaram pelo planeta Marte, que, como se sabe, é cinco vezes menor que o nosso pequeno globo; viram as duas luas que servem a esse planeta e que escaparam às vistas de nossos astrônomos. Bem sei que o padre Castel escreverá, e até com muito espírito, contra a existência dessas duas luas; mas reporto-me àqueles que raciocinam por analogia. Sabem esses bons filósofos o quanto

seria difícil ao planeta Marte, que fica tão longe do Sol, não dispor ao menos de um par de luas. Seja como for, o caso é que os nossos camaradas o acharam tão pequeno, que recearam não encontrar pousada, e seguiram adiante, como dois viajantes que desdenham um mau albergue de aldeia e prosseguem até a cidade vizinha. Mas o siriano e o companheiro logo se arrependeram disso. Viajaram por muito tempo, sem encontrar coisa alguma. Afinal divisaram um pequeno clarão; era a Terra; coisa de causar piedade a gente que vinha de Júpiter. No entanto, com medo de se arrependerem segunda vez, resolveram desembarcar aqui mesmo. Passaram para a cauda do cometa e, achando uma aurora boreal adrede, nela se meteram, e chegaram à Terra pelo norte do mar Báltico, a 5 de julho de 1737.

Capítulo IV

Do que lhes sucede sobre a face da Terra

Depois de terem repousado um pouco, almoçaram duas montanhas, que os criados lhes prepararam a capricho. Desejaram em seguida fazer um reconhecimento pelo pequeno país onde se achavam. Caminharam a princípio de norte a sul. Os passos ordinários do siriano e do seu pessoal eram de trinta mil pés aproximadamente; o anão de Saturno seguia de longe, arquejando; ora, era preciso que ele corresse uns doze passos enquanto o outro dava uma pernada: imaginai (se é permitido tal comparação) um pequeno cãozinho fraldiqueiro que acompanhasse um capitão da guarda do rei da Prússia.

Como os dois estrangeiros andassem muito depressa, deram a volta ao mundo em trinta e seis horas; o Sol, na verdade, ou antes, a Terra, faz igual viagem num dia; mas cumpre levar em conta que é mais cômodo girar sobre o próprio eixo do que andar com um pé depois do outro. Ei-los pois de volta ao ponto de partida, depois de terem visto esse pântano, quase

imperceptível para eles, que se chama o *Mediterrâneo,* e esse outro pequeno charco que, sob o nome de *Grande Oceano,* contorna o formigueiro. A água nunca passara além das canelas do anão, ao passo que o outro apenas molhara os calcanhares. Fizeram tudo o que puderam, andando em todas as direções, para descobrir se este globo era habitado ou não. Agacharam-se, deitaram-se, apalparam por toda parte; mas, como os seus olhos e mãos não eram proporcionados aos pequenos seres que por aqui se arrastam, não receberam a mínima sensação que lhes fizesse suspeitar que nós, e os nossos demais confrades habitantes deste globo, tivéssemos a honra de existir.

O anão, que às vezes raciocinava muito apressadamente, concluiu a princípio que não havia habitantes na Terra. Seu primeiro argumento era de que não vira ninguém. Micrômegas, polidamente, fez-lhe sentir que ele não raciocinava muito bem:

— Como não distingues, com os teus pequenos olhos, certas estrelas de qüinquagésima grandeza que eu percebo distintamente; concluis daí que essas estrelas não existem?

— Mas — replicou o anão — eu apalpei bem.

— Mas sentiste mal — respondeu o outro.

— Mas este globo é tão mal construído — objetou o anão —, é tudo tão irregular e de uma forma que me parece tão ridícula! Tudo parece aqui um pleno caos: não vês estes pequenos arroios que jamais correm em linha reta, esses charcos que não são nem redondos, nem quadrados, nem ovais, nem de nenhuma forma regular; e todos esses grãozinhos pontiagudos de que está eriçado este globo e que me arranharam os pés? (Queria referir-se às montanhas.) Repara ainda a forma de todo o globo, como é achatado nos pólos, e a sua maneira inadequada de girar em torno do sol, de modo que a região dos pólos fica necessariamente estéril? Em verdade, o que me faz pensar que não haja aqui ninguém é que gente de bom senso não moraria em um lugar como este.

— Pois bem — disse Micrômegas —, talvez os que o habitam não sejam gente de bom senso. Mas há probabilidades de que isto não tenha sido feito inutilmente. Tudo aqui te parece irregular porque em Saturno e Júpiter é tudo feito a régua e compasso. Exatamente por esse motivo é que há aqui um pouco de confusão. Não te disse eu que nas minhas viagens sempre encontrei variedade?

O saturniano replicou a todas essas razões. E a questão jamais terminaria se, por felicidade, Micrômegas, no calor da discussão, não tivesse rompido o seu colar de diamantes. Estes caíram ao chão. Eram lindas pedras de tamanho variado, tendo as mais volumosas quatrocentas libras de peso, e as menores cinqüenta. O anão apanhou algumas; ao aproximá-las dos olhos, viu que, da maneira como estavam lapidadas, constituíam excelentes microscópios. Tomou, pois, um pequeno microscópio de cento e sessenta pés de diâmetro, que aplicou à pupila; e Micrômegas escolheu um de dois mil e quinhentos pés. Eram excelentes; mas no princípio nada perceberam com o seu auxílio: era preciso adaptarem-se. Afinal o habitante de Saturno viu qualquer coisa quase imperceptível que se movia à superfície do mar Báltico: era uma baleia. Pegou-a habilmente com o dedo mínimo e, colocando-a sobre a unha do polegar, mostrou-a a Micrômegas, que se pôs a rir da excessiva pequenez dos habitantes do nosso globo. O saturniano, convencido de que o nosso mundo é habitado, imaginou logo que só o era por baleias; e, como era um grande logicista, quis logo adivinhar de onde um átomo tão pequeno tirava o seu movimento, e se tinha idéias, vontade, e liberdade. Micrômegas sentiu-se muito embaraçado: examinou o animal com infinita paciência, e o resultado da análise foi que era impossível acreditar que ali se alojasse uma alma. Estavam, pois, os dois viajantes inclinados a pensar que não há espírito em nosso mundo, quando, com o auxílio do microscópio, perceberam algo de mais grosso que uma baleia e que flutuava sobre as águas. Sabe-se que, por aquela época, um bando de filósofos regressava do circulo polar, onde tinham ido fazer observações que a ninguém ocorreram até então. Disseram as gazetas que o seu navio naufragou nas costas de Botnia e que tiveram grande dificuldade em salvar-se; mas neste mundo nunca se sabe o reverso das cartas. Vou contar ingenuamente como se passaram as coisas, sem nada acrescentar por conta própria, o que não é pequeno esforço para um historiador.

Capítulo V

Experiências e raciocínios dos dois viajantes

Micrômegas estendeu cuidadosamente a mão para o local onde se achava o objeto, e, avançando dois dedos e retirando-os por medo de enganar-se, e depois abrindo-os e fechando-os, apanhou com todo o jeito o navio que carregava os tais senhores, e colocou-o sobre a unha, sem o apertar muito, para não esmagá-lo. — Eis um animal bem diferente do primeiro — observou o anão de Saturno; o siriano pôs o pretenso animal na palma da mão. Os passageiros e o pessoal da equipagem, que se supunham erguidos por um furacão, e que se julgavam sobre uma espécie de rochedo, põem-se todos em movimento; os marinheiros apanham pipas de vinho, lançam-nas sobre a mão de Micrômegas, e precipitam-se em seguida. Apanham os geômetras seus esquadros, seus sectores, e nativas da Lapônia, e saltam para os dedos de Micrômegas. Tanto fizeram, que este sentiu enfim mover-se qualquer coisa que lhe comichava os dedos: era um bastão ferrado que lhe fincavam no índice; julgou, por aquilo, que saíra qualquer coisa do pequeno animal que ele segurava. Mas não desconfiou de mais nada. O microscópio, que mal fazia discernir uma baleia e um navio, não alcançava seres tão imperceptíveis como os homens. Não pretendo chocar a vaidade de ninguém, mas sou obrigado a pedir às pessoas importantes que façam uma pequena observação comigo: é que, considerando a homens de cerca de cinco pés de altura, não fazemos, à face da Terra, maior figura do que faria, sobre uma bola de dez pés de circunferência, um animal que medisse a seiscentésima milésima parte de uma polegada. Imaginai uma substância que pudesse sustentar a Terra na mão, e que tivesse órgãos em proporção com os nossos; e bem pode acontecer que haja grande número dessas substâncias: concebei, então, o que não haveriam de pensar dessas batalhas que nos valeram duas aldeias que foi preciso restituir.

Se algum capitão de granadeiros ler algum dia esta obra, não duvido que mande aumentar, pelo menos dois pés, os capacetes da sua tropa; mas fica avisado de que, por mais que faça, nunca passarão, ele e os seus, de infinitamente pequenos.

Que maravilhosa habilidade não foi preciso ao nosso filósofo de Sírio para perceber os átomos de que acabo de falar! Quando Leuwenhoek e

Hartsoeker viram pela primeira vez, ou julgaram ver, a semente de que nos formamos, não fizeram tão espantosa descoberta. Que prazer não sentiu Micrômegas ao ver moverem-se aquelas pequenas máquinas, examinando-lhes todos os movimentos, seguindo-as em todas as operações! Que exclamações! Com que alegria pôs um de seus microscópios nas mãos do companheiro de viagem! "Vejo-os! — diziam ambos ao mesmo tempo. — Repara como carregam fardos, como se erguem, como se abaixam!" Assim falando, tremiam-lhes as mãos, pelo prazer de ver objetos tão novos e pelo receio de os perder. O saturniano, passando de um excesso de desconfiança a um excesso de credulidade, julgou perceber que eles trabalhavam na propagação da espécie. *Ah!* — dizia ele —, *peguei a natureza em flagrante.* — Mas enganava-se pelas aparências, o que muita vez sucede, quer a gente se sirva ou não de microscópios.

Capítulo VI

Do que lhes aconteceu com os homens

Micrômegas, melhor observador que o anão, viu claramente que os átomos se falavam; e fê-lo notar ao companheiro, que, envergonhado do seu engano quanto à geração, não quis acreditar que tal espécie pudesse trocar idéias. Tinha o dom das línguas, como o siriano; não ouvia os nossos átomos falarem, e supunha que não falavam. Aliás, como poderiam aquelas criaturas imperceptíveis possuir os órgãos da voz, e que teriam a dizer-se? Para falar, é preciso pensar, ou quase; mas, se pensavam, tinham então o equivalente de uma alma. Ora, atribuir um equivalente de alma a uma espécie daquelas parecia-lhe absurdo.

— Mas — observou Mícrômegas — ainda há pouco supunhas que eles praticavam o amor. Será que julgas que se possa praticar o amor sem pensar e sem proferir alguma palavra, ou pelo menos sem fazer-se

compreender? Achas, aliás, que seja mais difícil fazer um raciocínio que fazer um filho? Quanto a mim, um e outro me parecem grandes mistérios.

— Já não ouso nem crer nem negar — disse o homúnculo —, não tenho mais opinião. Tratemos primeiro de examinar esses insetos, arrazoaremos depois.

— Muito bem dito — retrucou Micrômegas. Em seguida tirou do bolso uma tesourinha, com que cortou as unhas, e, com uma lasca da unha do polegar, fabricou uma espécie de trompa acústica, que era como um vasto funil cujo bico aplicou no ouvido. A boca do funil envolvia o navio e a toda a equipagem. A voz mais fraca penetrava nas fibras circulares da unha, de modo que, graças à sua indústria, pôde o filósofo lá do alto ouvir perfeitamente o zumbido dos insetos cá de baixo. Em poucas horas, conseguiu distinguir as palavras, e afinal compreender o francês. O anão fez o mesmo, embora com mais dificuldade. O pasmo dos viajantes redobrava a cada momento. Ouviam insetos falarem com muito bom senso: esse capricho da natureza afigurava-se-lhes inexplicável. Bem podeis imaginar como Micrômegas e o seu anão ardiam de impaciência por travar conversa com os átomos. Temiam que a sua voz de trovão, e sobretudo a de Micrômegas, ensurdecesse os insetos, sem ser ouvida. Cumpria diminuir-lhe a força. Puseram na boca umas espécies de palitos cujas pontas afiladas vinham dar perto do navio. O siriano tinha o anão sobre os joelhos, e o navio com a equipagem sobre uma unha. Inclinava a cabeça e falava baixinho. Afinal, por meio destas e de outras precauções, começou assim o seu discurso:

— Insetos invisíveis, que a mão do Criador se comprouve em fazer brotar no abismo do infinitamente pequeno, agradeço a Deus por se haver dignado desvendar-me segredos que pareciam impenetráveis. Na minha Corte, talvez não se dignem olhar-vos; mas eu não desprezo ninguém, e ofereço-vos a minha proteção.

Se alguém chegou ao cúmulo do espanto, foram sem dúvida as pessoas que ouviram tais palavras. Não podiam adivinhar de onde partiam. O capelão de bordo rezou exorcismos, os marinheiros praguejaram, e os filósofos do navio elaboraram um sistema; mas, por mais sistemas que fizessem, não atinavam com quem lhes falava. O anão de Saturno, que tinha a voz mais suave que a de Micrômegas, informou-lhes então com quem estavam tratando. Contou-lhes a partida de Saturno, disse-lhes quem era o senhor Micrômegas, e, depois de os ter lamentado por serem tão

pequenos, perguntou-lhes se sempre haviam estado naquela miserável condição tão vizinha do aniquilamento, o que faziam num globo que parecia pertencer às baleias, se eram felizes, se se multiplicavam, se tinham uma alma, e mil outras questões dessa natureza.

Um sábio do grupo, mais audaz que os outros e chocado de que duvidassem da sua alma, observou o interlocutor por intermédio de pínulas assestadas sobre um esquadro, fez duas miras, e, na terceira, assim lhe falou:

— Julga então, senhor, só porque tem mil toesas da cabeça aos pés, que é um...

— Mil toesas! — exclamou o anão. — Meu Deus! Como pôde ele saber a minha altura? Mil toesas! Não se engana por uma polegada. Como! Esse átomo mediu-me! É geômetra, conhece as minhas dimensões; e eu, que o vejo através de um microscópio, ainda não conheço as suas.

— Sim, medi-o — disse o físico —, e medirei também o seu grande companheiro.

Aceita a proposta, deitou-se Sua Excelência ao comprido; pois, se se pusesse de pé, ficaria com a cabeça muito acima das nuvens. Os nossos filósofos plantaram-lhe uma grande árvore num lugar que o doutor Swift nomearia, mas que me guardo de chamar pelo nome, devido a meu grande respeito às damas. Depois, por uma seqüência de triângulos, concluíram que aquilo que eles viam era com efeito um jovem de cento e vinte mil pés de altura.

Micrômegas pronunciou então estas palavras:

— Reconheço, mais do que nunca, que nada devemos julgar por sua grandeza aparente. Ó Deus, que destes uma inteligência a substâncias que parecem tão despreziveis, o infinitamente pequeno vos custa tão pouco como o infinitamente grande; e, se é possível que haja seres ainda mais pequenos do que estes, podem ainda ter um espírito superior ao daqueles soberbos animais que vi no céu e cujo pé bastaria para cobrir o globo a que desci.

Respondeu-lhe um dos filósofos que ele poderia com toda a segurança acreditar que há de fato seres inteligentes muito menores que o homem. Contou-lhe não tudo o que Virgílio diz de fabuloso sobre as abelhas, mas o que Swammerdam descobriu, e o que Réaumur dissecou. Disse-lhe, enfim, que há animais que estão para as abelhas como as abelhas estão para os homens, e como Micrômegas estava para aqueles imensos animais a que

se referira, e como aqueles estão para outras substâncias, diante das quais não passam de átomos. Pouco a pouco a conversa se tornava interessante, e Micrômegas assim falou.

Capítulo VII

Conversação com os homens

— Ó átomos inteligentes, em quem o Ser Eterno se comprazeu em manifestar seu engenho e poderio, deveis sem dúvida gozar das mais puras alegrias sobre o vosso globo; pois, tende tão pouca matéria e parecendo puro espírito, deveis passar a vida a amar e a pensar, que é o que constitui a verdadeira vida dos espíritos. A verdadeira felicidade, que não vi em parte nenhuma, com certeza é aqui que existe.

A tais palavras, todos os filósofos abanaram a cabeça; e um deles, mais franco que os outros, confessou de boa-fé que, excetuando um pequeno número de habitantes muito pouco considerados, o resto é tudo uma assembléia de loucos, de maus e de infelizes.

— Nós temos mais matéria do que é necessário — disse ele — para fazer muito mal, se o mal vem da matéria, e temos espírito em demasia, se o mal vem do espírito. Não sabeis, por exemplo, que, no instante em que vos falo, há cem mil loucos da nossa espécie, cobertos de chapéus, que matam cem mil outros animais cobertos de um turbante, ou que são massacrados por estes, e que, quase por toda a Terra, é assim que se faz, desde tempos imemoriais?

O siriano estremeceu e perguntou qual poderia ser o motivo dessas terríveis querelas entre tão mesquinhos animais.

— Trata-se — disse o filósofo — de uma porção de lama do tamanho de vosso calcanhar. Não que algum desses milhões de homens que se exterminam pretenda um palmo que seja dessa lama. Trata-se apenas de saber se pertencerá a certo homem a que chamam *Sultão*, ou a outro

homem a que chamam *César,* não sei por quê. Nenhum dos dois viu, ou jamais verá, o pedacinho de terra em questão, e quase nenhum desses animais que mutuamente se degolam já viu algum dia o animal pelo qual se degolam.

— Infelizes! — exclamou o siriano indignado. — Pode-se acaso conceber mais furiosa loucura? Vem-me até vontade de dar três passos e esmagar com três patadas esse formigueiro de ridículos assassinos.

— Não vos deis a esse incômodo; eles já trabalham bastante para a sua própria ruína. Ficai sabendo que, passados dez anos, já não resta nem a centésima parte desses miseráveis, e, mesmo que não tivessem puxado da espada, a fome, a fadiga ou a intemperança os levam a quase todos. Aliás, não é a estes que é preciso punir, mas sim a esses bárbaros sedentários que, do fundo de seu gabinete, ordenam, durante a digestão, o massacre de um milhão de homens, e em seguida o agradecem solenemente a Deus.

O viajante sentia-se apiedado da pequena raça humana, na qual descobria tão espantosos contrastes.

— Já que pertenceis ao pequeno número dos sábios — disse-lhes ele — e aparentemente não matais a ninguém por dinheiro, dizei-me em que vos ocupais então.

— Dissecamos moscas — respondeu o filósofo —, medimos linhas, encordoamos números, pomo-nos de acordo acerca de dois ou três pontos que entendemos, e disputamos sobre dois ou três mil que não entendemos.

Ocorreu então ao siriano e ao companheiro a fantasia de interrogar aqueles átomos pensantes sobre coisas que ambos conheciam.

— Quanto contais — indagou Micrômegas — da estrela da Canícula à grande estrela dos Gêmeos?

— Trinta e dois graus e meio — responderam todos ao mesmo tempo.

— Quanto contais daqui até a lua?

— Sessenta semidiâmetros da Terra, em números redondos.

— Quanto pesa o vosso ar?

Supunha confundi-los nesse ponto, mas todos responderam que o ar pesa cerca de novecentas vezes menos que igual volume dágua e dezenove mil vezes menos que o ouro.

O anãozinho de Saturno, atônito das suas respostas, sentiu-se tentado a tomar como feiticeiros aqueles mesmos a quem havia negado uma alma quinze minutos antes. Afinal lhes disse Micrômegas:

— Já que sabeis tão bem o que se acha fora de vós, decerto sabeis ainda melhor o que tendes por dentro. Dizei-me o que é a vossa alma e como formais as vossas idéias.

Os filósofos falaram todos ao mesmo tempo, como antes, mas foram de diferentes opiniões. O mais velho citava Aristóteles, outro pronunciava o nome de Descartes, este o de Malebranche, aquele o de Leibniz, aqueloutros o de Locke. Um velho peripatético disse em voz alta com toda a segurança:

— A alma é uma *enteléquia,* razão pela qual tem o poder de ser o que é. É o que declara expressamente Aristóteles, página 633 da edição do Louvre: ’Entelexeia esti etc.

— Não entendo muito bem o grego — disse o gigante.

— Nem eu tampouco — replicou o inseto filosófico.

— Por que então — tornou o siriano — citais um certo Aristóteles em grego?

— É que — replicou o sábio — cumpre citar aquilo de que não se compreende nada na língua que menos se entende.

O cartesiano tomou a palavra e disse:

— A alma é um espírito puro, que recebeu no ventre da mãe todas as idéias metafísicas, e que, ao sair de lá, é obrigada a ir para a escola e aprender de novo tudo o que tão bem sabia e que não mais saberá!

— Então não valia a pena — retrucou o animal de oito léguas — que a tua alma fosse tão sábia no ventre de tua mãe, para ser tão ignorante quando tivesses barba no queixo. Mas que entendes por espírito?

— Bela pergunta! — exclamou o raciocinante. — Não tenho disso a mínima idéia: dizem que não é matéria.

— Mas sabes ao menos o que é a matéria?

— Perfeitamente — respondeu o homem. — Por exemplo, esta pedra é cinzenta, e de determinada forma, tem as suas três dimensões, é pesada e divisível.

— Pois bem — disse o siriano — e essa coisa que te parece divisível, pesada e cinzenta, saberás dizer-me exatamente o que seja? Tu lhe vês alguns atributos; mas o fundo da coisa, acaso o conheces?

— Não — disse o outro.

— Não sabes, pois, o que é a matéria.

Então o senhor Micrômegas, dirigindo a palavra a outro sábio, a quem equilibrava sobre o polegar, perguntou-lhe o que era a sua alma, e o que fazia.

— Absolutamente nada — respondeu o filósofo malebranchista —, é Deus que faz tudo por mim; vejo tudo em Deus, faço tudo em Deus: é Ele quem faz tudo, sem que eu me preocupe.

— É o mesmo que se não existisses — tornou o sábio de Sírio. — E tu, meu amigo — disse a um leibniziano que ali se achava —, que vem a ser a tua alma?

— É — respondeu o leibniziano — um ponteiro que indica as horas, enquanto o meu corpo toca o carrilhão; ou, se quiserdes, é ela quem carrilhona, enquanto o meu corpo marca a hora; ou então, é minh'alma o espelho do universo, e meu corpo a moldura do espelho: isso é bem claro.

Um minúsculo partidário de Locke achava-se ali perto; e quando afinal lhe dirigiram a palavra:

— Eu não sei como é que penso — respondeu —, mas sei que nunca pude pensar senão com o auxílio de meus sentidos. Que haja substâncias imateriais e inteligentes, eu não duvido; mas também não nego que Deus possa comunicar pensamento à matéria. Venero o poder eterno, não me cabe limitá-lo; nada afirmo, contento-me em acreditar que há mais coisas possíveis do que se pensa.

O animal de Sírio sorriu: não achou que fosse aquele o menos sábio; e o anão de Saturno teria abraçado o sectário de Locke, se não fora a extrema desproporção entre ambos. Mas, por desgraça, havia ali um animalículo de capelo que cortou a palavra a todos os animalículos filosofantes: disse que sabia o segredo de tudo, o qual se achava na *Suma* de Santo Tomás; mediu de alto a baixo os dois habitantes celestes; sustentou-lhes que as suas pessoas, os seus mundos, sóis e estrelas, tudo era feito unicamente para o homem. A isto, os nossos dois viajantes tombaram um nos braços do outro, sufocados de riso, esse riso inextingüível que, segundo Homero, é próprio dos deuses; seus ombros e ventres agitavam-se, e, nessas convulsões, o navio que Micrômegas trazia na unha caiu no bolso das calças do saturniano. Os dois o procuraram por muito tempo; afinal encontraram e reajustaram tudo convenientemente. O siriano retomou os pequenos insetos; falou-lhes de novo com muita bondade, embora no íntimo se achasse um tanto agastado de ver que os infinitamente pequenos tivessem um orgulho quase infinitamente grande.

Prometeu-lhes que redigiria um belo livro de filosofia, escrito bem miudinho, para seu uso, e que, nesse livro, veriam eles o fim de todas as coisas. Com efeito, entregou-lhes esse volume, que foi levado para a Academia de Ciências de Paris. Mas, quando o secretário o abriu, viu apenas um livro em branco. — *Ah! bem que eu desconfiava*... — disse ele.

Os dois consolados

Esta pequena história foi impressa pela primeira vez em 1756, na coleção das Obras completas *de Voltaire, editadas par Cramer de Genebra.*

É antes um apólogo do que um conto.

S. M.

O GRANDE FILÓSOFO CITÓFILO dizia certa vez a uma mulher desolada, e que tinha razões de sobra para isso:

— A rainha da Inglaterra, filha do grande Henrique IV, foi tão infeliz quanto a senhora: expulsaram-na de seus domínios; esteve prestes a naufragar numa tempestade; assistiu à morte de seu real esposo, no cadafalso.

— Lamento-a — disse a dama; e pôs-se a chorar seus próprios infortúnios.

— Mas lembre-se de Maria Stuart — insistiu Citófilo. Ela amava muito honestamente a um bravo músico que tinha uma bela voz de baixo. O marido matou-lhe o músico à sua própria vista; e depois a sua boa amiga e parenta a rainha Elizabeth, que se dizia virgem, mandou cortar-lhe o pescoço num cadafalso forrado de negro, depois de a ter conservado prisioneira durante dezoito anos.

— Cruel destino — respondeu a dama; e tornou a abismar-se na sua melancolia.

— E com certeza já ouviu falar — continuou o consolador — na bela Joana de Nápoles, aquela que foi presa e estrangulada?

— Lembro-me confusamente — respondeu aflita.

— É preciso que lhe conte — acrescentou o outro — a aventura de uma soberana da minha época que foi destronada após o jantar e que

morreu numa ilha deserta.

— Sei de todas essas histórias — respondeu a senhora.

— Pois bem, devo então contar-lhe o que aconteceu a uma outra grande princesa, a quem ensinei filosofia. Tinha ela um namorado, como acontece a todas as grandes e belas princesas. Uma vez o pai entrou-lhe no quarto e ali surpreendeu o amante, que tinha as faces em brasa e cujo olhar fulgurava como um diamante; a dama estava também muito animada de cores. A cara do jovem desagradou de tal maneira ao pai, que este lhe aplicou o mais formidável bofetão de que há memória na sua província. O amante pegou um par de tenazes e rachou a cabeça do sogro, que só agora se está curando, e ainda tem as cicatrizes do ferimento. A amante, desesperada, saltou pela janela e destroncou o pé; de maneira que hoje coxeia visivelmente, embora tenha em compensação um corpo muito bonito. O amante foi condenado à morte por haver quebrado a cabeça de tão alto príncipe. Imagine o estado em que não estava a princesa quando levavam o amante para a forca. Visitei-a durante muito tempo, enquanto ela se achava na prisão: só me falava das suas desgraças.

— Por que não quer então que eu pense nas minhas? — retrucou a dama.

— É porque não deve — replicou o filósofo. — Pois, havendo tantas e tão grandes damas com tamanhas desgraças, não lhe fica bem desesperar-se. Pense em Hécuba, pense em Níobe.

— Ah! — exclamou a dama. — Se eu tivesse vivido no tempo destas últimas, ou no de tantas belas princesas e, para as consolar, lhes contasse o senhor as minhas desgraças, acha que elas lhe dariam ouvidos?

No dia seguinte, o filósofo perdeu o seu filho único, e esteve a ponto de morrer de dor. A dama organizou então uma lista de todos os reis que haviam perdido os filhos e levou-a ao filósofo. Este a leu, achou-a bastante exata, e nem por isso chorou menos. Três meses depois tornaram a encontrar-se, e muito se espantaram de achar-se mais alegres. E mandaram erigir uma bela estátua ao Tempo, com a seguinte inscrição: ÀQUELE QUE CONSOLA.

História das viagens de Scarmentado

ESCRITA POR ELE PRÓPRIO

Publicado pela primeira vez, como o precedente, na Coleção das obras do sr. de Voltaire *(1756), este conto prende-se a uma tradição* que *teve grande sucesso na França no século XVIII, a dos romances picarescos. O autor passeia seu herói, através de inúmeras aventuras, por todos os países, a fim de mostrar que os homens são os mesmos em toda parte, nem mais sábios nem mais avisados. Tal qual "Memnon", este conto nos sugere um esboço de* Cândido. *Os episódios são mais condensados, mas é a mesma facúndia que nos conduz da Espanha à Holanda, da Inglaterra à Turquia, da Ásia à África. Embora a intenção de Voltaire seja antes criticar a Inquisição, o fanatismo, a escravidão, que o otimismo de Pope, termina com uma frase significativa: "vira tudo o que há de belo* e *admirável sobre a face do globo; resolvi ficar com os meus penates". Assim também, embora* Cândido *seja dirigido essencialmente contra o racionalismo leibniziano, as críticas ao fanatismo não deixam de se patentear nos diversos episódios da vida do jovem Cândido. Há entre ambos os contos, portanto, uma diferença de plano apenas.*

Voltaire parece lembrar-se de suas viagens à Holanda e à Inglaterra neste conto divertido, mas é preciso ligá-lo também ao Ensaio sobre os costumes e o Espírito das nações *que se publicou exatamente no mesmo ano. De certo modo, pela geografia e não mais pela história, Voltaire nos assinala a relatividade dos costumes por trás da identidade da loucura humana. Talvez não seja abusivo dizer que esta narrativa é uma diversão escrita à margem do grave* Ensaio *e com os mesmos materiais.*

S. M.

Nasci em 1600 na cidade de Cândia, de que meu pai era governador. Lembra-me que um poeta medíocre, e que não era mediocremente duro, compôs uns maus versos em meu louvor, nos quais me fazia descender de Minos em linha reta; mas, tendo meu pai caído em desgraça, fez ele outros versos, onde eu descendia apenas de Pasifaé e seu amante. Mau homem, esse Iro, e o mais aborrecido velhaco de toda a ilha.

Quando completei quinze anos, meu pai mandou-me estudar em Roma. Cheguei na esperança de aprender todas as verdades; pois até então me haviam ensinado exatamente o contrário, conforme é de uso neste mundo, desde a China até os Alpes. *Monsignor* Profondo, a quem fora recomendado, era um homem singular e um dos mais terríveis sábios que já houve no mundo. Quis ensinar-me as categorias de Aristóteles, e esteve a ponto de me colocar na categoria de seus *mignons:* escapei-me a tempo. Vi procissões, exorcismos e algumas rapinas. Diziam, mas falsamente, que a signora Olímpia, pessoa de grande prudência, vendia muita coisa que não se deve vender. Estava eu numa idade em que tudo isso me parecia muito divertido. Uma jovem dama de costumes muito brandos, chamada *signora* Fatelo, houve por bem amar-me. Era cortejada pelo reverendo padre Poignardini e pelo reverendo padre Aconiti, jovens professores de uma ordem que não mais existe: ela os pôs de acordo, concedendo-me as suas graças; mas ao mesmo tempo corria o risco de ser excomungado e envenenado. De modo que parti, muito contente com a arquitetura de S. Pedro.

Viajei pela França; era no tempo do reinado de Luís, o justo. A primeira coisa que me perguntaram foi se eu não queria, para o almoço, uma pequena porção do marechal d'Ancre, cuja carne o povo tinha assado e que vendiam modicamente a quem pedisse.

Esse Estado era continuamente agitado de guerras civis, algumas por causa de um lugar no Conselho, outras vezes por duas páginas de controvérsia. Fazia mais de sessenta anos que aquele fogo, ora abafado, ora soprado com violência, desolava aqueles belos climas. Eram as liberdades da igreja galicana. "No entanto — suspirava eu — esse povo nasceu tranqüilo: quem pode tê-lo assim arrebatado a seu gênio? Ele diverte-se e faz S. Bartolomeus. Venturosos os dias em que não fizer mais que divertir-se!"

Passei para a Inglaterra: as mesmas querelas excitavam ali os mesmos furores. Santos católicos tinham resolvido, a bem da Igreja, fazer saltar pelos ares a pólvora, o rei, a família real e todo o Parlamento, e livrar a Inglaterra de tais heréticos. Mostravam-me o local onde a bem-aventurada rainha Maria, filha de Henrique VIII, mandara queimar mais de quinhentos de seus súditos. Um padre assegurou-me que era uma belíssima ação: primeiro, porque aqueles a quem haviam queimado eram ingleses; em segundo lugar, porque nunca usavam água benta e não acreditavam no buraco de S. Patrício. Espantava-se de que ainda não tivessem canonizado a rainha Maria; mas aguardava-o para breve, logo que o cardeal-sobrinho dispusesse de algum lazer.

Dirigi-me para a Holanda, onde esperava encontrar mais tranqüilidade em meio a um povo mais fleugmático. Cortava-se a cabeça a um venerável ancião, quando desembarquei em Haia. Era a cabeça calva do primeiro-ministro Barneveldt, o homem que mais merecera da República. Cheio de piedade, perguntei qual o seu crime e se havia traído o Estado. — Fez muito pior — respondeu-me um pregador de manto negro. — Esse homem acredita que a gente pode salvar-se pelas boas obras, tanto como pela fé. Bem vê que, a vigorarem tais opiniões, não poderia uma república subsistir, e que há necessidade de leis severíssimas para reprimir esses escândalos. — Um profundo político da terra disse-me a suspirar: — Ah! meu senhor, os bons tempos não durarão sempre; é só por acaso que este povo se mostra agora tão zeloso; o fundo de seu caráter é inclinado ao dogma abominável da tolerância; esse dia virá: é o que me faz tremer. — Quanto a mim, enquanto não chegavam esses funestos dias da moderação e da indulgência, deixei mais que depressa um país onde a severidade não era suavizada por nenhum atrativo, e embarquei para a Espanha.

A Corte estava em Sevilha; os galeões tinham chegado; tudo respirava abundância e alegria na mais bela estação do ano. Ao fim de uma alameda de laranjeiras e limoeiros, vi uma espécie de pista imensa, cercada de gradis cobertos de preciosos tecidos. O rei, a rainha, os infantes, as infantas achavam-se acomodados sob um pálio soberbo. Fronteiro a essa augusta família, erguia-se um outro trono, mas muito mais elevado. Disse a um de meus companheiros de viagem: — A não ser que esse trono seja reservado para Deus, não sei a quem possa servir... — Essas indiscretas palavras foram ouvidas por um bravo espanhol e me custaram bastante caro. Imaginava que fôssemos assistir a alguma cavalhada ou corrida de

touros, quando o grande inquisidor surgiu naquele trono, de onde abençoou o rei e o povo.

Em seguida entrou um exército de padres, em formação de dois, brancos, negros, cinzentos, calçados, descalços, com barba, sem barba, encapuzados, sem capuz; em seguida marchava o carrasco; depois, no meio dos alguazis e dos grandes, viam-se cerca de quarenta pessoas vestidas de sacos, nos quais haviam pintado diabos e chamas. Eram judeus que não tinham querido renunciar a Moisés, cristãos que tinham desposado as próprias comadres, ou que não haviam adorado a Nossa Senhora de Atocha, ou não quiseram desfazer-se de seus negócios em favor dos irmãos hieronimitas. Cantaram devotamente belas orações, depois queimaram todos os culpados a fogo lento, com o que a família real pareceu extremamente edificada.

À noite, quando ia meter-me na cama, chegaram dois familiares da Inquisição com a santa Hermandad; beijaram-me ternamente e levaram-me, sem dizer palavra, para um calabouço muito fresco, mobiliado de uma esteira e um belo crucifixo. Fiquei ali seis semanas, ao fim das quais o reverendo padre inquisidor me mandou pedir que lhe fosse falar: estreitou-me algum tempo entre os braços, com uma afeição toda paternal; disse-me que se sentia sinceramente aflito por ter sabido que eu estava tão mal alojado; mas que todos os apartamentos da casa se achavam ocupados e esperava que, da próxima vez, me sentisse mais a gosto. Em seguida perguntou-me cordialmente se eu não sabia por que estava lá. Disse ao reverendo que provavelmente pelos meus pecados. — Pois bem, meu caro filho, por qual pecado? Fala-me com toda a confiança. — Por mais que procurasse, não pude adivinhar: ele caridosamente me auxiliou.

Até que me lembrei das minhas indiscretas palavras, de que fui remido com disciplinas e uma multa de trinta mil reales. Levaram-me a saudar o grande inquisidor: era um homem polido, que me perguntou como tinha eu achado a sua festinha. Disse-lhe que achara uma coisa deliciosa, e fui instar com meus companheiros de viagem para que deixássemos aquele país, por mais belo que fosse. Tiveram eles tempo de informar-se de todas as grandes coisas que os espanhóis haviam feito pela religião. Leram as memórias do famoso bispo de Chiapa, das quais se depreende que haviam degolado ou queimado ou afogado dez milhões de infiéis na América, a fim de os converter. Achei que o bispo exagerava;

mas, ainda que se reduzisse tal sacrifício a cinco milhões de vítimas, seria igualmente admirável.

Acossava-me ainda o desejo de viajar. Contava terminar minha excursão européia pela Turquia; pusemo-nos a caminho. Propus-me não mais dar opiniões sobre as festas a que assistisse. "Esses turcos — dizia eu a meus companheiros — são incréus, não foram batizados e, por conseguinte, hão de ser muito mais cruéis que os reverendos padres inquisidores. Guardemos silêncio quando estivermos entre os maometanos."

Fui, pois, ter com eles. Muito me espantei ao ver que na Turquia havia mais igrejas cristãs que em Cândia. Vi até numerosos grupos de monges, a quem deixavam rezar livremente à Virgem Maria e amaldiçoar a Maomé, estes em grego, aqueles em latim, outros em armênio. "Boa gente esses turcos!" — exclamei. Os cristãos gregos e os cristãos latinos eram inimigos mortais em Constantinopla; esses escravos perseguiam-se uns aos outros, como cães que se mordem na rua e a quem os donos separam a bastonaços. O grão-vizir protegia então os gregos. O patriarca grego acusou-me de haver ceado com o patriarca latino, e eu fui condenado, em pleno divã, a cem varadas na sola dos pés, resgatáveis por quinhentos sequins. No dia seguinte, o grão-vizir foi estrangulado; e, no outro dia, o seu sucessor, que era pelo partido dos latinos, e que só foi estrangulado um mês depois, me condenou à mesma multa, por ter ceado com o patriarca grego. Vi-me na triste emergência de não freqüentar nem a igreja grega nem a latina. Para consolar-me, tomei a meu serviço uma bela circassiana, que era a mais carinhosa das criaturas na intimidade, e a mais devota na mesquita. Uma noite, nos doces transportes do seu amor, exclamou, beijando-me: *Alla, Illa, Alla;* são as palavras sacramentais dos turcos: julguei que eram as do amor; exclamei também com toda a ternura: *Alla, Illa, Alla.* — Ah! louvado seja o Deus de misericórdia — disse-me ela. — Agora és turco. — Disse-lhe que o bendizia por me haver dado a força de um turco, e julguei-me muito feliz. De manhã, chegou o imame para circuncidar-me; e, como eu relutasse, o cádi do bairro, homem leal, propôs que me empalassem: salvei o meu prepúcio e o meu traseiro com mil sequins, e fugi sem tardança para a Pérsia, resolvido a não mais ouvir missa grega nem latina na Turquia, e a nunca mais gritar: *Alla, Illa, Alla* em um encontro amoroso.

Chegado a Ispaão, perguntaram-me se eu era pelo carneiro preto ou pelo carneiro branco. Respondi que isso me era indiferente, desde que o carneiro fosse macio. Cumpre saber que as facções do Carneiro Branco e do Carneiro Preto ainda dividiam os persas. Julgaram que eu zombava dos dois partidos, de sorte que, já às portas da cidade, me vi envolvido numa violenta rixa: custou-me ainda inúmeros sequins para desembaraçar-me dos carneiros.

Fui até a China com um intérprete, que me assegurou ser esse o país onde se vivia alegre e livremente. Os tártaros agora o governavam, depois de haver submetido tudo a ferro e fogo; e os reverendos padres jesuítas de uma parte, como os reverendos padres dominicanos da outra, diziam que ali pescavam almas para Deus, sem que ninguém o soubesse. Jamais se viram conversores tão zelosos: pois viviam a perseguir-se mutuamente; escreviam para Roma volumes e volumes de calúnias; tratavam-se de infiéis e de prevaricadores, por causa de uma alma. Havia principalmente uma horrível disputa entre eles, sobre a maneira de fazer a reverência. Queriam os jesuítas que os chineses saudassem a seus pais e mães à moda da China, e os dominicanos queriam que os saudassem à moda de Roma. Aconteceu-me ser tomado pelos jesuítas por um dominicano. Fizeram-me passar aos olhos de Sua Majestade tártara por espião do papa. O conselho supremo encarregou um primeiro mandarim, o qual deu ordem a um sargento, o qual mandou quatro esbirros do país efetuar a minha prisão e atar-me com todo o cerimonial. Fui conduzido, após cento e quarenta genuflexões, perante Sua Majestade. Fez-me perguntar se eu era espião do papa e se era verdade que esse príncipe viria em pessoa destroná-lo. Respondi que o papa era um sacerdote de setenta anos; que residia a quatro mil léguas de Sua Majestade tártaro-chinesa; que tinha cerca de dois mil soldados que montavam guarda com um parassol; que não destronava a ninguém, e que Sua Majestade podia dormir em paz. Foi a aventura menos funesta da minha vida. Enviaram-me para Macau, de onde embarquei rumo à Europa.

Meu navio teve necessidade de ser reparado no litoral de Golconda. Aproveitei esse tempo para ir visitar a Corte do Grande Aureng-Zeb, de quem diziam maravilhas. Achava-se ele em Deli. Tive o consolo de o fitar no dia da pomposa cerimônia durante a qual recebeu o celestial presente que lhe enviava o xerife de Meca. Era a vassoura com que haviam varrido a casa santa, a Caaba, a Beth Allah. Essa vassoura é o símbolo que varre

todas as impurezas da alma. Aureng-Zeb não parecia ter necessidade desse objeto; era o homem mais piedoso de todo o Indostão. É verdade que degolara um de seus irmãos e envenenara o próprio pai. Vinte rayas e outros tantos omrahs haviam sido mortos em suplícios; mas isso não era nada, e só se falava da devoção de Aureng-Zeb. Não o comparavam senão à Sagrada Majestade do Sereníssimo Imperador de Marrocos, Muley-Ismael, que mandava cortar cabeças todas as sextas-feiras, após a oração.

Quanto a mim, não dizia uma única palavra; as viagens me haviam formado o espírito, e eu achava que não me competia decidir entre esses dois augustos soberanos. Mas devo confessar que um jovem francês meu companheiro faltou com o respeito ao imperador das Índias e ao de Marrocos. Ocorreu-lhe dizer que havia na Europa soberanos muito piedosos que governavam bem os seus Estados, e até freqüentavam as igrejas, sem no entanto matar a seus pais e irmãos, nem degolar seus súditos. O nosso intérprete transmitiu em hindu as ímpias expressões de meu jovem amigo. Com a experiência do passado, fiz logo selarem os nossos camelos e partimos, o francês e eu. Soube depois que, na mesma noite, os oficiais do grande Aureng-Zeb tinham ido prender-nos e só encontraram o intérprete. Executaram-no em praça pública, e todos os cortesãos confessaram, sem lisonja, que a sua morte fora muito justa.

Restava-me ver a África, para gozar de todos os encantos de nosso continente. Vi-a, com efeito. Meu navio foi apresado por corsários negros. Nosso capitão fez veementes protestos; perguntou-lhes por que violavam assim as leis internacionais.

— Vocês têm nariz comprido — respondeu-lhe o capitão negro — e o nosso é chato; seus cabelos são lisos, o nosso é encarapinhado; vocês têm pele cor de cinza, é nós cor de ébano; devemos, pois, pelas leis sagradas da natureza, ser sempre inimigos. Vocês nos compram, nas feiras da costa de Guiné, couro a animais de carga, para nos obrigar a trabalhar em não sei que serviços tão penosos como ridículos. Fazem-nos cavar as montanhas, a golpes de nervo de boi, para extrair uma espécie de terra amarela que, por si mesma, não presta para nada, e que não vale uma boa cebola do Egito. De maneira que, quando nós os encontramos e somos os mais fortes, logo escravizamos vocês todos e os obrigamos a lavrar nossos campos, ou então lhes cortamos o nariz e as orelhas.

Nada tínhamos de replicar a tão sábias palavras. Fui lavrar o campo de uma negra velha, para conservar minhas orelhas e meu nariz.

Resgataram-me ao fim de um ano. Vira tudo o que há de belo, de bom e de admirável sobre a face do globo: resolvi não ver mais que os meus penates. Casei-me na minha terra; ganhei um par de ornamentos, e vi que era esse o estado mais tranqüilo da vida.

Cândido ou o Otimismo

TRADUZIDO DO ALEMÃO DO SENHOR DOUTOR RALPH

Com os aditamentos encontrados no bolso do doutor, por ocasião da sua morte em Minden, no Ano da Graça de 1759.

Esta obra-prima de Voltaire foi realizada, ao que parece, em três dias, em 1758, ainda sob a impressão do terremoto de Lisboa, a propósito do qual ele compusera em 1756 uma epístola em versos. O romance foi escrito durante a viagem de Voltaire ao Palatinado, o que explica o cenário alemão do início, mas a obra só apareceu em 1759 sob o título de Cândido ou o Otimismo, traduzido do alemão do sr. Doutor Ralph.

Já observamos que Voltaire fora a princípio otimista. Por certo notava a existência do mal, mas na época do Mundano *ainda achava que a vida não era tão ruim assim. Entretanto, à medida que passavam os anos, os acontecimentos punham em choque seu otimismo. Seu primeiro ataque dirige-se contra Pope e seu "Tudo está bem" (ver a introdução de "Memnon"). Em 1763 conhece Wolf na Alemanha e, por ele, Leibniz. A partir de então sua crítica ao otimismo transfere-se de Pope para Leibniz. É possível explicar essa mudança de frente de combate de muitas maneiras.*

Em primeiro lugar a sra. du Châtelet era leibniziana. Enquanto ela viveu ele se contentou com discutir o otimismo alemão oralmente, não ousando fazê-lo por escrito. Mas, desaparecida Emília, seu antigo rancor se expande e é provável que em Pangloss se encontre muito de Koenig, o professor wolfiano da sra. du Châtelet. Por outro lado, na Alemanha, ia disputar com Deschamps, que era wolfiano também, e com Maupertuis, que o não era; mas o desentendimento fora tão doloroso para Voltaire, que ele concluíra ser o mal muito maior do que o bem neste mundo. É evidente que o tom amargo de Cândido *surge como um resíduo das desventuras*

alemãs de Voltaire. Finalmente um dos motivos que fizeram Voltaire assestar a sua crítica contra o pensamento de Leibniz e Wolf foi o êxito mundano desses autores, traduzidos, divulgados e comentados em França por volta de 1750. As obras apologéticas da Providência multiplicam-se então. Voltaire não podia deixar de entrar na arena. Contudo não se deve encarar Cândido *como um breviário do pessimismo. A conclusão do livro encerra a nova filosofia de Voltaire, a que ele vai desenvolver doravante, a do melhorismo: tudo não está bem, mas pelo trabalho e a moralidade tudo estará melhor no futuro.*

O tom do romance é diferente do dos anteriores. Muito mais áspero e cru. Sente-se a passagem pela Corte militar de Frederico II. Por isso é que Voltaire tem o cuidado não só de se esconder por trás do pseudônimo do Dr. Ralph, mas ainda, na sua correspondência, de protestar contra os que lhe atribuem a autoria do livro: "É preciso ter perdido o senso para atribuir-me essa porcaria". Diante do sucesso considerável da obra e da hostilidade dos bem-pensantes (*o Consistório de Genebra ordena a destruição do livro em 1759, e Roma condena a tradução italiana em 1762*), *Voltaire vai mais longe ainda: atribui a princípio o romance ao Cavaleiro de Mouhy, em seguida a um certo sr. Demard, chegando mesmo a enviar ao* Journal Encyclopédique *uma carta apócrifa do irmão de Demard, da qual extraímos alguns trechos: "Senhores, afirmais em vosso jornal do mês de março que uma espécie de novelazinha intitulada* O otimismo *ou* Cândido *deve ser atribuída a um senhor de V***. Não sei a quem aludis, mas declaro-vos que o livro é de meu irmão Demard, atualmente capitão do regimento de Brunswick.* [...] *De resto, senhores, tenho a honra de informar-vos que meu irmão* [...] *é bom cristão e divertindo-se em compor o romance durante o período de descanso deste inverno teve principalmente em vista converter os socinianos. Esses hereges não se contentam com negar abertamente a Trindade e os castigos eternos, dizem ainda que Deus fez de nosso mundo o melhor dos mundos possíveis e que tudo está pelo melhor. Essa idéia é expressamente contrária à doutrina do pecado original".*

Já dissemos que é possível considerar alguns dos romances anteriores de Voltaire como esboços do Cândido. *Mas o que nos outros se encontra apenas esboçado, neste alcança a perfeição. Embora o livro tenha sido escrito muito depressa, as influências são facilmente visíveis: viagens imaginárias, tão em moda na época, romances picarescos, e sobretudo*

livros já lidos na elaboração do Ensaio sobre os costumes. *Sente-se entretanto que o romance está cheio de recordações pessoais de sua estada em Amsterdã e Vestfália. Mas Voltaire por certo caricaturou os indivíduos que viu e que o divertiram. Finalmente Voltaire não pôs apenas suas leituras e observações nessa* Suma *de su*a *obra que é Cândido. Nela colocou-se a si próprio: "Voltaire pôs nesse romance os três ou quatro Voltaire* que as *obras, a correspondência e as vicissitudes da sorte nos revelam — escreve Bellemont. — Ele foi Cândido na confiança depositada em inúmeros salafrários; ele o foi quando acreditou em Frederico... foi e será sempre Pangloss. Mais de uma vez ele se terá dito a si mesmo: Se não tivesse sido expulso do belo castelo de Potsdam, se não tivesse sido preso, maltratado, roubado em Frankfurt, se não tivesse sido excluído, da Corte de França, não seria rei nas Délices ou em Ferney. É Pangloss ainda no* Exame das obras de Maupertuis, *quando diz: há muito mais bem do que mal no mundo. Porém é igualmente Martinho: 'o mundo, escreve a d'Alembert, em 1775, é um caos de trevas e de horrores'. Encontro-o ainda — e ele se descobriria do mesmo modo — no seu personagem episódico do senhor Pococurante, tipo de requintado que nada satisfaz* [...] *tudo criticando e tendo prazer em não ter mais prazer. E insistindo mais, não se poderia ver na Cunegundes envelhecida, enrugada, de braços vermelhos e escamados, de gênio ciumento e tirânico, sua insuportável sobrinha, a sra. Denis?"*

O romance teve imitações e continuações: Resposta de Cândido a Voltaire *(1760 — Louis Olivier de Marcomnay?),* Segunda Parte de Cândido *(Thorel de Campigneulles? 1761),* Cacomade, traduzido do alemão do dr. Pangloss pelo próprio autor de volta de Constantinopla *(1766, Linguet),* Cândido na Dinamarca *(1769) e* Cândido inglês *(1771).*

S. M.

Capítulo I

De como foi Cândido criado em um lindo castelo, e como dali o escorraçaram

Havia em Vestfália, no castelo do senhor barão de Thunder-ten-tronckh, um jovem a quem a natureza dotara da índole mais suave. Sua fisionomia lhe anunciava a alma. Era reto de juízo e simples de espírito, razão pela qual, creio eu, o chamavam de Cândido. Suspeitavam os velhos criados que fosse filho da irmã do senhor barão e de um bom e honrado gentil-homem da vizinhança, com quem esta jamais consentira em casar-se, porque ele só pudera alegar setenta e uma gerações, havendo as injúrias do tempo destruído o resto da sua árvore genealógica.

Era o senhor barão um dos mais poderosos senhores de Vestfália pois seu castelo tinha porta e janelas. Sua sala de honra ostentava, até, uma tapeçaria. Todos os seus cães, reunidos, formavam, em caso de precisão, uma boa matilha; seus palafreneiros eram seus capatazes; o vigário da aldeia era o seu esmoler-mor. Tratavam-no todos por Monsenhor e riam quando ele contava histórias.

A senhora baronesa, que pesava cerca de trezentas e cinqüenta libras, granjeava com isso enorme consideração, e fazia as honras da casa com uma dignidade que a tornava ainda mais respeitável. Sua filha Cunegundes, que contava dezessete anos, era corada, fresca, rechonchuda, apetitosa. O filho do barão parecia em tudo digno do pai. O preceptor Pangloss era o oráculo da casa, e o pequeno Cândido escutava as suas lições com toda a boa-fé da sua idade e do seu caráter.

Pangloss ensinava metafísico-teólogo-cosmolonigologia. Provava admiravelmente que não há efeito sem causa e que, neste que é o melhor possível dos mundos, o castelo do senhor barão era o mais belo possível dos castelos e a senhora a melhor das baronesas possíveis.

— Está demonstrado — dizia ele — que as coisas não podem ser de outra maneira: pois, como tudo foi feito para um fim, tudo está necessariamente destinado ao melhor fim. Queiram notar que os narizes foram feitos para usar óculos, e por isso nós temos óculos. As pernas foram visivelmente instituídas para as calças, e por isso temos calças. As pedras foram feitas para serem talhadas e edificar castelos, e por isso Monsenhor tem um lindo castelo; o mais considerável barão da província

deve ser o mais bem alojado; e, como os porcos foram feitos para serem comidos, nós comemos porco o ano inteiro: por conseguinte, aqueles que asseveravam que tudo está bem disseram uma tolice; deviam era dizer que tudo está o melhor possível.

Cândido ouvia com toda a atenção e acreditava inocentemente; pois achava a senhorita Cunegundes extremamente formosa, embora jamais se atrevesse a lho dizer. Concluía que, depois da ventura de ter nascido barão de Thunder-ten-tronckh, o segundo grau de felicidade consistia em ser *mademoiselle* Cunegundes; o terceiro, em vê-la todos os dias; e o quarto, em ouvir mestre Pangloss, o maior filósofo da província, e por conseguinte de toda a Terra.

Um dia em que passeava nas proximidades do castelo, pelo pequeno bosque a que chamavam parque, Cunegundes viu entre as moitas o doutor Pangloss, que estava dando uma lição de física experimental à camareira de sua mãe, moreninha muito bonita e dócil. Como a senhorita Cunegundes tivesse grande inclinação para as ciências, observou, sem respirar, as repetidas experiências de que foi testemunha; viu com toda a clareza a razão suficiente do doutor, os efeitos e as causas, e regressou toda agitada e pensativa, cheia do desejo de se tornar sábia, e pensando que bem poderia ela ser a razão suficiente do jovem Cândido, o qual também podia ser a sua.

Encontrou Cândido ao voltar para o castelo, e enrubesceu; Cândido também corou; ela cumprimentou-o com voz entrecortada, e Cândido falou-lhe sem saber o que dizia. No dia seguinte, depois do jantar, Cunegundes e Cândido encontraram-se atrás de um biombo; Cunegundes deixou cair o lenço, Cândido apanhou-o, ela tomou-lhe inocentemente a mão, o jovem beijou inocentemente a mão da moça com uma vivacidade, uma sensibilidade, uma graça toda especial; suas bocas encontraram-se, seus olhos fulguraram, seus joelhos tremeram, suas mãos perderam-se... Ora, o senhor barão de Thunder-ten-tronckh passou junto ao paravento e, vendo aquela causa e aquele efeito, correu Cândido do castelo, a pontapés no traseiro; Cunegundes desmaiou; logo que voltou a si, foi esbofeteada pela senhora baronesa; e houve a maior consternação no mais lindo e mais agradável dos castelos possíveis.

Capítulo II

Do que sucedeu a Cândido entre os búlgaros

Cândido, expulso do paraíso terrestre, caminhou muito tempo sem saber por onde andava, chorando, erguendo os olhos ao céu, voltando-os seguidamente para o mais lindo dos castelos que encerrava a mais linda das baronesinhas. Deitou-se, sem comer, em pleno campo, entre dois sulcos de lavoura, enquanto caía neve em grandes flocos. Cândido, transido, arrastou-se no dia seguinte até a aldeia próxima, que se chama Valberghoff-trarbk-dikdorff, sem dinheiro, morto de fome e de cansaço. Parou tristemente à porta de uma estalagem. Dois homens trajados de azul deram com os olhos nele:

— Camarada — disse um —, eis ali um rapaz de bom corpo e que tem a altura requerida.

Dirigiram-se a Cândido e convidaram-no polidamente para almoçar.

— Senhores — lhes disse Cândido com encantadora modéstia —, concedem-me uma grande honra, mas na verdade não tenho com que pagar a minha parte.

— Ah! senhor — retrucou um dos de azul —, as pessoas do seu porte e do seu merecimento nunca pagam nada: pois o amigo não tem cinco pés e cinco polegadas?

— Sim, é essa a minha altura — disse ele, fazendo uma reverência.

— Ah! senhor, sente-se à mesa; não só lhe pagaremos tudo, mas jamais consentiremos que um homem como o senhor ande sem dinheiro; os homens foram feitos apenas para auxiliarem uns aos outros.

— Os senhores têm toda razão — concordou Cândido. — Foi o que sempre me disse o senhor Pangloss, e bem vejo que tudo está o melhor possível.

Pedem-lhe que aceite alguns escudos; ele os embolsa e quer passar recibo; não lho consentem, e sentam-se os três à mesa:

— O senhor não ama ternamente?...

— Oh! sim — respondeu ele —, amo ternamente a senhorita Cunegundes.

— Não — diz um deles —, nós perguntamos se não ama ternamente ao rei dos búlgaros.

— Absolutamente — retruca ele —, pois nunca o vi.

— Como! É o mais encantador dos reis, e devemos erguer-lhe um brinde.

— Oh! com muito gosto, senhores.

E Cândido bebe à saúde do rei.

— Isso basta — dizem-lhe. — O senhor agora é o apoio, o sustentáculo, o defensor, o herói dos búlgaros; sua fortuna está feita e sua glória assegurada.

Em seguida aplicam-lhe cadeias aos pés e o levam para o regimento. Fazem-lhe volver à direita, à esquerda, tirar a vareta, botar a vareta, deitar por terra, atirar, correr, e dão-lhe trinta bastonadas; no dia seguinte, faz o exercício um pouco menos mal e só recebe vinte bastonadas; no outro dia só recebe dez, e é olhado pelos camaradas como um verdadeiro prodígio.

Cândido, estupefato, ainda não atinava muito bem como poderia ser um herói. Por um belo dia de primavera, lembrou-se de dar um passeio e seguiu direito em frente, na crença de que era um privilégio da espécie humana, como da espécie animal, servir-se das próprias pernas como bem lhe aprouvesse. Ainda não andara duas léguas, quando quatro outros heróis de seis pés o alcançam, amarram-no bem amarrado, e o metem num calabouço. Perguntaram-lhe juridicamente se preferia ser fustigado trinta e seis vezes por todo o regimento ou receber, em uma só descarga, trinta e seis balas de chumbo na cabeça. Por mais que Cândido alegasse que a vontade humana é livre, teve de fazer a escolha; resolveu, então, em virtude desse dom de Deus a que chamam *liberdade,* ser passado trinta e seis vezes pela vara. Agüentou dois turnos. O regimento compunha-se de dois mil homens; isso lhe valera, até então, quatro mil varadas que, da nuca ao traseiro, lhe puseram a descoberto todos os músculos e nervos. Quando iam dar início ao terceiro, Cândido, não podendo mais, pediu por misericórdia que tivessem a bondade de lhe arrebentar os miolos. Concedem-lhe esse favor; vendam-lhe os olhos e fazem-no ajoelhar-se. Nesse momento passa o rei dos búlgaros, informa-se do crime do paciente; e, como esse rei tinha um grande gênio, compreendeu, por tudo quanto soube de Cândido, que se tratava de um jovem metafísico, muito ignorante

das coisas deste mundo, e concedeu-lhe a sua graça com uma demência que será louvada em todos os jornais e em todos os séculos. Um bravo cirurgião curou Cândido em três semanas, com emolientes recomendados por Dioscórides. Tinha já um pouco de pele e podia andar, quando o rei dos búlgaros travou batalha com o rei dos ábaros.

Capítulo III

De como Cândido escapou aos búlgaros, e do que lhe sucedeu depois

Nada tão belo, tão lesto, tão brilhante, tão bem ordenado como aqueles dois exércitos. As trombetas, os pífanos, os oboés, os tambores, os canhões formavam uma harmonia como jamais a houve no inferno. Primeiro os canhões derrubaram cerca de seis mil homens de cada lado; em seguida a mosquetaria varreu do melhor dos mundos uns nove a dez mil marotos que lhe infetavam a superfície. A baioneta foi também a razão suficiente da morte de alguns milhares de homens. O que tudo montava a umas trinta mil almas. Cândido, que tremia como um filósofo, ocultou-se o melhor que pôde durante aquela heróica mortandade.

Enfim, enquanto os dois reis mandavam cantar *Te Deum* cada qual no seu campo, tomou ele o partido de ir raciocinar alhures sobre os efeitos e as causas. Passou por cima de montões de mortos e moribundos, e alcançou primeiro uma aldeia vizinha; estava reduzida a cinzas: era uma aldéia abara que os búlgaros haviam queimado, conforme as leis do direito público. Aqui, velhos crivados de golpes viam agonizar suas mulheres, degoladas de cujo ensangüentado seio pendiam crianças; além, soltavam os últimos suspiros raparigas destripadas depois de haverem saciado os desejos naturais de alguns heróis; outras, meio queimadas, gritavam que lhes acabassem de vez com a vida. Miolos se espalhavam sobre a terra, ao lado de pernas e braços amputados.

Cândido fugiu o mais depressa possível para outra aldeia: pertencia aos búlgaros, e os heróis abaros a tinham tratado da mesma forma. Cândido, sempre a andar por sobre membros palpitantes ou através de ruínas, deixou enfim o teatro da guerra, levando algumas provisões no alforje e sem nunca esquecer a senhorita Cunegundes. Acabaram-se-lhe as provisões ao chegar à Holanda; mas, tendo ouvido dizer que nesse país todos eram ricos e verdadeiramente cristãos, não duvidou que o tratassem tão bem como no castelo do senhor barão, antes de ser dali escorraçado por amor dos lindos olhos da senhorita Cunegundes.

Pediu esmola a vários personagens de ar grave e todos lhe responderam que, se continuasse a exercer tal ofício, o mandariam encerrar numa casa de correção, para ensinar-lhe a viver direito.

Dirigiu-se depois a um homem que acabava de falar sozinho uma hora inteira sobre a caridade, perante uma grande assembléia. Esse homem, olhando-o de soslaio, indagou:

— Que vieste fazer aqui? És pela boa causa?

— Não há efeito sem causa — respondeu modestamente Cândido —, tudo está perfeitamente encadeado e arranjado o melhor possível. Foi preciso que eu tivesse sido expulso de junto da senhorita Cunegundes e passado pelas varas, e é preciso que eu esmole o meu pão antes que possa ganhá-lo; nada disso poderia ser de outro modo.

— Meu amigo — perguntou o orador —, acreditas que o papa seja o Anticristo?

— Ainda não o ouvira dizer — respondeu Cândido. — Mas, que o seja ou não seja, o fato é que eu não tenho pão.

— Nem mereces comê-lo — retrucou o outro. — Anda, biltre, miserável! Desaparece das minhas vistas!

A mulher do orador, chegando à janela e vendo um homem que duvidava que o papa fosse o Anticristo, despejou-lhe na cabeça todo o conteúdo de um... Ó céus! a que excessos não levam as damas o seu zelo religioso!

Um homem que ainda não fora batizado, um bom anabatista, chamado Jaques, viu de que maneira cruel e ignominiosa era tratado um de seus irmãos, um bípede implume, que possuía uma alma; levou-o para casa, limpou-o, deu-lhe pão e cerveja, presenteou-o com dois florins, e até quis ensinar-lhe a trabalhar na sua manufatura de tecidos da Pérsia fabricados na Holanda. Cândido, quase a prosternar-se diante dele, exclamava: “Bem

me dizia Mestre Pangloss que tudo está o melhor possível neste mundo, pois sinto-me infinitamente mais tocado com a sua extrema generosidade do que com a dureza daquele senhor de negro e da senhora sua esposa".

No dia seguinte, ao passear, encontrou um mendigo coberto de pústulas, os olhos mortiços, a ponta do nariz carcomida, a boca de viés, os dentes negros, falando pela garganta, sacudido de acessos de tosse e cuspindo um dente a cada esforço.

Capítulo IV

De como Cândido encontrou o seu antigo mestre de filosofia, o doutor Pangloss, e do que sucedeu

Cândido, mais tocado ainda de compaixão que de horror, deu àquele espantoso mendigo os dois florins que recebera do bom anabatista. O fantasma olha-o fixamente, derrama lágrimas, e salta-lhe ao pescoço. Cândido, horrorizado, recua.

— Ai! — diz o miserável ao outro miserável —, então não reconheces mais o teu caro Pangloss?

— Que ouço? Tu, o meu querido mestre! Tu, nesse horrendo estado! Que desgraça te aconteceu? Por que não estás ainda no mais lindo dos castelos? Que foi feito da senhorita Cunegundes, a pérola das donzelas, a obra-prima da natureza?

— Não posso mais comigo — gemeu Pangloss.

Cândido o levou para o estábulo do anabatista, onde lhe deu a comer um pouco de pão. E, depois que Pangloss se refez:

— Então — disse ele —, e Cunegundes?

— Morreu.

A esta palavra, Cândido perdeu os sentidos; o amigo o fez voltar a si com um pouco de mau vinagre que havia por acaso no estábulo. Cândido reabre os olhos:

— Cunegundes morta! Oh! onde é que estás, ó melhor dos mundos? Mas de que morreu? Não seria por me ter visto expulsar a pontapés do castelo do senhor seu pai?

— Não — disse Pangloss. — Ela foi estripada por soldados búlgaros, depois de ter sido violada o mais possível; rebentaram a cabeça do senhor barão, que queria defendê-la; a senhora baronesa foi cortada em pedaços; o meu pobre pupilo, tratado precisamente como a irmã; e quanto ao castelo, não ficou pedra sobre pedra, nem uma granja, nem um carneiro, nem um pato, nem uma árvore; mas fomos bem vingados, pois os ábaros fizeram o mesmo em uma baronia vizinha que pertencia a um senhor búlgaro.

Ao ouvir tais coisas, Cândido desmaiou outra vez; mas, voltando a si, e tendo dito tudo o que devia dizer, indagou da causa e do efeito, e da razão suficiente que pusera Pangloss em tão lastimável estado.

— Ai! — suspirou o outro. — Foi o amor; o amor, o consolador do gênero humano, o conservador do universo, a alma de todos os seres sensíveis, o terno amor.

— Ai! — disse Cândido. — Eu o conheci, esse amor, esse soberano dos corações, essa alma da nossa alma: nunca me rendeu mais que um beijo e vinte pontapés por detrás. Como pôde essa bela causa produzir, na tua pessoa, tão abominável efeito?

Pangloss respondeu nos seguintes termos:

— Ó meu caro Cândido! Bem conheceste Paquette, a linda criadinha da nossa augusta baronesa; gozei nos seus braços as delícias do paraíso, que produziram em mim estes tormentos do inferno de que me vês devorado; ela estava infetada e talvez tenha morrido disso. Paquette ganhara esse presente de um franciscano muito erudito, que havia remontado à fonte, pois o adquirira de uma velha condessa, que o recebera de um capitão de cavalaria, que o devia a uma marquesa, que a tinha de um pajem, que o tomara de um jesuíta que, quando noviço, o herdara em linha reta de um dos companheiros de Cristóvão Colombo. Quanto a mim, não o passarei a ninguém, pois estou para morrer.

— Ó Pangloss! — exclamou Cândido. — Que estranha genealogia! Não seria o diabo que foi o tronco?

— Qual! — replicou o grande homem. — Era uma coisa indispensável no melhor dos mundos, um ingrediente necessário: pois, se Colombo não tivesse apanhado em uma ilha da América essa doença que envenena a fonte da geração, e que é evidentemente o oposto da grande

finalidade da natureza, nós não teríamos nem chocolate nem cochonilha; cumpre observar que até hoje, no nosso continente, esta doença nos é peculiar, como a controvérsia. Os turcos, os hindus, os persas, os chins, os siameses, os nipônicos, ainda não a conhecem; mas há uma razão suficiente para que a conheçam, por sua vez, em alguns séculos. Enquanto isto, vai ela fazendo um maravilhoso progresso entre nós, e principalmente nesses grandes exércitos compostos de honrados mercenários, tão bem educados, que decidem do destino das nações; pode-se assegurar que, quando trinta mil homens combatem em formação contra tropas iguais em número, há cerca de vinte mil contaminados em cada campo.

— Admirável — disse Cândido —, mas é preciso que te cures.

— Mas como? Não tenho um vintém, meu amigo; e, em toda a extensão deste globo, não se pode nem fazer uma sangria, nem tomar uma lavagem, sem pagar, ou sem que haja alguém que pague por nós.

Estas últimas palavras decidiram Cândido; foi lançar-se aos pés do caridoso anabatista Jaques e fez-lhe uma pintura tão comovente do estado a que se achava reduzido o seu amigo, que o nosso homem não hesitou em recolher o doutor Pangloss; mandou-o tratar à sua custa. Pangloss, com a cura, só perdeu um olho e uma orelha. Como tinha boa letra e sabia aritmética, o anabatista empregou-o como guarda-livros. Dois meses depois, sendo obrigado a ir a Lisboa a negócios, embarcou consigo os seus dois filósofos. Pangloss explicou-lhe como tudo marchava o melhor possível. Jaques não era dessa opinião.

— Está visto — dizia ele — que os homens corromperam um pouco a natureza, pois não nasceram lobos, e tornaram-se lobos. Deus não lhes deu nem canhões nem baionetas, e eles fabricaram baionetas e canhões para se aniquilarem. Eu poderia ainda levar em conta as falências, e a justiça, que se apodera dos bens dos falidos para ludibriar os credores.

— Tudo isso era indispensável — replicava o doutor caolho —, e os males particulares constituem o bem geral, de sorte que, quanto mais males particulares houver, tanto melhor irão as coisas.

Enquanto assim arrazoava, o céu escureceu, os ventos sopraram dos quatro cantos do mundo, e o navio foi assaltado pela mais tremenda tempestade, à vista do porto de Lisboa.

Capítulo V

Da tempestade, naufrágio, terremoto, e do que sucedeu ao doutor Pangloss, a Cândido e ao anabatista Jaques

Metade dos passageiros, enfraquecidos, agoniados com a inconcebível indisposição em que a instabilidade de um navio deixa a todos os nervos e humores do corpo, agitados em sentidos contrários, não tinha nem mesmo forças para inquietar-se com o perigo. A outra metade soltava gritos e rezava; as velas estavam rotas, os mastros quebrados, o navio fendido. Trabalhava quem pudesse, ninguém se entendia, ninguém comandava. O anabatista auxiliava um pouco a manobra; achava-se no convés; um marinheiro furioso bate-lhe rudemente e derruba-o sobre as pranchas, mas, com o golpe que lhe deu, caiu ele próprio para fora do navio, ficando suspenso a um toco de mastro. O bom Jaques corre em seu auxílio, ajuda-o a subir e, com o esforço que faz, é precipitado no mar, sem que o marinheiro fizesse o mínimo gesto para salvá-lo. Cândido aproxima-se, vê o seu benfeitor que reaparece um momento à tona e é tragado para sempre. Quer lançar-se ao mar, mas Pangloss lho impede, provando-lhe que a enseada de Lisboa fora feita expressamente para afogar o anabatista. Enquanto o provava *a priori,* o navio parte-se ao meio e todos perecem, com exceção de Pangloss, de Cândido e do brutal marinheiro que afogara o virtuoso anabatista; o facínora nadou até a margem, onde Pangloss e Cândido arribaram, agarrados a uma tábua.

Depois que se refizeram um pouco, encaminharam-se para Lisboa; restava-lhes algum dinheiro, com o qual esperavam salvar-se da fome, depois de haverem escapado à tempestade.

Mal entravam na cidade, chorando a morte do benfeitor, quando sentem o solo tremer sob os seus pés; o mar, furioso, galga o porto e despedaça os navios que ali se acham ancorados. Turbilhões de chama e cinza cobrem as ruas e praças públicas; as casas desabam; abatem-se os

tetos sobre os alicerces que se abalam; trinta mil habitantes são esmagados sob as ruínas. Assobiando e praguejando, dizia consigo o marinheiro:

— Muito há que aproveitar aqui.

— Qual poderá ser a razão suficiente deste fenômeno? — indagava Pangloss.

— Chegou o último dia do mundo! — exclamava Cândido.

O marinheiro corre imediatamente para o meio dos destroços, afronta a morte em busca de dinheiro, acha-o, embriaga-se; depois de cozinhar a bebedeira, compra os favores da primeira rapariga de boa vontade que encontra sobre as ruínas das casas e em meio dos mortos e moribundos. Enquanto isto, Pangloss puxava-o pela manga.

— Meu amigo — dizia-lhe —, isto não está direito, ofendes a razão universal, empregas muito mal o teu tempo.

— Com os diabos! — responde o outro —, sou marinheiro e nasci em Batávia; marchei quatro vezes sobre o crucifixo, em quatro viagens que fiz ao Japão; e ainda me vens com a razão universal!

Alguns estilhaços de pedra haviam ferido Cândido, que se achava estendido no meio da rua e coberto de destroços.

— Ai! — dizia ele a Pangloss —, consegue-me um pouco de vinho e de óleo, que estou morrendo.

— Este terremoto não é novidade nenhuma — respondeu Pangloss. — A cidade de Lima experimentou os mesmos tremores de terra no ano passado; iguais causas, iguais efeitos: há com certeza uma corrente subterrânea de enxofre, desde Lima até Lisboa.

— Nada mais provável — respondeu Cândido —, mas, por amor de Deus, arranja-me óleo e vinho.

— Como, provável? — replicou. — Sustento que é a coisa mais demonstrada que existe.

Cândido perdeu os sentidos, e Pangloss trouxe-lhe um pouco de água de uma fonte vizinha.

No dia seguinte, havendo encontrado alguma provisão de boca em meio aos escombros, repararam um pouco as forças. Em seguida puseram-se a trabalhar como os outros para auxiliar os habitantes escapados à morte. Alguns cidadãos por eles socorridos deram-lhes o melhor almoço que poderiam encontrar em tais circunstâncias. Verdade que a refeição era triste; os convivas regavam o pão com lágrimas. Mas Pangloss consolou-os, assegurando-lhes que as coisas não poderiam ser de outra maneira:

“Pois tudo isto — dizia ele — é o que há de melhor. Pois, se há um vulcão em Lisboa, não poderia estar noutra parte. Pois é impossível que as coisas não estejam onde estão. Pois tudo está bem”.

Um homenzinho de preto, familiar da Inquisição, que se achava a seu lado, tomou polidamente a palavra e disse:

— Pelo visto, o senhor não crê no pecado original; pois, se tudo está o melhor possível, não houve nem queda, nem castigo.

— Peço humildemente perdão a Vossa Excelência — disse Pangloss ainda mais polidamente —, pois a queda do homem e a maldição entravam no melhor dos mundos possíveis.

— O senhor não crê então na liberdade? — perguntou o familiar.

— Vossa Excelência me desculpará — disse Pangloss —; a liberdade pode subsistir com a necessidade absoluta; pois era necessário que fôssemos livres, porque enfim a liberdade determinada...

Pangloss estava no meio da frase, quando o familiar fez um sinal de cabeça para o seu lacaio, que lhe servia vinho do Porto.

Capítulo VI

De como se fez um belo auto-de-fé para evitar os terremotos, e de como Cândido foi açoitado

Depois do tremor de terra que destruiu três quartas partes de Lisboa, os sábios do país não encontraram meio mais eficaz para prevenir uma ruína total do que oferecer ao povo um belo auto-de-fé; foi decidido pela Universidade de Coimbra que o espetáculo de algumas pessoas queimadas a fogo lento, em grande cerimonial, era um infalível segredo para impedir que a terra se pusesse a tremer.

Tinham, pois, prendido um biscainho que casara com a própria comadre, e dois portugueses que, ao comer um frango, haviam retirado o toucinho: vieram, depois do almoço, prender o doutor Pangloss e o seu

discípulo Cândido, um por ter falado e o outro por ter escutado com ar de aprovação: foram ambos conduzidos em separado para apartamentos extremamente frescos, onde nunca se era incomodado pelo sol; oito dias depois vestiram-lhes um sambenito e ornaram-lhes a cabeça com mitras de papel: a mitra e o sambenito de Cândido eram pintados de chamas invertidas e diabos que não tinham cauda nem garras; mas os diabos de Pangloss tinham cauda e garras, e as flamas eram verticais. Assim vestidos, marcharam em procissão, e ouviram um sermão muito patético, seguido de uma bela música em fabordão. Cândido foi açoitado em cadência, enquanto cantavam; o biscainho e os dois homens que não tinham querido comer toucinho foram queimados, e Pangloss enforcado, embora não fosse esse o costume. No mesmo dia a terra tremeu de novo, com espantoso fragor.

Cândido, em pânico, desvairado, todo ensangüentado e palpitante, dizia consigo: "Se este é o melhor dos mundos possíveis, como não serão os outros! Se eu apenas fosse açoitado, como entre os búlgaros, ainda passava! Mas tu, meu querido Pangloss, o maior dos filósofos, ver-te enforcar sem saber por quê! E tu, meu querido anabatista, o melhor dos homens, ver-te afogado à vista do porto! E tu, ó Cunegundes, ó pérola das donzelas, era preciso que te abrissem o ventre?!".

E assim doutrinado, açoitado, absolvido e abençoado, mal sustendo-se nas pernas, vinha ele de volta, quando uma velha o abordou e disse-lhe: — Tem coragem, meu filho, e segue-me.

Capítulo VII

De como uma velha tratou de Cândido, e como este encontrou o objeto amado

Coragem não a tinha, mas seguiu a velha até um casebre: esta lhe deu pomada para fomentar-se, deixou-lhe mantimentos e bebida, e indicou-lhe

um leito bastante limpo, junto do qual havia um vestuário completo.

— Come, bebe, dorme — disse-lhe ela — e que Nossa Senhora de Atocha, o senhor Santo Antônio de Pádua e o senhor S. Tiago de Compostela te conservem na sua guarda: voltarei amanhã.

Cândido, ainda espantado de tudo o que vira, de tudo o que sofrera, e ainda mais da caridade da velha, quis beijar-lhe a mão.

— Não é a minha mão que deves beijar — disse a velha. — Voltarei amanhã. Esfrega-te, come e dorme.

Cândido, apesar de tantas desgraças, comeu e dormiu. No dia seguinte a velha lhe traz a primeira refeição, examina-lhe as costas, fomenta-o com outra pomada; mais tarde lhe traz almoço, e volta à noite com a ceia. No terceiro dia fez as mesmas cerimônias.

— Quem é a senhora? — perguntava-lhe Cândido. — Quem lhe inspirou tamanha bondade? Que agradecimentos lhe posso dar?

A boa mulher jamais respondia; no outro dia de tarde não trouxe comida.

— Vem comigo — disse ela — e não digas coisa alguma.

Ampara-o e marcha com ele pelo campo, cerca de um quarto de milha: chegam a uma casa solitária, cercada de jardins e canais. A velha bate a uma pequena porta. Abrem; conduz Cândido, por uma escada oculta, a um salão dourado, deixa-o num canapé de brocado, fecha a porta e retira-se. Cândido julgava sonhar, e considerava toda a sua vida como um pesadelo, e o momento atual como um agradável sonho.

A velha voltou logo; amparava com dificuldade uma mulher trêmula, de porte majestoso, toda resplandecente de pedrarias e coberta com um véu.

— Retira esse véu — disse a velha a Cândido.

O jovem aproxima-se; ergue-o timidamente. Que momento! que surpresa! julga ver a senhorita Cunegundes; via-a com efeito, era ela própria. Faltam-lhe as forças, não pode dizer uma só palavra, e tomba a seus pés. Cunegundes, essa, tomba no canapé. A velha enche-os de licores; recuperam os sentidos, falam-se: são a princípio frases entrecortadas, perguntas e respostas que se entrecruzam, suspiros, lágrimas, gritos. A velha lhes recomenda que façam menos bulha, e deixa-os em liberdade.

— Como! És tu? Estás viva?! E encontro-te em Portugal! Então não te violaram? Não te fenderam o ventre como me disse o filósofo Pangloss?

— Sim — disse a bela Cunegundes, mas nem sempre se morre desses dois acidentes.

— Mas teu pai e tua mãe não foram mortos?

— É verdade — disse Cunegundes em pranto.

— E teu irmão?

— Meu irmão também foi morto.

— E como estás em Portugal? Como soubeste que eu aqui estava? E por que estranha aventura me mandaste trazer a esta casa?

— Tudo isso direi — respondeu a dama —, mas é preciso que primeiro me contes o que te aconteceu desde o beijo inocente que me deste e os pontapés que recebeste.

Cândido obedeceu com profundo respeito; e, embora ainda o dominasse a confusão, embora a voz lhe estivesse fraca e trêmula, embora ainda lhe doesse um pouco a espinha, contou-lhe da maneira mais singela tudo o que sofrera desde o momento da separação. Cunegundes erguia os olhos ao céu; chorou pela morte do bom anabatista e de Pangloss. Depois falou nos seguintes termos a Cândido, que não perdia uma palavra e a devorava com os olhos.

Capítulo VIII

História de Cunegundes

— Estava eu no meu leito e dormia profundamente, quando aprouve aos céus enviar os búlgaros ao nosso lindo castelo de Thunder-ten-tronckh; degolaram meu pai e meu irmão e cortaram minha mãe em pedaços. Um grande búlgaro de seis pés de altura, vendo que eu perdera os sentidos a esse espetáculo, pôs-se a violar-me; isso me fez recuperar os sentidos, gritei, debati-me, mordi, arranhei, queria arrancar os olhos do búlgaro, sem saber que tudo o que acontecia no castelo de meu pai era uma coisa

costumeira: o bruto deu-me uma facada no lado esquerdo, de que ainda guardo a cicatriz.

— Ah! quero vê-la — disse o ingênuo Cândido.

— Tu a verás — respondeu Cunegundes —, mas continuemos.

— Continua — disse Cândido.

E Cunegundes assim retomou o fio da história.

— Nisto entrou um capitão búlgaro, viu-me toda ensangüentada, e o soldado não se arredava. O capitão ficou furioso com a falta de respeito que lhe testemunhava aquele bruto, e matou-o em cima do meu corpo. Em seguida ordenou que me fizessem os curativos necessários e mandou-me como prisioneira para o seu acampamento. Eu lavava as poucas camisas que ele tinha e preparava-lhe a comida. O capitão achava-me bastante bonita, devo confessá-lo; e, quanto a mim, não negarei que ele era muito bem feito de corpo e tinha a pele branca e suave; mas pouco espírito e pouca filosofia: bem se via que não fora educado pelo doutor Pangloss. Ao cabo de três meses, depois de ter perdido todo o dinheiro, e já estando aborrecido de mim, vendeu-me a um judeu chamado dom Issacar, que traficava na Holanda e em Portugal, e que era louco por mulheres. Esse judeu sentia grande atração por mim, mas não conseguia vencer-me; resisti-lhe melhor do que ao soldado búlgaro. Quando a gente tem honra, pode ser violada uma vez, mas com isso ainda mais se fortalece a virtude. O judeu, para me abrandar, mandou-me para esta casa de campo que tu vês. Até então eu julgara que não havia nada no mundo mais bonito do que o castelo de Thunder-ten-tronckh; enganava-me.

"O grande inquisidor me viu um dia na missa; não tirava os olhos de mim, e me mandou dizer que precisava falar-me sobre assuntos secretos. Fui levada a palácio; revelei-lhe a minha origem; fez-me ver o quanto estava abaixo da minha categoria pertencer a um israelita. Propuseram, da sua parte, a dom Issacar que me cedesse a Monsenhor. Dom Issacar, que é banqueiro da Corte e homem de grande influência, não se demoveu. O inquisidor ameaçou-o com um auto-de-fé. Afinal o judeu, intimidado, chegou a um acordo. Ficou combinado que a casa e eu pertenceríamos a ambos, que o judeu disporia das segundas, terças e sabados, e o inquisidor dos outros dias da semana. Há seis meses que dura essa convenção. Dificuldades não faltam; pois muitas vezes há controvérsia quanto a saber se a noite de sábado para domingo pertence à antiga ou à nova lei. Até

agora tenho resistido ao judeu e ao inquisidor, e creio que é por esse motivo que continuo amada por ambos.

"Enfim, para afastar o flagelo dos terremotos e intimidar dom Issacar, aprouve a Monsenhor celebrar um auto-de-fé. Deu-me a honra de me convidar para o espetáculo. Fiquei muito bem colocada; entre a missa e a execução foram servidos refrescos às damas. Na verdade, estremeci de horror ao ver queimarem aqueles dois judeus e o honrado biscainho que casara com a comadre; mas qual não foi a minha surpresa, o meu terror, a minha perturbação quando vi, de sambenito e mitra, um vulto que se assemelhava a Pangloss. Esfreguei os olhos, olhei atentamente, vi-o pender da forca; tombei desmaiada. Mal recuperava os sentidos, avistei-te na liça, inteiramente nu: foi o cúmulo do horror, da consternação, da dor, do desespero. Na verdade te direi que a tua pele é mais clara e de um colorido mais perfeito que a do meu capitão búlgaro. Essa visão redobrou todos os sentimentos que me aniquilavam, que me devoravam. Quis gritar: "Basta, bárbaros!", mas faltou-me a voz, e os meus gritos seriam inúteis. Depois que foste bem açoitado: "Como pode ser — dizia eu comigo — que o amável Cândido e o sábio Pangloss tenham vindo parar em Lisboa, um para receber cem açoites e outro para ser enforcado, por ordem do senhor inquisidor, de quem sou amada? Pangloss enganou-me cruelmente quando me dizia que tudo está o melhor do mundo."

"Agitada, desvairada, umas vezes fora de mim, outras vezes a morrer de abatimento, tinha eu a cabeça cheia do massacre de meu pai, de minha mãe, de meu irmão, da insolência do meu maldito soldado búlgaro, da facada que ele me deu, da minha escravidão, do meu ofício de cozinheira, do meu maldito dom Issacar, do meu abominável inquisidor, do enforcamento do doutor Pangloss, daquele miserere em fabordão durante o qual te açoitavam, e principalmente do beijo que eu te dera atrás de um biombo, no dia em que te vi pela última vez. Louvei a Deus que te reconduzia a mim depois de tantas provações. Pedi à minha velha que te cuidasse e te trouxesse para aqui logo que fosse possível. Ela executou muito bem o meu mandado; gozei do inexprimível prazer de tornar a ver-te, de te ouvir, de te falar. Deves estar com uma terrível fome; eu estou com muito apetite; comecemos por cear."

Ei-los, pois, que se sentam à mesa; e, depois da ceia, vão para o belo canapé já mencionado; ali estavam eles quando chega o senhor dom

Issacar, um dos donos da casa. Era um sábado. Vinha ele gozar de seus direitos e dar demonstrações de seu terno amor.

Capítulo IX

Do que aconteceu a Cunegundes, a Cândido, ao inquisidor e ao judeu

Esse Issacar era o mais colérico judeu que já se viu em Israel desde o cativeiro de Babilônia.

— Cadela de Galiléia — exclama ele —, então já não te basta o senhor inquisidor? É preciso que esse maroto também compartilhe de ti?

Dizendo tais palavras, saca de um longo punhal que sempre trazia consigo e, não imaginando que o adversário estivesse armado, avança para Cândido; mas o nosso bom vestfaliano recebera uma bela espada da velha, juntamente com o vestuário completo. Puxa ele da espada, embora fosse de gênio mui tranqüilo, e estende o israelita morto aos pés de Cunegundes.

— Virgem Santa! — exclama ela. — Que será de nós? um homem assassinado em minha casa! Se vier a polícia, estamos perdidos.

— Se Pangloss não tivesse sido enforcado — disse Cândido —, nos daria um bom conselho em tal emergência, pois era um grande filósofo. Na sua falta, consultemos a velha.

Era esta muito prudente e começava a dar sua opinião quando se abriu outra pequena porta. Passava uma hora da meia-noite e principiava o domingo. Esse dia era do senhor Inquisidor, que entra e vê Cândido de espada em punho, um cadáver no chão, Cunegundes como louca e a velha a dar conselhos.

Eis o que se passou em tal instante na alma de Cândido e como ele raciocinou: “Se esse santo homem pede socorro, estou queimado vivo; o mesmo poderá suceder a Cunegundes; ele mandou açoitar-me impiedosamente; é meu rival; posso matá-lo agora; não há que escolher”.

Esse raciocínio foi nítido e instantâneo; e, antes que o inquisidor tivesse tempo de refazer-se da surpresa, Cândido lhe atravessa o corpo com a espada, e abate-o por terra, ao lado do judeu.

— Mais um — disse Cunegundes —, agora não há mais salvação; estamos excomungados, chegou o nosso derradeiro instante. Como é que tu, que tens um gênio tão bom, pudeste matar, em dois minutos, um judeu e um prelado?

— Formosa senhorita — respondeu Cândido —, quando se está enamorado, com ciúmes, e ainda por cima açoitado pela Inquisição, a gente não se reconhece mais.

A velha tomou então a palavra e disse:

— Há três cavalos andaluzes na estrebaria, com os arreios; que o bravo Cândido os apronte; a senhora tem pistolas e diamantes: montemos depressa, embora eu apenas possa sentar de um lado só, e vamos para Cádiz; está fazendo o mais belo tempo do mundo, e assim é um prazer viajar de noite.

Cândido em seguida arreia os três cavalos. Cunegundes, a velha e ele fazem três milhas de um fôlego. Enquanto se afastavam, chega a Santa Hermandad à casa do campo: enterram Monsenhor numa bela igreja e lançam Issacar no monturo.

Cândido, Cunegundes e a velha estavam agora na aldeia de Avicena, em meio à Sierra Morena; e assim falavam, numa hospedaria.

Capítulo X

Da situação em que chegam os três a Cádiz, e do seu embarque

— Quem me teria roubado as minhas pistolas e os meus diamantes? — soluçava Cunegundes. — De que viveremos? Que faremos nós? Onde vou encontrar inquisidores e judeus que me dêem mais jóias e dinheiro?

— Desconfio muito — disse a velha — de um reverendo franciscano que pousou ontem em Badajoz, no mesmo albergue em que paramos. Deus me livre de formar um juízo precipitado! Mas o fato é que ele entrou duas vezes em nosso quarto e partiu muito antes de nós.

— E o bom Pangloss — suspirou Cândido —, que tantas vezes me provou que os bens terrenos são comuns a todos os mortais! Segundo esses princípios, bem que o franciscano podia deixar-nos alguma coisa para que prosseguíssemos viagem...

— Quer dizer que não te resta coisa alguma, linda Cunegundes?

— Nem um maravedi.

— É vender um dos cavalos — propôs a velha. — Irei à garupa da senhorita, embora apenas me possa sentar de um lado só. E assim chegaremos a Cádiz.

Havia no mesmo albergue um prior beneditino, que lhes comprou o cavalo por uma ninharia. Cândido, Cunegundes e a velha passaram por Lucena, por Chulas, por Lebrixa, e chegaram enfim a Cádiz. Ali se equipava uma frota e reuniam-se tropas para chamar à razão os reverendos padres jesuítas do Paraguai, aos quais acusavam de haverem revoltado uma de suas hordas, em Sacramento, contra os reis de Espanha e Portugal. Tendo servido com os búlgaros, Cândido fez os respectivos exercícios, diante do general do pequeno exército, com tanta graça, presteza, agilidade e garbo, que lhe deram o comando de uma companhia de infantes. Ei-lo capitão; embarca com a senhorita Cunegundes, a velha, dois criados e os dois cavalos andaluzes que haviam pertencido ao senhor inquisidor-mor de Portugal.

Durante toda a travessia, discutiram muito sobre a filosofia do pobre Pangloss.

— Vamos para um outro universo — dizia Cândido. — É lá sem dúvida que tudo está bem. Pois cumpre confessar que em nosso mundo não faltava o que chorar quanto ao lado físico e moral das coisas.

— Amo-te de todo o coração — dizia Cunegundes —, mas ainda sinto a alma aterrada de tudo quanto vi e experimentei.

— Tudo irá bem — replicava Cândido. — Só o mar desse novo mundo já vale mais que os mares da nossa Europa: é mais calmo, e os ventos mais constantes. Não há dúvida alguma de que o novo mundo é que é o melhor dos universos possíveis.

— Deus o queira! — dizia Cunegundes. — Mas fui tão horrivelmente infeliz no meu, que meu coração está quase fechado à esperança.

— Ainda se queixam! — disse-lhes a velha. — Mas não passaram nem pela metade do que eu já sofri.

Cunegundes quase chegou a rir, pela pretensão daquela boa mulher, em ser mais infeliz do que ela.

— Ora, minha velha! A menos que tenhas sido violada por dois búlgaros, que tenhas recebido duas facadas na barriga, que destruíssem dois de teus castelos, que hajam degolado na tua frente duas mães e dois pais e que tenhas visto dois dos teus pretendentes açoitados num auto-de-fé, não vejo como poderás ganhar de mim; e não te esqueças que nasci baronesa de setenta e dois quartéis e cheguei a cozinheira.

— Bem vejo — retrucou a velha — que a senhorita ignora o meu nascimento; e, se eu lhe mostrasse o meu traseiro, não falaria assim e suspenderia o seu juízo.

Tais palavras deixaram Cunegundes e Cândido extremamente curiosos. E a velha lhes falou nos seguintes termos.

Capítulo XI

História da velha

— Nem sempre tive os olhos empapuçados e debruados de vermelho; nem sempre o meu nariz tocou no queixo, e nem sempre fui criada. Sou filha do papa Urbano X e da princesa de Palestrina.[25] Criaram-me, até os catorze anos, em um palácio junto do qual todos os castelos dos barões alemães não serviriam para estábulo; e um só de meus vestidos valia mais que todas as magnificências da Vestfália. Crescia em beleza, em graça, em talentos, em meio dos prazeres, dos respeitos e das esperanças. Já inspirava amor, meu seio se formava; e que seio! branco, firme, talhado como o da Vênus de Médicis; e que olhos! que pálpebras! que negras

pestanas! que flamas brilhavam nas minhas duas pupilas, que apagavam a cintilação das estrelas, como me diziam os poetas da vizinhança. As mulheres que me vestiam e despiam caíam em êxtase ao olhar-me por diante e por trás, e todos os homens desejariam estar no lugar delas.

"Fiquei noiva de um príncipe soberano de Massa-Carrara! Que príncipe! tão belo como eu, cheio de encantos e virtudes, brilhante de espírito e ardente de amor. Eu o amava como se ama da primeira vez, com idolatria, com arrebatamento. Prepararam-se as núpcias. Era uma pompa, uma magnificência inaudita; eram festas, cavalhadas, óperas-bufas contínuas; e toda a Itália me compôs sonetos, dos quais não havia um único que fosse passável. Aproximava-se o instante da minha felicidade, quando uma velha marquesa que fora amante de meu príncipe convidou-o a tomar chocolate com ela. Morreu em menos de duas horas, em terríveis convulsões. Mas isso não passou de uma bagatela. Minha mãe, desesperada, e não menos aflita do que eu, resolveu afastar-se, por algum tempo, de lugar tão funesto. Possuía uma bela propriedade nos arredores de Gaeta. Embarcamos numa galera do Estado, dourada como o altar de S. Pedro em Roma. Eis que um corsário de Sales nos ataca. Nossos soldados defenderam-se como soldados do papa: tombaram de joelhos, soltando as armas, e pedindo ao corsário uma absolvição *in articulo mortis*.

"Em seguida os deixaram nus como macacos, e à minha mãe também, e às nossas aias, e a mim também. É uma coisa admirável a presteza com que esses indivíduos despem a gente. Mas o que mais me surpreendeu foi que nos meteram o dedo em um lugar onde nós, mulheres, geralmente só deixamos introduzir cânulas. Tal cerimônia me pareceu muito estranha: eis como a gente julga as coisas quando nunca saiu da terra natal. Soube logo que era para ver se não tínhamos ocultado ali alguns diamantes: é um uso estabelecido, desde tempos imemoriais, entre as nações civilizadas que exercem a navegação. Soube que os reverendos cavaleiros de Malta nunca deixam de o fazer quando aprisionam turcos e turcas; é uma lei do direito das gentes, que jamais foi infringida.

"Não direi o quanto é duro para uma jovem princesa ser conduzida como escrava a Marrocos, juntamente com sua mãe. Imaginem o que não sofremos no navio corsário! Minha mãe era ainda muito bonita; e nossas aias, nossas simples criadas, tinham mais encantos do que se poderiam encontrar por toda a África. Quanto a mim, era encantadora, era a beleza, a graça em pessoa, e era virgem; não o fui por muito tempo: essa flor que eu

reservara para o belo príncipe de Massa-Carrara me foi arrebatada pelo capitão corsário; era um negro abominável que ainda por cima estava crente de que me fazia uma grande honra. A senhora princesa de Palestrina e eu tínhamos de ser mesmo muito fortes para resistir a tudo o que experimentamos até a nossa chegada a Marrocos. Mas passemos adiante; são coisas comuns, em que não vale a pena insistir.

"Marrocos nadava em sangue quando ali chegamos. Os cinqüenta filhos do imperador Muley-Ismael tinham cada um o seu partido: o que constituía de fato cinqüenta guerras civis, de negros contra negros, de negros contra trigueiros, de trigueiros contra trigueiros, de mulatos contra mulatos. Era uma carnagem contínua em toda a extensão do Império.

"Apenas desembarcamos, os negros de uma facção contrária à do nosso corsário vieram arrebatar-lhe a presa. Depois dos diamantes e do ouro, éramos nós o que ele tinha de mais precioso. Fui testemunha de um combate como não se vê igual em climas europeus. Os povos setentrionais não têm sangue bastante ardente. Não têm esse furor pelas mulheres que se vê na África. Parece que os europeus têm leite nas veias; pois é vitríolo, é fogo que corre nas veias dos habitantes do monte Atlas e dos países vizinhos. Combateram com a sanha dos leões, dos tigres e das serpentes da região para ver quem nos possuiria. Um mouro agarrou minha mãe pelo braço direito, um lugar-tenente de meu capitão segurou-a pelo esquerdo; um soldado mouro pegou-a por uma perna, um dos nossos piratas pela outra. Em um instante, quase todas as nossas mulheres se viram assim puxadas por quatro soldados. Meu capitão me conservava oculta atrás de si. Empunhava a cimitarra e matava quem quer que se lhe opusesse. Vi afinal todas as nossas italianas e a minha mãe despedaçadas, retalhadas, massacradas pelos monstros que as disputavam. Os meus companheiros cativos, os que os haviam aprisionado, soldados, marinheiros, negros, trigueiros, brancos, mulatos, e o meu capitão, foi tudo assassinado, e eu ali fiquei, agonizante, sobre um montão de cadáveres. Cenas tais ocorriam numa extensão de trezentas léguas, sem que ninguém faltasse às cinco preces diárias ordenadas por Maomé.

"Com muita dificuldade desembaracei-me daquela multidão de corpos sangrentos e arrastei-me para debaixo de uma laranjeira à margem de um arroio próximo; tombei por terra, de medo, de cansaço, de desespero e de fome. Em breve meus sentidos exaustos se entregaram a um sono que mais se aproximava do desmaio que do repouso. Estava

naquele estado de fraqueza e de insensibilidade, entre a morte e a vida, quando senti alguma coisa que se agitava sobre o meu corpo. Abri os olhos e vi um homem branco e de fisionomia simpática que suspirava e dizia entre dentes: *O che sciagura d'essere senza coglioni!*

Capítulo XII

Continuação das desgraças da velha

"Atônita e encantada de ouvir a língua da minha pátria, e não menos surpresa das palavras que proferia aquele homem, respondi-lhe que havia maiores desgraças do que aquela de que ele se queixava. Informei-o em poucas palavras dos horrores por que passara, e desmaiei de novo. Levou-me para uma casa vizinha, fez com que me dessem leite e comida, atendeu-me, consolou-me, lisonjeou-me, disse-me que nada vira de tão lindo como eu e que nunca lamentara tanto aquilo que ninguém lhe poderia devolver.

"— Nasci em Nápoles — me disse ele. — É sabido que ali costumam castrar de dois a três mil meninos por ano; uns morrem da operação, outros adquirem uma voz mais bela que a das mulheres, outros vão governar Estados. Fizeram-me a intervenção com grande sucesso, e fui músico da capela da senhora princesa da Palestrina.

"— Da minha mãe! — exclamei.

"— Da sua mãe! — bradou ele, chorando. — Como! Então a senhora é aquela jovem princesa que eu criei até a idade de seis anos e que já prometia ser tão linda assim?

"— Sou eu mesma; minha mãe se acha a quatrocentos passos daqui, esquartejada sob um montão de mortos...

"Contei-lhe tudo o que me sucedera e ele contou-me as suas aventuras. Naquela época fora enviado em missão junto ao rei de Marrocos, da parte de uma potência cristã, a fim de concluir um tratado

com esse monarca. Mediante esse tratado, se forneceriam ao maometano pólvora, canhões e navios, a fim de auxiliar a parte contratante a exterminar o comércio dos outros cristãos.

"— Minha missão está cumprida — disse aquele honrado eunuco. — Vou embarcar em Ceuta e a levarei comigo para a Itália. *Ma che sciagura d'essere senza coglioni!*

"— Agradeci-lhe com lágrimas de enternecimento; e, em vez de conduzir-me à Itália, levou-me para a Argélia e vendeu-me ao bei dessa província. Mal fora vendida, quando essa peste que deu volta à África, à Ásia e à Europa, se alastrou na Algéria com furor. Meus amigos já viram terremotos. Mas e a peste? A senhorita nunca apanhou peste?

"— Nunca — respondeu a baronesa.

"— Ah! se a tivesse apanhado — tornou a velha —, confessaria que é muito pior que um terremoto. É muito comum na África; fui atacada. Imaginem que situação para a filha de um papa, que tinha apenas quinze anos de idade, e que, no espaço de três meses, conhecera a pobreza, a escravidão, fora violada quase todos os dias, vira esquartejarem a sua mãe, sofrera a fome e a guerra, e estava para morrer de peste na Argélia. No entanto não morri. Mas o meu eunuco e o bei pereceram, juntamente com quase todo o serralho da Argélia.

"Passadas as primeiras devastações dessa horrível peste, foram postas em leilão as escravas do bei. Um mercador arrematou-me, levando-me para Túnis; vendeu-me a outro mercador, que me revendeu em Trípoli; de Trípoli fui revendida em Alexandria, de Alexandria em Esmirna, de Esmirna em Constantinopla. Fiquei enfim pertencendo a um agá dos janízaros, que em breve foi incumbido de defender Azof contra os russos que a cercavam.

"O agá, homem muito galante, levou consigo todo o seu serralho, e nos alojou em um fortim sobre os Palus-Meótides, guarnecido por dois eunucos negros e vinte soldados. Mataram um número prodigioso de russos, mas estes nos pagaram na mesma moeda. Azof foi posto a ferro e fogo, e não poupavam nem sexo nem idade; afinal só restou nosso pequeno forte; os inimigos resolveram vencer-nos pela fome. Os vinte janízaros tinham jurado não se render nunca. A fome extrema a que se viram reduzidos os obrigou a comer os nossos dois eunucos, por medo de quebrasrem o juramento. Passados alguns dias, decidiram comer as mulheres.

“Tínhamos um imane muito devoto e compassivo, que lhes pregou um belo sermão, persuadindo-os a que não nos matassem.

“— Cortai — disse ele — apenas uma nádega a cada uma dessas damas, e com isso vos regalareis. Se for necessário mais, tereis outro tanto daqui a alguns dias. Deus recompensará tão caridosa ação, e sereis socorridos.

“Tinha bastante eloqüência, e convenceu-os. Fizeram-nos essa horrível operação. O imame nos aplicou o mesmo bálsamo que se põe nos meninos que acabam de circuncidar. Estávamos todas pela hora da morte.

“Mal haviam os janízaros terminado a refeição que lhes fornecêramos, quando chegam os russos em chatas; não sobrou um único janízaro. Os russos não deram a mínima atenção ao estado em que nos achávamos. Há por toda parte cirurgiões franceses: um deles, que era muito hábil, nos socorreu; curou-nos satisfatoriamente, e toda a minha vida hei de lembrar-me que, quando as minhas feridas ficaram bem cicatrizadas, ele me fez propostas. De resto, nos disse a todas que nos consolássemos, assegurando-nos que em vários cercos[26] sucedera a mesma coisa, e que essa era a lei da guerra.

“Logo que pudemos caminhar, mandaram-nos para Moscou. Quanto a mim, coube em partilha a um boiardo que me fez trabalhar na sua horta e me dava vinte laçaços por dia. Mas, dois anos depois, tendo sido esse cavaleiro mandado a suplício, por alguma intriga de Corte, em companhia de trinta colegas seus, aproveitei a emergência e fugi: atravessei toda a Rússia; fui por muito tempo criada de taverna em Riga, depois em Rostock, em Vismar, em Leipzig, em Cassel, em Utrecht, em Leyde, em Haia, em Roterdã. Envelheci na miséria e no opróbrio, não tendo mais que a metade do traseiro, e sempre a lembrar-me de que era filha de um papa; cem vezes quis matar-me, mas ainda amava a vida. Essa ridícula fraqueza é talvez um dos nossos pendores mais funestos: pois haverá coisa mais tola do que carregar continuamente um fardo que sempre se quer lançar por terra? Ter horror à própria existência e apegar-se a ela? Acariciar, enfim, a serpente que nos devora, até que nos haja engolido o coração?

“Vi, nos países que a sorte me fez percorrer e nas estalagens onde servi, um número prodigioso de pessoas que execravam a sua vida; mas apenas encontrei doze que acabaram voluntariamente com a própria miséria: três negros, quatro ingleses, quatro genebrinos e um professor alemão chamado Robeck. Terminei como criada do judeu dom Issacar, que

me encarregou de a servir, minha linda senhorita; liguei-me a seu destino, e tenho-me ocupado mais das suas aventuras que das minhas. E jamais falaria de minhas desgraças se a senhorita não me houvesse melindrado e se não fosse costume a bordo contar histórias para enganar o aborrecimento. Enfim, senhorita, tenho experiência, conheço o mundo. Quer distrair-se? Convide cada passageiro a contar a sua história; e, se encontrar um só que não haja amaldiçoado a vida muitas vezes e que muitas vezes não tenha dito consigo que era o mais infeliz dos homens, pode então lançar-me de cabeça ao mar."

Capítulo XIII

De como Cândido se viu obrigado a separar-se da bela Cunegundes e da velha

Tendo ouvido a história da velha, a bela Cunegundes dispensou-lhe todas as atenções que se deviam a uma pessoa da sua posição e do seu mérito. Aceitou a proposta; induziu todos os passageiros a contarem um após outro as suas aventuras. Cândido e ela confessaram que a velha tinha razão.

— É uma pena — dizia Cândido — que o sábio Pangloss tenha sido enforcado, contra o costume, em um auto-de-fé; ele nos diria coisas admiráveis sobre o mal físico e o mal moral que cobrem a terra e o mar, e eu me sentiria com bastante ânimo para me atrever a fazer-lhe respeitosamente algumas objeções.

À medida que cada um contava a sua história, o navio avançava. Aportaram em Buenos Aires. Cunegundes, o capitão Cândido e a velha foram ter com o governador Dom Fernando de Ibarra y Figueroa y Mascareñas y Lampurdos y Souza. Esse senhor tinha uma altivez adequada a um homem que usava tantos nomes. Falava aos homens com o mais nobre desdém, erguendo tão alto o nariz, elevando tão implacavelmente a

voz, assumindo um ar tão imponente, afetando um andar tão altaneiro, que todos os que o cumprimentavam sentiam ganas de bater-lhe. Amava as mulheres com loucura. Cunegundes lhe pareceu a criatura mais linda que já vira no mundo. A primeira coisa que fez foi perguntar se não era esposa do capitão. O tom da pergunta alarmou Cândido: não ousou dizer-lhe que era sua porque de fato não o era; não ousava dizer que era sua irmã, porque tampouco o era; e, embora essa mentira oficiosa estivesse outrora muito em moda entre os antigos e pudesse ser útil aos modernos, a sua alma era demasiado pura para trair a verdade.

— A senhorita Cunegundes — disse ele — deve conceder-me a honra de casar comigo, e suplicamos a Vossa Excelência que se digne mandar celebrar as nossas núpcias.

Dom Fernando de Ibarra y Figueroa y Mascareñas y Lampurdos y Souza, cofiando o bigode, sorriu amargamente e ordenou ao capitão Cândido que fosse passar em revista a sua companhia. Cândido obedeceu; o governador ficou com a senhorita Cunegundes. Declarou-lhe a sua paixão, protestou que no dia seguinte a desposaria em face da Igreja, ou de qualquer outra maneira, conforme aprouvesse a seus encantos. Cunegundes pediu um quarto de hora para refletir, para consultar a velha e tomar uma decisão.

Disse a velha a Cunegundes:

— A senhorita tem setenta e dois quartéis e nem um óbulo; só depende de si ser esposa do maior senhor da América do Sul e que tem tão belos bigodes; e acaso está em condições de ostentar uma fidelidade a toda prova? Pois não foi violada pelos búlgaros? Um judeu e um inquisidor não gozaram da sua boa vontade? As desgraças outorgam direitos. Confesso que, se estivesse em seu lugar, não teria nenhum escrúpulo em desposar o senhor governador e fazer a fortuna do senhor capitão Cândido.

Enquanto a velha falava com toda a prudência que dão a experiência e a idade, viram entrar no porto um pequeno navio; trazia um alcaide e alguazis, e eis o que sucedera.

Bem adivinhara a velha que fora um franciscano que havia roubado o dinheiro e as jóias de Cunegundes, na cidade de Badajoz. O monge procurou vender algumas das pedras a um joalheiro. O negociante reconheceu-as como pertencentes ao inquisidor-mor. Antes de ser enforcado, o franciscano confessou de quem as roubara; indicou as pessoas e o rumo que tomavam. A fuga de Cunegundes e Cândido era já conhecida.

Seguiram-lhes o rastro até Cádiz; sem perda de tempo, despacharam um navio em sua perseguição. Esse navio já estava agora no porto de Buenos Aires. Logo se espalhou que um alcaide ia desembarcar e que perseguiam os assassinos do inquisidor-mor. A prudente velha viu num instante tudo o que se devia fazer.

— A senhorita não pode fugir — disse ela a Cunegundes —, e nada tem a temer; não foi a senhorita quem matou Monsenhor; e, aliás o governador, que a ama, não permitirá que a maltratem; fique onde está.

Corre imediatamente a Cândido: "Fuja — lhe diz ela —, ou dentro em uma hora será queimado".

Não havia um momento a perder. Mas como separar-se de Cunegundes? E onde se refugiar?

Capítulo XIV

De como Cândido e Cacambo foram acolhidos pelos jesuítas do Paraguai

Cândido trouxera de Cádiz um criado como os há em quantidade nas costas da Espanha e nas colônias. Tinha um quarto de espanhol, pois nascera de um mestiço, em Tucumán; fora menino de coro, sacristão, marinheiro, monge, carregador, soldado, lacaio. Chamava-se Cacambo e estimava muito a seu patrão, porque o seu patrão era um excelente homem. Selou às pressas os dois cavalos andaluzes.

— Vamos, patrão. Siga o conselho da velha, e corramos sem olhar para trás.

Cândido pôs-se a chorar:

— Ai minha querida Cunegundes! Devo eu abandonar-te quando o senhor governador vai preparar as tuas núpcias? Eu que te trouxe de tão longe! Que vai ser de ti?

— Será o que puder — disse Cacambo —, as mulheres nunca se embaraçam; Deus as ajuda; corramos.

— Aonde me levas? Aonde vamos? Que faremos sem Cunegundes? — dizia Cândido.

— Por S. Tiago de Compostela — disse Cacambo. — O patrão não ia combater contra os jesuítas? Pois combata agora pelos jesuítas. Conheço bem os caminhos; vou levá-lo até o reino deles; ficarão encantados de ter um capitão que saiba fazer exercícios à moda búlgara. O senhor fará uma fortuna prodigiosa. Quando a gente não se ajeita num mundo, procura arranjar-se noutro. É um prazer extraordinário ver e fazer coisas novas.

— Já estiveste então no Paraguai? — indagou Cândido.

— É verdade. Servi de fâmulo no colégio de Assunção, e conheço o governo dos Padres como conheço as ruas de Cádiz. É uma coisa admirável esse governo. O reino já tem mais de trezentas léguas de diâmetro; é dividido em trinta províncias. Os padres ali têm tudo, e o povo nada; é a obra-prima da razão e da justiça. Quanto a mim, não conheço nada mais divino do que os Padres, que aqui fazem guerra ao rei de Espanha e ao rei de Portugal, e que na Europa confessam esses reis; que aqui matam espanhóis e em Madri os mandam para o céu: isto me encanta. Avancemos. O patrão vai ser o mais feliz de todos os homens. Que prazer não terão os Padres quando souberem que lhes chega um capitão que conhece manobras búlgaras!

Logo que chegaram à primeira barreira, Cacambo disse à guarda avançada que um capitão pedia para falar ao monsenhor comandante. Foram avisar a grande guarda. Um oficial paraguaio correu aos pés do comandante para lhe dar a notícia. Cândido e Cacambo foram primeiramente desarmados; apoderaram-se de seus cavalos andaluzes. Os dois estrangeiros são introduzidos em meio de duas filas de soldados, a cuja extremidade se achava o comandante, de chapéu de três bicos, batina arrepanhada, espadim à cinta, lança em punho. Fez um sinal; e logo vinte e quatro milicianos cercam os recém-chegados. Informa-lhes um sargento que é preciso esperar, que o comandante não pode atendê-los, pois o reverendo padre provincial não permite que nenhum espanhol abra a boca a não ser em sua presença, nem permaneça mais de três horas no país.

— E onde está o reverendo padre provincial? — indagou Cacambo.

— Está na parada, depois que rezou missa; e só daqui a três horas é que vocês lhe podem beijar as esporas.

— Mas — observou Cacambo — o senhor capitão, que está a morrer de fome como eu, não é espanhol, é alemão; não poderíamos almoçar enquanto esperamos Sua Reverendíssima?

O sargento foi imediatamente comunicar tais palavras ao comandante.

— Graças a Deus que ele é alemão — disse este —, pois assim lhe posso falar. Que o tragam ao meu caramanchel.

Conduzem Cândido a uma espécie de salão de folhagens, cercado de uma linda colunata de mármore verde e dourado e de aviários que encerravam papagaios, colibris, beija-flores, pintadas, e todos os pássaros, dos mais raros. Achava-se servido um excelente almoço, em baixelas de ouro; e, enquanto os paraguaios comiam canjica em escudelas de pau, ao ardor do sol, o reverendo padre comandante entrou no caramanchel.

Era um belo jovem, de rosto cheio, faces coradas, sobrancelhas erguidas, olho vivo, orelhas rosadas, lábios rubros, o ar altivo, mas de uma altivez que não era nem a de um espanhol nem a de um jesuíta. Devolveram a Cândido e Cacambo as armas que lhes haviam retirado, bem como os dois cavalos andaluzes; Cacambo fê-los comer aveia, junto ao caramanchão, e sempre trazendo-os de olho, para evitar alguma surpresa.

Cândido beijou primeiro a fímbria da batina do comandante, e em seguida sentaram-se à mesa.

— Com que então o senhor é alemão? — peguntou-lhe o jesuíta nesse idioma.

— Sim, meu reverendo.

Tanto um como outro, enquanto pronunciavam tais palavras, se olhavam com grande surpresa e uma emoção que não podiam dominar.

— E de que região da Alemanha é o senhor? — indagou o jesuíta.

— Da maldita província de Vestfália — disse Cândido. — Nasci no castelo de Thunder-ten-tronckh.

— Ó céus! Será possível! — exclamou o comandante.

— Que milagre! — bradou Cândido.

— Serás tu mesmo? — disse o comandante.

— Impossível! — disse Cândido.

Recuam de espanto, abraçam-se, vertem rios de lágrimas.

— Como, és tu, meu reverendo Padre? Tu, o irmão da bela Cunegundes! Tu, que foste morto pelos búlgaros! Tu, o filho do senhor barão! Tu, jesuíta no Paraguai! Tem-se de confessar que este mundo é uma

coisa estranha! Ó Pangloss! ó Pangloss! Como não estarias contente agora, se não te houvessem enforcado!

O comandante mandou embora os escravos negros e os paraguaios que serviam bebida em tigelas de cristal de rocha. Agradeceu mil vezes a Nosso Senhor e a Santo Inácio; estreitava Cândido nos braços; as suas faces estavam banhadas de lágrimas.

— Mais espantado ficarias — disse Cândido —, mais comovido, mais fora de ti mesmo, se eu te dissesse que a senhorita Cunegundes tua irmã, a quem julgavas destripada, se acha agora cheia de saúde.

— Onde?

— Na tua vizinhança, com o senhor governador de Buenos Aires. E eu tinha vindo para combater-te...

Cada palavra que pronunciavam nessa longa conversação acumulava prodígios sobre prodígios. A alma inteira lhes voava na ponta da língua, mantinha-se atenta nos ouvidos, fulgurante nos olhos. Como eram alemães, demoraram-se por muito tempo à mesa, enquanto não vinha o padre provincial. E o comandante assim falou a seu querido Cândido.

Capítulo XV

De como Cândido matou o irmão de sua querida Cunegundes

— Nunca me sairá da memória o dia horrível em que vi matarem meu pai e minha mãe e violarem minha irmã. Quando os búlgaros se retiraram, havia desaparecido aquela irmã adorável, e meu pai, minha mãe, eu, duas criadas e três meninos degolados fomos colocados numa carroça, a fim de nos enterrarem em uma capela de jesuítas, a duas léguas do castelo. Um jesuíta aspergiu-nos com água benta; estava horrivelmente salgada; entraram-me algumas gotas nos olhos; o padre percebeu que minhas pálpebras se agitavam levemente: pôs a mão no meu peito e sentiu

palpitar-me o coração; fui socorrido e, ao cabo de três semanas, estava como dantes. Bem sabes, meu caro Cândido, que eu era bastante bonito; pois mais bonito fiquei depois; de modo que o reverendo padre Croust, superior do convento, sentiu-se tomado por mim da mais terna amizade; fez-me envergar o hábito de noviço; algum tempo depois fui enviado a Roma. O vigário-geral tinha necessidade de uma leva de jovens jesuítas alemães. Os soberanos do Paraguai recebem o menos que podem de jesuítas espanhóis; preferem os estrangeiros, de quem se julgam mais senhores. Fui julgado apto pelo reverendo vigário-geral para vir trabalhar nesta vinha. Partimos, um tirolês, um polaco e eu. Honraram-me, de chegada, com um subdiaconato e uma lugar-tenência; hoje sou coronel e padre. Recebemos à altura as tropas do rei de Espanha; garanto-te que serão devidamente excomungadas e batidas. A Providência te mandou aqui para nos secundares. Mas é verdade mesmo que a minha querida irmã Cunegundes se acha nas vizinhanças, em poder do governador de Buenos Aires?

Cândido jurou que nada era mais verdadeiro. E puseram-se ambos a chorar.

O barão não se cansava de abraçar Cândido; chamava-lhe de seu irmão e salvador.

— Ah, meu querido Cândido, talvez possamos os dois entrar vencedores na cidade e arrebatar a minha irmã Cunegundes.

— É o que mais desejo neste mundo — disse Cândido —, pois tencionava desposá-la, e espero fazê-lo ainda.

— Tu, insolente! — exclamou o barão. — Tens então a imprudência de querer desposar a minha irmã, que possui setenta e dois quartéis?! O que me admira é o teu descaramento em ousar falar-me de um desejo tão atrevido!

Cândido, estarrecido, retrucou-lhe:

— Todos os quartéis do mundo, meu Reverendo Padre, agora nada significam; tirei a sua irmã dos braços de um judeu e de um inquisidor; ela me deve muitas obrigações, e quer casar comigo. Mestre Pangloss sempre me disse que os homens são iguais, e eu hei de casar com Cunegundes.

— É o que veremos, patife! — bradou o jesuíta barão de Thunder-ten-tronckh, ao mesmo tempo que lhe desferia no rosto um violento golpe com a folha da espada. Cândido no mesmo instante puxa da sua e mergulha-a até a guarda no ventre do barão jesuíta; mas, ao retirá-la úmida de sangue

quente, põe-se a chorar: “Oh! Meu Deus! Matei o meu antigo Senhor, o meu amigo, o meu cunhado; sou o melhor homem do mundo e já são três homens que mato; e, desses três, dois são padres!”

Cacambo, que montava guarda à entrada do caramanchão, acorreu em seguida.

— Só nos resta vender caro a nossa vida — lhe disse Cândido. — Não tardarão a chegar; deveremos morrer de arma em punho.

Cacambo, que já passara por outras, não perdeu a cabeça. Despiu a batina do barão, vestiu-a sem demora em Cândido, deu-lhe o chapéu de três bicos e o fez montar a cavalo. Tudo isto se passou enquanto o diabo esfrega um olho.

— Corramos, patrão; todos o vão tomar por um jesuíta que anda a serviço; e teremos passado as fronteiras antes que possam sair em nosso encalço.

Já voava ao dizer isto, e gritava em espanhol:

— Alas! alas! para o reverendo padre coronel!

Capítulo XVI

Do que aconteceu aos dois viajantes e com duas raparigas, dois macacos, e os selvagens chamados orelhões

Já haviam os dois atravessado a fronteira, e no acampamento ainda ninguém sabia da morte do jesuíta alemão. O diligente Cacambo teve cuidado de encher o alforje de pão, chocolate, presunto, frutas, e algumas medidas de vinho. Adentram-se numa região desconhecida, onde não descobriram estrada alguma. Afinal deparou-se-lhes à vista um belo prado cortado de arroios. Os nossos dois viajantes puseram os cavalos a pastar.

Cacambo propõe uma refeição, e dá o exemplo, principiando a comer com apetite.

— Como queres tu — dizia Cândido — que eu coma presunto, quando matei o filho do senhor barão e me vejo condenado a nunca mais rever a bela Cunegundes? De que me servirá prolongar meus miseráveis dias, se devo arrastá-los longe dela, no remorso e no desespero? E que dirá o jornal de Trévoux?

Enquanto assim falava, não cessava de comer. O sol ia tombando. Os dois extraviados ouviram alguns gritos agudos, que pareciam de mulheres. Não sabiam se esses gritos eram de dor ou de alegria; mas ergueram-se precipitadamente com essa inquietação e alarme que tudo inspira em uma região desconhecida. Partiam os clamores de duas raparigas nuas que corriam pela orla do bosque, enquanto dois macacos as perseguiam, mordendo-lhes as nádegas. Cândido encheu-se de piedade; tinha aprendido a atirar com os búlgaros, e seria capaz de abater uma noz sem tocar nas folhas. Toma do seu fuzil espanhol de dois tiros, faz pontaria e mata os dois macacos.

— Louvado seja Deus, meu caro Cacambo! Livrei de um grande perigo essas duas pobres criaturas; e se caí em pecado matando um inquisidor e um jesuíta, já o remi agora, salvando a vida de duas mulheres. Devem ser damas de boa condição, e esta aventura nos pode trazer grandes vantagens no país.

Ia continuar, mas o espanto lhe paralisou a língua ao ver aquelas duas raparigas beijarem ternamente os dois macacos, desatando em pranto sobre os seus corpos e enchendo o ar com os gritos mais pungentes.

— Eu não esperava tanta bondade de alma — disse afinal a Cacambo, o qual replicou:

— Bela coisa fez o patrão! Acaba de matar os amantes dessas moças.

— Seus amantes! Será possível? Estás zombando de mim, Cacambo. Como vou acreditar numa coisa dessas?

— O senhor, meu caro patrão, anda sempre a espantar-se de tudo; por que acha tão estranho que nalguns países haja macacos que obtêm favores femininos? Eles têm um quarto de homens, como eu tenho um quarto de espanhol.

— Ah! — disse Cândido —, lembro-me de ter ouvido a Pangloss que outrora aconteciam tais acidentes, e que tal mescla produzira egipãs,

faunos, sátiros; que várias personagens da Antiguidade os haviam visto; mas eu tomava tudo isso por fábulas.

— Agora deve estar convencido de que é verdade — disse Cacambo —, e bem vê como se comportam nesse ponto as pessoas que não receberam certa educação. O que eu temo é que essas damas nos metam em maus lençóis.

Essas reflexões induziram Cândido a deixar o prado e meter-se no bosque, onde jantaram. E, depois de terem amaldiçoado o inquisidor de Portugal, o governador de Buenos Aires e o barão, adormeceram sobre a relva. Ao despertar, sentiram que não podiam mover-se; era que, durante a noite, os orelhões, habitantes da região, a quem as duas damas os denunciaram, os haviam amarrado com cipós. Estavam cercados de uns cinqüenta orelhões nus, armados de flechas, maças e machados de pedra. Uns punham ao fogo uma grande caldeira; outros preparavam espetos. E todos gritavam:

— É um jesuíta, é um jesuíta! Estamos vingados! Agora sim! Vamos comer jesuíta! Vamos comer jesuíta!

— Bem que eu lhe dizia, patrão — exclamou tristemente Cacambo —, que aquelas duas nos iam pregar uma boa!

Cândido, atentando na caldeira e nos espetos, lamentou-se:

— Com toda a certeza vamos ser assados ou fervidos. Ah! o que não diria Mestre Pangloss, se visse como é a pura natureza! Tudo está bem; seja, mas confesso que é muito cruel perder a senhorita Cunegundes e ser assado ao espeto pelos orelhões.

Cacambo, esse, nunca perdia a cabeça.

— Não desespere de nada — disse ele ao desolado Cândido. — Entendo um pouco o jargão dessa gente; vou falar-lhes.

— Não te esqueças — recomendou Cândido — de lhes significar o quanto é desumano cozinhar pessoas, e como esse procedimento é pouco cristão.

— Senhores — disse-lhes Cacambo —, pretendeis comer hoje um jesuíta: muito bem; nada mais justo do que tratar assim aos inimigos. O direito natural nos autoriza, com efeito, a matar o próximo, e é assim que se faz em toda a Terra. Se não usamos do direito de o comer, é que temos com que passar bem de outra maneira; mas vós não tendes os mesmos recursos que nós; e sem dúvida mais vale comer os inimigos que abandonar aos corvos e gralhas o fruto da vitória. Acreditais pôr um

jesuíta no espeto, e no entanto é ao vosso defensor, ao inimigo de vossos inimigos que ides assar. Quanto a mim, nasci em vossa terra; e o cavalheiro que vedes é meu patrão e, longe de ser um jesuíta, acaba exatamente de matar um deles e apoderar-se de seus despojos: daí o vosso engano. Para verificar o que vos digo, tomai a sua batina e levai-a à primeira barreira do reino dos Padres; informai-vos se o meu patrão não matou um oficial jesuíta. Isso demandará pouco tempo; e podereis comer-nos depois, se descobrirdes que estou mentindo. Mas eu vos disse a verdade, e muito bem conheceis os princípios do direito público, os costumes e as leis, para que não deixeis de nos poupar a vida.

Os orelhões acharam muito razoável tal discurso; deputaram dois notáveis para irem em comissão informar-se da verdade; os dois emissários desempenharam-se a contento e voltaram logo com a boa notícia. Os orelhões soltaram os dois prisioneiros, fizeram-lhes toda sorte de gentilezas, ofereceram-lhes moças, serviram-lhes refrescos e os conduziram até as fronteiras de seus Estados, gritando alegremente: "Ele não é jesuíta! Ele não é jesuíta!".

Cândido não se cansava de admirar-se do motivo da libertação. "Que povo! — dizia ele. — Que homens! Que costumes! se eu não tivesse tido a ventura de atravessar a espada o irmão da senhorita Cunegundes, seria comido sem remissão. Afinal de contas, a pura natureza é boa mesmo, pois essa gente, em vez de me devorar, cumulou-me de gentilezas ao saber que eu não era jesuíta!"

Capítulo XVII

Da chegada de Cândido e Cacambo à terra de Eldorado, e do que ali presenciaram

Chegados que foram à fronteira dos orelhões, disse Cacambo a Cândido:

— Bem vê o patrão que este hemisfério não vale mais que o outro: voltemos à Europa pelo caminho mais curto.

— Como voltar? E para onde ir? Se vou para a minha terra, lá andam os búlgaros e ábaros a degolar a torto e a direito; se volto a Portugal, me queimam vivo; se ficamos por aqui, arriscamo-nos a todo momento a ir para o espeto. Mas como me resolver a deixar a parte do mundo em que reside a senhorita Cunegundes?

— Vamos para Caiena — propôs Cacambo. — Lá encontraremos franceses, que andam por toda parte; poderão ajudar-nos. Deus talvez se amerceie de nós.

Não era fácil irem a Caiena; sabiam mais ou menos em que rumo deveriam marchar, mas rios, montanhas, precipícios, bandoleiros, selvagens constituíam por toda parte terríveis obstáculos. Os cavalos morreram de fadiga; as provisões findaram; alimentaram-se um mês inteiro de frutos silvestres e foram dar enfim a um rio marginado de coqueiros, que lhes sustentaram a vida e as esperanças.

Cacambo, que dava sempre tão bons conselhos como a velha, disse a Cândido:

— Não podemos agüentar mais, já caminhamos demasiado. Vejo uma canoa abandonada à margem. Vamos enchê-la de cocos e deixemo-nos vogar na correnteza: um rio leva sempre a algum lugar habitado. Se não encontrarmos coisas agradáveis, encontraremos pelo menos coisas novas.

— Vamos — disse Cândido —, e recomendemo-nos à Providência.

Vogaram algumas léguas entre margens ora luxuriantes, ora desertas, ora planas, ora escarpadas. O rio cada vez se alargava mais, até se perder debaixo de uma abóbada de rochedos temerosos que se erguiam até as nuvens. O rio, apertado naquele local, arrastou-os com uma rapidez e fragor terríveis. Ao cabo de vinte e quatro horas tornaram a ver a luz do dia; mas a canoa se espatifou contra os recifes; foi preciso arrastarem-se de rochedo em rochedo durante uma légua inteira; afinal descobriram um horizonte imenso, bordado de montanhas inacessíveis. Toda aquela região era cultivada tanto para o prazer como para a necessidade; por toda parte o útil era agradável. Os caminhos eram transitados, ou antes, ornados de viaturas de forma original e de um material esplêndido, que conduziam homens e mulheres de singular beleza. Puxavam-nas grandes carneiros

vermelhos que ultrapassavam, em rapidez, os mais belos cavalos da Andaluzia, de Tetuan e de Mequinez.

— Cá está um país — disse Cândido — que vale mais do que a Vestfália.

Parou com Cacambo na primeira aldeia que encontraram. Alguns meninos, vestidos de brocados de ouro bastante rasgados, jogavam patela à entrada do burgo; os nossos dois homens do outro mundo se distraíram a olhá-los: as pedras com que jogavam eram redondas, bastante volumosas, amarelas, vermelhas, verdes, e lançavam um brilho singular. Os viajantes sentiram desejos de as apanhar; eram pepitas de ouro e esmeraldas e rubis, a menor das quais seria o maior ornamento do trono do Grão-Mogol.

— Sem dúvida — disse Cacambo — são os filhos do rei que estão jogando patela.

Nesse instante apareceu o mestre-escola, para os fazer regressarem às aulas.

— Eis — disse Cândido — o preceptor da família real.

Os pequenos maltrapilhos abandonaram imediatamente o jogo, deixando no cimo as suas pedras e tudo o que lhes servira para o brinquedo. Cândido apanha-as, corre ao preceptor, e lhas apresenta humildemente, dando-lhe a entender, por sinais, que suas Altezas haviam esquecido o seu ouro e pedrarias. O mestre-escola, sorrindo, jogou fora tudo aquilo, olhou muito surpreendido para o rosto de Cândido, e continuou seu caminho.

Os viajantes não deixaram de apanhar o ouro, os rubis e as esmeraldas.

— Onde estamos? — exclamou Cândido. — Os príncipes deste país devem ser muito bom educados, pois lhes ensinam a desprezar o ouro e as pedrarias.

Cacambo estava tão surpreso como Cândido. Aproximaram-se enfim da primeira casa da aldeia; era construída como um palácio da Europa. Grande multidão se acotovelava à porta, e mais ainda no interior da casa. Ouvia-se agradável música e vinha lá de dentro um delicioso cheiro de cozinha. Cacambo aproximou-se da porta e percebeu que falavam peruviano; era a sua língua materna: pois todo o mundo sabe que Cacambo nascera em Tucumán, em uma aldeia onde só conheciam essa língua.

— Isto aqui é uma estalagem — disse ele a Cândido —, entremos, que eu lhe servirei de intérprete.

Em seguida, dois rapazes e duas raparigas da casa, com roupas de tecido de ouro e os cabelos atados com fitas, os convidam a sentar-se à mesa comum. Serviram quatro qualidades de sopa, acompanhadas cada uma de dois papagaios, um condor ensopado que pesava duzentas libras, dois macacos grelhados de excelente gosto, uma travessa com trezentos colibris, massas deliciosas; e tudo em pratos de uma espécie de cristal de rocha. Os criados e criadas da estalagem serviam várias bebidas feitas da cana-de-açúcar.

Os convivas eram na maior parte comerciantes e cocheiros, todos de extrema polidez; fizeram algumas perguntas a Cacambo com a discrição mais circunspecta, e responderam às suas de maneira satisfatória.

Terminada a refeição, Cacambo achou, assim como Cândido, que pagaria muito bem a sua parte deixando sobre a mesa duas grandes pepitas de ouro que apanhara, o que provocou no estalajadeiro e sua mulher uma explosão de riso, que não acabava mais. Afinal se dominaram:

— Senhores — disse o patrão —, bem vemos que são estrangeiros; não estamos acostumados a vê-los todos os dias. Perdoem se começamos a rir quando nos deram em pagamento as pedras da rua. Com certeza não possuem os senhores moeda nacional, mas não é preciso dinheiro para almoçar aqui. Todas as estalagens estabelecidas para comodidade do comércio são pagas pelo governo. Os senhores não passaram muito bem aqui porque esta é uma aldeia muito pobre, mas noutras localidades hão de ser recebidos como merecem.

Cacambo explica a Cândido as palavras do estalajadeiro, e Cândido as escutava com a mesma admiração e espanto com que seu amigo Cacambo lhas transmitia. “Que país é este — pensavam eles —, desconhecido do resto do mundo, e onde toda a natureza é de uma espécie tão diferente da nossa?” “Provavelmente é o país onde tudo está bem — considerava Cândido —, pois é preciso absolutamente que haja um dessa espécie. E, apesar do que dizia Mestre Pangloss, muitas vezes desconfiei que tudo estava mal em Vestfália.”

Capítulo XVIII

Das coisas que presenciaram na terra do Eldorado

Cacambo manifestou ao hospedeiro toda a sua curiosidade; e este lhe disse:

— Sou muito ignorante, e aliás me dou bem assim; mas temos aqui um velho retirado da Corte, que é o homem mais sábio do reino, e muito comunicativo.

Em seguida conduz Cacambo à residência do velho. Cândido não desempenhava mais que o papel de segunda personagem, e acompanhava a seu criado. Entraram numa casa muito simples, pois a porta era apenas de prata e as salas modestamente revestidas de ouro, mas tudo trabalhado com tanto gosto que nada ficavam a dever aos mais ricos lambris. A antecâmara, na verdade, era incrustada somente de esmeraldas e rubis; mas a harmonia do conjunto compensava de sobra essa extrema simplicidade.

O velho recebeu os dois estrangeiros num sofá forrado de penas de colibri, e lhes mandou servir licores em taças de diamante. Depois disso, satisfez-lhes a curiosidade nos seguintes termos:

— Tenho cento e setenta e dois anos e ouvi de meu falecido pai, escudeiro do rei, as espantosas revoluções do Peru, de que ele foi testemunha. O reino onde estamos é a antiga pátria dos incas, que daqui saíram imprudentemente para ir subjugar uma parte do mundo, e que foram reduzidos ao aniquilamento pelos espanhóis. Mais sábios se mostraram os príncipes que permaneceram em seu país natal; ordenaram, com o consentimento da nação, que nenhum habitante jamais saísse do nosso pequeno reino; e foi isso que nos conservou a nossa inocência e felicidade. Os espanhóis tiveram um confuso conhecimento deste país, a que chamaram El Dorado, e um inglês, o cavaleiro Raleigh, chegou até a aproximar-se daqui há cerca de cem anos; mas, como estamos cercados de rochedos inacessíveis e de precipícios, conservamo-nos até agora ao abrigo da rapacidade dos europeus, que têm uma inconcebível loucura pelas pedras e a lama da nossa terra, e que, para as conseguir, são capazes de nos matar a todos, até o último.

A conversação foi longa; versou sobre a forma de governo, os costumes, as mulheres, os espetáculos públicos, as artes. Afinal Cândido,

que sempre tivera gosto pela metafísica, indagou, por intermédio de Cacambo, se no país não havia uma religião.

O velho enrubesceu um pouco.

— Como pode o senhor duvidar de tal coisa? — perguntou ele. — Será que nos toma por ingratos?

Cacambo perguntou humildemente qual era a religião do Eldorado.

O velho corou de novo.

— Acaso pode haver duas religiões? — disse ele. — Temos, creio eu, a religião de todo o mundo: adoramos a Deus dia e noite.

— Não adoram senão a um único Deus? — interrogou Cacambo, sempre servindo de intérprete às dúvidas de Cândido.

— Quer-me parecer — tornou o velho, formalizado — que não há nem dois, nem três, nem quatro deuses. Francamente, fazem cada pergunta!

Cândido não se cansava de interrogar o bom do velho; quis saber como rezavam a Deus no Eldorado.

— Não lhe rezamos — disse o bom e respeitável sábio. — Nada temos de lhe pedir; ele nos deu tudo de que precisamos; nós lhe agradecemos sem cessar.

Cândido teve curiosidade de ver os sacerdotes; e perguntou onde estavam. O bom do velho sorriu.

— Meus amigos — disse ele —, nós todos somos sacerdotes; cada manhã, o rei e todos os chefes de família entoam, solenemente, cânticos de ações de graça; e cinco ou seis mil músicos os acompanham.

— Como, os senhores não têm padres que ensinam, que disputam, que governam, que cabalam, e que mandam queimar as pessoas que não são da sua opinião?

— Só se fôssemos loucos — disse o velho. — Aqui somos todos da mesma opinião, e não entendemos o que quer o senhor dizer com os seus padres.

Cândido, a cada uma dessas palavras, caía em êxtase e dizia consigo: "Como tudo isto é diferente da Vestfália e do castelo do senhor barão! Se o nosso amigo Pangloss visse o Eldorado, não diria mais que o castelo de Thunder-ten-tronckh era o que havia de melhor sobre a face da Terra; não há dúvida de que é preciso viajar".

Depois dessa longa conversação, o velho mandou atrelar uma carruagem de seis carneiros e cedeu, aos dois viajantes, doze de seus

criados, para os conduzirem à Corte.

— Desculpem-me — lhes disse ele —, se a minha idade me priva da honra de os acompanhar. O rei os receberá de maneira que não fiquem descontentes; e sem dúvida hão de perdoar aos costumes do país, se houver alguns que lhes desagradem.

Cândido e Cacambo sobem na carruagem; os seis carneiros voavam, e em menos de duas horas chegaram os visitantes ao palácio do rei, situado num extremo da capital. O pórtico media duzentos e vinte pés de altura por cem de largura; impossível dizer de que material era construído. Mas bem se imagina que superioridade prodigiosa não deveria ter sobre esses calhaus a que chamamos *ouro* e *pedrarias*.

Vinte belas moças da guarda real receberam Cândido e Cacambo à entrada, conduziram-nos aos banhos, vestiram-nos com uma roupa de um tecido de penugem de colibri. Depois disso, os altos dignitários e as altas dignitárias da Coroa os levaram ao apartamento de Sua Majestade, em meio de duas filas de mil músicos cada uma, segundo o costume ordinário. Quando se aproximavam da sala do trono, perguntou Cacambo a um alto dignitário como se deveria fazer para saudar a Sua Majestade; se a gente se lançava de joelhos ou de bruços; se devia pôr as mãos na cabeça ou às costas; se era preciso lamber a poeira da sala; numa palavra, qual era o cerimonial.

— O uso — disse o alto dignitário — é abraçar o rei e beijá-lo nas duas faces. Cândido e Cacambo saltaram ao pescoço de Sua Majestade, que os recebeu com toda a graça imaginável e os convidou polidamente para cear.

Enquanto esperavam, mostraram-lhes a cidade, os edifícios públicos que iam até as nuvens, os mercados de mil colunas, as fontes de água pura, as fontes de água de rosas, as de licor de cana-de-açúcar que corriam continuamente nas grandes praças, pavimentadas de uma espécie de pedraria que exalava um cheiro semelhante ao do cravo e da canela. Cândido pediu para ver o palácio da justiça; disseram-lhe que era coisa que não havia e que não pleiteavam nunca. Informou-se se havia prisões, e disseram-lhe que não. O que mais o surpreendeu, e maior prazer lhe causou, foi o palácio das ciências, no qual viu uma galeria de dois mil passos, cheia de instrumentos de matemática e física.

Depois de haverem percorrido, toda a tarde, mais ou menos a milésima parte da cidade, reconduziram-nos a palácio. Cândido sentou-se

à mesa entre Sua Majestade, seu criado Cacambo e várias damas. Jamais houve melhor passadio, e nunca se demonstrou tanto espírito à mesa como Sua Majestade. Cacambo explicava as frases do rei a Cândido, as quais, embora traduzidas, pareciam sempre boas frases. De tudo quanto espantava Cândido, não foi isso o que menos o espantou.

Passaram um mês de hóspedes. Cândido não cessava de confessar a Cacambo:

— Mais uma vez te digo que o castelo onde nasci não vale, na verdade, o país em que nos achamos; mas, afinal de contas, aqui não está a senhorita Cunegundes, e tu, sem dúvida, amas alguém na Europa. Se ficarmos aqui, não seremos mais que os outros; ao passo que, se voltarmos para o nosso mundo apenas com doze carneiros carregados com o cascalho do Eldorado, seremos mais ricos que todos os reis em conjunto, não mais teremos de temer a inquisidores e poderemos facilmente recuperar a senhorita Cunegundes.

Tais palavras agradaram a Cacambo. O fato é que a gente gosta tanto de fazer-se valer entre os seus, de paradear o que viu pelo mundo, que os dois felizardos resolveram não mais o ser, e pediram a Sua Majestade licença para deixar o país.

— Cometeis uma tolice — lhes disse o rei. — Bem sei que o meu país pouco vale; mas, quando se está passavelmente nalguma parte, o mais acertado é não mudar de ares. Não me assiste o direito de reter a estrangeiros; seria uma tirania que não está nem nos nossos costumes nem nas nossas leis: todos os homens são livres; podeis partir quando bem quiserdes; a saída, porém, é muito difícil. É impossível remontar a rápida torrente sobre a qual chegastes por milagre e que corre sob as abóbadas dos rochedos. As montanhas que circundam todo o meu reino têm dez mil pés de altura e são verticais como muralhas; ocupam cada uma, em largura, um espaço de mais de dez léguas; e, depois de galgadas, só é possível descê-las por perigosos precipícios. No entanto, se quereis absolutamente partir, vou ordenar aos intendentes das máquinas que construam uma que vos possa transportar comodamente. Depois de vos conduzirem ao alto das montanhas, ninguém vos poderá acompanhar; pois os meus súditos fizeram o juramento de nunca sair desse recinto, e são bastante sensatos para que possam faltar à palavra. Podeis, em todo caso, pedir-me tudo o que quiserdes.

— Apenas pedimos a Vossa Majestade — disse Cacambo — alguns carneiros carregados de víveres e dessas pedras e da lama do Eldorado.

O rei pôs-se a rir.

—Não posso conceber — disse ele — que gosto têm os europeus pela nossa lama amarela, mas levai quanta quiserdes e bom proveito vos faça.

Ordenou imediatamente que seus engenheiros construíssem uma poderosa máquina para guindar além do reino aqueles dois homens extraordinários. Três mil bons físicos puseram mãos à obra; ficou pronta ao cabo de quinze dias, e não custou mais de vinte milhões de libras esterlinas, na moeda do país. Puseram Cândido e Cacambo sobre a máquina; havia dois grandes carneiros vermelhos para lhes servirem de montaria quando houvessem franqueado as montanhas, vinte outros carregados de víveres, trinta com presentes do que o país possuía de mais curioso, e cinqüenta carregados de ouro, de pedrarias e diamantes. O rei beijou afavelmente os dois vagabundos.

Foi um belo espetáculo a sua partida, e a engenhosa maneira como foram içados, eles e os carneiros, ao alto das montanhas. Os físicos se despediram depois de os ter deixado em segurança. E Cândido não teve mais outro desejo e objeto que ir apresentar seus carneiros à senhorita Cunegundes.

— Temos — disse ele — com que pagar ao governador de Buenos Aires, se a senhorita Cunegundes pudesse ser posta a prêmio. Marchemos para Caiena, embarquemos, e veremos depois que reino se poderá comprar.

Capítulo XIX

Do que lhes sucedeu em Suriname, e de como Cândido travou conhecimento com Martinho

O primeiro dia dos nossos dois viajantes foi bastante agradável. Animava-os a idéia de se saberem donos de mais tesouros do que

poderiam reunir a Ásia, a Europa e a África. Cândido, transportado, ia gravando nas árvores o nome de Cunegundes. No dia seguinte, dois dos carneiros tombaram num pântano, desaparecendo com a carga; dois outros morreram de fadiga alguns dias depois; sete ou oito pereceram em seguida de fome num deserto; outros, ao fim de alguns dias, tombaram em precipícios. Afinal, após cem dias de marcha, só lhes restavam dois carneiros.

— Vê, meu amigo — disse Cândido a Cacambo —, como são perecíveis as riquezas do mundo; só há de sólido a virtude, e a ventura de tornar a ver a senhorita Cunegundes.

— Confesso-o — disse Cacambo —, mas restam-nos ainda dois carneiros com maiores riquezas do que jamais as poderá ter o rei da Espanha, e vejo ao longe uma cidade que suponho ser Suriname, pertencente aos holandeses. Estamos no fim de nossas penas e no começo de nossa felicidade.

Quando se aproximavam da cidade, encontraram um negro caído no chão, não tendo mais que metade do vestuário, isto é, umas calças de pano azul; faltavam àquele pobre homem a perna esquerda e a mão direita.

— Meu Deus! — lhe disse Cândido em holandês. — Que fazes aí, meu amigo, no horrível estado em que te vejo?

— Espero meu patrão, o famoso negociante senhor Vanderdendur.

— E foi o senhor Vanderdendur quem te deixou nesse estado?

— Sim, é o costume — disse o negro. — Por todo vestuário, dão-nos umas calças duas vezes por ano. Quando trabalhamos nas usinas de açúcar e o rebolo nos apanha o dedo, cortam-nos a mão; quando tentamos fugir, cortam-nos a perna: incorri em ambos os casos. É por esse preço que os senhores comem açúcar na Europa. No entanto, quando me vendeu por dois escudos patagônicos na Costa da Guiné, minha mãe me dizia: “Bendiz a nossos fetiches, meu querido filho, adora-os sempre, eles farão com que vivas feliz; tens a honra de ser escravo dos nossos senhores brancos, e com isso fazes a fortuna de teu pai e de tua mãe”. Ai! se fiz a fortuna deles é coisa que eu não sei, mas eles não fizeram a minha. Os cachorros, macacos e papagaios são mil vezes menos infelizes que nós. Todos os domingos, os fetiches holandeses que me converteram me dizem que nós, brancos e negros, somos todos filhos de Adão. Não sou genealogista; mas, se esses pregadores dizem a verdade, somos todos primos-irmãos. Ora, hão de confessar-me que é impossível tratar os parentes de modo mais horrível.

— Ó Pangloss! — exclamou Cândido. — Não tinhas imaginado esta abominação; não há remédio, acabo renegando o teu otimismo.

— Que é otimismo? — indagou Cacambo.

— É a mania de sustentar que tudo está bem quando tudo está mal — suspirou Cândido. E derramava lágrimas ao contemplar o negro, e, assim chorando, entrou em Suriname.

A primeira coisa de que se informam é se não haveria no porto algum navio que se pudesse enviar a Buenos Aires. Aquele a quem se dirigiram era justamente um capitão espanhol, que se ofereceu para fechar com eles um honesto contrato. Marcou-lhes encontro numa taverna. Cândido e o fiel Cacambo foram esperá-lo com seus dois carneiros.

Cândido, que tinha o coração na boca, contou ao espanhol todas as suas aventuras, e confessou-lhe que queria raptar a senhorita Cunegundes.

— Deus me livre de o levar a Buenos Aires — disse o capitão. — Eu seria enforcado, e o senhor também. A bela Cunegundes é a amante favorita do senhor governador.

Tais palavras causaram em Cândido o efeito de um raio. Depois de muito chorar, chamou Cacambo à parte:

— Eis o que deves fazer, meu caro amigo. Temos cada um no bolso uns cinco ou seis milhões em diamantes; tu és mais hábil do que eu; vai buscar a senhorita Cunegundes em Buenos Aires. Se o governador opuser algumas dificuldades, dá-lhe um milhão; se não se render, dá-lhe dois: não mataste nenhum inquisidor, ninguém desconfiará de ti. Equiparei outro navio; irei esperar-te em Veneza; é um país livre, onde nada se tem a temer nem de búlgaros, nem de ábaros, nem de judeus, nem de inquisidores.

Cacambo aplaudiu esta sábia resolução. Achava-se desesperado por ter de separar-se de um bom patrão, que se tornara seu amigo íntimo; mas o prazer de lhe ser útil venceu a dor de o deixar. Abraçaram-se em pranto. Cândido recomendou-lhe que não se esquecesse da boa velha. Cacambo partiu no mesmo dia: era um excelente homem, esse Cacambo.

Cândido permaneceu ainda algum tempo em Suriname, esperando que outro comandante quisesse levá-lo à Itália, com os dois carneiros dos que lhe restavam. Contratou criados e adquiriu o necessário para tão longa viagem. Afinal o senhor Vanderdendur, capitão de um grande navio, veio apresentar-se a ele.

— Quanto quer — perguntou-lhe Cândido — para me levar diretamente a Veneza, com o meu pessoal, a minha bagagem e estes dois carneiros?

O capitão propôs dez mil piastras. Cândido não hesitou.

— Oh! Oh! — disse consigo o prudente Vanderdendur —, esse estrangeiro desembolsa dez mil piastras sem pestanejar! Deve ter muito dinheiro!

Voltando logo depois, fez-lhe ver que não poderia partir por menos de vinte mil.

— Por isso não haja dúvida — disse Cândido.

— Sim senhor! — disse baixinho o comandante. — Com que então esse homem dá vinte mil piastras com a mesma facilidade com que desembolsa dez mil!!

Voltou de novo e disse que não podia conduzi-lo a Veneza por menos de trinta mil piastras.

— Bem, o senhor terá as suas trinta mil piastras — respondeu Cândido.

— Oh! Oh! — pensou ainda o holandês. — Trinta mil piastras não custam nada a esse homem. Decerto os dois carneiros carregam tesouros imensos. Não insistamos: agora é receber as trinta mil. Depois veremos.

Cândido vendeu dois pequenos diamantes, o melhor dos quais valia mais que todo o dinheiro que exigia o capitão. Pagou adiantado. Foram embarcados os dois carneiros. Cândido seguia num pequeno barco para alcançar o navio na enseada; o patrão não perde tempo, põe o navio em muda; o vento o favorece. Cândido, estupefato e desvairado, perde-o logo de vista. “Eis um golpe digno do velho mundo!” — exclama ele. Volta para a margem, cheio de dor; pois afinal de contas perdera o bastante para fazer a fortuna de vinte monarcas.

Vai ter com o juiz holandês; e, como estava um pouco perturbado, bate violentamente à porta; entra e expõe a sua aventura, gritando um pouco mais alto do que convinha. O juiz começou por obrigá-lo a pagar dez mil piastras pelo barulho que fizera. Depois escutou-o pacientemente e prometeu examinar o seu caso logo que o capitão regressasse, e cobrou mais dez mil piastras pelos gastos da audiência.

Isso acabou de exasperar a Cândido; passara na verdade por coisas dez mil vezes mais dolorosas, mas o sangue-frio do juiz e do comandante que o roubara lhe assanharam a bílis, mergulhando-o em negra melancolia. A

maldade dos homens apresentava-se-lhe ao espírito em toda a sua hediondez: Cândido só alimentava idéias tristes. Afinal, estando um navio francês de partida para Bordeaux, e como ele não mais tinha carneiros carregados de diamantes para embarcar, alugou a preço razoável um camarote, mandando espalhar pela cidade que pagaria a passagem, a comida, e daria duas mil piastras ao homem que fizesse a viagem em sua companhia, sob a condição de que esse fosse o homem mais desgostoso da sua condição e o mais infeliz da província.

Apresentou-se uma multidão de pretendentes que uma frota não poderia conter. Cândido escolheu umas vinte pessoas que lhe pareceram bastante sociáveis e que pretendiam merecer a preferência. Convidou-as a cear numa estalagem, com a condição de que cada uma jurasse contar fielmente a sua história, prometendo escolher aquele que lhe parecesse mais digno de lástima e mais razões tivesse de descontentamento, e distribuir aos outros algumas gratificações.

A sessão durou até as quatro da madrugada. Cândido, escutando todas aquelas aventuras, lembrava-se do que lhe dissera a velha na viagem para Buenos Aires, e da aposta que fizera, de que não havia ninguém a bordo a quem não houvessem acontecido as maiores desgraças. “Esse Pangloss — pensava ele — deveria ficar muito embaraçado para demonstrar o seu sistema. Queria que ele estivesse aqui. Certamente, se tudo vai bem, é no Eldorado, e não no resto da Terra.” Decidiu-se afinal por um pobre sábio que trabalhara dez anos para os livreiros de Amsterdã. Julgou que não havia ofício no mundo de que se pudesse ficar mais desgostado.

O referido sábio, que era aliás um excelente homem, fora roubado pela mulher, batido pelo filho e abandonado pela filha, que se fizera raptar por um português. Acabava de ser privado de um modesto emprego de que vivia, e os pregadores de Suriname o perseguiam porque o tomavam por sociniano. Cumpre confessar que os outros eram pelo menos tão infelizes quanto ele; mas Cândido esperava que o sábio o distraísse durante a viagem. Os rivais acharam que Cândido lhes fazia uma grande injustiça, mas este os sossegou, dando cem piastras a cada um.

Capítulo XX

Do que aconteceu a Cândido e Martinho durante a viagem

O velho sábio, que se chamava Martinho, embarcou pois para Bordeaux em companhia de Cândido. Um e outro já tinham muito visto e sofrido; e, mesmo que o navio zarpasse de Suriname para o Japão, pelo cabo da Boa Esperança, teriam eles com que discorrer sobre o mal moral e o mal físico durante toda a viagem.

Cândido, no entanto, levava grande vantagem sobre Martinho: esperava rever a senhorita Cunegundes, e Martinho não esperava coisa alguma; de mais a mais, possuía ouro e diamantes; e, embora houvesse perdido cem grandes carneiros vermelhos carregados dos maiores tesouros da Terra, embora continuasse a doer-lhe a velhacaria do capitão holandês, quando pensava no que lhe restava nos bolsos, e quando falava de Cunegundes, sobretudo ao fim do jantar, sentia-se então inclinado para o sistema de Pangloss.

— Mas e o senhor — perguntou ele a Martinho —, que pensa de tudo isso? Qual é a sua idéia sobre o mal moral e o mal físico?

— Senhor — respondeu Martinho —, os sacerdotes me acusaram de sociniano, mas a verdade é que eu sou maniqueu.

— O senhor esta troçando — observou Cândido —, pois não existem mais maniqueus no mundo.

— Existo eu — protestou Martinho —, não sei o que fazer, mas não posso pensar de outra maneira.

— O senhor deve estar com o diabo no corpo — disse Cândido.

— Tanto se mete ele nas coisas deste mundo — respondeu Martinho —, que bem poderia estar no meu corpo, como em toda parte aliás. Mas confesso-lhe que, lançando o olhar sobre este globo, ou antes, sobre este glóbulo, penso que Deus o abandonou a algum ser maléfico; excetuo contudo o Eldorado. Nunca vi cidade que não desejasse a ruína da cidade vizinha, nem família que não quisesse exterminar alguma outra família. Por toda parte, os fracos abominam os poderosos perante os quais rastejam, e os poderosos os tratam como rebanhos de que vendem a lã e a carne. Um milhão de assassinos arregimentados, correndo de um a outro extremo da Europa, exercem o morticínio e a pilhagem com toda a

disciplina, porque não têm ofício mais honrado; e, nas cidades que parecem desfrutar da paz e onde florescem as artes, os homens são devorados de mais inveja, de mais cuidados e inquietações do que experimenta de flagelos uma cidade cercada pelo inimigo. Os pesares secretos são ainda mais cruéis do que as misérias públicas. Numa palavra, tanto vi e tanto sofri, que sou maniqueu.

— No entanto, algo existe de bom — replicava Cândido.

— Pode ser — dizia Martinho —, mas não o conheço.

Em meio a essa disputa, ouve-se um ruído de canhão. O fragor redobra de instante a instante. Cada qual empunha a sua luneta. Avistam-se dois navios que combatiam a uma distância de cerca de três milhas; o vento os arrastou para tão próximo do navio francês, que todos tiveram o prazer de assistir comodamente ao combate. Afinal um dos navios mandou ao outro um tiro tão baixo e tão certeiro que o pôs a pique. Cândido e Martinho avistaram nitidamente uma centena de homens sobre o convés do navio que afundava; erguiam todos as mãos ao céu e lançavam terríveis clamores; em um momento, tudo desapareceu.

— Bem! Eis como se tratam os homens uns aos outros — disse Martinho.

— É bem verdade — assentiu Cândido — que há nisso alguma coisa de diabólico.

Enquanto assim falava, percebeu um vulto de um vermelho vivo, que nadava perto do navio. Baixaram uma chalupa para ver o que seria: era um de seus carneiros. Maior foi a alegria de Cândido ao encontrar aquele carneiro do que a sua aflição ao perder cem deles com os diamantes do Eldorado.

O capitão francês viu logo que o capitão do navio vencedor era espanhol, e o do navio afundado um pirata holandês, exatamente o mesmo que roubara a Cândido. As riquezas imensas de que se apoderara o celerado foram sepultadas com ele no fundo do mar, e, do que vinha a bordo, só se salvou um carneiro.

— Bem vê — disse Cândido a Martinho — que o crime é às vezes punido; esse patife do capitão holandês teve a sorte que merecia.

— Sim — disse Martinho —, mas era preciso que os passageiros que estavam a bordo também perecessem? Deus puniu esse patife, o diabo afogou os outros.

Entrementes, o navio francês e o espanhol continuaram viagem, e Cândido continuou suas conversações com Martinho. Discutiram quinze dias seguidos, e ao fim de quinze dias estavam tão adiantados como no primeiro. Mas afinal falavam, trocavam idéias, consolavam-se. Cândido acariciava o seu carneiro. "Já que eu te encontrei — dizia ele —, bem poderei encontrar Cunegundes."

Capítulo XXI

De como filosofam Cândido e Martinho ao avistar a costa francesa

Avistaram enfim o litoral da França.

— Nunca esteve na França? — indagou Cândido.

— Sim, percorri várias províncias. Algumas há de que metade dos habitantes são loucos, algumas onde são demasiado espertos, outras onde são geralmente pacíficos e simplórios, outras onde afetam espírito; e, em todas, a principal ocupação é o amor, a segunda a maledicência, e a terceira dizer tolices.

— Mas já esteve em Paris, senhor Martinho?

— Sim, já estive; Paris possui todas essas espécies; é um caos, uma aglomeração onde todos buscam o prazer e onde quase ninguém o encontra, pelo que me pareceu. Aliás, demorei-me pouco em Paris; na feira de Saint-Germain roubaram-me tudo o que tinha; eu próprio fui tomado por ladrão e estive preso durante oito dias; depois me fiz revisor para ganhar com que voltar a pé para a Holanda. Conheci a canalha escrevente, a canalha cabalante e a canalha convulsionária. Dizem que há gente muito polida em Paris; quero crer que assim seja.

— Quanto a mim — disse Cândido —, não tenho a mínima curiosidade de conhecer a França. Bem compreende o senhor que, depois que se passou um mês no Eldorado, a gente só se preocupa de ver a

senhorita Cunegundes; vou esperá-la em Veneza; atingirei a Itália através da França. O senhor não me acompanha?

— Com muito gosto — respondeu Martinho. — Dizem que Veneza só é boa para os nobres venezianos, mas que no entanto recebem muito bem aos estrangeiros que têm bastante dinheiro. Não o tenho, o senhor o tem, segui-lo-ei por toda a parte.

— A propósito — disse Cândido —, acha que a Terra foi primitivamente um mar como se afirma nesse cartapácio que pertence ao capitão?

— Não creio absolutamente nisso — respondeu Martinho —, nem tampouco em nenhuma dessas fantasias que nos têm impingido ultimamente.

— Mas para que fim foi então formado este mundo? — indagou Cândido.

— Para nos enraivecer — respondeu Martinho.

— Não se admira o senhor do caso que lhe contei, daquelas raparigas do país dos orelhões, que amavam a uns macacos?

— Absolutamente. Nada vejo de estranho em tal paixão. Vi tantas coisas extraordinárias, que para mim não há mais nada de extraordinário.

— Acredita — perguntou Cândido — que os homens se hajam sempre massacrado, como o fazem hoje? Que sempre tenham sido mentirosos, trapaceiros, pérfidos, ingratos, ladrões, fracos, inconstantes, covardes, invejosos, glutões, bêbedos, avarentos, ambiciosos, sanguinários, caluniadores, debochados, fanáticos, hipócritas e tolos?

— E o senhor acredita — indagou por sua vez Martinho — que os gaviões tenham sempre devorado os pombos quando se lhes apresentava ocasião?

— Sim, certamente.

— E então — tornou Martinho —, se os gaviões sempre tiveram o mesmo caráter, como quer que os homens hajam mudado o seu?

— Oh! há alguma diferença — objetou Cândido —, pois o livre-arbítrio...

Enquanto assim filosofavam, chegaram a Bordeaux.

Capítulo XXII

De que aconteceu na França a Cândido e Martinho

Cândido só se demorou em Bordeaux o necessário para vender algum cascalho do Eldorado e adquirir uma boa liteira de dois lugares, pois não mais podia passar sem o seu filósofo Martinho. Sentiu apenas separar-se de seu carneiro, que doou à Academia de Ciências de Bordeaux, a qual propôs para tese do concurso daquele ano a explicação do estranho pêlo do referido animal; e o prêmio foi adjudicado a um sábio do Norte, que demonstrou por A mais B, menos C, dividido por *Z,* que o carneiro devia ser vermelho e morrer gafento.

Ora, sucedeu que todos os viajantes que Cândido encontrava nas estalagens do caminho lhe diziam: "Nós vamos a Paris". Pelo que também lhe deu vontade de ir a essa capital: não seria afastar-se muito do caminho de Veneza.

Entrou pelo *faubourg* Saint-Marceau e julgou achar-se na pior aldeia da Vestfália.

Mal chegou ao seu albergue, foi Cândido acometido de uma leve indisposição proveniente da fadiga. Como trazia ao dedo um enorme diamante, e como haviam notado na sua bagagem um cofre extraordinariamente pesado, teve em seguida junto a si dois médicos que não mandara chamar, alguns amigos íntimos que não o deixavam, e duas devotas que lhe preparavam os caldos. "Lembro-me — dizia Martinho — de que também adoeci em Paris durante a minha primeira viagem; era muito pobre: de modo que não tive nem amigos, nem devotas, nem médicos, e sarei."

No entanto, à força de remédios e sangrias, a doença de Cândido se tornou grave. Um padre da freguesia veio com todo o jeito pedir-lhe uma promissória pagável ao portador no outro mundo. Cândido não quis saber de conversas. As devotas lhe garantiram que era uma nova moda. Cândido respondeu que não era homem de modas. Martinho quis atirar o padre pela janela. O clérigo jurou que não enterrariam Cândido. Martinho jurou que

enterraria o clérigo se este continuasse a importuná-los. A disputa acalorou-se; Martinho pegou-o pelos ombros e escorraçou-o rudemente; o que causou enorme escândalo, tendo-se lavrado um auto.

Cândido sarou; e, durante a convalescença, nunca lhe faltou companhia à mesa. Jogavam à grande. Cândido muito se espantava de que nunca lhe viesse um ás; Martinho não se espantava nada.

Entre os que lhe faziam as honras da cidade, havia um padre do Périgord, um desses sujeitinhos expeditos, sempre alerta, sempre serviçais, descarados, aduladores, complacentes, que espiam a chegada dos forasteiros, contam-lhes o escândalo do dia e oferecem-lhes prazeres de todos os preços. Este levou primeiro Cândido e Martinho ao teatro. Cândido ficou colocado junto de alguns belos espíritos. O que não o impediu de chorar nas cenas perfeitamente representadas. Um dos críticos que estavam a seu lado lhe disse num entreato:

— O senhor faz muito mal em chorar: essa atriz é péssima; o ator que contracena com ela ainda é pior; a peça é pior que os atores; o autor não sabe uma palavra de árabe, e no entanto a cena se passa na Arábia; e, de resto, é um homem que não acredita nas idéias inatas: amanhã lhe trarei vinte brochuras contra ele.

— Quantas peças de teatro há em França? — perguntou Cândido ao padre.

— Cinco ou seis mil.

— É muito — disse Cândido. — E quantas peças boas existem entre estas?

— Quinze ou dezesseis — replicou o outro.

— É muito — disse Martinho.

Cândido muito se agradou de uma atriz que fazia o papei de rainha Elizabeth em uma tragédia bastante insulsa que se representa algumas vezes.

— Aprecio muito essa atriz — disse ele a Martinho. — Parece-se com a senhorita Cunegundes. Gostaria de ir cumprimentá-la.

O padre ofereceu-se para fazer as apresentações. Cândido, educado na Alemanha, perguntou qual era a etiqueta e como se tratavam na França as rainhas da Inglaterra.

— Cumpre distinguir — disse o padre. — Na província, levam-nas à estalagem; em Paris, respeitam-nas quando são belas, e lançam-nas ao lixo depois de mortas.

— Rainhas no lixo! — exclamou Cândido.

— É verdade — confirmou Martinho —, o senhor padre tem razão: estava eu em Paris quando senhorita Monime passou, como se diz, desta para melhor; recusaram-lhe o que chamam, aqui, *as honras da sepultura,* isto é, apodrecer com todos os mendigos do bairro em um mau cemitério: foi enterrada, inteiramente só, ao fim da rua de Borgonha; o que lhe deve causar uma pena extrema, pois pensava muito nobremente.

— Isto não é nada polido — observou Cândido.

— Que mais quer? — retrucou Martinho. — Esta gente é assim. Imagine todas as contradições, todas as incompatibilidades possíveis, que as há de encontrar no governo, nos tribunais, nas igrejas, nos teatros desta divertida nação.

— É verdade que riem sempre em Paris? — indagou Cândido.

— Sim — disse o padre —, mas riem de raiva; pois aqui se queixam de tudo às gargalhadas; até praticam, a rir, as mais detestáveis ações.

— E quem é — perguntou Cândido — esse animal que arrasava de tal maneira a peça que tanto me fez chorar e os atores que me causaram tanto prazer?

— É um pobre-diabo — respondeu o padre — que ganha a vida falando mal de todas as peças e de todos os livros; odeia a todos os que triunfam, como os eunucos odeiam os que estão no gozo de seus atributos: é uma dessas serpentes da literatura que se alimentam de lama e veneno: é um foliculário.

— A que chama o senhor de foliculário?

— É — respondeu o padre — um escrevinhador de panfletos, um Fréron.

Era assim que Cândido, Martinho e o padre conversavam na escadaria do teatro, vendo desfilar o público.

— Embora esteja ansioso por tornar a ver a senhorita Cunegundes — disse Cândido —, gostaria de cear com a senhorita Clairon, pois ela me pareceu admirável.

O padre não era homem que se aproximasse de senhorita Clairon, que tinha somente boas relações.

— Ela está comprometida para esta noite — disse ele —, mas terei a honra de levá-lo ao salão de uma dama de qualidade, onde o senhor ficará conhecendo Paris como se aqui passasse quatro anos.

Cândido, que era naturalmente curioso, deixou-se conduzir à casa da dama, no *faubourg* Saint-Honoré. Ali se achavam entretidos num voltarete doze míseros parceiros, cada qual segurando um pequeno leque de cartas, desparelho registro dos seus infortúnios. Reinava profundo silêncio; estampavam-se a palidez na face dos jogadores, e a inquietação na do banqueiro. A dona da casa, sentada junto ao implacável banqueiro, observava com olhos de lince todas as manobras com que os jogadores marcavam as cartas. Obrigava-os a desmarcarem, com a sua fiscalização severa mas polida, e sem nunca zangar-se, por medo de perder os clientes. A dama fazia-se tratar por marquesa de Parolignac. Sua filha, de quinze anos, também jogava, e denunciava, com um piscar de olhos, as trapaças daquela pobre gente, que procurava assim compensar as crueldades da sorte.

O padre, Cândido e Martinho entraram no salão; ninguém se ergueu, não os cumprimentou, nem os olhou, tão absortos estavam no jogo.

— A senhora baronesa de Thunder-ten-tronckh era mais polida — observou Cândido.

O padre achegou-se ao ouvido da marquesa, que se ergueu a meio, honrando a Cândido com um gracioso sorriso e a Martinho com um nobre aceno de cabeça. Mandou dar uma cadeira e um baralho a Cândido, que perdeu cinqüenta mil francos em duas paradas; depois do que cearam alegremente, e todos se admiravam de que Cândido não se houvesse impressionado com as suas perdas; os lacaios murmuravam entre si, na sua linguagem de lacaios: “Deve ser algum milorde inglês”.

A ceia foi como a maioria das ceias de Paris: primeiro, silêncio, depois uma indistinta vozearia, em seguida gracejos quase sempre insípidos, boatos, argumentos pobres, um pouco de política e muito de maledicência; falou-se até de livros novos.

— Já leram — perguntou o padre do Périgord — o romance do senhor Gauchat, doutor em teologia?

— Sim — respondeu um dos convivas —, mas não pude terminá-lo. Temos uma profusão de escritos impertinentes, mas todos eles, em conjunto, não se aproximam sequer da impertinência de Gauchat, doutor em teologia; ando tão farto dessa imensidade de detestáveis livros que nos inundam que me pus a jogar voltarete.

— E que me diz das *Mélanges* do arquidiácono T***? — interrogou o padre.

— Ah! — exclamou a marquesa de Parolignac —, que indivíduo mais aborrecido! Com que compenetração nos diz ele o que todo o mundo sabe! Como discute pesadamente o que apenas merece ser notado! Com que falta de espírito se apropria do espírito alheio! Como estraga o que pilha! Como me aborrece! Mas isso não mais acontecerá: basta-me ter lido algumas páginas do arquidiácono.

Havia ali um homem sábio e de bom gosto, que apoiou o que dizia a marquesa. Falou-se em seguida de tragédias. Perguntou a dama por que havia tragédias que se representavam algumas vezes, mas que não se podiam ler. O homem explicou muito bem como uma peça podia ter algum interesse e não possuir quase nenhum mérito. Provou em poucas palavras que não bastava conduzir uma ou duas dessas situações que se encontram em todos os romances e que sempre seduzem os espectadores, mas que cumpre ser novo sem ser estranho, muita vez sublime, e sempre natural; conhecer o coração humano e fazê-lo falar; ser grande poeta sem que nenhum dos personagens pareça poeta; conhecer perfeitamente a língua, falá-la com pureza, com uma harmonia contínua, sem que jamais a rima custe nada ao sentido.

— Quem quer que não observe todas essas regras — acrescentou ele —, pode fazer uma ou duas tragédias aplaudidas no teatro, mas nunca será contado entre os bons escritores; tragédias boas, existem pouquíssimas; umas são idílios em diálogos, bem escritos e bem rimados; outras, arrazoados políticos que fazem dormir, ou amplificações que entediam; outras, sonhos de energúmenos, em estilo bárbaro, frases interrompidas, longas apóstrofes aos deuses, porque não sabem falar aos homens, máximas falsas, lugares-comuns empolados.

Cândido ouviu atentamente tais palavras e formou a melhor idéia de quem as proferia; e, como estivesse ao lado da marquesa, tomou a liberdade de perguntar em voz baixa quem era aquele homem que falava tão bem.

— É um sábio — disse a dama —, que não joga e que o padre me traz algumas vezes para cear; entende perfeitamente de tragédias e livros, e escreveu uma tragédia vaiada e um livro, cujo único exemplar que já se viu fora das prateleiras do seu editor foi um que ele me dedicou.

— Que grande homem! — disse Cândido. — É um outro Pangloss.

E voltando-se para ele perguntou-lhe:

— Decerto acha o senhor que tudo está o melhor possível no mundo físico e moral, e que nada podia ser de outra maneira?

— Eu, senhor — retrucou o sábio —, não penso nada disso: acho que tudo anda às avessas; que ninguém sabe qual é a sua posição, nem o seu cargo, nem o que faz, nem o que deve fazer e que, excetuada esta ceia, que é bastante divertida e onde transparece suficiente harmonia, todo o resto do tempo se passa em impertinentes querelas: jansenistas contra molinistas, parlamentares contra eclesiásticos, homens de letras contra homens de letras, cortesãos contra cortesãos, financistas contra o povo, mulheres contra maridos, parentes contra parentes; é uma guerra eterna.

— Pior já vi eu — replicou Cândido. — Mas um sábio, que depois teve a desgraça de ser enforcado, ensinou-me que tudo vai às mil maravilhas; são tudo sombras num belo quadro.

— O seu enforcado zombava do mundo — disse Martinho. — As tais sombras são manchas horríveis.

— São os homens que fazem as manchas — disse Cândido — e não podem deixar de o fazer.

— Então a culpa não é deles — observou Martinho.

A maioria dos parceiros, que nada entendiam dessa linguagem, bebia comodamente. Martinho discutiu com o sábio e Cândido contou uma parte das suas aventuras à dona da casa.

Após a ceia, a marquesa levou Cândido para o seu gabinete e fê-lo sentar num canapé.

— E então, ainda continua a amar perdidamente a senhorita Cunegundes de Thunder-ten-tronckh?

— Sim, madame — respondeu Cândido. A marquesa replicou-lhe com um terno sorriso:

— O senhor me responde como um jovem de Vestfália; um francês teria dito: "É verdade que amei a senhorita Cunegundes; mas, depois que vi a senhora marquesa, receio não mais amá-la".

— Ah, Madame! — disse Cândido. — Responderei como a senhora quiser.

— A sua paixão por ela — tornou a marquesa — começou quando lhe apanhou o lenço. Pois bem: quero que apanhe a minha liga.

— De todo o coração — disse Cândido, e apanhou-a.

— Mas eu quero que a coloque no seu lugar — disse a dama. E Cândido colocou-a no devido lugar.

— O senhor é estrangeiro — disse a marquesa. — Pois saiba que eu às vezes faço penarem os meus pretendentes de Paris durante quinze dias, mas logo à primeira noite me rendo ao senhor, porque afinal é preciso fazer as honras do país a um jovem da Vestfália.

E a bela, tendo percebido dois enormes diamantes nos dedos do seu jovem estrangeiro, pôs-se a elogiá-los com uma boa-fé tão natural que insensivelmente eles passaram dos dedos de Cândido para os dedos da marquesa.

Cândido, ao voltar com o seu padre, sentiu remorsos de haver cometido uma infidelidade para com a senhorita Cunegundes; o padre compartilhou das suas penas; só lhe cabia pequena parte das cinqüenta mil libras perdidas ao jogo por Cândido e do valor dos brilhantes meio dados, meio extorquidos. O seu intuito era aproveitar-se, o mais possível, das vantagens que lhe poderiam trazer as suas relações com Cândido. Falou-lhe muito de Cunegundes; e Cândido lhe disse que pediria perdão a ela da sua infidelidade, quando a encontrasse em Veneza.

O padre redobrava de polidez e atenções, e tomava um carinhoso interesse por tudo o que Cândido dizia, por tudo o que ele fazia, por tudo o que queria fazer.

— Com que então têm os dois um encontro em Veneza?

— Sim, senhor padre: é preciso absolutamente que eu me vá encontrar com a senhorita Cunegundes.

Então, dominado pelo prazer de falar do que amava, contou, segundo o seu costume, uma parte das aventuras que tivera com essa ilustre vestfaliana.

— Suponho — disse o padre — que a senhorita Cunegundes tem muito espírito e deve escrever cartas encantadoras.

— Nunca recebi nenhuma carta da sua parte — confessou Cândido. — Pois imagine que, tendo sido expulso do castelo por causa dela, não me foi possível escrever-lhe; depois soube que ela morrera, em seguida a encontrei, e perdi-a de novo, e ultimamente lhe enviei um próprio a duas mil e quinhentas léguas daqui, e estou esperando alguma resposta.

O padre ouvia atentamente, e parecia um pouco pensativo. Logo se despediu dos dois estrangeiros, depois de os abraçar com todo o carinho.

No dia seguinte, ao despertar, Cândido recebeu uma carta concebida nos seguintes termos:

Meu querido, faz oito dias que estou enferma nesta cidade, e acabo de saber que aqui também te achas. Voaria logo para os teus braços, se pudesse mover-me. Soube da tua passagem em Bordeaux; ali deixei o fiel Cacambo e a velha, que devem em seguida vir a meu encontro. O governador de Buenos Aires tudo me tomou, mas ainda me resta o teu coração. Vem, a tua presença me devolverá a vida, ou me fará morrer de alegria.

Essa encantadora e inesperada carta transportou Cândido ao mais inexprimível júbilo, ao passo que a doença da sua querida Cunegundes o acabrunhava de dor. Dividido entre esses dois sentimentos, toma o seu ouro e os seus diamantes e faz-se conduzir com Martinho ao hotel onde se achava a senhorita Cunegundes. Entra, trêmulo de emoção, com o coração palpitante, a voz embargada; procura abrir as cortinas do leito, pede que tragam luzes.

— Cuidado — lhe diz a criada —, que a luz a mata.

E fecha de súbito as cortinas.

— Como estás, minha querida Cunegundes? — diz Cândido a soluçar. — Se não me podes ver, ao menos fala comigo.

— Ela não pode falar — diz a criada.

A dama estende então para fora do leito uma mãozinha rechonchuda que Cândido umedece longamente com as suas lágrimas, e que enche depois de diamantes, deixando ainda uma bolsa cheia de ouro sobre a cadeira.

Em meio desses transportes, chega um esbirro acompanhado do padre do Périgord e de uma escolta.

— Com que então são estes os dois estrangeiros suspeitos? — diz aquela autoridade. Imediatamente lhes dá ordem de prisão e manda a escolta conduzi-los.

— No Eldorado não se tratava assim aos viajantes — disse Cândido.

— Eu me sinto mais maniqueu do que nunca — tornou Martinho.

— Mas para onde nos leva, senhor? — perguntou Cândido ao esbirro.

— Para um calabouço — respondeu a autoridade.

Tendo recuperado o seu sangue-frio, Martinho declarou que a dama que se dizia Cunegundes era uma tratante, que o senhor padre do Périgord era um tratante que abusara da inocência de Cândido, e o esbirro um outro tratante de que seria fácil desembaraçar-se.

Esclarecido pelo seu conselho, e pouco desejoso de se expor aos trâmites da Justiça, e, por outro lado, sempre impaciente por encontrar a verdadeira Cunegundes, Cândido oferece ao esbirro três pequenos diamantes de cerca de três mil pistolas cada um.

— Ah, meu senhor! — lhe diz o homem do bastão de marfim —, ainda que o senhor tenha cometido todos os crimes imagináveis, é o mais honrado homem do mundo. Três diamantes! Cada um de três mil pistolas! Eu me deixaria matar pelo senhor, em vez de o levar para um calabouço. Estão prendendo todos os estrangeiros, mas deixe a coisa comigo. Tenho um irmão em Dieppe, na Normandia; vou levá-lo até lá; e se tiver algum diamante para lhe dar, ele zelará pelo senhor como eu próprio.

— E por que prendem todos os estrangeiros? — perguntou Cândido. O padre do Périgord tomou então a palavra e disse:

— É porque um vagabundo de Atrebácia deu ouvido a tolices, o que bastou para levá-lo a um parricídio, não como o de maio de 1610, mas como o de dezembro de 1594, e como vários outros cometidos em outros anos e outros meses, por outros vagabundos que também ouviram tolices.

O beleguim explicou então do que se tratava.

— Que monstros! — exclamou Cândido. — Há então tais horrores entre um povo que dança e que canta?! Não poderei sair o mais depressa possível deste país, onde os macacos provocam os tigres? Vi ursos no meu país; mas homens, só os vi no Eldorado. Em nome de Deus, senhor esbirro, leve-me a Veneza, onde devo esperar a senhorita Cunegundes.

— Só o posso levar à Baixa-Normandia — diz o beleguim. Em seguida manda retirar-lhe os ferros, diz que se enganara, despacha a escolta, e conduz Cândido e Martinho a Dieppe, onde os entrega ao irmão. Estava surto no porto um pequeno navio holandês. O normando que, por obra e graça de três outros diamantes, se tornara o mais serviçal dos homens, embarca a Cândido e seu pessoal no navio que ia zarpar para Portsmouth, na Inglaterra. Não era a rota de Veneza; mas Cândido julgava ter-se livrado do inferno, e contava partir para o seu verdadeiro destino na primeira ocasião que se apresentasse.

Capítulo XXIII

Do que viram Cândido e Martinho na costa da Inglaterra

— Ai, Pangloss, Pangloss! Ai, Martinho, Martinho! Ai, minha querida Cunegundes! Que mundo é este? — exclamava Cândido a bordo do navio holandês.

— Alguma coisa de louco e abominável — retrucava Martinho.

— O senhor que conhece a Inglaterra, será que por lá se é tão louco como na França?

— É outra espécie de loucura — asseverou Martinho. — Bem sabe que essas duas nações estão em guerra por algumas braças de neve no Canadá, e que despendem nessa linda guerra muito mais do que vale todo o Canadá. Quanto a dizer precisamente se há mais loucos varridos em um país do que no outro, é coisa que as minhas fracas luzes não me permitem. Sei apenas que as pessoas a quem vamos ver são em geral muito atrabiliárias.

Assim conversando, chegaram a Portsmouth; grande multidão cobria a margem, olhando atentamente para um homem corpulento, que se achava de joelhos, com os olhos vendados, no convés de um dos navios da frota; quatro soldados, alinhados à sua frente, meteram-lhe cada um três balas no crânio, com o ar mais tranqüilo deste mundo; feito o que, todos se retiraram muito satisfeitos.

— Que significa tudo isso? — disse Cândido. — E que demônio exerce por toda parte o seu império?

Perguntou então quem era aquele homem que acabavam de matar com toda a cerimônia.

— É um almirante — responderam-lhe.

— E por que matar esse almirante?

— É — disseram-lhe — porque não matou bastante gente; travou combate com um almirante francês, e acharam que não se mantivera suficientemente perto deste último.

— Mas — objetou Cândido — o almirante francês estava tão longe do almirante inglês como este daquele.

— Isso é incontestável — replicaram —, mas neste país é bom matar de vez em quando um almirante para estimular os outros.

Cândido ficou tão atordoado e chocado com o que via e ouvia, que nem ao menos quis desembarcar, e fechou contrato com o capitão holandês (ainda que este devesse roubá-lo como o de Suriname) para que o conduzisse sem demora a Veneza.

O patrão fez os preparativos em dois dias. Costearam a França; passaram à vista de Lisboa, e Cândido estremeceu. Entraram no estreito e rio Mediterrâneo.

— Louvado seja Deus! — disse Cândido, abraçando Martinho. — É aqui que tornarei a ver a bela Cunegundes. Tenho tanta confiança em Cacambo como em mim mesmo. Tudo está bem, tudo vai bem, tudo está o melhor possível.

Capítulo XXIV

De Paquette e do irmão Giroflée

Logo que chegou a Veneza, mandou procurar Cacambo em todas as tavernas, em todos os cafés, em todas as casas de mulheres alegres, e não o encontrou. Diariamente mandava gente sua ao encontro de todos os barcos e de todos os navios que chegavam: nem sinal de Cacambo.

— Como! — dizia ele a Martinho —, tive tempo de ir de Suriname a Bordeaux, de Bordeaux a Paris, de Paris a Dieppe, de Dieppe a Portsmouth, de costear Portugal e Espanha, de atravessar todo o Mediterrâneo, de passar alguns meses em Veneza, e a bela Cunegundes ainda não chegou! Só encontrei, em vez dela, uma aventureira e um padre do Périgord! Decerto Conegundes morreu, e agora só me resta morrer também. Ah! Por que não fiquei no Paraíso do Eldorado, em vez de voltar para esta maldita Europa? Tens razão, meu caro Martinho: tudo, neste mundo, nada mais é que ilusão e calamidade!

Caiu numa negra melancolia, e não tomou parte na ópera *alla moda* nem nos outros divertimentos do carnaval; nenhuma dama lhe causou a

mínima tentação.

— É muita ingenuidade da sua parte — lhe disse Martinho — imaginar que um criado mestiço, com cinco ou seis milhões no bolso, lhe vá procurar a sua amante no fim do mundo para lha entregar em Veneza. Qual nada! Ficará com ela, se a encontrar. Se não a encontrar, arranjará outra; aconselho-o que esqueça o seu criado Cacambo e a sua amante Cunegundes.

Martinho não era nada consolador. A melancolia de Cândido aumentou, e Martinho não cessava de lhe provar que havia pouca virtude e pouca felicidade na face da Terra, exceto talvez no Eldorado, aonde ninguém podia ir.

Enquanto discutia essa importante matéria e esperava Cunegundes, Cândido avistou um jovem teatino na praça de S. Marcos, de braço dado com uma rapariga. O teatino era cheio de viço, rechonchudo e vigoroso; tinha os olhos brilhantes, o ar seguro, o porte altivo. A rapariga era bastante linda e cantava; olhava amorosamente para o seu teatino e de vez em quando lhe beliscava as polpudas bochechas.

— Ao menos me há de confessar — disse Cândido a Martinho — que esses dois são felizes. Até agora, em toda a terra habitável, só encontrei infelizes, exceto no Eldorado; mas, quanto a essa rapariga e a esse teatino, aposto que são criaturas venturosas.

— Aposto que não — disse Martinho.

— É só convidá-los para cear — respondeu Cândido — e verá se não tenho razão.

Em seguida os aborda, cumprimenta-os e convida-os para irem a seu hotel comer talharim, perdizes da Lombardia, ovas de esturjão e beber vinho de Montepulciano, Lacryma-christi, Chipre e Samoa. A rapariga enrubesceu, o teatino aceitou o convite, e ela acompanhou, fitando Cândido com um olhar de surpresa e confissão, empanado de algumas lágrimas. Mal entrou no quarto de Cândido, lhe disse:

— Como! Então o senhor Cândido não conhece mais a Paquette?!

A estas palavras, Cândido, que até aquele momento não lhe dera atenção, pois só pensava em Cunegundes, exclamou:

— Ai, minha pobre menina, foi então você quem deixou o doutor Pangloss no belo estado em que o encontrei?

— Ai de mim, fui eu mesma, e vejo que o senhor está a par de tudo. Soube das terríveis desgraças acontecidas a toda a casa da senhora

baronesa e à bela Cunegundes. Juro-lhe que o meu destino não foi menos triste. Eu era muito inocente quando o senhor me conheceu. Um franciscano meu confessor seduziu-me facilmente. As conseqüências foram terríveis; fui obrigada a sair do castelo algum tempo depois que o senhor barão o expulsou a pontapés no traseiro. Se um famoso médico não se tivesse apiedado de mim, estava morta. Por gratidão, fui algum tempo sua amante. Sua mulher, que era muito ciumenta, batia-me impiedosamente todos os dias; era uma verdadeira fúria. Esse médico era o homem mais frio do mundo, e eu a mais infeliz de todas as criaturas por ser espancada a toda hora por causa de um homem a quem não amava. Bem sabe o senhor como é perigoso para uma mulher rabugenta ser esposa de um médico. Este, farto das cenas da mulher, deu-lhe um dia, para curá-la de um resfriado, um remédio tão eficaz que ela morreu dali a duas horas em convulsões terríveis. Os parentes da falecida processaram o viúvo; este fugiu e eu fui para a cadeia. Minha inocência de nada me teria servido se eu não fosse um pouco bonita. O juiz absolveu-me sob a condição de que sucederia ao médico. Fui logo suplantada por uma rival, escorraçada sem recompensa, e obrigada a continuar nesse ofício abominável que parece tão divertido aos homens e que para nós não passa de um abismo de misérias. Vim exercer a profissão em Veneza. Ah! se o senhor pudesse imaginar o que é ser obrigada a acariciar indiferentemente um velho negociante, um advogado, um monge, um gondoleiro, um frade; ser exposta a todos os insultos, a todas as afrontas públicas; ser muitas vezes obrigada a pedir de empréstimo uma saia para que venha levantá-la um homem asqueroso; ver-se roubada por um do que se ganhou com outro; ser extorquida por oficiais de justiça, e não ter em perspectiva mais que uma velhice horrível, um hospital e um monturo —, logo haveria de concluir que eu sou uma das criaturas mais infelizes do mundo.

Paquette abria assim o seu coração ao bom Cândido, em um gabinete reservado, na presença de Martinho, que dizia ao primeiro:

— Bem vê que já ganhei metade da aposta.

O irmão Giroflée ficara no refeitório e bebia um gole enquanto esperava a ceia.

— Mas — disse Cândido a Paquette — estavas com um ar tão alegre, tão contente, quando te encontrei, cantavas e acariciavas o teatino com um ar tão natural, que na verdade me parecias tão feliz quanto te julgas desgraçada.

— Ah senhor! — retrucou Paquette. — Esta é mais uma das misérias do ofício. Fui ontem roubada e espancada por um oficial e devo hoje aparentar bom humor para agradar a um monge.

Cândido não quis ouvir mais nada; confessou que Martinho estava com a razão. Sentaram-se à mesa com Paquette e o teatino, a ceia foi bastante divertida, e afinal a conversa se tornou íntima.

— Meu padre — disse Cândido —, o senhor me parece gozar de um destino que deve causar inveja a todos; as rosas da saúde brilham em suas faces, o seu ar anuncia felicidade; tem uma linda rapariga para divertir-se, e parece muito satisfeito com a sua condição de teatino.

— Palavra, senhor — disse o irmão Giroflée —, eu desejaria que todos os teatinos estivessem no fundo do mar. Cem vezes fui tentado a atear fogo ao convento, e fazer-me turco. Meus pais me obrigaram, na idade de quinze anos, a tomar este detestado hábito, para deixar maior fortuna a um maldito primogênito que Deus confunda! A inveja, a discórdia, o rancor habitam no convento. É verdade que preguei alguns maus sermões que me valeram algum dinheiro, de que o prior me rouba metade: o resto me serve para sustentar raparigas. Mas, quando entro à noite no mosteiro, tenho vontade de quebrar a cabeça contra as paredes do dormitório; e todos os meus confrades estão no mesmo caso.

E Martinho, voltando-se para Cândido, com o seu sangue-frio ordinário:

— E então, não ganhei a aposta inteira?

Cândido deu duas mil piastras a Paquette e mil piastras ao irmão Giroflée.

— Garanto-lhe — disse ele a Martinho — que com isto serão felizes.

— Duvido muito — retrucou Martinho. — Com essas piastras, talvez consiga torná-los ainda mais infelizes.

— Será o que puder ser — disse Cândido. — Mas uma coisa me consola: vejo que muitas vezes a gente encontra pessoas que supunha perdidas para sempre. Tendo encontrado o meu carneiro vermelho e Paquette, é bem possível que encontre também Cunegundes.

— Desejo — disse Martinho — que um dia ela o faça feliz; mas duvido muito.

— Como o senhor é duro — queixou-se Cândido.

— É que eu tenho vivido — retrucou Martinho.

— Mas olhe esses gondoleiros — tornou Cândido. — Não vivem continuamente a cantar?

— É que não os vê no seu lar, com suas mulheres e seus pirralhos — disse Marinho. — O doge tem seus cuidados, os gondoleiros têm os seus. Verdade é que, no total, a sorte de um gondoleiro é preferível à de um doge; mas julgo tão medíocre a diferença, que não vale a pena ser examinada.

— Fala-se — disse Cândido — no senador Pococurante, que mora nesse belo palácio junto ao Brenta, e que recebe muito bem os estrangeiros. Dizem que é um homem que nunca teve contrariedades.

— Desejaria ver um espécime tão raro — disse Martinho.

Cândido em seguida mandou pedir permissão ao senhor Pococurante para ir visitá-lo no dia seguinte.

Capítulo XXV

Da visita que fizeram ao senhor Pococurante, nobre veneziano

Cândido e Martinho chegaram de gôndola ao palácio do nobre Pococurante. Os jardins eram bem desenhados, e ornados de belas estátuas de mármore; o palácio de bela arquitetura. O dono da casa, homem dos seus sessenta anos, muito rico, recebeu polidamente os dois curiosos, mas com pouca solicitude, o que desconcertou a Cândido e não desagradou a Martinho.

Duas lindas criadinhas, muito asseadas, serviram chocolate bem espumado. Cândido não pôde deixar de lhes louvar a beleza e amabilidade.

— São excelentes criaturas — disse o senador Pococurante. — Levo-as às vezes para o meu leito, pois já estou farto das damas da cidade, das suas mesquinhezas, do seu orgulho, das suas tolices, e dos sonetos que é

preciso fazer ou encomendar para elas. Mas, afinal de contas, essas duas raparigas começam a aborrecer-me.

Quando passeava por uma comprida galeria, após o almoço, Cândido ficou extasiado com a beleza dos quadros. Perguntou de que mestre eram os dois primeiros.

— São de Rafael — disse o senador. — Comprei-os bastante caro, há alguns anos, por pura vaidade. Dizem que é o que existe de mais belo na Itália, mas absolutamente não me agradam: a cor é muito escura; as figuras são pouco cheias e não têm o suficiente realce; os panejamentos não se parecem em nada com um tecido. Numa palavra, por mais que digam, não vejo nisso uma verdadeira imitação da natureza. Só gostarei de um quadro quando me parecer estar vendo a própria natureza: e, dessa espécie, não os há. Possuo muitos quadros; mas não olho para nenhum.

Pococurante, enquanto não chegava a hora do jantar, encomendou um concerto. Cândido achou a música deliciosa.

— Esse barulho — disse Pococurante — pode divertir durante uma meia hora; mas, se dura mais tempo, fatiga a todo o mundo, embora ninguém se atreva a confessá-lo. A música moderna não é mais do que a arte de executar coisas difíceis, e o que não passa de difícil acaba não agradando. Preferiria a ópera, se não tivessem encontrado o segredo de fazer dela um monstro que me revolta. Veja-as quem quiser, essas péssimas tragédias em música, onde as cenas só são conduzidas para impingir, muito fora de propósito, duas ou três árias ridículas que põem em evidência a garganta de uma atriz; delicie-se quem quiser, ou quem puder, ao ver um castrado cantarolar o papel de César ou de Catão ou se pavonear desajeitadamente no palco; quanto a mim, faz muito que renunciei a essas pequices, que constituem hoje a glória da Itália, e que os soberanos pagam tão caro.

Cândido discutiu um pouco, mas com discrição. Martinho mostrou-se inteiramente de acordo com o senador.

Sentaram-se à mesa e, após um excelente jantar, foram para a biblioteca. Cândido, ao ver um Homero magnificamente encadernado, elogiou o ilustríssimo quanto ao seu bom gosto.

— Eis — disse ele — um livro que fazia as delícias do grande Pangloss, o maior filósofo da Alemanha.

— Pois não faz as minhas — disse friamente Pococurante. — Fizeram-me acreditar outrora que eu sentia prazer em lê-lo; mas essa

repetição contínua de combates que todos se assemelham, esses deuses que agem sempre para nada fazer de decisivo, essa Helena que é o motivo da guerra e que mal entra na peça; essa Tróia que cercam e não tomam, tudo isso me causava um mortal aborrecimento. Perguntei a eruditos se eles se aborreciam tanto quanto eu nessa leitura. Os que eram sinceros confessaram-me que o livro lhes tombava das mãos, mas que sempre era preciso tê-lo na biblioteca, como um monumento da Antiguidade, e como essas moedas enferrujadas que não podem circular.

— Vossa Excelência pensa o mesmo de Virgílio? — perguntou Cândido.

— Convenho que o segundo, o quarto e o sexto livro da sua *Eneida* são excelentes; mas quanto ao seu pio Enéias, e o forte Cloanto, e o amigo Achates, e o pequeno Ascânio, e o imbecil rei Latinus, e a burguesa Amata, e a insípida Lavínia, não creio que haja nada de mais frio e desagradável. Prefiro o Tasso e as histórias para dormir em pé, de Ariosto.

— É-me permitido perguntar-lhe, senhor, se não sente um grande prazer em ler Horácio?

— Tem ele máximas de que um homem discreto pode tirar proveito e que, estando condensadas em versos enérgicos, se gravam mais facilmente na memória. Mas pouco se me dá da sua viagem a Brindisi, e da sua descrição de um mau jantar, e da discussão de carregadores entre um tal Pupilus, cujas palavras, diz ele, *eram cheias de pus*, e outro cujas palavras *eram vinagre*. Foi com repugnância que li seus grosseiros versos contra velhas e feiticeiras; e não sei que mérito possa haver em dizer a seu amigo Mecenas que, se for posto por este no rol dos poetas líricos, tocará os astros com a sua fronte sublime. Os tolos admiram tudo em um autor estimado. Leio apenas para mim; só gosto do que está na minha medida.

Cândido, que fora educado de modo a nada julgar por conta própria, estava muito admirado do que ouvia; e Martinho achava muito razoável o ponto de vista de Pococurante.

— Oh! eis aqui um Cícero — disse Cândido. — Quanto a esse grande homem, penso que Vossa Excelência jamais se cansa de o ler.

— Nunca o leio — respondeu o veneziano. — Que me importa que ele haja pleiteado a favor de Rabírio ou de Cluêncio? Bastam-me os processos que tenho de julgar. Dar-me-ia melhor com as suas obras filosóficas; mas, quando vi que Cícero duvidava de tudo, cheguei à conclusão de que sabia

tanto quanto ele, e que não tinha necessidade de ninguém para ser ignorante.

— Ah! — exclamou Martinho. — Eis aqui oitenta volumes dos anais de uma academia de ciências; deve haver nisso tudo alguma coisa de bom.

— Haveria — disse Pococurante —, se um só dos autores dessa moxinifada tivesse inventado ao menos a arte de fabricar alfinetes; mas em todos esses volumes não há mais que inócuos sistemas e nenhuma coisa útil.

— Quantas peças de teatro vejo aqui! — disse Cândido —, em italiano, em espanhol, em francês!

— São três mil ao todo — disse o senador —, mas não há três dúzias que prestem. Quanto a essas coletâneas de sermões, que não valem em conjunto uma página de Sêneca, e todos esses grossos volumes de teologia, bem compreende o senhor que não os abro nunca, nem eu nem ninguém.

Martinho divisou prateleiras cheias de livros ingleses.

— Creio — disse ele — que um republicano deve comprazer-se na leitura dessas obras escritas com tanta liberdade.

— Sim — respondeu Pococurante —, é belo escrever-se o que se pensa; é o privilégio do homem. Por toda a nossa Itália, só se escreve o que não se pensa; aqueles que habitam a pátria dos Césares e dos Antoninos não ousam ter uma idéia sem a permissão de um jacobino. Muito me alegraria com a liberdade que inspira os gênios ingleses se a paixão e o espírito faccioso não corrompessem tudo o que tem de estimável essa preciosa liberdade.

Cândido, descobrindo um Milton, perguntou-lhe se não considerava esse autor como um grande homem.

— Quem? — explodiu Pococurante. — Esse bárbaro que faz um longo comentário do primeiro capítulo do Gênesis em dez livros de versos duros? Esse grosseiro imitador dos gregos, que desfigura a Criação, e que, enquanto Moisés representa o Ser Eterno criando o mundo com o verbo, faz com que o Messias retire um grande compasso de um armário do céu, para traçar a sua obra? Eu, estimar aquele que estragou o inferno e o diabo do Tasso; que disfarça Lúcifer ora de sapo, ora de pigmeu; que o faz repetir cem vezes as mesmas tiradas; que o faz discutir teologia; que, imitando seriamente a invenção cósmica das armas de fogo em Ariosto, obriga os diabos a disparar canhões pelo céu?! Nem eu, nem ninguém na

Itália, jamais pode apreciar essas tristes extravagâncias. O casamento do pecado e da morte, e as cobras que o pecado deita à luz, fazem vomitar qualquer homem que tenha o gosto um pouco delicado e a sua longa descrição de um hospital só é boa para coveiros. Esse poema obscuro, extravagante e enfadonho foi desprezado ao aparecer; eu o trato agora como foi tratado na sua pátria pelos contemporâneos. De resto, digo o que penso; e pouco me importa se os outros pensam ou não como eu.

Cândido sentia-se aflito com tais palavras; respeitava Homero, gostava um pouco de Milton.

— Ai! — dizia ele em voz baixa a Martinho —, tenho muito medo de que esse homem dedique um soberano desprezo aos nossos poetas alemães.

— Não haveria grande mal nisso — retrucou Martinho.

— Oh, que homem superior! — continuava Cândido a murmurar. — Que gênio esse Pococurante! Não lhe agrada coisa alguma.

Depois de terem assim passado em revista todos os livros, desceram para o jardim. Cândido louvou-lhe todas as belezas.

— Nunca vi nada de tão mau gosto — disse o proprietário. — É uma bagatela; mas já amanhã vou mandar construir outro de um traçado mais nobre.

Depois que os dois curiosos se despediram de Sua Excelência, disse Cândido a Martinho:

— Não pode negar que é esse o mais feliz dos homens, pois está acima de tudo o que possui.

— Mas não vê o senhor que ele está é enfarado de tudo o que possui? Disse Platão, há muito, que os melhores estômagos não são aqueles que repelem todos os alimentos.

— Não há então prazer em tudo criticar — disse Cândido —, em sentir defeitos onde os outros julgam ver belezas?

— Há, pois, prazer em não sentir prazer? — tornou Martinho.

— Bem, quer então dizer que, feliz, só eu mesmo, quando encontrar a senhorita Cunegundes!

— Sempre é bom esperar — disse Martinho.

Entrementes, passavam-se os dias e semanas; Cacambo não voltava, e tão abismado se achava Cândido nos seus pesares que nem mesmo notou que Paquette e o irmão Giroflée não tinham vindo ao menos agradecer-lhe.

Capítulo XXVI

De uma ceia que Cândido e Martinho fizeram com seis estrangeiros, e quem eram estes

Uma noite em que Cândido, em companhia de Martinho, ia sentar-se à mesa com os estrangeiros que paravam na mesma hospedaria, aborda-o pelas costas um homem de rosto bronzeado que, tomando-o pelo braço, lhe diz: "Apronte-se para partir conosco, sem falta". Cândido se volta e dá de rosto com Cacambo. Só a vista de Cunegundes lhe poderia causar maior espanto e alegria. Abraça o seu caro amigo.

— E Cunegundes está aqui, não é? Leva-me a sua presença, para que eu morra de alegria com ela.

— Cunegundes não está aqui; está em Constantinopla.

— Meus Deus! Em Constantinopla?! Mesmo que esteja na China, corramos, sem demora!

— Partiremos depois da ceia — tornou Cacambo. — Não lhe posso dizer mais nada; sou escravo, o meu senhor me espera; tenho de ir servi-lo à mesa; não diga nada, coma e apronte-se.

Cândido, dividido entre a alegria e a dor, encantado de rever seu fiel agente, atônito de o ver escravo, cheio da preocupação de encontrar a sua amada, com o coração palpitante, o espírito agitado, sentou-se à mesa com Martinho que considerava de sangue-frio todas aquelas aventuras, e com seis estrangeiros que tinham vindo passar o carnaval em Veneza.

Cacambo, que servia bebida a um desses estrangeiros, achegou-se ao ouvido de seu amo, ao fim da ceia, e disse-lhe:

— Sire, Vossa Majestade pode partir quando quiser, o navio está pronto.

Dito isto, retirou-se. Os convivas, atônitos, se entreolharam em silêncio, quando outro criado, aproximando-se de seu amo, lhe diz:

— Sire, a liteira de Vossa Majestade o espera em Pádua, e o barco está pronto.

O amo fez um gesto, e o criado partiu. Todos os convivas se entreolharam de novo, e a surpresa comum redobrou. Um terceiro criado, aproximando-se também de um terceiro viajante, disse-lhe:

— Sire, Vossa Majestade não pode demorar-se mais aqui: vou preparar tudo. — E retirou-se.

Cândido e Martinho não duvidaram mais de que se tratava de uma mascarada do carnaval. Um quarto criado disse ao quarto amo:

— Vossa Majestade poderá partir quando quiser. — E retirou-se como os outros. O quinto criado disse o mesmo ao quinto amo. Mas o sexto falou diferentemente ao sexto estrangeiro, que se achava ao lado de Cândido; disse-lhe:

— Sire, não querem conceder mais crédito a Vossa Majestade, nem a mim tampouco. Estamos em perigo de ser presos esta noite, Vossa Majestade e eu. Adeus, vou tratar dos meus assuntos.

Tendo desaparecido todos os criados, os seis forasteiros, Cândido e Martinho permaneceram em profundo silêncio, até que afinal Cândido o rompeu:

— Que singular brincadeira, meus senhores! Com que então são todos reis aqui? Quanto a mim, confesso que nem eu nem Martinho o somos.

O amo de Cacambo tomou então a palavra e disse gravemente em italiano:

— Não estou brincando, chamo-me Achmet III. Fui sultão durante vários anos; destronei meu irmão; meu sobrinho me destronou; cortaram a cabeça a meus vizires; termino os meus dias no velho serralho; meu sobrinho, o sultão Mahmoud, me permite viajar algumas vezes, por motivos de saúde, e eu vim passar o carnaval em Veneza.

Falou depois um jovem que estava ao lado de Achmet:

— Chamo-me Ivan; fui imperador de todas as Rússias; destronaram-me ainda no berço; meu pai e minha mãe foram presos e eu criei-me numa prisão; tenho às vezes permissão de viajar, acompanhado de meus guardas, e vim passar o carnaval em Veneza.

Disse o terceiro:

— Sou Carlos Eduardo, rei da Inglaterra; meu pai cedeu-me seus direitos ao reino; lutei para sustentá-los; arrancaram o coração a oitocentos de meus partidários, com o qual lhes bateram as faces. Fui aprisionado; vou a Roma fazer uma visita ao rei meu pai, destronado como eu e meu avô, e vim passar o carnaval em Veneza.

O quarto tomou então a palavra e disse:

— Sou rei da Polônia; a sorte da guerra privou-me de meus Estados hereditários; meu pai sofreu os mesmos reveses; resigno-me à Providência, como o sultão Achmet, o imperador Ivan e o rei Carlos Eduardo, a quem Deus conceda longa vida, e vim passar o carnaval em Veneza.

Falou então o quinto:

— Também sou rei da Polônia. Por duas vezes perdi meu reino, mas a Providência deu-me outro Estado, onde fiz mais benefícios do que todos os reis dos sármatas, reunidos, jamais o puderam fazer às margens do Vístula. Resigno-me também à Providência, e vim passar o carnaval em Veneza.

Faltava falar o sexto soberano:

— Não sou tão grande monarca como Vossas Majestades — disse ele. — Mas afinal fui rei como qualquer outro. Sou Teodoro; elegeram-me rei da Córsega; chamaram-me de *Vossa Majestade* e agora apenas me chamam de *Senhor*. Mandei cunhar moedas, e não possuo uma única; tive dois secretários de Estado, e tenho apenas um criado; já me vi sobre um trono, e estive preso muito tempo em Londres, sobre umas palhas. Receio muito ser tratado do mesmo modo aqui, embora tenha vindo, como Vossas Majestades, passar o carnaval em Veneza.

Os cinco outros reis ouviram tais palavras cheios de nobre compaixão. Cada um deles deu vinte sequins ao rei Teodoro, para comprar vestuários e camisas. Cândido presenteou-o com um diamante de dois mil sequins. "Quem será esse simples particular — diziam os cinco reis — que pode dar (e dá) cem vezes mais que cada um de nós?"

No instante em que se levantavam da mesa, chegaram à mesma hospedaria quatro altezas sereníssimas que também haviam perdido seus Estados pela sorte das armas e que vinham passar o resto do carnaval em Veneza. Mas Cândido não deu a mínima atenção aos recém-chegados. Só se preocupava em ir ter com a sua querida Cunegundes em Constantinopla.

Capítulo XXVII

Da viagem de Cândido a Constantinopla

O fiel Cacambo já conseguira, com o capitão turco que deveria levar o sultão Achmet a Constantinopla, que recebesse a bordo Cândido e Martinho. Ambos se dirigiram para o navio, depois de se haverem prosternado perante Sua Miserável Alteza. Cândido, em caminho, dizia ao companheiro:

— Vimos, pois, seis reis destronados, e com eles jantamos, e dentre esses, ainda houve um a quem dei esmola. Talvez haja muitos outros príncipes mais desgraçados. Quanto a mim, só perdi cem carneiros, e vou para os braços de Cunegundes. Mais uma vez Pangloss teve razão, meu caro Martinho: tudo está bem.

— Assim o desejo — disse Martinho.

— Mas — tornou Cândido —, em todo caso foi uma aventura muito pouco verossímil a que nos aconteceu. Jamais se ouviu contar que seis reis destronados jantassem juntos numa estalagem.

— Isso não é mais extraordinário — respondeu Martinho — que a maior parte das nossas aventuras. E, quanto à honra que tivemos de jantar com eles, é isso uma bagatela que não merece a nossa atenção.

Mal se viu a bordo, Cândido saltou ao pescoço de seu antigo criado e amigo Cacambo:

— E então? Que faz Cunegundes? Continua um prodígio de beleza? Ainda me ama? Como está ela? Não lhe compraste um palácio em Constantinopla?

— Cunegundes, meu caro patrão, é quem lava a louça, na Propôntida, em casa de um príncipe que tem muito pouca louça; é escrava da casa de um antigo soberano chamado Ragotski, a quem o Grão Turco dá três escudos por dia para o sustentar no exílio, mas o mais triste é que ela perdeu a beleza e se tornou horrivelmente feia.

— Ah! bela ou feia — disse Cândido — eu sou um homem honrado, e meu dever é amá-la toda a vida. Mas como pode estar ela reduzida a tão miserável estado, com os cinco ou seis milhões que levava?

— Pois não tive de dar dois milhões ao senhor Dom Fernando de Ibarra y Figueroa y Mascareñas y Lampurdos y Souza, governador de Buenos Aires, para que me fosse permitido levar comigo a senhorita

Cunegundes? E depois — continuou Cacambo — um pirata não nos despojou de todo o resto? E esse pirata não nos levou ao cabo de Matapan, a Milo, a Nicária, a Samoa, a Petra, aos Dardanelos, a Mármora, a Sentari? Cunegundes e a velha servem na casa do príncipe de que lhe falei, e eu sou escravo do sultão destronado.

— Que espantosas calamidades encadeadas umas às outras! — exclamou Cândido. — Mas afinal ainda tenho alguns diamantes; libertarei facilmente a senhorita Cunegundes. É pena que ela se haja tornado tão feia.

Depois, voltando-se para Martinho:

— A quem acha mais digno de lástima — perguntou-lhe —, o sultão Achmet, o imperador Ivan, o rei Carlos Eduardo, ou a mim?

— Não sei — disse Martinho —, era preciso que eu conhecesse o íntimo de cada um.

— Ah! se aqui estivesse, Pangloss o saberia dizer.

— Não sei com que balança — disse Martinho — poderia o seu Pangloss pesar os infortúnios dos homens e avaliar os seus sofrimentos. Só o que eu presumo é que deve haver milhões de homens no mundo cem vezes mais dignos de lástima que o rei Carlos Eduardo, o imperador Ivan e o sultão Achmet.

— Pode ser — disse Cândido.

Dentro em poucos dias se achavam no canal do mar Negro. A primeira coisa que fez Cândido foi resgatar Cacambo bastante caro e, sem perda de tempo, meteu-se numa galera, com os companheiros, para ir à Propôntida procurar Cunegundes, por mais feia que pudesse estar.

Havia nas galés dois forçados que remavam muito mal e a quem o patrão levantino aplicava de vez em quando alguns golpes de nervo de boi sobre as espáduas nuas. Cândido, por um natural sentimento, olhou-os mais atentamente do que aos outros, e aproximou-se deles com piedade. Alguns traços de suas fisionomias desfiguradas pareceram-lhe apresentar um quê de semelhança com Pangloss e com aquele infeliz jesuíta, o barão, irmão da senhorita Cunegundes. Essa idéia o encheu de comoção e tristeza. Considerou-os mais atentamente.

— Na verdade — disse ele a Cacambo —, se eu não tivesse visto enforcar mestre Pangloss e se não me houvesse acontecido a infelicidade de matar o barão, julgaria que são eles que estão remando nesta galera.

Ao nome do barão e de Pangloss, os dois forçados soltaram um grito, estacaram e deixaram cair os remos. O levantino acorreu, e redobraram os golpes de nervo de boi.

— Basta! basta! — exclamou Cândido. — Eu lhe darei todo o dinheiro que quiser.

— Como! É Cândido! — bradava um dos forçados.

— É Cândido! — bradava o outro.

— Estarei sonhando? Estarei acordado? Estou mesmo nesta galera? — indagava Cândido. — É este o senhor barão que eu matei? E este Mestre Pangloss que eu vi enforcar?

— Somos nós mesmos, somos nós mesmos — respondiam eles.

— Como! É esse o grande filósofo? — dizia Martinho.

— Escute, senhor patrão levantino — disse Cândido —, quanto quer pelo resgate do senhor de Thunder-ten-tronckh, um dos primeiros barões do Império, e do senhor Pangloss, o mais profundo metafísico da Alemanha?

— Já que esses dois cães de forçados cristãos — respondeu o levantino — são barões e metafísicos, o que é sem dúvida uma grande dignidade na sua terra, tu, cão de cristão, me pagarás por eles cinqüenta mil sequins.

— São seus. Leve-me como um relâmpago a Constantinopla, e será pago imediatamente. Não, não; leve-me à senhorita Cunegundes.

À primeira oferta de Cândido, já o levantino virara a proa para a cidade, e fazia remar mais depressa do que um pássaro fende os ares.

Cândido abraçou cem vezes o barão e Pangloss.

— Como foi que eu não te matei, meu caro barão? E tu, meu Pangloss, como é que estás vivo depois de ter sido enforcado? E por que estão os dois em galés na Turquia?

— É verdade que a minha querida irmã está nesse país? — indagava o barão.

— Sim — respondia Cacambo.

— Com que então torno a ver o meu querido Cândido! — exclamava Pangloss.

Cândido lhes apresentava Martinho e Cacambo. Todos se abraçavam, todos falavam ao mesmo tempo.

A galera voava, estava já no porto. Mandaram chamar um judeu, a quem Cândido vendeu por cinqüenta mil sequins um diamante do valor de

cem mil, e que jurou por Abraão que não lhe poderia oferecer mais. Cândido pagou incontinênti o resgate do barão e de Pangloss. Este lançou-se aos pés de seu libertador e banhou-os de lágrimas; o barão agradeceu-lhe com um sinal de cabeça e prometeu devolver-lhe a quantia na primeira oportunidade.

— Mas será possível que minha irmã esteja na Turquia? — dizia ele.

— Nada mais possível — respondeu Cacambo —, pois lava pratos na cozinha de um príncipe da Transilvânia.

Mandaram em seguida chamar dois judeus; Cândido vendeu mais diamantes; e partiram todos em outra galera, para ir libertar Cunegundes.

Capítulo XXVIII

Do que aconteceu a Cândido, a Cunegundes, a Pangloss, a Martinho etc.

— Mais uma vez perdão, meu reverendo, por lhe haver atravessado o corpo com a espada — disse Cândido ao barão.

— Bem, não falemos mais nisso; confesso que fui um pouco exaltado. Já que pretendes saber por que acaso me viste nas galés, eu te direi que, depois de ter sido curado pelo irmão boticário do Colégio, fui atacado e feito prisioneiro por uma facção espanhola, e nessas condições cheguei a Buenos Aires quando minha irmã acabava de partir. Pedi que me enviassem a Roma, para junto do vigário geral. Fui nomeado esmoler em Constantinopla, adido ao senhor embaixador da França. Não fazia oito dias que assumira o meu cargo, quando numa tarde encontrei um jovem icoglã muito simpático. O calor estava terrível: o jovem quis banhar-se; aproveitei a ocasião para também tomar um banho. Não sabia que constituísse crime capital, para um cristão, ser encontrado nu com um jovem muçulmano. Um cádi mandou-me dar cem bastonadas na sola dos pés e condenou-me às galés perpétuas. Não creio que jamais se haja

cometido tão horrível injustiça. Mas eu só desejaria saber por que é que minha irmã se acha na cozinha de um soberano da Transilvânia asilado na Turquia.

— Mas tu, meu caro Pangloss — perguntou Cândido —, como é possível que eu te torne a ver?

— É verdade — disse Pangloss — que me viste enforcar. Eu deveria ser queimado; mas deves lembrar-te que chovia a cântaros quando me iam assar: a tempestade era tão violenta que desesperaram de acender o fogo; fui enforcado porque não acharam melhor solução: um cirurgião comprou meu corpo, levou-me para casa e dissecou-me. Fez-me primeiro uma incisão crucial, do umbigo à clavícula. Impossível ser tão mal enforcado como eu o fora. O carrasco da Santa Inquisição, que era subdiácono, sabia queimar a gente às mil maravilhas, mas não estava acostumado a enforcar: a corda, muito molhada, deslizou mal e enroscou-se; em suma, eu respirava ainda: a incisão crucial me fez lançar tamanho grito, que meu cirurgião tombou de costas, e, julgando que dissecava o diabo, fugiu morto de medo, rolando outra vez, escada abaixo. Ao ruído, acorreu a mulher do cirurgião; viu-me estendido na mesa com a minha incisão crucial; teve ainda mais medo que o marido, abalou a correr e caiu sobre ele. Depois que se refizeram um pouco, ouvi a cirurgiã dizer ao cirurgião:

"— Também, que idéia essa tua de dissecar um herético? Não sabes que o diabo está sempre no corpo dessa gente? Vou já procurar um padre para exorcismá-lo.

"Estremeci ao ouvir tal coisa, e reuni o pouco de forças que me restavam para gritar:

"— Tenham piedade de mim!

"Afinal o barbeiro português criou coragem; costurou minha pele; também a mulher cuidou de mim; fiquei bom ao cabo de quinze dias. O barbeiro conseguiu empregar-me como lacaio de um cavaleiro de Malta que ia a Veneza; mas, como o meu patrão não tinha com que me pagar, pus-me a serviço de um mercador veneziano e acompanhei-o até Constantinopla.

"Deu-me um dia a fantasia de entrar numa mesquita. Só se encontravam ali um velho imame e uma jovem devota muito bonita que dizia as suas orações e estava com o colo inteiramente nu. Tinha ela entre os dois seios um belo ramalhete de tulipas, rosas, anêmonas, rainúnculos, jacintos e orelhas-de-urso; deixou cair o ramalhete: eu logo o apanhei,

colocando-o no seu lugar com respeitosa solicitude. Levei tanto tempo para o arrumar bem direitinho, que o imame se encolerizou e, vendo que eu era cristão, gritou por socorro. Levaram-me ao cádi, que me mandou dar cem varadas nas plantas dos pés e condenou-me às galeras. Fui encadeado precisamente na mesma galera e no mesmo banco que o senhor barão. Havia, entre os condenados, quatro jovens de Marselha, cinco padres napolitanos e dois monges de Corfu, que nos disseram que tais aventuras aconteciam todos os dias. O senhor barão alegava que sofrera maior injustiça do que eu; da minha parte, achava eu que era muito mais permissível ajeitar umas flores no seio de uma mulher do que estar nu com um icoglã. Discutíamos sem cessar e recebíamos vinte golpes de nervo de boi por dia, quando o encadeamento dos sucessos deste universo te conduziu à nossa galera e fez com que nos resgatasses."

— Pois bem! meu caro Pangloss — disse Cândido —, enquanto eras enforcado, dissecado, espancado e remavas nas galeras, sempre achavas que tudo ia o melhor possível?

— Mantenho a minha primitiva opinião — respondeu Pangloss —, pois afinal sou filósofo: não me convém desdizer-me, visto que Leibniz não pode incorrer em erro, e a harmonia preestabelecida é a mais bela coisa do mundo, bem como o todo e a matéria sutil.

Capítulo XXIX

De como Cândido encontrou Cunegundes e a velha

Enquanto Cândido, o barão, Pangloss, Martinho e Cacambo contavam as suas aventuras, filosofando sobre os acontecimentos contingentes ou não contingentes deste universo, e discutindo sobre os efeitos e as causas, o mal moral e o mal físico, a liberdade e a necessidade, e o consolo que se pode ter depois de haver remado numa galera turca, chegaram à costa da Propôntida, onde se achava a casa do príncipe da Transilvânia. O primeiro

espetáculo que se apresentou a seus olhos foi Cunegundes e a velha, a estender toalhas no coradouro.

O barão empalideceu. E o enamorado Cândido, ao ver a sua bela Cunegundes com a pele tisnada, os olhos empapuçados, os seios murchos, as faces enrugadas, os braços vermelhos e pelancudos, recuou três passos, horrorizado, mas em seguida avançou, por delicadeza. Ela abraçou Cândido e o irmão; abraçaram a velha: Cândido resgatou as duas.

Havia na vizinhança uma pequena granja: a velha propôs a Cândido que ali se acomodassem todos, enquanto esperavam melhor destino. Cunegundes não sabia que tinha ficado feia, pois ninguém lho dissera: lembrou a Cândido a sua promessa, com um ar tão positivo, que o bondoso Cândido não se atreveu a desenganá-la. Disse, pois, ao barão, que ia desposar a sua irmã.

— Jamais consentirei — disse o barão — tal baixeza da parte dela e tal insolência da tua parte; essa infâmia nunca me será exprobrada: os filhos de minha irmã não poderiam entrar nos cabidos da Alemanha. Não, a minha irmã só se casará com um barão do Império.

Cunegundes lançou-se-lhe aos pés e banhou-os de lágrimas; ele foi inflexível.

— Louco varrido — disse-lhe Cândido —, eu te salvei das galés, eu paguei o teu resgate, eu paguei o resgate da tua irmã; ela aqui lavava pratos, ela está feia, tenho a bondade de desposá-la, e tu ainda queres opor-se! Por minha vontade, eu te mataria de novo.

— Podes matar-me outra vez — disse o barão —, mas, enquanto eu for vivo, não desposarás minha irmã.

Capítulo XXX

Conclusão

Cândido, no fundo do coração, não tinha o mínimo desejo de casar com Cunegundes. Mas a inaudita insolência do barão o decidiu a efetuar o casamento, e Cunegundes instava tão vivamente que ele não podia desdizer-se. Consultou Pangloss, Martinho e o fiel Cacambo. Pangloss apresentou um belo memorial em que provava que o barão não tinha o mínimo direito sobre a sua irmã, e que esta podia, segundo todas as leis do Império, desposar Cândido com a mão esquerda. Martinho propôs lançar o barão ao mar. Cacambo opinou que deveriam devolvê-lo ao capitão levantino e às galés, enquanto não o mandavam para Roma, ao vigário geral. A proposta foi considerada excelente; a velha aprovou-a; nada disseram à sua irmã; a coisa foi efetuada com algum dinheiro, e tiveram o prazer de enganar um jesuíta e punir o orgulho de um barão germânico.

Nada mais natural do que se imaginar que, após tantos desastres, Cândido, casado com a sua amada, e na companhia do filósofo Pangloss, do filósofo Martinho, do prudente Cacambo e da velha, e ainda com os diamantes que trouxera da pátria dos antigos incas, levava agora a vida mais agradável deste mundo. Mas foi tão explorado pelos judeus, que afinal só lhe restou a pequena granja. A mulher, cada dia mais feia, ficara rabugenta e insuportável. A velha estava inválida e tornou-se ainda pior de gênio que Cunegundes. Cacambo, que trabalhava na horta e ia vender legumes em Constantinopla, andava exausto de trabalho e amaldiçoava o seu destino. Pangloss desesperava-se por não poder brilhar nalguma universidade da Alemanha. Quanto a Martinho, achava-se firmemente persuadido de que se está igualmente mal em toda parte, e encarava tudo com paciência. Cândido, Martinho e Pangloss discutiam às vezes metafísica e moral. Muitas vezes avistavam, pelas janelas da granja, barcos carregados de efêndis, de paxás, de cádis, a quem mandavam para o exílio em Lemnos, em Mitilene, em Erzerum. Viam chegar outros cádis, outros paxás, outros efêndis, que tomavam o lugar dos depostos e eram por sua vez expulsos. Viam também cabeças muito bem empalhadas, para serem apresentadas ante a Sublime Porta. Tais espetáculos faziam redobrar as dissertações. E, quando não discutiam, tamanho era o aborrecimento, que a velha ousou dizer-lhes um dia:

— Desejaria saber qual é o pior: ser violada cem vezes por piratas negros, perder uma nádega, receber açoites dos búlgaros, ser batido e enforcado num auto-de-fé, ser dissecado, remar numa galera, experimentar enfim todas as misérias por que já passamos, ou ficar aqui sem fazer nada?

— Eis uma grande questão — disse Cândido.

Tais palavras provocaram novas discussões; e Martinho concluiu que o homem nascera ou para viver nas convulsões da inquietude ou na letargia do tédio. Cândido não concordava, mas também não afirmava coisa alguma. Pangloss confessava que sempre sofrera horrivelmente; mas, tendo uma vez afirmado que tudo ia às mil maravilhas, continuava a sustentá-lo, mas não o cria.

Uma última coisa veio firmar a Martinho nos seus detestáveis princípios, fazer com que Cândido hesitasse mais do que nunca, e embaraçar a Pangloss. É que viram chegar um dia à granja, e na mais extrema miséria, a nossa Paquette e o irmão Giroflée. Tinham em três tempos devorado as suas três mil piastras; separaram-se, juntaram-se, brigaram, foram para a cadeia, fugiram, e afinal o irmão Giroflée tinha virado turco. Paquette continuava, por toda parte, a exercer o seu ofício, que não lhe rendia mais nada.

— Bem dizia eu — observou Martinho — que os presentes logo haviam de sumir-se e só os tornariam mais miseráveis. Quanto a Cândido e Cacambo, abarrotaram-se de milhões de piastras, e não são mais felizes do que o irmão Giroflée e Paquette.

— Ai, minha pobre menina — dizia Pangloss a Paquette —, com que então o Destino te trouxe para junto de nós? E não sabes que me custaste a ponta do nariz, um olho e uma orelha? Como estás agora! E como é este mundo!

Essa nova aventura fê-los filosofar mais do que nunca. Havia na vizinhança um dervixe muito famoso, que passava pelo maior filósofo da Turquia; foram consultá-lo; Pangloss tomou a palavra:

— Mestre, vimos pedir-lhe que nos esclareça por que foi criado um animal tão estranho como o homem.

— Em que te vens meter? — disse o dervixe. — Acaso é isso da tua conta?

— Mas reverendo Mestre — aventurou Cândido —, é verdadeiramente terrível todo esse mal que há na Terra.

— Que importa que haja mal ou bem? — tornou o dervixe. — Quando Sua Alteza envia um navio ao Egito, acaso se importa que os ratos de bordo se sintam bem ou não?

— Que fazer então? — perguntou Pangloss.

— Calar-te — respondeu o dervixe.

— Eu muito desejava — disse Pangloss — discutir um pouco com o reverendo Mestre acerca dos efeitos e das causas, do melhor dos mundos possíveis, da origem do mal, da natureza da alma e da harmonia preestabelecida.

O dervixe, a estas palavras, bateu-lhe com a porta no nariz.

Durante essa conversação, espalhara-se a notícia de que acabavam de estrangular em Constantinopla dois vizires do banco e o mufti, e que haviam empalado vários de seus amigos. Essa catástrofe causava por toda parte enorme sensação durante algumas horas. Pangloss, Cândido e Martinho, de volta à granja, encontraram um bom velho que tomava a fresca à sua porta, debaixo de um laranjal. Pangloss, que era tão curioso como discutidor, perguntou-lhe como se chamava o mufti que acabavam de estrangular.

— Nada sei — respondeu o bom do velho —, eu nunca soube o nome de nenhum mufti nem de nenhum vizir. Ignoro absolutamente a aventura de que me falam; presumo que em geral aqueles que se metem nos negócios públicos acabam miseravelmente, e bem o merecem; mas nunca me informo do que se faz em Constantinopla; contento-me em mandar vender por lá os frutos que cultivo.

Dito isto, convidou os estrangeiros a entrar: seus dois filhos e suas duas filhas lhes ofereceram diversas espécies de refrescos que eles próprios fabricavam, *kaimac* temperado com casca de cidra, e laranjas, limas, abacaxis, pistaches e um bom moca não misturado com o mau café de Batávia e das ilhas. Após o que as duas filhas daquele bom muçulmano perfumaram as barbas de Cândido, de Pangloss e de Martinho.

— O senhor com certeza possui inda vasta e magnífica terra... — disse Cândido ao turco.

— Tenho apenas vinte jeiras, que cultivo com os meus filhos; o trabalho afasta de nós três grandes males: o tédio, o vício e a necessidade.

De volta à sua granja, Cândido pôs-se a refletir profundamente sobre as palavras do turco. Disse a Pangloss e a Martinho:

— Esse bom velho me parece ter conseguido um estado bastante preferível ao dos seis monarcas com quem tivemos a honra de cear.

— As grandezas — disse Pangloss — são muito perigosas, conforme o testemunho de todos os filósofos: pois, afinal, Eglon, rei dos moabitas, foi assassinado por Aod; Absalão, suspenso pelos cabelos, foi varado com três dardos; o rei Nadab, filho de Jeroboão, foi morto por Baasa; o rei Ela,

por Zambri; Ochosias, por Jeú; Atalia, por Joiada; os reis Joaquim, Jeconias, Sedécias foram escravizados. Bem sabem como morreram Creso, Astíages, Dario, Dionísio de Siracusa, Pirro, Perseu, Aníbal, Jugurta, Ariovisto, César, Pompeu, Nero, Otão, Vitélio, Domíciano, Ricardo II da Inglaterra, Eduardo II, Henrique VI, Ricardo III, Maria Stuart, Carlos I, os três Henriques da França, o imperador Henrique IV. Bem sabem que...

— Também sei — disse Cândido — que é preciso cultivar nosso jardim.

— Tens razão — disse Pangloss —, pois quando o homem foi posto no Jardim do Éden, ali foi posto *ut operaretur eum,* para que trabalhasse; o que prova que o homem não nasceu para o repouso.

— Trabalhemos sem filosofar — disse Martinho —, é a única maneira de tornar a vida suportável.

Todo o grupo se compenetrou desse louvável desígnio. A pequena propriedade rendeu bastante. Cunegundes estava, na verdade, muito feia, mas tornou-se uma excelente doceira. Paquette bordava. A velha costurava. Nem mesmo o irmão Giroflée se furtou ao trabalho; revelou-se um bom marceneiro; e até se tornou honesto.

— Todos os acontecimentos — dizia às vezes Pangloss a Cândido — estão devidamente encadeados no melhor dos mundos possíveis; pois, afinal, se não tivesses sido expulso de um lindo castelo, a pontapés no traseiro, por amor da senhorita Cunegundes, se a Inquisição não te houvesse apanhado, se não tivesses percorrido a América a pé, se não tivesses mergulhado a espada no barão, se não tivesses perdido todos os teus carneiros da boa terra do Eldorado, não estarias aqui agora comendo doce de cidra e pistache.

— Tudo isso está muito bem dito — respondeu Cândido —, mas devemos cultivar nosso jardim.

História de um brâmane

História de um Brâmane *apareceu em 1761 na* Seconde Suite des Mélanges de littérature, d'histoire et de philosophie, *com a qual* se *completam as obras de Voltaire na edição Cramer, de Genebra. Fora entretanto escrita em 1759, porquanto em outubro desse ano Voltaire a enviava à sua amiga, Madame du Deffand. A moral da parábola, pois é mais uma parábola ou um apólogo do que um conto, está na carta que acompanhou a remessa: "Exorto-vos a gozar, quanto puderdes, essa vida que é bem pouco, sem temerdes a morte que nada é".*

O personagem do brâmane é um dos heróis preferidos das facécias, dos diálogos e dos panfletos de Voltaire. Encontramo-lo até no Dicionário filosófico. *Quanto ao processo de oposição, no* caso *a do sábio à pobre velha, é igualmente comum em Voltaire. Foi, de resto, graças a esses contrastes que o escritor conseguiu desmoralizar a especulação metafísica.*

S. M.

ENCONTREI NAS MINHAS VIAGENS um velho brâmane, homem bastante sábio, cheio de espírito e erudição; de resto, era rico e por isso mesmo ainda mais sábio; pois, como nada lhe faltasse, não tinha necessidade de enganar a ninguém. Seu lar era muito bem governado por três belas mulheres que porfiavam em agradar-lhe; e, quando não se divertia com elas, ocupava-se em filosofar.

Perto de sua casa, que era bonita, bem ornamentada e cercada de encantadores jardins, morava uma velha hindu carola, imbecil e muito pobre.

— Quem me dera não ter nascido! — disse-me um dia o brâmane. Perguntei-lhe por quê. — Há quarenta anos que estudo — respondeu-me

— e são quarenta anos perdidos: ensino aos outros, e ignoro tudo; esse estado me enche a alma de tal humilhação e desgosto, que me torna a vida insuportável. Nasci, vivo no tempo, e não sei o que é o tempo; acho-me num ponto entre duas eternidades, como dizem os nossos sábios, e não tenho a mínima idéia da eternidade. Sou composto de matéria, penso, e nunca pude saber por que coisa é produzido o pensamento; ignoro se o meu entendimento é em mim uma simples faculdade, como a de marchar, de digerir, e se penso com a minha cabeça como seguro com as minhas mãos. Não só o princípio de meu pensamento me é desconhecido, mas também o princípio de meus movimentos: não sei por que existo. No entanto, cada dia me fazem perguntas sobre todos esses pontos; é preciso responder; nada tenho que preste para lhes comunicar; falo bastante, e fico confuso e envergonhado de mim mesmo após haver falado.

"O pior é quando me perguntam se Brama foi produzido por Vishnu, ou se ambos são eternos. Deus é testemunha de que nada sei a respeito, o que bem se vê pelas minhas respostas. 'Ah! meu reverendo — imploram-me —, dizei-me como é que o mal inunda toda a terra.' Sinto-me nas mesmas dificuldades que aqueles que me fazem tal pergunta: digo-lhes algumas vezes que tudo vai o melhor possível; mas aqueles que ficaram arruinados ou mutilados na guerra não acreditam nisso, nem eu tampouco: retiro-me acabrunhado da sua curiosidade e da minha ignorância. Vou consultar nossos antigos livros, e estes duplicam as minhas trevas. Vou consultar meus companheiros: respondem-me uns que o essencial é gozar a vida e zombar dos homens; outros julgam saber alguma coisa, e perdem-se em divagações; tudo concorre para aumentar o doloroso sentimento que me domina. Sinto-me às vezes à borda do desespero, quando penso que, após todas as minhas pesquisas, não sei nem de onde venho, nem o que sou, nem para onde vou, nem o que me tornarei."

O estado desse excelente homem me causou verdadeira pena: ninguém tinha mais senso e boa-fé. Compreendi que, quanto mais luzes havia no seu entendimento e mais sensibilidade no seu coração, mais infeliz era ele.

Vi no mesmo dia a velha sua vizinha: perguntei-lhe se alguma vez se afligira por saber como era a sua alma. Nem chegou a entender minha pergunta: nunca na sua vida refletira um momento sobre um só dos pontos que atormentavam o brâmane; acreditava de todo o coração nas

metamorfoses de Vishnu e, desde que algumas vezes pudesse conseguir água do Ganges para se lavar, julgava-se a mais feliz das mulheres.

Impressionado com a felicidade daquela pobre criatura, voltei a meu filósofo e disse-lhe:

— Não te envergonhas de ser infeliz, quando mora à tua porta um velho autômato que não pensa em nada e vive contente?

— Tens razão — respondeu-me ele; — mil vezes disse comigo que seria feliz se fosse tão tolo como a minha vizinha, e no entanto não desejaria tal felicidade.

Essa resposta me causou maior impressão que tudo mais; consultei minha consciência e vi que na verdade também não desejaria ser feliz sob a condição de ser imbecil.

Expus a questão a filósofos, e eles foram da minha opinião. "No entanto — dizia eu —, há uma terrível contradição nessa maneira de pensar." Pois de que se trata, afinal? De ser feliz. Que importa, pois, ter espírito ou ser tolo? Mais ainda: aqueles que estão contentes consigo estão bem certos de estar contentes; mas aqueles que raciocinam não se acham tão certos de bem raciocinar. "É claro — dizia eu — que se deveria preferir não ter senso comum, uma vez que este contribua, o mínimo que seja, para o nosso mal-estar." Todos foram de minha opinião, e todavia não encontrei ninguém que quisesse aceitar o pacto de se tornar imbecil para andar contente. Donde concluí que, se muito nos importamos com a ventura, mais ainda nos importamos com a razão.

Mas, refletindo bem, parece uma insensatez preferir a razão à felicidade. Como se explica, pois, tal contradição? Como todas as outras. Aí há muito de que falar.

O branco e o preto

Aludimos em nossa introdução à predileção de Voltaire pelos pseudônimos. Sem dúvida a estes teve de recorrer muitas vezes para evitar a condenação das autoridades. Esforçamo-nos entretanto por mostrar que nessa troca incessante de noves havia uma psicologia teatral. Temos a prova disso neste conto em que a crítica das idéias e das instituições não constitui o ponto importante e que no entanto foi publicado sob um nome fictício, o de Guillaume Vadé (Contes de Guillaume Vadé, *Genève, chez les Cramer, 1764).*

Jean-Joseph Vadé foi um poeta que *morreu em 1757. Mas nem Guillaume nem Antoine Vadé, de quem há referência no fim da narrativa, existiram jamais*, *a não ser na imaginação de Voltaire.*

O conto vale principalmente pelo estilo; sem efeitos de vocabulário e com enorme simplicidade de meios, Voltaire consegue dar-nos o brilho do romanesco oriental.

S. M.

CERTAMENTE NÃO HÁ, na província de Candahar, quem não conheça a aventura do jovem Rustan. Era filho único de um mirza, título este que corresponde a marquês entre nós, ou a barão entre os alemães. O mirza seu pai era possuidor de uma bela fortuna honestamente adquirida. Deviam casar o jovem Rustan com uma dama, ou mirzesa, da sua categoria. As duas famílias o desejavam ardentemente. Devia ele constituir o consolo dos pais, tornar a sua esposa feliz, e o ser com ela.

Mas, por infelicidade, vira a princesa de Caxemira na feira de Cabul, que é a feira mais importante do mundo, a incomparavelmente mais freqüentada que as de Basra e Astracã. E eis agora por que o príncipe de Caxemira comparecera à feira com a sua filha.

Perdera ele as duas mais raras peças de seu tesouro: uma era um diamante do tamanho de um polegar e no qual fora gravada a efígie de sua filha, com uma arte que os hindus possuíam então e que depois se perdeu; a outra era uma azagaia que ia por si própria aonde a gente o desejava, coisa não muito extraordinária entre nós, mas que o era em Caxemira.

Um faquir de Sua Alteza lhe roubara essas duas preciosidades e as entregara à princesa. “Guardai cuidadosamente estes dois objetos — disse-lhe ele. — Deles depende o vosso destino.” Partiu então, e nunca mais o tornaram a ver. O duque de Caxemira, desesperado, e ignorando que ambas as coisas se achavam em poder da filha, resolveu ir à feira de Cabul, para ver se entre os mercadores que ali acorriam dos quatro cantos do mundo não haveria algum que tivesse o seu diamante e a sua arma. Levava a filha consigo em todas as viagens que fazia. Trazia esta o diamante bem escondido no cinto; quanto à azagaia, que não podia ocultar tão bem, encerrara-a cuidadosamente em Caxemira, no seu grande cofre chinês.

Rustan e ela viram-se em Cabul; amaram-se com toda a boa-fé da sua idade e toda a ternura da sua terra. A princesa, em penhor de seu afeto, lhe deu o diamante, e Rustan, à despedida, prometeu ir vê-la secretamente em Caxemira.

Tinha o jovem mirza dois favoritos que lhe serviam de secretários, escudeiros, mordomos e criados de quarto. Um chamava-se Topázio; era belo, bem-feito, branco como urna circassiana, dócil e serviçal como um armênio, sábio como um guebro. O outro chamava-se Ébano; era um negro bastante bonito, mais ativo, mais industrioso que Topázio, e que não achava nada difícil. Comunicou-lhes o seu projeto de viagem. Topázio procurou dissuadi-lo com o zelo circunspecto de um servo que não queria desagradar-lhe; fez-lhe ver tudo o que arriscava. Como deixar duas famílias em desespero? Como cravar um punhal no coração de seus pais? Chegou a abalar Rustan; mas Ébano o encorajou e varreu-lhe todos os escrúpulos.

Mas faltava-lhe dinheiro para tão longa viagem. O sábio Topázio não faria com que lho emprestassem; Ébano o conseguiu. Sem que o patrão o soubesse, apoderou-se do diamante e mandou fazer uma imitação, que pôs no seu lugar, empenhando o verdadeiro a um armênio, por alguns milhares de rúpias.

Quando o marquês se viu de posse das suas rúpias, tudo ficou pronto para a partida. Carregaram um elefante com a bagagem; montaram a cavalo. Topázio disse ao amo: “Tomei a liberdade de fazer algumas críticas à sua empresa; mas, depois de criticar, cumpre-me obedecer; pertenço-lhe, estimo-o, hei de segui-lo até o fim do mundo; mas consultemos em caminho o oráculo que fica a duas parasangas daqui”. Rustan consentiu. O oráculo respondeu: *Se fores ao oriente, estarás no*

ocidente. Rustan não compreendeu coisa alguma dessa resposta. Topázio sustentou que não augurava nada de bom. Ébano, sempre complacente, persuadiu-o de que ela era bastante favorável.

Havia ainda um outro oráculo em Cabul; foram também consultá-lo. O oráculo de Cabul respondeu nestes termos: *Se possuís, não possuirás; se és vencedor, não vencerás; se és Rustan, não o serás*. Esse oráculo afigurou-se-lhes ainda mais ininteligível que o outro. "Cuidado!", advertia-lhe Topázio. "Nada tema", dizia Ébano, e este ministro, como era de prever, tinha sempre razão perante o amo, a quem estimulava a paixão e a esperança.

Deixando Cabul, internaram-se por uma grande floresta; sentaram-se na relva para comer, soltando os cavalos no pasto. Preparavam-se para descarregar o elefante que trazia os víveres e o serviço, quando perceberam que Topázio e Ébano não mais se achavam com a pequena caravana. Chamam-nos; reboa a floresta com os nomes de Ébano e Topázio. Os criados procuram-nos por todas as direções e enchem a floresta com os seus gritos; voltam sem nada ter visto, sem que ninguém lhes tenha respondido. "Apenas encontramos — disseram a Rustan — um abutre que se batia com uma águia e que lhe arrancava todas as penas." A narrativa desse combate espicaçou a curiosidade de Rustan; dirigiu-se a pé até o local; não avistou nem abutre nem águia, mas viu o seu elefante, ainda com a carga, que era assaltado por um grande rinoceronte. Um investia com o chifre, o outro com a tromba. O rinoceronte, à vista de Rustan, abandonou a presa; recolheram o elefante, mas não puderam encontrar os cavalos. "Estranhas coisas acontecem quando se viaja pela floresta!" — exclamava Rustan. Os servos estavam consternados, e o amo em desespero, por haver perdido ao mesmo tempo os seus cavalos, o seu caro negro e o sábio Topázio, ao qual tinha grande amizade, embora este nunca fosse da sua opinião.

Consolava-se na esperança de em breve se ver aos pés da bela princesa de Caxemira, quando encontrou um grande asno malhado, a que um vigoroso e brutal campônio enchia de pauladas. Nada mais belo, nem mais raro, nem mais veloz na corrida do que os asnos dessa espécie. Aos golpes do vilão respondia o asno a coices capazes de arrancar um carvalho. O jovem mirza tomou, como de razão, o partido do asno, que era uma criatura encantadora. O campônio fugiu, dizendo ao asno: "Tu me pagarás". O asno agradeceu ao libertador na sua linguagem, aproximou-se,

deixou-se acariciar, acariciou. Depois da refeição, Rustan monta no asno e encaminha-se para Caxemira com os seus criados, que seguem, uns a pé, outros montados no elefante.

Mal se havia ele acomodado no lombo do asno, quando este animal se volta na direção de Cabul, em vez de seguir o rumo de Caxemira. Por mais que o cavaleiro torcesse a rédea e apertasse os joelhos, por mais que o sofreasse, por mais que lhe metesse o relho e as esporas, o teimoso animal corria sempre direito a Cabul.

Rustan suava, debatia-se, exasperava-se, quando encontrou um vendedor de camelos que lhe disse: "Bastante velhaco é este seu burro, que o leva aonde o senhor não pretende ir; não quer trocá-lo por quatro de meus camelos, à escolha?". Rustan agradeceu à Providência, por lhe haver deparado tão bom negócio. "Muito enganado estava Topázio — pensava ele — em me dizer que a minha viagem não seria feliz." Monta no melhor camelo, os três outros o seguem; alcança a sua caravana, e vê-se a caminho da felicidade.

Mal andara quatro parasangas, quando é detido por uma torrente profunda, larga e impetuosa, que rolava de rochedos brancos de espuma. As duas margens eram horríveis precipícios, que turbavam a vista e gelavam o sangue; nenhum meio de atravessar, nenhum meio de tomar pela direita ou pela esquerda. "Começo a temer — disse Rustan — que Topázio tivesse razão em censurar minha viagem, e que eu tenha feito muito mal em partir; se ao menos ele estivesse aqui, poderia dar-me alguns bons conselhos. Se aqui estivesse Ébano, haveria de consolar-me e encontraria algum expediente; mas tudo me falha." Seu embaraço era aumentado pela consternação da caravana: a noite era sem estrelas, passaram-na a lamentar-se. Afinal a fadiga e o abatimento adormeceram o enamorado viajante. Desperta ao raiar do dia e vê uma boa ponte de mármore erguida sobre a torrente, de uma margem à outra.

E foram exclamações, gritos de espanto e de alegria. "Será possível? Não será um sonho? Que prodígio! Que encantamento! Teremos coragem de passar?" Todo o bando se punha de joelhos, erguia-se, dirigia-se à ponte, beijava a terra, olhava o céu, estendia as mãos, avançava o pé a tremer, voltava, extasiava-se; e Rustan murmurava: "Sem dúvida o céu me favorece; Topázio não sabia o que dizia; os oráculos eram em meu favor; Ébano tinha razão; mas por que não está ele aqui?".

Mal a caravana atravessou a torrente, eis que a ponte se abisma nas águas com terrível fragor. “Tanto melhor! Tanto melhor! — exclamou Rustan. — Louvado seja Deus! Ele não quer que eu volte para a minha terra, onde não passaria de simples gentil-homem; quer que eu despose aquela a quem amo. Serei príncipe de Caxemira; é assim que, *possuindo* a minha amada, *não possuirei* o meu pequeno marquesado de Candahar. *Serei Rustan, e não o serei,* visto que vou tornar-me um grande príncipe: eis aí, claramente explicada em meu favor, grande parte do oráculo, o resto se explicará por si mesmo; hei de ser muito feliz. Mas por que não se acha Ébano comigo? Lamento-o muito mais do que a Topázio.”

Avançou mais algumas parasangas na maior alegria; mas, ao escurecer, uma cadeia de montanhas mais abruptas que uma contra-escarpa e mais altas do que o seria a torre de Babel, se a tivessem concluído, barrou inteiramente a caravana transida de medo.

“Deus quer que pereçamos aqui — exclamavam todos. — Ele só afundou a ponte para nos tirar toda esperança de regresso; e ergueu a montanha para nos privar de qualquer meio de seguir avante. Ó Rustan! ó infeliz marquês! jamais veremos Caxemira, nunca mais regressaremos à terra de Candahar.”

A mais cruciante dor, o mais pesado abatimento, sucediam-se, na alma de Rustan, à imoderada alegria que sentira, às esperanças com que se embriagara. Bem longe estava agora de interpretar as profecias em seu favor. “Ó Céus! ó Deus bondoso! Para que fui perder meu amigo Topázio?!”

Como pronunciasse tais palavras, soltando profundos suspiros e derramando lágrimas, em meio da comitiva em desespero, eis que se fende a base da montanha, e um longo túnel, alumiado de cem mil archotes, se lhes apresenta às vistas ofuscadas. E Rustan a exclamar, e sua gente a cair de joelhos, a tombar de espanto, a proclamar milagre! E a dizer: “Rustan é o favorito de Vishnu, o bem-amado de Brama; será o senhor do mundo”. Rustan não acreditava, estava fora de si, erguido acima de si mesmo. “Ah! Ébano, meu querido Ébano! Onde estás, que não vens testemunhar estas maravilhas? Como te fui perder? E quando, bela princesa de Caxemira, quando tornarei a ver os teus encantos?”

Avança, com os seus criados, com o seu elefante, com o seu camelo, por debaixo da abóbada da montanha, ao fim da qual penetra em um vale esmaltado de flores e bordado de arroios; e além do prado, alamedas a

perder de vista; e além das alamedas, um rio, a cujas margens se erguem mil casas de recreio, com deliciosos jardins. Ouve, por toda parte, cantos e instrumentos; vê gente dançando, apressa-se em atravessar uma das pontes; indaga ao primeiro que encontra: “Que lindo país seria este?”.

Aquele a quem se dirigia respondeu-lhe: “Esta é a província de Caxemira; os habitantes entregam-se agora à alegria e aos folguedos, celebrando as núpcias da nossa bela princesa, que vai casar-se com o senhor Barbabu, a quem o pai a prometeu; que Deus lhes perpetue a felicidade”. A estas palavras Rustan tombou desfalecido, e o senhor de Caxemira julgou-o sujeito a ataques epilépticos; mandou levá-lo para sua casa, onde se conservou por muito tempo sem sentidos. Mandou chamar os dois médicos mais hábeis do cantão; tomaram o pulso ao doente que, tendo-se refeito um pouco, lançava soluços e revirava os olhos, exclamando de tempos em tempos: “Topázio, Topázio, tu tinhas razão!”.

Um dos médicos disse ao senhor de Caxemira: “Vejo, pelo seu sotaque, que é um jovem de Candahar, a quem este clima não convém; deixe-o comigo, que o levarei de volta à sua pátria e o curarei”. Assegurou o outro médico que Rustan só estava doente de desgosto, que deviam levá-lo às núpcias da princesa e fazê-lo dançar; os dois médicos foram dispensados e Rustan ficou a sós com o seu hóspede.

— Senhor — lhe disse ele —, peço-lhe perdão por haver desmaiado na sua presença, sei que isso não é nada polido; queira aceitar meu elefante como prova de reconhecimento pela bondade com que me honrou.

Contou-lhe em seguida todas as suas aventuras, evitando referir-se ao objetivo da viagem.

— Mas — indagou ele —, em nome de Vishnu e Brama, diga-me quem é esse feliz Barbabu que desposa a princesa de Caxemira, por que seu pai o escolheu para genro e por que a princesa o aceitou como esposo?

— Senhor, a princesa absolutamente não aceitou Barbabu: pelo contrário, está em pranto, enquanto toda a província celebra com alegria o seu casamento; encerrou-se na torre do palácio; não quer assistir a nenhum dos festejos que fazem em sua honra.

Rustan, ao ouvir essas palavras, sentiu-se renascer; o brilho de suas cores, que a dor fanara, reapareceu-lhe nas faces.

— Queira dizer-me — continuou ele — por que o príncipe de Caxemira se obstina em dar sua filha a um Barbabu a quem ela detesta?

— Não sabia o senhor que o nosso augusto príncipe perdera um valioso diamante e uma azagaia de grande estimação?

— Ah! bem o sei.

— Pois saiba que o nosso príncipe, desesperado por não ter notícias dessas preciosidades, depois de as ter mandado procurar por toda a terra, prometeu a mão da filha a quem lhe trouxesse qualquer um dos dois objetos. Apareceu um senhor Barbabu, munido do diamante, e amanhã vai casar com a princesa.

Rustan empalideceu, gaguejou um cumprimento, despediu-se, e correu de dromedário à capital, onde deveria realizar-se a cerimônia. Chega ao palácio do príncipe; alega que tem coisas importantíssimas para lhe comunicar; pede uma audiência; respondem que o príncipe está ocupado nos preparativos do casamento.

— É por isso mesmo que quero falar-lhe.

E tanto instou que foi introduzido.

— Senhor — diz ele ao príncipe —, que Deus coroe todos os vossos dias de glória e magnificência! O vosso genro é um trapaceiro.

— Como! Um trapaceiro? Atreve-se a dizê-lo? É assim que se fala a um duque de Caxemira do genro que ele escolheu?

— Sim, um trapaceiro. E para o provar a Vossa Alteza é que trago aqui vosso diamante.

O duque, espantado, confrontou os dois diamantes e, como não entendia de pedras preciosas, não pôde decidir qual fosse o verdadeiro. "Aqui estão dois diamantes — disse ele — e só tenho uma filha: eis-me num estranho embaraço!" Mandou chamar Barbabu e perguntou-lhe se não o havia enganado. Barbabu jurou que comprara o seu diamante a um armênio; o outro não dizia de quem houvera o seu, mas propôs um expediente: que aprouvesse a Sua Alteza fazê-lo combater em seguida contra o rival.

— Não basta que vosso genro dê um diamante — dizia ele —, é preciso que também dê provas de valor. Não achais bem que aquele que matar o outro despose a princesa?

— Esplêndido — respondeu o príncipe —, será um belo espetáculo para a Corte: batei-vos depressa os dois; o vencedor tomará as armas do vencido, segundo o costume de Caxemira, e desposará minha filha.

Os dois pretendentes desceram logo à pista. Havia na escada uma pega e um corvo. O corvo gritava: "Batam-se, batam-se"; e a pega: "Não

se batam". O que fez rir ao príncipe; os dois rivais, mal lhes deram atenção, iniciaram o combate; todos os cortesãos formavam círculo em torno deles. A princesa, sempre encerrada na torre, não quis assistir ao espetáculo; longe estava de imaginar que o seu apaixonado se achava em Caxemira, e tinha tamanho horror a Barbabu que nada queria ver. O combate desenvolveu-se o melhor possível; Barbabu foi logo morto e o povo sentiu-se encantado, pois que Barbabu era feio e Rustan muito bonito: é o que decide quase sempre o favor público.

O vencedor vestiu a cota de malha, a charpa e o capacete do vencido e foi, ao som das fanfarras e seguido de toda a Corte, apresentar-se sob as janelas da bem-amada. "Bela princesa — gritavam todos —, vinde ver vosso belo marido que matou seu feio rival." As aias repetiam tais palavras. A princesa, por desgraça, pôs a cabeça à janela e, avistando a armadura do homem a quem abominava, correu desesperada ao cofre chinês e retirou a azagaia fatal, que foi ferir o seu querido Rustan na fenda da couraça; este lança um grito e nesse grito a princesa julga reconhecer a voz de seu infeliz amado.

Desce desgrenhada, com a morte nos olhos e no coração. Rustan, coberto de sangue, jazia tombado nos braços do rei. Ela o vê: ó momento! ó espetáculo! ó reconhecimento, de que se não pode exprimir nem a angústia, nem a ternura, nem horror! Lança-se a ele, beija-o. "Tu recebes — lhe diz ela — os primeiros e os últimos beijos da tua amada e da tua assassina." Retira o dardo da ferida, mergulha-o no próprio coração e expira sobre aquele a quem adora. O pai, fora de si, alucinado, pronto a morrer com ela, tenta em vão chamá-la à vida; a pobre não mais existia; ele amaldiçoa aquele dardo fatal, quebra-o em pedaços, lança ao longe aqueles dois diamantes funestos; e, enquanto preparam os funerais da filha em vez de seu casamento, manda transportar para o palácio Rustan ensangüentado, que tinha ainda uns restos de vida.

Colocam-no em um leito. A primeira coisa que vê aos dois lados daquele leito de morte é Topázio e Ébano. A surpresa lhe devolve um pouco as forças.

— Ah! cruéis — diz ele —, por que me abandonastes? Talvez a princesa ainda vivesse, se estivésseis perto do infeliz Rustan.

— Eu nunca vos abandonei um único instante — diz Topázio.

— Sempre estive perto de vós — afirma Ébano.

— Ah! que dizeis? Por que insultar meus últimos momentos? — lhes diz Rustan com voz débil.

— Podeis acreditar-me — diz Topázio —, bem sabeis que nunca aprovei essa fatal viagem, de que previa as horríveis conseqüências. Era eu a águia que lutou com o abutre; era eu o elefante que se sumiu com a bagagem, para forçar-vos a voltar à pátria; era eu o asno malhado que vos reconduzia para a casa paterna; fui eu quem dispersou vossos cavalos; fui eu quem formou a torrente que vos impedia a passagem; fui eu quem ergueu a montanha que vos fechava um caminho tão funesto; era eu o médico que vos aconselhava o clima natal; era eu a pega que vos gritava que não combatêsseis.

— E eu — diz Ébano —, eu era o abutre que lutou com a águia, eu era o rinoceronte que dava chifradas no elefante, o vilão que castigava o asno malhado, o mercador que vos cedia camelos para a vossa perda; construí a ponte sobre a qual passastes; cavei a galeria que atravessastes; sou o médico que vos animava a seguir, o corvo que vos gritava que combatêsseis.

— Lembra-te dos oráculos — diz Topázio. — *Se vais ao oriente, estarás no ocidente.*

— Sim — confirma Ébano —, aqui encerram os mortos com o rosto voltado para o ocidente. O oráculo era claro. Como não o compreendeste? *Tu possuías, e não possuías;* pois tinhas o diamante, mas era falso, e o ignoravas. És vencedor e morres; és Rustan e deixas de o ser; tudo foi cumprido.

Enquanto assim falava, quatro asas brancas cobriram o corpo de Tópázio, e quatro asas negras o de Ébano.

— Que vejo?! — exclamou Rustan.

Topázio e Ébano responderam juntos:

— Tu vê os teus dois gênios.

— Ai! gemeu o infeliz Rustan. — Para que vos metestes nisso? E para que dois gênios para um pobre homem?

— É a lei — sentenciou Topázio. — Cada homem tem os seus dois gênios, foi Platão quem primeiro o disse, e outros depois o repetiram; bem vês que nada é mais verdadeiro: eu, que te falo, sou o teu bom gênio, e o meu encargo era velar por ti até o último instante da tua vida; desempenhei fielmente o meu papel.

— Mas — disse o moribundo —, se a tua função era servir-me, sou pois de uma natureza muito superior à tua; e depois, como ousas afirmar que és o meu bom gênio, quando deixaste me enganarem em tudo o que empreendo; e nos deixas morrer miseravelmente, a mim e à minha bem-amada?

— Era o teu destino — disse Topázio.

— Se é o destino que faz tudo — observou o moribundo —, para que serve então meu gênio? E tu, Ébano, com as tuas quatro asas negras, és, pelo que se vê, o meu gênio mau?

— Tu o disseste — respondeu Ébano.

— Então eras também o gênio mau da minha princesa?

— Não, a princesa tinha o seu, e eu secundei-o perfeitamente.

— Ah! maldito Ébano, se és tão mau assim, não pertences então ao mesmo senhor que Topázio? São ambos formados por dois princípios diferentes, dos quais um é bom e o outro mau por natureza?

— Não é uma conseqüência — disse Ébano —, mas é uma grande dificuldade.

— Não é possível — tornou o moribundo — que um ser favorável tenha criado um gênio tão funesto.

— Possível ou não — retrucou Ébano —, a coisa é como te digo.

— Ah! meu pobre amigo — interrompeu Topázio —, não vês que esse velhaco tem ainda a malícia de te fazer discutir, para assanhar teu sangue e precipitar a hora da tua morte?

— Vai-te, não estou mais contente contigo do que com ele — diz o triste Rustan. — Ele ao menos confessa que me quis fazer mal; e tu, que pretendias defender-me, não me serviste de nada.

— Sinto-o muito — desculpou-se o bom gênio.

— E eu também — afirmou o moribundo. — Há nisso tudo qualquer coisa que eu não compreendo.

— Nem eu tampouco — disse o pobre do bom gênio.

— Mas daqui a um instante saberei tudo — disse Rustan.

— É o que veremos — concluiu Topázio.

Então tudo desapareceu. Rustan achou-se na casa de seu pai, de onde não saíra, e no seu leito, onde havia dormido durante uma hora.

Desperta em sobressalto, banhado em suor, perdido; apalpa-se, chama, grita, puxa a sineta. Seu criado Topázio acorre de carapuça e bocejando.

— Estou morto? Estou vivo? — exclamou Rustan. — E a bela princesa de Caxemira? Será que escapa?

— O meu senhor está sonhando? — disse friamente Topázio.

— Ah! — exclamava Rustan. — Que é feito desse maldito Ébano, com as minhas quatro asas negras? Foi ele que me fez morrer de morte tão cruel.

— Senhor, deixei-o lá em cima, a roncar. Faço-o descer também?

— O celerado! Há seis meses inteiros que me persegue. Foi ele quem me levou a essa feira aziaga de Cabul. Foi ele quem escamoteou o diamante que me deu a princesa. É ele o culpado da minha viagem, da morte da minha princesa, e do golpe de azagaia de que morro na flor da idade.

— Tranqüilizai-vos — disse Topázio. — Nunca estivestes em Cabul; não existe nenhuma princesa de Caxemira; o seu pai tem apenas dois filhos varões, que estão atualmente no colégio. Nunca tivestes diamante; a princesa não pode estar morta porque não nasceu; e a vossa saúde é perfeita.

— Como! Não é verdade que assistias à minha morte no leito do príncipe de Caxemira? Não me confiaste que, para me preservar de tantos males, havias sido águia, elefante, asno malhado, médico e pega?

— Sonhastes isso tudo, senhor: as nossas idéias não dependem mais de nós no sono do que na vigília. Quis Deus que esse desfile de idéias vos passasse pela cabeça, para vos dar decerto alguma instrução, de que tirareis proveito.

— Zombas de mim — tornou Rustan. — Quanto tempo dormi?

— Senhor, não dormistes ainda uma hora.

— Pois então, maldito argumentador, como queres tu que, em uma hora, tenha eu estado há seis meses na feira de Cabul, de lá tenha voltado e ido a Caxemira, e que estejamos mortos, Barbabu, a princesa e eu?

— Não há nada mais fácil nem mais ordinário, senhor, e realmente poderíeis ter dado volta ao mundo e passado por mais aventuras em muito menos tempo. Não é verdade que podeis ler em uma hora o compêndio da história dos persas, escrito por Zoroastro? No entanto, esse compêndio abrange oitocentos mil anos. Todos esses acontecimentos passam um após outro, a vossos olhos, durante uma hora. E haveis de concordar que é tão fácil a Brama comprimi-los todos no espaço de uma hora como estendê-los no espaço de oitocentos mil anos; é exatamente a mesma coisa.

Imaginai que o tempo gira sobre uma roda cujo diâmetro é infinito. Nessa roda imensa há uma multidão inumerável de rodas, umas dentro das outras; a do centro é imperceptível e dá um número infinito de voltas precisamente no mesmo tempo em que a grande roda completa uma volta. É claro que todos os acontecimentos, desde o princípio do mundo até o seu fim, podem acontecer sucessivamente em muito menos tempo que a centésima milésima parte de um segundo; e pode-se afirmar que a coisa é mesmo assim.

— Não compreendo — disse Rustan.

— Se quiserdes — disse Topázio —, tenho um papagaio que vos fará facilmente compreender isso tudo. Nasceu algum tempo antes do Dilúvio; estava na Arca; viu muitas coisas; no entanto, tem apenas ano e meio: ele vos contará a sua história, que é multo interessante.

— Traze-me depressa o teu papagaio — disse Rustan. — Ele me divertirá até que eu possa adormecer de novo.

— Está com a minha irmã religiosa — disse Topázio. — Vou buscá-lo, gostareis dele; a sua memória é fiel, e ele conta simplesmente, sem procurar mostrar espírito a propósito de tudo, e sem fazer frases.

— Tanto melhor — observou Rustan —, é assim que me agradam as histórias.

Trouxeram-lhe o papagaio, o qual assim falou:

N.B. — Mademoiselle Catherine Vadé nunca pôde encontrar a história do papagaio entre os papéis de seu falecido primo Antoine Vadé, autor deste conto. O que é uma pena, dado o tempo em que vivera o papagaio.

Jeannot e Colin

Foi publicado na mesma coleção do conto precedente. Mas, ao passo que "O branco e o preto" *nos conduz pelo caminho do sonho ao mundo maravilhoso do Oriente fantástico, "Jeannot e Colin" passa-se na França do século XVIII. Com essas mudanças constantes Voltaire patenteia a pluralidade de seus talentos de narrador. "Jeannot e Colin"*, *em que pesem as alusões a acontecimentos contemporâneos, é mais um conto moral que um quadro crítico de costumes. Dois amigos de infância vêem-se separados pelo enriquecimento súbito de Jeannot. Mas o dinheiro dissipa-se com maior rapidez do que é adquirido quando provém da especulação. Os dois amigos voltam a encontrar-se e ficamos cientes de que a felicidade está no trabalho e na generosidade.*

"Jeannot e Colin" mostra-nos uma outra faceta de Voltaire, *a do Voltaire sentimental, amigo da amizade.*

Ó divina amizade, felicidade perfeita,
Única expansão da alma em que o excesso é permissível
Muda em bens os males todos a que me sujeitaram os céus [...]

É o Voltaire de Ferney, que se bate pelo trabalho útil e pensa que a salvação da França está na agricultura científica e na indústria. Não é mais o Voltaire cortesão, mas o Voltaire que atrai para suas terras os artesãos relojoeiros e organiza uma fábrica de meias de seda.

S. M.

VÁRIAS PESSOAS DIGNAS DE FÉ viram Jeannot e Colin na escola da cidade de Issoire, em Auvergne, famosa em todo o universo por seus colégios e seus tachos. Jeannot era filho de um conhecido vendedor de mulas, e Colin devia seus dias a um bravo lavrador dos arredores, que cultivava a terra

com quatro animais e que depois de haver pago a talha, mais o imposto adicional, e as gabelas, o soldo por libra, a capitação e os vigésimos, não se encontrava lá muito rico ao fim do ano.

Jeannot e Colin eram muito bonitos para auvernheses; estimavam-se muito e tinham dessas pequenas intimidades, dessas pequenas confidências, que a gente sempre relembra com agrado, quando torna a encontrar-se mais tarde.

Estava para findar o tempo de seus estudos, quando um alfaiate trouxe a Jeannot uma roupa de veludo de três cores, com uma jaqueta lionesa de excelente gosto: vinha tudo acompanhado de uma carta para o senhor de La Jeannotière. Colin mirou a roupa, sem sentir inveja; mas Jeannot tomou um ar de superioridade que afligiu Colin. Desde esse momento Jeannot não estudou mais, olhava-se ao espelho e desprezava a todo o mundo. Algum tempo depois, chega um criado de diligência e traz uma segunda carta para o senhor marquês de La Jeannotière: era uma ordem do senhor seu pai para que o senhor seu filho se dirigisse a Paris. Jeannot subiu para o carro, estendendo a mão a Colin com um nobre sorriso protetor. Colin sentiu o seu próprio nada e chorou. Jeannot partiu em toda a pompa da sua glória.

Os leitores que gostam de instruir-se devem saber que o senhor Jeannot pai adquirira uma fortuna imensa nos negócios. Indagais como se fica assim tão rico? Mera questão de sorte. O senhor Jeannot era bem parecido, sua mulher também, e ainda estava bastante viçosa. Foram ambos a Paris, devido a um processo que os arruinava, quando a sorte, que eleva e rebaixa os homens a seu bel-prazer, o apresentou à esposa de um empreiteiro dos hospitais militares, homem de grande talento e que podia gabar-se de haver liquidado mais soldados em um ano do que o canhão em dez. Jeannot agradou a *madame*; a mulher de Jeannot agradou a *monsieur*. Em breve Jeannot participava da empresa; meteu-se em outros negócios. Quando a gente está na correnteza, é só se deixar carregar; e faz-se sem trabalho uma fortuna imensa. Os pobretões que, da margem, nos vêem vogar a todo o pano, arregalam os olhos; não atinam como pudemos vencer; invejam-nos pura e simplesmente e escrevem, contra nós, panfletos que não lemos. Foi o que aconteceu a Jeannot pai, que em breve se transformou em senhor de La Jeannotière e que, tendo adquirido um marquesado ao cabo de seis meses, retirou da escola o senhor marquês seu filho, para introduzi-lo na alta sociedade de Paris.

Colin, sempre terno, escreveu uma carta de cumprimentos a seu antigo camarada, enviando-lhe *estas linhas para congratular-me...* O marquesinho não lhe deu resposta. Colin adoeceu de pesar.

O pai e a mãe deram primeiro um preceptor ao jovem marquês: esse preceptor, que era um homem da alta e que nada sabia, não pôde ensinar coisa alguma a seu pupilo. *Monsieur* queria que o filho aprendesse latim, *madame* não o queria. Tomaram por árbitro um autor que era então famoso por obras agradáveis. Convidaram-no a jantar. O dono da casa começou por lhe dizer:

— O senhor que sabe latim e que é um homem da Corte...

— Eu, senhor, latim?! Não sei uma palavra de latim e me dou muito bem com isso: é claro que se fala muito melhor a própria língua quando não se divide a aplicação entre ela e as línguas estrangeiras. Veja todas as nossas damas: têm um espírito mais agradável que o dos homens; as suas cartas têm cem vezes mais graça; e, se nos levam essa vantagem, é porque não sabem latim.

— Pois não tinha eu razão? — disse *madame*. — Eu quero que o meu filho seja um homem de espírito, que obtenha sucesso na sociedade; e bem se vê que, se soubesse latim, estaria perdido. Acaso se representa comédia e ópera em latim? Pleiteia-se em latim, quando se tem um processo? Ama-se em latim?

Monsieur, ofuscado com essas razões, abdicou, e ficou assentado que o jovem marquês não desperdiçaria tempo em conhecer Cícero, Horácio e Virgílio.

— Mas que aprenderá ele então? — insistiu. — Pois é preciso que saiba alguma coisa. Não se poderia ministrar-lhe um pouco de geografia?

— De que lhe serviria? — retrucou o preceptor. — Quando o senhor marquês for visitar suas terras, acaso os postilhões não saberão o caminho? Certamente que não hão de extraviá-lo. Não se tem necessidade de um esquadro para viajar, e vai-se muito comodamente de Paris a Auvergne sem que seja preciso tirar a latitude.

— Tem razão — replicou o pai. — Mas ouvi falar de uma bela ciência que se chama, creio eu, *astronomia.*

— Qual! — disse o preceptor. — Quem é que se guia pelos astros neste mundo? E será preciso que o senhor marquês se mate em calcular um eclipse quando o encontra indicado no almanaque, o qual, ainda por

cima, o informa das festas móveis, a idade da lua e de todas as princesas da Europa?

Madame ficou de pleno acordo com o preceptor. O marquesinho estava no auge da alegria; o pai hesitava.

— Mas que se deve então ensinar a meu filho? — dizia ele.

— A ser amável — respondeu o amigo a quem consultavam. — E, se sabe *os meios de agradar*,[27] saberá tudo: é uma arte que aprenderá com a senhora sua mãe, sem que nenhum dos dois se dê ao mínimo trabalho.

Madame, a estas palavras, beijou o gracioso ignorante, e disse-lhe:

— Bem se vê que o senhor é o homem mais sábio do mundo; meu filho lhe ficará devendo toda a sua educação. Imagino que não ficaria mal se ele soubesse um pouco de história.

— Mas para que serve isso, *madame*? Só é agradável e útil a história do dia. Todas as histórias antigas, como o dizia um de nossos talentos, são apenas fábulas admitidas; e, quanto às modernas, são um verdadeiro caos que não se pode destrinçar. Que importa ao senhor seu filho que Carlos Magno haja instituído os doze pares de França e o seu sucessor fosse gago?

— Muito bem! — exclamou o preceptor. — Abafa-se o espírito das crianças sob esse amontoado de conhecimentos inúteis; mas, de todas as ciências, a mais absurda, a meu ver, e a mais capaz de abafar toda espécie de gênio, é sem dúvida a geometria. Essa ciência ridícula tem por objeto superfícies, linhas e pontos que não existem na natureza. Faz-se passar, em espírito, cem mil linhas curvas entre um círculo e uma linha reta que o toca, embora na realidade não se lhe possa meter um fio de linha. A geometria, na verdade, não passa de uma brincadeira de mau gosto.

Monsieur e *madame* não compreendiam muito bem o que queria dizer o preceptor, mas mostraram-se de pleno acordo.

— Um senhor como o jovem marquês — continuou ele — não deve secar o cérebro nesses vãos estudos. Se um dia tiver necessidade de um sublime geômetra para fazer o levantamento de suas terras, manda-las-á medir a dinheiro. Se quiser evidenciar a antiguidade de sua nobreza, que remonta aos mais afastados tempos, mandará buscar um beneditino. O mesmo acontece com todas as artes. Um jovem senhor de bom nascimento não é nem pintor, nem músico, nem arquiteto, nem escultor; mas faz florescerem todas as artes, animando-as com a sua munificência. Mais vale sem dúvida protegê-las que as exercer; basta que o senhor marquês

tenha bom gosto; compete aos artistas trabalharem para ele; eis por que há muita razão em dizer-se que as pessoas de qualidade (*refiro-me às bastante ricas*) sabem tudo sem nada ter aprendido, pois, com o tempo, são capazes de julgar todas as coisas que encomendam e pagam.

O amável ignorante tomou então a palavra e disse:

— *Madame* observou muito bem que o grande objetivo do homem é triunfar na sociedade. Mas, falando com sinceridade, será com as ciências que se obtém esse triunfo? Alguém já se lembrou de falar sobre geometria em boa sociedade? Acaso se pergunta a um homem às direitas que astro se ergue hoje com o Sol? Quem é que se informa, numa ceia, se Clódio, o cabeludo, atravessou o Reno?

— Certamente que não! — exclamou a marquesa de La Jeannotière, cujos encantos a tinham às vezes introduzido na alta sociedade. — E o senhor meu filho não deve abafar seu engenho no estudo de toda essa trapalheira. Mas, afinal, que lhe mandaremos ensinar? Pois é bom que um jovem fidalgo possa brilhar de vez em quando, como diz o senhor meu marido. Ouvi um padre dizer que a mais agradável das ciências era uma coisa de que esqueci o nome, mas que começa por *b*.

— Por *b, madame*? Não será botânica?

— Não, não era de botânica que ele me falava; começava por *b* e acabava por *ões*.

— Ah! compreendo, *madame*; trata-se da ciência dos brasões: é na verdade uma ciência muito profunda; mas passou de moda depois que se perdeu o costume de mandar pintar as armas nas portas da carruagem: era o que poderia haver de mais útil em um Estado devidamente civilizado. Aliás, esses estudos não findariam nunca; não há hoje barbeiro que não tenha o seu escudo; e *madame* bem sabe que o que se torna comum é pouco apreciado.

Afinal, depois de examinadas as vantagens e desvantagens das ciências, ficou resolvido que o marquês aprenderia a dançar.

A natureza, que faz tudo, dera-lhe um talento que logo se desenvolveu com prodigioso sucesso: o de cantar agradavelmente *vaudevilles*. As graças da mocidade, aliadas a esse dote superior, fizeram-no considerar como um dos jovens mais esperançosos da cidade. Foi amado das mulheres e, tendo a cabeça cheia de canções, fê-las aos centos para as suas namoradas. Pilhava *Bacchus et l'Amour* em um *vaudeville, la nuit et le jour* em outro, *les charmes et les alarmes* em um terceiro. Mas, como

sempre havia em seus versos alguns pés de mais ou de menos do que cumpria, mandava-os corrigir a vinte luíses por produção: e foi posto na *Année littéraire,* ao lado dos La Fare, dos Chaulieu, dos Hamilton, dos Sarrasin e dos Voiture.

A senhora marquesa julgou então ser mãe de um *bel esprit*, e deu para oferecer jantares a todos os *beaux esprits* de Paris. Isso logo virou a cabeça do jovem, que adquiriu a arte de falar sem se entender e aperfeiçoou-se no hábito de não prestar para coisa alguma. O pai, quando o viu tão eloqüente, sentiu não lhe ter mandado ensinar latim, pois nesse caso lhe compraria um alto cargo na Justiça. A mãe, que tinha sentimentos mais nobres, encarregou-se de solicitar um regimento para o filho; e este, enquanto o regimento não vinha, dedicava-se ao amor. O amor é às vezes mais caro que um regimento. Gastou muitíssimo, enquanto seus pais tampouco olhavam a despesas, para viverem como grão-senhores.

Ora, tinham eles como vizinha uma viúva moça e nobre, que resolveu salvar a fortuna do senhor e da senhora de La Jeannotière, apropriando-se dela e desposando o jovem marquês. Soube atraí-lo à sua casa, deixou-se amar, deu-lhe a entender que não lhe era indiferente, governou-o pouco a pouco, encantou-o, subjugou-o sem dificuldade. Ora o elogiava, ora lhe dava conselhos; tornou-se a melhor amiga do pai e da mãe. Uma velha vizinha propôs o casamento; os pais, deslumbrados com o esplendor de tal aliança, aceitaram com alegria a proposta: deram o seu filho único à sua amiga íntima. O jovem marquês ia desposar uma mulher a quem adorava e por quem era amado; os amigos da casa o felicitavam: iam redigir as cláusulas, enquanto se trabalhava no enxoval e no epitalâmio.

Estava ele, certa manhã, aos joelhos da encantadora esposa que o amor, a estima e a amizade lhe iam dar; gozavam, num terno e animado colóquio, as primícias de sua ventura; arquitetavam uma existência deliciosa, quando entra alarmado um camareiro da senhora mãe.

— Diferentes notícias lhes trago — assim os interrompe ele —, os meirinhos despejam a casa de *monsieur* e de *madame*; tudo está sendo seqüestrado pelos credores: fala-se até de prisão, e eu vou tomar providências para que me paguem os meus ordenados.

— Espera! Que coisa me dizes? Que história é essa?! — exclama o marquês.

— Anda, vai já punir esses malandros! — incita-o a viúva.

Corre, chega à casa, o pai já estava preso, todos os criados haviam fugido cada um para o seu lado, carregando tudo o que podiam. A mãe achava-se sozinha, sem amparo, sem consolação, afogada em pranto: nada mais lhe restava que a lembrança da sua fortuna, da sua beleza, das suas faltas e das suas loucas despesas.

O filho, depois de haver longamente chorado com a mãe, afinal lhe disse:

— Não desesperemos, a viúva me ama loucamente, é ainda mais generosa que rica, respondo por ela; espere, que vou buscá-la.

Volta, pois, à casa da noiva: encontra-a em colóquio com um jovem oficial muito amável.

— Como? O que o senhor de la Jeannotière vem fazer aqui? Deve-se abandonar a mãe dessa forma? Vai à casa dessa pobre mulher e dize-lhe que continuo a querê-la bem: preciso de uma aia e lhe darei preferência.

— Meu jovem — diz o oficial —, pareces muito bem-apessoado; se quiseres fazer parte da minha companhia, posso te dar um bom posto.

O marquês, pasmado, com a cólera no coração, foi procurar o antigo preceptor, derramou-lhe no peito as suas dores, e lhe pediu conselhos. Este lhe propôs fazer-se, como ele, preceptor de meninos. "Ai de mim! nada sei; o senhor não me ensinou coisa alguma, e foi o primeiro fator da minha desgraça." E rompia em soluços, enquanto assim lhe falava. "Escreva romances — disse um *bel esprit* que se achava presente. É um ótimo recurso em Paris."

O jovem, mais desesperado do que nunca, correu ao confessor de sua mãe. Era um teatino muito acreditado, que só dirigia senhoras da alta sociedade. Logo que avistou Jeannot, precipitou-se para este:

— Meu Deus, senhor marquês! Onde está a sua carruagem? Como passa a respeitável senhora marquesa sua mãe?

O pobre infeliz contou-lhe o desastre da família. À medida que ele se explicava, o teatino assumia um ar mais grave, mais alheado, mais imponente:

— Meu filho, eis aonde Deus queria chegar: as riquezas só servem para corromper o coração. Com que então Deus concedeu à sua mãe a graça de reduzi-la à mendicidade?

— Sim, meu padre.

— Tanto melhor: agora ela pode ter certeza da sua salvação.

— Mas, meu padre, enquanto se espera, não haveria meio de obter algum socorro neste mundo?

— Adeus, meu filho; está uma dama da Corte à minha espera.

O marquês esteve a ponto de desmaiar; seus amigos trataram-no mais ou menos da mesma maneira e, numa só tarde, aprendeu melhor a conhecer o mundo do que em todo o resto da sua vida.

Estando assim acabrunhado pelo desespero, viu que se aproximava um carro antigo, espécie de aranha coberta, com cortinas de couro, seguido de quatro enormes carroças completamente carregadas. Achava-se no carro um homem grosseiramente vestido; tinha um rosto redondo e fresco, que respirava brandura e alegria. Sua mulherzinha, morena, e também rusticamente agradável, era sacudida a seu lado. O veículo não corria como a carruagem de um peralvilho. O viajante tem tempo de sobra para contemplar o marquês imóvel, abismado na dor.

— Meu Deus! — exclamou ele. — Creio que é Jeannot.

A este nome, o marquês ergue os olhos, o carro detém-se.

— É Jeannot mesmo. É Jeannot!

E o homenzinho rechonchudo corre, de um salto, a abraçar o seu antigo camarada. Jeannot reconhece Colin; a vergonha e as lágrimas cobrem-lhe as faces.

— Tu me abandonaste — diz Colin —, mas, por mais fino que estejas agora, eu sempre te estimarei.

Jeannot, confuso e enternecido, contou-lhe, entre soluços, uma parte da sua história.

— Anda comigo à hospedaria para contar-me o resto — lhe diz Colin —, abraça a minha mulherzinha e vamos jantar juntos.

Seguem os três a pé, seguidos da bagagem.

— Que trazes aí? Tudo isso é teu?

— Meu e de minha mulher. Venho do interior; dirijo uma boa manufatura de ferro estanhado e cobre. Desposei a filha de um rico negociante de utensílios necessários aos grandes e aos pequenos; trabalhamos muito; Deus nos ajuda; não mudamos de condição, estamos bem, e ajudaremos ao nosso amigo Jeannot. Não sejas mais marquês; as grandezas deste mundo não valem um bom amigo. Voltarás comigo à nossa terra, aprenderás meu ofício; não é muito dificultoso; eu te darei sociedade, e viveremos alegremente no pedaço de terra onde nascemos.

Jeannot, desconcertado, sentia-se dividido entre a dor e a alegria, a ternura e a vergonha; e dizia baixinho: “Todos os meus amigos da alta me traíram, apenas Colin, a quem desprezei, vem em meu socorro. Que lição!”. A magnanimidade de Colin animou as generosas inclinações de Jeannot, que a sociedade ainda não destruíra. Sentiu que não podia abandonar o pai e a mãe. “Cuidaremos de tua mãe — disse Colin — e, quanto ao velho, que está preso, eu cá entendo um pouco de negócios; seus credores, vendo que ele não tem mais nada, hão de contentar-se com pouco; deixa a coisa comigo.” Tanto fez Colin, que tirou o pai da prisão. Jeannot voltou para a sua terra, com os pais, que retomaram a sua primeira profissão. Jeannot desposou uma irmã de Colin, a qual, tendo o mesmo gênio do irmão, o fez muito feliz.

E Jeannot pai, e Jeannot mãe, e Jeannot filho viram que a ventura não está na vaidade.

Pot-pourri

*Considerado o mais enigmático dos textos de Voltaire, "*Pot-pourri*" é uma espécie de alegoria, baseado em personagens da* commedia dell'arte*, em que Polichinelo e seu teatro de marionetes representam a história de Cristo e da Igreja.*

N. do E.

Incluímos, como o fez a Edição da Plêiade, entre os romances de Voltaire esta obra, que, na realidade, se encontra entre as Facécias *na edição de Kehl, e cujo aparecimento ocorreu em 1765* (Nouveaux Mélanges Philosophiques, Historiques, Critiques, etc. — *Genève, chez les Cramer)*.

S. M.

I

O PAI DE POLICHINELO FOI BRIOCHÉ, não seu pai propriamente dito, mas pai espiritual. O pai de Brioché era Guillot Gorju, que foi filho de Gilles, que foi filho de Gros-René, que era descendente do rei dos bobos e da tia boba; é assim que o escreve o autor de *L'almanach de la Foire*. O sr. Parfait, escritor não menos digno de fé, dá por pai, a Brioché, Tabarin; a Tabarin, Gros-Guillaume; a Gros-Guillaume, Jean-Boudin; mas remontando sempre ao rei dos bobos. Se se contradizem os dois historiadores, isto

constitui uma prova da verdade para o padre Daniel, que os concilia com maravilhosa sagacidade, destruindo assim o pirronismo da História.

II

Quando eu terminava o parágrafo primeiro dos cadernos de Merri Hissing, no meu gabinete, que dá para a rua de Saint-Antoine, vi passar os síndicos dos apoticários, que iam apreender drogas e verdete que os jesuítas da rua contrabandeavam. O meu vizinho sr. Husson, que é uma sólida cabeça, veio ter comigo e disse-me:

— O senhor ri, meu amigo, de ver os jesuítas vilipendiados; e se alegra com saber que são acusados de um parricídio em Portugal e de uma rebelião no Paraguai. O clamor público que contra eles se eleva na França, o ódio que lhes votam, os repetidos opróbrios de que são cobertos, parece tudo isso um consolo para o senhor; mas saiba que, se forem condenados, como todas as pessoas honradas o desejam, o senhor nada ganhará com isso: será esmagado pela facção dos jansenistas. São entusiastas ferozes, almas de bronze, piores que os presbiterianos que derrubaram o trono de Carlos I. Considere que os fanáticos são mais perigosos do que os velhacos. Jamais se convence um energúmeno; a um velhaco, sim.

Discuti muito tempo com o sr. Husson; disse-lhe afinal:

— Console-se, senhor, talvez venham a ser os jansenistas algum dia tão hábeis como os jesuítas.

Tratei de abrandá-lo; mas é uma cabeça-dura, incapaz de mudar de idéia.

III

Brioché, vendo que Polichinelo era duplamente corcunda, quis ensinar-lhe a ler e a escrever. Ao cabo de dois anos, Polichinelo sabia soletrar passavelmente, mas jamais conseguiu servir-se de uma pena. Um dos narradores da sua vida observa que ele tentou um dia escrever o próprio nome, mas ninguém pôde lê-lo.

Brioché era muito pobre; sua mulher e ele não tinham meios para sustentar Polichinelo, e muito menos para fazê-lo aprender um ofício. Polichinelo lhes disse:

— Eu sou corcunda, e tenho memória; três ou quatro de meus amigos e eu podemos estabelecer-nos com fantoches; ganharei algum dinheiro: os homens sempre gostaram de fantoches; algumas vezes dá prejuízo apresentar novos fantoches, mas também há margem para grandes lucros.

O sr. e a sra. Brioché admiraram o bom senso do jovem; constituiu-se a companhia, que foi armar seu tablado num burgo suíço, na estrada de Appenzeli a Milão.

Fora justamente nessa aldeia que os charlatães de Orvieto haviam fundado a loja do seu orvietão. Aperceberam-se que insensivelmente a canalha ia para os fantoches e que eles vendiam agora metade menos de sabonetes e ungüentos para queimaduras. Acusaram Polichinelo de vários desmandos e apresentaram queixa ao magistrado. Dizia a acusação que se tratava de um bêbedo perigoso; que um dia dera cem pontapés no ventre, em pleno mercado, a camponeses que vendiam nêsperas.

Alegavam também que havia molestado um vendedor de galos da Índia; acusaram-no, enfim, de feiticeiro. O sr. Parfait, na sua *História do Teatro,* pretende que ele foi engolido por um sapo; mas o padre Daniel pensa, ou pelo menos fala, de outro modo. Não se sabe o que foi feito de Brioché. Como era apenas pai putativo de Polichinelo, o historiador não julgou a propósito dar-nos notícias suas.

IV

Assegurava o falecido senhor de Marsais que o maior dos abusos era a venalidade dos cargos. “É uma grande desgraça para o Estado — dizia ele

— que um homem de mérito, sem fortuna, não possa chegar a nada. Quantos talentos enterrados, e quantos néscios em evidência! Que detestável política haver extinguido a emulação!" — O senhor de Marsais pleiteava, sem querer, a sua própria causa; vira-se reduzido a ensinar latim, quando teria prestado grandes serviços ao Estado se lhe houvessem dado um cargo público. Conheço rabiscadores de papel que teriam enriquecido uma província se estivessem no lugar daqueles que a roubaram. Mas, para obter esse lugar, é preciso ser filho de um rico que nos deixe com que comprar um cargo, um ofício, e o que se chama uma *dignidade.*

Assegurava Marsais que um Montaigne, um Charron, um Descartes, um Gassendi, um Bayle, jamais teriam condenado às galés estudantes que defendessem teses contrárias à filosofia de Aristóteles, nem teriam mandado queimar o cura Urbano Grandier, o cura Ganfredi, e que não teriam etc. etc.

V

Não faz muito que o cavaleiro Roginante, gentil-homem ferrarense, querendo constituir uma coleção de quadros da escola flamenga, foi adquiri-los em Amsterdã. Negociou um belo Cristo com o senhor Vandergru.

— Será possível — disse o ferrarense ao batavo — que o senhor, que não é cristão (pois que é holandês), tenha em casa um Jesus?

— Sou cristão e católico — respondeu o sr. Vandergru sem se zangar; e vendeu o seu quadro bastante caro.

— Acredita então que Jesus Cristo é Deus? — perguntou-lhe Roginante.

— Naturalmente — retrucou Vandergru.

Um outro amador, que residia à porta contígua, era sociniano. Vendeu-lhe uma Sagrada Família.

— Que pensa do filho? — indagou o ferrarense.

— Penso — respondeu o outro — que foi a criatura mais perfeita que Deus pôs no mundo.

Dali, dirigiu-se o ferrarense ao estabelecimento de Moisés Mancebo, que apenas tinha belas paisagens, e nenhuma Sagrada Família. Roginante perguntou-lhe por que não se encontravam tais assuntos em sua casa.

— É porque nós execramos essa família — disse ele.

Roginante passou por casa de um famoso anabatista, que tinha os mais belos filhos do mundo. Perguntou-lhes em que Igreja haviam sido batizados.

— Ora, senhor! Nós, graças a Deus, ainda não somos batizados.

Ainda não chegara Roginante à metade da rua e já tinha visto uma dúzia de seitas inteiramente opostas umas às outras. Disse-lhe então o sr. Sacrito, seu companheiro de viagem:

— Escapemo-nos depressa, que chegou a hora da Bolsa: toda essa gente vai sem dúvida engalfinhar-se, segundo o antigo costume, pois todos pensam de modo diverso; e o populacho dará cabo de nós, por sermos súditos do papa.

Muito espantados ficaram quando viram todas aquelas excelentes criaturas saírem de casa com os empregados, cumprimentar-se polidamente e dirigir-se para a Bolsa. Naquele dia, contando os armênios e os jansenistas, havia ao todo cinqüenta e três religiões no local. Negociaram cerca de cinqüenta e três milhões, da maneira mais pacífica do mundo, e o ferrarense voltou à sua terra, onde encontrou mais *Agnus Dei* do que letras de câmbio.

Vê-se todos os dias a mesma cena em Londres, em Hamburgo, em Danzig, na própria Veneza etc. Mas o que vi de mais edificante foi em Constantinopla.

Há cinqüenta anos tive a honra de assistir à instalação de um patriarca grego, pelo sultão Achmet III, a quem Deus haja. Entregou ele ao sacerdote cristão o anel e o báculo. Realizou-se em seguida uma procissão de cristãos na rua Cleóbulo; dois janízaros marchavam à frente da procissão. Tive o prazer de comungar publicamente na igreja patriarcal, e só dependeu da minha vontade obter um canonicato.

Confesso que, no meu regresso a Marselha, fiquei muito espantado de não encontrar ali uma mesquita. Externei minha surpresa ao senhor intendente e ao senhor bispo. Disse-lhes que isso era muito incivil e que, se os cristãos tinham igrejas entre os muçulmanos, podia-se pelo menos

fazer aos turcos a galanteria de algumas capelas. Prometeram-me ambos escrever para as Cortes; mas o assunto ficou nesse pé, devido à constituição *Unigenitus*.

Ó meus irmãos jesuítas, não fostes tolerantes, e não o são para convosco. Consolai-vos; outros por sua vez se tornarão perseguidores, e serão, por sua vez, execrados.

VI

Há poucos dias, contava eu essas coisas ao senhor de Boucacous, languedoquiano exaltado e huguenote zeloso.

— Está vendo?! — exclamou ele. — Tratam-nos então em França como aos turcos: a eles recusam mesquitas e a nós não concedem templos!

— Quanto às mesquitas — disse eu —, os turcos ainda não as pediram; e aventuro-me a afirmar que obterão tantas quantas quiserem, pois que são nossos bons aliados. Mas duvido muito que restabeleçam os vossos templos, apesar de toda a polidez de que fazemos gala. A razão disso é que os huguenotes são um tanto inimigos nossos.

— Inimigos vossos! — exclamou o senhor de Boucacous. — Nós que somos os mais ardentes servidores do rei!.

— É que sois demasiado ardentes, que fizestes nove guerras civis, sem contar os massacres de Cévennes.

— Mas se fizemos guerras civis, é porque nos cozinhavam em praça pública e afinal a gente se cansa de ser cozido, não há paciência de santo que o agüente. Que nos deixem em paz, e juro que seremos os mais fiéis dos súditos.

— É justamente o que fazem. Fecham os olhos, e vos permitem especular à vontade, tendes liberdade suficiente.

— Linda liberdade! — exclamou o senhor de Boucacous. — Mal nos reunimos quatro ou cinco mil, para cantar salmos em pleno campo, logo chega um regimento de dragões, que nos faz voltar para casa. Isso lá é vida? Isso é ser livre?

— Não há nenhum país no mundo — retruquei — onde a gente se possa reunir sem ordem do soberano; toda reunião em bandos é contra a lei. Servi Deus à vossa moda em vossas próprias casas, não atordoeis ninguém com urros a que chamais *música.* Pensais que Deus há de ficar muito contente quando cantais os seus mandamentos com a música de *Desperta, ó bela adormecida,* e quando dizeis com os judeus, falando de um povo vizinho: "Feliz aquele que pegar em teus filhos e der com eles nas pedras?".[28] Será que Deus quer absolutamente que arrebentem as cabeças das criancinhas? Será isso humano? E, de resto, gostará Deus de maus versos e pior música?

O senhor de Boucacous interrompeu-me, indagando se acaso valia mais o latim de cozinha de nossos salmos.

— Certamente que não — respondi. — E acredito até que haja um pouco de esterilidade de imaginação em só rezarmos a Deus numa tradução bastante viciosa de velhos cânticos de um povo a quem abominamos; somos todos judeus à hora das vésperas, como somos todos pagãos na Ópera.

"Só me desagrada que, por malícia do demônio, sejam as *Metamorfoses* de Ovídio muito mais bem escritas e mais agradáveis que os cânticos judeus; pois cumpre confessar que essa montanha de Sião, e essas fauces de basilisco, e essas colinas que saltam como carneiros, e todas essas repetições fastidiosas, não valem nem a poesia grega, nem a latina, nem a francesa. Por mais que faça o frio Racininho,[29] nunca esse filho desnaturado impedirá (profanamente falando) que o seu pai seja melhor poeta que Davi.

"Mas afinal constituímos a religião predominante em nossa terra; na Inglaterra não vos permitem agrupamentos: por que haveis de exigir essa liberdade em França? Fazei o que quiserdes em casa, e tenho a palavra do senhor governador e do senhor intendente de que, se vos comportardes bem, vos deixarão em paz; só a imprudência tem ocasionado, e ocasionará as perseguições. Acho mau que os vossos casamentos, a situação de vossos filhos, o direito de herança sofram o mínimo obstáculo. Não é justo que vos sangrem e vos purguem porque os vossos pais estiveram doentes. Mas que quereis? Este mundo é um grande Bedlam onde loucos encarceram outros loucos."

Assim falávamos, o senhor de Boucacous e eu, quando vimos passar precipitadamente Jean-Jacques Rousseau.

— Ouça! Aonde vai tão depressa, senhor Jean-Jacques?

— Vou fugindo, pois Joly de Fleury afirmou, num requisitório, que eu pregava contra a intolerância e contra a existência da religião cristã.

— Ele quis dizer *evidência* — respondi-lhe. — Não nos queimemos por uma palavra.

— Ah, meu Deus! — tornou Jean-Jacques —, bem queimado estou; por toda parte lançam ao fogo o meu livro. Saio de Paris como o senhor D'Assouci de Montpellier, de medo que queimem a minha pessoa.

— Isso acontecia no tempo de Anne du Bourg e de Michel Servet, mas agora já se é mais humano. Que espécie de livro é esse que queimaram?

— Eu educava, à minha maneira, um rapazinho, em quatro tomos. Sentia que talvez me tornasse enfadonho; e resolvi, para arejar a matéria, incluir habilmente umas cinqüenta páginas em favor do teísmo. Julguei que, dizendo injúrias aos filósofos, o meu teísmo passaria, mas estava muito enganado.

— E que quer dizer teísmo?

— É a adoração de um Deus, enquanto não estou mais bem informado.

— Ah! se este é o seu único crime, não se aflija. Mas por que injuriar os filósofos?

— Fiz mal — confessou ele.

— Mas como se tornou teísta, senhor Jean-Jacques? Que cerimônia é preciso para isso?

— Nenhuma. Nasci protestante, cortei tudo o que os protestantes condenam na religião romana. Em seguida, cortei tudo o que as outras religiões condenam no protestantismo. Só me restou Deus. Adorei-o. E Joly de Fleury apresentou um requisitório contra mim.

Falamos então a fundo do teísmo com Jean-Jacques, o qual nos informou que havia trezentos mil teístas em Londres, e cerca de cinqüenta mil apenas em Paris, pois os parisienses nunca chegam a nada senão muito depois dos ingleses; haja vista a inoculação, a gravitação, a semeadeira etc. etc. Acrescentou que o Norte da Alemanha formigava de teístas e de gente que se batia bem.

O senhor de Boucacous ouviu atentamente e prometeu fazer-se teísta. Quanto a mim, fiquei firme. Não sei no entanto se queimarão este escrito, como uma obra de Jean-Jacques, ou uma pastoral de bispo; mas um mal

que nos ameaça nem sempre me impede de ser sensível aos males de outrem; e, como tenho bom coração, lamentei as atribulações de Jean-Jacques.

VII

Reduzidos à miséria, que era o seu estado natural, os companheiros de Polichinelo associaram-se com alguns ciganos, saindo a percorrer as aldeias. Chegaram a uma cidadezinha e alojaram-se num quarto andar, onde começaram a fabricar drogas, o que os ajudou a subsistir, por algum tempo. Chegaram até a curar da sarna o fraldiqueiro de uma dama de consideração; os vizinhos clamaram que era um milagre; mas, apesar de toda a sua habilidade, o bando não fez fortuna.

Lamentavam-se de sua obscuridade e miséria, quando ouviram um dia um ruído acima das suas cabeças, como o de um carrinho de mão que estivesse a rodar. Subiram ao quinto andar e ali encontraram um homem que fabricava fantoches, chamava-se Bienfait; e tinha justamente o talento necessário à sua arte.

Não se entendia patavina do que ele dizia, mas tinha uma algaravia bastante passável; e não faziam mal os seus bonecos. Um companheiro, igualmente versado em algaravia, assim lhe falou:

— Cremos que estais destinado a ressuscitar os nossos títeres; pois lemos em Nostradamus estas palavras textuais: *nelo chi li porata cisus res fait en bi,* as quais, tomadas às avessas, significam evidentemente: *Bienfait ressuscitará Polichinelo.* O nosso foi engolido por um sapo, mas encontramos o seu chapéu, a sua bossa e a sua gaita. Vós fornecereis o fio de arame. Creio aliás que vos será fácil lhe fabricardes um bigode semelhante ao que ele possuía; e, quando estivermos associados, é de esperar considerável lucro. Elevaremos Polichinelo à custa de Nostradamus, e Nostradamus à custa de Polichinelo.

O senhor Bienfait aceitou a proposta. Perguntaram-lhe o que queria pelo seu trabalho.

— Eu quero — disse ele — muitas honrarias e muito dinheiro.

— Não temos nada disso — respondeu o orador do bando —, mas, com o tempo, tudo se consegue.

O senhor Bienfait juntou-se, pois, com os ciganos, e foram todos a Milão, inaugurar o seu teatro, sob a proteção da senhora Carminetta. Anunciaram que o mesmo Polichinelo que fora engolido por um sapo da aldeia do cantão de Appenzeli reapareceria no teatro de Milão e dançaria com a senhora Gigogne. Por mais que protestassem os vendedores de electuário, o senhor Bienfait, que também possuía o segredo da sua fabricação, sustentou que o seu era o melhor; vendeu muito às mulheres, que eram loucas por Polichinelo, e ficou tão rico que se tornou diretor da companhia.

Logo que obteve o que queria (e o que todos querem), isto é, honrarias e bens, mostrou-se muito ingrato com a senhora Carminetta. Comprou uma bela casa fronteira à da sua benfeitora e descobriu o segredo de fazer que seus sócios a pagassem. Não mais o viram cortejar a senhora Carminetta; pelo contrário, fez questão que esta fosse almoçar em casa dele, e, no dia em que ela se dignou comparecer, mandou fechar-lhe a porta no nariz etc.

VIII

Como nada houvesse compreendido do precedente capítulo de Merri Hissing, fui à casa de meu amigo sr. Husson, para solicitar uma explicação. Disse-me que era uma profunda alegoria a repeito do padre La Valette, negociante falido da América. Mas que fazia muito que não se preocupava com essas tolices, nunca ia aos fantoches e que naquela noite representavam *Polyeucte,* a que ele queria assistir. Acompanhei-o ao teatro.

Durante o primeiro ato, o sr. Husson não parava de sacudir a cabeça. Perguntei-lhe, no intervalo, por que sua cabeça sacudia tanto.

— Confesso — disse ele — que estou indignado com esse tolo Polyeucte e com esse impudente Nearco. Que me diria de um genro do senhor governador de Paris que fosse huguenote e que, acompanhando o

sogro a Notre-Dame no dia da Páscoa, espatifasse o cibório e o cálice e se pusesse a dar pontapés na barriga do arcebispo e dos cônegos? Estaria justificado se nos dissesse que somos uns idólatras? E que isso ele o soubera por intermédio do senhor Lubolier, pregador de Amsterdã, e do senhor Morfié, compilador de Berlim, autor da *Biblioteca Germânica*, o qual por sua vez o soubera pelo pregador Urieju? Eis a fiel imagem do procedimento de Polyeucte. Acaso pode a gente interessar-se por esse vulgar fanático, seduzido pelo fanático Nearco?

Assim me dizia ele amigavelmente a sua opinião, nos entreatos. Pôs-se a rir quando viu Polyeucte ceder a mulher ao rival, e achou-a um pouco burguesa quando ela diz ao amante que vai para o quarto, em vez de ir com ele à igreja:

Adieu, trop vertueux objet, et trop charmant;
Adieu, trop généreux et trop parfait amant;
Je vais seule en ma chambre enfermer mes regrets.[30]

Mas admirou a cena em que ela implora ao amante o perdão do marido.

— Há aqui — disse ele — um governador da Armênia que é mesmo o mais covarde, o mais baixo dos homens; esse, o pai de Paulina, chega a confessar que tem os sentimentos de um patife:

Polyeucte est ici l'appui de ma famille;
Mais si par son trépas l'autre épousait ma fille,
J'acquerrais bien par là de plus puissants appuis,
Qui me mettraient plus haut cent fois que je ne suis.[31]

Um procurador no Châtelet não poderia pensar nem se exprimir de outro modo. Há boas almas que engolem tudo isso, eu não sou desses. Se tais misérias podem entrar numa tragédia do país das Gálias, cumpre queimar o *Édipo* dos Gregos.

O sr. Husson é um homem rude. Fiz o possível para abrandá-lo; mas nada consegui. Ele persistiu na sua idéia, e eu na minha.

IX

Deixamos o senhor Bienfait muito rico e muito insolente. Tanto fez, que foi reconhecido como empreiteiro de grande número de fantoches. Logo que se viu investido dessa dignidade, passeou Polichinelo por todas as cidades, mandando afixar que todos teriam de chamar *Senhor* ao fantoche, sem o que, este não representaria. Vem daí que, em todos os espetáculos de fantoches, ele só responde ao comparsa quando o comparsa o chama de senhor Polichinelo. Pouco a pouco se tornou Polichinelo tão importante que não deram mais nenhum espetáculo sem lhe pagar uma retribuição, como as óperas da província pagam uma à Ópera de Paris.

Um dia o porteiro e varredor do teatro foi despedido e revoltou-se contra Bienfait, abrindo outro teatro de fantoches, que desacreditaram todas as danças da senhora Gigogne e todos os truques de Bienfait. Cortou mais de cinqüenta ingredientes que entravam no electuário, compôs o seu com cinco ou seis drogas e, vendendo-o muito mais barato, arrebatou uma infinidade de fregueses a Bienfait; o que suscitou um furioso processo, e houve tremendas brigas, durante muito tempo à porta do teatro, na feira.

X

O sr. Husson falava-me ontem de suas viagens. Com efeito, passou vários anos no Levante, foi à Pérsia, demorou-se nas Índias e viu toda a Europa.

— Observei — dizia-me ele — que há um número prodigioso de judeus que esperam o Messias e que prefeririam deixar-se empalar a confessar que ele já veio. Vi milhares de turcos persuadidos de que Maomé escondia metade da Lua na manga. O populacho, de um extremo a outro da Terra, acredita piamente nas coisas mais absurdas. No entanto, se um filósofo tiver de dividir um escudo com o mais imbecil desses infelizes em que a razão humana se acha tão horrivelmente obscurecida, é certo que o imbecil levará a melhor. Como é que toupeiras tão cegas quanto ao maior dos interesses são uns verdadeiros linces nos menores? Por que é que o mesmo judeu que nos esfola na sexta-feira não roubaria um ceitil no

sábado? Essa contradição da espécie humana bem merece um detido exame.

— Não será — disse eu — porque os homens são supersticiosos por costume e velhacos por instinto?

— Vou pensar nisso — respondeu-me o sr. Husson —, essa idéia me parece bastante apreciável.

XI

Depois da aventura do porteiro, Polichinelo passou por muitas desgraças. Os ingleses, que são raciocinadores e sombrios, preferiram-lhe Shakespeare; mas alhures as suas farsas têm estado muito em voga; e, não fora a ópera-bufa, o seu teatro seria o primeiro dos teatros. Houve muitas querelas com Scaramouche e Arlequim, e ainda não se sabe quem ganhará. Mas...

XII

— Mas, meu caro senhor — dizia eu —, como se pode ser ao mesmo tempo tão bárbaro e tão divertido? Como é que na história de um povo pode haver ao mesmo tempo S. Bartolomeu e os contos de La Fontaine etc.? Será efeito do clima? Será efeito das leis?

— O gênero humano — respondeu o sr. Husson — é capaz de tudo. Nero chorou quando teve de assinar a sentença de morte de um criminoso, representou farsas, e assassinou a mãe. Os macacos fazem coisas engraçadíssimas e esganam os filhos. Nada mais suave, mais tímido que uma galga, mas estraçalha uma lebre e mergulha o longo focinho no sangue da vítima.

— O senhor deveria — disse-lhe eu — escrever um belo tratado em que desenvolvesse todas essas contradições.

— Esse tratado já está pronto — respondeu-me. — É só olharmos para um catavento: gira, ora ao suave bafejo do zéfiro, ora ao sopro violento do aquilão: eis o homem.

XIII

Nada pode ser por vezes mais conveniente do que amar a uma prima. Pode-se também amar a própria sobrinha, mas custa dezoito mil libras, pagáveis em Roma, para desposar uma prima, e oitenta mil francos para dormir com a sobrinha em legítimo matrimônio.

Calculando quarenta casamentos por ano de tios com sobrinhas e cem entre primos, eis aí seis milhões e oitocentas mil libras em sacramentos que saem anualmente do reino. Acrescente-se a isto cerca de seiscentos mil francos para o que se chama *as anatas das terras de França,* que o rei de França dá a franceses, em benefícios; juntem-se ainda algumas despesas miúdas; são cerca de oito milhões e quatrocentas mil libras que damos liberalmente ao Santo Padre por ano. Talvez exageremos um pouco; mas convenhamos que, se tivermos muitas primas e sobrinhas bonitas, e se a mortalidade se coloca entre os beneficiários, a soma pode chegar ao dobro. Seria um pesado fardo, quando temos de construir navios, pagar exércitos e rendeiros.

Espanta-me que, entre a enorme quantidade de livros, cujos autores vêm governando há vinte anos o Estado, em nenhuma se tenha pensado em sanar tais abusos. Pedi a um doutor da Sorbonne meu amigo que me dissesse em que passagem das Escrituras se encontra que a França deva pagar a Roma a supradita quantia: nunca a pôde encontrar. Falei a um jesuíta: respondeu-me que tal imposto fora lançado por S. Pedro sobre as Gálias, logo no primeiro ano em que foi a Roma; e como eu duvidava que S. Pedro tivesse feito tal viagem, o jesuíta convenceu-me, dizendo que ainda se vêem em Roma as chaves do Paraíso que ele carregava sempre à cinta. “É verdade — disse-me ele — que nenhum autor canônico fala da

tal viagem desse Simão Barjonas; mas temos uma bela carta dele, datada de Babilônia: ora, certamente *Babilônia* quer dizer *Roma;* deveis, pois, dinheiro ao papa, quando casais com as vossas primas.” Confesso que fiquei impressionado com a força desse argumento.

XIV

Tenho um velho parente que serviu ao rei durante cinqüenta e dois anos. Retirou-se para a alta Alsácia, onde possui uma pequena terra que cultiva, na diocese de Porentru. Quis um dia dar a última lavra a seu campo; a estação ia avançada, o serviço urgia. Os empregados recusaram-se, dando como motivo ser aquele o dia de Santa Bárbara, a santa mais festejada em Porentru.

— Mas meus amigos — observou-lhes meu parente —, já estivestes na missa em honra de Bárbara, destes a Bárbara o que lhe pertence, dai-me a mim o que me deveis: cultivai meu campo em vez de ir à taverna; Santa Bárbara ordena acaso que a gente se embriague para lhe prestar honras e que não falte trigo este ano?

— Senhor — disse-lhe o capataz —, bem sabeis que perderia minha alma se trabalhasse num dia santo; Santa Bárbara é a maior santa do Paraíso; ela gravou o sinal-da-cruz em uma coluna de mármore, com a ponta do dedo; e, com o mesmo dedo e com o mesmo sinal, fez cair todos os dentes a um cachorro que lhe mordera as nádegas: não trabalharei no dia de Santa Bárbara.

Meu parente mandou procurar trabalhadores luteranos e seu campo foi cultivado. O bispo de Porentru excomungou-o. Meu parente apelou do abuso; o processo ainda não foi julgado. Ninguém por certo está mais persuadido de que o meu parente de que cumpre venerar os santos, mas acha também que é preciso cultivar a terra.

Suponho que haja em França cerca de cinco milhões de operários, simples trabalhadores ou artesãos, que ganham, cada um, em média, vinte “sous” por dia e que são devotamente forçados a nada ganhar durante trinta dias do ano, não contando os domingos; isso importa em cento e

cinqüenta milhões a menos na circulação, e cento e cinqüenta milhões a menos em mão-de-obra. Que prodigiosa superioridade não devem ter sobre nós os reinos vizinhos, que não possuem nem Santa Bárbara nem arcebispo de Porentru! Respondiam a esta objeção que as tavernas abertas nos dias santos dão muito lucro. Meu parente concordava, mas pretendia que era uma leve indenização e que, por outro lado, se se pode trabalhar após a missa, pode-se muito bem ir à taberna depois do trabalho. Sustenta que é um assunto puramente da alçada da polícia, e nada tem de episcopal; sustenta que vale mais lavrar do que se embriagar. Tenho muito medo de que ele perca o processo.

XV

Faz alguns anos, viajando eu pela Borgonha, em companhia do sr. Evrard, que todos vós conheceis, vimos um vasto palácio em construção. Perguntei a que príncipe pertencia. Respondeu-me um pedreiro que pertencia ao senhor abade de Citeaux; que a construção fora orçada em um milhão e setecentas mil libras, mas que provavelmente custaria muito mais.

Abençoei a Deus, que pusera seu servidor em condições de erguer tão belo monumento e de espalhar tanto dinheiro pelo país.

— Está brincando? — disse o senhor Evrard. — Não é abominável que a ociosidade seja recompensada com duzentas e cinqüenta mil libras de renda, e que a abnegação de um pobre cura de campanha seja punida com uma côngrua de cem escudos? Não é essa desigualdade a coisa mais injusta e odiosa do mundo? Que sucederá ao Estado quando um monge for alojado num palácio de dois milhões? Vinte famílias de pobres oficiais, que compartilhassem desses dois milhões, teriam cada qual uma fortuna decente e dariam ao rei novos oficiais. Os monges, que são hoje súditos inúteis de um dos seus, por eles eleito, se tornariam membros do Estado, ao passo que não são mais do que cancros que o corroem.

— O senhor vai muito longe e muito depressa — respondi —, tenha paciência: o que me diz acontecerá certamente daqui a duzentos ou

trezentos anos.

— É precisamente porque só acontecerá dentro de dois ou três séculos que eu perco toda paciência; estou cansado de todos os abusos a que assisto: parece-me que marcho nos desertos da Líbia, onde o nosso sangue é sugado por insetos quando os leões não nos devoram.

— Eu tinha — continuou ele — uma irmã bastante imbecil para ser jansenista de boa-fé, e não por espírito partidário. A bela aventura dos certificados de confissão[32] a fez morrer de desespero. Meu irmão tinha um processo que fora ganho em primeira instância e de que dependia a sua fortuna. Não sei como aconteceu, mas os juízes pararam de distribuir justiça, e o meu irmão ficou arruinado. Tenho um velho tio crivado de ferimentos, que transportava seus móveis e baixela de uma província a outra; comissários espertos apreenderam tudo, sob o pretexto do não-preenchimento de uma pequena formalidade; meu tio não pôde pagar os três vigésimos, e morreu na prisão.

O sr. Evrard contou-me aventuras desse gênero durante duas horas inteiras.

— Meu caro senhor Evrard, passei por muito piores que o senhor; os homens são todos a mesma coisa, de um extremo a outro do mundo; supomos que só existem abusos em nossa terra; somos os dois como Astolphe e Joconde, que pensavam a princípio que só as suas mulheres eram infiéis; puseram-se a viajar, e encontraram por toda parte gente da sua confraria.

— Sim — disse o sr. Evrard —, mas tiveram o prazer de devolver por toda parte o que generosamente lhes haviam emprestado em casa.

— Pois trate — disse-lhe eu — de ser apenas durante três anos diretor de... ou de... ou de... e o senhor se vingará com usura.

O sr. Evrard acreditou-me; é agora em França o homem que rouba ao rei, ao Estado e aos particulares da maneira mais nobre, que tem o melhor passadio e que julga mais convencidamente uma nova peça de teatro.

O Ingênuo

HISTÓRIA VERDADEIRA, TIRADA DOS MANUSCRITOS DO PADRE QUESNEL

Os romances indianistas estiveram em grande voga na França no século XVIII. A moda chegou mesmo a invadir toda a literatura e encheram-se de caraíbas, hurões e incas os poemas e as peças de teatro. As obras mais marcantes dessa copiosa produção são as Cartas de uma Peruana*, da sra. de Graffigny,* Zimeo*, de Saint Lambert, e o delicioso romance aqui traduzido. Acerca desse movimento indianista e do lugar nele ocupado por Voltaire, vejam-se o prefácio de Chinard, nesta edição, e o livro do sr. Afonso Arinos de Melo Franco:* O índio brasileiro e a Revolução Francesa.

O interesse deste romance em que Voltaire volta, após o sarcasmo de Cândido*, à fantasia menos cruel de seus primeiros contos está em consistir ele numa exposição crítica da tese de J.-J. Rousseau sobre o homem natural. O princípio é bem característico da filosofia do genebrino: o Ingênuo é honesto, franco, espanta-se com nossas ridículas convenções, mas a conclusão se revela contrária à idéia da volta à natureza.*

O Ingênuo *apareceu em 1767 sem nome de autor, numa edição de Utrecht que, na realidade, deve ser de Genebra.*

Voltaire, negando a autoria da obra, escreve a seu amigo d'Alembert: "Não existe esse Ingênuo, não o escrevi, não o teria feito jamais; sou inocente como uma pomba e quero ter a prudência da serpente". Atribui a obra a um "tal sr. Laurens", autor do Compadre Mathieu. *Sentia aproximar-se a tempestade.*

O livro foi proibido em França, o que não o impediu de alcançar um enorme êxito. Ao contrário. Marmontel tirou do romance uma comédia em dois atos e um verso, "O Hurão" (1768). O romantismo voltou ao tema, e Chateaubriand, em Os Natchez*, passeia igualmente o selvagem Chactas pela sociedade francesa.*

S. M.

Capítulo I

Como o prior de Nossa Senhora da Montanha e a senhorita sua irmã encontraram um hurão

Um dia S. Dunstan, irlandês de nacionalidade e santo de profissão, partiu da Irlanda a bordo de uma pequena montanha que navegou para as costas da França, indo arribar à baia de Saint-Malo. Depois do que, deu ele a bênção à sua montanha, a qual lhe fez profundas reverências e voltou para a Irlanda pelo mesmo caminho por onde tinha vindo.

Dunstan fundou ali um pequeno priorado dando-lhe o nome de *priorado da Montanha,* denominação que ainda hoje conserva, como todos sabem.

Ora, na tarde de 15 de julho de 1689, o abade de Kerkabon, prior de Nossa Senhora da Montanha, passeava à beira-mar com a senhorita de Kerkabon, sua irmã, para tomar a fresca. O prior, já um tanto avançado em idade, era um excelente eclesiástico, muito amado pelos seus paroquianos, depois de o ter sido outrora pelas suas paroquianas. O que lhe valera sobretudo grande consideração é que era o único clérigo da província que não precisava ser carregado para o leito depois de cear com os seus confrades. Sabia muito corretamente a sua teologia e, quando cansado de ler Santo Agostinho, divertia-se com Rabelais: de modo que todos diziam bem dele.

A senhorita de Kerkabon, que jamais havia casado, embora vontade não lhe faltasse, ainda não perdera o frescor aos quarenta e cinco anos; boa e sensível de gênio, gostava de divertimentos e era devota.

Dizia o prior à irmã, olhando o mar:

— Ah! foi aqui que embarcou o nosso pobre irmão, com a nossa querida cunhada, a senhora de Kerkabon, sua esposa, na fragata

Hirondelle, em 1669, para ir servir no Canadá. Se não o tivessem matado, poderíamos ter a esperança de tornar a vê-lo.

— Acreditas — dizia a senhorita de Kerkabon — que a nossa cunhada tenha sido devorada pelos iroqueses, como nos disseram? É certo que, se não a tivessem comido, teria voltado à sua terra. Hei de chorá-la toda a vida: era uma mulher encantadora; e nosso irmão, que era bastante inteligente, teria feito uma bela fortuna.

Enquanto assim se comoviam a tais lembranças, viram entrar na baía de Rance uma pequena embarcação que chegava com a maré: eram ingleses que vinham vender alguns gêneros de seu país. Saltaram em terra, sem se preocupar com o senhor prior nem com a senhorita sua irmã, que ficou muito chocada com a desatenção.

Não sucedeu o mesmo com um jovem de excelente compleição que, saltando por cima da cabeça de seus companheiros, veio cair de pé em frente à senhorita. Cumprimentou-a com a cabeça, pois, pelos modos, não aprendera a fazer reverência. Seu aspecto e sua indumentária atraíram os olhares do irmão e da irmã. Tinha a cabeça descoberta, as pernas nuas, longas tranças, pequenas sandálias, e um gibão que lhe modelava o talhe esbelto; e um ar ao mesmo tempo viril e bondoso. Trazia numa das mãos uma pequena garrafa de água de Barbados, e na outra uma espécie de bolsa na qual havia uma caneca e bolachas. Falava francês de um modo bastante inteligível. Ofereceu água de Barbados à senhorita de Kerkabon e ao senhor seu irmão; bebeu com ambos; fê-los beber de novo; e tudo isso com um ar tão simples e natural que o irmão e a irmã ficaram encantados. Ofereceram-lhe seus préstimos, perguntando-lhe quem era e aonde ia. O jovem lhes respondeu que não sabia ao certo, pois era um simples curioso que quisera saber como eram as costas de França e que, como ali chegara, logo se retiraria.

Julgando, pelo seu acento, que ele não era inglês, tomou o prior a liberdade de lhe perguntar qual o seu país de origem.

— Eu sou hurão — respondeu-lhe o jovem.

A senhorita de Kerkabon, espantada e encantada de ver um hurão que a cumulara de atenções, convidou o jovem para jantar; este não se fez de rogado e dirigiram-se os três para o priorado de Nossa Senhora da Montanha.

A miúda e rechonchuda senhorita não tirava dele os seus olhinhos e dizia de vez em quando ao prior:

— Esse rapagão tem uma pele de lírio e rosas! Que bela tez para um hurão!

— Tens razão, minha irmã — dizia o prior.

Ela fazia cem perguntas seguidas, a que o viajante sempre respondia com toda a justeza.

Logo se espalhou o rumor de que havia um hurão no priorado. A alta sociedade do cantão apressou-se em comparecer. O padre de St. Yves veio acompanhado da senhorita sua irmã, jovem baixa-bretã, muito bonita e muito bem-educada. O bailio, o recebedor de impostos e suas respectivas mulheres não faltaram à ceia. Colocaram o estrangeiro entre a senhorita de Kerkabon e a senhorita de St. Yves. Todos o olhavam com admiração, todos lhe falavam e interrogavam ao mesmo tempo; o hurão não perdia a compostura. Parecia haver tomado por divisa a de milorde Bolingbroke: *nihil admirari*. Afinal, cansado de tanto barulho, disse-lhes suavemente, mas com firmeza:

— Senhores, na minha terra fala um depois do outro: como querem que lhes responda, se me impedem de ouvi-los?

A razão sempre faz com que os homens se compenetrem por alguns momentos. Estabeleceu-se um grande silêncio. O senhor bailio, que sempre se apoderava dos estranhos em qualquer parte onde se achasse, e que era o maior perguntador da província, indagou, abrindo uma boca de palmo e meio:

— Como se chama o senhor?

— Sempre me chamaram *o Ingênuo,* nome este que me foi confirmado na Inglaterra, porque eu sempre digo singelamente o que penso e faço tudo o que quero.

— Mas como, tendo nascido hurão, foi o senhor parar na Inglaterra?

— É que me levaram para lá. Em combate, fui feito prisioneiro pelos ingleses, depois de me haver defendido o mais que pude. E os ingleses, que apreciam a bravura, porque são bravos e tão direitos como os hurões, propuseram-me devolver-me a meus país ou levar-me para a Inglaterra. Aceitei a última oferta, pois gosto imenso de ver terras novas.

— Mas — disse o bailio com o seu tom imponente — como pode o senhor abandonar assim o seu pai e a sua mãe?

— É que nunca conheci nem pai nem mãe — respondeu o estrangeiro.

Não houve quem não se comovesse, e todos repetiam: *Nem pai nem mãe!*

— Nós lhe serviremos de pai e mãe — disse a dona da casa ao prior. — Como é interessante esse senhor hurão!

O Ingênuo agradeceu-lhe com uma nobre e altiva cordialidade, e deu-lhe a entender que não tinha necessidade de coisa alguma.

— Vejo, senhor Ingênuo — disse o grave bailio —, que o seu francês é excelente para um hurão.

— Um francês — disse ele — que os hurões haviam aprisionado quando eu era pequenino, e a quem dediquei grande amizade, ensinou-me a sua língua; aprendo muito depressa o que quero aprender. Ao chegar a Plymouth, encontrei um desses refugiados franceses a que chamam *huguenotes,* não sei por quê; fiz com ele alguns progressos no conhecimento de vossa língua e, logo que me pude exprimir inteligivelmente, vim visitar o vosso país, pois aprecio bastante os franceses quando eles não fazem muitas perguntas.

O abade de St. Yves, apesar dessa pequena advertência, perguntou-lhe qual das três línguas preferia: o hurão, o inglês ou o francês.

— O hurão, sem dúvida nenhuma.

— Será possível? — exclamou a senhorita de Kerkabon. — Eu sempre julguei que o francês fosse a mais bela de todas as línguas, depois do baixo-bretão.

Choveram então as perguntas. Como se dizia *fumo* em hurão? *Taya,* respondia o Ingênuo. Como se dizia *comer? Essenter,* respondia ele. A senhorita de Kerkabon fez absoluta questão de saber como se dizia *amar;* ele respondeu-lhe que isso era *trovander,** e sustentou, não sem razão, que tais palavras nada ficavam a dever às suas correspondentes em francês e inglês. *Trovander* pareceu muito bonito a todos os convivas.

O prior, que tinha na biblioteca uma gramática da língua huronesa, que lhe dera de presente o reverendo padre Sagard-Théodat, recoleto e famoso missionário, retirou-se da mesa um momento, para ir consultá-la. Voltou arquejante de enternecimento e alegria. Reconheceu o Ingênuo como um verdadeiro hurão. Discutiram um pouco sobre a multiplicidade das línguas e chegaram à conclusão de que, se não fora a aventura da torre de Babel, a terra inteira estaria falando francês.

O interrogador bailio, que até então desconfiara um pouco do personagem, começou a considerá-lo com profundo respeito; falou-lhe com mais civilidade que antes, coisa de que o Ingênuo não se apercebeu.

A senhorita de St. Yves estava muito curiosa por saber como se amava na terra dos hurões.

— Praticando belas ações — respondeu ele — para agradar às pessoas que se parecem com a senhorita.

Todos os convivas aplaudiram com admiração. A senhorita de St.-Yves enrubesceu, e sentiu-se muito bem. A senhorita de Kerkabon igualmente enrubesceu, mas não se sentiu tão bem, um pouco melindrada de que a galanteria não se dirigisse a ela, mas tinha tão bom coração que isso em nada diminuiu o seu afeto pelo visitante. Perguntou-lhe amavelmente quantas namoradas tivera ele na Hurônia.

— Só tive uma — respondeu o Ingênuo. — Era Abacaba, a boa amiga de minha querida ama; os juncos não eram mais retos, o arminho mais branco, as ovelhas menos macias, as águias menos altivas, nem os cervos mais rápidos do que Abacaba. Ela perseguia um dia uma lebre pelas vizinhanças, a cerca de cinqüenta léguas da nossa casa. Um algonquino mal-educado, que habitava cem léguas além, veio arrebatar-lhe a sua lebre; mal o soube, acorri, derrubei o algonquino com um golpe de maça, amarrei-o e fui depô-lo aos pés de Abacaba. Os pais de Abacaba queriam comê-lo; mas nunca me agradei dessa espécie de festins; restituí-lhe a liberdade e fiz dele um amigo. Abacaba ficou tão impressionada com a minha ação, que me preferiu a todos os seus pretendentes. E ainda me amaria, se não tivesse sido devorada por um urso. Castiguei o urso, usei durante muito tempo a sua pele, mas isso não me consolou.

A senhorita de St. Yves sentia um secreto prazer ao ouvir que o Ingênuo só tivera uma bem-amada e que Abacaba não mais existia; mas não discernia a causa de seu prazer. Todos fixavam os olhos no Ingênuo; louvavam-no muito por não haver permitido que os seus camaradas comessem um algonquino.

O implacável bailio, incapaz de reprimir o seu furor inquisitivo, levou a curiosidade ao ponto de se informar qual era a religião do senhor hurão; se havia escolhido a religião anglicana, ou a galicana, ou a huguenote.

— Eu sou da minha religião — disse ele — como o senhor é da sua.

— Ah! — exclamou a Kerkabon —, bem se vê que esses engraçados ingleses nem ao menos pensaram em batizá-lo.

— Meu Deus! — dizia a senhorita de St. Yves — como é possível que os hurões não sejam católicos? Será que os RR. PP. jesuítas não os converteram a todos?

O Ingênuo assegurou que na sua terra não se convertia ninguém; que nunca um verdadeiro hurão mudara de idéias, e que na sua língua nem sequer havia um termo que significasse *inconstância.* Estas últimas palavras agradaram extremamente à senhorita de St. Yves.

— Nós o batizaremos, nós o batizaremos — dizia Kerkabon ao prior —; há de caber-te essa honra, meu caro irmão; faço questão de ser sua madrinha; o senhor de St. Yves o levará à pia; será uma brilhante cerimônia, de que se falará em toda a Baixa Bretanha, o que nos trará grandes honras.

Toda a companhia secundou a dona da casa; todos os convivas gritavam:

— Nós o batizaremos!

O Ingênuo respondeu que na Inglaterra deixavam a gente viver como bem quisesse. Deu a entender que a proposta não lhe agradava absolutamente, e que a lei dos hurões valia pelo menos a lei dos baixo-bretões; enfim, disse que iria embora no dia seguinte. Acabaram de esvaziar a sua garrafa de água de Barbados e foram deitar-se.

Depois que o Ingênuo se recolheu ao quarto, a senhorita de Kerkabon e sua amiga a senhorita de St. Yves não puderam deixar de espiar pelo buraco da fechadura, para ver como dormia um hurão. Viram que havia estendido a roupa do leito no soalho e que repousava na mais bela atitude do mundo.

Capítulo II

O hurão, chamado o Ingênuo, é reconhecido por seus parentes

O Ingênuo, segundo o seu costume, acordou com o sol, ao cantar do galo, que é chamado na Inglaterra e na Hurônia *a trombeta do dia.* Não era como a gente da alta, que enlanguesce num preguiçoso leito, até que o sol

haja feito metade do seu curso, que não pode nem dormir nem se levantar, que perde tantas horas preciosas nesse estado intermediário entre a vida e a morte, e ainda se queixa de que a vida é demasiado curta.

Já fizera duas ou três léguas, tendo abatido, a funda, umas trinta peças de caça, quando, ao regressar, encontrou o prior de Nossa Senhora da Montanha e sua discreta irmã, que passeavam de touca de dormir pelo seu pequeno jardim. Apresentou-lhes a sua caça e, tirando da camisa uma espécie de talismã que trazia sempre ao pescoço, pediu-lhes que o aceitassem como agradecimento pela sua boa recepção.

— É o que eu tenho de mais precioso — lhes disse ele. — Asseguraram-me que eu seria sempre feliz enquanto o usasse. E assim lhes faço este presente, para que sejam sempre felizes.

O prior e sua irmã sorriram comovidos ante a simplicidade do Ingênuo. O referido presente consistia em dois pequenos retratos muito malfeitos, unidos por uma correia bastante sebenta.

A senhorita de Kerkabon perguntou-lhe se havia pintores na Hurônia.

— Não — disse o Ingênuo —, esta raridade me veio da parte de minha ama; o seu marido a adquirira por conquista, despojando alguns franceses do Canadá que haviam travado batalha conosco. É só o que eu sei.

O prior examinava atentamente aqueles retratos; mudou de cor, emocionou-se, as mãos tremeram-lhe.

— Por Nossa Senhora da Montanha — exclamou ele —, creio que é o meu irmão capitão e sua mulher!

A senhorita, depois de os haver examinado com igual emoção, também achou o mesmo. Estavam ambos transidos de espanto e de uma alegria mesclada de sofrimento; ambos se enterneciam; ambos choravam; palpitava-lhes o coração; soltavam gritos; arrancavam um ao outro os retratos; cada qual os tomava e devolvia vinte vezes por segundo; devoravam com os olhos os retratos e o hurão; perguntavam-lhe um após outro, e os dois ao mesmo tempo, em que lugar, em que tempo, de que modo, tinham aquelas miniaturas ido parar às mãos da sua ama; comparavam as datas; lembravam-se de ter tido notícias do capitão até a sua chegada à terra dos hurões; época em que mais nada souberam a seu respeito.

Dissera-lhes o Ingênuo que não conhecera nem pai nem mãe. O prior, que era bom observador, notou que o Ingênuo tinha um pouco de barba e

sabia que os hurões não a têm. “Seu queixo tem barba; o Ingênuo deve ser, portanto, filho de um europeu. Meu irmão e a minha cunhada não mais apareceram depois da expedição contra os hurões em 1669; meu sobrinho devia ser então criança de peito; a ama huronesa lhe salvou a vida e serviu-lhe de mãe.” Enfim, depois de cem perguntas e cem respostas, o prior e sua irmã concluíram que o hurão era o seu próprio sobrinho. Beijavam-no a chorar; e o Ingênuo ria, sem poder imaginar como é que um hurão poderia ser sobrinho de um prior da Baixa Bretanha.

Acorreram todos; o senhor de St. Yves, que era grande fisionomista, comparou os dois retratos com o rosto do Ingênuo; notou habilmente que ele tinha os olhos da mãe, a testa e o nariz do falecido capitão de Kerkabon, e as faces de ambos.

A senhorita de St. Yves, que jamais vira o pai nem a mãe, assegurou que o Ingênuo se lhes assemelhava perfeitamente. Admiravam todos a Providência e o encadeamento dos sucesos deste mundo. Estavam enfim tão persuadidos, tão convictos da origem do Ingênuo, que ele próprio assentiu em ser sobrinho do senhor prior, dizendo que gostaria tanto de o ter por tio como a qualquer outro.

Foram agradecer a Deus na igreja de Nossa Senhora da Montanha, enquanto o hurão, com um ar indiferente, divertia-se em beber em casa.

Os ingleses que o tinham trazido, e que estavam prestes a zarpar, vieram dizer-lhe que era tempo de partir.

— Pelo que vejo — lhes disse o hurão — vocês não encontraram os seus tios: eu fico por aqui; voltem para Plymouth; dou-lhes de presente todos os meus trapos; não tenho necessidade de mais nada no mundo, pois sou sobrinho de um prior.

Os ingleses velejaram, pouco se lhes dando que o hurão tivesse ou não parentes na Baixa Bretanha.

Depois que o tio, a tia e todas as visitas cantaram o *Te Deum*; depois que o bailio encheu o Ingênuo de novas perguntas; depois que esgotaram tudo o que o espanto, a alegria e a ternura podem fazer dizer, o prior da Montanha e o padre de St. Yves resolveram batizá-lo o mais depressa possível. Mas um hurão adulto de vinte e dois anos não estava no mesmo caso de uma criança, a quem se regenera sem que esta fique sabendo coisa alguma. Era preciso doutriná-lo, e isso parecia difícil; pois o abade de St. Yves supunha que um homem que não nascera na França não podia ter senso comum.

O prior observou à companhia que, se de fato o Ingênuo, seu sobrinho, não tivera a ventura de nascer na Baixa Bretanha, nem por isso deixava de ter espírito, o que se poderia avaliar por todas as suas respostas, e que sem dúvida a natureza muito o favorecera, tanto do lado paterno como do materno.

Perguntaram-lhe primeiro se ele já tinha lido algum livro. Respondeu que lera Rabelais traduzido em inglês e alguns trechos de Shakespeare que sabia de cor; que tinha encontrado esses livros com o capitão do navio que o trouxera da América para Plymouth, e que muito lhe haviam agradado. O bailio não deixou de interrogá-lo sobre os referidos livros.

— Confesso — disse o Ingênuo — que julguei adivinhar qualquer coisa, e não entendi o resto.

A estas palavras, o padre de St. Yves refletiu que era assim que ele próprio sempre havia lido, e que a maioria dos homens não lia de outro modo.

— Com certeza já leu a Bíblia, não? — perguntou ele ao Ingênuo.

— Absolutamente, senhor padre; não estava entre os livros do meu capitão, nem nunca ouvi falar nisso.

— Eis como são esses malditos ingleses — gritava a senhorita Kerkabon. — Farão mais caso de uma peça de Shakespeare, de um *plum puding* e de uma garrafa de rum do que do Pentateuco. É por isso que jamais converteram ninguém na América. Certamente são amaldiçoados de Deus; e dentro em pouco nós lhes tomaremos a Jamaica e a Virgínia.

Como quer que fosse, mandaram buscar o mais hábil alfaiate de Saint-Malo para vestir o Ingênuo dos pés à cabeça. O grupo separou-se; o bailio foi fazer suas perguntas noutra parte. A senhorita de St. Yves, ao partir, voltou-se várias vezes, a fim de olhar para o Ingênuo; e fez-lhe reverências mais profundas do que nunca as fizera a ninguém em toda a vida.

Antes de partir, o bailio apresentou à senhorita de St. Yves um paspalhão de filho que acabava de sair do colégio; ela, porém, mal lhe dirigiu o olhar, tão preocupada estava com o hurão.

Capítulo III

O hurão, chamado o Ingênuo, é convertido

O senhor prior, vendo que envelhecia e que Deus lhe enviava um sobrinho para seu consolo, considerou que poderia resignar-lhe o priorado se conseguisse batizá-lo e fazê-lo tomar hábito.

O Ingênuo tinha excelente memória. A firmeza dos órgãos bretãos, fortificada pelo clima do Canadá, tornara-lhe a cabeça tão vigorosa que, quando batiam nela, mal o sentia; e tudo o que lhe gravavam dentro nunca se apagava; jamais esquecera coisa alguma. E tanto mais viva e nítida era a sua concepção, porquanto a sua infância não fora sobrecarregada com as inutilidades e tolices que acabrunham a nossa, de modo que as coisas penetravam num cérebro sem nuvens. O prior resolveu enfim fazê-lo ler o Novo Testamento. O Ingênuo devorou-o com grande prazer, mas, não sabendo em que tempo nem em que local haviam acontecido as aventuras ali referidas, não duvidou que o teatro dos acontecimentos fosse a Baixa Bretanha, e jurou que cortaria o nariz e as orelhas a Caifás e a Pilatos, se algum dia encontrasse esses marotos.

O tio, encantado com essas boas disposições, o esclareceu em pouco tempo; louvou o seu zelo, mas fez-lhe ver que esse zelo era inútil, visto que tais pessoas haviam morrido há cerca de mil seiscentos e noventa anos. Em breve o Ingênuo sabia quase todo o livro de cor. Apresentava algumas vezes objeções que deixavam o prior em grandes dificuldades, obrigando-o a ir consultar o padre de St. Yves, o qual, não sabendo o que responder, mandou chamar um jesuíta bretão para completar a conversão do Ingênuo.

Enfim a graça operou; o Ingênuo prometeu fazer-se cristão; e não teve a menor dúvida de que deveria começar por ser circuncidado.

— Pois — dizia ele — não vejo no livro que me deram a ler um único personagem que não o tenha sido; é, pois, evidente que devo fazer o sacrifício do meu prepúcio: e quanto mais cedo, melhor.

Não vacilou. Mandou chamar o cirurgião da aldeia e pediu-lhe que lhe fizesse a operação, esperando alegrar infinitamente a senhorita de Kerkabon e a toda a companhia, depois que o fato estivesse consumado. O cirurgião, que nunca fizera a operação referida, avisou a família, que bradou aos céus. A boa Kerkabon temeu que seu sobrinho, que parecia

resoluto e expedito, fizesse em si mesmo a operação com desastrada imperícia, e disso resultassem tristes conseqüências pelas quais as damas sempre se interessam por bondade de coração.

O prior retificou as idéias do hurão; fez-lhe ver que a circuncisão não estava mais em moda, que o batismo era muito mais suave e salutar, que a lei da graça não era como a lei da austeridade. O Ingênuo, que tinha bastante bom senso e retidão, discutiu, mas afinal reconheceu o seu erro, coisa muito rara na Europa em gente que discute; prometeu enfim submeter-se ao batismo quando bem quisessem.

Antes era preciso confessar-se, e aí estava a maior dificuldade. O Ingênuo, que sempre trazia no bolso o livro que o tio lhe dera, não via ali nenhum apóstolo que se houvesse jamais confessado, e isso o tornava bastante rebelde. O prior fechou-lhe a boca, mostrando-lhe, na epístola de S. Tiago o Moço, estas palavras que causam tanta espécie aos heréticos: *Confessai-vos uns aos outros*. O hurão não objetou mais nada e confessou-se a um recoleto. Terminada a confissão, tirou o frade do confessionário, e, segurando vigorosamente o seu homem, obrigou-o a pôr-se de joelhos, dizendo-lhe:

— Vamos, meu amigo. Está escrito: *Confessai-vos uns aos outros*. Eu te contei os meus pecados; não sairás daqui sem que me hajas contado os teus.

Assim falando, apoiava o joelho contra o peito da parte adversária. O padre começa a soltar gritos que fazem reboar a igreja. Acodem ao barulho, vêem o catecúmeno a esmurrar o monge em nome de S. Tiago o Moço. Mas era tão grande a alegria de batizar um baixo-bretão hurão e inglês, que passaram por alto essas singularidades. Houve até muitos teólogos que pensaram não ser necessária a confissão, visto que o batismo servia para tudo.

Combinaram a data com o bispo de Saint-Malo, que lisonjeado, como era de esperar-se, por batizar um hurão, chegou em pomposa equipagem, acompanhado da sua clerezia. A senhorita de St. Yves, bendizendo a Deus, pôs o seu mais belo vestido e mandou chamar uma cabeleireira de St. Malo, para brilhar na cerimônia. O inquiridor bailio acorreu com toda a província. A igreja estava magnificamente paramentada; mas, quando chegou a hora de levar o hurão para a pia batismal, nada de hurão.

O tio e a tia o procuraram por toda parte. Julgaram que estivesse a caçar, segundo o seu costume. Todos os convidados percorreram os matos

e aldeias vizinhas: nem traços do hurão.

Começava-se a temer que tivesse ele voltado para a Inglaterra. Lembravam-se de tê-lo ouvido dizer que gostava muito desse país. O prior e a sua irmã achavam-se persuadidos de que ali não batizavam ninguém, e tremiam pela alma do sobrinho. O bispo estava confuso e prestes a regressar; o prior e o padre de St. Yves desesperavam-se; o bailio interrogava os transeuntes com sua gravidade habitual. A senhorita de Kerkabon chorava; a senhorita de St. Yves não chorava, mas lançava profundos suspiros que pareciam testemunhar o seu gosto pelos sacramentos. Passeavam elas tristemente ao longo dos salgueiros e caniços que marginam o ribeiro de Rance, quando avistaram no meio da corrente um grande vulto branco com as mãos cruzadas no peito. Soltaram um grito e desviaram-se. Mas a curiosidade venceu logo qualquer outra consideração: puseram-se ambas a avançar cautelosamente entre os caniços e, quando se asseguraram de que não eram vistas, resolveram certificar-se do que se tratava.

Capítulo IV

O Ingênuo batizado

O prior e o abade, tendo acorrido, perguntaram ao Ingênuo o que estava fazendo ali.

— Ora essa! Espero o batismo. Faz uma hora que estou dentro d'água. E não é nada direito me deixarem aqui a gelar.

— Meu querido sobrinho — disse-lhe carinhosamente o prior —, não é assim que se fazem batizados na Baixa Bretanha; veste a tua roupa e vem conosco.

Ouvindo tais palavras, a senhorita de St. Yves disse baixinho à companheira:

— Será que ele já vai vestir-se?

O hurão, no entanto, retrucou ao prior:

— Agora o senhor não me convencerá como da outra vez; desde então tenho estudado bastante e estou certo de que não se batiza de outra maneira. O eunuco da rainha Candace foi batizado num rio; desafio o senhor a que me mostre no livro que me deu se alguma vez se batizou a não ser assim. Ou não serei batizado, ou serei batizado no rio.

Não adiantou alegar que haviam mudado os costumes. O Ingênuo era cabeçudo, pois era bretão e hurão. Voltava sempre ao eunuco da rainha Candace. E, embora a senhorita sua tia e a senhorita de St. Yves, que o tinham observado dentre os salgueiros, estivessem no direito de dizer-lhe que não lhe competia citar semelhante homem, abstiveram-se de qualquer interferência, tamanha era a sua discrição. O próprio bispo veio falar-lhe, o que já era muito; mas não adiantou: o hurão discutiu com o bispo.

— Mostre-me — lhe disse ele —, no livro que o tio me deu, um único homem que não se haja batizado no rio, e eu farei tudo o que o senhor quiser.

A tia, desesperada, havia notado que o sobrinho fizera uma reverência mais profunda à senhorita de St. Yves do que às outras pessoas, e que nem ao senhor bispo saudara com aquele respeito mesclado de cordialidade que testemunhara à formosa moça. A senhorita de Kerkabon tomou o partido de dirigir-se a esta naquele grande embaraço; pediu-lhe que usasse da sua influência para induzir o hurão a batizar-se à maneira dos bretões, não acreditando que o seu sobrinho jamais pudesse ser cristão se teimasse em ser batizado na água corrente.

A senhorita de St. Yves enrubesceu com o secreto prazer que sentia em ser encarregada de tão importante missão. Aproximou-se modestamente do Ingênuo e, apertando-lhe a mão com um nobre gesto, disse-lhe:

— Será que não fará nada por mim?

E, assim falando, baixava os olhos e erguia-se com enternecedora graça.

— Ah! farei tudo o que a senhorita quiser, tudo o que me ordenar: batismo de água, batismo de fogo, batismo de sangue; não há nada que eu possa recusar-lhe.

A senhorita de St. Yves teve a glória de conseguir com duas palavras o que não haviam conseguido nem as solicitações do prior, nem as

sucessivas interrogações do bailio, nem as razões do senhor arcebispo. Ela sentiu o seu triunfo; mas não lhe avaliava ainda toda a extensão.

O batismo foi administrado e recebido com toda a decência, toda a pompa, toda a distinção possível. O tio e a tia cederam ao senhor padre de St. Yves e à sua irmã a honra de servir de padrinhos ao Ingênuo. A senhorita de St. Yves radiava de alegria de se ver madrinha. Não sabia ao que a sujeitava esse grande título; aceitou a honra sem lhe conhecer as fatais conseqüências.

Como nunca houve cerimônia que não fosse seguida de um bródio, sentaram-se à mesa ao sair do batismo. Os espirituosos da Baixa Bretanha objetaram que o vinho não deveria ser batizado. O senhor prior dizia que o vinho, segundo Salomão, alegra o coração do homem. O senhor bispo acrescentava que o patriarca Juda amarrava o seu jumento à vinha e mergulhava o manto no sangue da uva e que era uma triste coisa não ser possível fazer o mesmo na Baixa Bretanha, a que Deus negara as vinhas. Cada qual porfiava em dizer um gracejo sobre o batismo do Ingênuo e dirigir galanteios à madrinha. O bailio, sempre interrogante, perguntava ao hurão se este seria fiel às suas promessas.

— Como quer que eu falte às minhas promessas — disse o hurão —, quando as fiz entre as mãos da senhorita de St. Yves?

O hurão entusiasmou-se; bebeu à grande pela saúde da madrinha.

— Se eu tivesse sido batizado por suas mãos — disse ele —, a água fria que recebi sobre a nuca me teria queimado.

O bailio achou a frase muito poética; ignorava o quanto a alegoria é corriqueira no Canadá. A madrinha, essa, sentiu-se extremamente satisfeita.

O Ingênuo recebera na pia batismal o nome de Hércules. O bispo não cessava de perguntar quem era esse padroeiro de quem nunca ouvira falar. O jesuíta, que era muito erudito, respondeu-lhe que se tratava de um santo que fizera doze milagres. Havia, na verdade, um décimo terceiro que valia os outros doze, mas não ficava bem a um jesuíta referi-lo: era o de haver transformado cinqüenta donzelas em mulheres, numa única noite. Um engraçado pôs-se a gabar entusiasticamente o referido milagre. Todas as damas baixaram os olhos; e julgaram, pelo aspecto do Ingênuo, que era este digno do santo de que trazia o nome.

Capítulo V

O Ingênuo enamorado

Cumpre confessar que, depois daquele batizado e daquele banquete, a senhorita de St. Yves começou a desejar ardentemente que o senhor bispo ainda a fizesse participante de algum belo sacramento com o senhor Hércules Ingênuo. No entanto, como era bem-educada e muito recatada, não ousava confessar a si mesma os seus ternos sentimentos; mas, se lhe escapava um olhar, uma palavra, um gesto, um pensamento, envolvia tudo isso num véu de pudor infinitamente amável. Era terna, pressurosa, mas comedida.

Logo que o senhor bispo partiu, o Ingênuo e a senhorita de St. Yves se encontraram sem dar tento que se procuravam. Falaram-se, sem imaginar o que diriam. O Ingênuo lhe disse primeiro que a amava de todo o coração, e que a bela Abacaba, por quem estivera louco na sua terra, não lhe chegava aos pés. Respondeu-lhe a senhorita, com o seu ordinário recato, que era preciso o quanto antes falar nisso ao senhor prior seu tio e à senhorita sua tia, e que, da sua parte, ela iria dizer duas palavras ao seu caro irmão, o padre de St. Yves, e que esperava um consentimento geral.

O Ingênuo respondeu-lhe que não tinha necessidade do consentimento de ninguém; que lhe parecia extremamente ridículo ir perguntar a outros o que deviam fazer; que, quando dois estão de acordo, não há necessidade de um terceiro para acomodá-los.

— Não consulto ninguém — alegou ele — quando tenho vontade de comer, de caçar ou de dormir. Bem sei que, em amor, é bom ter o consentimento da pessoa a quem se deseja; mas, como não é nem do meu tio nem da minha tia que estou enamorado, não é a eles que devo me dirigir neste assunto; e, quanto à senhorita, poderá muito bem dispensar o senhor padre de St. Yves.

A bela bretã, como é de imaginar, deve ter empregado toda a delicadeza de seu espírito para limitar o hurão ao terreno do decoro. Chegou até a agastar-se e logo se apazigou. E não se sabe como teria

terminado tal conversação se, ao anoitecer, o senhor abade não houvesse levado a irmã para a sua abadia. O Ingênuo deixou que os tios se fossem deitar, pois estavam fatigados da cerimônia e do longo banquete, e passou parte da noite a fazer versos para a sua bem-amada, em hurão: pois é sabido que não há país no mundo em que o amor não torne poetas os namorados.

No dia seguinte, após o almoço, assim lhe falou o tio, em presença da senhorita Kerkabon, que se achava toda comovida:

— Louvado seja Deus, meu querido sobrinho, por teres a honra de ser cristão e bretão! Mas isso não basta; já estou ficando velho; meu irmão apenas deixou um cantinho de terra que pouco vale; tenho um bom priorado; se quiseres ao menos fazer-te subdiácono, como o espero, resignarei meu priorado em teu favor, e viverás folgadamente, depois de ter sido o consolo da minha velhice.

— Meu tio — respondeu-lhe o Ingênuo —, que bom proveito lhe faça! Viva quanto puder. Quanto a mim, não sei o que é *subdiácono*, nem o que quer dizer resignar; mas tudo me ficará bem, desde que tenha a senhorita de St. Yves à minha disposição.

— Meu Deus, meu sobrinho! Que me dizes? Amas então loucamente a essa linda senhorita?

— Sim, meu tio.

— Ai, meu sobrinho! É impossível casares com ela.

— Nada é mais possível, meu tio; pois ela, ao partir, não só me apertou a mão significativamente, como prometeu que me pediria em casamento; e sem dúvida nenhuma a desposarei.

— Impossível, te digo eu; ela é tua madrinha; e é um terrível pecado para uma madrinha apertar assim a mão do afilhado; não é permitido casar com a própria madrinha; a isto se opõem as leis divinas e as humanas.

— Hom'essa, meu tio! Deixe de brincadeira; por que há de ser proibido casar com a madrinha, quando ela é moça e bonita? Não vi no livro que o senhor me deu que não ficasse bem desposar as moças que ajudam a gente a ser batizado. Todos os dias descubro que fazem aqui uma infinidade de coisas que não estão no seu livro, e que nada fazem de tudo o que ele diz. Confesso-lhe que isso me espanta e aborrece. Se me privarem da bela St. Yves, sob pretexto de batismo, fique o senhor avisado de que a tiro de casa e me desbatizo.

O prior ficou confuso; a irmã pôs-se a chorar.

— Meu caro irmão — disse ela —, o nosso sobrinho não deve perder a alma; o nosso Santo Padre lhe poderá conceder dispensa, e então ele poderá ser cristãmente feliz com aquela a quem ama.

O Ingênuo beijou a tia.

— Quem é esse amável homem — disse ele — que favorece tão bondosamente os amores dos jovens? Quero ir falar-lhe imediatamente.

Explicaram-lhe o que era o papa, e o Ingênuo ficou ainda mais espantado do que antes:

— Não há uma palavra de tudo isso no seu livro, meu estimado tio; tenho viajado, conheço o mar; estamos na costa do Oceano; e eu vou deixar a senhorita de St. Yves para ir pedir permissão de amá-la a um homem que mora além do Mediterrâneo, a quatrocentas léguas daqui, e cuja língua desconheço?! Palavra, isso é de um ridículo incompreensível. Vou é falar imediatamente com o padre de St. Yves, que mora apenas a uma légua, e garanto-lhe que desposarei hoje mesmo aquela a quem amo.

Estava ainda a falar quando entrou o bailio, o qual, segundo o seu costume, lhe perguntou aonde ia.

— Vou casar-me — disse o Ingênuo, a correr. E dali a um quarto de hora se achava ele em casa da sua bela e querida bretã, que ainda estava dormindo.

— Ah, meu irmão — dizia a senhorita de Kerkabon ao prior —, jamais farás um subdiácono do nosso sobrinho.

O bailio ficou descontentíssimo com tal viagem, pois pretendia casar o seu filho com a St. Yves; e esse filho era ainda mais tolo e insuportável que o pai.

Capítulo VI

O Ingênuo chega à casa de sua amada e fica deveras furioso

Logo que chegou, perguntara o Ingênuo a uma criada velha onde era o quarto da sua querida, e, sem perda de tempo, empurrara fortemente a porta mal fechada, correndo para o leito. Acordando-se em sobressalto, exclamara a senhorita:

— Como?! És tu? Pára, pára! Que é que estás fazendo?

— Estou casando contigo — respondera ele. E com efeito a desposaria se ela não se houvesse debatido com toda a honestidade de uma pessoa que recebeu educação.

O Ingênuo não queria saber de brincadeira; achava todas aquelas gatimônias muito fora de propósito:

— Não era assim que fazia a senhorita Abacaba, a minha primeira namorada; não tens nenhuma seriedade; prometeste-me casamento e não queres casar: estás infringindo as leis mais elementares da honra; hei de ensinar-te a manteres a tua palavra, e te porei no caminho da virtude.

O Ingênuo possuía uma virtude varonil e intrépida, digna do seu padroeiro Hércules, cujo nome recebera na pia; ia exercê-la em toda a sua extensão quando, aos lancinantes gritos da senhorita, mais discretamente virtuosa, acudiu o honrado padre de St. Yves, com a sua governanta, um velho criado devoto e um padre da paróquia. Tal visão moderou a coragem do assediante.

— Meu Deus, meu caro vizinho — lhe disse o abade —, que vem a ser isso?

— É o meu dever — replicou o jovem. — Estou simplesmente cumprindo a minha promessa, que é sagrada.

A senhorita de St. Yves recompôs-se, enrubescendo. Levaram o Ingênuo para outro quarto. O abade censurou-lhe a monstruosidade do seu procedimento. O Ingênuo defendeu-se, alegando os privilégios da lei natural, que conhecia perfeitamente. O abade pôs-se a provar que a lei positiva devia ter precedência e que, se não fossem as convenções estabelecidas entre os homens, a lei da natureza seria quase sempre uma violação natural.

— Fazem-se mister — disse ele — notários, padres, testemunhas, contratos, dispensas.

Respondeu-lhe o Ingênuo com a reflexão que sempre fizeram os selvagens:

— Muito desonestos devem ser vocês, visto que é necessário tomar tantas precauções.

Bastante trabalho teve o sacerdote em resolver tal dificuldade.

— Confesso — disse ele — que há muitos inconstantes e velhacos entre nós, como haveria entre os hurões, se estes estivessem reunidos em uma grande cidade; mas também há homens sábios, honestos, esclarecidos, e foram estes que fizeram as leis. Quanto mais honrado é um homem, mais deve submeter-se a elas; assim se dá exemplo aos viciosos, que respeitam um freio que a virtude se impôs a si mesma.

Tal resposta impressionou o Ingênuo. Já ficou dito que tinha ele um espírito justo. Acalmaram-no com lisonjas; encheram-no de esperanças: ciladas em que sempre caem os homens dos dois hemisférios; trouxeram até, à sua presença, a senhorita de St. Yves, depois que esta fez convenientemente a sua *toilette*. Tudo se passou no maior decoro. Mas, apesar de toda essa decência, os olhos flamejantes do Ingênuo Hércules faziam baixar os da sua amada e tremer a assistência.

Tiveram imenso trabalho para o reconduzir a seus parentes. Ainda desta vez foi preciso recorrer à influência da bela St. Yves; quanto mais sentia esta o seu poder sobre ele, mais o amava. Obrigou-o a partir, com o que ficou sinceramente aflita. Afinal, depois que ele se foi, o abade, que, além de irmão mais velho da senhorita de St. Yves, era também seu tutor, tomou o partido de subtrair sua pupila às solicitudes daquele terrível namorado. Foi aconselhar-se com o bailio, que, tendo sempre em vista o casamento de seu filho com a irmã do abade, alvitrou que se mandasse a pobre moça para um convento. Foi um golpe terrível: uma indiferente que fosse metida num convento haveria de pôr-se aos gritos; quanto mais uma enamorada, e tão apaixonada quanto honesta; era mesmo de desperar.

O Ingênuo, de volta ao priorado, contou tudo o que acontecera com a sua costumeira simplicidade. Recebeu as mesmas censuras, que lhe produziram algum efeito no espírito e nenhum nos seus sentidos. Mas, no dia seguinte, quando pretendeu voltar à casa de sua amada, para discutir com ela sobre a lei natural e a lei convencional, disse-lhe o senhor bailio, com insultuosa alegria, que a senhorita de St. Yves se achava num convento.

— Pois bem — disse ele —, irei discutir com ela nesse convento.

— Impossível — disse o bailio. E longamente lhe explicou que coisa era um convento; esclareceu que tal palavra vinha do latim *conventus,* que significa assembléia; e o hurão não atinava por que não poderia ser admitido numa assembléia. Ao saber que essa assembléia era uma espécie

de prisão onde mantinham encerradas as moças — coisa horrível, desconhecida entre os hurões e os ingleses —, ficou tão furioso como o seu padroeiro Hércules quando Eurites, rei da Ecália, não menos cruel que o padre de St. Yves, lhe recusou a linda Iola sua filha, não menos linda que a irmã do padre. Queria incendiar o convento, roubar a namorada, ou morrer com ela em meio às chamas. A senhorita de Kerkabon, desesperada, renunciava mais do que nunca a todas as esperanças de ver o seu sobrinho subdiácono, e dizia, a chorar, que ele tinha o diabo no corpo depois que fora batizado.

Capítulo VII

O Ingênuo repele os ingleses

O Ingênuo, mergulhado em negra e profunda melancolia, foi passear à beira-mar, de fuzil às costas e facão à cinta, atirando de tempos em tempos nalguns pássaros, e muita vez tentando atirar em si mesmo; mas amava ainda a vida, por causa da senhorita de St. Yves. Ora amaldiçoava o tio, a tia, e toda a Baixa Bretanha, e o seu batismo; ora os abençoava, pois lhe haviam feito conhecer aquela a quem amava. Tomava a resolução de ir incendiar o convento, e subitamente desistia, por medo de queimar a sua amada. As ondas da Mancha não são mais agitadas pelos ventos de leste a oeste do que o era o seu coração por tantos movimentos contrários.

Marchava a grandes passadas, sem saber por onde, quando ouviu um rufar de tambores. Viu ao longe uma multidão que corria metade para a margem e metade fugia para o interior.

Mil gritos se elevavam de toda parte; a curiosidade e a coragem fazem-no precipitar-se incontinênti para o local de onde partiam aqueles clamores; em quatro saltos se aproxima. O comandante da milícia, que ceara em casa do prior, logo o reconheceu; corre a ele de braços abertos:

“Ah! É o Ingênuo. Ele combaterá por nós”. E as milícias, que morriam de medo, tranquilizaram-se e gritaram também: “É o Ingênuo! É o Ingênuo!”.

— Senhores, de que se trata? Por que se acham todos tão desnorteados? Meteram as suas noivas no convento?

Então cem vozes confusas exclamam:

— Não vês os ingleses que abordam?

— Bem — disse o Ingênuo —, são boa gente; nunca pensaram em fazer-me subdiácono, nem me roubaram a noiva.

O comandante deu-lhe a entender que os ingleses vinham pilhar a abadia da Montanha, beber o vinho de seu tio e talvez raptar a senhorita de St. Yves; que o pequeno barco em que ele, Ingênuo, aportara na Bretanha viera apenas para fazer um reconhecimento; que os ingleses praticavam atos de hostilidade sem haver declarado guerra ao rei de França, e que a província se achava exposta.

— Ah! se é assim, eles violam a lei natural; deixem a coisa comigo; morei muito tempo com os ingleses, conheço-lhes a língua e vou falar com eles; não creio que possam ter tão más intenções.

Durante essa conversação, a esquadra inglesa aproximava-se; o nosso hurão toma um barco, vai a seu encontro, sobe à nau capitânia, e pergunta se era verdade que eles vinham assolar o país sem uma honesta declaração de guerra. O almirante e toda a sua gente puseram-se a rir, serviram-lhe ponche e mandaram-no de volta.

O Ingênuo, espicaçado, só pensou em bater-se às direitas contra os seus velhos amigos, por seus compatriotas e pelo senhor prior. Os gentis-homens da vizinhança acorriam de toda parte; o Ingênuo junta-se a eles; dispunham de alguns canhões; ele os carrega, os aponta, os dispara um após outro. Os ingleses desembarcam; o Ingênuo os acomete, mata uns três e fere o almirante que zombara dele. Sua coragem anima toda a milícia, os ingleses reembarcam, toda a costa reboava com os gritos de vitória: “Viva o rei! Viva o Ingênuo!”. Todos o abraçam, todos se apressam em estancar-lhe o sangue de alguns ferimentos leves que recebera. “Ah! — dizia ele —, se a senhorita de St. Yves estivesse aqui, me poria uma compressa.”

O bailio, que se escondera na sua adega durante o combate, veio cumprimentá-lo como os outros. Mas muito se surpreendeu ao ouvir o Ingênuo dizer a uma dúzia de homens de boa vontade que o cercavam: “Meus amigos, não basta ter livrado a Abadia da Montanha; é preciso

libertar uma mulher". Toda aquela vibrante mocidade prendeu fogo a essas simples palavras. Já o seguiam em multidão, já corriam para o convento. Se o bailio não tivesse logo avisado o comandante, se não tivessem corrido empós do alegre bando, estava tudo consumado. Trouxeram o Ingênuo para a casa dos tios, que o inundaram de lágrimas de ternura.

— Bem vejo que nunca serás nem subdiácono nem prior — lhe disse o tio. — Serás um oficial ainda mais bravo do que o meu irmão, e provavelmente tão necessitado quanto ele.

E a senhorita de Kerkabon continuava a abraçá-lo, a chorar e a dizer:

— Ele vai expor-se à morte como o meu irmão; antes fosse subdiácono!

O Ingênuo, durante o combate, apanhara uma gorda bolsa cheia de guinéus que decerto o almirante deixara cair. E não tinha a menor dúvida de que, com aquela bolsa, poderia comprar toda a Bretanha, e sobretudo fazer da senhorita de St. Yves uma grande dama. Todos o exortaram a ir a Versalhes receber o prêmio de seus serviços. O comandante e os primeiros oficiais encheram-no de certificados. O tio e a tia aprovaram a viagem do sobrinho. Ele devia ser, sem dificuldade, apresentado ao rei: só isso lhe daria uma prodigiosa importância na província. As duas excelentes criaturas acrescentaram à bolsa inglesa um considerável presente tirado das suas economias. O Ingênuo dizia consigo: "Quando vir o rei, vou pedir-lhe a senhorita de St. Yves em casamento, e ele não mo negará".

Partiu, pois, sob as aclamações de todo o cantão, afogado de abraços, banhado pelas lágrimas da tia, abençoado pelo tio, e recomendando-se à bela St. Yves.

Capítulo VIII

O Ingênuo vai à Corte. Janta no caminho, com huguenotes

O Ingênuo seguiu de coche pela estrada de Saumur, porque não havia então outra comodidade. Chegado a esta cidade, espantou-se de encontrá-la quase deserta e de ver várias famílias que se mudavam. Disseram-lhe que Saumur, seis anos antes, continha mais de quinze mil almas, e que agora não contava mais de seis mil. Não deixou de falar nisso à mesa da hospedaria. Vários protestantes ali se achavam; uns queixavam-se amargamente, outros fremiam de cólera, outros choravam, dizendo: *Nos dulcia linquimus arva, nos patriam fugimus*. O Ingênuo, que não sabia latim, pediu explicação de tais palavras, que significam: Abandonamos as nossas suaves campanhas, fugimos da nossa pátria.

— E por que fogem de sua pátria, senhores?

— É porque querem que reconheçamos o papa.

— E por que não o reconhecem? Não têm, então, madrinhas com quem desejam casar? Pois me disseram que é o papa que dá licença para isso.

— Ah! esse papa diz que é senhor do domínio dos reis.

— Mas qual é a profissão dos senhores?

— Somos, na maioria, tecelões e fabricantes.

— Se o papa alega que é senhor dos tecidos e das fábricas, fazem muito bem em não reconhecê-lo; mas, quanto aos reis, isso é com eles; por que se metem os senhores em tais assuntos?

Um homenzinho de preto tomou então a palavra e expôs habilmente as queixas da companhia. Referiu-se com tanta energia à revogação do édito de Nantes, deplorou de modo tão patético a sorte de cinqüenta mil famílias fugitivas e de cinqüenta mil outras convertidas pelos dragões, que o Ingênuo por sua vez desatou em pranto.

— Como se explica então — dizia ele — que tão grande rei, cuja glória se estende até os hurões, se prive de tantos corações que poderiam amá-lo e de tantos braços que poderiam servi-lo?

— É que o enganaram, como aos outros grandes reis. Convenceram-no de que, logo que dissesse uma palavra, todos os homens pensariam como ele, e que nos faria mudar de religião como o seu músico Lulli muda em um instante os cenários de suas óperas. Não só perde ele quinhentos a seiscentos mil súditos muito úteis, como os faz inimigos seus; e o rei Guilherme, que é atualmente senhor da Inglaterra, constituiu vários regimentos desses mesmos franceses que poderiam combater por seu monarca. Tanto mais espantoso é esse desastre, porquanto o papa reinante,

a quem Luís XIV sacrifica parte do povo, é seu inimigo declarado. Vêm ambos mantendo, há nove anos, uma querela violenta, a qual atingiu a tais extremos, que a França pensou ver enfim quebrar-se o jugo que há tantos séculos a submete a esse estrangeiro, e que, principalmente não lhe mandaria mais dinheiro, o que é o primeiro móvel dos assuntos deste mundo. Parece, pois, evidente que enganaram a esse grande rei no tocante aos seus interesses e à extensão de seu poder, frustrando-lhe também a magnanimidade do coração.

O Ingênuo, cada vez mais impressionado, perguntou quais eram os franceses que assim enganavam um monarca tão caro aos hurões.

— São os jesuítas — responderam-lhe — e principalmente o padre de La Chaise, confessor de Sua Majestade. Esperemos que Deus os castigue um dia e que sejam caçados como agora nos caçam. Haverá desgraça igual à nossa? De toda parte, Monsenhor de Louvois nos envia jesuítas e dragões.

— Pois bem, senhores — replicou o Ingênuo, que não mais podia conter-se —, eu vou a Versalhes receber a devida recompensa a meus serviços; falarei a esse Monsenhor de Louvois, disseram-me que é ele que dirige a guerra, de seu gabinete. Vou falar com o rei e dar-lhe a conhecer a verdade; não há quem não termine por se render a essa evidência. Em breve estarei de volta para desposar a senhorita de St. Yves, e convido-os a todos para o casamento.

Aquela boa gente o tomou então por um grão-senhor que viajava incógnito. Alguns pensavam que fosse o bobo do rei.

Havia entre os convivas um jesuíta disfarçado que servia de espião ao reverendo padre de La Chaise. Trazia-o a par de tudo, e o padre de La Chaise remetia as informações ao Monsenhor de Louvois. O espião escreveu. O Ingênuo e a carta chegaram quase ao mesmo tempo a Versalhes.

Capítulo IX

Chegada do Ingênuo a Versalhes. Sua recepção

O Ingênuo desceu no pátio das cozinhas reais. Pergunta aos portadores da liteira a que horas pode falar com o rei. Os portadores riem-lhe na cara, como o fizera o almirante inglês. O Ingênuo revidou como a este último; bateu-lhes. Quiseram dar-lhe o troco. E ia haver uma cena de sangue, quando passou um guarda do corpo, gentil-homem bretão, que dispersou a canalha.

— O senhor me parece um homem às direitas — lhe disse o Ingênuo. — Sou sobrinho do prior de Nossa Senhora da Montanha; matei ingleses, venho falar ao rei.

O guarda, encantado de encontrar um bravo da sua província que não parecia a par dos usos da Corte, disse-lhe que não era assim que se falava com o rei, e que era preciso ser apresentado a Monsenhor de Louvois.

— Pois bem, leve-me então a esse Monsenhor de Louvois, que sem dúvida me conduzirá a Sua Majestade.

— É ainda mais difícil — replicou o guarda — falar a Monsenhor de Louvois do que a Sua Majestade. Mas vou conduzi-lo ao senhor Alexandre, primeiro oficial: é como falar ao ministro.

Vão pois a esse senhor Alexandre, e não podem ser admitidos; estava ele em conferência com uma dama da corte e dera ordens para que não deixassem entrar ninguém.

— Bem — disse o guarda —, ainda há remédio. Vamos ao primeiro oficial do senhor Alexandre: é como falar ao próprio senhor Alexandre

O hurão, espantado, o acompanha; permanecem meia hora numa pequena sala de espera.

— Que quer dizer isso? — exclamou o Ingênuo. — Será que todos são invisíveis aqui? É mais fácil lutar na Bretanha contra ingleses do que encontrar em Versalhes as pessoas com quem se precisa falar.

Distraiu-se contando seus amores ao companheiro. Mas o guarda teve de ir a seus deveres. Prometeram encontrar-se no dia seguinte; e o Ingênuo ficou ainda outra meia hora na sala de espera, pensando na senhorita de St. Yves e na dificuldade de falar aos reis e aos oficiais.

Afinal o oficial apareceu.

— Senhor — disse-lhe o Ingênuo —, se eu tivesse esperado, para expulsar os ingleses, tanto tempo quanto me fez esperar por minha audiência, eles agora estariam assolando à vontade toda a Bretanha.

Tais palavras impressionaram o alto funcionário, que disse afinal ao bretão:

— Que quer o senhor?

— Recompensa — respondeu o outro. — Eis aqui as minhas credenciais.

E mostrou-lhe todos os certificados. O funcionário os leu e disse que provavelmente lhe concederiam permissão para comprar um posto de lugar-tenente.

— Como! Que eu dê dinheiro por haver rechaçado os ingleses?! Que eu pague o direito de expor a vida pelo senhor, enquanto o amigo dá tranqüilamente as suas audiências?! Deixe-se de gracejos. Quero uma companhia de cavalaria gratuitamente. Quero que o rei faça sair a senhorita de St. Yves do convento e me conceda a sua mão. Quero falar ao rei em favor de cinqüenta mil famílias que pretendo devolver-lhe. Numa palavra, quero ser útil: que me empreguem e me promovam.

— E como se chama o senhor, que assim fala tão alto?

— Oh! Oh! — tornou o Ingênuo. — Não leu então os meus certificados? É assim que tratam a gente? Chamo-me Hércules de Kerkabon; sou batizado, paro no Quadrante Azul, e me queixarei do senhor a Sua Majestade.

O funcionário concluiu, como o pessoal de Saumur, que o Ingênuo não ia muito bem da cabeça, e não lhe deu maior atenção.

Naquele mesmo dia, o reverendo padre La Chaise, confessor de Luís XIV, recebera a carta de seu espião que acusava Kerkabon de simpatizar com os huguenotes e ser contrário à orientação dos jesuítas. O Monsenhor de Louvois, por seu lado, recebera uma carta do interrogativo bailio, na qual o Ingênuo era apresentado como um valdevinos que queria incendiar conventos e raptar donzelas.

Este, depois de passear pelos jardins de Versalhes, onde se aborreceu, depois de haver jantado como um hurão e como bretão, deitara-se na doce esperança de ver ao rei no dia seguinte, de conseguir a mão da senhorita de St. Yves, de obter ao menos uma companhia de cavalaria e fazer cessar a perseguição contra os huguenotes. Embalava-se nesses fagueiros pensamentos, quando a polícia lhe penetrou no quarto. Apoderaram-se

primeiro do seu fuzil de dois tiros e do seu grande sabre. Fizeram um inventário do seu dinheiro de bolso, e levaram-no para o castelo que o rei Carlos V, filho de João II, mandou construir nas proximidades da rua de Santo Antonio, à porta das Tournelles.

Qual não foi o espanto do Ingênuo, é coisa que deixo à vossa imaginação. Julgou, a princípio, que se tratava apenas de um sonho. E permaneceu em uma espécie de modorra. Depois, de súbito, acometido de um furor que lhe duplicava as forças, pega pela garganta dois de seus condutores que estavam com ele no carro, lança-os pela portinhola, atira-se por sua vez, arrastando o terceiro, que o queria deter. Tomba com o esforço, amarram-no fortemente, levam-no de novo para o veículo. "Eis — pensava ele — o que se ganha em expulsar os ingleses! Que não dirias tu, minha bela St. Yves, se me visses em tal estado?!"

Chegam enfim ao local de seu destino. Levam-no em silêncio para a cela onde devia ser encerrado, como um morto que carregam para o cemitério. A cela estava já ocupada por um velho solitário de Port-Royal, chamado Gordon, que há dois anos ali definhava. — Olhe! — disse a este o chefe dos esbirros. — Trago-lhe aqui um companheiro. — E imediatamente baixaram os enormes ferrolhos da porta maciça, revestida de largas barras. Os cativos ficaram separados do universo inteiro.

Capítulo X

O Ingênuo encarcerado na Bastilha com um jansenista

Gordon era um velhote bem conservado e sereno, que sabia duas grandes coisas: suportar a adversidade e consolar os infelizes. Avançou com fisionomia aberta e compassiva para o seu companheiro, e disse-lhe, abraçando-o:

— Quem quer que sejas tu que vens partilhar do meu túmulo, fica certo de que sempre esquecerei a mim mesmo, para suavizar os teus tormentos no abismo infernal em que estamos mergulhados. Adoremos a Providência que para aqui nos trouxe, soframos em paz e esperemos.

Tais palavras causaram na alma do Ingênuo o efeito das Gotas da Inglaterra, que chamam um moribundo à vida e o fazem entreabrir os olhos espantados.

Após os primeiros cumprimentos, Gordon, sem o apressar a dizer-lhe a causa da sua desgraça, inspirou-lhe, pela brandura de suas palavras e esse interesse que têm um pelo outro dois infelizes, o desejo de abrir o coração e aliviar-se do fardo que o oprimia. Mas o Ingênuo não podia adivinhar o motivo da sua prisão: aquilo lhe parecia um efeito sem causa, e Gordon achava-se tão espantado quanto ele.

— É fora de dúvida — disse o jansenista ao hurão — que Deus deve ter grandes desígnios a teu respeito, pois te conduziu do lago Ontário à Inglaterra e à França, fez-te batizar na Bretanha, encerrando-te depois aqui, para salvação de tua alma.

— Palavra — retrucou o Ingênuo —, creio que foi apenas o diabo que se meteu no meu destino. Meus compatriotas da América jamais me tratariam com esta selvageria; eles não têm a mínima idéia disto. Chamava-lhes *selvagens;* são, de fato, criaturas bastante grosseiras, ao passo que os homens daqui são uns refinados patifes. Sinto-me, na verdade, muito surpreso de ter vindo do outro mundo para ser trancafiado neste, em companhia de um padre; mas penso no prodigioso número de homens que partem de um hemisfério para serem mortos no outro, ou que naufragam em caminho e são devorados pelos peixes: não atino quais sejam os graciosos desígnios de Deus a respeito de toda essa gente.

Alcançaram-lhes comida por um postigo. A conversação versou sobre a Providência, as cartas de prego, e sobre a arte de não sucumbir às desgraças a que todo homem se vê exposto neste mundo.

— Há dois anos que estou aqui — disse o velho — sem outra consolação a não ser eu próprio e alguns livros; e até agora não tive um só momento de mau humor.

— Ah! o senhor não ama a sua madrinha, então? — exclamou o Ingênuo. — Mas se conhecesse, como eu, a senhorita de St. Yves, estaria no maior desespero.

* Todas estas palavras pertencem, com efeito, à língua dos hurões.

A estas palavras, não pôde conter as lágrimas, e sentiu-se então um pouco menos opresso.

— Mas por que será que as lágrimas aliviam? — observou ele. — Quer-me parecer que deveriam produzir efeito contrário.

— Meu filho, tudo em nós é de natureza física — disse o bom do velho. — Toda secreção faz bem ao corpo, e tudo o que o alivia, alivia a alma; nós somos as máquinas da Providência.

O Ingênuo que, como várias vezes o dissemos, tinha grande profundeza de espírito, refletiu muito sobre essa idéia, cuja semente dir-se-ia jazer-lhe na alma. Perguntou depois ao companheiro por que a sua máquina se achava há dois anos aprisionada.

— É devido à graça eficaz — respondeu Gordon. — Passo por jansenista: conheci Arnauld e Nicole; os jesuítas nos perseguiram. Nós cremos que o papa não é mais que um vigário como qualquer outro, e foi por isso que o padre de La Chaise obteve do rei, seu penitente, a ordem de me arrebatarem, sem nenhuma formalidade legal, o mais precioso bem dos homens, a liberdade.

— Eis uma coisa bastante estranha — ponderou o Ingênuo —; todos os infelizes que tenho encontrado só o são por causa do papa. E, quanto à sua graça eficaz, confesso que nada entendo; mas considero uma grande graça que Deus me tenha feito encontrar, na minha desventura, um homem como o senhor, que lança em minh'alma consolação de que eu me julgava incapaz.

Cada dia a conversação se tornava mais interessante e instrutiva. As almas dos dois cativos ligavam-se uma a outra. O velho sabia muito, e o jovem muito desejava aprender. Dentro em um mês, estava estudando geometria: devorava-a. Gordon lhe deu a ler a *Física* de Rohault, que ainda estava em moda, e ele teve o bom senso de ali só encontrar incertezas.

Leu depois o primeiro volume da *Pesquisa da verdade.* Essa nova luz esclareceu-lhe muita coisa. "Como! — dizia ele. — A tal ponto nos enganam os nossos sentidos e a nossa imaginação!? Então os objetos não formam as nossas idéias e nem nós próprios as podemos arquitetar!?" Depois de ler o segundo volume, já não ficou tão satisfeito e concluiu que era mais fácil destruir que edificar.

O padre, espantado de que um jovem ignorante fizesse uma reflexão tão própria de almas experientes, teve em grande consideração o seu espírito e mais se afeiçoou ao companheiro.

— Este seu Malebranche — disse-lhe um dia o Ingênuo — me parece ter escrito a metade do livro com a razão, e a outra com a sua imaginação e os seus preconceitos.

Alguns dias depois, perguntou-lhe Gordon:

— Que pensas então da alma, da maneira como recebemos as nossas idéias, da nossa vontade, da graça, do livre-arbítrio?

— Nada — respondeu o Ingênuo. — Se alguma coisa penso é que estamos sob o poder do Ser Eterno, como os astros e os elementos, que Ele faz tudo em nós, pequenas engrenagens que somos na imensa máquina de que Ele é a alma; que Ele exerce a sua ação por leis gerais e não com objetivos particulares; só isto me parece inteligível, o resto é para mim um abismo de trevas.

— Mas, meu filho, isso seria fazer de Deus autor do pecado.

— No entanto, meu padre, a sua graça eficaz também faria de Deus autor do pecado: pois é certo que todos aqueles a quem a sua graça seria recusada pecariam; e quem nos abandona ao mal não é autor do nosso mal?

Tal simplicidade embaraçava o bom do velho; ele próprio sentia os seus vãos esforços para safar-se do atoleiro e acumulava tantas palavras que pareciam ter sentido e não o tinham (no gênero da *premoção física,* por exemplo)[33] que o Ingênuo chegava a sentir piedade. Tal questão evidentemente se ligava à origem do bem e do mal; e o pobre Gordon punha-se então a passar em revista o cofre de Pandora, o ovo de Orosmade furado por Arimânio, a inimizade entre Tífon e Osíris, e enfim o pecado original; e ambos corriam nessa noite profunda, sem jamais se encontrarem um ao outro. Mas afinal aquele romance da alma lhes desviava o espírito da contemplação da sua própria miséria; e, por um estranho encantamento, a multidão das calamidades esparsas no universo diminuía a sensação das suas penas: não ousavam queixar-se quando tudo sofria.

Mas, no descanso da noite, a imagem da bela St. Yves apagava no espírito de seu enamorado todas as idéias de metafísica e de moral. Ele acordava com os olhos úmidos de lágrimas. E o velho jansenista esquecia a sua graça eficaz e o abade de Saint Cyran e Jansenius, para consolar um jovem a quem supunha em pecado mortal.

Depois de lerem, de discutirem, tornavam a falar de suas aventuras; e depois de terem falado inutilmente sobre elas, punham-se a ler juntos ou

separadamente. Cada vez mais se fortalecia o espírito do jovem. E iria muito longe em matemática, se não fossem as distrações que lhe causava a senhorita de St. Yves.

Leu livros de História, que o entristeceram. O mundo lhe pareceu demasiado mau e demasiado miserável. A História, com efeito, não é mais que o quadro dos crimes e das desgraças. A multidão de homens inocentes e pacíficos sempre se apaga nesse vasto cenário. Os principais papéis estão com os ambiciosos e os perversos. Parece que a História só agrada como nos agrada a tragédia, que aborrece quando não é animada pelas paixões, os crimes, e os grandes infortúnios. É preciso armar a Clio de um punhal, como Melpômene.

Embora seja a história da França tão cheia de horrores como todas as outras, pareceu-lhe, no entanto, tão enfadonha no princípio, tão seca no meio, tão pequena enfim, mesmo no tempo de Henrique IV, tão desprovida sempre de grandes momentos, tão estranha a essas belas descobertas que ilustraram outras nações, que se via obrigado a lutar contra o tédio para ler todos aqueles detalhes de obscuras calamidades delimitadas num canto do mundo.

Gordon pensava como ele. Riam ambos de piedade ante aqueles soberanos de Fezensac, de Fezensaguet e de Astarac. Tal estudo, enfim, só aproveitaria aos herdeiros destes, se os tivessem. Os belos séculos da república romana deixaram-no por algum tempo indiferente ao resto da Terra. O espetáculo da Roma vitoriosa e legisladora das nações ocupava-lhe a alma inteira. Arrebatava-se ao contemplar aquele povo que foi governado setecentos anos pelo entusiasmo da liberdade e da glória.

Assim se passavam os dias, as semanas, os meses; e ele até se julgaria feliz na morada do desespero, se não amasse.

Sua bondosa alma enternecia-se à lembrança do prior e da sensível Kerkabon. “Que pensarão eles — repetia seguidamente —, sem notícias minhas? Hão de julgar-me um ingrato.” Esse pensamento atormentava-o; lamentava aqueles que o amavam, muito mais do que a si mesmo.

Capítulo XI

Como o Ingênuo desenvolve o seu espírito

A leitura eleva a alma, e um amigo esclarecido a consola. O nosso cativo gozava dessas duas vantagens que antes não havia suspeitado. “Sinto-me tentado — disse ele — a crer nas metamorfoses, pois fui transformado de bruto em homem.” Formou uma biblioteca escolhida, com parte de seu dinheiro de que lhe permitiam dispor. O amigo o induziu a deitar por escrito as suas reflexões. Eis o que escreveu sobre a história antiga:

Imagino que as nações foram por muito tempo como eu: só se instruíram muito tarde e, durante séculos, só se ocuparam do momento presente, muito pouco do passado, e jamais do futuro. Percorri quinhentas ou seiscentas léguas do Canadá, sem encontrar um único monumento; ninguém, por lá, sabe o que fez seu bisavô. Não será esse o estado natural do homem? A espécie que habita este continente parece-me superior à do outro. Há séculos vem ela ampliando o seu espírito, por intermédio das artes e dos conhecimentos. Será porque têm eles barba no queixo e Deus a recusou aos americanos? Não o creio, pois vejo que os chineses quase não têm barba e cultivam as artes há mais de cinco mil anos. E, se possuem quarenta séculos de anais, é forçoso que a nação já estivesse unida e florescente há cinqüenta mil anos.

O que principalmente me impressiona na história antiga da China é que tudo nela é verossímil e natural. O que mais me admira é que nada tenha de maravilhoso.

Por que será que todas as nações se atribuíram origens fabulosas? Os antigos cronistas da história de França, que não são antigos, fazem provir os franceses de um Francus — filho de Heitor. Diziam-se os romanos descendentes de um frígio, embora não houvesse na sua língua uma única palavra que tivesse a mais remota relação com a língua frígia. Os deuses haviam habitado dez mil anos no Egito e os diabos na Cítia, onde haviam engendrado os hurões. Antes de Tucídides, não vejo senão romanos semelhantes aos Amadis, e muito menos divertidos. São, por toda parte, aparições, oráculos, prodígios, sortilégios, metamorfoses, sonhos interpretados, e que ditam o destino dos maiores Impérios e dos menores Estados: aqui animais que falam, ali animais que são adorados, deuses

transformados em homens e homens transformados em deuses. Ah! se é necessário que haja fábulas, que estas pelo menos sejam o emblema da verdade. Amo as fábulas dos filósofos, rio com as das crianças, odeio a dos impostores.

Veio-lhe um dia às mãos uma história do imperador Justiniano. Lia-se ali que os apedeutas de Constantinopla haviam baixado, em péssimo grego, um édito contra o maior capitão do século, porque este herói pronunciara as seguintes palavras, no calor da discussão: *A verdade brilha com a sua própria luz, e não se alumiam os espíritos com as chamas das fogueiras.* Asseveraram os apedeutas que tal proposição era herética, ou cheirava a heresia, e que o axioma contrário era católico, universal e grego: *Só se alumiam os espíritos com a chama das fogueiras, e a verdade não pode brilhar com luz própria*. Assim, condenaram os referidos linóstolos várias frases do capitão, e baixaram um édito.

— Como! — exclamou o Ingênuo. — Essa gente a baixar éditos?!

— Não eram éditos — replicou Gordon —, eram contra-éditos, de que todo o mundo ria em Constantinopla, a começar pelo imperador: era este um sábio príncipe que soubera reduzir os apedeutas linóstolos a não fazerem senão o bem. Sabia que esses senhores e vários outros pastóforos haviam esgotado a paciência de seus predecessores, à força de contra-éditos, em matéria mais grave.

— Fez muito bem — disse o Ingênuo. — Cumpre apoiar os pastóforos e contê-los.

Pôs por escrito muitas outras reflexões que espantaram o velho Gordon. "Consumi cinqüenta anos em instruir-me — dizia ele consigo — e temo não poder atingir o natural bom senso deste menino quase selvagem! Parece-me que apenas consegui fortalecer laboriosamente os preconceitos, ao passo que ele só escuta a simples natureza."

Tinha ele alguns desses opúsculos de crítica, dessas brochuras periódicas onde homens incapazes de produzir o que quer que seja denigrem as produções dos outros, onde os Visé insultam os Racine, e os Faydit os Fénelon. O Ingênuo percorreu alguns desses livrecos. "Comparo-os — dizia ele — a certas moscas que vão desovar no traseiro dos mais belos cavalos: isso não os impede de correr." Os dois filósofos mal se dignaram a lançar os olhos sobre esses excrementos da literatura.

Leram juntos os elementos da astronomia; o Ingênuo mandou buscar esferas: aquele grande espetáculo o transportava. “Como é duro — dizia ele — só começar a conhecer o céu depois que me arrebataram o direito de o contemplar! Júpiter e Saturno rolam nesses espaços imensos; milhões de sóis iluminam miríades de mundos; e, na porção de terra onde fui lançado, existem seres que me privam, a mim, ser vidente e pensante, de todos esses mundos que a minha vista poderia atingir, e daquele onde Deus me fez nascer! A luz feita para todo o universo está perdida para mim. Não ma ocultavam no horizonte setentrional onde passei a infância e a juventude. Sem ti, meu querido Gordon, eu estaria aqui no vácuo.”

Capítulo XII

O que pensa o Ingênuo das peças de teatro

Assemelhava-se o Ingênuo a uma dessas árvores vigorosas que, nascidas num solo ingrato, distendem em pouco tempo as raízes e os ramos quando transportadas para terreno favorável; e era bastante estranho que esse terreno fosse uma prisão.

Entre os livros que ocupavam os lazeres dos dois cativos, havia poesias, traduções de tragédias gregas e algumas peças do teatro francês. Os versos que falavam de amor encheram, ao mesmo tempo, a alma do Ingênuo de prazer e sofrimento. Todos lhe falavam da sua querida St. Yves. A fábula dos *Dois Pombos*[34] cortou-lhe o coração: bem longe estava ele de poder regressar a seu pombal.

Molière encantou-o. Fazia-lhe conhecer os costumes de Paris e do gênero humano.

— Qual das suas comédias preferes?

— O *Tartufo,*[35] sem dúvida alguma.

— Penso o mesmo — disse Gordon. — Foi um tartufo quem me meteu neste calabouço e talvez sejam uns tartufos os que te desgraçaram.

— E que achas dessas tragédias gregas?

— Boas para os gregos — respondeu o Ingênuo.

Mas quando leu a *Ifigênia* moderna, *Fedra, Andrômaca, Atalia,*[36] ficou num verdadeiro êxtase, suspirou, chorou, decorava-as sem querer.

— Lê *Rodogune*[37] — recomendou-lhe Gordon. — Dizem que é a obra-prima do teatro; as outras peças, que tanto prazer te causaram, nada são comparadas com ela.

O jovem, logo à primeira página, lhe disse:

— Isto não é do mesmo autor.

— Como o descobriste?

— Ainda não sei. Mas estes versos não me tocam nem o ouvido nem o coração.

— Oh! os versos não importam — observou Gordon.

— Para que então fazê-los? — retrucou o Ingênuo.

Depois de ter lido atentamente a peça, sem outro fim que o de sentir prazer, fitava o amigo com os olhos secos e espantados, sem saber o que dissesse. Mas, instado a dizer o que experimentara, assim respondeu:

— Do começo, nada entendo; o meio deixou-me revoltado; a última cena comoveu-me, embora me parecesse pouco verossímil; não me interessei por ninguém e não retive nem vinte versos, eu que os retenho todos, quando me agradam.

— E no entanto esta peça é considerada a melhor que nós possuímos.

— Se assim é — replicou ele —, talvez seja como muitas pessoas que não merecem o seu lugar. Afinal de contas, é uma questão de gosto; com certeza o meu ainda não está formado; pode ser que me engane; mas bem sabes que costumo dizer o que penso, ou antes, o que sinto. Nos juízos dos homens, há muito de ilusão, de moda, ou de capricho, creio eu. Falei segundo a natureza: pode ser que em mim a natureza se mostre muito imperfeita; mas também pode ser que ela seja às vezes pouco consultada pela maioria dos homens.

Pôs-se então a recitar versos de *Ifigênia* e, embora não declamasse bem, emprestou-lhe tanta verdade e unção, que fez chorar o velho jansenista. Em seguida leu *Cinna:*[38] não chorou, mas admirou.

— Irrita-me que essa brava heroína receba todos os dias um porta-moedas do homem que deseja assassinar. Eu lhe diria com prazer o que li em *Os litigantes*:[39] “Então devolva o dinheiro!”.

Capítulo XIII

A bela St. Yves vai a Versalhes

Enquanto o nosso desgraçado mais se esclarecia do que se consolava; enquanto o seu gênio, por tanto tempo abafado, se desenvolvia com tamanha rapidez e força; enquanto a natureza, que nele se aperfeiçoava, o vingava dos ultrajes da fortuna, que faziam o senhor prior e a sua boa irmã, e a bela reclusa St. Yves? No primeiro mês, inquietaram-se, e no terceiro estavam mergulhados no desespero: alarmavam-nos falsas conjeturas e rumores sem fundamento; ao cabo de seis meses, estavam convencidos da morte do Ingênuo. Afinal, por uma velha carta de um guarda real, o senhor e a senhorita de Kerkabon vieram a saber que um jovem parecido com o Ingênuo chegara uma tarde a Versalhes, mas fora detido à noite, e desde então ninguém mais ouvira falar nele.

— Ai! — suspirou a senhorita Kerkabon —, vai ver que o nosso sobrinho fez alguma tolice e está pagando por isso! É jovem, é bretão, não pode saber como se comportar na Corte. Meu querido irmão, não conheço Versalhes nem Paris; eis uma bela ocasião, e talvez encontremos o nosso pobre sobrinho; é filho do nosso irmão, e o nosso dever é socorrê-lo. Quem sabe se não poderemos afinal fazê-lo subdiácono, depois que se houver apaziguado o ardor da juventude? Tinha bastante inclinação para as ciências. Não te lembras como ele discorria sobre o Velho e o Novo Testamento? Somos responsáveis por sua alma; fomos nós que o batizamos; e a sua querida St. Yves passa o dia a chorá-lo. Na verdade, temos de ir a Paris. Se ele está escondido nalguma dessas casas alegres de que tanto me falaram, de lá o tiraremos.

O prior comoveu-se com as palavras da irmã. Foi falar com o bispo de Saint-Malo, que batizara o hurão, e pediu-lhe proteção e conselho. O prelado aprovou a viagem. Deu-lhe cartas de recomendação para o padre de La Chaise, confessor do rei, que era a mais alta dignidade do reino, para o arcebispo de Paris, Harlay, e para o bispo de Meaux, Bossuet.

Afinal os dois irmãos partiram; mas, chegados a Paris, viram-se perdidos como num vasto labirinto. Suas posses eram medíocres; todos os dias necessitavam de carros para sair à descoberta, e não descobriam coisa alguma.

O prior foi apresentar-se ao reverendo padre de La Chaise: achava-se este com a senhorita Du Thron, e não podia dar audiência a priores. Foi bater à porta do arcebispo; achava-se este encerrado com a bela senhora de Lesdiguières, tratando de assuntos da Igreja. Correu à casa de campo do bispo de Meaux: este examinava, com a senhorita de Mauléon, o amor místico da senhora Guyon. No entanto, chegou a fazer-se ouvir pelos dois últimos prelados, que lhe declararam nada poderem fazer pelo seu sobrinho, visto não ser este subdiácono.

Até que conseguiu avistar-se com o jesuíta: este o recebeu de braços abertos, protestando que sempre lhe dedicara particular estima, embora jamais o tivesse visto. Jurou que a Companhia de Jesus sempre fora muito ligada aos bretões.

— Mas — acrescentou ele —, será que o seu sobrinho não tem a desgraça de ser huguenote?

— Certamente que não, Reverendo Padre.

— E não será jansenista?

— Posso assegurar a Vossa Reverendíssima que é cristão recente. Faz uns onze meses que o batizamos.

— Muito bem, muito bem, nós nos ocuparemos dele. E os seus honorários, senhor prior, são consideráveis?

— Oh, pouca coisa! E o meu sobrinho me sai muito caro.

— E há alguns jansenistas pela vizinhança? Tome cuidado, meu caro prior, eles são mais perigosos que os huguenotes e os ateus.

— Não há nenhum, Reverendo. Nem se sabe o que é jansenismo em Nossa Senhora da Montanha.

— Tanto melhor; pode ir, e esteja certo de que não há nada que eu não faça pelo senhor.

Despediu afetuosamente o prior e não pensou mais no caso.

Corria o tempo, e o prior e a boa irmã se desesperavam.

Entrementes, o maldito bailio apressava o casamento do palerma do filho com a bela St. Yves, que tinham feito sair expressamente do convento. Continuava a amar o seu afilhado tanto quanto detestava o marido que lhe ofereciam. A afronta de ter sido recolhida a um convento

aumentava a sua paixão, que a ordem de desposar o filho do bailio elevava ao cúmulo. O pesar, a ternura e o horror lhe abalavam a alma. O amor, como se sabe, é muito mais engenhoso e ousado em uma donzela do que a amizade em um velho prior e uma tia passante dos quarenta e cinco. De resto, formara o espírito no convento, com os romances que lera às escondidas.

A bela St. Yves lembrava-se da carta que um guarda escrevera para a Baixa Bretanha e da qual muito se havia falado. Resolveu ir pessoalmente obter informações em Versalhes, lançar-se aos pés dos ministros se o Ingênuo estivesse preso, como lhe diziam, e alcançar justiça para ele. Não sei que secreto sentimento a advertia de que na Corte não se recusa nada a uma bela moça. Não sabia, porém, o que isso custava.

Tomada essa resolução, ela se mostra conformada, tranqüiliza-se, não mais evita o lorpa do noivo; acolhe o detestável sogro, acaricia o irmão, espalha alegria pela casa; depois, no dia destinado à cerimônia, parte secretamente às quatro da madrugada com os seus presentes de núpcias e tudo o que pode juntar. Tão bem tomara as suas providências, que estava já a dez léguas quando entraram no seu quarto, por volta do meio-dia. Imagine-se qual não foi a surpresa e consternação! O interrogativo bailio fez naquele dia mais perguntas do que em toda a semana; o noivo ficou mais tolo do que nunca. O abade de St. Yves, encolerizado, tomou a resolução de partir em busca da irmã. O bailio e o filho decidiram acompanhá-lo. Destarte conduzia o Destino a Paris quase todo aquele cantão da Bretanha.

Bem desconfiava a bela St. Yves de que a estavam seguindo; informava-se discretamente com os correios se não haviam encontrado um gordo abade, um enorme bailio e um jovem palerma a caminho de Paris. Tendo sabido, no terceiro dia, que estes não se achavam longe, tomou um caminho diferente, tendo a habilidade e a sorte de chegar a Versalhes enquanto a procuravam inutilmente em Paris.

Mas como conduzir-se em Versalhes? Jovem, bela, sem conselho, sem apoio, desconhecida, exposta a tudo, como atrever-se a procurar um guarda do rei? Pensou em dirigir-se a um jesuíta de baixa categoria; havia-os para todas as condições da vida, tal como Deus, diziam eles, dera diferentes alimentos às diversas espécies de animais. Dera ao rei o seu confessor, a quem todos os solicitadores de benefícios chamavam *o chefe da igreja galicana;* em seguida vinham os confessores das princesas; os

ministros não os tinham: não eram tolos para isso. Havia os jesuítas do vulgo, e principalmente os jesuítas das criadas de quarto, pelas quais se sabiam os segredos das patroas, e que não era pequeno cargo. A bela St. Yves dirigiu-se a um destes últimos, que se chamava o padre Tout-à-tous. Confessou-se a ele, expôs-lhe suas aventuras, seu estado, seu perigo, conjurando-o a alojá-la em casa de alguma boa devota, que a pusesse a abrigo das tentações.

O padre Tout-à-tous a acomodou na casa da mulher de um oficial da copa, uma das suas mais fiéis penitentes. Logo de chegada, apressou-se em ganhar a confiança e amizade dessa mulher; informou-se acerca do guarda bretão, a quem mandou chamar. Tendo sabido por ele que o seu amado fora preso depois de falar com um primeiro-secretário, dirigiu-se à casa deste: a vista de uma bela mulher o abrandou, pois cumpre confessar que Deus só criou as mulheres para domesticarem os homens.

O funcionário, enternecido, confessou-lhe tudo.

— O seu enamorado está na Bastilha há cerca de um ano, e, se não fosse a senhorita, ele talvez ficasse por lá toda a vida.

A sensível St. Yves desmaiou. Quando voltou a si, disse-lhe o funcionário:

— Não tenho atribuições para fazer o bem. Todo o meu poder se limita a fazer o mal algumas vezes. Vá ter com o senhor de Saint Pouange, que faz o bem e o mal, e é primo e favorito de Monsenhor de Louvois. Esse ministro tem duas almas: o senhor de St. Pouange é uma delas; a senhora Du Belloy, a outra; mas esta não se acha agora em Versalhes; só lhe resta o protetor que lhe indico.

A bela St. Yves, dividida entre um pouco de alegria e pesares extremos, entre algumas esperanças e tristes receios, perseguida pelo irmão, sempre adorando o seu amado, enxugando as lágrimas e vertendo-as de novo, trêmula, desencorajada e dali a pouco cheia de ânimo, assim correu a falar com o senhor de St. Pouange.

Capítulo XIV

Progressos do espírito do Ingênuo

O Ingênuo fazia rápidos progressos nas ciências, e sobretudo na ciência do homem. Esse rápido desenvolvimento de seu espírito era devido quase tanto à sua educação selvagem como à têmpera de sua alma. Pois, nada tendo aprendido na infância, não aprendera preconceitos. E seu entendimento, não tendo sido curvado pelo erro, permanecera em toda a sua retidão. Via as coisas como são, ao passo que as idéias que nos inculcam na infância fazem com que as vejamos, durante toda a vida, como não são.

— Teus perseguidores são abomináveis — dizia ele a seu amigo Gordon. — Lamento que te oprimam, mas também lamento que sejas jansenista. Toda seita me parece uma condição de erro. Há, por acaso, seitas em geometria?

— Não, meu filho — disse-lhe, suspirando, o bom Gordon. — Todos os homens estão de acordo sobre a verdade quando ela é demonstrada, mas acham-se muito divididos quanto às verdades obscuras.

— Seria melhor dizer "as falsidades obscuras". Se houvesse uma única verdade oculta nesse montão de argumentos que se repisam há tantos séculos, sem dúvida a teriam descoberto; e, ao menos nesse ponto, o universo estaria de acordo. Se essa verdade fosse necessária como o Sol o é à Terra, seria brilhante como ele. É um absurdo, é um ultraje ao gênero humano, é um atentado contra o Ser Infinito e Supremo dizer: "Há uma verdade essencial ao homem, e Deus a ocultou".

Tudo o que dizia o jovem ignorante, instruído pela natureza, causava profunda impressão no espírito do velho sábio infortunado.

— Será mesmo verdade — exclamou ele — que eu me haja desgraçado por causa de quimeras? Tenho muito mais certeza do meu infortúnio do que da graça eficaz. Consumi meus dias a raciocinar sobre a liberdade de Deus e do gênero humano, e perdi a minha; nem Santo Agostinho nem S. Próspero me tirarão do abismo onde estou.

O Ingênuo, entregue a seu gênio, disse enfim:

— Queres que eu te fale com ousada confiança? Os que se deixam perseguir por essas vãs disputas escolásticas me parecem pouco sensatos; os que os perseguem me parecem monstros.

Os cativos estavam ambos de acordo sobre a injustiça de seu cativeiro.

— Sou mil vezes mais digno de lástima — dizia o Ingênuo. — Nasci livre como o ar; tinha duas vidas, a liberdade e o objeto do meu amor: e ambas me são tiradas. Eis-nos os dois a ferros, sem saber o motivo e sem poder perguntá-lo. Vinte anos vivi como os hurões; dizem que são bárbaros porque se vingam de seus inimigos; mas jamais oprimiram os seus amigos. Mal pus os pés em França, verti meu sangue por ela; salvei talvez uma província e, como recompensa, fui metido neste túmulo de vivos, onde teria morrido de desespero, se não fosses tu. Então não há leis neste país?! Condenam os homens sem ouvi-los?! Na Inglaterra não é assim. Ah! não era contra os ingleses que eu deveria bater-me!

Assim a nascente filosofia era incapaz de dominar a natureza ultrajada no primeiro dos seus direitos, deixando livre curso à sua justa cólera.

Seu companheiro não o contradisse. A ausência sempre aumenta o amor que não é satisfeito, e a filosofia não o diminui. Seguidamente falava ele da sua querida St. Yves, tanto quanto de moral e metafísica. Quanto mais se depuravam seus sentimentos, mais ele amava. Leu alguns novos romances; poucos achou que lhe pintassem o seu estado d'alma. Sentia que o seu coração ia sempre além do que lia. "Ah! — dizia ele. — Quase todos esses autores apenas têm espírito e arte." E o bom do padre jansenista insensivelmente se ia tornando confidente do seu amor. Antes, só conhecia o amor como um pecado de que a gente se acusa em confissão. Aprendeu a conhecê-lo como um sentimento tão nobre quão delicado, que pode elevar a alma tanto quanto enlanguescê-la e que, algumas vezes, até produz virtudes. Enfim, para derradeiro prodígio, um hurão convertia um jansenista.

Capítulo XV

A bela St. Yves resiste a propostas delicadas

A bela St. Yves, mais apaixonada ainda que o seu namorado, foi ter com o senhor de St. Pouange, em companhia da amiga que a hospedava, ambas ocultas nos seus xales. A primeira pessoa que viu à porta foi o abade de St. Yves, seu irmão, que se retirava. Assustou-se, mas a devota amiga tranqüilizou-a.

— Exatamente porque falaram contra ti é que é preciso que fales. Fica certa de que neste país os acusadores têm sempre razão se a gente não se apressa em confundi-los. De resto, ou eu me engano muito ou a tua presença causará maior efeito que as palavras de teu irmão.

Por pouco que a gente a encoraje, uma mulher que ama sabe ser intrépida. A St. Yves apresenta-se à audiência. Sua juventude, seus encantos, seus brandos olhos, umedecidos de algumas lágrimas, atraíram todos os olhares. Cada cortesão do subministro esqueceu por um momento o ídolo do poder para contemplar o da beleza. St. Pouange fê-la entrar num gabinete; ela falou com emoção e graça. St. Pouange sentiu-se comovido. Ela tremia, ele tranqüilizou-a.

— Volte esta noite — disse-lhe ele. — Seus assuntos merecem um demorado exame. Aqui há muita gente. As audiências são despachadas muito às pressas. Tenho de lhe falar a fundo de tudo o que lhe toca.

E, depois de elogiar-lhe a beleza e os sentimentos, recomendou-lhe que voltasse às sete horas da noite.

Não faltou à entrevista; a devota amiga também a acompanhou desta vez, mas conservou-se na sala, a ler *Le Pédagogue Chrétien,* enquanto St. Pouange e a bela St. Yves se achavam no gabinete contíguo.

— Acredita que o seu irmão me veio pedir uma carta-de-prego contra a senhorita? Eu de bom grado expediria uma para mandá-lo de volta à Bretanha.

— Ah, Senhor! Muito liberal deve ser o governo em cartas-de-prego, para que as venham solicitar do fundo do reino, como pensões. Longe estou de pedir uma contra meu irmão. Tenho muitas queixas dele, mas respeito a liberdade dos homens; peço a de um homem a quem quero desposar, de um homem a quem deve o rei a conservação de uma província, que pode servi-lo utilmente e que é filho de um oficial morto a seu serviço. De que é ele acusado? Como o puderam tratar tão cruelmente, sem ouvi-lo?

Mostrou-lhe então o subministro a carta do jesuíta espião e a do pérfido bailio.

— Como! Há tais monstros na terra? E querem obrigar-me a desposar o ridículo filho de um homem ridículo e mau?! E é sob tais informes que se decidem aqui os destinos dos cidadãos?!

Lançou-se de joelhos, pediu entre soluços a liberdade do bravo que a adorava. Seus atrativos, naquele estado, se evidenciaram com maior encanto. Tão bela estava, que St. Pouange, perdendo qualquer escrúpulo, insinuou-lhe que ela havia de conseguir tudo se começasse por lhe dar as primícias do que reservava a seu noivo. A St. Yves, aterrada e confusa, fingiu muito tempo não compreendê-lo; foi preciso explicar-se mais claramente. Uma frase largada a princípio com certa reserva provocava outra mais forte, seguida de uma terceira mais expressiva. Não apenas a revogação da carta-de-prego lhe foi oferecida, mas recompensas, dinheiro, honrarias, posições. E, quanto mais ele prometia, mais aumentava o desejo de não ser recusado.

A St. Yves chorava, arquejante, meio tombada num sofá, mal acreditando no que via e no que ouvia. St. Pouange, por sua vez, lançou-se-lhe aos pés. Atrativos não lhe faltavam, e bem poderia não espantar um coração menos prevenido. Mas St. Yves adorava o seu amado e julgava um crime horrível traí-lo para o servir. St. Pouange redobrava os rogos e promessas. Afinal tresvariou a ponto de declarar que era aquele o único meio de tirar da prisão o homem pelo qual tomava ela tão violento e apaixonado interesse. A estranha entrevista prolongava-se indefinidamente. A devota da antecâmara, lendo o seu *Pédagogue Chrétien,* pensava: "Meu Deus! Que podem eles estar fazendo há duas horas? Nunca monsenhor de St. Pouange me deu tão longa audiência; com certeza ele recusou tudo a essa pobre moça, visto que até agora ela lhe está rogando".

Enfim a sua companheira saiu do gabinete, desvairada, sem poder falar, a refletir profundamente sobre o caráter dos grandes e dos semigrandes que tão levianamente sacrificam a liberdade dos homens e a honra das mulheres.

Não disse palavra durante todo o caminho. Chegada à casa da amiga, desabafou e contou-lhe tudo. A devota fez grandes sinais-da-cruz.

— Minha querida, devemos consultar amanhã o padre Tout-à-tous, nosso diretor; goza de muito crédito junto ao senhor de St. Pouange; confessa várias criadas de sua casa; é um homem pio e complacente, que também dirige damas de qualidade. Abandona-te a ele, é assim que faço; e

sempre me dei muito bem com isso. Nós, pobres mulheres, temos necessidade de ser conduzidas por um homem.

— Pois bem, minha querida amiga, irei amanhã falar com o padre Tout-à-tous.

Capítulo XVI

Ela consulta um jesuíta

Logo que a bela e consternada St. Yves se viu com o seu bom confessor, contou-lhe que um homem poderoso e lúbrico lhe propunha tirar da prisão aquele a quem ela deveria desposar legitimamente, e que lhe pedia um alto preço pelo seu serviço; que tal infidelidade lhe causava tremenda repugnância e que, se apenas se tratasse da sua própria vida, preferiria perdê-la a sucumbir.

— Que abominável pecador! — exclamou o padre Tout-à-tous. — Deve dizer-me o nome desse vilão; é sem dúvida algum jansenista; eu o denunciarei a Sua Reverendíssima o padre de La Chaise, que o mandará meter no calabouço onde se acha agora a amável criatura que a senhorita deve desposar.

A pobre moça, depois de longo embaraço e muitas hesitações, revelou enfim o nome de St. Pouange.

— Monsenhor de St. Pouange! — exclamou o jesuíta. — Ah, minha filha, isso é outra coisa; ele é primo do maior ministro que jamais tivemos, homem de bem, protetor da boa causa, bom cristão; não pode ter tido tal pensamento: com certeza a senhorita compreendeu mal.

— Ah, meu padre, entendi muito bem! Qualquer coisa que eu faça, estou perdida; só tenho a escolher entre a desgraça e a versgonha; ou o meu noivo permanecerá enterrado vivo ou eu me tornarei indigna de viver. Não posso deixá-lo perecer, e não posso salvá-lo.

O padre Tout-à-tous tratou de acalmá-la com estas doces palavras:

— Primeiramente, minha filha, nunca diga meu noivo; tem qualquer coisa de mundano, que poderia ofender a Deus. Diga *meu esposo,* pois, embora ainda o não seja, considera-o como tal, e nada é mais decente.

"Por outro lado, embora seja ele seu esposo em pensamento, em esperança, não o é de fato: e assim não cometeria adultério, pecado enorme que cumpre sempre evitar na medida do possível.

"Em terceiro lugar, as ações não têm malícia de culpa quando a intenção é pura.

"Por último, existem na santa Antiguidade alguns exemplos que servem à maravilha para nortear seu procedimento. Refere Santo Agostinho que, sob o pró-consulado de Septimius Acindynus, no ano 340 da nossa salvação, um pobre homem, não podendo pagar a César o que pertencia a César, foi condenado à morte, como é justo, apesar da máxima: *Onde não há nada, o rei perde* os *seus direitos.* Tratava-se de uma libra de ouro. Tinha o réu uma esposa a quem Deus aquinhoara com a beleza e a prudência. Um velho ricaço prometeu dar-lhe uma libra de ouro, e até mais, sob a condição de praticar com ela o pecado imundo. A dama não julgou que fizesse mal nenhum em salvar a vida ao marido. Santo Agostinho encarece grandemente a sua generosa resignação. É verdade que o velho ricaço a enganou e talvez o marido não tenha deixado de ir para a forca; mas a esposa fizera tudo o que estava a seu alcance para salvar-lhe a vida.

"Esteja certa, minha filha, de que, quando um jesuíta chega a citar-lhe Santo Agostinho, é que esse santo está mesmo com a razão. Não lhe aconselho nada; juízo não lhe falta; é de presumir que saberá ser útil a seu esposo. Monsenhor de St. Pouange é um homem honrado, não a enganará; é o mais que lhe posso dizer; rezarei pela senhorita, e espero que tudo se passará para maior glória de Deus."

A bela St. Yves, não menos estarrecida com estas palavras do que com as propostas do subministro, voltou completamente desnorteada para junto da amiga. Sentia-se tentada a livrar-se, pela morte, do horror de deixar num horrendo cativeiro aquele a quem adorava, e da vergonha de o libertar à custa do que ela possuía de mais caro e que só devia pertencer àquele desgraçado amante.

Capítulo XVII

Ela sucumbe por virtude

Pedia à amiga que a matasse; mas esta mulher, não menos indulgente que o jesuíta, falou-lhe ainda com mais clareza.

— Ai! — suspirou ela. — Os negócios não se arranjam de outra maneira nesta Corte tão amável, tão galante e afamada. Os lugares mais medíocres, e os mais consideráveis, muitas vezes não foram concedidos senão pelo preço que exigem de ti. Escuta, tu me inspiraste amizade e confiança; pois confesso-te que, se me houvesse mostrado tão difícil como tu, meu marido não teria o pequeno cargo de que vive; ele bem o sabe e, longe de se agastar com isso, vê em mim a sua benfeitora e considera-se criatura minha. Pensas que todos aqueles que estiveram à testa das províncias, ou mesmo dos exércitos, tenham devido as honrarias e a fortuna unicamente a seus serviços? Há os que o devem as senhoras suas esposas. As dignidades da guerra foram solicitadas pelo amor; e o lugar concedido ao esposo da mais bela. Tu estás em uma situação muito mais interessante: o fim é libertares teu noivo e desposá-lo; trata-se de um dever sagrado a que não podes faltar. Ninguém censurou as belas e grandes damas de quem te falo; a ti, hão de aplaudir-te e dirão que só te permitiste uma fraqueza por excesso de virtude.

— Ah! que virtude! — exclamou a bela St. Yves. — Que labirinto de iniqüidades! Que país! E como aprendo a conhecer os homens! Um padre de La Chaise e um bailio ridículo mandam meu noivo para a prisão; minha família me persegue; e só me estendem a mão, na desgraça, para desonrar-me. Um jesuíta perdeu a um bravo, outro jesuíta quer perder-me; estou cercada de armadilhas e aproxima-se o instante fatal! Devo matar-me, ou ir falar ao rei. Eu me jogarei a seus pés quando ele passar para a missa ou para o teatro.

— Não deixarão que te aproximes dele — disse-lhe a boa amiga. — E, se tivesses a desgraça de falar, Monsenhor de Louvois e o padre de La Chaise poderiam enterrar-te num convento para o resto da vida.

Enquanto a excelente criatura assim aumentava as perplexidades daquela alma em desespero e lhe afundava o punhal no coração, eis que chega um enviado do senhor de St. Pouange, com uma carta e dois belíssimos brincos. St. Yves recusou tudo, chorando, mas a amiga recebeu o presente e a carta.

Logo que o mensageiro partiu, a nossa confidente pôs-se a ler a carta, na qual são convidadas as duas amigas para uma pequena ceia, naquela mesma noite. St. Yves jura que não irá. A devota procura experimentar-lhe o par de brincos de diamante; St. Yves não o permite, e luta o dia inteiro.

Afinal, só tendo em vista o noivo, vencida, arrastada, sem saber aonde a levam, deixa-se conduzir à ceia fatal. Nada pudera fazer com que ela usasse os brincos; a confidente os levou consigo e ajustou-lhos contra a sua vontade antes que se sentassem à mesa. St. Yves estava tão confusa, tão perturbada, que se deixava atormentar; e o anfitrião tirava disso um excelente augúrio. Pelo fim da ceia, a amiga retirou-se discretamente. St. Pouange mostrou então a revogação da carta-de-prego, o certificado de uma considerável gratificação, o da concessão de uma companhia, e não poupou as mais belas promessas.

— Ah! — disse-lhe a St. Yves. — Como eu o estimaria se o senhor não quisesse ser tão estimado!

Afinal, após uma longa resistência, e soluços, gritos, lágrimas, exausta da luta, alucinada, desfalecente, teve de render-se. Não teve outro recurso senão prometer a si mesma que só pensaria no Ingênuo enquanto o cruel desfrutasse impiedosamente da necessidade a que se via reduzida.

Capítulo XVIII

Ela liberta o noivo e um jansenista

Ao clarear do dia, corre a Paris, munida da ordem do ministro. Difícil pintar o que lhe ia no coração durante aquela viagem. Imagine-se uma

alma virtuosa e nobre, humilhada com o seu opróbrio, embriagada de paixão, lacerada pelos remorsos de haver traído o seu amado, cheia da alegria de libertar aquele a quem adora. Suas amarguras, suas lutas, seu triunfo lhe partilhavam todas as reflexões. Não era mais aquela jovem simples a quem uma educação provinciana acanhara as idéias. O amor e a desgraça a tinham formado. Tantos progressos fizera nela o sentimento como os fizera a razão no espírito do seu desventurado noivo. As moças aprendem a sentir com muito mais facilidade do que os homens a pensar. A sua aventura era mais instrutiva que quatro anos de convento.

Seu traje era de extrema singeleza. Considerava com horror os adereços com que se apresentara a seu funesto benfeitor; deixara os brincos para a companheira, sem ao menos lançar-lhes um olhar. Confusa e encantada, idolatrando o Ingênuo e odiando a si mesma; chega enfim à porta

Desse horrível castelo, palácio da vingança,
Que freqüentemente conteve o crime e a inocência.[40]

Quando foi para descer da carruagem, faltavam-lhe as forças; tiveram de ajudá-la; ela entrou, com o coração palpitante, os olhos úmidos, a fisionomia consternada. Apresentam-na ao governador; ela quer falar-lhe, sua voz expira; mostra a sua ordem, articulando a custo algumas palavras.

O governador, que estimava o prisioneiro, mostrou-se muito satisfeito com a liberação. Seu coração não estava endurecido como o de alguns honrados carcereiros seus confrades, que, só pensando nos proventos que lhe traz a guarda dos cativos, baseando as rendas nas suas vítimas e vivendo da desgraça alheia, sentiam em segredo uma horrenda alegria com as lágrimas dos desgraçados.

Mandou trazer o prisioneiro a seu gabinete. Os dois enamorados dão com os olhos um no outro e desmaiam. A bela St. Yves permaneceu longo tempo sem movimento e sem vida: o outro logo se refez.

— Pelo que vejo, é a senhora sua esposa — disse-lhe o governador. — O senhor não me havia dito que era casado. Sei que é à sua generosa interferência que deve o senhor a liberdade.

— Ah! eu não sou digna de ser sua esposa — disse a bela St. Yves com voz trêmula, e desmaiou de novo.

Quando voltou a si, apresentou, sempre trêmula, o certificado da gratificação e a promessa, por escrito, de uma companhia. O Ingênuo, tão

espantado como enternecido, despertava de um sonho para cair em outro.

— Por que fui encerrado aqui? Como pudeste libertar-me? Onde estão os monstros que me perseguiram? Tu és uma divindade baixada do céu em meu auxílio.

A bela St. Yves baixava o olhar, depois fitava o amado, enrubescia, e logo desviava os olhos úmidos de pranto. Contou-lhe afinal tudo o que sabia e tudo o que experimentara, exceto aquilo que desejaria ocultar a si mesma para sempre e que qualquer outro que não o Ingênuo, mais acostumado ao imundo e mais a par dos costumes da Corte, teria logo adivinhado.

— Será possível que um miserável como esse bailio tenha tido o poder de arrebatar-me a liberdade? Ah! bem vejo que com os homens acontece o mesmo que com os mais desprezíveis animais: todos podem causar dano. Mas será possível que um monge, um jesuíta confessor do rei, tenha contribuído para o meu infortúnio tanto quanto o bailio, sem que eu possa imaginar sob que pretexto me perseguiu esse detestável tratante? Fez-me passar por jansenista? E como te foste lembrar de mim? Eu não o merecia, eu não passava então de um selvagem. E pudeste, sem conselho, sem auxílio, ir até Versalhes! Lá apareceste, e quebram-se as minhas cadeias! Há, pois, na beleza e na virtude um invencível encanto que faz tombarem as portas de ferro e abrandarem os corações de bronze!

A esta palavra *virtude,* escaparam soluços à bela St. Yves. Não sabia o quanto era virtuosa no crime de que se acusava.

O Ingênuo assim continuou:

— Ó anjo que rompeste os meus grilhões, se tiveste bastante influência (o que eu ainda não compreendo) para obrigar a me fazerem justiça, intercede para que também a façam a um velho que me ensinou a pensar, como tu me ensinaste a amar. A desgraça nos uniu; estimo-o como a um pai; não posso viver sem ele, como não posso viver sem ti.

— Que *eu* vá pedir ao mesmo homem que...!

— Sim, quero dever tudo a ti, e só a ti: escreve a esse homem poderoso, cumula-me de teus benefícios, termina o que começaste, completa os teus prodígios.

Sentia que devia fazer tudo quanto exigia o seu amado. Quis escrever, a mão não obedecia. Três vezes começou a carta, três vezes a rasgou. Afinal escreveu. E os dois noivos se retiraram após haver abraçado o velho mártir da graça eficaz.

A feliz e desolada St. Yves sabia onde morava o irmão; para lá se dirigiu; seu noivo tomou um apartamento na mesma casa.

Mal haviam chegado, seu protetor enviou-lhe a ordem de soltura de Gordon, e marcou-lhe encontro para o dia seguinte. Assim, a cada ação honesta e generosa que praticava, a desonra era o seu preço. Execrava esse costume de vender a desgraça e a felicidade dos homens. Entregou a ordem de soltura ao Ingênuo e recusou o encontro com um benfeitor com quem não mais poderia avistar-se sem morrer de dor e vergonha. O Ingênuo só poderia separar-se dela para ir libertar um amigo. Correu sem demora. E cumpriu esse dever, refletindo sobre os estranhos acontecimentos deste mundo e admirando a corajosa virtude de uma rapariga a quem dois infelizes deviam mais que a vida.

Capítulo XIX

O Ingênuo, a bela St. Yves e seus parentes se reúnem

A generosa e respeitável infiel achava-se com o seu irmão, o padre de St. Yves, com o bom prior da Montanha e a dama de Kerkabon. Todos estavam igualmente espantados, mas bem diversos eram seus sentimentos e situações. O abade de St. Yves chorava suas culpas aos pés da irmã, que lhas perdoava.

O prior e sua terna irmã também choravam, mas de alegria. O maldito bailio e seu insuportável filho não perturbavam absolutamente a comovedora cena: tinham partido aos primeiros rumores da libertação do seu inimigo; corriam a sepultar na província a sua tolice e o seu temor.

Os quatro personagens, agitados de mil sentimentos diversos, esperavam que o jovem voltasse com o amigo a quem fora libertar. O abade de St. Yves não ousava erguer os olhos diante da irmã.

— Tornarei a ver o meu querido sobrinho — dizia a boa Kerkabon.

— Há de revê-lo — respondeu-lhe a encantadora St Yves —, mas já não é o mesmo homem. Sua atitude, seu tom, suas idéias, seu espírito, tudo está mudado. Tornou-se tão respeitável quanto era simplório e estranho a tudo. Ele será a honra e o consolo da sua família; quem me dera sê-lo também da minha!

— Nem tu és tampouco a mesma — observou o prior. — Que foi que houve contigo para assim te causar tamanha mudança?

Em meio dessa conversa, chega o Ingênuo, trazendo pela mão o seu jansenista. A cena então adquire maior novidade e interesse. Começou pelos ternos abraços do tio e da tia. O padre de St. Yves quase se lançara aos joelhos do Ingênuo, que não era mais *o ingênuo*. Os dois enamorados falavam-se com olhares que exprimiam todos os sentimentos que os dominavam. Na face de um brilhava a satisfação, o reconhecimento; nos olhos de outro, ternos e preocupados, lia-se o embaraço. Espantavam-se do que ela pudesse mesclar desgosto a tanta alegria.

O velho Gordon se tornou em poucos momentos estimado de toda a família. Tinha sido infeliz com o jovem prisioneiro, e isso era um grande título. Devia ele sua libertação aos dois enamorados, e isto bastava para reconciliá-lo com o amor; abandonava-o a rigidez das antigas convicções; achava-se, como o hurão, transformado em homem. Cada um contou suas aventuras antes da ceia. Os dois padres e a tia escutavam como crianças que ouvem histórias de fantasmas, e como humanos que se interessavam todos por tantas desgraças.

— Há provavelmente — dizia Gordon — mais de quinhentas pessoas virtuosas que se acham agora nas mesmas cadeias que a senhorita de St. Yves quebrou: suas desgraças são desconhecidas. Encontram-se muitas mãos para bater na multidão dos infelizes, e raramente uma que os socorra.

Essa reflexão tão verdadeira lhe aumentava a sensibilidade e o reconhecimento; tudo encarecia a vitória da bela St. Yves; todos admiravam a magnitude e firmeza de sua alma. À admiração juntava-se esse respeito que a gente, sem querer, dedica às pessoas com influência na Corte. Mas o abade de St. Yves pensava às vezes: “Que terá feito a minha irmã para conseguir tão depressa todo esse crédito?”.

Iam sentar-se à mesa, quando chega a boa amiga de Versalhes, sem nada saber do que se passara. Vinha numa carruagem de seis cavalos, e bem se via a quem pertencia a equipagem. Entra com o ar imponente de

uma pessoa de Corte que tem altas preocupações, saúda ligeiramente a companhia e, chamando à parte a bela St. Yves:

— Por que te fazes esperar assim? Acompanha-me. Eis os diamantes que esqueceste.

Não pôde dizer tais palavras tão baixo que o Ingênuo as não ouvisse. Ele viu os diamantes. O irmão ficou embaraçado. O tio e a tia apenas experimentaram uma surpresa de boas criaturas que jamais haviam contemplado tal magnificência. O jovem, que amadurecera em um ano de reflexões, fê-las mau grado seu, e pareceu perturbar-se um momento. A St. Yves o percebeu; uma palidez mortal espalhou-se-lhe no belo rosto; pôs-se a tremer, e mantinha-se a custo.

— Ah! — disse ela à fatal amiga. — Tu me perdeste! Tu me dás a morte!

Estas palavras traspassaram o coração do Ingênuo; mas já tinha aprendido a conter-se; nada disse, por medo de inquietar a noiva diante do irmão, mas empalideceu como ela.

A St. Yves, transtornada com a alteração que via no rosto do Ingênuo, arrasta a amiga para um corredor e atira-lhe os diamantes aos pés:

— Ah! não foram esses diamantes que me seduziram, tu bem o sabes; mas aquele que mos deu nunca mais me tornará a ver.

Enquanto a amiga os recolhia, a St. Yves acrescentava:

— Ele que fique com os diamantes, ou os presenteie a ti; vai-te, não me faças ter ainda maior vergonha de mim mesma.

A embaixatriz retirou-se, sem compreender os remorsos de que era testemunha.

A bela St. Yves, opressa, doente, sufocada, foi obrigada a meter-se no leito. Mas, para não alarmar ninguém com o que sentia, e apenas pretextando cansaço, pediu licença para repousar, mas isso depois de haver tranqüilizado a companhia com palavras afetuosas e dirigido ao amado olhares que lhe incendiavam o coração.

A ceia, que ela não animava, foi triste no princípio, mas dessa grave tristeza que induz a conversações atraentes e úteis, tão superiores a essa frívola alegria que todos procuram e que não passa, em geral, de um importuno rumor.

Gordon traçou em poucas palavras a história do jansenismo e do molinismo, das perseguições com que um partido afligia ao outro e da irredutibilidade de ambos. O Ingênuo fez-lhes a crítica e lamentou os

homens que, não satisfeitos da discórdia que os seus interesses provocam, arranjam novos males procedentes de interesses quiméricos e ininteligíveis absurdos. Gordon narrava, o outro julgava; os convivas ouviam com emoção, esclarecendo-se de novas luzes. Falou-se da extensão de nossos infortúnios e da brevidade da vida. Observou-se que cada condição tem um vício e um perigo que lhe são peculiares, e que, desde o príncipe ao último dos mendigos, tudo parece acusar a natureza. Como se encontram tantos homens que, por tão pouco dinheiro, se tornam perseguidores, satélites, carrascos dos outros homens? Com que inumana indiferença um homem de posição assina o aniquilamento de uma família, e com que bárbara alegria os mercenários o executam!

— Na minha mocidade — disse Gordon —, conheci um parente do marechal de Marillac que, perseguido na sua província por causa daquele ilustre desgraçado, se ocultava em Paris sob um nome suposto. Era um velho de setenta e dois anos. Acompanhava-o a esposa, mais ou menos da sua idade. Haviam tido um filho libertino que, aos catorze anos, fugira da casa paterna. Soldado, depois desertor, passara por todos os graus do deboche e da miséria. Afinal, sob outro nome, entrara para a guarda do cardeal de Richelieu (pois esse sacerdote, como Mazarino, tinha guardas); obtivera um bastão de ajudante nessa companhia de satélites. Esse aventureiro foi encarregado de prender o casal de velhos, o que desempenhou com toda a dureza de um homem desejoso de agradar a seu amo. Enquanto os conduzia, ouviu as duas vítimas deplorarem a longa seqüência dos males que haviam experimentado desde o berço. O pai e a mãe contavam entre os seus maiores infortúnios os desmandos e a perda do filho. Reconheceu-os; mas nem por isso deixou de os conduzir à prisão, assegurando-lhes que acima de tudo estava o serviço de Sua Eminência. Sua Eminência recompensou-lhe o zelo.

"Vi um espião do padre de La Chaise trair o próprio irmão, na esperança de um pequeno benefício, que não obteve; e vi-o morrer, não de remorsos, mas do pesar de haver sido enganado por um jesuíta.

"O cargo de confessor, que por muito tempo exerci, fez-me conhecer o íntimo das famílias; não vi quase nenhuma que não estivesse mergulhada na amargura, muito embora, afivelando a máscara da felicidade, parecessem nadar em alegria, e sempre notei que os grandes desgostos eram fruto da nossa desenfreada cupidez."

— Quanto a mim — disse o Ingênuo —, penso que uma alma nobre, reconhecida e sensível pode viver feliz; e conto desfrutar de uma felicidade sem nuvens com a bela e generosa St. Yves. Pois espero — acrescentou, dirigindo ao irmão desta um amistoso sorriso — que não ma recusarás, como o ano passado, e garanto que me portarei com mais decência.

O padre desmanchou-se em desculpas quanto ao passado e em protestos de eterna amizade.

O tio Kerkabon disse que seria aquele o mais belo dia da sua vida. A boa tia, extasiada e chorando de júbilo, exclamava:

— Bem te dizia eu que nunca havias de ser subdiácono; este sacramento vale mais que o outro; prouvera a Deus que eu fosse honrada com ele! Em todo caso, te servirei de mãe.

E cada qual porfiava em louvar a adorável St. Yves.

O Ingênuo tinha o coração bastante compenetrado de tudo o que a St. Yves fizera por ele, e muito a amava para que a aventura dos diamantes pudesse desvanecer tudo mais. Mas estas palavras que não deixara de ouvir, *tu me dás a morte,* ainda o aterravam secretamente e lhe corrompiam toda a alegria, ao passo que os elogios à sua querida aumentavam ainda mais o seu amor. Agora não se ocupava senão dela; só se falava da felicidade que ambos mereciam; combinavam viver todos juntos em Paris, faziam projetos de fortuna e engrandecimento, entregavam-se a todas essas esperanças que o mínimo lampejo de ventura faz brotar com tamanha facilidade. Mas o Ingênuo, no íntimo, experimentava um sentimento que repelia essa ilusão. Relia as promessas assinadas por St. Pouange, e as nomeações assinadas por Louvois. Descreveram-lhe esses homens tais como eram, ou como os julgavam. Todos se referiram aos ministros e ao ministério com essa "liberdade de mesa" considerada em França como a mais preciosa liberdade que se possa gozar sobre a face da Terra.

— Se eu fosse rei de França — disse o Ingênuo —, eis como escolheria o ministro da guerra: havia de ser um homem do mais alto nascimento, pois assim daria ordens à nobreza. Desejaria que fosse ele próprio oficial, que tivesse percorrido todos os postos, que fosse pelo menos tenente-general e digno de ser marechal de França; pois não é necessário ter servido, para melhor conhecer todos os detalhes do serviço? E os oficiais não obedecem mil vezes com mais disposição a um militar

que se haja, como eles, assinalado pela coragem, do que a um homem de gabinete que, quando muito, só pode adivinhar as operações de uma campanha, por mais inteligente que seja? Não me incomodaria se o meu ministro fosse generoso, embora isso, às vezes, embaraçasse um pouco o meu tesoureiro real. Gostaria que trabalhasse com facilidade e que se distinguisse por essa alegria de espírito, apanágio de um homem superior, tão do agrado da nação e que torna todos os deveres menos penosos.

Desejava ele que um ministro tivesse esse caráter, porque sempre notara que o bom humor é incompatível com a crueldade.

Monsenhor de Louvois talvez não se agradasse dos desejos do Ingênuo: possuía outra espécie de mérito.

Mas, enquanto se achavam à mesa, a doença da infeliz assumia um caráter funesto; atacara-a uma febre devoradora; sofria, mas não se queixava, para não perturbar a alegria dos convivas.

O irmão, sabendo que ela não dormia, foi até seus aposentos; ficou surpreso com o seu estado. Todos acorreram, o noivo em primeiro lugar. Estava sem dúvida mais alarmado e comovido do que todos os outros; mas aprendera a acrescentar a discrição a todos os felizes dons que lhe prodigalizara a natureza, e começava a dominar-lhe o espírito o sentimento imediato das conveniências.

Mandaram chamar um médico da vizinhança. Era um desses que visitam os doentes a correr, que confundem a doença que acabam de ver com a que estão examinando, que exercem uma cega rotina em uma ciência à qual nem toda a natureza de um espírito são e refletido poderá tirar seus perigos e incertezas. Aumentou o mal com sua precipitação em prescrever um remédio em moda na época. Modas até na medicina! Essa mania era muito comum em Paris.

A triste St. Yves ainda contribuía mais do que o médico para agravar o seu estado. A alma consumia o corpo. A multidão dos pensamentos que a agitavam vertia-lhe nas veias um veneno mais perigoso que o da febre.

Capítulo XX

A morte da bela St. Yves e suas conseqüências

Chamaram outro médico. Este, em vez de auxiliar a natureza e deixá-la agir em uma jovem criatura cujos órgãos a solicitavam todos para a vida, só se preocupou em contrariar o seu confrade. Em dois dias a doença se declarou mortal. O cérebro, que se supõe a sede do entendimento, foi tão violentamente atacado quanto o coração, que é, ao que dizem, a sede das paixões.

Que incompreensível mecânica submeteu os órgãos ao sentimento e ao espírito? Como pode uma única idéia dolorosa desarranjar a circulação do sangue? Como é que o sangue, por sua vez, comunica suas irregularidades ao entendimento humano? Que fluido é esse, desconhecido de nós, mas cuja existência é inegável, e que, mais rápido, mais ativo do que a luz, percorre num ápice todos os canais da vida, produz sensações, lembranças, tristeza ou alegria, razão ou delírio, evoca, com horror, o que se desejaria esquecer e que faz, de um animal pensante, ou um objeto de admiração, ou um motivo de piedade e lágrimas?

Era o que dizia o bom Gordon; e essa reflexão tão natural, que raramente os homens fazem, em nada lhe afetava o sofrimento; pois não era desses desgraçados filósofos que se esforçam por se mostrar insensíveis. Comovia-se com a sorte daquela moça, como um pai que vê lentamente morrer o seu filho querido.

O padre de St. Yves estava desesperado, o prior e a irmã derramavam rios de lágrimas. Mas quem poderia descrever o estado de seu noivo? Nenhuma língua possui expressões que correspondam àquele auge do sofrimento; são muito imperfeitas as línguas.

A tia, quase sem vida, sustentava nos frágeis braços a cabeça da moribunda, o tio estava de joelhos ao pé do leito. O noivo apertava-lhe a mão, que banhava de lágrimas, e rompia em soluços; chamava-a sua benfeitora, sua esperança, sua vida, metade de si mesmo, sua senhora, sua esposa. A essa palavra *esposa,* ela suspirou, olhou-o com inexprimível ternura, e de súbito lançou um grito de horror. Depois, num desses intervalos em que a prostração e o enfraquecimento dos sentidos, e as dores suspensas, deixam à alma toda a sua liberdade e força, ela exclamou:

— Eu, tua esposa! Ah! meu querido, esse nome, essa felicidade, esse prêmio não eram mais para mim; eu morro, e o mereço. Ó deus de meu coração, que eu sacrifiquei aos demônios infernais, tudo está acabado, eis-me punida, e possas tu viver feliz.

Essas apaixonadas e terríveis palavras não podiam ser compreendidas, mas lançavam em todos os peitos o horror e a comoção; ela teve a coragem de explicar-se. Cada palavra fazia os assistentes fremirem de espanto, de dor e de piedade. Todos confraternizavam para execrar o homem poderoso que só reparara uma injustiça com um crime, e que forçara a mais venerável inocência a ser sua cúmplice.

— Tu, culpada? — exclamou o noivo. — Não, tu não és culpada; o crime só pode estar no coração, e o teu coração pertence à virtude e a mim.

Ele confirmava esse sentimento com palavras que pareciam ressuscitar a bela St. Yves. Ela sentia-se consolada, e espantava-se de ser ainda amada. O velho Gordon a teria condenado no tempo em que era apenas jansenista; mas, tendo-se tornado sábio, estimava-a e só fazia chorar.

Em meio de tantas lágrimas e temores, enquanto o perigo daquele querido ente enchia todos os corações, quando era tudo consternação, anunciam um correio da Corte. Um correio! E de quem? E por que? Era da parte do confessor do rei para o prior da Montanha. Quem escrevia não era o padre de La Chaise, mas o irmão Vadbled, seu criado de quarto, homem muito importante naquela época: era ele quem comunicava aos arcebispos as decisões de Sua Reverendíssima, ele quem dava audiência, quem prometia benefícios, quem expedia às vezes as cartas-de-prego. Escrevia ele ao prior da Montanha *que Sua Reverendíssima se achava informado das aventuras de seu sobrinho, o hurão, que a prisão deste último fora apenas um engano, que essas pequenas desgraças sucediam freqüentemente, que não se devia dar maior importância a tal coisa e que, enfim, concedia que ele, prior, lhe viesse apresentar o referido sobrinho no dia seguinte, que também devia trazer consigo esse Gordon, que ele, irmão Vadbled apresentaria Sua Reverendíssima e a Monsenhor de Louvois, o qual lhes diria uma palavra na sua antecâmara.*

Acrescentava que a história do Ingênuo e do seu combate com os ingleses havia sido referida ao rei, o qual certamente se dignaria notá-lo quando passasse pela galeria, e talvez até lhe fizesse um aceno de cabeça. Terminava a carta com a lisonjeira esperança de que todas as damas da

Corte se apressariam em chamar o seu sobrinho ao toucador, e que várias dentre elas lhe diriam: “Bom dia, senhor Ingênuo”; e que seguramente falariam a seu respeito durante a ceia do rei. A carta vinha assinada: *Seu afeiçoado Vadbled, irmão jesuíta.*

Tendo o prior lido a carta em voz alta, o sobrinho, furioso, e retendo um momento a cólera, nada disse ao portador, mas, voltando-se para o seu companheiro de infortúnio, perguntou-lhe o que pensava daquele estilo. Gordon lhe respondeu: — É que tratam os homens como macacos: batem-lhes e fazem-nos dançar. — O Ingênuo, recuperando o antigo gênio, que volta sempre nas grandes comoções, rasgou a carta em pedaços e lançou-os à cara do portador: — Eis a minha resposta. — O tio espantado julgou ver o raio e vinte cartas de prego tombarem-lhe em cima. Foi logo escrever, desculpando, como podia, aquilo que ele tomava como um arrebatamento de moço, mas que era o desabafo incontido de uma grande alma. No entretanto, mais dolorosos cuidados se apossavam de todos os corações. A bela e desgraçada St. Yves sentia já aproximar-se o fim; estava tranqüila, mas dessa terrível tranqüilidade da natureza exausta que não tem mais forças para combater.

— Ó meu querido — disse ela com voz desfalecente —, a morte me castiga pela minha fraqueza; mas expiro com o consolo de saber-te livre. Eu te adorei quando te traía, e adoro-te quando te digo o adeus eterno.

Não ostentava uma vã firmeza; não tinha essa miserável vaidade de fazer com que alguns vizinhos comentassem: “Ela morreu corajosamente”. Quem é que pode, aos vinte anos, perder sem pesar e sofrimentos o seu amado, a sua vida, e aquilo a que chamam *a honra?* Sentia todo o horror do seu estado, e fazia-o sentir com essas palavras e olhares moribundos que falam com tanto império. Chorava, enfim, como os outros, nos momentos em que tinha forças para fazê-lo.

Louvem outros a morte faustosa daqueles que entram com toda a insensibilidade no aniquilamento: é a sorte de todos os animais. Só morremos com a sua mesma indiferença quando a idade ou a doença nos torna semelhantes a eles devido à estupidez de nossos sentidos. Quem quer que sofra uma grande perda sente-o imensamente; se abafa o seu pesar, é que leva a vaidade até os braços da morte.

Chegado o fatal instante, todos os assistentes romperam em lágrimas e ais. O Ingênuo perdeu os sentidos. As almas fortes têm reações muito mais violentas que as outras quando se comovem. O bom Gordon, que

muito bem o conhecia, temia que ele se matasse ao voltar a si. Afastaram de seu alcance todas as armas; o infeliz o percebeu; e disse a seus parentes e a Gordon, sem chorar, sem gemer, sem alterar-se:

— Pensam então que existe alguém no mundo que tenha o direito e o poder de me impedir que eu acabe com a vida?

Gordon não procurou impingir-lhe esses fastidiosos lugares-comuns com os quais tentam provar que não devemos usar da própria liberdade para deixar a vida quando nos sentimos horrivelmente mal e que não é lícito abandonarmos a própria casa quando esta se torna inabitável, e que o homem está no mundo como um soldado no seu posto: como se importasse ao Ser dos seres que a assembléia de algumas partes de matéria estivesse num lugar ou noutro; impotentes razões que um desespero firme e refletido desdenha ouvir, e às quais Catão só respondeu com um punhal.

O terrível silêncio do Ingênuo, seus olhos sombrios, seus lábios trementes, os frêmitos de seu corpo, incutiam, na alma de todos aqueles que o contemplavam, essa mescla de compaixão e terror que acorrenta todas as potências da alma, que impede a palavra e só se manifesta por frases entrecortadas. A dona da casa e sua família haviam acorrido; tremiam de seu desespero, guardavam-no à vista, observavam-lhe todos os movimentos. Já o corpo gelado da bela St. Yves fora carregado para longe dos olhos do Ingênuo, que ainda parecia procurá-la, embora não estivesse em condições de distinguir o que quer que fosse.

Em meio a esse fúnebre espetáculo, enquanto se acha o corpo exposto à porta da casa, e dois padres, junto a uma pia, recitam orações com ar distraído, enquanto alguns passantes, por ociosidade, lançam água benta sobre a cabeça e outros prosseguem indiferentemente o seu caminho, enquanto os parentes choram e um noivo está prestes a matar-se, chega St. Pouange com a amiga de Versalhes.

Sua passageira inclinação, apenas uma vez satisfeita, transformara-se em amor. Espicaçara-o a recusa de seus presentes. O padre de La Chaise jamais teria pensado em ir àquela casa; mas St. Pouange, tendo todos os dias diante dos olhos a imagem da bela St. Yves, ardendo por aplacar uma paixão que, por uma função única, o aferroara com o aguilhão dos desejos, não hesitou em ir procurar pessoalmente aquela a quem talvez não quisesse rever três vezes se ela própria houvesse comparecido.

Desce da carruagem; o primeiro objeto que se lhe depara é um esquife; ele desvia os olhos com esse simples desgosto de um homem

afeito aos prazeres que julga lhe deva ser poupado todo espetáculo capaz de o obrigar à contemplação da miséria humana. Faz menção de subir. A mulher de Versalhes pergunta, por curiosidade, a quem vão enterrar; pronunciam o nome da senhorita de St. Yves. A esse nome ela empalidece e solta um grito; St. Pouange volta-se; a surpresa e a dor lhe avassalam a alma. Ali se achava o bom Gordon, com os olhos rasos de lágrimas. Interrompe as suas tristes preces para narrar ao cortesão toda aquela horrível catástrofe. Fala-lhe com esse império que dão o sofrimento e a virtude. St. Pouange não nascera mau; a torrente das intrigas e diversões havia arrebatado a sua alma, que ainda se desconhecia. Não havia atingido a velhice, que de ordinário endurece o coração dos ministros; escutava Gordon de olhos baixos e enxugava algumas lágrimas que estava atônito de derramar: conheceu o arrependimento.

— Faço absoluta questão de ver — disse ele — esse homem extraordinário de quem o senhor me falou; ele me comove e quase tanto como essa inocente vítima cuja morte causei.

Gordon o acompanhou até o quarto onde o prior, a Kerkabon, o padre de St. Yves e alguns vizinhos tudo faziam para reanimar o jovem que de novo desmaiara.

— Causei sua desgraça — disse-lhe o subministro. — Empregarei a minha vida em reparar o mal que lhe fiz.

A primeira idéia que ocorreu ao Ingênuo foi matá-lo e matar-se depois. Nada mais cabível; mas achava-se sem arrias e estreitamente vigiado. St. Pouange não se chocou com a repulsa, acompanhada da censura, desprezo e horror que ele bem merecia e não lhe foram poupados. O tempo abranda tudo. Monsenhor de Louvois conseguiu afinal fazer um excelente oficial do Ingênuo, que apareceu sob outro nome em Paris e no exército, com o aplauso de todas as pessoas de bem, e que foi ao mesmo tempo um guerreiro e um filósofo intrépido.

Jamais se referia a essa aventura sem gemer; e no entanto o seu consolo era falar nela. Cultuou a memória da bela St. Yves até o último instante de vida. O padre de St. Yves e o prior conseguiram cada qual um bom benefício; a boa Kerkabon estimou mais ver o sobrinho nas honrarias militares do que no subdiaconato. A devota de Versalhes ficou com os brincos e recebeu ainda um belo presente. O padre Tout-à-tous ganhou latas de chocolate, de café, de açúcar-cândi, de frutas em compota, com as *Meditações do reverendo padre Croiset* e *A Flor dos Santos* encadernados

em marroquim. O bom Gordon viveu com o Ingênuo até a morte, na mais íntima amizade; também conseguiu um benefício e esqueceu para sempre a graça eficaz e o concurso concomitante.[41] Tomou para si a seguinte divisa: *a desgraça serve para alguma coisa*. Quantos homens honestos nesse mundo já disseram: *a desgraça não serve para nada!*

O Homem dos Quarenta Escudos

Voltaire em Cirey interessava-se muito pela agricultura e pela economia política. Pensava que a grandeza de um país dependesse de sua riqueza e esta do trabalho produtivo dos habitantes. Ligava também a felicidade do gênero humano à sua prosperidade crescente. Acontece que na mesma época surgiam mil sistemas novos acerca da agricultura e da economia política. Voltaire, que sempre tivera horror aos sistemas, e não apenas aos sistemas metafísicos, indignava-se com ver a teoria invadir um terreno que exige tão-somente experiência e bom senso. Daí a história do homem dos quarenta escudos, escrita, como ele confessa, num momento de mau humor.

A obra apareceu em 1768, sem nome de autor, em Genebra, impressa pelos Cramer. Voltaire apressa-se em atribuí-la de início a um empregado do monopólio do sal, e mais tarde, a fim de melhor despistar os leitores, a um empregado das finanças. Acabará entretanto por confessar a paternidade da obra em 1778, em uma carta dirigida ao conde de Milly: "Lembro-me, com efeito, senhor, de ter escrito outrora a farsa do homem dos quarenta escudos".

Embora o livro tenha origem na crítica "dos novos sistemas de finanças propostos por tantos indivíduos que governam por prazer e dos sistemas de agricultura inventados nos bastidores da Ópera ou da Comédie" (Carta a Moreau de la Rochelle), *o espírito de Voltaire sobreexcede o domínio da economia política para ventilar os problemas da religião, da ciência (a formação do mundo), da legislação, da higiene e mesmo da literatura. Aliás o encanto de Voltaire está nessa passagem incessante e irônica de um assunto a outro.*

O livro foi condenado a 24 de setembro de 1768 pelo Parlamento de Paris e a 29 de novembro de 1771 pelo papa. Em 1768 o abade Coyer publicava sob o título de Chinki, História Coquinchinesa, *uma segunda parte do* Homem dos Quarenta Escudos *e em 1769 apareceu* O Homem das Trinta-e-seis Fortunas, *imitação da obra de Voltaire.*

S. M.

Um velho, que sempre *lastima o presente e louva o passado*, me dizia:

— A França, meu amigo, não é tão rica hoje como no tempo de Henrique iv. E por quê? Porque as terras já não são tão bem cultivadas; os homens subtraem-se à terra e, tendo o jornaleiro encarecido o trabalho, vários proprietários deixam as suas herdades incultas.

— De que provém escassez de trabalhadores?

— É que todos aqueles que sentiram alguma habilidade adotaram os ofícios de tecelão, gravador, relojoeiro, procurador ou teólogo. É que a revogação do édito de Nantes abriu um grande vácuo no reino; multiplicaram-se as religiosas e os mendigos; e enfim, cada qual fugiu, o mais que pôde, ao penoso trabalho da lavoura, para o qual Deus nos criou, e que tornamos ignominioso, tão insensatos somos.

"Outra causa da nossa pobreza está nas necessidades novas. Temos de pagar a nossos vizinhos quatro milhões de um artigo, e cinco ou seis de outro, para metermos nas ventas um pó malcheiroso vindo da América; o café, o chá, o chocolate, a cochonilha, o anil, as especiarias, nos custam mais de sessenta milhões por ano. Tudo isso era desconhecido no tempo de Henrique iv, fora as especiarias, cujo consumo, no entanto, era muito menor do que hoje. Queimamos cem vezes mais velas, e adquirimos mais de metade da nossa cera no estrangeiro, porque negligenciamos as colméias. Vemos cem vezes mais diamantes, nas orelhas, pescoço e mãos das cidadãs de Paris e de nossas grandes cidades, do que as tinham todas as damas da Corte de Henrique iv, inclusive a rainha. E essas superfluidades foi preciso pagá-las quase todas à vista.

"Considere principalmente que pagamos aos estrangeiros mais de quinze milhões das rendas do Palácio da Prefeitura e que Henrique iv, ao subir ao trono, tendo encontrado cerca de dois milhões ao todo nesse palácio imaginário, embolsou sensatamente uma parte para aliviar o Estado desse fardo.

"Considere que as nossas guerras civis tinham derramado na França os tesouros do México, quando *don Phelippo el discreto* queria comprar a França, e que, desde então, as guerras estrangeiras nos desembaraçaram da metade do nosso dinheiro.

“Eis as causas de nossa pobreza. Ocultamo-la sob lambris envernizados e com o artifício das modistas: somos pobres com bom gosto. Há financistas, empreiteiros, negociantes muito ricos; seus filhos, seus genros, são muito ricos; a nação, em geral, não o é.”

Boas ou más, as razões desse velho causaram-me profunda impressão; pois o cura de minha paróquia, que sempre me teve amizade, ensinou-me um pouco de geometria e história, e começo agora a refletir, coisa bastante rara na minha província. Não sei se ele estava com a razão em tudo; mas, sendo eu muito pobre, não tive maiores dificuldades em acreditar que possuía muitos companheiros.[42]

Quebra do Homem dos Quarenta Escudos

Folgo em comunicar ao universo que possuo uma terra que me daria uma renda líquida de quarenta escudos, se não fora a taxa a que está sujeita.

Apareceram vários éditos de algumas pessoas que, dispondo de lazeres, governam o Estado do canto da sua lareira. O preâmbulo desses éditos rezava que *os poderes legislativo e executivo nasceram co-proprietários da minha terra, por direito divino,* e que eu lhes devo pelo menos metade do que como. Ante a enormidade do estômago do legislativo e do executivo, fiz um grande sinal-da-cruz. Que seria se esses poderes, que presidem à *ordem essencial* das *sociedades,* tivessem a minha terra inteira? Um é ainda mais divino que o outro.

Bem sabe o senhor inspetor geral que eu só pagava ao todo doze libras; que era um fardo bastante pesado para mim, e que eu teria sucumbido se Deus não me houvera dado o gênio de fazer cestos de vime, que me ajudavam a suportar a miséria. Como, pois, poderei dar de uma só vez vinte escudos ao rei?

Os novos ministros diziam, mais, no seu preâmbulo, que só se devem taxar as terras, visto que tudo vem da terra, até a chuva, e, por conseguinte, apenas os frutos da terra é que devem imposto.

Um de seus meirinhos veio à minha casa por ocasião da última guerra; pediu-me, por minha quota-parte, três sesteiros de trigo e um saco de favas, num total de vinte escudos, para sustentar a guerra que faziam e cuja razão eu jamais soubera, tendo apenas ouvido dizer que, na tal guerra, nada havia a ganhar para o meu país, e muito a perder. Como então eu não tivesse nem trigo, nem favas, nem dinheiro, o legislativo e o executivo me puseram na cadeia; e fizeram a guerra como foi possível.

Ao sair da prisão, não tendo mais que a pele em cima dos ossos, encontrei um homem rechonchudo e corado, numa carruagem de seis cavalos; tinha seis lacaios e pagava de ordenado a cada um o dobro da minha renda. Seu mordomo, tão vermelho quanto ele, recebia dois mil francos, e roubava-lhe, por ano, vinte mil. Sua amante lhe custava quarenta mil escudos em seis meses; eu o conhecera outrora, no tempo em que ele tinha menos do que eu: confessou-me, para me consolar, que tinha quatrocentas mil libras de renda.

— Pagas então duzentas mil libras ao Estado — lhe disse eu —, para auxiliar a vantajosa guerra que sustentamos; pois eu, que tenho exatamente as minhas cento e vinte libras, devo pagar a metade delas.

— Eu? Contribuir para as necessidades do Estado! — exclamou ele. — Estás brincando, meu amigo: herdei de um tio que ganhara oito milhões em Cádiz e Surata; não possuo uma polegada de terra; todos os meus haveres consistem em contratos, em títulos; nada devo ao Estado: é a ti que compete entregar metade da tua subsistência, pois és um proprietário rural. Não compreendes que, se o ministro das finanças exigisse de mim algum auxílio para a pátria, não passaria de um imbecil incapaz de calcular? Pois tudo vem da terra; o dinheiro e os títulos não são mais que símbolos: em vez de arriscar no faraó cem sesteiros de trigo, cem bois, mil carneiros e duzentos sacos de aveia, jogo rolos de ouro que representam esses gêneros incômodos. Se, depois de cobrado o *imposto único* sobre esses gêneros, ainda me viessem pedir dinheiro, não vês que seria uma dupla operação, que seria exigir duas vezes a mesma coisa? Meu tio vendeu em Cádiz uns dois milhões do vosso trigo e uns dois milhões de tecidos fabricados com a vossa lã; ganhou mais de cem por cento nesses dois negócios. Bem compreendes que esse lucro foi auferido de terras já taxadas: o que o meu tio vos comprava aqui por dez soldos, vendia-o por mais de cinqüenta francos no México, e, descontadas as despesas, voltou com oito milhões.

“Já se vê que seria uma horrível injustiça reclamar-lhe alguns óbolos sobre os dez soldos que ele vos deu. Se vinte sobrinhos como eu, cujos tios houvessem ganho, nos bons tempos, oito milhões cada um, no México, em Buenos Aires, em Lima, em Surata ou Pondicherry, emprestassem cada um ao Estado apenas duzentos mil francos, para as necessidades urgentes da pátria, isso importaria em quatro milhões: que horror! Paga, pois, meu amigo, tu que desfrutas em paz de uma renda segura e líquida de quarenta escudos; serve bem à tua pátria, e vem algumas vezes jantar com os meus lacaios.”

Essas plausíveis considerações muito me fizeram refletir, mas não me consolaram nada.

Conversação com um geômetra

Acontece às vezes que nada se pode responder, sem que no entanto se esteja de acordo. Fica-se vencido mas não convencido. Sente-se no fundo d’alma um escrúpulo, uma repugnância que nos impede de acreditar no que nos provaram. Demonstrou-nos um geômetra que, entre um círculo e uma tangente, podemos fazer passar uma infinidade de linhas curvas e que não podemos fazer passar uma linha reta. Os nossos olhos, a nossa razão nos dizem o contrário. O geômetra responde-nos gravemente que se trata de um infinito de segunda ordem. Calamo-nos, pois, e retiramo-nos estupefatos, sem nenhuma idéia nítida, sem nada compreender e sem nada replicar.

Vamos então consultar a um geômetra de melhor fé, que nos explica o mistério.

— Imaginamos — disse ele — o que não pode existir na natureza, linhas que têm comprimento mas não têm largura; é impossível, fisicamente falando, que uma linha real penetre uma outra. Nenhuma curva, ou nenhuma reta real, pode passar entre duas linhas reais que se tocam: trata-se de jogos do entendimento, de quimeras ideais; e a verdadeira geometria é a arte de medir as coisas existentes.

Fiquei muito contente com a confissão desse sábio matemático, e pus-me a rir, na minha desgraça, ao saber que havia charlatanismo até na ciência a que chamam de *alta ciência.*

O meu geômetra era um cidadão filósofo que se dignara conversar algumas vezes comigo na minha cabana.

— O senhor procurou — disse-lhe eu — esclarecer os basbaques de Paris quanto ao que mais interessa os homens, a duração da vida humana. Só pelo senhor ficou sabendo o ministério o que deve dar aos rendeiros vitalícios, segundo as diferentes idades. Propôs-se a fornecer às casas da cidade a água que lhes falta e salvar-nos enfim do opróbrio e do ridículo de ouvirmos sempre clamar por água e de vermos mulheres, encerradas num arco, carregarem dois baldes d'água, de quinze libras cada um, até um quarto andar. Tenha a bondade de dizer-me quantos animais de duas mãos e de dois pés existem em França.

O Geômetra: — Supõe-se que haja cerca de vinte milhões, e prefiro adotar esse cálculo bastante provável,[43] à espera de que o verifiquem, o que seria fácil e ainda não fizeram porque nunca se lembram de tudo.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Quantas jeiras calcula o senhor para o território de França?

O Geômetra: — Cento e trinta milhões, sendo quase metade em estradas, cidades, vilas, landes, charnecas, pântanos, areias, terras estéreis, conventos inúteis, parques mais agradáveis que úteis, terrenos incultos, maus terrenos mal cultivados. Poder-se-ia reduzir as terras de boa produção a setenta e cinco milhões de jeiras quadradas; mas ponhamos oitenta milhões: impossível fazer mais pela pátria.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Quanto julga que cada jeira produza em média, num ano normal, em trigo, grãos de toda espécie, vinhos, madeiras, metais, gado, frutas, lã, leite e azeite, todas as despesas feitas, sem contar o imposto?

O Geômetra: — Se produzirem, cada uma, vinte e cinco libras, já é muito; ponhamos, no entanto, trinta libras, para não desanimar os nossos concidadãos. Há jeiras que produzem valores contínuos estimados em trezentas libras; outras há que produzem três libras. A média proporcional entre três e trezentos é trinta: pois bem vê que três está para trinta como trinta está para trezentos. É verdade que, se houvesse muitas jeiras de três libras e pouquíssimas de trezentas libras, a nossa conta não valeria; mas, ainda uma vez, não quero fazer chicana.

O Homem dos Quarenta Escudos: — E então, senhor, quanto dão, fazendo o cálculo em dinheiro, os oitenta milhões de jeiras?

O Geômetra: — O cálculo se faz por si: dão, anualmente, dois bilhões e quatrocentos milhões de libras, ao câmbio atual.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Li que Salomão, só em dinheiro, possuía vinte e cinco bilhões; e certamente não há dois bilhões e quatrocentos milhões em circulação na França, que me dizem ser muito maior e mais rica que o país de Salomão.

O Geômetra: — Aí é que está o mistério: há agora no reino talvez uns novecentos milhões em circulação, e esse dinheiro, passando de mão em mão, dá para pagar todos os gêneros e todos os trabalhos; o mesmo escudo pode passar mil vezes do bolso do cultivador para o do taberneiro e do funcionário.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Compreendo. Mas o senhor me disse que somos vinte milhões de habitantes, entre homens e mulheres, crianças e velhos? quanto toca a cada um?

O Geômetra: — Cento e vinte libras, ou quarenta escudos.

O Homem dos Quarenta Escudos: — O senhor adivinhou a minha renda: possuo quatro jeiras que, entre os anos de descanso e os de produção, me valem cento e vinte libras; é pouco. Como! Se cada um possuísse uma parte igual, como na idade de ouro, não teria cada um senão cinco luíses de ouro por ano?

O Geômetra: — Não mais, segundo o nosso cálculo, que eu arredondei um pouco. Tal é a condição humana. A vida e a fortuna são muito limitadas; em média, só se vive, em Paris, de vinte e dois a vinte e três anos; e em média, só se dispõe de cento e vinte libras por ano para gastar; quer dizer que o seu alimento, o seu vestuário, a sua casa, os seus móveis, são representados pela soma de cento e vinte libras.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Que é isso? Que lhe fiz eu, para que assim o senhor me tire a fortuna e a vida? É verdade que só tenho vinte e três anos de vida, a menos que roube a parte de meus camaradas?

O Geômetra: — Isso é incontestável na boa cidade de Paris; mas, desses vinte e três anos, cumpre subtrair pelo menos dez anos da infância; pois a infância não é uma função da vida, é uma preparação: é o vestíbulo do edifício, é a árvore que ainda não deu frutos, é a aurora de um dia. Subtraia dos treze anos que lhe restam o tempo do sono e do tédio, é pelo

menos a metade; sobram seis anos e meio que o senhor gastará nos aborrecimentos, nas dores, em alguns prazeres e na esperança.

O Homem dos Quarenta Escudos: — O seu cálculo só concede três anos de existência suportável.

O Geômetra: — A culpa não é minha. Pouco se preocupa a natureza com os indivíduos. Há outros insetos que só vivem um dia, mas cuja espécie dura para sempre. A natureza é como esses grandes príncipes que não levam em conta a perda de quatrocentos mil homens, contanto que cheguem ao fim de seus augustos desígnios.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Quarenta escudos e três anos de vida! Que medida imagina o senhor contra essas suas maldições?

O Geômetra: — Quanto à vida, seria preciso tornar mais puro o ar de Paris, que os homens comessem menos e fizessem mais exercícios, que as mães amamentassem os filhos, que a gente não fosse tão mal avisada para temer a inoculação: é o que já tenho dito; e, quanto à fortuna, é só casar e fazer filhos.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Como? Quer dizer que o meio de viver comodamente é associar minha miséria à de outrem?

O Geômetra: — Cinco ou seis misérias juntas constituem uma situação bastante tolerável. Arranje uma boa mulher, dois rapazes e duas meninas apenas, o que dará setecentas e vinte libras para a sua casa, na hipótese de que haja justiça e cada indivíduo tenha cento e vinte libras de renda. Os seus filhos, quando pequenos, não lhe custam quase nada; grandes, o aliviarão; seus auxílios mútuos lhe cobrem quase todas as despesas, e o senhor viverá muito venturosamente com toda a filosofia, contanto que esses senhores que governam o Estado não cometam a barbaria de extorquir a cada um vinte escudos por ano; mas a desgraça é que não mais estamos na idade de ouro, em que os homens, nascidos todos iguais, tinham igual parte nos generosos produtos de uma terra não cultivada. Já é muito que, hoje, cada criatura de duas mãos e dois pés possua um fundo de cento e vinte libras de renda.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Ah! o senhor nos arruína. Dizia há pouco que, num país onde há oitenta milhões de jeiras de terra bastante boa e vinte milhões de habitantes, deve cada qual gozar de cento e vinte libras de renda, e agora o senhor no-las tira!

O Geômetra: — Eu calculava pelos dados do século de ouro, quando se deve calcular pelo século de ferro. Há muitos habitantes que não têm

senão dez escudos de renda, outros que só têm quatro ou cinco, e mais de seis milhões de homens que não têm absolutamente nada.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Mas esses morreriam de fome ao cabo de três dias.

O Geômetra: — Absolutamente; os outros, que possuem a sua porção, os fazem trabalhar e dividem-na com eles; é o que pagam o teólogo, o confeiteiro, o boticário, o procurador, o comediante, o pregador e o cocheiro. O senhor se julgou digno de lástima por não ter senão cento e vinte libras para gastar anualmente, reduzidas a cento e oito libras devido à taxa de doze francos; mas considere os soldados que dão o sangue pela pátria: a quatro soldos por dia, só dispõem de setenta e três libras, com as quais vivem alegremente, agrupando-se em alojamentos.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Quer dizer então que um ex-jesuíta ganha cinco vezes mais que um soldado. No entanto os soldados prestaram mais serviços ao Estado, à vista do rei, em Fontenoy, em Laufelt, no cerco de Friburgo, do que jamais o fez o reverendo padre La Valette.

O Geômetra: — Nada mais verdadeiro; e ainda assim, cada jesuíta tornado livre tem mais que gastar do que custava ao convento: há até alguns que ganharam muito dinheiro fazendo brochuras contra os parlamentos, como o reverendo padre Patouillet e o reverendo padre Nonnotte. Cada qual se industria neste mundo: um dirige uma fábrica de tecidos, outro, de porcelana; aquele se dedica à ópera; este redige uma gazeta eclesiástica; este outro uma tragédia burguesa ou um romance ao gosto inglês; mantém o papeleiro, o vendedor de tinta, o livreiro, o bufarinheiro, que, não fora ele, estariam pedindo esmola. Afinal, é a restituição das cento e vinte libras aos que nada têm que faz florescer o Estado.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Bela maneira de florescer!

O Geômetra: — Não há outra: em todo país, o rico faz o pobre viver. Eis a única fonte da indústria do comércio. Quanto mais industriosa a nação, mais ganha do estrangeiro. Se conseguíssemos do estrangeiro dez milhões anuais, pelo comércio, dentro em vinte anos haveria duzentos milhões a mais no Estado: seriam mais dez francos para distribuir lealmente a cada um; quer dizer que os negociantes fariam ganhar a cada pobre dez francos a mais, na esperança de obter lucros ainda mais consideráveis. Mas o comércio tem seus limites, como a fertilidade da

terra: a não ser assim, a progressão iria ao infinito: por outro lado, não é seguro que a balança comercial nos seja sempre favorável; há tempos em que perdemos.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Ouvi falar muito em população. Que aconteceria se nos puséssemos a fazer o dobro dos filhos que habitualmente fazemos, se a nossa pátria fosse povoada ao dobro, se tivéssemos quarenta milhões de habitantes em vez de vinte?

O Geômetra: — Aconteceria que cada um só teria em média vinte escudos para gastar, ou seria preciso que a terra rendesse o dobro do que rende, ou tivesse o dobro de pobres, ou cumpriria ter o dobro de indústria e ganhar o dobro do estrangeiro, ou enviar metade da nação para a América, ou que metade da nação comesse a outra.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Contentemo-nos pois com os nossos vinte milhões de homens e as nossas cento e vinte libras por cabeça, repartidas como apraza a Deus; mas essa situação é triste, e bem duro o seu século de ferro.

O Geômetra: — Não há nação nenhuma que esteja em melhores condições; e outras há que estão muito pior. Acredita que haja no Norte com que dar o equivalente de cento e vinte libras a cada habitante? Se possuíssem o equivalente, não teriam os hunos, godos, vândalos e francos desertado a sua pátria para estabelecer-se alhures, a ferro e fogo.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Se o deixasse falar, o senhor em breve me persuadiria de que eu sou muito feliz com os meus cento e vinte francos.

O Geômetra: — Se o senhor pensasse que é feliz, nesse caso o seria.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Impossível que alguém imagine ser o que não é, a menos que esteja louco.

O Geômetra: — Já disse que o senhor, para sentir-se mais a gosto e mais feliz do que é, devia tomar mulher; mas acrescentarei que esta também deverá ter cento e vinte libras de renda, isto é, quatro jeiras a dez escudos a jeira. Os antigos romanos não tinham senão três. Seus filhos, se forem industriosos, poderão ganhar o mesmo cada um, trabalhando para os outros.

O Homem dos Quarenta Escudos: — De modo que não poderão eles ter dinheiro sem que outros o percam?

O Geômetra: — É a lei de todas as nações; só se respira por esse preço.

O Homem dos Quarenta Escudos: — E ainda será preciso que minha mulher e eu entreguemos, cada um, metade da nossa colheita ao poder legislativo e executivo, e que os novos ministros do Estado nos arrebatem metade do preço do nosso suor e da subsistência de nossos pobres filhos antes que estes possam ganhar a vida?! Diga-me a quanto monta o dinheiro de direito divino que os nossos ministros carregam para os cofres do rei.

O Geômetra: — Paga o senhor vinte escudos por quatro jeiras que rendem quarenta. O rico que possui quatrocentas jeiras pagará, por essa nova tarifa, dois mil escudos, e os oitenta milhões de jeiras renderão, para o rei, anualmente, um bilhão e duzentos milhões de libras, ou quatrocentos milhões de escudos.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Isto me parece impraticável e impossível.

O Geômetra: — O senhor tem toda a razão, e tal impossibilidade é uma demonstração geométrica de que há um vício fundamental de raciocínio nos planos dos novos ministros.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Não está também patente uma prodigiosa injustiça no fato de me tomarem metade do meu trigo, do meu cânhamo, da lã de meus carneiros etc., e não exigirem nenhuma contribuição daqueles que terão ganho dez ou vinte ou trinta mil libras de renda com o meu cânhamo, de que fabricaram o tecido, com a minha lã de que fizeram cobertas, com o meu trigo, que terão vendido mais caro do que compraram?

O Geômetra: — Tão evidente é a injustiça dessa administração quanto errôneo o seu cálculo. Cumpre que a indústria seja favorecida, mas cumpre que a indústria opulenta socorra o Estado. Essa indústria sem dúvida lhe tirou uma parte das suas cento e vinte libras e delas se apropriou vendendo-lhe camisas e roupa vinte vezes mais caro do que lhe custariam se o senhor mesmo as tivesse feito. O fabricante, que enriqueceu à custa do senhor, deu, confesso-o, um salário aos respectivos operários, que nada possuíam de seu; mas reteve para si próprio, anualmente, uma soma que lhe valeu afinal trinta mil libras de renda: foi, pois, à custa do senhor que ele adquiriu a sua fortuna; o senhor nunca lhe poderá vender os seus gêneros tão caro que possa indenizar-se do que ele ganhou nas suas costas; pois, se tentasse essa alta, ele compraria no estrangeiro a preço mais conveniente. Uma prova de que isso é verdade é que ele continua sempre

no gozo das suas trinta mil libras de renda, ao passo que o senhor fica com as suas cento e vinte libras, que, longe de aumentar, seguidamente diminuem.

É, pois, necessário e eqüitativo que a indústria refinada do negociante pague mais do que a indústria grosseira do lavrador. O mesmo se dá com o recebedor dos juros públicos. Sua taxa era de doze francos antes que os nossos grandes ministros lhe tivessem tomado vinte escudos. Sobre esses doze francos ficava o publicano com dez soldos. Se há na sua província quinhentas mil almas, terá ele ganho duzentos e cinqüenta mil francos anuais. Que gaste cinqüenta, é claro que ao fim de dez anos possuirá dois milhões. É muito justo que ele contribua proporcionalmente, sem o que tudo estaria pervertido e desequilibrado.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Agradeço-lhe por haver taxado esse financeiro, isto alivia a minha imaginação. Mas, visto que ele aumentou tão lindamente o seu supérfluo, como poderei eu fazer para também aumentar minha pequena fortuna?

O Geômetra: — Já lhe disse: casando-se, trabalhando, procurando tirar de sua terra mais alguns feixes do que ela lhe proporcionava.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Na hipótese de que eu tenha trabalhado bastante, que toda a nação haja feito o mesmo, que o legislativo e executivo tenham angariado com isso maior tributo, quanto a nação terá ganho no fim do ano?

O Geômetra: — Nada, a menos que tenha feito um útil comércio exterior: mas terá vivido mais comodamente. Cada qual, em proporção, terá tido mais vestuários, mais camisas, mais móveis do que antes. Terá havido no Estado uma circulação mais abundante, os salários terão sido aumentados, com o tempo, mais ou menos em proporção ao número das medas de trigo, das mãos de lã, dos couros de bois, cervos e cabras que tenham sido aproveitados, dos racimos que tenham ido para o lagar. Ter-se-á pago ao rei mais valores de gêneros e dinheiro, e o rei terá devolvido valores aos que houver feito trabalhar sob as suas ordens; mas não haverá um escudo a mais no reino.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Que restará então ao poder no fim do ano?

O Geômetra: — Nada; é o que acontece a todo poder: não entesoura; foi alimentado, vestido, alojado, mobiliado; todo o mundo também o foi, cada qual conforme a sua condição. E, caso entesoure, arranca à circulação

tanto dinheiro quanto acumulou; fez tantos desgraçados quantas porções de quarenta escudos meteu no cofre.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Mas esse grande Henrique IV não passava então de um vilão, de um ladravaz, de um larápio; pois me contaram que enfurnara na Bastilha mais de cinqüenta milhões na moeda atual.

O Geômetra: — Era um homem tão bom, tão prudente quão valoroso. Ia fazer uma guerra justa e, acumulando nos seus cofres vinte e dois milhões na moeda da época, tendo ainda a receber mais outros vinte que deixava circular, poupava ao povo mais de cem milhões que lhe custaria se não houvesse tomado essas úteis medidas. Tornava-se moralmente seguro do sucesso contra um inimigo que não tomara as mesmas precauções. O cálculo das probabilidades era prodigiosamente em seu favor. Seus vinte e dois milhões entesourados provavam que havia então no reino o valor de vinte e dois milhões de excedente nos bens da terra; assim ninguém era prejudicado.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Bem que o meu velhote me havia dito que se era relativamente mais rico sob a administração do duque de Sully que sob a dos novos ministros que lançaram o imposto único e me tomaram vinte escudos sobre quarenta. Diga-me, há alguma nação no mundo que goze desse belo benefício do imposto único?

O Geômetra: — Nenhuma nação opulenta. Os ingleses, que não riem nunca, puseram-se a rir, quando souberam que pessoas inteligentes haviam proposto entre nós esse sistema. Os chineses exigem uma taxa de todos os vassalos negociantes que abordam em Cantão; os holandeses, quando admitidos no Japão, pagam tributo em Nagasaki, sob o pretexto de que não são cristãos. Os lapões e samoeses são na verdade submetidos a um imposto único, em peles de marta; a república de S. Marinho só paga dízimos para sustentar o esplendor do Estado.

Há na Europa uma nação, famosa por sua equanimidade e valor, que não paga nenhuma taxa. É o povo helvético; mas eis o que aconteceu: esse povo pôs-se no lugar dos duques de Áustria e de Zeringue; os pequenos cantões são democráticos e muito pobres, cada habitante paga uma soma bastante módica, para as necessidades da pequena república. Nos cantões ricos, devem-se ao Estado os tributos que os arquiduques da Áustria e os senhores latifundiários exigiam; os cantões protestantes são o dobro mais ricos que os católicos, pois ali o Estado possui os bens que pertenceriam

aos padres. Os que eram súditos dos duques da Áustria, dos duques de Zeringue e dos padres hoje o são da pátria; pagam à pátria os mesmos dízimos, os mesmos direitos, os mesmos laudêmios que pagavam aos antigos senhores; e, como os súditos em geral têm pouco comércio, o negócio não é sujeito a nenhum tributo, exceto pequenos direitos de entreposto: o que faz entrar algum dinheiro no seu país à nossa custa; exemplo tão único no mundo civilizado como o imposto estabelecido por nossos novos legisladores.

O Homem dos Quarenta Escudos: — De modo que os suíços não são despojados da metade de seus bens por direito divino, e o que possui quatro vacas não entrega duas ao Estado?

O Geômetra: — Não, certamente. Num cantão, sobre treze tonéis de vinho, entrega-se um e bebem-se doze. Num outro cantão, paga-se a duodécima parte e bebem-se as onze restantes.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Ah! que me façam suíço! Maldito esse iníquo imposto único, que me reduziu a pedir esmola! Mas trezentos ou quatrocentos impostos, dos quais até os nomes é impossível reter e pronunciar, são acaso mais justos e honestos? Já houve legislador que, ao fundar um Estado, tenha imaginado delegados reais aferidores de carvão, avaliadores de vinho, inspetores de lenha, examinadores de porcos, fiscais de manteiga? Sustentar um exército de pândegos duas vezes mais numeroso que o de Alexandre, comandado por sessenta generais que requisitam tudo, que todos os dias conseguem assinaladas vitórias, que fazem prisioneiros e que às vezes os sacrificam no ar ou num tablado, como faziam os antigos citas, pelo que me disse o cura?

Tal legislação, contra a qual se elevavam tantos clamores e que fazia derramar tantas lágrimas, acaso valia mais do que essa que de repente me tira, sem cerimônia, metade da minha subsistência? Receio que, fazendo bem as contas, tenham me tomado uns três quartos nas antigas finanças.

O Geômetra:

Iliacos intra muros peccatur et extra.
Est modus in rebus, caveas ne quid nimis.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Aprendi um pouco de história e geometria, mas não sei latim.

O Geômetra: — Isso significa mais ou menos que o mal está de ambos os lados, que em tudo se deve guardar o meio-termo: nada de

excessos.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Sim, nada de excessos; é o que acontece comigo; mas sucede que não tenho o suficiente.

O Geômetra: — Convenho em que o senhor morrerá de fome, e eu também, e o Estado também, no caso que a nova administração dure apenas uns dois anos; mas é de esperar que Deus se compadeça de nós.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Passa-se a vida a esperar e morre-se. Adeus, o senhor me esclareceu, mas tenho o coração partido.

O Geômetra: — É muitas vezes o fruto da ciência.

Aventura com um carmelita

Depois de agradecer devidamente os esclarecimentos que me prestara o sócio da Academia de Ciências, retirei-me maravilhado, mas murmurando entre dentes estas tristes palavras: "Apenas vinte escudos com que viver, e viver só vinte e dois anos! Meu Deus, quem dera que a nossa vida fosse ainda mais curta, já que é tão desgraçada!".

Logo me encontrei defronte a uma casa soberba. Já sentia fome; não tinha nem ao menos a centésima vigésima parte do que toca, de direito, a cada indivíduo; mas, quando me disseram que aquele palácio era o convento dos reverendos carmelitas descalços, enchi-me das maiores esperanças e disse com os meus botões: "Visto que esses santos são humildes a ponto de andar descalços, hão de ser bastante caridosos para me darem de comer".

Bati; apareceu um carmelita:

— Que desejas, meu filho?

— Pão, meu reverendo; os novos éditos me tiraram tudo.

— Meu filho, nós pedimos esmola, não a damos.

— Como! Então o vosso santo instituto vos ordena não usar sapatos, e tendes uma casa principesca, e ainda me recusais comida?!

— É verdade que não usamos sapatos nem meias, meu filho; é uma despesa a menos; mas não sentimos mais frio nos pés do que nas mãos; e se o nosso santo instituto nos houvesse ordenado que andássemos de bunda

de fora, não sentiríamos frio no traseiro. Quanto à nossa bela casa, construímo-la com toda a facilidade, pois temos cem mil libras de renda em casas na mesma rua.

— Ah, ah! Com que então me deixam morrer de fome e têm cem mil libras de renda?! Quer dizer então que pagam cinqüenta mil ao novo governo?

— Deus nos livre de pagar um óbolo! Só o produto da terra cultivada por mãos laboriosas, endurecidas de calos e molhadas de lágrimas, é que deve tributos ao poder legislativo e executivo. As esmolas que nos foram dadas habilitaram-nos a construir essas casas de que auferimos cem mil libras anuais. Mas essas esmolas provêm dos frutos da terra, que já pagaram tributo, e o tributo não deve ser pago duas vezes. Tais esmolas santificaram os fiéis que empobreceram enriquecendo-nos; e nós continuamos a pedir esmola e a pôr em contribuição o *faubourg* Saint-Germain, para santificar ainda mais os fiéis.

Dito isto, o carmelita fechou-me a porta no nariz.

Passei pelo quartel dos mosqueteiros; contei a história a um desses senhores: eles me deram um bom almoço e um escudo. Um deles propôs incendiarem o convento; mas um mosqueteiro mais sensato demonstrou-lhe que ainda não era chegado o tempo, e pediu-lhe para esperar uns dois ou três anos.

Audiência do senhor Inspetor Geral

Fui, com o meu escudo, apresentar um requerimento ao senhor Inspetor Geral, que dava audiência naquele dia. Sua antecâmara estava cheia de gente de toda espécie. Havia principalmente faces ainda mais rechonchudas, barrigas mais empinadas, fisionomias mais altivas que as do meu homem dos oito milhões. Não ousava aproximar-me; via-os, e eles não me viam.

Um monge, grande dizimeiro, intentara um processo contra cidadãos a quem chamava de *seus camponeses*. Tinha mais rendimentos que a metade de seus paroquianos; e ainda por cima era senhor feudal. Pretendia

que seus vassalos, tendo convertido com grande dificuldade as charnecas em vinhedos, lhe deviam a décima parte do vinho que produziam, o que constituía, contando o preço do trabalho e do material, mais de quarta parte da colheita.

— Mas como as dízimas — dizia ele — são de direito divino, peço o quarto da substância de meus camponeses em nome de Deus.

— Bem vejo — disse o ministro — quanto o senhor é caridoso.

Disse então um arrendatário de impostos, muito hábil no seu mister:

— Senhor, essa aldeia nada pode dar a esse monge; pois tendo ele obrigado os paroquianos a pagar, no ano passado, trinta e dois impostos sobre o vinho, condenando-os em seguida a pagar o excesso de consumo, acham-se os pobres completamente arruinados. Fiz com que vendessem os animais e os móveis, e ainda são meus devedores. Oponho-me às pretensões do reverendo padre.

— Tem razão de ser seu rival — replicou o ministro. — Tanto um como o outro amam o próximo, e ambos me edificam.

Um terceiro, monge e senhor, cujos camponeses são inalienáveis, esperava também uma decisão do conselho que o tornasse possuidor de todos os bens de um indivíduo de Paris que, tendo por inadvertência permanecido um ano e um dia numa casa sujeita àquela servidão e encravada nos Estados dele, ali viera a falecer. O monge reclamava dos bens do basbaque, e isso por direito divino.

O ministro achou o monge tão justo e brando de coração como os dois primeiros.

Um quarto, que era fiscal do domínio, apresentou um belo memorial, com que se justificava de haver reduzido vinte famílias à miséria. Tinham elas herdado de tios ou tias, irmãos ou primos; fora preciso pagar os competentes direitos. O senhor generosamente lhes provou que não tinham avaliado com exatidão a sua herança; que eram muito mais ricas do que supunham; e, tendo-as, por conseguinte, condenado à multa do triplo, arruinando-as nas custas, e prendendo os chefes de família, lhes comprara as melhores propriedades, sem desembolsar coisa alguma.

Disse-lhe então o Inspetor Geral (em um tom na verdade um pouco amargo): *"Euge!* fiscal *bone et fidelis, quia supra pauca fuisti fidelis,* rendeiro geral *te constituam.*[44]

Mas cochichou a um referendário que se achava a seu lado:

— Essas sanguessugas, sagradas ou profanas, devem ser obrigadas a vomitar: já é tempo de aliviar o povo, que, se não fora a nossa assistência e eqüidade, nunca teria com que viver senão no outro mundo.[45]

Homens de gênio profundo apresentaram-lhe projetos. Imaginara um lançar impostos sobre a inteligência.

— Todos — dizia ele — se apressarão a pagar, pois ninguém quer passar por tolo.

— Declaro-o isento do imposto — retrucou-lhe o ministro.

Outro propôs estabelecer o imposto único sobre as canções e o riso, visto que a nação era a mais alegre do mundo e que uma canção a consolava de tudo. Mas o ministro observou que havia tempo que não faziam canções alegres, e mostrou-se receoso de que, para escapar ao imposto, todo o mundo se tornasse demasiado sério.

Surgiu um sábio e excelente cidadão que projetava fazer com que o rei recebesse três vezes mais, pagando o povo três vezes menos. O ministro aconselhou-lhe que fosse aprender aritmética.

Um quarto provava ao rei, *por amizade,* que este não podia recolher senão setenta e cinco milhões, mas que ele lhe ia proporcionar duzentos e vinte e cinco.

— Isso muito nos beneficiará — disse o ministro — quando tivermos pago as dívidas do Estado.

Chegou afinal um representante do novo autor que faz o poder legislativo co-proprietário de todas as nossas terras, por direito divino, e que garantia ao rei um bilhão e duzentos milhões de renda. Reconheci o homem que me mandara para a cadeia por não haver pago os meus vinte escudos. Lancei-me aos pés do senhor Inspetor Geral e pedi-lhe justiça; ele deu uma gargalhada e disse-me que me haviam pregado uma peça. Ordenou àqueles gracejadores de mau gosto que me dessem cem escudos de indenização, e dispensou-me da taxa para o resto da vida.

— Deus o abençoe, senhor! — lhe disse eu.

Carta ao Homem dos Quarenta Escudos

Embora seja eu três vezes mais rico que o senhor, isto é, embora possua trezentas e sessenta libras ou francos de renda, escrevo-lhe no entanto de igual para igual, sem afetar o orgulho das grandes fortunas.

Li a história do seu desastre e da justiça que lhe concedeu o Inspetor Geral. Meus cumprimentos. Mas por desgraça acabo de ler *Le Financier Citoyen,* apesar da repugnância que me causara o título, que a muita gente se afigura contraditório. Esse cidadão lhe tira vinte francos da sua renda e a mim sessenta: apenas concede cem francos a cada indivíduo, na totalidade dos habitantes. Mas, em compensação, um homem não menos ilustre eleva as nossas rendas até cento e cinqüenta libras; vejo que o seu geômetra preferiu o meio- termo. Não é desses magníficos senhores que, com uma penada, povoam Paris de um milhão de habitantes, e fazem circular pelo reino um bilhão e meio de metal sonante, depois de tudo o que perdemos nas últimas guerras.

Como sei que é um grande leitor, emprestar-lhe-ei *Le Financier Citoyen.* Mas não se fie nele em tudo: cita o testamento do grande ministro Colbert, e não sabe que se trata de uma rapsódia ridícula, feita por um tal Gatien de Courtilz; cita a *Dízima* do marechal de Vauban, e não sabe que é de um tal Boisguilbert; cita o testamento do cardeal de Richelieu, e não sabe que é do abade de Bourzéis. Supõe haver dito esse cardeal que, *quando a carne encarece, paga-se mais ao soldado.* No entanto, a carne subiu muito sob o seu ministério, e o pagamento do soldado não aumentou; o que prova, independentemente de cem outras provas, que esse livro, tido por apócrifo ao aparecer, e depois atribuído ao próprio cardeal, é tanto seu como os testamentos do cardeal Alberoni e do marechal de Belle-Isle.

Desconfie, toda a vida, dos testamentos e dos sistemas; já fui vítima deles, como o senhor. Se os Sólons e Licurgos modernos zombaram do senhor, ainda mais zombaram de mim os novos Triptólemos; e, não fosse uma pequena herança que me reanimou, teria eu morrido de miséria.

Possuo cento e vinte jeiras na mais bela região da natureza e no solo mais ingrato. Cada jeira, na minha terra, descontadas as despesas, só rende um escudo de três libras. Mal vi nos jornais que um famoso agricultor inventara uma nova semeadeira, e que lavrava as suas terras por tabuleiros a fim de que, semeando menos, colhesse mais, apressei-me em tomar dinheiro emprestado, comprei uma semeadeira, lavrei por tabuleiros; perdi

o dinheiro e o trabalho, bem como o ilustre agricultor, que não mais semeia por tabuleiros.

Quis a minha má sorte que eu lesse o *Journal Économique,* que se vende no Boudot, em Paris. Dei com os olhos na experiência de um engenhoso parisiense que, para se distrair, mandara lavrar quinze vezes o seu jardim, ali plantando trigo, em vez de tulipas: fez uma colheita abundantíssima. Arranjei mais dinheiro emprestado. "Basta fazer quinze lavras — dizia eu comigo — e terei o dobro da colheita desse digno parisiense, que descobriu princípios de agricultura na ópera e na comédia, e eis-me enriquecido com as suas lições e o seu exemplo."

Na minha terra, lavrar quatro vezes que seja é uma coisa impossível; o rigor e as súbitas mudanças das estações não o permitem; por outro lado, a desgraça de semear por tabuleiro, como o ilustre agricultor de que falei, forçara-me a vender a minha atrelagem. Mandei lavrar trinta vezes as minhas cento e vinte jeiras por todas as charruas de quatro léguas em derredor. Três amanhos para cada jeira custam doze libras, é um preço fechado; foi preciso arar trinta vezes por jeira. A lavoura de cada jeira me custou cento e vinte libras: a das minhas cento e vinte jeiras importou em catorze mil e quatrocentas libras. Minha colheita que monta num ano normal, em minha maldita terra, a trezentos sesteiros subiu, é verdade, a trezentos e trinta, o que a vinte libras o sesteiro me rendeu seis mil e seiscentas libras: perdi sete mil e oitocentas libras.

Estava arruinado, perdido, se não fora uma velha tia que um grande médico despachou para o outro mundo, raciocinando tão bem em medicina como eu em agricultura.

Quem dizia que eu ainda havia de ter a fraqueza de me deixar seduzir pelo *Journal* de Boudot? Esse homem, afinal de contas, não havia jurado a minha perdição. Li na referida publicação que bastava inverter quatro mil francos para conseguir quatro mil libras de renda em alcachofras. Ora, pois, com certeza Boudot me devolverá em alcachofras o que me fez perder em trigo. E eis os meus quatro mil francos despendidos e as minhas alcachofras devoradas pelos ratões. Fui vaiado no meu cantão como o diabo de Papefiguière.[46]

Escrevi uma fulminante carta de censura a Boudot. Como única resposta, o bandido divertiu-se à minha custa, no seu *Journal*. Negou-me impudentemente que os caraíbas fossem vermelhos. Vi-me obrigado a enviar-lhe o testemunho de um antigo procurador do rei de Guadalupe, de

como Deus fez vermelhos aos caraíbas, como fez pretos aos negros. Mas essa pequena vitória não me impediu de perder, até o último ceitil, toda a herança da minha tia, por haver acreditado em demasia nos novos sistemas. Cuidado, meu caro senhor, cuidado com os charlatães.

Novas contrariedades ocasionadas pelos novos sistemas

(Trecho extraído dos manuscritos de um velho solitário)

Vejo que, se bons cidadãos se divertiram em governar os Estados e colocar-se no lugar dos reis, se outros se julgaram Triptólemos e Ceres, outros houve, mais ambiciosos, que se puseram sem cerimônia no lugar de Deus e criaram o universo com a pena, como Deus os criou outrora com o verbo.

Um dos primeiros que se apresentaram à minha adoração foi um descendente de Tales, chamado Teliamed, que me fez saber que as montanhas e os homens são produzidos pelas águas do mar. Houve primeiro belos homens marinhos, que depois se tornaram anfíbios. A sua bela cauda bipartida se transformou em pernas. Estava eu ainda sob a impressão das *Metamorfoses* de Ovídio e de um livro onde se demonstrava que a raça dos homens era bastarda de uma raça de babuínos: tanto me importava descender de um peixe como de um macaco.

Com o tempo, vieram-me dúvidas quanto a essa genealogia e até no tocante à formação das montanhas.

— Como! — disse-me ele. — Não sabe então que as correntes marítimas que amontoam continuamente areia a dez ou doze pés de altura quando muito produziram, no decorrer de longos séculos, montanhas de vinte mil pés de altura, as quais não são de areia? Fique sabendo que o mar já cobriu necessariamente toda a superfície do globo. A prova está em que se viram âncoras de navio sobre o monte S. Bernardo, que ali se achavam

vários séculos antes que os homens tivessem navios. Imagine que a terra é um globo de vidro que foi por muito tempo todo coberto de água.

Quanto mais ele me doutrinava, mais incrédulo me tornava eu.

— Pois então não viu — disse-me ele — o fálum de Touraine, a trinta e seis léguas do mar? É um acúmulo de conchas, com as quais se aduba a terra, como com esterco. Ora, se o mar depositou, na sucessão dos tempos, uma mina inteira de conchas a trinta e seis léguas do Oceano, por que não se terá estendido até três mil léguas, durante vários séculos, sobre o nosso globo de vidro?

— Senhor Teliamed — respondi-lhe eu —, há pessoas que fazem quinze léguas por dia a pé, mas não podem fazer cinqüenta. Não creio que o meu jardim seja de vidro e, quanto ao seu fálum, continuo a duvidar que seja um leito de conchas marinhas. Bem podia ser que não passasse de um depósito de pequenas pedras calcárias que tomam facilmente a forma de fragmentos de conchas, como há pedras que tomaram a configuração de línguas e que não são línguas; de estrelas, e que não são astros; de serpentes enroscadas, e que não são serpentes; de partes naturais do belo sexo, e que no entanto não são despojos das damas. Vêem-se dendritos, pedras figuradas, que representam árvores e casas, sem que jamais essas pequenas pedras tenham sido casas e carvalhos.

"Se o mar depositou tantos leitos de conchas em Touraine, por que teria negligenciado a Bretanha, a Normandia, a Picardia, e todas as outras costas? Receio que esse fálum tão gabado provenha tanto do mar como os homens. E, mesmo que o mar se expandisse trinta e seis léguas, não quer dizer que o tenha feito até três mil, ou trezentas mil, e que todas as montanhas foram produzidas pelas águas. Tanto faz dizer que o Cáucaso formou o mar como pretender que o mar formou o Cáucaso."

— Mas que me diz, senhor incrédulo, das ostras petrificadas que foram encontradas no cume dos Alpes?

— Direi, senhor Criador, que não vi mais ostras petrificadas que âncoras de navio no alto do monte Cinéreo. Direi o que já se disse, que se encontraram conchas de ostras (as quais facilmente se petrificam) a grandes distâncias do mar, como se desenterraram medalhas romanas a cem léguas de Roma; e prefiro acreditar que peregrinos de S. Tiago abandonaram algumas conchas a caminho de St. Maurice a imaginar que o mar formou o monte de S. Bernardo.

“Há conchas por toda parte; mas não se poderá afirmar que são despojos de testáceos e crustáceos dos nossos lagos, tanto como de pequenos animais marinhos?”

— Senhor incrédulo, olhe que o porei a ridículo no mundo que me proponho criar!

— Senhor criador, faça o que bem lhe parecer; cada qual é senhor no seu mundo; mas nunca me fará acreditar que este em que estamos seja de vidro, nem que algumas conchas sejam prova de que o mar produziu os Alpes e o monte Taurus. Bem sabe que não há nenhuma concha nas montanhas da América. Com certeza não foi o senhor quem criou aquele hemisfério, e deve contentar-se em haver formado este velho mundo: já é bastante.

— Senhor, senhor, se não descobriram conchas nas montanhas da América, *haverão de descobri-las*.

— Isto é que é falar como criador, que conhece o seu segredo e está seguro do que faz. Deixo-lhe, pois, o seu fálum, desde que o senhor me deixe as minhas montanhas. Aliás, declaro-me humilde e obediente servo de Vossa Providência.

No tempo em que assim me instruía com Teliamed, um jesuíta irlandês disfarçado de homem, aliás grande observador, e que tinha bons microscópios, fez enguias com farinha de trigo mofado. Não mais se duvidou então que fosse possível fazer homens com farinha de bom trigo. Logo se criaram partículas orgânicas que constituíram homens. Por que não? O grande geômetra Fatio havia ressuscitado mortos em Londres; com a mesma facilidade podia-se fazer criaturas vivas, em Paris, com partículas orgânicas; mas havendo infelizmente desaparecido as novas enguias de Needham, os novos homens também desapareceram e fugiram para as mônadas que encontraram em meio da matéria sutil, globulosa e estriada.

Não que esses criadores de sistemas não hajam prestado grandes serviços à física; Deus me livre de menosprezar os seus trabalhos! Já os compararam a esses alquimistas que, fabricando ouro (que não se fabrica), descobriram bons remédios ou pelo menos coisas bastante curiosas. Pode alguém ser um homem de raro mérito e enganar-se quanto à formação dos animais ou à estrutura do globo.

Os peixes transformados em homens, as águas transformadas em montanhas, não me haviam causado tanto mal quanto o senhor Boudot;

limitava-me tranqüilamente a duvidar, quando um lapônio me tomou sob a sua proteção. Era um profundo filósofo, mas que jamais perdoava aos que não pensavam como ele. Fez-me, a princípio, ver claramente o futuro, exaltando minha alma. Fiz tão prodigiosos esforços de exaltação que adoeci; mas ele curou-me, untando-me de pixe da cabeça aos pés. Mal me vi em condições de andar, propôs-me uma viagem às terras austrais, para ali dissecar cabeças de gigantes, o que nos faria conhecer claramente a natureza da alma. Como eu não podia suportar o mar, teve a bondade de levar-me por terra. Mandou cavar um grande túnel no globo terráqueo: esse túnel ia dar direito na Patagônia. Partimos; quebrei uma perna à entrada do túnel; tiveram enorme dificuldade em encaná-la: formou-se um calo que me aliviou bastante.

Já falei de tudo isso em uma de minhas diatribes, para instruir o universo atento a essas grandes coisas. Estou bastante velho; gosto algumas vezes de repetir as minhas histórias, a fim de melhor as inculcar na cabeça dos meninos, para os quais trabalho há tanto tempo.

Casamento do Homem dos Quarenta Escudos

Já bastante instruído, e havendo reunido uma pequena fortuna, o Homem dos Quarenta Escudos desposou uma linda moça que possuía cem escudos de renda. Sua esposa logo ficou grávida. Ele foi procurar o seu geômetra, e perguntou-lhe se ela lhe daria um menino ou uma menina. Respondeu-lhe o geômetra que as parteiras e as criadas ordinariamente o sabiam, mas que os físicos, que predizem os eclipses, não eram tão esclarecidos quanto elas.

Quis saber depois se o seu filho, ou filha, já possuía uma alma. O geômetra disse-lhe que isso não era da sua competência e que fosse falar com o teólogo da esquina.

O Homem dos Quarenta Escudos, que já o era no mínimo dos duzentos, perguntou em que local se achava o seu filho.

— Numa pequena bolsa — lhe disse o amigo —, entre a bexiga e o intestino reto.

— Santo Deus! — exclamou ele. — A alma imortal de um filho nascida e alojada entre a urina e algo pior!

— Sim, meu caro vizinho, a alma de um cardeal não teve outro berço; e com tudo isso ainda se fazem de arrogantes e dão-se ares.

— Ah, senhor sábio, não me poderia dizer como se formam os filhos?

— Não, meu amigo; mas, se quiser, dir-lhe-ei o que os filósofos imaginaram, isto é, como os filhos não se formam.

"Em primeiro lugar, o reverendo padre Sánchez, no seu excelente livro *De Matrimonio,* é inteiramente da opinião de Hipócrates; crê, como artigo de fé, que os dois veículos fluidos do homem e da mulher se lançam e unem-se e que, em tal momento, o filho é concebido por essa união; e tão persuadido está desse sistema físico, tornado teológico, que o examina no capítulo XXI do livro segundo: *Utrum virgo Maria semen emiserit in copulatione cum Spiritu Sancto.*[47]

— Ai senhor, já lhe disse que não entendo latim; explique-me em francês o oráculo do padre Sánchez.

O geômetra lhe traduziu o texto e ambos fremiram de horror.

O recém-casado, achando Sánchez prodigiosamente ridículo, ficou entretanto muito satisfeito com Hipócrates; e estimava que sua mulher houvesse preenchido todas as condições impostas por aquele médico para fazer um filho.

— Infelizmente — disse-lhe o vizinho —, há muitas mulheres que não expandem nenhum licor, que só recebem com aversão as carícias maritais, e no entanto têm filhos. Só isto decide contra Hipócrates e Sánchez.

"De resto, tudo leva a crer que a natureza age sempre nos mesmos casos pelos mesmos princípios; ora, há muitas espécies de animais que engendram sem cópula, como os peixes escamados, as ostras, os pulgões. Tiveram pois os físicos de procurar uma mecânica de gerações que conviesse a todos os animais. O célebre Harvey, que primeiro demonstrou a circulação, e que era digno de descobrir o segredo da natureza, julgou tê-lo achado nas galinhas: estas põem ovos; ele concluiu que as mulheres também os punham. Os gracejadores de mau gosto disseram que era por isso que os burgueses, e até alguns cortesãos, chamam a mulher, ou a amante, de *minha franguinha,* e quando se diz que as mulheres são galantes é porque elas desejariam que os galos lhes arrastassem a asa.

Apesar dessas zombarias, Harvey não mudou de opinião, e ficou estabelecido em toda a Europa que nós provimos de um ovo.”

O Homem dos Quarenta Escudos: — Mas o senhor me disse que a natureza é sempre semelhante a si mesma, que age sempre pelo mesmo princípio no mesmo caso: as mulheres, as éguas, as mulas, as enguias não põem; o senhor está brincando.

O Geômetra: — Elas não põem para fora, mas põem para dentro; têm ovários como todas as aves; as éguas, as enguias também os têm. Um ovo se destaca do ovário; é chocado na matriz. Veja todos os peixes escamados, as rãs: lançam ovos, que o macho fecunda. As baleias e os outros animais marinhos dessa espécie fazem brotar os ovos na matriz. As traças, os mais vis insetos, são visivelmente formados de um ovo: tudo vem de um ovo; e o nosso globo é um grande ovo que contém todos os outros.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Palavra! esse sistema tem todas as características da verdade; é simples, e uniforme, é patente em mais de metade dos animais. Estou satisfeito, não quero outro. Nada me é mais caro do que os ovos de minha mulher.

O Geômetra: — Afinal, cansaram-se desse sistema: e começaram a fazer filhos de outra forma.

O Homem dos Quarenta Escudos: — E por quê? Essa forma não é tão natural?

O Geômetra: — É que pretenderam que as nossas mulheres não têm ovários, mas somente pequenas glândulas.

O Homem dos *Quarenta Escudos:* — Com certeza pessoas que tinham outro sistema preparado quiseram desacreditar os ovos.

O Geômetra: — Pode ser. Dois holandeses deram para examinar, ao microscópio, o licor seminal do homem e de vários animais, e julgaram perceber animais já formados que corriam com inconcebível rapidez. Descobriram-nos até no fluido seminal do galo. Julgou-se então que os machos faziam tudo e as fêmeas nada; estas só serviam para carregar o tesouro que o macho lhes confiara.

O *Homem dos Quarenta Escudos:* — É muito estranho isso. Tenho algumas dúvidas sobre todos esses animaizinhos que se agitam tão prodigiosamente em um licor, para ficarem em seguida imobilizados nos ovos dos pássaros, e não menos imóveis durante nove meses (fora alguns solavancos) no ventre da mulher; isso não me parece conseqüente. Não é

essa (pelo que posso julgar) a marcha da natureza. E como são esses homenzinhos que nadam tão bem no licor de que me fala?

O Geômetra: — São como vermes. Havia principalmente um médico chamado Andry que via vermes por toda parte e que queria absolutamente destruir o sistema de Harvey. Teria, se pudesse, acabado com a circulação do sangue, porque outro a descobrira. Enfim, dois holandeses e o senhor Andry, à força de cair no pecado de Onan e examinar coisas no microscópio, reduziram o homem a lagarta. Somos, no princípio, um verme, como ela; depois, no nosso envólucro, nos tornamos como ela, durante nove meses, uma verdadeira crisálida, que os campônios chamam *fava.* Em seguida, se a lagarta se torna borboleta, nós nos tornamos homens: eis as nossas metamorfoses.

O Homem dos Quarenta Escudos: — E a coisa parou aí? Não veio depois nova moda?

O Geômetra: — O pessoal se cansou de ser lagarta. Um filósofo extremamente divertido descobriu, em uma *Vênus Física,* que a atração é que fazia os filhos, e eis como a coisa se opera. Tombado o germe na matriz, o olho direito atrai o olho esquerdo, que chega para se unir a ele na qualidade de olho; mas é impedido pelo nariz, que topa no caminho, e que o obriga a colocar-se à esquerda. O mesmo acontece com os braços e pernas. É difícil explicar, em tal hipótese, a situação dos mamilos e das nádegas. Esse grande filósofo não admite nenhum desígnio do Ser criador na formação dos animais. Está longe de acreditar que o coração seja feito para receber o sangue e expeli-lo, o estômago para digerir, os olhos para ver, os ouvidos para ouvir: isso lhe parece demasiado vulgar; tudo se faz por atração.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Um louco varrido, está visto. Espero que ninguém haja adotado uma teoria tão extravagante.

O Geômetra: — Riram muito, até; mas o triste é que esse insensato se assemelhava aos teólogos, que perseguem o mais que podem àqueles a quem fazem rir.

"Outros filósofos imaginaram outras maneiras, que não fizeram maior sucesso: não é mais o braço que vai procurar o braço, não mais a coxa que corre atrás da coxa; são pequenas moléculas, pequenas partículas de braço e coxa que se colocam umas sobre as outras. Talvez que um dia, depois de tanto tempo perdido, a gente seja obrigado a voltar aos ovos."

O Homem dos Quarenta Escudos: — Estimo muito; mas qual foi o resultado de todas essas disputas?

O Geômetra: — A dúvida. Se a questão fosse debatida entre teólogos, haveria excomunhões e derramamento de sangue; mas, entre físicos, logo se estabelece a paz; cada qual foi deitar com a respectiva mulher, sem se preocupar absolutamente com os seus ovários ou as suas trompas de Falópio. As mulheres engravidaram, sem ao menos indagar como se opera esse mistério. É assim que semeamos trigo e ignoramos como o trigo germina na terra.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Oh! eu sei; disseram-me há muito tempo: é por apodrecimento. Mas às vezes me dá vontade de rir de tudo o que me disseram.

O Geômetra: — É uma excelente disposição. Aconselho-o a duvidar de tudo, exceto que os três ângulos de um triângulo são iguais a dois retos, e que os triângulos que têm igual base e igual altura são iguais entre si, ou outras proposições semelhantes, como por exemplo, que dois e dois são quatro.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Sim, creio que é muito sensato duvidar; mas sinto-me curioso depois que fiz fortuna e que disponho de lazeres. Desejaria, quando a minha vontade move o meu braço ou a minha perna, descobrir a mola pela qual os move. Sinto-me às vezes atônito de poder levantar e baixar os olhos e não poder mover as orelhas. Eu penso, e desejaria conhecer um pouco... isto aqui... tocar com o dedo o meu pensamento. Deve ser muito interessante. Indago se penso por mim mesmo, se Deus me dá as minhas idéias, se minha alma veio para o meu corpo no prazo de seis semanas ou de um dia, e como se me alojou no cérebro; se penso muito quando durmo profundamente, e quando estou em letargia. Rebento os miolos para saber como um corpo produz outro corpo. As minhas sensações não me espantam menos: encontro nelas algo de divino, e sobretudo no prazer. Às vezes me esforço por imaginar um novo sentido, e jamais pude consegui-lo. Os geômetras sabem todas essas coisas; tenha a bondade de instruir-me.

O Geômetra: — Ai de nós, somos tão ignorantes quanto o senhor: dirija-se à Sorbonne.

O Homem dos Quarenta Escudos torna-se pai e discorre sobre os monges

Quando se viu pai de um menino, o homem dos quarenta escudos começou a julgar-se de algum peso no Estado; esperava dar ao menos dez súditos ao rei, e todos eles úteis. Era o melhor cesteiro do mundo, e sua mulher uma excelente costureira. Nascera ela nas proximidades de uma grande abadia de cem mil libras de renda. Seu marido perguntou-me um dia por que motivo aqueles senhores, que eram tão pouco numerosos, haviam embolsado tantas porções de quarenta escudos.

— São mais úteis à pátria do que eu?

— Não, meu caro vizinho.

— Concorrem, como eu, para o povoamento do país?

— Não, pelo menos aparentemente.

— Cultivam a terra? Defendem o Estado quando este sofre uma agressão?

— Não, rezam pelo senhor.

— Pois bem! Eu rezarei por eles, e dividamos. Quantos desses úteis indivíduos, entre homens e mulheres, encerram os conventos do reino?

— Segundo os memoriais dos intendentes de fins do século passado, havia cerca de noventa mil.

— Por nossa velha conta, a quarenta escudos por cabeça, eles só deveriam possuir dez milhões e oitocentas mil libras. Quanto possuem?

— Chega a uns cinqüenta milhões, contando as missas e coletas dos monges mendicantes, que na verdade gravam consideravelmente o povo. Um irmão pedinte de um convento de Paris vangloriou-se publicamente de que a sua sacola dava oitenta mil libras de renda.

— E divididos os cinqüenta milhões pelas noventa mil cabeças tonsuradas, quanto toca a cada uma?

— Quinhentas e cinqüenta e cinco libras. É uma soma considerável numa sociedade numerosa, em que as despesas diminuem devido à própria quantidade dos consumidores; pois custa muito menos a dez pessoas viverem juntas do que se cada uma tivesse o teto e a mesa em separado.

— E os ex-jesuítas, a quem dão hoje quatrocentas libras de pensão, perderam então nesse negócio?

— Não o creio: pois estão quase todos morando com parentes que os ajudam; vários dizem missa a dinheiro, o que não faziam antes; outros se fizeram preceptores, outros são sustentados por devotas, e cada qual se arranjou à sua maneira; e talvez poucos existam hoje que, tendo provado do mundo e da liberdade, queiram retomar as antigas cadeias. A vida monacal, por mais que se diga, não é de todo invejável. É máxima bastante conhecida que os monges são criaturas que se unem sem se conhecer, vivem sem se estimar, e morrem sem se lamentarem.

— Acha então que se lhes prestaria um grande serviço, desfradando-os a todos?

— Ganhariam bastante, sem dúvida, e o Estado ainda mais, devolver-se-iam à pátria cidadãos e cidadãs que sacrificaram temerariamente a sua liberdade em uma época em que as leis não permitem que se disponha de um fundo de dez soldos de renda; tirar-se-iam esses cadáveres dos túmulos: seria uma verdadeira ressurreição. As suas casas seriam prefeituras, hospitais, escolas, fábricas. A população aumentaria e todas as artes seriam mais bem cultivadas. Poder-se-á ao menos limitar o número dessas vítimas voluntárias, fixando o número dos noviços. A pátria teria mais homens úteis e menos infelizes. É o sentir de todos os magistrados, é o desejo unânime do público, desde que os espíritos se esclareceram. O exemplo da Inglaterra, e de tantos outros Estados, é uma prova evidente da necessidade de tal reforma. Que seria hoje da Inglaterra se, em vez de quarenta mil marinheiros, tivesse quarenta mil padres? Quanto mais se multiplicam as artes, mais necessário é o número de súditos laboriosos. Há sem dúvida pelos claustros muitas inteligências sepultas, que estão perdidas para o Estado. É preciso, para que um reino floresça, o mínimo possível de padres e o máximo possível de artesãos. A ignorância e barbárie de nossos pais, longe de constituir uma regra para nós, não são mais que um aviso para fazermos o que eles fariam, se estivessem em nosso lugar, com as nossas luzes.

— Quer dizer que não é por ódio aos monges que deseja o senhor aboli-los? É por piedade deles? É por amor à pátria? Sou do seu parecer. Não desejaria que meu filho fosse padre. E, se sonhasse que iria ter filhos para o claustro, não deitaria com a minha mulher.

— Qual é, com efeito, o bom pai de família que não chore ao ver seu filho ou filha perdidos para a sociedade? Chamam a isto *salvar-se;* mas um soldado que se salva quando deve combater é punido. Somos todos

soldados do Estado; estamos a soldo da sociedade, e tornamo-nos desertores quando a deixamos. Que digo? Os monges são parricidas que aniquilam uma posteridade inteira. Noventa mil enclausurados, que berram ou fanhoseiam latim, poderiam dar, cada um, dois súditos ao Estado: o que soma cento e oitenta mil homens que eles fazem perecer ainda em germe. Ao cabo de cem anos, a perda é imensa, coisa que se demonstra por si mesma.

— Por que então prevaleceu o monaquismo?

— Porque o governo, desde Constantino, foi, quase por toda parte, detestável e absurdo; porque o Império Romano teve mais sacerdotes que soldados; porque só no Egito havia cem mil; porque eram isentos de trabalho e impostos; porque os chefes das nações bárbaras que destruíram o império, tendo-se feito cristãos para governar cristãos, exerceram a mais horrível tirania; porque as pessoas se lançavam em multidão nos claustros para escapar ao furor desses tiranos, e mergulhavam numa escravidão para evitar uma outra; porque os papas, instituindo tantas ordens diferentes de mandriões sagrados, constituíram outros tantos súditos nos outros Estados; porque um camponês prefere ser chamado *meu reverendo padre* e distribuir bênçãos a conduzir a charrua; porque não sabe que a charrua é mais nobre que a batina; porque gosta mais de viver à custa dos tolos do que por um trabalho honrado; enfim, porque não sabe que, fazendo-se monge, reserva para si mesmo dias infelizes, tecidos de tédio e arrependimento.

— Basta, pois, de monges, para felicidade nossa e dos próprios monges. Mas causa-me aflição ouvir ao senhor de minha aldeia, pai de quatro filhos e três filhas, que não saberá como os estabelecer se não mandar as filhas para um convento.

— Essa alegação, tantas vezes repetida, é inumana, antipatriótica e destrutora da sociedade. Todas as vezes que se possa dizer de uma condição, qualquer que seja: "Se todos se submetessem a esta condição, estaria perdido o gênero humano", está demonstrado que essa condição não vale nada e que aquele que a abraça prejudica o gênero humano. Ora, é claro que, se todos os jovens de ambos os sexos se enclausurassem, o mundo pereceria; já só por isso, a fradaria é inimiga da natureza humana, independentemente dos terríveis males que algumas vezes lhe causou.

— Não se poderia dizer o mesmo dos soldados?

— Certamente que não: pois, se cada cidadão se exercita nas armas, como outrora em todas as Repúblicas, e sobretudo na de Roma, não deixa o soldado de ser melhor cultivador; o soldado cidadão casa-se, e combate pela mulher e pelos filhos. Prouvera a Deus que todos os lavradores fossem soldados e esposos! Seriam assim excelentes cidadãos. Mas um monge só serve, como monge, para devorar a substância de seus compatriotas. Não há verdade mais reconhecida.

— Mas e as filhas dos gentis-homens pobres, que não podem casar, que farão elas?

— Farão, como já se disse mil vezes, o que fazem as da Inglaterra, da Escócia, da Irlanda, da Suíça, da Holanda, de metade da Alemanha, da Suécia, da Noruega, da Dinamarca, da Tartária, da Turquia, da América e de quase todo o resto da terra. Serão melhores esposas e mães, quando os homens se tiverem acostumado, tal como na Alemanha, a tomar esposas sem dote. Uma mulher laboriosa e afeita às lides domésticas será de mais utilidade numa casa do que a filha de um financista, que, só em superfluidades, gasta mais do que trouxe ao marido.

"Cumpre que haja casas de retiro para a velhice, para a invalidez, para a deformidade. Mas, devido ao mais detestável dos abusos, só existem fundações para a juventude e para as pessoas bem conformadas. Começa-se, nos claustros, por obrigar os noviços de um e outro sexo a patentear sua nudez, apesar de todas as leis do pudor; são atentamente examinados por diante e por trás. Vá uma velha corcunda apresentar-se para entrar num convento, e será ignominiosamente escorraçada, a menos que contribua com um dote imenso. Que digo? Toda religiosa deve trazer seu dote, sem o que se transformará no rebotalho do convento. Nunca se viu mais intolerável abuso."

— Bem, senhor, juro-lhe que as minhas filhas jamais serão religiosas. Aprenderão a fiar, a coser, a fazer renda, a bordar, a ser úteis, em suma. Considero os votos como um atentado contra a pátria e contra si mesmo. E como se explica que um de meus amigos, para contrariar o gênero humano, alegue que os monges são muito úteis à população de um Estado, porque as suas casas têm melhor passadio que as dos senhores e as suas terras melhor cultivo?

— E que amigo é esse, que faz uma asserção tão estranha?

— É o Amigo dos Homens, ou antes, dos monges.

— Estava brincando, com certeza; bem sabe ele que dez famílias, cada uma com cinco mil libras de rendas da terra, são cem vezes, mil vezes mais úteis do que um convento que desfruta de uma renda de cinqüenta mil libras e que tem sempre um tesouro secreto. Louva as belas casas construídas pelos monges, e é precisamente o que irrita os cidadãos; é motivo das queixas da Europa. O voto de pobreza condena os palácios, como o voto de humildade se opõe ao orgulho, e como o voto de aniquilar a própria raça está em contradição com a natureza.

— Começo a crer que se deve desconfiar dos livros.

— Deve-se é proceder com eles como com os homens, escolher os mais razoáveis, examiná-los, e só se render à evidência.

Dos impostos pagos ao estrangeiro

Há coisa de um mês, veio procurar-me o homem dos quarenta escudos, dando verdadeiras barrigadas de riso, e com tão boa gana que também me pus a rir, sem saber do que se tratava, de tal forma é o homem imitador por natureza, tanto nos senhoreia o instinto, tão contagiosas são as grandes expansões da alma.

Ut ridentibus arrident, ita flentibus adflent[48]
Humani vultus.[49]

Depois que riu à vontade, contou-me que acabava de encontrar um homem que se dizia protonotário da Santa Sé, e que esse homem remetia considerável soma, a trezentas léguas daqui, a um italiano, em nome de um francês a quem o rei doara um pequeno feudo, e que esse francês jamais poderia gozar do benefício do rei se não remetesse ao referido italiano o seu primeiro ano de renda.

— A coisa é bem verdade — disse-lhe eu —, mas não é tão divertida assim. Essas pequenas contribuições custam à França umas quatrocentas mil libras anuais; e, durante os dois séculos e meio que vem durando esse costume, já descarregamos na Itália uns oitenta milhões.

— Santo Deus! — exclamou ele. — Quantas vezes quarenta escudos! Quer dizer então que esse italiano nos subjugou há dois séculos e meio e nos impôs esse tributo?

— Na verdade, ele nos taxava outrora muito mais onerosamente. Isso não passa de uma bagatela em comparação com o que ele por muito tempo tirou da nossa pobre nação e das outras pobres nações da Europa.

Contei-lhe então como se haviam estabelecido essas santas usurpações. Ele sabe um pouco de história; tem bom senso: compreendeu facilmente que éramos ex-escravos aos quais ainda restava uma ponta de grilhões. Por muito tempo, falou energicamente contra tal abuso, mas com que respeito pela religião em geral! Como venerava os bispos! Como lhes desejava muitos e muitos quarenta escudos, a fim de que os gastassem em obras pias nas respectivas dioceses!

Queria também que todos os curas de campanha tivessem um número suficiente de quarenta escudos, para que pudessem viver com decência.

— É triste — dizia ele — que um cura se veja obrigado a disputar três medas de trigo ao seu rebanho, e não seja largamente remunerado pela província. É vergonhoso que estejam sempre em demanda com os seus senhores. Essas eternas querelas por direitos imaginários e dízimas destroem a consideração que se lhes deve. O infeliz cultivador, que já pagou aos prepostos a sua dízima, e os dois soldos por libra, e a talha, e a capitação, e o resgate, pelo alojamento de militares, depois de já os ter alojado etc. etc. etc., esse desgraçado, dizia eu, que ainda vê o seu próprio cura arrebatar-lhe o décimo da sua colheita, não mais o considera como o seu pastor, mas como o seu escorchador, que lhe arranca o pouco de pele que lhe resta. Compreende que, ao lhe arrebatarem a décima meda de direito divino, têm a crueldade diabólica de não levar em conta o que lhe custou para produzir aquela meda. Que sobra para ele e a família? O pranto, a necessidade, o desânimo, o desespero, e acaba morrendo de fadiga e miséria. Se o cura fosse pago pela província, seria o consolo de seus paroquianos, em vez de ser olhado por eles como um inimigo.

O bom do homem enternecia-se ao pronunciar tais palavras; amava a pátria e era idólatra do bem público. E exclamava às vezes: “Que grande nação a França, se a gente o quisesse!”.

Fomos ver seu filho, a quem a mãe, muito asseada, apresentava um farto seio branco. O menino era bastante bonito.

— Eis-te aqui — disse o pai — e só tens direito a vinte e três anos de vida e a quarenta escudos!

Das proporções

O produto dos extremos é igual ao produto dos meios; mas dois sacos de trigo roubados não estão, para aquelas que os subtraíram, na mesma relação em que está a perda da sua vida para os interesses da pessoa prejudicada.

O prior de ***, a quem dois criados roubaram dois sesteiros de trigo, acaba de fazer enforcar os dois delinqüentes. Tal execução custou-lhe mais do que lhe rendera toda a colheita, e desde esse tempo não encontra empregados.

Se a lei dispusesse que aqueles que roubam o trigo do patrão lhe lavrassem a terra durante toda a vida, com ferros nos pés, e uma campainha ao pescoço, presa à golinha, muito teria ganho o referido prior.

Cumpre amedrontar o crime, na verdade; mas o trabalho forçado e a ignomínia permanente intimidam mais do que a morte.

Há alguns meses, em Londres, foi um malfeitor condenado a ir trabalhar com os negros, nos engenhos de açúcar da América. Todos os criminosos na Inglaterra, como em muitos outros países, têm direito de dirigir-se ao rei, para pedir comutação ou abrandamento da pena. Quanto a este, pediu para ser enforcado. Alegou que odiava mortalmente o trabalho e que preferia ser estrangulado um minuto a fabricar açúcar toda a vida.

Podem outros pensar de outra maneira, e cada qual a seu gosto; mas já se disse, e cumpre repetir, que um enforcado não serve para coisa alguma, e que os castigos devem ser úteis.

Há alguns anos, na Tartária, dois jovens foram condenados ao empalamento por terem assistido, de chapéu na cabeça, a uma procissão de lamas. O imperador da China, que é homem de muito espírito, disse que os teria condenado a marchar em procissão, sem chapéu, durante três meses.

“Que as penas sejam proporcionais aos delitos”, já o disse o marquês de Beccaria; mas os que fizeram as leis não eram geômetras.

Se o padre Guyon, ou Coger, ou o ex-jesuíta Nonnotte, ou o ex-jesuíta Patouillet, ou o pregador La Beaumelle,[50] fazem miseráveis libelos, em que não há nem verdade, nem razão, nem espirito, vamos nós enforcá-los, como o fez o prior de *** com os seus dois serviçais, e isto sob o pretexto de que os caluniadores são mais culposos que os ladrões?

Condenaremos o próprio Fréron às galés, por haver insultado o bom gosto, e por ter mentido toda a vida, na esperança de pagar o vendeiro?

Levaremos o senhor Larcher ao pelourinho, por ser muito indigesto, por haver acumulado erro sobre erro, porque nunca soube distinguir nenhum grau de probabilidade, por afirmar que, numa antiga e imensa cidade, famosa por sua severidade e pelo zelo dos maridos, em Babilônia enfim, onde as mulheres eram guardadas por eunucos, todas as princesas iam devotamente ao templo, entregar-se por dinheiro aos estrangeiros? Não, contentemo-nos em mandá-lo também fazer a vida; sejamos moderados em tudo; estabeleçamos proporção entre os delitos e as penas.

Perdoemos a esse pobre Jean-Jacques[51] quando só escreve para contradizer-se; quando, depois de haver apresentado uma comédia vaiada em Paris, injuria aqueles que fazem representar comédias a cem léguas dali; quando procura protetores e os ultraja; quando clama contra os romances, e faz romances cujo herói é um tolo preceptor que recebe esmola de uma suíça na qual fez um filho, e que vai gastar o dinheiro num bordel de Paris;[52] deixemo-lo acreditar que ultrapassou Fénelon e Xenofonte, educando um jovem de qualidade no ofício de marceneiro; essas extravagantes chatezas não merecem uma ordem de detenção; basta o hospício, com bons caldos, sangrias e regime.

Odeio as leis de Dracon, que puniam igualmente os crimes e as faltas, a maldade e a loucura. Não tratemos o jesuíta Nonnotte, que só é culpado de haver escrito tolices e injúrias, como foram tratados os jesuítas Malagrida, Oldcorn, Garnet, Guiznard, Guéret, e como se devia tratar o jesuíta Le Tellier, que enganou o seu rei e perturbou a França. Distingamos principalmente em todo processo, em todo litígio, em toda querela, o agressor e o ultrajado, o opressor e o oprimido. A ofensiva parte do tirano; aquele que se defende é um homem justo.

Estava eu mergulhado nessas reflexões, quando chegou, em lágrimas, o homem dos quarenta escudos. Perguntei-lhe, alarmado, se o seu filho, que deveria viver vinte e três anos, havia acaso morrido.

— Não — disse ele —, o pequeno vai muito bem, e minha mulher igualmente. Mas fui chamado, como testemunha, contra um marceneiro que foi submetido à tortura e estava inocente. Vio-o desmaiar no suplício; ouvi estalarem-lhe os ossos; ainda ouço os seus gemidos e gritos; eles me perseguem, eu choro de piedade e tremo de horror.

Pus-me também a chorar e a tremer, pois sou extremamente sensível.

Veio-me então à memória a espantosa aventura dos Calas, uma mãe virtuosa posta a ferros, seus filhos desvairados e fugitivos, a casa pilhada, um respeitável pai de família torturado, agonizando na roda e expirando nas chamas, um filho nos grilhões, arrastado perante os juízes, um dos quais lhe disse: *Acabamos de levar seu pai à roda e faremos o mesmo com você.*

Lembro-me da família Sirven, que um de meus amigos encontrou nas montanhas cobertas de neve, quando fugiam da perseguição de um juiz tão iníquo como ignorante.

— Esse juiz — me disse ele — condenou ao suplício toda aquela inocente família, na suposição, sem o mínimo indício de prova, de que o pai e a mãe, auxiliados por duas de suas filhas, haviam estrangulado e afogado a terceira, de medo que ela fosse à missa.

Eu via, ao mesmo tempo, nos julgamentos dessa espécie, o cúmulo da estupidez, da injustiça e da barbaridade.

O homem dos quarenta escudos e eu lamentávamos a natureza humana. Tinha eu no bolso o discurso de um advogado do Delfinado, que versava em parte sobre essa interessante matéria. Li em voz alta os seguintes trechos:

Foram por certo verdadeiramente grandes os homens que primeiro ousaram encarregar-se do governo de seus semelhantes e impor-se o fardo da felicidade pública; que, pelo bem que queriam fazer aos homens, se impuseram à sua ingratidão e, para o repouso de um povo, renunciaram ao seu; que se colocaram, por assim dizer, entre os homens e a Providência, para lhes conseguir, por artifício, uma ventura que esta parecia haver-lhes recusado.

. . . . . .

Que magistrado, um pouco sensível a seus deveres, à simples humanidade, poderia sustentar tais idéias. Poderá ele, na solidão do gabinete, sem fremir de horror e de piedade, lançar os olhos sobre esses

papéis, infelizes monumentos do crime ou da inocência? Não lhe parecerá brotarem gementes vozes desses fatais escritos, a instá-lo para decidir da sorte de um cidadão, de um esposo, de um pai, de uma família? que impiedoso juiz (se for encarregado de um único processo) poderá passar de sangue-frio por diante de uma prisão? — Sou eu então — dirá ele — que mantenho, nessa detestável morada, meu semelhante, talvez meu igual, meu concidadão, um homem enfim!? Sou eu que todos os dias o agrilhôo, que fecho sobre ele essas odiosas portas!? Talvez que o desespero se haja apoderado da sua alma; lança aos céus o meu nome, de envolta com maldições; e sem dúvida atesta contra mim o grande Juiz que nos observa e que nos deve julgar a ambos.

. . . . . .

E eis que terrível espetáculo se me apresenta aos olhos: o juiz cansa-se de interrogar com a palavra, quer interrogar com os suplícios: impaciente das suas pesquisas, talvez irritado com a sua inutilidade, manda trazer brandões, cadeias, alavancas e todos esses instrumentos inventados para a dor. Um carrasco se vem ajuntar às funções da magistratura, e termina pela violência um interrogatório iniciado pela liberdade.

Doce filosofia, tu que só buscas a verdade com a atenção e a paciência, esperavas que, no teu século, empregassem tais instrumentos para a descobrir?

É mesmo verdade que as nossas leis aprovam esse método inconcebível e que o uso o consagra?

. . . . . .

Suas leis imitam seus preconceitos; as punições públicas são tão cruéis quanto as vinganças particulares, e os atos da sua razão não são menos impiedosos que os das suas paixões. Qual, pois, a causa dessa estranha oposição? É que os nossos preconceitos são antigos e a nossa moral é recente; é que somos tão compenetrados de nossos sentimentos quão desatentos às nossas idéias; é que a avidez dos prazeres nos impede de refletir sobre as necessidades, e mais nos empenhamos em viver do que em conduzir-nos. É que, numa palavra, nossos costumes são amáveis, e não são bons; é que somos polidos, e nem ao menos somos humanos.

Esses fragmentos que a eloqüência ditara à piedade encheram de suave consolo o coração de meu amigo. Ele admirava comovidamente.

— Como! — dizia em seus transportes. — Fazem-se obras-primas na província! Tinham-me dito que só havia Paris no mundo.

— Só em Paris — respondi-lhe — é que se fazem óperas cômicas; mas há hoje na província muitos magistrados que pensam com a mesma virtude e se exprimem com a mesma força. Outrora os oráculos da justiça, bem como os da moral, não eram senão ridículos. O doutor Balouard declamava na tribuna e Arlequim[53] no púlpito. Até que a filosofia chegou e disse:

"— Falai em público apenas para dizer verdades novas e úteis, com a eloqüência do sentimento e da razão.

"— Mas se não tivermos nada de novo a dizer? — exclamaram os palradores.

"— Calem-se então — respondeu a filosofia. — Todos esses vãos discursos de aparato, que só contêm frases, são como os fogos de S. João, acesos no dia em que a gente menos necessidade tem de aquecer-se; não causam nenhum prazer, e não lhes sobram nem as cinzas.

"Que toda a França leia bons livros. Mas, apesar dos progressos do espírito humano, lê-se muito pouco; e, dentre aqueles que querem às vezes instruir-se, a maioria lê muito mal. Meus vizinhos jogam, após a ceia, um jogo inglês que tenho muita dificuldade em pronunciar, pois o chamam de *wist*. Muitos bons burgueses, muitas grandes cabeças, que se julgam boas cabeças, dizem, com ar importante, que os livros não servem para nada. Mas não sabem, esses vândalos, que não são governados a não ser por livros? Não sabem que o código civil, o código militar e os Evangelhos são livros de que dependem continuamente. Leiam, esclareçam-se; só pela leitura se fortifica a alma; a conversação a dissipa, o jogo a limita.

— Pouco dinheiro tenho — respondeu-me o homem dos quarenta escudos —; mas, se algum dia reunir uma pequena fortuna, comprarei livros no Marc-Michel Rey.[54]

Da sífilis

O Homem dos Quarenta Escudos morava num pequeno cantão, onde fazia uns cento e cinqüenta anos que não acampavam soldados. Os costumes, naquele desconhecido rincão, eram mais puros do que o ar que o banha. Não se sabia que alhures pudesse o amor ser infeccionado de um veneno destrutivo, que as gerações fossem atacadas no seu germe, e que a natureza, contradizendo-se a si mesma, pudesse tornar a carícia horrível e o prazer medonho; entregavam-se ao amor com a segurança da inocência. Chegaram tropas, e tudo mudou.

Dois tenentes, o esmoler do regimento, um cabo e um recruta proveniente do seminário bastaram para envenenar doze aldeias em menos de três meses. Duas primas do Homem dos Quarenta Escudos viram-se cobertas de pústulas; caíram-lhes os lindos cabelos; a sua voz tornou-se rouca; as pálpebras de seus olhos fixos e apagados tomaram uma cor lívida, e não mais se fecharam para permitir repouso aos membros deslocados, que uma cárie secreta começava a roer como aos do árabe Jó, embora Jó jamais tivesse tido semelhante doença.

O cirurgião-mor do regimento, homem de grande experiência, foi obrigado a pedir auxílio à Corte, para curar todas as raparigas da região. O ministro da guerra, sempre inclinado a aliviar o belo sexo, enviou uma leva de recrutas, que estragaram com uma das mãos o que endireitaram com a outra.

O Homem dos Quarenta Escudos lia então a história filosófica de *Cândido,* traduzida do alemão e de autoria do doutor Ralph, que prova evidentemente que tudo está bem, e que era absolutamente *impossível,* no melhor dos mundos *possíveis* que a sífilis, a peste, os cálculos, as areias, as escrófulas, a câmara de Valência e a Inquisição não entrassem na composição do universo, desse universo unicamente feito para o homem, rei dos animais, e imagem de Deus, ao qual bem se vê que se assemelha como duas gotas d'água.

Lia, na história verdadeira de *Cândido,* que o famoso doutor Pangloss perdera no tratamento um olho e uma orelha.

— Ai! e as minhas primas, as minhas pobres primas, ficarão também tortas e desorelhadas?

— Não — disse-lhe o major, confortadoramente. — Os alemães têm mão pesada: mas, quanto a nós, curamos as raparigas prontamente, seguramente e agradavelmente.

E, com efeito, as duas lindas primas livraram-se do mal ficando com a cabeça inchada como um balão durante seis semanas, perdendo metade dos dentes, botando uma língua de meio palmo, e morrendo do peito ao cabo de seis meses.

Durante a operação, o primo e o cirurgião-mor assim discorreram:

O Homem dos Quarenta Escudos: — Será possível, senhor, que a natureza tenha unido tão espantosos tormentos a um prazer tão necessário, tanta vergonha a tanta glória, e que haja mais riscos em fazer um filho do que em matar um homem? Será ao menos verdade, para consolação nossa, que esse mal vai diminuindo um pouco pelo mundo e cada dia se torna menos perigoso?

O Cirurgião: — Pelo contrário, alastra-se cada vez mais por toda a Europa cristã; está disseminado até a Sibéria; vi morrer disso quinhentas pessoas, inclusive um grande general e um excelente ministro. São poucos os fracos do peito que resistem à doença e ao remédio. As duas irmãs, *la petite et la grosse,*[55] coligaram-se ainda mais que os monges para destruir o gênero humano.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Mais uma razão para abolir os monges, a fim de que, recolocados entre os homens, eles reparem um pouco o mal que fazem as duas irmãs. E diga-me uma coisa: os animais tambem têm *vérole?*

O Cirurgião: — Ni la petite, ni la grosse, nem os monges são conhecidos entre eles.

O *Homem dos Quarenta Escudos:* — Convenhamos então que são mais felizes e mais prudentes do que nós no melhor dos mundos.

O Cirurgião: — Disso eu nunca duvidei; têm menos doenças do que nós; seu instinto é muito mais seguro do que a nossa razão: jamais se atormentam com o passado nem com o futuro.

O Homem dos Quarenta Escudos: — O senhor que já foi cirurgião do embaixador francês na Turquia: há muita sífilis em Constantinopla?

O Cirurgião: — Os franceses trouxeram-no para o bairro de Pera, onde residem. Conheci ali um capuchinho que estava devorado por ela como Pangloss; mas o flagelo não alcançou a cidade propriamente dita, onde os franceses quase nunca dormem. Não há quase mulheres públicas naquela enorme cidade. Cada homem rico tem mulheres, escravas circassianas, sempre guardadas, sempre vigiadas, e cuja beleza não pode ser perigosa. Os turcos chamam à sífilis *o mal cristão,* o que redobra o

profundo desprezo que dedicam à nossa teologia. Mas, em compensação, têm a peste, doença do Egito, de que fazem pouco caso e que nunca se dão ao trabalho de prevenir.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Em que tempo julga ter começado esse flagelo na Europa?

O Cirurgião: — Pelo ano de 1494, quando Cristóvão Colombo regressou da sua primeira viagem às nações inocentes que não conheciam nem a avareza nem a guerra. Aquelas nações simples e justas estavam contaminadas desse mal desde tempos imemoriais, como a lepra reinava entre os árabes e os judeus, e a peste entre os egípcios. O primeiro fruto que colheram os espanhóis, dessa conquista do novo mundo, foi a sífilis; expandiu-se mais rapidamente que a prata do México, que só circulou na Europa muito tempo depois. A razão era que, em todas as cidades, havia então belas casas públicas, chamadas bordéis, cujo estabelecimento era autorizado pelos soberanos para preservar a honra das damas. Os espanhóis trouxeram o veneno para essas casas privilegiadas de onde os príncipes e bispos requisitavam as raparigas que lhes eram necessárias. Havia em Constança setecentas e dezoito dessas mulheres, para o serviço do Concílio que tão devotamente mandou queimar João Hus e Jerônimo de Praga.

"Só por isso se pode julgar com que rapidez o mal percorreu todos os países. O primeiro senhor que veio a morrer desse mal foi o ilustríssimo e reverendíssimo bispo e vice-rei da Hungria, em 1499, e que Bartolomeu Montanagua, grande médico de Pádua, não pôde salvar. Assegura Gualtieri que o arcebispo de Mogúncia, Bertold de Henneberg, *attaqué de la grosse vérole, rendit son âme à Dieu en 1504* (atacado pela sífilis, entregou sua alma a Deus em 1504). Sabe-se que disso morreu o nosso rei Francisco I. Henrique III o adquiriu em Veneza, mas o jacobino Jacques Clément preveniu os efeitos do mal.

"O Parlamento de Paris, sempre zeloso do bem público, foi o primeiro que baixou um édito contra a sífilis, isso em 1497. Proibiu a todos os contaminados que permanecessem em Paris, *sob pena da forca.* Mas, como não era fácil convencer juridicamente os burgueses e burguesas de que estavam em delito, não teve esse édito maior efeito do que aqueles que foram depois baixados contra a emética; e, apesar do Parlamento, continuava aumentando o número de culpados. É verdade que, se os

tivessem exorcismado em vez de enforcá-los, não mais os haveria hoje sobre a face da Terra; mas infelizmente nunca se pensou em tal coisa."

O Homem dos Quarenta Escudos: — É então verdade o que li no *Cândido,* que, entre nós, quando entram em campo dois exércitos de trinta mil homens cada um, pode-se apostar que há vinte mil contaminados de cada banda?

O Cirurgião: — Nada mais verdadeiro. O mesmo acontece com o pessoal da Sorbonne, que quer que façam jovens bacharéis a quem a natureza fala mais alto e mais firme do que a teologia? Posso-lhe jurar que, guardadas as proporções, meus confrades e eu temos tratado mais jovens sacerdotes do que jovens oficiais.

O Homem dos Quarenta Escudos: — Não haveria algum meio de extirpar esse mal que assola a Europa? Já se tratou de enfraquecer o veneno de uma *vérole;* nada se poderá tentar contra a outra?

O Cirurgião: — Só haverá um meio: é que todos os príncipes da Europa se coligassem como nos tempos de Godofredo de Bulhão. Certamente uma cruzada contra a sífilis seria muito mais razoável do que aquelas que outrora tão infelizmente se fizeram contra Saladino, Melecsala e os albigenses. Melhor seria nos combinarmos para expulsar o inimigo comum do gênero humano do que andarmos continuamente a espiar o momento azado para devastar a terra e cobrir os campos de cadáveres, com o fim de arrebatar ao vizinho duas ou três cidades e algumas aldeias. Falo contra os meus próprios interesses, pois a guerra e a sífilis me fazem viver; mas cumpre ser homem antes de ser cirurgião-mor.

Era assim que o homem dos quarenta escudos ia formando, como se diz, *o espírito e o coração.*[56] Não só herdou das duas primas, que morreram em seis meses, mas ainda lhe coube a sucessão de um parente afastado, que fora subarrendatário dos hospitais do exército, e que engordara bastante pondo em dieta os soldados feridos. Esse homem jamais quisera casar-se; possuía um belo serralho. Não reconheceu nenhum de seus parentes, viveu na crapulagem, e morreu de indigestão em Paris. Era, como se vê, um homem muito útil ao Estado.

O nosso novo filósofo viu-se obrigado a ir a Paris receber a herança do parente. Primeiro os rendeiros do domínio lha disputaram. Teve a felicidade de ganhar o processo e a generosidade de dar aos pobres do cantão, que não haviam conseguido o seu quinhão de quarenta escudos de

renda, uma parte dos despojos do ricaço. Depois do que, pôs-se a satisfazer a sua grande ambição de formar uma biblioteca.

Lia todas as manhãs, fazia excertos, e à noite consultava os sábios para saber: em que língua falara a serpente à nossa boa mãe; se a alma está localizada no corpo caloso ou na glândula pineal; se S. Pedro permanecera vinte e cinco anos em Roma; que diferença específica existe entre um trono e uma dominação; e por que motivo os negros têm nariz chato. Propôs-se, aliás, a jamais governar o Estado e nunca escrever brochuras contra as peças novas. Chamavam-no o senhor André, que era o seu nome de batismo. Aqueles que o conheceram fazem justiça à sua modéstia e às suas qualidades, tanto adquiridas como naturais. Construiu uma casa confortável no seu antigo domínio de quatro jeiras. Seu filho alcançará em breve a idade escolar, mas ele quer mandá-lo para o colégio de Harcourt e não para o de Mazarino, devido ao professor Coger, que faz libelos, e porque um professor de colégio não os deve fazer.

Madame André deu-lhe uma filha bastante bonita, que ele pretende casar com um conselheiro, desde que esse magistrado não tenha a doença que o cirurgião-mor tenciona extirpar da Europa cristã.

Grande querela

Durante a estada do senhor André em Paris, houve ali uma importante querela. Tratava-se de saber se Marco Antonino[57] era um homem de bem, e se estava no inferno, ou no purgatório, ou no limbo, à espera da ressurreição. Todas as pessoas sensatas tomaram o partido de Marco Antonino. "Marco Antonino — diziam — sempre foi justo, sóbrio, casto, generoso. É verdade que não tem no paraíso um lugar como o de Santo Antônio: pois cumpre guardar as proporções, como bem sabemos; mas é fora de dúvida que a alma do imperador Antonino não foi para o espeto, no inferno. Se está no purgatório, é preciso tirá-la dali; é só mandar dizer missas por ele. Os jesuítas não têm mais que fazer; que digam três mil missas pelo descanso da alma de Marco Antonino; a quinze soldos cada uma, ganharão com isso duas mil duzentas e cinqüenta libras. De resto,

deve-se respeito a uma cabeça coroada; não se deve condená-la levianamente.”

Os adversários dessas boas criaturas pretendiam, pelo contrário, que não se deveria ter consideração alguma para com Marco Antonino; que este era um herege; que os carpócratas e os alógios não eram tão maus quanto ele; que morrera sem confissão; que era preciso darem um exemplo; que era bom condená-lo para dar uma lição aos imperadores da China e do Japão, aos da Pérsia, da Turquia e de Marrocos, aos reis da Inglaterra, da Suécia, da Dinamarca, da Prússia, ao *estatuder*[58] da Holanda, e aos *avoyers*[59] do Cantão de Berna, que tampouco se confessavam como o imperador Marco Antonino; e que, afinal de contas, é um indizível prazer baixar decretos contra soberanos mortos, quando é impossivel lançá-los contra os vivos, por amor às próprias orelhas.

A querela tornou-se tão séria como outrora a das Ursulinas com as Anunciadas, que disputavam a ver quem carregaria por mais tempo ovos quentes entre as nádegas, sem os quebrar. Temia-se um cisma, como nos tempos da carochinha e de certas promissórias pagáveis ao portador no outro mundo. Coisa terrível um cisma, pois significa *divisão das opiniões,* e, até aquele momento fatal, todos os homens tinham pensado da mesma forma.

O senhor André, que é um excelente cidadão, convidou, para cear, aos chefes de cada um dos partidos. É ele dos melhores companheiros de mesa com que contamos; seu gênio é brando e alerta, sua alegria não é ruidosa; é simples e franco; não tem essa espécie de espírito que parece querer abafar o dos outros; a autoridade que se concilia só é devida às suas graças, à sua moderação, e a uma fisionomia aberta e persuasiva. Seria capaz de fazer cearem alegremente juntos um corso e um genovês, um representante de Genebra e um negativo,[60] o mufti e um arcebispo. Anulou habilmente os primeiros golpes que trocaram os adversários, desviando a conversa e contando uma história muito agradável, que divertiu igualmente os danantes e os danados. Afinal, quando o vinho começou a subir, fê-los assinarem que a alma do imperador Marco Antonino permaneceria *in statu quo*, isto é, não se sabe onde, aguardando o julgamento definitivo.

As almas dos doutores voltaram tranqüilamente para os seus limbos, após a ceia; tudo ficou em paz. Esse arranjo trouxe grande consideração ao Homem dos Quarenta Escudos; e todas as vezes que se erguia uma disputa

muito acesa, muito virulenta, entre letrados ou não letrados, dizia-se a ambas as partes: *Senhores, ide cear com o senhor André.*

Sei de duas encarniçadas facções que, por não terem ido cear em casa do senhor André, só arranjaram desgraça.[61]

A expulsão de um celerado

A reputação que adquirira o senhor André, de apaziguar as querelas dando boas ceias, atraiu-lhe na semana passada uma singular visita. Um homem de preto e malvestido, curvo, a cabeça inclinada para um lado, de olhar mau e mãos sujas, veio conjurá-lo a que o convidasse para jantar com os seus inimigos.

— Quem são os seus inimigos? — perguntou-lhe o senhor André. — E quem é o senhor?

— Ai! confesso, senhor, confesso que me tomam por um desses pulhas que escrevem libelos para ganhar a vida e que clamam: "Deus, Deus, Deus, religião, religião", para arranjar algum pequeno benefício. Acusam-me de haver caluniado os cidadãos mais verdadeiramente religiosos, os mais sinceros adoradores da Divindade, as pessoas mais honradas do reino. É verdade, senhor, que, no calor da composição, escapam às vezes às pessoas de meu ofício pequenas inadvertências que tomam por erros grosseiros, lapsos que qualificam de impudentes mentiras. O nosso zelo é considerado como uma terrível mescla de velhacaria e fanatismo. Asseguram que, embora iludamos a boa-fé de algumas velhas imbecis, somos alvo de desprezo e execração de todas as pessoas honradas que sabem ler.

"Meus inimigos são os principais membros das mais ilustres academias da Europa, escritores considerados, cidadãos úteis. Acabo de publicar uma obra que intitulei *Antifilosófica.* As minhas intenções eram boas, mas ninguém quis comprar o livro. Aqueles a quem o dei lançaram-no ao fogo, dizendo-me que era não só anti-razoável, mas anticristão e anti-honesto."

— Pois bem — disse o senhor André —, imite-os, lance ao fogo o seu libelo, e não falemos mais nisso. Estimo o seu arrependimento, mas é-me impossível fazê-lo cear com homens de espírito que não podem ser inimigos seus, visto que jamais o lerão.

— Não poderia ao menos, senhor — retrucou o biltre —, reconciliar-me com os parentes do falecido senhor de Montesquieu, cuja memória ultrajei para glorificar o reverendo padre Routh, que veio assediar seus últimos momentos e foi escorraçado do seu quarto?

— Ora! — retrucou o senhor André. — Há muito que está morto o padre Routh; vá cear com ele.

O senhor André não é homem de meias medidas, quando tem de tratar com gente dessa espécie. Compreendeu que o pulha só queria jantar em sua casa com homens de mérito para suscitar uma querela, para ir em seguida caluniá-los, para escrever contra eles, para imprimir novas mentiras. Correu-o de sua casa, como haviam corrido Routh do apartamento do presidente Montesquieu.

Impossível enganar ao senhor André. Tão simples e ingênuo era quando não passava de "o Homem dos Quarenta Escudos", quão atilado se tornou depois que conheceu os homens.

O bom senso do senhor André

Como se fortaleceu o bom senso do senhor André desde que ele tem uma biblioteca! Trata os livros como aos homens; escolhe-os; e nunca se deixa levar pelos nomes. Que prazer instruir-se e engrandecer a alma por um escudo, sem sair de casa!

Felicita-se por ter nascido numa época em que a razão humana começa a aperfeiçoar-se.

"Como eu não seria infeliz — diz ele — se vivesse no tempo do jesuíta Garasse, do jesuíta Guignard, ou do doutor Boucher, do doutor Aubry, do doutor Guincestre, ou no tempo em que condenavam às galés os que escreviam contra as categorias de Aristóteles!"

Se a miséria enfraquecera as molas vitais do senhor André, o bem-estar lhes devolveu a elasticidade. Há no mundo centenas de Andrés aos quais só faltou uma volta da roda da fortuna para os tornar homens de verdadeiro mérito.

Está hoje a par de todos os negócios da Europa, e sobretudo dos progressos do espírito humano.

— Parece — dizia-me ele na última terça-feira — que a Razão viaja por pequenas etapas, do norte para o sul, com suas duas amigas íntimas, a Experiência e a Tolerância. Acompanham-na a Agricultura e o Comércio. Apresentou-se na Itália, mas a Congregação do Índice a rechaçou. O mais que ela pôde fazer foi enviar secretamente alguns de seus emíssários, que não se cansam de fazer o bem. Alguns anos mais, e o país dos Cipiões deixará de ser o dos Arlequins encapuzados.

"Consegue, de tempos em tempos, cruéis inimigos na França; mas conta aqui com tantos amigos que afinal acabará sendo primeiro-ministro.

"Quando se apresentou na Baviera e na Áustria, encontrou dois ou três figurões de peruca, que a fitaram com olhar estúpido e espantado. E disseram-lhe: — Nunca ouvimos falar na senhora; não a conhecemos. — Senhores — respondeu-lhes ela —, com o tempo, hão de conhecer-me e estimar-me. Fui muito bem recebida em Berlim, em Moscou, em Copenhague, em Estocolmo. Faz muito que, por obra de Locke, Gordon, Trenchard, milorde Shaftesbury, e tantos outros, recebi carta de naturalização na Inglaterra. Também aqui um dia ma concederão. Sou filha do Tempo, e tudo espero de meu pai.

"Ao passar pelas fronteiras da Espanha e de Portugal, deu graças a Deus por ver que já não se acendiam tão seguidamente as fogueiras da Inquisição. Ficou muito esperançada com a expulsão dos jesuítas. Mas receou que, purgando a terra das raposas, a deixassem exposta aos lobos.

"Se ainda fizer tentativas para entrar na Itália, acredita-se que começará por estabelecer-se em Veneza, e que estacionará no reino de Nápoles, apesar de todas as liquefações dessa terra, que lhe dão vapores. Presume-se que a Razão tem um segredo infalível para desembaraçar os cordões de uma coroa que se enredaram, não sei como, aos de uma tiara, e para impedir que as hacanéias façam reverência às mulas!"

Em suma, a conversação do senhor André muito me agrada; e, quanto mais convivo com ele, mais o estimo.

De uma bela ceia em casa do senhor André

Ceamos ontem com um doutor da Sorbonne, o senhor Pinto, famoso judeu, o capelão da igreja reformada do embaixador batavo, o secretário do senhor príncipe Galitzin, do rito grego, um capitão suíço calvinista, dois filósofos e três damas de espírito.

A ceia se prolongou bastante, e no entanto não se discutiu sobre religião, como se nenhum dos convivas jamais tivesse alguma; o que quer dizer que nos tornamos polidos, e por isso tanto mais receamos contristar os outros, à mesa. O que não acontece com o regente Coger, e o ex-jesuíta Nonnotte, e o ex-jesuíta Patouillet, e o ex-jesuíta Rotalier, e todos os animais dessa espécie. Esses sórdidos nos dizem mais tolices numa brochura de duzentas páginas do que se pode dizer de agradável e instrutivo numa ceia de quatro horas. E o mais estranho é que eles não se atreveriam a dizer de cara, a ninguém, o que têm a impudência de imprimir.

A conversa girou primeiro acerca de um gracejo das *Cartas Persas,* onde se repete, segundo várias personagens, que o mundo não só vai piorando, mas também se despovoando cada vez mais; de sorte que se o provérbio *Quanto mais loucos, mais riso* tem alguma dose de verdade, o riso será banido da terra.

O doutor da Sorbonne assegurou que, com efeito, o mundo estava reduzido a quase nada. Citou o padre Petau, que nos demonstra que, em menos de trezentos anos, um só dos filhos de Noé (não sei se Jafé ou Sem) procriara uma série de filhos que subia a seiscentos e vinte e três bilhões, seiscentos e doze milhões e trezentos e cinqüenta e oito mil fiéis, no ano 285 após o dilúvio universal.

O senhor André perguntou por que no tempo de Filipe, o Belo, isto é, cerca de trezentos anos após Hugo Capeto, não havia seiscentos e vinte e três bilhões de príncipes da casa real.

— É que a fé diminuiu — disse o doutor da Sorbonne.

Falou-se muito de Tebas das cem portas e do milhão de soldados que saía por essas portas, com vinte mil carros de guerra.

— Apertem, apertem — dizia o senhor André. — Suspeito, desde que comecei a ler, que o mesmo gênio que escreveu *Gargântua* escrevia a

História antigamente.

— Mas afinal — disse-lhe um dos convivas —, Tebas, Mênfis, Babilônia, Nínive, Tróia, Selêucia eram grandes cidades e já não existem.

— Lá isso é verdade — respondeu o secretário do senhor príncipe Galitzin —, mas Moscou, Constantinopla, Londres, Paris, Amsterdã, Lyon, que vale mais que Tróia, todas as cidades da França, da Alemanha, da Espanha e do Norte, eram então desertos.

O capitão suíço, homem muito instruído, nos confessou que quando os seus antepassados deixaram as montanhas e precipícios natais, para apoderar-se, como era justo, de uma região mais agradável, César, que viu com os seus próprios olhos o desfile desses emigrantes, calculou-os em trezentos e sessenta e oito mil, contando os velhos, as mulheres e as crianças. Hoje, só o Cantão de Berna possui esse número de habitantes: não é nem metade da Suíça, e eu posso assegurar que os treze cantões contam além de setecentas e vinte mil almas, computando os nativos que trabalham ou negociam em país estrangeiro. Depois disso, senhores sábios, façam cálculos e sistemas; serão tão falsos uns quanto os outros.

Em seguida, procurou-se saber se os burgueses de Roma, no tempo dos Césares, eram mais ricos que os burgueses de Paris, no tempo do senhor Silhouette.

— Ah! isto é comigo — disse o senhor André. — Fui por muito tempo o Homem dos Quarenta Escudos; quero crer que os cidadãos romanos possuíam mais. Esses ilustres ladrões de estrada tinham pilhado os mais belos países da Ásia, da África e da Europa. Viviam esplendidamente do fruto de suas rapinas; mas, em todo caso, havia miseráveis em Roma. E estou persuadido de que, entre esses vencedores do mundo, havia muita gente reduzida a quarenta escudos de renda, como eu.

— Não sabe o senhor — disse-lhe um sábio da Academia das Inscrições e Belas Letras — que Lúculo gastava, em cada ceia que dava no salão de Apolo, trinta e nove mil trezentas e setenta e duas libras e treze soldos da nossa moeda corrente? Mas que Ático, o célebre epicurista Ático, não despendia por mês, para a sua mesa, além de duzentas e trinta e cinco libras?

— Se assim é — disse eu —, era digno de presidir a confraria da sovinice, estabelecida há pouco na Itália. Li como o senhor, em Florus, essa incrível anedota; mas com certeza Florus nunca havia ceado em casa

de Ático, ou o seu texto foi corrompido, como tantos outros, pelos copistas. Jamais Florus me fará acreditar que o amigo de César e de Pompeu, de Cícero e de Antônio, que muitas vezes comiam na sua casa, se arranjasse com pouco menos de dez luíses de ouro por mês.

E eis justamente como se escreve a História.[62]

A senhora André, tomando a palavra, disse ao sábio que, se este lhe orçasse a mesa por dez vezes mais, muito grata lhe ficaria.

Estou certo de que aquele serão do senhor André bem valia um mês de Ático; e as damas não acreditavam que as ceias de Roma fossem mais agradáveis que as de Paris. A conversação foi muito divertida, embora um pouco erudita. Não se falou nem das modas novas, nem dos ridículos alheios, nem do escândalo do dia.

A questão do luxo foi examinada a fundo. Tratava-se de esclarecer se fora o luxo que havia destruído o Império Romano, e ficou provado que os dois impérios do Ocidente e do Oriente só foram destruídos pela controvérsia e pelos monges. Com efeito, quando Alarico tomou Roma, só se ocupavam de disputas teológicas; e, quando Maomé tomou Constantinopla, os monges muito mais defendiam a eternidade da luz do labor, que viam no umbigo, do que a cidade contra os turcos.

Um dos nossos sábios fez uma reflexão que me impressionou bastante: é que esses dois grandes impérios foram aniquilados e as obras de Virgílio, Horácio e Ovídio subsistem.

Do século de Augusto para o de Luís XIV não foi mais que um salto. Uma dama indagou, com muito espirito, por que já não se escreviam hoje obras de gênio.

O senhor André respondeu que era porque já as haviam escrito no século passado. Essa idéia era fina, e no entanto verdadeira; foi devidamente estudada. Em seguida tombaram de rijo sobre um escocês que se afoitara a dar regras de gosto e a criticar os mais admiráveis trechos de Racine, sem saber francês.[63] Trataram ainda mais severamente a um italiano, chamado Denina, que denegriu, sem o compreender, o *Espírito das leis,* e que principalmente censurara o que mais se estima nessa obra.

Fez isso lembrar o afetado desprezo que Boileau dedicava a Tasso. Um dos convivas afirmou que Tasso, com todos os seus defeitos, estava tão acima de Homero quanto Montesquieu, com os seus defeitos ainda maiores, estava acima da moxinifada de Grotius. Protestaram contra essas

críticas ditadas pelo ódio nacional e o preconceito. O *signor* Denina foi tratado como merecia, e como o são os pedantes pelas pessoas de espírito.

Observaram com finura que a maioria das obras literárias do século atual, bem como as conversações, são dedicadas ao exame das obras-primas do século passado. O nosso mérito consiste em discutir o seu. Somos como filhos deserdados que fazem o cômputo dos bens de seus pais. Confessou-se que a filosofia fizera grandes progressos, mas que a língua e o estilo se haviam corrompido um pouco.

É sorte de todas as conversações passar de um assunto a outro. Todos esses objetos de curiosidade, de ciência e de gosto logo desapareceram diante do grande espetáculo que a imperatriz da Rússia e o rei da Polônia davam ao mundo. Acabavam de reerguer a humanidade aniquilada e de estabelecer a liberdade de consciência numa parte da Terra muito mais vasta do que jamais o foi o Império Romano. Esse serviço prestado ao gênero humano, esse exemplo dado a tantas Cortes que se julgam políticas, foi celebrado como merecia.

Bebeu-se à saúde da imperatriz, do rei filósofo e do primaz filósofo, desejando-lhes muitos imitadores. Até o doutor da Sorbonne os admirou, pois há algumas pessoas de bom senso naquele corpo, como houve outrora gente de espírito entre os beócios.

O secretario russo nos espantou com a narrativa de todos os grandes estabelecimentos que se faziam na Rússia. Perguntaram por que se gostava mais de ler a história de Carlos XII, que passara a vida a destruir, do que a de Pedro, o Grande, que consumira a sua a criar. Concluímos que a fraqueza e a frivolidade são causa dessa preferência; que Carlos XII foi o D. Quixote do Norte, como Pedro foi o Sólon; que os espíritos superficiais preferem o heroísmo extravagante aos grandes projetos de um legislador; que os pormenores da fundação de uma cidade lhes agradam menos do que a temeridade de um homem que enfrenta dez mil turcos, apenas com os seus serviçais; e que enfim a maioria dos leitores gosta mais de se divertir do que de instruir-se. Daí vem que há cem mulheres que lêem *As mil e uma noites* contra uma que lê dois capítulos de Locke.

Do que não se falou naquela ceia, de que por muito tempo hei de lembrar-me! Afinal também se disse algo dos atores e atrizes, assunto eterno das conversações de mesa em Versalhes e Paris. Conveio-se em que um bom declamador era tão raro como um bom poeta. A ceia acabou por uma bela canção que um dos convivas fez para as damas. Quanto a mim,

confesso que o banquete de Platão não me causaria mais prazer do que o do senhor e o da senhora André.

Os nossos petimetres e sécias sem dúvida se aborreceriam ali; pretendem eles ser a boa companhia; mas o senhor André e eu jamais ceamos com essa boa companhia.

A princesa da Babilônia

O romance foi editado em 1768, sem nome de autor, pelos Cramer de Genebra.

André Bellessort escreveu a propósito desta obra: "A princesa de Babilônia, a bela Formosante que anda atrás de seu querido Amazan, fugiu da famosa biblioteca do Cavaleiro da Triste Figura, D. Quixote de la Mancha. Mas as aventuras dos dois apaixonados que tentam juntar-se através dos continentes e dos mares, conquanto tão interessantes como as anteriores, são muito mais instrutivas, esclarecendo-nos acerca do progresso da filosofia nos países nórdicos, da prosperidade da Holanda, da política inglesa, dos contrastes de Paris, dos hábitos estranhos da corte pontifícia e até da sabedoria do Império Chinês [...]. *Os heróis de D. Quixote não aprendiam coisas tão belas nas suas perambulações maravilhosas* [...]*'"* (Ensaios sobre Voltaire). *Não me parece possível dizer melhor do parentesco de Voltaire com seus predecessores, e de suas diferenças.*

S. M.

I

O VELHO BELUS, REI DE BABILÔNIA, julgava-se o primeiro homem do mundo, pois todos os seus cortesãos lho diziam e os seus historiógrafos lho provavam. O que poderia desculpar-lhe esse ridículo era que, com efeito, seus predecessores haviam construído Babilônia mais de trinta mil anos antes, mas ele a havia embelezado. Sabe-se que o seu palácio e o seu parque, situados a algumas parasangas de Babilônia, se estendiam entre o Eufrates e o Tigre, que banhavam aquelas ribas encantadas. Sua vasta residência, de três mil passos de fachada, elevava-se até as nuvens. A

plataforma era cercada de uma balaustrada de mármore branco de cinqüenta pés de altura que sustentava as estátuas colossais de todos os reis e de todos os grandes homens do Império. Essa plataforma, composta de duas ordens de tijolos cobertos de densa camada de chumbo, continha terra numa espessura de doze pés; e sobre essa terra havia erguido florestas de oliveiras, laranjeiras, limoeiros, palmeiras, cravos e caneleiras, que formavam alamedas impenetráveis aos raios do sol.

As águas do Eufrates, elevadas por bombas em cem colunas ocas, vinham até esses jardins encher vastos tanques de mármore e, retombando por outros canais, iam formar no parque cascatas de seis mil pés e cem mil repuxos cuja altura mal se podia perceber: voltavam em seguida para o Eufrates, de onde provinham. Os jardins de Semíramis, que espantaram a Ásia vários séculos depois, não passavam de uma fraca imitação dessas antigas maravilhas; pois, no tempo de Semíramis, tudo começava a degenerar entre os homens e as mulheres.

Mas o que havia de mais admirável em Babilônia, o que eclipsava tudo mais, era a filha única do rei, chamada Formosante. Foi segundo os seus retratos e estátuas que, séculos após, Praxíteles esculpiu a sua Afrodite e aquela a que chamaram a *Vênus das belas nádegas*. Que diferença, ó céus, do original para as cópias! De modo que Belus era mais orgulhoso da sua filha que do seu reino. Tinha esta dezoito anos: era preciso um esposo digno dela; mas onde encontrá-lo? Ordenara um antigo Oráculo que Formosante só poderia pertencer àquele que retesasse o arco de Nemrod. Esse Nemrod, o grande caçador perante Deus, deixara um arco de sete pés babilônicos de altura, de um ébano mais duro que o ferro do monte Cáucaso que se trabalha nas forjas de Derbente; e nenhum mortal depois de Nemrod pudera distender esse arco maravilhoso.

Fora ainda dito que o braço que distendesse esse arco mataria o leão mais terrível e perigoso que fosse largado no circo de Babilônia. Não era tudo: o lançador do arco, o vencedor do leão, devia abater a todos os seus rivais; mas devia principalmente ter muita inteligência, ser o mais magnífico dos homens, o mais virtuoso, e possuir a coisa mais rara que existisse no universo inteiro.

Apresentaram-se três reis que se atreveram a disputar Formosante: o faraó do Egito, o xá das Índias e o grande cã dos citas. Belus marcou o dia e o local do combate, que era no extremo de seu parque, no vasto espaço limitado pelas águas do Eufrates e do Tigre reunidos. Ergueram em redor

da liça um anfiteatro de mármore que podia conter quinhentos mil espectadores. Defronte ao anfiteatro, ficava o trono do rei que devia comparecer com Formosante, acompanhada de toda a Corte; e à direita e à esquerda, entre o trono e o anfiteatro, estavam outros tronos e outros assentos para os três reis e para todos os outros soberanos que tivessem a curiosidade de vir assistir àquela augusta cerimônia.

Em primeiro lugar, chegou o rei do Egito, montando o boi Ápis e segurando o sistro de Ísis. Vinha seguido de dois mil sacerdotes vestidos de túnicas de linho mais brancas que a neve, de dois mil eunucos, de dois mil mágicos e de dois mil guerreiros.

Depois chegou o rei das Índias, num carro tirado por doze elefantes. Tinha um séquito ainda mais numeroso e mais brilhante que o do faraó do Egito.

O último que apareceu foi o rei dos citas. Não tinha junto de si senão guerreiros escolhidos, armados de arcos e de frechas. Sua montaria era um tigre soberbo que ele domara e que era tão alto quanto os mais belos cavalos da Pérsia. O porte desse monarca, imponente e majestoso, apagava o de seus rivais; seus braços nus, tão musculosos quanto brancos, pareciam já retesar o arco de Nemrod.

Os três príncipes se prosternaram primeiro diante de Belus e de Formosante. O rei do Egito ofereceu à princesa os dois mais belos crocodilos do Nilo, dois hipopótamos, duas zebras, dois ratos do Egito e duas múmias, com os livros do grande Hermes, que ele julgava o que havia de mais raro sobre a face da Terra.

O rei das Índias ofereceu-lhe cem elefantes, que carregavam cada um uma torre de madeira dourada, e depôs a seus pés o *Veidam,* escrito pela mão do próprio Xaca.

O rei dos citas, que não sabia ler nem escrever, apresentou cem cavalos de batalha, cobertos de xairéis e peles de raposas negras.

A princesa baixou os olhos diante de seus pretendentes e inclinou-se com uma graça tão modesta quanto nobre.

Belus mandou conduzir os três monarcas aos tronos que lhes estavam reservados.

— Quem me dera ter três filhas — disse-lhes —, e eu faria hoje seis pessoas felizes.

Em seguida mandou tirar a sorte, para ver quem primeiro experimentaria o arco de Nemrod. Puseram num capacete de ouro os

nomes dos três pretendentes. O do rei do Egito saiu em primeiro lugar; em seguida, o do rei das Índias. O rei cita, olhando o arco e os seus rivais, não se queixou de ser o terceiro.

Enquanto se preparavam essas brilhantes provas, vinte mil pajens e vinte mil raparigas distribuíam com toda a ordem refrescos aos espectadores. Todos confessavam que os deuses só haviam instituído os reis para que dessem festas todos os dias, contanto que fossem variadas; que a vida é demasiado curta para que a empreguemos de outra forma; que os processos, as intrigas, a guerra, as disputas dos sacerdotes que consomem a vida humana, são coisas absurdas e horríveis; que o homem nasceu para a alegria; que não amaria apaixonada e continuamente os prazeres se não fora formado para eles; que a essência da natureza humana é deleitar-se, e todo o resto é loucura. Essa excelente moral nunca foi desmentida senão pelos fatos.

Quando iam começar as justas que deviam decidir do destino de Formosante, apresentou-se um jovem desconhecido montado num unicórnio, acompanhado de seu escudeiro em igual montaria, e trazendo ao punho um grande pássaro. Os guardas ficaram surpresos ao ver em tal equipagem um vulto que tinha um ar de divindade. Era, como depois se disse, o rosto de Adônis sobre o corpo de Hércules; era a majestade unida à graça. Suas sobrancelhas negras e seus longos cabelos loiros, combinação de beleza desconhecida em Babilônia, encantaram a assembléia; todo o anfiteatro ergueu-se para melhor o contemplar; todas as mulheres da Corte fixaram nele olhares atônitos. A própria Formosante, que sempre baixava os olhos, ergueu-os e enrubesceu; os três reis empalideceram; todos os espectadores, comparando Formosante com o desconhecido, exclamavam: “Não há no mundo senão esse jovem que seja tão belo como a princesa”.

Os porteiros, espantados, perguntaram-lhe se ele era rei. O estrangeiro respondeu que não tinha essa honra, mas que viera de muito longe, por curiosidade, para ver se havia reis que fossem dignos de Formosante. Levaram-no para a primeira fila do anfiteatro, a ele, ao seu valete, aos seus dois unicórnios e ao seu pássaro. O jovem fez uma profunda saudação a Belus, à sua filha, aos três reis e a toda a assembléia. Depois acomodou-se, corando. Seus dois unicórnios deitaram-se a seus pés, o seu pássaro pousou-lhe no ombro, e seu valete, que carregava um pequeno saco, postou-se a seu lado.

Começaram as provas. Retiraram de seu estojo de ouro o arco de Nemrod. O mestre-de-cerimônias, seguido de cinqüenta pajens e precedido de vinte trombetas, o apresentou ao rei do Egito, que o fez benzer por seus sacerdotes; e, tendo-o colocado sobre a cabeça do boi Ápis, não mais duvidou de alcançar essa primeira vitória. Desce à arena, experimenta o arco, esgota as suas forças, faz contorções que provocam o riso do anfiteatro e até fazem Formosante sorrir.

Aproxima-se dele o seu grande esmoler, e lhe diz:

— Que Vossa Majestade renuncie a essas honras vãs, que não são mais que as dos músculos e nervos: triunfareis no resto. Vencereis o leão, pois tendes o sabre de Osíris. A princesa da Babilônia deve pertencer ao príncipe que tenha mais inteligência, e já tendes decifrado enigmas. Deve ela desposar o mais virtuoso, e vós o sois, pois fostes educado pelos sacerdotes do Egito. O mais generoso deve vencer, e vós lhe presenteastes os dois mais belos crocodilos e os dois mais belos ratos que havia no Delta. Possuís o boi Ápis e os livros de Hermes, que são a coisa mais rara do universo. Ninguém vos pode disputar formosamente.

— Tens razão — disse o rei do Egito, e voltou para o trono.

Puseram o arco entre as mãos do rei das Índias, o qual ficou com empolas por quinze dias, e consolou-se pensando que o rei dos citas não seria mais feliz do que ele.

O cita manejou o arco por sua vez. Juntava a habilidade à força: o arco pareceu adquirir alguma elasticidade em suas mãos; fê-lo ceder um pouco, mas não conseguiu distendê-lo. O anfiteatro, a quem o bom aspecto desse príncipe inspirava favoráveis inclinações, lamentou seu pouco sucesso e julgou que a bela princesa jamais se casaria.

Então o jovem desconhecido desceu de um salto à arena e, dirigindo-se ao rei dos citas:

— Não se espante Vossa Majestade — disse-lhe ele — de não haver obtido inteiro sucesso. Esses arcos de ébano são fabricados na minha terra: há determinado modo de os manejar. Tendes muito mais mérito em havê-lo feito ceder do que eu possa ter em retesá-lo.

Em seguida tomou uma flecha, ajustou-a na corda, retesou o arco de Nemrod e fez voar a flecha muito além das barreiras. Um milhão de mãos aplaudiu esse prodígio. Babilônia reboou de aclamações, e todas as mulheres diziam: “Que felicidade que tão belo rapaz tenha tanta força!”.

Tirou em seguida do bolso uma lâmina de marfim, e escreveu nela com um estilete de ouro, prendeu a chapa de marfim ao arco, e apresentou tudo à princesa com uma graça que encantava a todos os assistentes. Depois foi modestamente para o seu lugar, entre o seu criado e o seu valete. Babilônia inteira estava no auge da surpresa, os três reis desconcertados, e o desconhecido não parecia aperceber-se de nada disso.

Formosante ainda ficou mais espantada quando leu, na chapa de marfim presa ao arco, estes versos em bela linguagem caldaica:

O arco de Nemrod é o arco da guerra.
Mas o arco do Amor é o da felicidade:
Contigo o tens, Princesa. E, na verdade,
É por isso que o Amor domina toda a Terra.
De três gloriosos reis, cada qual se presume
Ser afinal teu único e ditoso rei.
A quem escolherás, Princesa? Apenas sei
Que o universo inteiro há de sentir-lhe ciúme.

Esse pequeno madrigal não incomodou a princesa. Foi criticado por alguns senhores da antiga Corte, que disseram que outrora, nos bons tempos, teriam comparado Belus ao Sol e Formosante à Lua, seu pescoço a uma torre e seu colo a um alqueire de trigo. Disseram que o estrangeiro não tinha imaginação e que se afastava das regras da verdadeira poesia; mas todas as damas acharam os versos mui galantes. Maravilhavam-se de que um homem que tão bem manejava o arco tivesse tanto talento. A dama de honor da princesa disse-lhe:

— Quantas qualidades em pura perda! De que servirão a esse jovem o seu espírito e o arco de Belus?

— Servirão para que o admirem — retrucou a princesa.

— Ah! — disse a dama de honor entre dentes —, mais um madrigal, e ele será então amado.

Belus, no entanto, depois de consultar a seus magos, declarou que, visto que nenhum dos três reis pudera manejar o arco de Nemrod, nem por isso sua filha deveria deixar de casar-se e que pertenceria àquele que conseguisse abater o grande leão a que vinham tratando expressamente para isso. O rei do Egito, que fora educado com toda a sabedoria do seu país, achou que era muito ridículo expor um rei às feras para o casar. Confessava que a posse de Formosante era um grande prêmio; mas

considerava que, se o leão o estraçalhasse, jamais poderia ele desposar essa bela babilônia. O rei das Índias foi do mesmo parecer que o egípcio; concluíram que o rei de Babilônia estava fazendo pouco de ambos; que era preciso mandar vir exércitos para o punirem; que tinham bastantes súditos que se considerariam muito honrados de morrer a serviço de seus senhores, sem que isso custasse um fio de cabelo às suas sagradas cabeças; que facilmente destronariam o rei da Babilônia e em seguida tirariam à sorte a bela Formosante.

Feito esse acordo, os dois reis despacharam, cada um para o seu país, uma ordem expressa de reunir um exército de trezentos mil homens, a fim de raptar Formosante.

No entretanto, o rei dos citas desceu sozinho à arena, de cimitarra em punho. Não estava perdidamente arrebatado pelos encantos de Formosante; até então fora a glória a sua única paixão; ela o conduzira até Babilônia. Queria mostrar que, se os reis da Índia e do Egito eram bastante prudentes para que se comprometessem com feras, era ele bastante corajoso para não desdenhar esse combate, e que repararia a honra do diadema. Sua rara coragem não lhe permitiu ao menos que se servisse do seu tigre. Avança sozinho, levemente armado, com um capacete de aço guarnecido de ouro, ornado de três caudas de cavalo brancas como a neve.

Largam contra ele o maior leão que jamais se criou nas montanhas do Anti-Líbano. Suas terríveis garras pareciam capazes de estraçalhar os três reis ao mesmo tempo, e sua vasta goela de os devorar. Seus horrendos rugidos faziam reboar o anfiteatro. Os dois feros campeões precipitam-se um contra o outro a passo rápido. O corajoso cita mergulha a espada na boca do leão; mas a lâmina, encontrando um desses espessos dentes que nada pode atravessar, quebra-se em estilhaços, e o monstro das florestas, furioso com o seu ferimento, já imprimia as unhas sangrentas nos flanco do monarca.

O jovem desconhecido, penalizado com o perigo de tão bravo príncipe, lança-se na arena mais rápido que um relâmpago; corta a cabeça do leão com a mesma destreza com que, em nossos carrosséis, juvenis cavaleiros arrebatam cabeças de mouros ou anéis.

Depois, tirando uma pequena caixa, apresenta-a ao rei cita, dizendo-lhe:

— Vossa Majestade encontrará nesta caixinha o verdadeiro ditamno, que cresce na minha terra. Vossos gloriosos ferimentos ficarão curados

num instante. Só o acaso vos impediu de triunfar do leão; nem por isso é menos admirável a vossa coragem.

O rei cita, mais sensível ao reconhecimento que ao ciúme, agradeceu a seu salvador e, depois de tê-lo abraçado efusivamente, recolheu-se para aplicar o ditamno nos ferimentos.

O desconhecido entregou a cabeça do leão a seu valete; este, depois de a lavar na grande fonte abaixo do anfiteatro e de lhe escorrer todo o sangue, tirou um ferro de seu pequeno saco, arrancou os quarenta dentes do leão, e pôs em seu lugar quarenta diamantes de igual tamanho.

Seu senhor, com a costumeira modéstia, voltou para o seu lugar; e entregou a cabeça do leão ao pássaro.

— Belo pássaro — disse ele — vai depor aos pés de Formosante esta singela homenagem.

O pássaro voa, carregando numa das garras o terrível troféu; apresenta-o à princesa, baixando humildemente o pescoço e prosternando-se ante ela. Os quarenta brilhantes deslumbraram todos os olhos. Ainda não se conhecia tal magnificência na soberba Babilônia: a esmeralda, o topázio, a safira, o piropo ainda eram considerados os mais preciosos ornamentos. Belus e toda a Corte estavam cheios de admiração. Mais ainda os surpreendeu o pássaro que oferecia aquele presente. Era do talhe de uma águia, mas os seus olhos eram tão suaves e ternos quanto os da águia são altivos e ameaçadores. Seu bico era cor-de-rosa e parecia ter algo da linda boca de Formosante. Seu pescoço reunia todas as cores do arco-íris, porém mais vivas e brilhantes. Em nuanças infinitas, brilhava-lhe o ouro na plumagem. Seus pés pareciam uma mescla de prata e púrpura; e a cauda dos belos pássaros que atrelaram depois ao carro de Juno não tinham comparação com a sua.

A atenção, a curiosidade, o espanto, o êxtase de toda a Corte dividiam-se entre os quarenta diamantes e o pássaro. Pousara este na balaustrada, entre Belus e a sua filha Formosante; ela falava-lhe, acariciava-o, beijava-o. Ele parecia receber suas carícias com um prazer mesclado de respeito. Quando a princesa lhe dava beijos, o pássaro lhos devolvia e olhava-a em seguida ternamente. Recebia dela biscoitos e pistaches, que apanhava com a sua pata purpúrea e argentada e levava ao bico com inexprimível graça.

Belus, que considerava atentamente os diamantes, achava que toda uma das suas províncias mal daria para pagar tão rico presente. Mandou

que preparassem para o desconhecido oferendas ainda mais magníficas do que as que estavam destinadas aos três monarcas. “Esse jovem — dizia ele consigo — deve ser filho do rei da China, ou dessa parte do mundo que chamam *Europa*, de que ouvi falar, ou da África que é, dizem, vizinha do reino do Egito.”

Mandou imediatamente o escudeiro-mor cumprimentar o desconhecido e perguntar-lhe se era ele soberano de algum daqueles impérios e por que, possuindo tão espantosos tesouros, viera apenas com um valete e com um pequeno saco.

Enquanto o escudeiro-mor avançava pelo anfiteatro para desincumbir-se da sua missão, chegou outro valete montado num unicórnio, e que assim se dirigiu ao jovem:

— Ormar, vosso pai está para morrer, e eu vim avisar-vos.

O desconhecido ergueu os olhos ao céu, derramou algumas lágrimas e só pronunciou esta palavra:

— Partamos.

O escudeiro-mor, depois de haver apresentado os cumprimentos de Belus ao vencedor do leão, ao doador dos quarenta diamantes, ao dono do belo pássaro, perguntou ao valete de que reino era soberano o pai daquele jovem herói.

O valete respondeu: — Seu pai é um velho pastor, muito amado em seu cantão.

Durante essa breve conversa, o desconhecido já havia montado no unicórnio. Disse ele ao escudeiro-mor:

— Senhor, dignai-vos pôr-me aos pés de Belus e de sua filha. Ouso suplicar à princesa que tenha o maior cuidado com o pássaro que eu lhe deixo; ele é único como ela.

Dizendo tais palavras, partiu como um relâmpago; os dois valetes o seguiram; e perderam-nos de vista.

Formosante não pôde deixar de soltar um grande grito. O pássaro, voltando-se para o anfiteatro onde estivera sentado o seu dono, pareceu muito aflito de não mais o ver. Depois, fitando fixamente a princesa e esfregando suavemente o bico na sua linda mão, pareceu significar-lhe que se votava a seu serviço.

Belus, mais espantado do que nunca, ao saber que aquele jovem tão extraordinário era filho de um pastor, não pôde acreditá-lo. Mandou que os seguissem; mas logo lhe vieram dizer que os unicórnios nos quais corriam

aqueles três homens não podiam ser alcançados e que, pelo galope em que iam, deviam fazer cem léguas por dia.

II

Todos discutiam aquele estranho caso e perdiam-se em vãs conjeturas. Como é que o filho de um pastor pode presentear quarenta enormes diamantes? Por que anda montado num unicórnio? Ninguém atinava com coisa alguma, e Formosante, acariciando o seu pássaro, achava-se merguhada em profunda cisma.

A princesa Aldéia, sua prima em segundo grau, que era muito bem-feita e quase tão bela quanto Formosante, lhe disse:

— Não sei, minha prima, se esse jovem semideus é filho de um pastor; mas parece-me que preencheu todas as condições para o casamento. Manobrou o arco de Nemrod, venceu o leão, tem bastante talento, pois te compôs um lindo improviso. Depois dos quarenta enormes diamantes que te deu, não podes negar que seja o mais generoso dos homens. Possuía, com o seu pássaro, o que há de mais raro na face da Terra. Sua virtude não tem igual, pois, podendo permanecer perto de ti, partiu sem hesitação logo que soube que o pai estava doente. O oráculo está cumprido em todos os pontos, exceto no que exige que vença a seus rivais; mas ele fez mais, salvou a vida do único concorrente a quem podia temer; e, quando se tratar de bater os dois outros, creio que não duvidarás que o consiga facilmente.

— Tudo o que dizes é verdade — respondeu Formosante. — Mas será possível que o maior dos homens, e talvez o mais amável, seja filho de um pastor?

A dama de honor, metendo-se na conversa, disse que muitas vezes essa palavra *pastor* era aplicada aos reis; que os chamavam de pastores, porque eles tosquiam seu rebanho; que fora certamente um duvidoso gracejo do seu valete; que aquele jovem herói viera tão mal acompanhado apenas para mostrar o quanto o seu mérito estava acima do fausto dos reis,

e para não dever Formosante senão a si mesmo. A princesa só respondeu dando mil carinhosos beijos no seu pássaro.

Entrementes, preparava-se um grande festim para os três reis e para todos os príncipes que tinham comparecido à festa. A filha e a sobrinha do rei deviam fazer-lhes as honras. Traziam para os reis presentes dignos da magnificência de Babilônia. Belus, enquanto não serviam, reuniu o conselho, para tratar do casamento da bela Formosante, e assim falou como grande político:

— Estou velho, não sei mais que fazer, nem a quem dar minha filha. Aquele que a merecia não passa de um vil pastor. O rei das Índias e o do Egito são uns poltrões; o rei dos citas me conviria bastante, mas não satisfez nenhuma das condições impostas. Enquanto isto, deliberai, e nós concluiremos de acordo com o que disser o oráculo; pois um rei não se deve conduzir senão por ordem expressa dos deuses imortais.

Dirige-se então à sua capela; o oráculo responde-lhe em poucas palavras, segundo o seu costume: *Tua filha só se casará depois que houver saído a correr mundo.* Belus, atônito, volta ao conselho e comunica tal resposta.

Todos os ministros votavam profundo respeito aos oráculos; todos convinham, ou fingiam convir, em que os oráculos eram o fundamento da religião; que a razão deve calar-se diante deles; que é por eles que os reis governam os povos, e os magos os reis; que, sem os oráculos, não haveria nem virtude nem descanso na Terra. Enfim, após haver testemunhado a mais profunda veneração pelos oráculos, quase todos concluíram que aquele era impertinente e não se lhe devia obedecer; que nada era mais indecente para uma moça, e sobretudo para a filha do grande rei de Babilônia, que sair a vaguear sem saber por onde; que esse era o verdadeiro meio de não casar, ou de fazer um casamento clandestino, vergonhoso e ridículo; que, numa palavra, esse oráculo não tinha senso comum.

O mais jovem dos ministros, chamado Onadase, que tinha mais espírito do que eles, disse que o oráculo queria significar, sem dúvida, alguma peregrinação religiosa, e que ele se oferecia para ser o condutor da princesa. O conselho concordou, mas cada qual queria servir de escudeiro. O rei decidiu que a princesa poderia ir a trezentas parasangas, no caminho da Arábia, a um templo cujo padroeiro tinha reputação de conseguir bons

casamentos para as moças, e que seria o deão do conselho quem a acompanharia. Depois dessa decisão, foram todos cear.

III

Em meio dos jardins, entre duas cascatas, elevava-se um salão oval de trezentos pés de diâmetro, cuja abóbada de lápis-lazúli, semeada de estrelas de ouro, representava todas as constelações com os planetas, cada qual no seu verdadeiro lugar, e essa abóbada girava como o céu, por meio de máquinas tão invisíveis como aquelas que dirigem os movimentos celestes. Cem mil archotes, encerrados em cilindros de cristal de rocha, alumiavam o exterior e o interior da sala de jantar. Um aparador em degraus sustentava vinte mil vasos ou pratos de ouro; e defronte ao aparador havia outros degraus repletos de músicos. Dois outros anfiteatros se achavam carregados, um com os frutos de todas as estações, o outro de ânforas de cristal onde brilhavam todos os vinhos da Terra.

Os convivas acomodaram-se em torno à mesa, cujos assentos eram separados por grinaldas de pedras preciosas, que figuravam flores e frutos. A bela Formosante foi colocada entre o rei das Índias e o do Egito, a bela Aldéia perto do rei dos citas. Havia cerca de trinta príncipes e cada um deles se achava ao lado de uma das mais belas damas do palácio. O rei de Babilônia, ao centro, defronte à filha, parecia dividido entre o pesar de não a ter casado e o prazer de ainda a conservar consigo. Formosante pediu licença para ficar com o pássaro a seu lado, na mesa, o que o rei achou muito bem.

A música, que começou a tocar, deu a cada príncipe inteira liberdade para entreter a sua vizinha. O festim pareceu tão agradável quão magnífico. Tinham posto diante de Formosante um petisco que o rei seu pai muito apreciava. A princesa disse que o deviam levar a Sua Majestade. E imediatamente o pássaro se apodera do prato, com maravilhosa destreza, e vai apresentá-lo ao rei. Nunca se espantaram tanto numa ceia. Belus fez-lhe tantas carícias quanto a filha. O pássaro retomou em seguida o vôo, a fim de voltar para junto desta. Desenrolava, assim, tão linda cauda, suas

asas distendidas ostentavam tão brilhantes cores, tamanho fulgor lançava o ouro da sua plumagem, que todos os olhos só se fixavam nele. Todos os músicos cessaram de tocar e permaneceram imóveis. Ninguém comia, ninguém falava, só se ouvia um murmúrio de admiração. A princesa de Babilônia beijou-o durante toda a ceia, sem ao menos pensar que havia reis neste mundo. O das Índias e do Egito sentiram redobrar seu despeito e indignação, e cada qual prometeu a si mesmo apressar a marcha de seus trezentos mil homens, para uma boa vingança.

Quanto ao rei dos citas, estava ocupado em conversar com a bela Aldéia: seu coração altivo, desprezando sem despeito as desatenções de Formosante, concebera por ela mais indiferença que cólera.

— Ela é bonita, confesso-o — dizia ele. — Mas me parece dessas mulheres que só se ocupam com a sua beleza, e que pensam que o gênero humano lhes deve ficar muito agradecido quando se dignam deixar-se ver em público. Não se adoram ídolos no meu país. Eu preferia uma feiosa amável e prestativa, a essa bela estátua. Quanto à senhora, tem tantos encantos como Formosante, e ao menos se digna conversar com os estrangeiros. Confesso-lhe, com a franqueza de um cita, que prefiro a senhora à sua prima.

Enganava-se, contudo, a respeito do caráter de Formosante: ela não era tão desdenhosa como parecia; mas o cumprimento do rei foi muito bem recebido pela princesa Aldéia. A conversa de ambos tornou-se muito interessante: estavam muito satisfeitos e já seguros um do outro quando se levantaram da mesa.

Após a ceia, foram passear pelos bosques. O rei dos citas e Aldéia não deixaram de procurar um recanto solitário. Aldéia, que era a franqueza em pessoa, assim falou àquele príncipe:

— Não odeio a minha prima, embora seja mais bonita do que eu e esteja destinada ao trono de Babilônia: a honra de vos agradar me serve de atrativos. Prefiro a Cítia convosco à coroa de Babilônia sem vós; mas essa coroa me pertence de direito, se há direitos no mundo: pois sou do ramo mais antigo de Nemrod, e Formosante do mais novo. Seu avô destronou o meu e fê-lo morrer.

— Tal é então a força do sangue na casa de Babilônia! — disse o cita. — Como se chamava o vosso avô?

— Chamava-se Aldéia como eu. Meu pai tinha o mesmo nome; foi relegado para os confins do Império, com a minha mãe; e Belus, após a

morte deles, nada temendo de mim, resolveu educar-me junto com a sua filha. Mas decidiu que eu jamais me casasse.

— Quero vingar vosso pai, e vosso avô, e a vós — disse o rei dos citas. — Garanto-vos que casareis; virei raptar-vos depois de amanhã, pela madrugada, pois amanhã devo jantar com o rei de Babilônia, e voltarei para sustentar vossos direitos com um exército de trezentos mil homens.

— Muito o desejo — disse a bela Aldéia. E, após haverem trocado sua palavra, separaram-se.

Fazia muito que a incomparável Formosante fora deitar-se. Mandara colocar junto ao leito uma pequena laranjeira num vaso de prata, para que o seu pássaro ali repousasse. Os cortinados estavam fechados, mas a princesa não tinha nenhuma vontade de dormir. Seu coração e sua imaginação se achavam demasiado alertas para isso. O encantador desconhecido estava diante de seus olhos; via-o disparar uma flecha com o arco de Nemrod; via-o cortar a cabeça do leão; ela recitava o seu madrigal; via-o enfim escapar-se da multidão, montado no seu unicórnio; então rebentava em soluços e exclamava entre lágrimas:

— Nunca mais o verei. Ele não voltará.

— Voltará, senhora — respondeu-lhe o pássaro, do alto da sua laranjeira. — Pode-se acaso tê-la visto sem tornar a vê-la?

— O céus! ó eternas potências! o meu pássaro fala puro caldaico!

Dizendo tais palavras, ela abre os cortinados, estende-lhe os braços, põe-se de joelhos no leito:

— Serás um deus descido à terra? Serás o grande Orosmade oculto sob essa bela plumagem? Se és um deus, restitui-me aquele lindo jovem.

— Eu não sou mais que um volátil — replicou o outro. — Mas nasci no tempo em que todos os animais ainda falavam e em que os pássaros, as serpentes, as mulas, os cavalos e os grifos conversavam familiarmente com os homens. Não quis falar diante das outras pessoas, de medo que as suas damas de honor me tomassem por um feiticeiro: só quero entender-me com Vossa Alteza.

Formosante, interdita, aturdida, ébria de tantas maravilhas, agitada da impaciência de fazer mil perguntas ao mesmo tempo, indagou primeiro que idade tinha ele.

— Vinte e sete mil e novecentos anos e seis meses, Alteza. Sou do tempo da pequena revolução celeste que os vossos magos chamam a *precessão dos equinócios* e que se cumpre em cerca de vinte e oito mil de

vossos anos. Há revoluções infinitamente mais longas, de modo que temos criaturas muito mais velhas do que eu. Faz vinte e dois mil anos que aprendi caldaico em uma de minhas viagens. Sempre conservei muito gosto pela língua caldaica, mas os outros animais meus confrades desistiram de falar sob os vossos climas.

— E por que isso, meu divino pássaro?

— Ai! é porque os homens adquiriram por fim o hábito de nos comerem, em vez de conversar e instruir-se conosco. Bárbaros! Não deviam estar convencidos de que, tendo os mesmos órgãos que eles, os mesmos sentimentos, as mesmas necessidades, os mesmos desejos, tínhamos o que se chama *uma alma*, exatamente como eles, e que só deviam cozinhar e comer aos maus? E tanto somos vossos irmãos, que o grande Ser, o Ser eterno e criador, quando fez um pacto com os homens, [64] nos incluiu expressamente no tratado. Ele proibiu que vos alimentásseis de nosso sangue, e a nós que sugássemos o vosso.

"As fábulas de vosso antigo Locman, traduzidas em tantas línguas, serão um testemunho eternamente válido das felizes relações que outrora mantivestes conosco. Todas começam por estas palavras: *No tempo em que os animais falavam...* É verdade que há entre vós muitas mulheres que continuam falando a seus cães; mas estes resolveram não responder, desde que os forçaram, a relho, a ir à caça e a ser cúmplices do morticínio de nossos velhos amigos comuns, os cervos, os gamos, as lebres e as perdizes.

"Tendes ainda antigos poemas nos quais os cavalos falam. E todos os dias os vossos cocheiros lhes dirigem a palavra, mas fazem-no com tamanha grosseria e pronunciando palavras tão infames, que os cavalos, que tanto vos amavam outrora, hoje vos detestam.

"O país onde mora o seu encantador desconhecido, o mais perfeito dos homens, é o único em que a sua espécie ainda sabe amar a nossa e falar-lhe; e é a única região da Terra onde os homens são justos."

— E onde é esse país de meu caro desconhecido? Qual é o nome desse herói? Como se chama o seu Império? Pois já não creio agora que ele seja um pastor como não creio que sejas um morcego.

— O seu país, Alteza, é o dos gangáridas, povo virtuoso e invencível que habita a margem esquerda do Ganges. O nome de meu amigo é Amazan. Não é rei, e mesmo não sei se ele se baixaria a sê-lo; ama muito a seus compatriotas: é pastor como eles. Mas não vá imaginar que esses

pastores se assemelham aos vossos, que, mal cobertos de trapos rotos, guardam ovelhas infinitamente mais bem- vestidas do que eles; que gemem sob o fardo da pobreza; e pagam a um exator metade do pífio salário que recebem dos amos. Os pastores gangáridas nascidos todos iguais são donos de inumeráveis rebanhos que cobrem os seus prados eternamente em flor. Não os carneiam nunca; constitui ali um crime horrível matar e comer a seu semelhante. Sua lã, mais fina e brilhante que a mais bela seda, é o maior comércio do Oriente. Aliás, a terra dos gangáridas produz tudo o que pode contentar os desejos dos homens. Esses grandes diamantes que Amazan teve a honra de lhe oferecer são de uma mina da sua propriedade. O unicórnio que Vossa Alteza o viu cavalgar é a montaria comum dos gangáridas. É o mais belo, o mais altivo, o mais terrível e o mais dócil animal que orna a Terra. Bastariam cem gangáridas e cem unicórnios para debandar exércitos inumeráveis. Há cerca de dois séculos, um rei das Índias foi bastante louco para querer conquistar aquela nação: apresentou-se seguido de dez mil elefantes e de um milhão de guerreiros. Os unicórnios atravessaram os elefantes tal como vi, na sua mesa, cotovias enfiadas em espetos de ouro. Os guerreiros tombavam debaixo do sabre dos gangáridas, como as searas de arroz ceifadas pelos orientais. O rei foi feito prisioneiro, com mais de seiscentos mil homens. Banharam-no nas águas salutares do Ganges; submeteram-no ao regime do país, que consiste em comer apenas os vegetais prodigalizados pela natureza para alimentar a tudo o que respira. Os homens que comem carne e tomam beberagens fortes têm todos um sangue azedo e adusto, que os torna loucos de mil maneiras diferentes. Sua principal demência se manifesta na fúria de derramar o sangue de seus irmãos e devastar terras férteis, para reinarem sobre cemitérios. Levaram seis meses inteiros para curar da sua enfermidade ao rei das Índias. Quando julgaram os médicos que ele tinha o pulso mais tranqüilo e o espírito mais assentado, apresentaram o competente certificado ao conselho dos gangáridas. Esse conselho, depois de ouvir a opinião dos unicórnios, mandou humanamente de volta ao seu país o rei das Índias, e mais a sua tola Corte e os seus imbecis guerreiros. Tal lição os tornou sensatos e, desde essa época, os indianos têm respeitado os gangáridas, como os ignorantes que desejam instruir-se respeitam, entre vós, os filósofos caldeus, a que não podem igualar-se.

— A propósito, meu querido pássaro — indagou a princesa —, há uma religião entre os gangáridas?

—Se há uma religião? Todos os dias de lua cheia, nós nos reunimos para dar graças a Deus, os homens num grande templo de cedro, as mulheres em outro, para evitar distrações, bem como todos os pássaros num bosque, e os quadrúpedes num belo prado. Agradecemos a Deus todos os bens que nos proporcionou. Temos principalmente papagaios, que pregam às mil maravilhas.

"Tal é a pátria do meu caro Amazan, é lá que eu resido; tanta amizade dedico a Amazan quanto amor ele inspirou a Vossa Alteza. Por vontade minha, partiríamos juntos agora e a princesa lhe pagaria a visita."

— Bela ocupação a tua, meu querido pássaro — respondeu, sorrindo, a princesa, que ardia de desejos de fazer a viagem, e não ousava confessá-lo.

— Eu sirvo a meu amigo — disse o pássaro — e, depois da felicidade de vos amar, a maior é a de servir a vossos amores.

Formosante não sabia mais onde se achava; julgava-se transportada além da Terra. Tudo o que tinha visto naquele dia, tudo o que via, tudo o que ouvia, e principalmente o que sentia no coração, mergulhava-a numa embriaguez que ultrapassava de muito ao que sentem hoje os felizes muçulmanos quando, desenvencilhados de seus bens terrenos, se vêem no nono céu entre os braços das suas huris, cercados e penetrados da glória e da felicidade celestiais.

IV

Passou a noite inteira a falar de Amazan. Não o chamava senão de seu *pastor;* é desde esse tempo que os nomes de *pastor* e *enamorado* são sempre empregados um pelo outro em algumas nações.

Ora perguntava ao pássaro se Amazan tivera outras amadas. Este respondia que não, e ela sentia-se no auge da alegria. Ora queria saber como passava ele a vida, e ouvia, transportada, que a empregava a fazer o bem, a cultivar as artes, a penetrar os segredos da natureza, e a aperfeiçoar

o espírito. Ora queria saber se a alma de seu pássaro era da mesma natureza que a de seu amado; por que vivera o primeiro cerca de vinte e oito mil anos, ao passo que o último não tinha mais que dezoito ou dezenove. Fazia mil perguntas semelhantes, às quais o pássaro respondia com uma discrição que lhe espicaçava a curiosidade. Afinal o sono lhes fechou os olhos e entregou Formosante à doce ilusão dos sonhos enviados pelos deuses, que ultrapassam às vezes a própria realidade, e que toda a filosofia dos caldeus tem tanto trabalho em interpretar.

Formosante acordou-se muito tarde. Para ela ainda era cedo, quando o pai entrou no seu quarto. O pássaro recebeu Sua Majestade com respeitosa polidez, foi ao seu encontro, rufiou as asas, alongou o pescoço, e voltou para a sua laranjeira. O rei sentou-se no leito da filha, a quem os sonhos haviam tornado ainda mais bela. Sua grande barba branca aproximou-se daquele lindo rosto e, depois de lhe dar dois beijos, ele lhe falou nos seguintes termos:

— Ontem, minha filha, não pudeste achar um marido como eu desejava; no entanto, precisas de um; assim o exige o futuro do Império. Consultei o oráculo, que, como bem sabes, não mente nunca e dirige todos os meus atos. Ele me ordenou que te fizesse correr mundo. É preciso que viajes.

— Ah! Até aos gangáridas, com certeza! — exclamou Formosante, que, enquanto deixava escapar tais palavras, compreendeu a sua tolice. O rei, que nada sabia de geografia, perguntou o que entendia ela por gangáridas. Ela logo achou uma saída. O rei comunicou-lhe que era preciso fazer uma peregrinação; que já nomeara, para a sua comitiva, o decano dos conselheiros de Estado, o esmoler-mor, uma dama de honor, um médico, um boticário, e o seu pássaro, com toda a criadagem necessária.

Formosante, que jamais saíra do palácio do rei seu pai, e que, até a chegada dos três reis e de Amazan, levara uma vida muito insípida na etiqueta do fausto e na aparência dos prazeres, ficou encantada com a peregrinação em vista. “Quem sabe — dizia ela baixinho ao seu coração — se os deuses não inspirarão ao meu querido gangárida o mesmo desejo de ir à mesma capela, e se não terei a felicidade de rever o peregrino?” Agradeceu carinhosamente ao pai, dizendo que sempre tivera secreta devoção pelo santo ao qual a enviavam.

Belus ofereceu um excelente almoço a seus hóspedes; só compareceram homens. Era tudo gente que não combinava: reis, príncipes, ministros, pontífices, todos ciumentos uns dos outros, todos a pesarem suas palavras, todos embaraçados com os vizinhos e consigo mesmos. A refeição foi triste, embora bebessem muito. As princesas ficaram nos seus aposentos, ocupadas com a partida. Comeram a sós. Formosante foi em seguida passear pelos jardins com o seu querido pássaro que, para a distrair, voava de árvore em árvore, ostentando a sua soberba cauda e a sua divina plumagem.

O rei do Egito, que estava bastante animado pelo vinho, para não dizer bêbedo, pediu um arco e flechas a um dos pajens. Esse príncipe era na verdade o mais desajeitado arqueiro do seu reino. Quando atirava ao alvo, o lugar onde se estava mais seguro era o ponto que ele visava. Mas o belo pássaro, voando tão rápido como a flecha, apresentou-se por si mesmo ao tiro, e tombou ensangüentado entre os braços de Formosante. O egípcio retirou-se, a rir tolamente. A princesa feria o céu com os gritos, chorava, lanhava as faces e o peito. O pássaro moribundo disse-lhe baixinho: "Queima-me, e não deixes de levar minhas cinzas para a Arábia Feliz, a leste da antiga cidade de Áden ou Éden, e expô-las ao sol sobre uma pequena fogueira de cravo e canela". Dito isto, expirou. Formosante permaneceu por muito tempo sem sentidos, e só voltou a si para romper em soluços. O pai, partilhando da sua dor, e soltando imprecações contra o rei do Egito, não teve dúvida em que aquele caso anunciava um sinistro futuro. Foi logo consultar o oráculo da sua capela. O oráculo respondeu: *Mistura de tudo; morto vivo, infidelidade* e *constância, perda* e *ganho, calamidade* e *ventura.* Nem o rei nem seu conselho nada puderam entender daquilo; mas ele afinal estava satisfeito de haver cumprido com os seus deveres religiosos.

Enquanto o rei consultava o oráculo, a princesa, desolada, mandou prestar ao pássaro as honras fúnebras que ele ditara, e resolveu levá-lo para a Arábia, com perigo da própria vida. O pássaro foi queimado em linho incombustível, juntamente com a laranjeira em que pousara. Formosante recolheu-lhe as cinzas em um pequeno vaso de ouro todo cravejado de carbúnculos e brilhantes retirados da boca do leão. Pudesse ela, em vez de cumprir esse fúnebre dever, queimar vivo o detestável rei do Egito! esse era todo o seu desejo. No seu despeito, mandou matar os seus dois crocodilos, os seus dois hipopótamos, as suas duas zebras, os

seus dois ratos, e mandou lançar as suas duas múmias no Eufrates; se tivesse à mão o boi Ápis, não o teria poupado.

O rei do Egito, furioso com tal afronta, partiu imediatamente para movimentar seus trezentos mil homens. O rei das Índias, vendo partir o seu aliado, regressou no mesmo dia, no firme propósito de juntar seus trezentos mil indianos ao exército egípcio. O rei da Cítia fugiu de noite com a princesa Aldéia, firmemente resolvido a combater por ela à frente de trezentos mil citas, e restituir-lhe a herança de Babilônia, que lhe era devida, por descender do ramo mais antigo.

Por seu lado, a bela Formosante pôs-se a caminho às três horas da madrugada, com a sua caravana de peregrinos, esperando poder ir à Arábia executar os últimos desejos de seu pássaro, e que a justiça dos deuses imortais lhe devolvesse o seu querido Amazan, sem o qual ela já não podia viver.

Assim, ao despertar, o rei da Babilônia não encontrou mais ninguém. "Como terminam as grandes festas! — dizia ele consigo. — E que espantoso vácuo nos deixam na alma, depois de passada a sua animação!" Mas foi acometido de uma cólera verdadeiramente real quando soube que haviam raptado a princesa Aldéia. Deu ordem para que despertassem a todos os seus ministros e se reunisse o conselho. Enquanto os esperava, não deixou de ir consultar o seu oráculo, mas só lhe pôde arrancar estas palavras, tão famosas depois, no universo inteiro: *Quando não casam as moças, elas mesmas se casam.*

Logo foi expedida ordem de marcharem trezentos mil homens contra o rei dos citas. Eis, pois, deflagrada de todos os lados a mais terrível das guerras e que foi ocasionada pela mais bela festa que já se deu no mundo. A Ásia ia ser assolada por quatro exércitos de trezentos mil combatentes cada um. Bem se vê que a guerra de Tróia, que estarreceu o mundo alguns séculos depois, não passava, em comparação, de um brinquedo de criança; mas deve-se considerar que, na disputa dos troianos, apenas se tratava de uma mulher já velha e muito libertina que se fizera raptar duas vezes, ao passo que ora se tratava de duas moças e um pássaro.

O rei das Índias ia esperar seu exército na grande e magnífica estrada que se dirigia, numa reta, de Babilônia a Caxemira. O rei dos citas corria com Aldéia pela bela estrada que levava ao monte Emaús. Todos esses caminhos desapareceram depois, devido à má administração. O rei do

Egito marchara para o ocidente, e costeava o pequeno mar Mediterrâneo, que os ignorantes hebreus chamaram depois o *grande mar*.

Quanto à bela Formosante, seguia a estrada de Basra, bordada de altas palmeiras que forneciam uma sombra eterna e finitas em todas as estações. O templo aonde ia em peregrinação situava-se na própria Basra. O santo a quem fora dedicado o templo era mais ou menos à moda daquele que adoraram depois em Lâmpsaco. Não só conseguia marido para as moças, mas muitas vezes fazia papel de marido. Era o santo mais festejado de toda a Ásia.

Formosante não se preocupava absolutamente com o santo de Basra; só invocava o seu caro pastor gangárida, o seu belo Amazan. Contava embarcar em Basra para a Arábia, a fim de fazer o que o pássaro lhe ordenara.

Na terceira pousada, mal entrara numa hospedaria onde os seus furriéis lhe haviam preparado tudo, soube que o rei do Egito ali também chegava. Informado, por seus espiões, da marcha da princesa, mudara imediatamente de caminho, seguido de numerosa escolta. Chega; manda colocar sentinelas em todas as portas; entra no quarto da bela Formosante e diz-lhe:

— Jovem, era a ti mesma que eu buscava; fizeste pouco de mim quando eu estava em Babilônia; é justo punir as desdenhosas e as caprichosas: vais ter a amabilidade de cear comigo esta noite; não terás outro leito senão o meu, e eu me conduzirei contigo como bem me aprouver.

Formosante compreendeu que não era a mais forte; sabia que o bom senso consiste em conformar-se com a situação; tomou o partido de livrar-se do rei do Egito por meio de uma inocente esperteza; olhou-o com o rabo do olho, o que vários séculos depois se chamou *namorar;* e eis como lhe falou, com uma modéstia, uma graça, uma doçura, um embaraço e uma multidão de encantos que teriam enlouquecido o mais sábio dos homens e cegado o mais clarividente:

— Confesso, senhor, que sempre baixei os olhos perante vós quando destes ao rei meu pai a honra de ir a seu palácio. Temia o meu coração, temia a minha ingênua simplicidade: temia que meu pai e vossos rivais se apercebessem da preferência que eu vos concedia e tanto merecíeis. Posso agora entregar-me a meus sentimentos. Juro pelo boi Ápis, que é, depois de vós, o que mais respeito no mundo, que as vossas propostas me

encantaram. Já ceei convosco no palácio de meu pai; e de novo o farei, sem a sua presença; só o que peço é que o vosso esmoler-mor beba conosco; pareceu-me em Babilônia um esplêndido conviva; tenho excelente vinho de Xiraz, quero que ambos o experimentem. Quanto à vossa segunda proposta, é muito tentadora, mas não convém, a uma moça bem-nascida, falar em tais coisas; baste-vos saber que eu vos considero como o maior dos reis e o mais amável dos homens.

Essa fala virou a cabeça do rei do Egito; concordou em que o esmoler-mor fosse o terceiro à mesa.

— Desejo ainda outro favor — disse-lhe a princesa. — É uma permissão vossa para que o meu boticário venha falar-me; as moças sempre têm certos pequenos incômodos, que demandam certos cuidados, como tonturas, palpitações, cólicas, faltas de ar, em que é preciso pôr certa ordem em certas circunstâncias; numa palavra, tenho urgente necessidade de meu boticário, e espero que não me recusareis essa pequena demonstração de amor.

— Senhorita — respondeu-lhe o rei do Egito —, embora um boticário tenha idéias exatamente opostas às minhas, e o objeto de sua arte seja o contrário do de minha arte, sou bastante complacente para não recusar tão justo pedido. Vou ordenar que ele venha falar-te enquanto se prepara a ceia. Compreendo que devas estar um pouco fatigada da viagem; deves também ter necessidade de uma criada de quarto; podes mandar chamar a que melhor te agrade; aguardarei em seguida as tuas ordens.

Ele retirou-se; chegaram o boticário e a criada de quarto, chamada Irla, na qual a princesa depositava inteira confiança. Ordenou-lhe que mandasse trazer seis garrafas de vinho de Xiraz para a ceia e servisse outras tantas às sentinelas que vigiavam a seus oficiais. Recomendou ao boticário que metesse em todas as garrafas certas drogas da sua farmácia, que faziam dormir vinte e quatro horas, e de que ele estava sempre munido. Foi estritamente obedecida. Ao cabo de meia hora, voltou o rei com o esmoler-mor: a ceia foi muito alegre; o rei e o sacerdote esvaziaram as seis garrafas e confessaram que não havia um vinho igual no Egito; a camareira teve o cuidado de dar de beber aos criados que haviam servido. Quanto à princesa, absteve-se de beber, dizendo que o seu médico a pusera em regime. Em breve estavam todos adormecidos.

O esmoler do rei do Egito tinha a mais bela barba que pudesse carregar um homem da sua condição. Formosante cortou-a habilmente;

depois, mandando-a coser a uma fita, amarrou-a ao próprio queixo, envergou a túnica do sacerdote, sem esquecer as insígnias da sua dignidade, e vestiu a camareira de sacristã da deusa Ísis. Tomando, enfim, a urna e as pedras preciosas, saiu da hospedaria por entre os guardas, que dormiam, como o seu senhor. A camareira tivera o cuidado de deixar dois cavalos selados à porta. Não podia a princesa levar consigo nenhum dos oficiais da sua comitiva: pois teriam sido presos pela guarda.

Formosante e Irla passaram por entre as fileiras dos soldados que, tomando a princesa pelo grão-sacerdote, a chamavam de *Meu Reverendíssimo Pai em Deus* e lhe pediam a bênção. As duas fugitivas chegam em vinte e quatro horas a Basra, antes que o rei houvesse despertado. Deixaram então os disfarces, que poderiam despertar suspeitas. Fretaram imediatamente um navio que as levou, pelo estreito de Ormuz, às belas ribas do Éden, na Arábia Feliz. Desse Éden, cujos jardins eram tão famosos, foi que se fez depois a morada dos justos: foram o modelo dos Campos Elísios, dos jardins das Hespérides e dos das Ilhas Afortunadas; pois, naqueles climas quentes, não imaginam os homens maior beatitude que as sombras e o murmúrio das águas. Viver eternamente com o Ser Supremo, ou ir passear pelo jardim no paraíso, dava no mesmo para os homens, que falam sempre sem se entender e ainda não puderam ter idéias nítidas nem expressões justas.

Logo que ali se encontrou, o primeiro cuidado da princesa foi prestar ao seu querido pássaro as honras fúnebres que este lhe exigira. Suas belas mãos ergueram uma pira de cravo e canela. Qual não foi a sua surpresa quando, depois de espalhar sobre essa lenha as cinzas do pássaro, a viu acender-se por si mesma! Tudo se consumiu num instante. Só ficou, no lugar das cinzas, um grande ovo, de que viu sair o seu belo pássaro, mais esplêndido do que nunca. Foi o mais belo instante que a princesa experimentou em toda a vida; não havia senão outro que lhe pudesse ser mais caro: ela o desejava, mas não o esperava.

— Bem vejo — disse ela ao pássaro — que és a fênix de que tanto me haviam falado. Estou prestes a morrer de espanto e de alegria. Não acreditava na ressurreição; mas a minha ventura convenceu-me.

— A ressurreição, Alteza — disse-lhe a fênix —, é a coisa mais simples deste mundo. Não é mais surpreendente nascer duas vezes do que uma. Tudo é ressurreição no mundo; as lagartas ressuscitam em borboletas, uma semente ressuscita em árvore; todos os animais,

sepultados na terra, ressuscitam em ervas, em plantas, e alimentam outros animais, de que vão constituir em breve uma parte da substância: todas as partículas que compunham os corpos são transformadas em diferentes seres. É verdade que sou o único a quem o poderoso Orosmade concedeu a graça de ressuscitar na sua própria natureza.

Formosante, que, desde o dia em que vira Amazan e a fênix pela primeira vez, passara as horas a espantar-se, disse-lhe:

— Compreendo muito bem que o Ser Supremo tenha podido formar das tuas cinzas uma fênix mais ou menos semelhante a ti; mas, que sejas precisamente o mesmo ser, que tenhas a mesma alma, é coisa que eu não compreendo claramente. Que era feito de tua alma, enquanto eu te carregava no bolso, após a tua morte?

— Ó meu Deus, Alteza! Pois não é tão fácil, para o grande Orosmade, continuar a sua ação sobre uma pequena fagulha de mim mesma, como principiar essa ação? Ele me concedera, antes, o sentimento, a memória e o pensamento: ainda mos concede agora; que haja arrancado esse favor a um átomo de fogo elementar oculto em mim, ou ao conjunto de meus órgãos, isso no fundo nada quer dizer: as fênix e os homens sempre ignorarão como se passa a coisa; mas a maior graça que me concedeu o Ser Supremo foi a de fazer-me renascer para a Princesa. Que eu possa passar os vinte e oito mil anos que ainda tenho por viver até minha próxima ressureição na vossa companhia e do meu querido Amazan!

— Minha fênix — tornou a princesa —, considera que as primeiras palavras que me disseste em Babilônia e que eu jamais esquecerei me encheram da esperança de tornar a ver aquele pastor a quem idolatro; é preciso absolutamente partirmos para a terra dos gangáridas, para que eu o traga de volta a Babilônia.

— É também o meu desejo — disse a fênix. — Não há um momento a perder. É preciso ir buscar Amazan pelo caminho mais curto, isto é, pelos ares. Há na Arábia Feliz dois grifos, meus amigos íntimos, que apenas moram a cinqüenta léguas daqui: vou escrever-lhes pelos pombos-correios; eles chegarão antes do anoitecer. Teremos tempo suficiente para mandar fazer um pequeno canapé cômodo, com gavetas, onde colocar as provisões de boca. A princesa estará perfeitamente à vontade nessa viatura, com a sua camareira. Os dois grifos são os mais vigorosos da sua espécie; cada um segurará um dos braços do canapé entre as garras. Mas ainda uma vez: o tempo urge.

Foi imediatamente, com Formosante, encomendar o canapé a um marceneiro seu conhecido. Ficou pronto em quatro horas. Puseram nas gavetas pãezinhos da rainha, biscoitos melhores que os de Babilônia, cidras, ananases, cocos, pistaches e vinho do Éden, que está para o de Xiraz como o de Xiraz está acima do de Suresnes.

O canapé era tão leve quanto cômodo e sólido. Os dois grifos chegaram ao Éden na hora justa. Formosante e Irla acomodaram-se na viatura. Os dois grifos ergueram-na como a uma pluma. A fênix ora voava à frente, ora se empoleirava no espaldar. Os dois grifos rumaram para o Ganges com a rapidez de uma flecha que fende os ares. Os viajantes só repousavam alguns momentos à noite, para comer, e para dar um trago aos dois carregadores.

Chegaram enfim à terra dos gangáridas. O coração da princesa palpitava de esperança, de amor e de alegria. A fênix faz parar a viatura defronte à casa de Amazan; pede para lhe falar; mas fazia três horas que ele partira, sem que ninguém soubesse aonde teria ido.

Não há, nem na própria língua dos gangáridas, uma palavra que possa exprimir o desespero de Formosante.

—Ai! Eis o que eu temia — disse a fênix. — As três horas que a princesa passou na hospedaria a caminho de Basra, com esse desgraçado rei do Egito, arrebataram talvez para sempre a felicidade de sua vida: tenho muito medo de havermos perdido Amazan irremediavelmente.

Perguntou então aos criados se se podia cumprimentar a senhora mãe de Amazan. Responderam que, havendo morrido o seu esposo na antevéspera, não recebia ela ninguém. A fênix, que era muito considerada na casa, não deixou de fazer entrar a princesa de Babilônia em um salão cujas paredes eram revestidas de pau de laranjeira com filetes de marfim; os subpastores e subpastoras, em longas túnicas brancas com cintos cor de aurora, serviram-lhe, em cem travessas de simples porcelana, cem iguarias deliciosas, entre as quais não se via nenhum cadáver disfarçado: era arroz, sagu, sêmola, aletria, macarrão, omeletes, ovos com molho branco, queijos, massas de toda espécie, legumes, frutas de um perfume e de um sabor de que não se tem idéia em outros climas; e havia uma profusão de licores refrigerantes, superiores aos melhores vinhos.

Enquanto a princesa comia, estendida num leito de rosas, quatro pavões, felizmente mudos, a abanavam com suas brilhantes asas; duzentos pássaros, cem pastores e cem pastoras lhe deram um concerto de dois

coros; os rouxinóis, os canários, as toutinegras, os tentilhões faziam soprano com as pastoras; os pastores faziam o contralto e o baixo: era em tudo a bela e simples natureza. A princesa confessou que, se havia mais magnificência em Babilônia, a natureza era mil vezes mais agradável entre os gangáridas; mas, enquanto lhe ofereciam aquela música tão consoladora e voluptuosa, derramava lágrimas e dizia à sua jovem companheira Irla:

— Esses pastores e pastoras, esses rouxinóis e canários, estão todos amando, enquanto me sinto privada do herói gangárida, digno objeto dos meus mais ternos e impacientes desejos.

Enquanto assim fazia a sua refeição, e admirava, e chorava, dizia a fênix à mãe de Amazan:

— Senhora, não podeis deixar de ver a princesa de Babilônia; bem sabeis que...

— Sei tudo — disse ela —, até a sua aventura na hospedaria da estrada de Basra; um melro me contou tudo esta manhã; e esse melro cruel foi o causante de que meu filho, desesperado, ficasse como louco e abandonasse a casa paterna.

— Não sabeis então — tornou a fênix — que a princesa me ressuscitou?

— Não, meu filho; pelo melro, sabia eu que estavas morto, O que me deixava inconsolável. Estava tão aflita com essa perda, com a morte de meu marido e a súbita partida de meu filho, que proibira toda e qualquer visita. Mas, já que a princesa de Babilônia me dá a honra de vir visitar-me, faze-a logo entrar; tenho coisas da máxima importância para lhe dizer; e quero que estejas presente.

Dirigiu-se em seguida a um outro salão, onde deveria encontrar-se com a princesa. Não andava com facilidade: era uma dama de cerca de trezentos anos; mas tinha ainda vestígios de beleza e bem se via que, entre os duzentos e trinta e os duzentos e quarenta anos, fora mesmo encantadora. Recebeu Formosante com uma nobreza respeitosa, a que se mesclava um ar de interesse e de dor, e que causou à princesa uma viva impressão.

Formosante lhe apresentou primeiro as condolências pela morte do marido.

— Ah! — exclamou a viúva. — Deveis interessar-vos pela sua perda mais do que pensais.

— Sem dúvida que me sinto abalada — disse Formosante. —Ele era pai de...

A estas palavras, ela pôs-se a chorar:

— Eu não tinha vindo senão por causa dele, e através de muitos perigos. Deixei, por ele, a meu pai e à mais brilhante Corte do universo; fui raptada por um rei do Egito a quem detesto. Escapando a este, atravessei os ares para ver aquele a quem amo; chego, e ele me foge!

As lágrimas e os soluços impediram-na de continuar.

— Alteza — disse-lhe então a mãe —, enquanto o rei do Egito vos seqüestrava, enquanto ceavam ambos numa hospedaria da estrada de Basra, quando as vossas belas mãos lhe serviam vinho de Xiraz, não vos lembrais de ter visto um melro que revoava pela sala?

— É verdade, vós me reavivais a memória; eu não tinha prestado atenção; mas, concentrando-me, bem me lembro que, no momento em que o rei do Egito se erguia da mesa para me dar um beijo, o melro voou pela janela, lançando um grito, e não mais reapareceu.

— Ai, Alteza! — suspirou a mãe de Amazan. — Eis exatamente a causa das nossas desgraças. O meu filho mandara esse melro informar-se do vosso estado de saúde e de tudo o que se passava em Babilônia; esperava regressar em breve para lançar-se a vossos pés e consagrar-vos a vida. Nem sabeis a que ponto ele vos adora. Todos os gangáridas são amorosos e fiéis; mas o meu filho é o mais apaixonado e o mais constante de todos. O melro vos encontrou numa estalagem, a beber alegremente com o rei do Egito e um maldito sacerdote; ele vos viu enfim dar um terno beijo àquele monarca que matara a fênix e ao qual meu filho tem invencível horror. À vista disso, o melro foi tomado de justa indignação; voou amaldiçoando os vossos funestos amores. Regressou hoje e contou tudo. Mas em que momento, meu Deus! No momento em que meu filho chorava comigo a morte de seu pai e a da fênix, no momento em que ele sabia, por mim, que é vosso primo!

— Ó céus! Meu primo! Será possível, senhora? E por que aventura? Como? Então sou eu feliz a tal ponto?! E seria tão desgraçada ao mesmo tempo, por havê-lo ofendido?!

— Meu filho é vosso primo — tornou a mãe —, e já vos dou a prova; mas, tornando-vos parenta minha, vós me arrancais o filho; ele não poderá sobreviver à dor que lhe causou vosso beijo ao rei do Egito.

— Ah! minha tia — exclamou a bela Formosante —, juro por ele e pelo poderoso Orosmade que aquele beijo funesto, longe de ser criminoso, era a mais forte prova de amor que eu poderia dar a vosso filho. Por causa de Amazan, eu desobedecia a meu pai. Ia, por causa dele, do Eufrates ao Ganges. Caída nas mãos do indigno faraó do Egito, não podia escapar-lhe senão enganando-o. Atestam-no as cinzas e a alma da fênix, que estavam então comigo; ela pode fazer-me justiça. Mas como é que vosso filho, nascido às margens do Ganges, pode ser meu primo, quando minha família reina há tantos séculos nas margens do Eufrates?

— Não sabeis — tornou a venerável gangárida — que o vosso tio-avô Aldéia era rei de Babilônia e que foi destronado pelo pai de Belus?

— Sim, senhora.

— Sabeis que seu filho Aldéia tivera de seu casamento a princesa Aldéia, criada e educada na vossa Corte. Pois foi esse príncipe que, perseguido por vosso pai, veio refugiar-se em nossa terra, sob um nome suposto; foi ele quem me desposou; e dele tive o príncipe Aldéia-Amazan, o mais belo, o mais forte, o mais corajoso, o mais virtuoso dos mortais, e hoje o mais louco. Foi às festas de Babilônia levado por vossa reputação de beleza: desde esse tempo ele vos idolatra, e eu talvez nunca mais torne a ver o meu querido filho.

Fez então mostrar à princesa todos os títulos da casa dos Aldéias; Formosante mal se dignou olhá-los.

— Ah! senhora! — exclamou. — Acaso a gente examina o que deseja? Meu coração o crê de sobra. Mas onde está Aldéia-Amazan? Onde está o meu parente, o meu amado, o meu rei? Onde está a minha vida? Que caminho tomou? Iria procurá-lo em todos os globos que o Eterno formou e de que ele é o mais belo ornamento. Iria à estrela Canope, a Sheat, a Aldebarã; iria convencê-lo do meu amor e da minha inocência.

A fênix absolveu a princesa do crime que lhe imputara o melro, de haver dado um beijo de amor ao rei do Egito; mas era preciso desenganar Amazan e trazê-lo de volta. Envia pássaros a todas as estradas, põe em campo os unicórnios: vem dizer-lhe afinal que Amazan tomara o caminho da China.

— Pois bem, vamos à China! — exclamou a princesa. — A viagem não é longa; espero trazer vosso filho de volta, dentro em quinze dias, o mais tardar.

A estas palavras, quantas lágrimas de ternura não lançaram a mãe gangárida e a princesa de Babilônia! Quantos abraços! Quantas efusões!

A fênix encomendou imediatamente uma carruagem de cem unicórnios. A mãe forneceu duzentos cavalheiros e deu de presente à princesa, sua sobrinha, alguns milhares dos mais belos diamantes do país. A fênix, aflita com o mal que havia causado a indiscrição do melro, ordenou a expulsão de todos os melros. É desde essa época que não mais se encontram melros à margem do Ganges.

V

Em menos de oito dias, os unicórnios conduziram Formosante, Irla e a fênix a Cambalu, capital da China. Era uma cidade maior que Babilônia, e de uma espécie de magnificência completamente diversa. Aqueles novos objetos, aqueles costumes novos, teriam distraído Formosante, se ela se pudesse ocupar de outra coisa que não fosse Amazan.

Logo que o imperador da China soube que a princesa da Babilônia se achava numa das portas da cidade, enviou a seu encontro quatro mil mandarins em trajes de cerimônia; todos se prosternaram diante dela e cada um lhe apresentou uma saudação escrita em caracteres de ouro sobre seda purpúrea. Formosante lhes disse que, se tivesse quatro mil línguas, não deixaria de responder imediatamente a cada um deles; mas, não possuindo mais que uma, pedia-lhes para servir-se da mesma a fim de fazer um agradecimento geral. Os mandarins conduziram-na respeitosamente à presença do imperador.

Era este o mais justo, mais polido e mais sábio monarca do mundo. Foi ele quem, em primeiro lugar, lavrou um pequeno campo com as suas mãos imperiais, para tornar a agricultura respeitável ao povo. Foi quem primeiro instituiu prêmios para a virtude. As leis, por toda parte aliás, se restringiam vergonhosamente a punir os crimes. Esse imperador acabava de expulsar de seus Estados um bando de bonzos estrangeiros que tinham vindo dos confins do Ocidente, na insana esperança de forçar toda a China a pensar como eles, e que, sob o pretexto de anunciar verdades, já tinham

adquirido riquezas e honrarias. Dissera-lhes, ao expulsá-los, estas palavras textuais, registradas nos anais do Império:

Poderíeis fazer aqui tanto mal quanto fizestes alhures: viestes pregar dogmas de intolerância na nação mais tolerante da terra. Mando-vos de volta para nunca me ver forçado a punir-vos. Sereis honrosamente reconduzidos até as minhas fronteiras; ser-vos-á fornecido o necessário para voltardes aos limites do hemisfério de onde partistes. Ide em paz, se puderdes ir em paz, e nunca mais volteis.

Foi com alegria que a princesa de Babilônia soube desse julgamento e dessas palavras; tanto mais certeza tinha de ser recebida na Corte, pois estava muito longe de professar dogmas intolerantes. O imperador da China, jantando a sós com ela, teve a gentileza de banir o embaraço de qualquer etiqueta constrangedora. Ela apresentou-lhe a fênix, que foi muito acariciada pelo imperador e se empoleirou na sua cadeira. Formosante, no fim da refeição, confiou-lhe ingenuamente o motivo de sua viagem, e pediu-lhe que mandasse procurar em Cambalu o belo Amazan, cuja aventura lhe contou, sem nada lhe ocultar da fatal paixão de que se inflamara por aquele jovem herói.

— A quem vindes falar! — exclamou o imperador da China. — Ele deu-me o prazer de vir à Corte. Encantou-me, esse amável Amazan; é verdade que está profundamente aflito; mas isso torna as suas graças ainda mais tocantes. Nenhum de meus favoritos tem mais espírito do que ele; nenhum mandarim togado tem mais vastos conhecimentos; nenhum mandarim de espada tem o ar mais heróico e marcial; a sua extrema juventude dá novo preço a todos os seus talentos: se eu fosse tão desgraçado, tão desamparado do Tien e do Changti para abalançar-me a fazer conquistas, pediria a Amazan que se pusesse à frente de meus exércitos, e estaria certo de triunfar do universo inteiro. É pena que o seu pesar às vezes lhe perturbe o espírito.

— Ah! Senhor — disse-lhe Formosante com ar arrebatado e um tom de dor, de abalo e de censura —, por que não me fizestes cear com ele? Vós me matais; mandai-o convidar agora mesmo.

— Ele partiu esta manhã, senhora, e não disse para que região se dirigiam seus passos.

Formosante voltou-se para a fênix:

— Já viste, minha fênix — disse ela —, uma moça mais desgraçada do que eu? Mas, Senhor — continuou ela —, como e por que pôde ele deixar tão repentinamente uma Corte assim refinada como a vossa e na qual me parece que se desejaria passar a vida?

— Eis, Senhora, o que aconteceu. Uma princesa de sangue real, das mais amáveis, apaixonou-se por ele, e marcou-lhe um encontro ao meio-dia; ele partiu ao amanhecer, deixando este bilhete, que muitas lágrimas custou à minha parenta:

Bela princesa do sangue da China, mereceis um coração que nunca tenha sido senão vosso; jurei aos deuses imortais só amar a Formosante, princesa de Babilônia, e ensinar-lhe como podemos dominar os desejos, em viagem; teve ela a desgraça de sucumbir com um indigno rei do Egito: sou o mais infeliz dos homens; perdi meu pai e a fênix, e a esperança de ser amado por Formosante; deixei minha mãe aflita e minha pátria, sem poder mais viver um só momento no lugar onde soube que Formosante amava a outro que não eu; jurei percorrer o mundo e ser fiel. Vós me desprezaríeis, e os deuses me puniriam, se eu violasse meu juramento; tomai um noivo, Senhora, e que possais ter uma fidelidade igual à minha.

— Ah! deixai comigo essa admirável carta — disse a bela Formosante —, ela será o meu consolo; sinto-me feliz no meu infortúnio. Amazan me ama; Amazan renuncia, por mim, à posse das princesas da China; só ele, no mundo, é capaz de tal vitória; dá-me um grande exemplo; mas bem sabe a fênix que eu não precisava disso; é muito cruel ver-se a gente privada de quem ama só por causa do mais inocente dos beijos dado por pura fidelidade. Mas, afinal, aonde foi ele? Que caminho tomou? Dignai-vos dizer-me, e eu parto.

O imperador da China respondeu que, pelos relatos que lhe haviam trazido, seguira Amazan uma estrada que levava para a Cítia. Em seguida foram atrelados os unicórnios, e a princesa, depois dos mais amáveis cumprimentos, despediu-se do imperador, com a fênix, a camareira Irla e toda a comitiva.

Logo ao chegar à Cítia, viu, mais do que nunca, como os homens e os governos diferem, e diferirão sempre, até que um dia um povo mais esclarecido que os outros comunique a luz, de vizinho para vizinho, após mil séculos de trevas, e quando se encontrem, em climas bárbaros, almas heróicas que tenham a força e perseverança de transformar os brutos em

homens. Nenhuma cidade havia na Cítia e, por conseguinte, nada de artes agradáveis. Não se viam senão vastas planícies, e povos inteiros debaixo de tendas ou em cima de carros. Tal aspecto causava terror. Formosante indagou em que tenda ou em que carreta se alojava o rei. Disseram-lhe que, oito dias antes, se pusera em marcha à frente de trezentos mil cavaleiros, para ir ao encontro do rei de Babilônia, a quem havia raptado a sobrinha, a bela princesa Aldéia.

— Raptou minha prima?! — exclamou Formosante. — Por essa nova aventura eu não esperava. Como! A minha prima, que se dava por muito feliz em me fazer a corte, se tornou rainha, e eu ainda não me casei!

Fez-se conduzir imediatamente às tendas da rainha.

Seu inesperado encontro naqueles remotos climas, as coisas singulares que tinham mutuamente a contar-se, deram a sua entrevista um encanto que as fez esquecer que jamais se haviam estimado; reviram-se com transporte; uma suave ilusão tomou o lugar da verdadeira ternura; beijaram-se chorando; e até cordialidade e franqueza houve entre ambas, uma vez que a entrevista não se realizava num palácio.

Aldéia reconheceu a fênix e a confidente Irla; presenteou peles de zibelina à prima, que, por sua vez, a presenteou com diamantes. Falaram da guerra que os dois reis empreendiam; deploraram a condição dos homens, que os monarcas, por fantasia, mandam entredegolar-se, devido a diferenças que dois homens sensatos poderiam solucionar numa hora; mas falaram principalmente do belo estrangeiro vencedor dos leões, doador dos maiores diamantes do universo, autor dos madrigais, possuidor da fênix, e tornado, por causa de um melro, o mais infeliz dos homens.

— É o meu querido irmão — dizia Aldéia.

— É o meu amado! — exclamava Formosante. — Sem dúvida o viste, talvez ainda esteja aqui, pois sabe que é teu irmão e não haveria de deixar-te bruscamente, como deixou ao rei da China.

— Se eu o vi, meu Deus! — tornou Aldéia. — Passou quatro dias inteiros comigo. Ah! minha prima, como o meu irmão é digno de lástima! Uma falsa história o tornou inteiramente louco; corre o mundo sem saber aonde vai. Imagina tu que levou a loucura a ponto de recusar os favores da mais bela cita de toda a Cítia! Partiu ontem, depois de lhe haver escrito uma carta que a deixou desesperada. Ele foi à terra dos cimérios.

— Louvado seja Deus! — exclamou Formosante. — Mais outra recusa em meu favor! Minha felicidade ultrapassou minha esperança,

como minha desgraça ultrapassou a todos os meus temores. Manda-me entregar essa encantadora carta. Que eu parta, e o siga, com as mãos cheias de seus sacrifícios. Adeus, minha prima: Amazan está entre os cimérios, vou voando para lá.

Aldéia achou que a princesa sua prima estava ainda mais louca que o seu irmão Amazan. Mas como já conhecia por experiência própria os ataques dessa epidemia, como deixara as delícias e magnificências de Babilônia pelo rei dos citas, como as mulheres sempre se interessam pelas loucuras de que o amor é causa, enterneceu-se verdadeiramente com o caso de Formosante, desejou-lhe feliz viagem, e prometeu servir a sua paixão, se ela tivesse a felicidade de tornar a ver Amazan.

VI

Em breve a princesa de Babilônia e a fênix chegaram ao império dos cimérios, na verdade muito menos povoado que a China, mas duas vezes mais extenso, outrora semelhante à Cítia e agora, desde alguns tempos, tão florescente como os reinos que se vangloriavam de instruir os outros Estados.

Após alguns dias de marcha, entraram numa grande cidade que a imperatriz reinante mandava embelezar. Mas esta ali não se achava; viajava então, das fronteiras da Europa às da Ásia, para conhecer seus Estados pelos seus próprios olhos, para julgar dos males e lhes aplicar os remédios, para aumentar as vantagens já conseguidas, para semear a instrução.

Um dos primeiros oficiais dessa antiga capital, informado da chegada da babilônia e da fênix, apressou-se em ir apresentar suas homenagens à princesa e fazer-lhe as honras do país, certo de que a sua soberana, que era a mais polida e magnífica das rainhas, lhe ficaria grata por haver recebido tão alta dama com as mesmas atenções que ela própria lhe prodigalizaria.

Alojaram Formosante no palácio, de que afastaram uma importuna multidão; ofereceram-lhe festas engenhosas. O senhor cimério, que era um grande naturalista, conversou muito com o pássaro enquanto a princesa se

achava retirada a seus aposentos. A fênix confessou-lhe que outrora viajara muito entre os cimérios, mas que hoje não mais conhecia o país.

— Como é que tão prodigiosas mudanças — dizia — puderam operar-se em tão curto prazo? Não faz trezentos anos que vi aqui a natureza selvagem em todo o seu horror; e hoje encontro aqui as artes, o esplendor, a glória e a polidez.

— Um único homem começou essa grande obra — respondeu o cimério —, uma mulher a aperfeiçoou; uma mulher foi melhor legisladora que a Ísis dos egípcios e a Geres dos gregos. A maioria dos legisladores teve um gênio estreito e despótico, que confinou sua visão aos países que governaram; cada qual considerou seu povo como o único sobre a face da Terra, ou como destinado a ser inimigo do resto da Terra. Formaram instituições para esse único povo, introduziram usos para ele só, estabeleceram uma religião só para ele. É assim que os egípcios, tão famosos por montões de pedras, se embruteceram e desonraram com as suas superstições bárbaras. Julgam profanas as outras nações, não se comunicam com elas, e, com exceção da Corte, que às vezes se eleva acima dos preconceitos vulgares, não há um egípcio que queira comer num prato de que já se haja servido um estrangeiro. Seus sacerdotes são cruéis e absurdos. Melhor seria não ter leis e só escutar a natureza, que gravou nos nossos corações os caracteres do justo e do injusto, do que submeter a sociedade a leis tão insociáveis.

"A nossa imperatriz alimenta projetos inteiramente opostos; considera o seu vasto Estado, sobre o qual todos os meridianos vêm juntar-se, como correspondente a todos os povos que habitam sob esses diversos meridianos. A primeira de suas leis foi a tolerância de todas as religiões e a compaixão por todos os erros. Seu poderoso gênio reconheceu que, se os cultos são diferentes, a moral é por toda parte a mesma; por esse princípio, ligou sua nação a todas as nações do mundo, e os cimérios olham o escandinavo e o chinês como seus irmãos. Fez mais: quis que essa preciosa tolerância, o primeiro elo dos homens, se estabelecesse entre os Estados vizinhos; assim mereceu o título de mãe da pátria, e terá o de benfeitora do gênero humano, se perseverar.

"Antes dela, homens infelizmente poderosos mandavam tropas de assassinos devastarem populações desconhecidas, que assim regavam com o seu próprio sangue a herança que haviam recebido dos pais; chamavam a esses bandidos de heróis; a sua atrocidade chamava-se glória. Outra glória

tem a nossa soberana: fez marchar exércitos para disseminar a paz, para impedir que os homens se prejudicassem, para os forçar a suportarem-se uns aos outros; e seus estandartes foram os da concórdia pública."

A fênix, encantada do que ouvia, disse ao seu interlocutor:

— Senhor, faz vinte e sete mil, novecentos anos e sete meses que estou neste mundo; e ainda nada vi que se compare ao que acaba de dizer-me.

Pediu-lhe novas de seu amigo Amazan; o cimério contou-lhe as mesmas coisas que haviam dito à princesa entre os chineses e os citas. Amazan fugia de todas as Cortes que visitava logo que alguma dama lhe marcava um encontro a que temia sucumbir. A fênix logo informou a princesa dessa nova prova de fidelidade que lhe dava Amazan, fidelidade tanto mais espantosa quanto não podia ele suspeitar que a princesa viesse um dia a sabê-lo.

Partira para a Escandinávia. Foi nesses climas que novos espetáculos o impressionaram. Aqui a realeza e a liberdade subsistiam juntas, por um acordo que pareceria impossível em outros Estados: os agricultores tinham parte na legislação, bem como os grandes do reino; e um jovem príncipe dava as maiores esperanças de ser digno de governar uma nação livre. E nisso havia algo de mais estranho: o único rei que tinha direito despótico sobre a sua terra, por um contrato formal com o seu povo, era ao mesmo tempo o mais jovem e o mais justo dos reis.

Entre os sármatas, Amazan viu um filósofo no trono; podia ser chamado *o rei da anarquia,* pois era chefe de cem mil pequenos reis, um só dos quais podia, com uma palavra, anular as resoluções de todos os outros. Éolo não tinha mais dificuldade em conter todos os ventos que se combatem incessantemente do que aquele monarca em conciliar os espíritos; era um piloto cercado de eterna tempestade, e no entanto o barco não se quebrava: pois o príncipe era um excelente piloto.

Percorrendo todos esses países tão diferentes da sua pátria, Amazan evitava constantemente todas as aventuras galantes que se lhe apresentavam, sempre desesperado com o beijo de Formosante ao rei do Egito, sempre firme na sua inconcebível resolução de dar a Formosante o exemplo de uma fidelidade única e inabalável.

A princesa de Babilônia, com a sua fênix, sempre lhe seguia o rastro, nunca desencontrando-se de Amazan, a não ser por um dia ou dois, sem que este jamais se cansasse de correr, nem ela de o seguir.

Atravessaram assim toda a Germânia; admiraram os progressos que faziam no Norte a razão e a filosofia; todos os príncipes eram ali instruídos, todos autorizavam a liberdade de pensamento; sua educação não fora confiada a homens que tivessem interesse em enganá-los ou que estivessem eles próprios enganados; tinham-nos educado no conhecimento da moral universal e no desprezo das superstições; haviam banido de todos aqueles Estados um insensato costume que enervava e despovoava diversos países meridionais: o de enterrar vivos, em vastos calabouços, um número infinito de pessoas dos dois sexos, eternamente separados um dos outros, e de os fazer jurar que nunca teriam relações. Esse cúmulo da demência respeitado durante tantos séculos tinha devastado o mundo da mesma forma que as guerras mais cruéis.

Os príncipes do Norte haviam compreendido que, para ter haras, não se deviam separar das éguas os mais fortes cavalos. Tinham também destruído erros não menos bizarros nem menos perniciosos. Afinal os homens se atreviam a ser razoáveis naquelas vastas regiões, enquanto alhures ainda se acreditava que só podem ser governados na medida da sua imbecilidade.

VII

Amazan chegou à terra dos batavos; em meio do seu pesar, suave alegria lhe penetrou o coração ao encontrar ali como que uma pálida imagem do país gangárida: a liberdade, a igualdade, a limpeza, a abundância, a tolerância; mas as damas do país eram tão frias que nenhuma lhe fez propostas, como acontecera em toda parte; ele não teve o trabalho de resistir. Se quisesse atacar aquelas damas, tê-las-ia subjugado uma após outra, sem ser amado por nenhuma; mas longe estava de pensar em conquistas.

Formosante esteve a ponto de o alcançar nessa nação insípida: foi questão de momentos.

Ouvira Amazan tantos elogios, entre os batavos, a certa ilha chamada Álbion que resolveu tomar um navio com os seus unicórnios, o qual,

pegando vento favorável, o levou em quatro horas às costas daquela terra mais formosa que Tiro e a ilha Atlântida.

A bela Formosante, que o seguira até o Duina, o Vístula, o Elba e o Véser, chega enfim às bocas do Reno, que despejava suas àguas rápidas no mar Germânico.

É informada de que seu amado vogara para as costas de Álbion; julga avistar o seu navio; lança gritos de alegria, de que muito se surpreendem as damas batavas, pois não imaginam possa um jovem causar tamanha alegria; e, quanto à fênix, não lhe deram maior importância, pois acharam que as suas penas não podiam provavelmente ser tão bem vendidas como as dos patos e marrecos de seus banhados. A princesa de Babilônia fretou dois navios para a transportarem, com toda a sua gente, àquela ilha feliz que ia possuir o único objeto de todos os seus desejos, a alma de sua vida, o deus de seu coração.

Um funesto vento do oeste ergueu-se de súbito no preciso instante em que o fiel e infeliz Amazan desembarcava em Álbion: os navios da princesa de Babilônia não puderam partir. Um aperto de coração, uma dor amarga, uma profunda melancolia apoderaram-se de Formosante; no seu sofrimento meteu-se no leito, à espera de que o vento mudasse; mas este soprou oito dias inteiros com uma violência desesperadora. A princesa, durante aquele século de oito dias, fazia a camareira ler-lhe romances: não que os batavos os soubessem fazer, mas, como eram os empreiteiros do universo, vendiam o espírito das outras nações, assim como os seus gêneros. A princesa mandou comprar no estabelecimento de Marc-Michel Rey todas as histórias que haviam escrito entre os ausonianos e velches, e cuja venda era sabiamente proibida nessas nações, para enriquecer os batavos; esperava encontrar naquelas histórias alguma aventura que se assemelhasse à sua e que embalasse o seu pesar. Irla lia, a fênix dava a sua opinião, e a princesa nada encontrava na *Camponesa enriquecida,* nem no *Sofá,* nem nos *Quatro facardenses,*[65] que tivesse a mínima relação com as suas aventuras; a todo instante interrompia a leitura para indagar de que lado soprava o vento.

VIII

Entrementes, já ia Amazan a caminho da capital de Álbion, na sua carruagem de seis unicórnios, e pensava na sua princesa. Avistou uma equipagem derribada num fosso; os criados se haviam afastado em busca de socorro; o patrão permanecia tranqüilamente em seu carro, sem demonstrar a mínima impaciência, e divertindo-se em fumar: pois então se fumava; chamava-se milorde What-then, o que significa mais ou menos milorde "Que Importa", na língua para a qual traduzo estas memórias.

Amazan precipitou-se para auxiliá-io; ergueu sozinho o carro tão superior era sua força à do comum dos homens. Milorde Que Importa contentou-se em dizer: "Isso é que é força". Havendo acorrido alguns rústicos da vizinhança, zangaram-se por haver sido chamados inutilmente, descarregando a cólera no estrangeiro; ameaçaram-no, chamando-o de *cão estrangeiro*, e quiseram bater-lhe.

Amazan segurou dois deles em cada mão e arremessou-os a vinte passos de distância; os outros criaram-lhe respeito, cumprimentaram-no e pediram-lhe algum troco para beber: Amazan lhes deu mais dinheiro do que eles jamais viram em toda a vida. Milorde Que Importa disse-lhe:

— Estimo-o; venha jantar comigo na minha casa de campo, que só fica a três milhas daqui.

Subiu na carruagem de Amazan, porque a sua ficara desarranjada com o choque.

Após um quarto de hora de silêncio, fitou um momento Amazan e disse-lhe: *How dye do*?, literalmente: *Como vos fazeis fazer?,* e na língua do tradutor: *Como passa o senhor?* Depois acrescentou: "O senhor tem aí seis bonitos unicórnios", e recomeçou a fumar.

O viajante disse que os seis unicórnios estavam à sua disposição; que vinha com eles do país dos gangáridas; e aproveitou a ocasião para falar da princesa de Babilônia e daquele beijo fatal que ela dera no rei do Egito: ao que o outro não replicou absolutamente nada, pouco se lhe dando que houvesse no mundo um rei do Egito e uma princesa de Babilônia. Esteve ainda um quarto de hora sem dizer coisa alguma; depois tornou a perguntar ao companheiro *como ele se fazia* e se comiam bom *roast-beef*. O viajante respondeu-lhe com a habitual polidez que nas margens do Ganges ninguém comia seus irmãos. Explicou-lhe o sistema que foi, depois de tantos séculos, o de Pitágoras, de Pórfiro, de Jâmblico, com o que o milorde adormeceu e não fez mais que um sono até chegarem à sua casa.

Tinha ele uma mulher jovem e encantadora, a quem a natureza dera uma alma tão viva e sensível quanto a do marido era indiferente. Vários senhores albionenses tinham ido jantar com ela naquele dia. Havia caracteres de toda espécie; pois como o país quase nunca fora governado a não ser por estrangeiros, as famílias vindas com esses príncipes tinham quase todas trazido costumes diferentes. Havia na companhia pessoas muito amáveis, outras de espírito superior, outras de profundo saber.

A dona da casa nada tinha desse ar postiço e esquerdo, dessa rigidez, desse falso pudor que censuravam então nas jovens de Álbion; não ocultava, numa atitude desdenhosa e num silêncio afetado, a esterilidade de suas idéias e o humilhante embaraço de não ter nada que dizer: não havia mulher mais insinuante. Recebeu Amazan com a polidez e graça que lhe eram naturais. A extrema beleza daquele estrangeiro, e a súbita comparação que fez entre ele e seu marido, logo a abalaram sensivelmente.

Foram para a mesa. Fez Amazan sentar-se a seu lado e serviu-lhe pudins de toda espécie, pois soubera dele que os gangáridas não se alimentavam de nada que houvesse recebido dos deuses o dom celestial da vida. Sua beleza, sua força, os costumes dos gangáridas, o progresso das artes, a religião e o governo foram assunto de uma conversação tão agradável quão instrutiva durante a refeição, que durou até a noite, e durante a qual milorde Que Importa bebeu muito e não disse palavra.

Após o jantar, enquanto *milady* servia o chá e devorava o jovem com os olhos, conversava este com um membro do Parlamento, pois é sabido que já então havia um Parlamento e que se chamava *Wittenagemot,* o que significa *assembléia das pessoas de espírito.* Amazan informava-se da constituição, dos usos e costumes, das leis, das forças, das artes, que tão recomendável tornavam aquele país; e o referido senhor falava-lhe nos seguintes termos:

— Por muito tempo andamos inteiramente nus, embora o clima não seja quente. Durante muito tempo fomos tratados como escravos por gente vinda da antiga terra de Saturno, regada pelas águas do Tibre. Mas a nós mesmos temos causado maiores males do que os sofremos da parte de nossos primeiros vencedores. Um de nossos reis levou a baixeza a ponto de se declarar súdito de um sacerdote que também morava à margem do Tibre, e a quem chamavam o *Velho das Sete Colinas*; de tal modo foi

destino dessas sete montanhas dominarem por muito tempo uma grande parte da Europa, habitada então por brutos.

"Após esses tempos de aviltamento, vieram séculos de ferocidade e anarquia. A nossa terra, mais tempestuosa que os mares que a cercam, foi sacudida e ensangüentada por nossas discórdias. Vários testas-coroadas pereceram no último suplício. Mais de cem príncipes do sangue dos reis acabaram seus dias no cadafalso. Arrancaram o coração a todos os seus adeptos e bateram-lhes com ele nas faces. Ao carrasco é que competia escrever a história da nossa ilha, pois fora ele quem terminara todas as grandes questões.

"Não faz muito que, para cúmulo do horror, algumas pessoas de manto negro e outros que usavam uma camisa branca por cima da jaqueta foram mordidas por cães raivosos e acabaram comunicando a raiva à nação inteira. Todos os cidadãos foram ou assassinos ou vítimas, ou carrascos ou supliciados, ou depredadores ou escravos, em nome do céu e em busca do Senhor.

"Quem diria que desse abismo temeroso, desse caos de dissenções, de atrocidades, de ignorância e de fanatismo tenha resultado talvez o mais perfeito governo que hoje existe no mundo? Um rei venerado e rico, todo poderoso para fazer o bem, impotente para fazer o mal, está à frente de uma nação livre, guerreira, comerciante e esclarecida. Os grandes de um lado, e os representantes das cidades de outro, compartilham da legislação com o monarca.

"Vira-se, por singular fatalidade, a desordem, as guerras civis, a anarquia e a pobreza assolarem o país quando os reis exerciam o poder arbitrário. A tranqüilidade, a riqueza, a felicidade pública só reinaram entre nós quando os reis reconheceram que não eram absolutos. Tudo estava subvertido quando disputavam sobre coisas ininteligíveis; tudo entrou em ordem depois que as desprezaram. Nossas frotas vitoriosas levam a nossa glória a todos os mares, e as leis põem em segurança as nossas fortunas; jamais um juiz as pode interpretar arbitrariamente; jamais se dá uma sentença que não seja motivada. Puniríamos como assassinos os juízes que ousassem condenar um cidadão à morte sem invocar os testemunhos que o acusam e a lei que o condena.

"É verdade que há sempre, entre nós, dois partidos que se combatem com a pena e com intrigas; mas também se reúnem sempre que se trata de pegar em armas para defender a pátria e a liberdade. Esses dois partidos

vigiam um ao outro: impedem-se mutuamente de violar o sagrado depósito das leis; odeiam-se, mas amam o Estado: são amantes ciumentos que servem à porfia a mesma amante.

"Com o mesmo espírito que nos fez conhecer e sustentar os direitos da natureza humana, elevamos as ciências ao mais alto ponto a que possam chegar entre os homens. Os vossos egípcios, que passam por tão grandes mecânicos; os vossos hindus, a quem julgam tão grandes filósofos; os vossos babilônios, que se vangloriam de haver observado os astros durante quatrocentos e trinta mil anos; os gregos, que escreveram tantas frases e tão poucas coisas, não sabem precisamente nada em comparação com os nossos menores colegiais, que estudaram as descobertas de nossos grandes mestres. Arrancamos mais segredos à natureza no espaço de cem anos do que os descobriu o gênero humano na multidão dos séculos.

"Eis na verdade o estado em que nos achamos. Não lhe ocultei nem o bem, nem o mal, nem os nossos opróbrios, nem a nossa glória; e nada exagerei."

Amazan, a tais palavras, sentiu-se penetrado do desejo de se instruir naquelas sublimes ciências de que lhe falavam; e se a sua paixão pela princesa de Babilônia, o seu filial respeito à mãe, a quem deixara, e o amor à pátria não lhe houvessem falado fortemente ao coração despedaçado, desejaria passar a vida na ilha de Álbion. Mas aquele desgraçado beijo da sua princesa para o rei do Egito não lhe deixava suficiente liberdade de espírito para estudar as altas ciências.

— Confesso — disse ele — que, tendo-me imposto a lei de correr mundo e evitar-me a mim mesmo, teria curiosidade de ver essa antiga terra de Saturno, esse povo do Tibre e das sete montanhas, a quem outrora obedecestes; deve ser, sem dúvida, o primeiro povo da terra.

— Aconselho-o a fazer essa viagem — disse o albionense — se aprecia a música e a pintura. Nós próprios vamos seguidamente levar o nosso tédio às sete montanhas. Mas o amigo há de ficar muito espantado quando vir os descendentes de nossos vencedores.

A conversação foi longa. O belo Amazan, embora tivesse o cérebro um tanto perturbado, falava com tal graça, tão tocante era a sua voz, tão nobre e amável a sua atitude, que a dona da casa não pôde deixar, por sua vez, de conversar a sós com ele. Enquanto lhe falava, apertava-lhe ternamente a mão e fitava-o com olhos úmidos e brilhantes que acordavam

os desejos em todas as molas vitais. Reteve-o para a ceia e a pousada. Cada instante, cada palavra, cada olhar mais inflamavam a paixão da dama. Logo que todos se recolheram, escreveu-lhe um bilhetinho, esperando que ele fosse fazer-lhe a corte no leito, enquanto milorde Que Importa dormia no seu. Amazan teve ainda coragem de resistir, tal o maravilhoso efeito que produz um grão de loucura numa alma forte e profundamente atingida.

Amazan, segundo o seu costume, escreveu à dama uma resposta respeitosa, em que alegava a santidade do seu juramento e a estrita obrigação em que se achava de ensinar a princesa de Babilônia a dominar as suas paixões. Depois mandou atrelar os unicórnios e regressou à Batávia, deixando todos encantados com ele e a dona da casa desesperada. No seu desespero, esqueceu-se ela de guardar a carta de Amazan; milorde Que Importa leu-a na manhã seguinte. "Quanta baboseira!" — disse ele, dando de ombros, e foi à caça da raposa com alguns bêbedos da vizinhança.

Amazan já navegava em alto-mar, munido de uma carta geográfica que lhe presenteara o sábio albionense com quem conversara em casa de milorde Que Importa. Via com surpresa uma grande parte da terra sobre uma folha de papel.

Seus olhos e sua imaginação perdiam-se naquele pequeno espaço; olhava o Reno, o Danúbio, os Alpes do Tirol, designados então por outros nomes, e todos os países por onde devia passar antes de chegar à cidade das sete montanhas; mas principalmente olhava para a região dos gangáridas, para Babilônia, onde vira a sua querida princesa, e para a fatal Basra, onde ela beijara o rei do Egito. Suspirava, vertia lágrimas; mas reconhecia que o albionense que lhe fizera presente do universo em miniatura não deixava de ter razão quando afirmava que havia mil vezes mais instrução às margens do Tâmisa do que às margens do Nilo, do Eufrates e do Ganges.

Enquanto voltava ele para Batávia, corria Formosante para Álbion com os seus dois navios, que velejavam a todo o pano. O de Amazan e o da princesa cruzaram-se, quase que se tocaram: os dois enamorados estavam perto um do outro e não podiam suspeitá-lo. Ah, se o soubessem! Mas não o permitiu o imperioso destino.

IX

Logo que desembarcou no solo raso e lamacento da Batávia, Amazan partiu como um raio para a cidade das sete montanhas. Teve de atravessar a parte meridional da Germânia. De quatro em quatro milhas, topava com um príncipe e uma princesa, aias e mendigos. Espantava-se das galanterias que aquelas damas e aias lhe faziam por toda parte, com a boa-fé germânica, e só lhes respondia com modestas recusas. Depois de franquear os Alpes, atravessou o mar de Dalmácia, e desembarcou numa cidade que em nada se parecia com o que vira até então. O mar formava as ruas, as casas eram construídas n'água. As poucas praças públicas que ornavam aquela cidade estavam cheias de homens e mulheres que tinham um duplo rosto, o que a natureza lhes dera, e um rosto de cartão mal pintado que aplicavam por cima; de maneira que a nação parecia composta de espectros. Os recém-chegados começavam por comprar um rosto, como em outros lugares se adquire um barrete ou um par de sapatos. Amazan desprezou essa moda contra a natureza; apresentou-se tal como era. Havia na cidade doze mil raparigas registradas na escrita da república: raparigas úteis ao Estado, encarregadas do mais vantajoso e agradável comércio que já enriqueceu uma nação. Os negociantes comuns, com grandes gastos e riscos, enviavam estofos para o Oriente; aquelas belas negociantes faziam, sem o mínimo risco, um sempre renovado tráfico de seus encantos. Vieram todas apresentar-se ao belo Amazan e oferecer-lhe a escolha. Ele escapou-se o mais depressa possível, pronunciando o nome da incomparável princesa de Babilônia e jurando pelos deuses imortais que ela era mais linda que todas as doze mil raparigas venezianas. "Sublime traidora — exclamava ele nos seus transportes —, eu te ensinarei a seres fiel!"

Afinal, as ondas amarelas do Tibre, pântanos empestados, habitantes macilentos, descarnados e raros, cobertos de velhos mantos esburacados que entremostravam a pele seca e curtida, se lhe apresentaram aos olhos, anunciando-lhe que se achava às portas da cidade das sete montanhas, aquela cidade de heróis e legisladores que haviam conquistado e civilizado grande parte do mundo.

Tinha imaginado que veria à porta triunfal quinhentos batalhões comandados por heróis e, no Senado, uma assembléia de semideuses

ditando leis à terra; como único e todo exército, achou umas três dúzias de marotos montando guarda com um pára-sol, com certeza por medo de se queimarem. Penetrando num templo que lhe pareceu muito belo, mas menos que o de Babilônia, ficou muito surpreendido ao ouvir uma música executada por homens que tinham voz de mulher.

— Que esquisito país esta antiga terra de Saturno! — disse ele. — Vi uma cidade onde ninguém tinha o próprio rosto, e agora vejo outra onde os homens não têm nem a respectiva voz nem as respectivas barbas.

Disseram-lhe que aqueles cantores não eram mais homens, que os haviam despojado de sua virilidade a fim de que mais agradavelmente entoassem a uma prodigiosa quantidade de pessoas meritórias. Amazan nada compreendeu. Os referidos senhores pediram-lhe que cantasse; ele cantou uma canção gangárida com a sua graça ordinária. Tinha uma bela voz de barítono.

— Ah! Monsignor — disseram eles —, que delicioso soprano não daria! Ah! se...

— Se o quê? Que querem dizer?

— Ah, Monsignor!

— E daí?

— Se Monsignor não tivesse barba!

Explicaram-lhe então muito divertidamente e com gestos muito cômicos, segundo o seu costume, de que coisa se tratava. Amazan ficou perplexo:

— Tenho viajado — disse ele —, mas nunca ouvira falar de tal fantasia.

Depois de cantarem bastante, o *Velho das Sete Colinas* chegou, em pomposo cortejo, à porta do templo; cortou o ar em quatro com o polegar erguido, dois dedos estendidos e os dois outros dobrados, dizendo estas palavras em uma língua que ninguém mais falava. *À cidade e ao universo.* [66] O gangárida não conseguia compreender que dois dedos pudessem alcançar tão longe.

Viu logo desfilar toda a corte do senhor do mundo: compunha-se de graves personagens, uns de vermelho, outros de violeta; quase todos fitavam o belo Amazan com olhos dengosos; faziam-lhe reverências e diziam entre si: *San Martin, che bel ragazzo! San Pancratio, che bel fanciullo!*

Os *ardentes,*[67] cujo ofício consistia em mostrar aos estrangeiros as curiosidades da cidade, empenharam-se em fazê-lo ver construções onde um arrieiro não desejaria passar a noite, mas que tinham sido outrora dignos monumentos da grandeza de um povo-rei. Viu ainda quadros de duzentos anos e estátuas de mais de vinte séculos, que lhe pareceram obras-primas.

— Ainda fazem obras assim?

— Não, Excelência — respondeu-lhe um dos guias —, mas desprezamos o resto do mundo porque conservamos essas raridades. Somos uma espécie de adelos que nos orgulhamos das velhas roupas que ficaram em nosso estabelecimento.

Amazan mostrou desejo de ver o palácio do príncipe; levaram-no até lá. Viu homens de violeta que contavam o dinheiro das rendas do Estado: tanto de uma terra situada à margem do Danúbio, tanto de outra à margem do Loire, ou do Guadalquivir, ou do Vístula.

— Oh! Oh! — exclamou Amazan, após haver consultado a sua carta geográfica —, o seu senhor possui então toda a Europa, como esses antigos heróis das sete montanhas?

— Deve possuir o universo inteiro, por direito divino — respondeu-lhe um dos violetas —, e até houve tempo em que os seus predecessores se aproximaram da monarquia universal; mas os seus sucessores têm hoje a bondade de contentar-se com algum dinheiro que os reis seus súditos lhes pagam em forma de tributo.

— O seu senhor é então, de fato, o rei dos reis? Não é esse o seu título?

— Não, Excelência, o seu título é *servo dos servos;* é originariamente pescador e porteiro, e eis por que os emblemas da sua dignidade são chaves e redes; mas continua dando ordens a todos os reis. Não faz muito, enviou cento e um mandamentos a um rei do país dos celtas, e o rei obedeceu.

— O seu pescador — disse Amazan — enviou então quinhentos ou seiscentos mil homens para fazer executar as suas cento e uma disposições?

— De forma alguma, Excelência; o nosso santo senhor não é suficientemente rico para pagar dez mil soldados; mas dispõe de quatrocentos a quinhentos mil profetas divinos distribuídos pelos outros países. Esses profetas de todas as cores são, como é razoável, alimentados

à custa do povo de cada nação; anunciam da parte do céu que o meu senhor, com as suas chaves, pode abrir e fechar todos os cadeados, e principalmente os dos cofres fortes. Um padre normando, que tinha junto ao rei de que lhe falo o cargo de confidente, convenceu-o de que devia obedecer, sem tugir nem mugir, às cento e uma deliberações de meu senhor; pois é bom saber que uma das prerrogativas do *Velho das Sete Colinas* é a de ter sempre razão, seja falando, seja escrevendo.

— Sim senhor! Que homem mais singular! — exclamou Amazan. — Teria curiosidade de jantar com ele.

— Ainda que Vossa Excelência fosse rei, não poderia comer à sua mesa; o mais que ele poderia fazer pelo senhor seria mandar servir-lhe uma a seu lado, menor e mais baixa que a sua própria. Mas, se quiser ter a honra de lhe falar, solicitarei audiência para o senhor, mediante a *buona mancia*[68] que o senhor terá a bondade de dar-me.

— Com muito gosto — respondeu o gangárida.

O violeta inclinou-se.

— Eu o introduzirei amanhã — disse ele. — O senhor fará três genuflexões e beijará os pés do *Velho das Sete Colinas*.

A tais palavras, Amazan soltou tão prodigiosas gargalhadas que quase sufocou; saiu segurando as ilhargas e riu até as lágrimas durante todo o caminho para a hospedaria, onde riu ainda por muito tempo.

À mesa, apresentaram-se vinte homens sem barba e vinte violinos, que lhe deram um concerto. Foi cortejado o resto do dia pelos senhores mais importantes da cidade; fizeram-lhe propostas ainda mais esquisitas do que a de beijar os pés do *Velho* das *Sete Colinas*. Como era extremamente polido, julgou a princípio que aqueles senhores o tomavam por uma dama, e os advertiu de seu engano com a mais circunspecta lisura. Mas, sendo assediado um pouco vivamente por dois ou três dos mais decididos violetas, arremessou-os pela janela, sem julgar fazer grande sacrifício à bela Formosante. Deixou o mais depressa possível aquela cidade dos senhores do mundo, onde se tinha de beijar um velho no artelho, como se a sua face estivesse no pé, e onde só se abordavam os jovens com cerimônias ainda mais estranhas.

X

De província em província, sempre repelindo provocações de toda espécie, sempre fiel à princesa de Babilônia, sempre em cólera contra o rei do Egito, chegou aquele modelo de constância à nova capital das Gálias. Passara esta cidade, como tantas outras, por todos os graus da barbárie, da ignorância, da tolice e da miséria. O seu primeiro nome fora *lama* e *excremento;* depois tomara o de Ísis, do culto de Ísis, que chegara até ela. Seu primeiro senado fora uma companhia de barqueiros. Estivera por muito tempo escravizada aos heróis depredadores das sete montanhas; e, alguns séculos depois, outros heróis salteadores, vindos da margem ulterior do Reno, se haviam apoderado de seu pequeno solo.

O tempo, que transforma tudo, fizera dela uma cidade cuja metade era muito nobre e agradável, e a outra um pouco grosseira e ridícula: eram os atributos de seus habitantes. Havia no seu recinto cerca de cem mil pessoas pelo menos que não tinham nada que fazer senão jogar e divertir-se. Esse povo de ociosos julgava as artes que os outros cultivavam. Nada sabiam do que se passava na Corte; embora ficasse esta apenas a quatro escassas milhas dali, era como se estivesse pelo menos a umas seiscentas milhas. As doçuras da sociedade, a alegria, a frivolidade, eram o seu único e importante negócio: governavam-nos como a crianças a quem se enche de brinquedos para as impedir de chorar. Se lhes falavam dos horrores que, dois séculos antes, haviam desolado a sua pátria e dos espantosos dias em que metade da nação massacrava a outra por causa de sofismas, diziam que na verdade aquilo não estava direito; e depois punham-se a rir e a cantar.

Quanto mais corteses, divertidos e amáveis se mostravam os ociosos, tanto mais triste era o contraste que se observava entre eles e os ocupados.

Havia entre esses ocupados, ou que pretendiam sê-lo, um bando de sombrios fanáticos, meio absurdos, meio velhacos, cujo simples aspecto contristava a terra, e que a teriam abalado, se pudessem, para conseguir um pouco de consideração. Mas a nação dos ociosos, dançando e cantando, fazia-os entrar nas suas cavernas, como os pássaros obrigam as corujas a voltar para o esconderijo das ruínas.

Outros ocupados, em menor número, eram zeladores de antigas usanças bárbaras contra as quais bradava a natureza; não consultavam senão os seus registros roídos de traças. Se ali encontravam algum costume insensato e horrível, consideravam-no como uma lei sagrada. Devido a esse covarde hábito de não ousarem pensar por si mesmos, e de haurirem suas idéias nos destroços dos tempos em que não se pensava, é que, na cidade dos prazeres, ainda existiam costumes atrozes. É por esse motivo que não havia nenhuma proporção entre os delitos e as penas. Faziam às vezes um inocente sofrer mil mortes para obrigá-lo a confessar um crime que não havia cometido.

Puniam uma leviandade de rapaz como teriam punido um envenenamento ou um parricídio. Os ociosos lançavam gritos lancinantes e no dia seguinte não pensavam mais no caso e só falavam em novas modas.

Esse povo vira escoar um século inteiro durante o qual as belas-artes se elevaram a um grau de perfeição que jamais se ousaria esperar; os estrangeiros vinham então, como a Babilônia, admirar os grandes monumentos de arquitetura, os prodígios dos jardins, os sublimes esforços da escultura e da pintura. Encantavam-se com uma música que ia direito à alma sem espantar os ouvidos.

A verdadeira poesia, isto é, aquela que é natural e harmoniosa, aquela que tanto fala ao coração como ao espírito, só a conheceu a nação naquele venturoso século. Novos gêneros de eloqüência ostentaram sublimes belezas. Os teatros, sobretudo, ecoaram de obras-primas de que nenhum povo jamais se aproximou. O bom gosto, enfim, se espalhou por todas as profissões, a tal ponto que houve bons escritores até mesmo entre os druidas.

Tantos louros, que se haviam erguido até as nuvens, em breve secaram numa terra exausta. Não restou mais que um insignificante número, cujas folhas eram de um verde pálido e moribundo. A decadência foi produzida pela facilidade de fazer e a preguiça de fazer bem, pela saciedade do belo e o gosto do excêntrico. A vaidade protegeu artistas que faziam voltar os tempos da barbárie; e essa mesma vaidade, perseguindo os verdadeiros talentos, forçou-os a deixar a pátria; os zangãos fizeram desaparecer as abelhas.

Quase que não havendo verdadeiras artes, quase não havia gênio; todo o mérito do século passado; o borrador das paredes de uma taverna

criticava sapientemente os quadros dos grandes pintores; os borradores de papel desfiguravam as obras dos grandes escritores. A ignorância e o mau gosto tinham outros borradores a seu serviço; repetiam-se as mesmas coisas em cem volumes, sob títulos diferentes. Tudo era ou dicionário ou brochura. Um gazeteiro druida escrevia duas vezes por semana os anais obscuros de alguns energúmenos ignorados da nação e prodígios celestes operados em águas-furtadas por pequenos maltrapilhos; outros ex-druidas, vestidos de negro, prestes a morrer de raiva e de fome, queixavam-se em cem escritos de que não mais lhes permitissem enganar os homens, e que deixassem esse direito a bodes vestidos de cinzento. Alguns arquidruidas imprimiam libelos difamatórios.

Amazan nada sabia disso tudo; e, mesmo que o soubesse, pouco lhe importaria, tão ocupado tinha o espírito com a princesa de Babilônia, o rei do Egito, e o seu inviolável juramento de desprezar as faceirices das damas, em qualquer país aonde o sofrimento lhe conduzisse os passos.

Todo o populacho leviano, ignorante, e sempre exagerado nessa curiosidade peculiar ao gênero humano, se comprimiu por muito tempo em torno dos seus unicórnios; as mulheres, mais sensatas, forçaram-lhe as portas da moradia para contemplar a sua pessoa.

Testemunhou, no princípio, a seu hospedeiro, desejos de ir à Corte; mas alguns ociosos da boa vida, que ali se encontravam por acaso, lhe disseram que isso passara de moda, que os tempos eram outros e só havia prazeres na cidade. Na mesma noite, recebeu convite para cear em casa de uma dama cujo espírito e talentos eram conhecidos fora de sua pátria, e que tinha viajado em alguns países por onde Amazan passara. Apreciou muito aquela dama e a sociedade reunida em seus salões. A liberdade era ali decente, a alegria não era ruidosa, a ciência nada tinha de desgostante, nem o espírito nada de afetado. Viu que o nome de boa sociedade não é um nome vão, embora seja muitas vezes usurpado. No dia seguinte jantou numa sociedade não menos amável, mas muito mais voluptuosa. Quanto mais satisfeito estava com os convivas, tanto mais se agradavam dele. Sentia a alma abrandar e dissolver-se como os arômatas de seu país se fundem suavemente a um fogo moderado, exalando-se em perfumes deliciosos.

Após o jantar, levaram-no a um espetáculo encantador, condenado pelos druidas, porque lhes roubava o auditório de que eram mais ciumentos. Esse espetáculo era um conjunto de versos agradáveis, de

cantos deliciosos, de danças que exprimiam os movimentos da alma, e de perspectivas que encantavam os olhos, iludindo-os. Esse gênero de espetáculo, que reunia tantos gêneros, era conhecido sob um nome estrangeiro: chamava-se *ópera,* o que significava outrora na língua das sete montanhas *trabalho, cuidado, ocupação, indústria, empresa, negócio.* Aquele negócio o encantou. Uma rapariga, sobretudo, fascinou-o com a sua voz melodiosa e as graças que a acompanhavam; essa rapariga de *negócio* foi-lhe apresentada após o espetáculo por seus novos amigos. Ele lhe fez presente de um punhado de diamantes. Tão reconhecida lhe ficou a rapariga que não o pôde deixar no resto da noite. Ceou com ela, e durante a ceia esqueceu a sua sobriedade; e, após a ceia, esqueceu o seu juramento de se conservar sempre insensível à beleza e inexorável ante as coqueterias. Que exemplo da fraqueza humana!

A bela princesa de Babilônia chegava então com a fênix, a sua camareira Irla, e seus duzentos cavaleiros gangáridas montados em seus unicórnios. Foi preciso esperar muito até que abrissem as portas. Ela perguntou primeiro se o mais belo, o mais corajoso, o mais inteligente e o mais fiel dos homens ainda não havia chegado àquela cidade. Os magistrados logo compreenderam que queria referir-se a Amazan. Fez-se conduzir para onde ele se achava hospedado; entrou, com o coração palpitante de amor: toda a sua alma estava penetrada da inexprimível alegria de tornar a ver enfim, na pessoa do bem-amado, o modelo da constância. Nada a pôde impedir de entrar no seu quarto; os cortinados estavam abertos: ela viu o belo Amazan adormecido entre os braços de uma linda morena. Tinham ambos grande necessidade de repouso.

Formosante lançou um grito de dor que ecoou por toda a casa, mas que não pôde despertar nem a seu primo, nem à mulher de *negócio.* Tombou desmaiada nos braços de Irla. Logo que recobrou os sentidos, retirou-se daquele quarto fatal com um misto de dor e cólera. Irla informou-se sobre quem era aquela que passava tão doces horas com o belo Amazan. Disseram-lhe que era uma rapariga de *negócio,* muito complacente, que reunia aos seus outros talentos o de cantar com muita graça.

— Ó céus! ó poderoso Orosmade! — exclamava, chorando, a bela princesa de Babilônia. — Por quem sou eu traída, e com quem! Então aquele que recusou por mim tantas princesas abandona-me agora por uma farsante das Gálias! Não, não poderei sobreviver a esta afronta!

— Eis, senhora — lhe disse Irla —, como são os rapazes, de um extremo a outro do mundo. Ainda que estejam enamorados de uma beleza descida do céu, podem ser-lhe infiéis, em certos momentos, com uma criada de taverna.

— Está decidido — disse a princesa —, nunca mais o verei em toda a vida; partamos imediatamente, e que atrelem meus unicórnios.

A fênix pediu-lhe para esperar ao menos que Amazan despertasse, a fim de que lhe pudesse falar.

— Amazan não merece que lhe fales — disse a princesa —, e assim me ofenderias cruelmente; julgaria ele que eu te pedi para o censurares e que desejo reconciliar-me com ele. Se me estimas, não acrescentes esta injúria à injúria que ele me fez.

A fênix, que afinal de contas devia a vida à filha do rei de Babilônia, não pôde desobedecer-lhe.

— Para onde vamos, senhora? — perguntou-lhe Irla.

— Não sei — dizia a princesa —, tomaremos o primeiro caminho que encontrarmos: desde que me afaste para sempre de Amazan, estou satisfeita.

A fênix, mais sensata do que Formosante, porque era sem paixão, consolava-a em caminho; observava com brandura que era triste castigar-se pelas faltas de outrem; que Amazan já lhe dera significativas e numerosas provas de fidelidade para que lhe pudesse perdoar o haver-se esquecido um momento; que era um justo a quem faltara a graça de Orosmade; que depois disso tanto mais constante seria ele no amor e na virtude; que o desejo de expiar a falta o faria exceder-se a si mesmo; que tanto mais feliz seria ela; que várias princesas haviam perdoado semelhantes deslizes, com o que se deram muito bem: citava-lhe exemplos; tal era a sua arte de contar, que afinal o coração de Formosante ficou mais calmo e apaziguado; ela desejaria não ter partido tão cedo; achava que os seus unicórnios iam demasiado depressa, mas não ousava desandar o caminho; dividida entre o desejo de perdoar e o de mostrar sua cólera, entre o amor e a vaidade, deixava os unicórnios seguirem; ela corria o mundo, conforme a predição do oráculo de seu pai.

Amazan, ao despertar, cientifica-se da chegada e partida de Formosante e da fênix; sabe do desespero e da cólera da princesa; dizem-lhe que ela jurou que nunca o perdoaria.

— Agora — exclamou ele — só me resta segui-la e matar-me a seus pés!

Seus amigos da boa companhia dos ociosos acorreram ao rumor dessa aventura; todos lhe demonstraram que era infinitamente melhor ficar com eles; que nada era comparável à doce vida que levavam no seio das artes e de uma voluptuosidade tranqüila e refinada; que vários estrangeiros, e até reis, haviam preferido aquele repouso, tão agradavelmente ocupado e tão encantador, à sua pátria e ao seu trono; que aliás a sua carruagem se achava quebrada e um marceneiro lhe estava fabricando outra do mais recente modelo; que o melhor alfaiate da cidade já lhe cortara uma dúzia de roupas à ultima moda; que as damas mais inteligentes e amáveis da cidade, em cuja casa representavam muito bem, estavam cada qual com um dia marcado para lhe oferecerem festas. A rapariga de *negócios,* durante esse tempo, tomava o seu chocolate na alcova, ria, cantava e fazia mil negaças ao belo Amazan, que afinal se apercebia de que ela não tinha mais senso do que um ganso.

Como a sinceridade, a cordialidade, a franqueza, bem como a magnanimidade e a coragem compunham o caráter desse grande príncipe, já havia ele contado as suas desgraças e viagens aos amigos; sabiam que era primo da princesa; estavam informados do funesto beijo que ela dera no rei do Egito.

— Perdoam-se essas pequenas extravagâncias entre parentes — lhes disseram eles —, sem o que teríamos de passar a vida em eternas querelas.

Nada o demoveu da intenção de sair empós de Formosante; mas, como o carro ainda não estivesse pronto, foi obrigado a passar três dias com os ociosos, entre festas e prazeres. Afinal despediu-se deles, beijando-os, fazendo-os aceitar os mais bem montados diamantes do seu país, e recomendando-lhes que fossem sempre levianos e frívolos, pois tanto mais amáveis e venturosos seriam. “Os germanos — dizia ele — são os velhos da Europa; os povos de Álbion são os homens feitos; os habitantes das Gálias são as crianças, e eu gosto de brincar com eles.”

XI

Os guias não tiveram dificuldade em seguir a pista da princesa; não se falava senão dela e do seu grande pássaro. Todos os habitantes estavam ainda cheios de entusiasmo e admiração. Os povos da Dalmácia e das Marcas d'Ancona não tiveram tão deliciosa surpresa quando viram, mais tarde, uma casa voar;[69] nas margens do Loire, do Dordonha, do Garona, do Gironda, ainda ecoavam as aclamações.

Quando Amazan chegou ao sopé dos Pireneus, os magistrados e os druidas do país obrigaram-no, contra a vontade, a dançar com um pandeiro; mas, logo que franqueou os Pireneus, não viu mais alegria nem contentamento. Se ouviu algumas canções de longe em longe, eram todas numa toada triste: os habitantes caminhavam gravemente, de rosário, e punhal à cinta. O povo, vestido de preto, parecia estar de luto. Se os criados de Amazan interrogavam os passantes, estes respondiam por sinais; se entravam numa estalagem, o proprietário informava em três palavras que não havia nada no estabelecimento, e que podiam mandar buscar a algumas milhas as coisas de que tinham necessidade urgente.

Quando perguntavam àqueles silenciários se tinham visto passar a bela princesa da Babilônia, respondiam com menos laconismo:

— Nós a vimos, sim; ela não é tão bonita; só os tipos trigueiros é que são bonitos; ela ostenta um colo de alabastro que é a coisa mais desgostante do mundo e quase não se encontra em nossos climas.

Amazan dirigia-se para a província regada pelo Bétis. Ainda não haviam decorrido doze mil anos que essa região fora descoberta pelos tírios, no mesmo tempo em que fizeram a descoberta da grande ilha Atlântida, submersa alguns séculos depois. Os tírios cultivaram a Bética, que os naturais da região deixavam ao deus-dará, achando que não deviam meter-se em coisa alguma e que era aos gauleses seus vizinhos que competia cultivar a sua terra. Os tírios tinham levado consigo uns palestinos, que desde aquele tempo corriam todas as terras, onde quer que houvesse algum dinheiro a ganhar. Esses palestinos, emprestando a cinqüenta por cento, tinham acumulado em suas mãos quase todas as riquezas do país. Isso fez crer aos povos da Bética que os palestinos eram feiticeiros; e todos os palestinos acusados de magia eram queimados sem misericórdia por uma companhia de druidas a quem chamavam os *inquiridores* ou *antropokaias*.[70] Esses sacerdotes lhes vestiam primeiro um hábito de carnaval, apoderavam-se de seus bens, e recitavam

devotamente as próprias orações dos palestinos, enquanto os queimavam a fogo lento *por l'amor de Dios*.

A princesa de Babilônia desembarcara na cidade a que chamaram depois Sevilha. Sua intenção era seguir pelo Bétis para voltar por Tiro a Babilônia, ver o rei Belus seu pai, e esquecer, se pudesse, o seu infiel amado, ou então pedi-lo em casamento. Mandou chamar dois palestinos que faziam os negócios da Corte. Deviam fornecer-lhe três navios. A fênix fez com eles todos os arranjos necessários e combinou o preço, depois de regatear um pouco.

A hospedeira era muito devota, e o seu marido, não menos devoto, era familiar, isto é, espião dos druidas inquiridores antropokaias; não deixou de os avisar que havia em sua casa uma feiticeira e dois palestinos que negociavam um pacto com o diabo, disfarçado em grande pássaro dourado. Os inquiridores, sabendo que a dama tinha uma prodigiosa quantidade de diamantes, logo a declararam feiticeira; esperaram a noite para prender os duzentos cavaleiros e os unicórnios que dormiam em vastas estrebarias: pois os inquiridores são poltrões.

Após haverem barricado fortemente as portas, apoderaram-se da princesa e de Irla; mas não puderam apanhar a fênix, que saiu voando a vôo solto: bem esperava encontrar Amazan no caminho das Gálias para Sevilha.

Encontrou-o na fronteira da Bética e comunicou-lhe o desastre da princesa. Amazan nem pôde falar, tão impressionado e enfurecido ficou. Arma-se de uma couraça de aço damasquinada de ouro, de uma lança de doze pés, de duas azagaias e de uma cortante espada chamada a *fulminante,* que podia fender, de um só golpe, árvores, rochedos e druidas; cobre a bela cabeça com um capacete de ouro sombreado de plumas de garça e de avestruz. Era a antiga armadura de Magog, que sua irmã Aldéia lhe dera de presente em sua viagem à Cítia; os poucos companheiros que o seguiam montam, igualmente, cada um o seu unicórnio.

Amazan, abraçando sua querida fênix, não lhe diz mais que estas tristes palavras:

— A culpa é minha; se eu não houvesse pernoitado com uma mulher de *negócios,* na cidade dos ociosos, não se acharia a bela princesa de Babilônia nesta espantosa situação; corramos aos antropokaias.

Entra logo em Sevilha: mil e quinhentos aguazis guardavam as portas do recinto onde os duzentos gangáridas e os seus unicórnios estavam

presos sem comer; achava-se tudo preparado para o próximo sacrifício da princesa de Babilônia, da sua camareira Irla e dos dois ricos palestinos.

O grande antropokaia, cercado de seus pequenos antropokaias, já se encontrava em seu tribunal sagrado; uma multidão de sevilhanos, com as contas enfiadas à cinta, juntava as duas mãos sem dizer palavra; e conduziam a bela princesa, Irla e os dois palestinos, as mãos atadas às costas, e com hábitos de carnaval.

A fênix entra por uma lucarna na prisão, cujas portas já começavam a ser forçadas pelos gangáridas. O invencível Amazan as investe por fora. Saem todos armados, cada qual no seu unicórnio; Amazan posta-se à frente deles. Não tem dificuldade em derribar os aguazis, os familiares, os sacerdotes antropokaias; cada unicórnio espetava dúzias deles ao mesmo tempo. A *fulminante* de Amazan cortava em dois todos aqueles que se lhe deparavam; o povo fugia com suas capas negras e golas sujas, tendo sempre na mão as contas bentas *por l'amor de Dios.*

Amazan abotoa o grande inquiridor no seu tribunal e lança-o sobre a fogueira que estava preparada a quarenta passos; ali também lançou, de um em um, os outros pequenos inquiridores. Prosterna-se em seguida aos pés de Formosante.

— Ah! como sois encantador — disse ela. — E como eu vos adoraria se não me tivésseis feito uma infidelidade com uma mulher de *negócios!*

Enquanto fazia as pazes com a princesa, enquanto os gangáridas empilhavam na fogueira os corpos de todos os antropokaias e as chamas se elevavam até as nuvens, viu Amazan, ao longe, como que um exército que se aproximava. Um velho monarca, com a coroa na cabeça, avançava num carro puxado por oito mulas atreladas com cordas; seguiam-se cem outros carros. Eram acompanhados por graves personagens de trajes pretos com gargantilhas, montados em belos cavalos; seguia-os uma multidão de gente a pé, silenciosa e de cabelos engordurados.

Amazan dispôs em torno de si os seus gangáridas e avançou de lança em riste. Logo que o rei o avistou, tirou a coroa, desceu do carro, beijou o estribo de Amazan e disse-lhe:

— Homem enviado de Deus, sois o vingador do gênero humano, o libertador de minha pátria, o meu protetor. Esses monstros sagrados de que purgastes a terra eram os meus senhores em nome do *Velho das Sete Colinas;* via-me obrigado a suportar seu criminoso poder. Se pretendesse

ao menos moderar as suas abomináveis atrocidades, o meu povo me teria abandonado. Hoje eu respiro, eu reino, e a vós o devo.

Em seguida beijou respeitosamente a mão de Formosante e pediu-lhe que subisse, com Amazan, Irla e a fênix, no seu carro de oito mulas. Os dois palestinos, banqueiros da Corte ainda prosternados de terror e reconhecimento, afinal se ergueram; e a tropa dos unicórnios escoltou o rei da Bética até o palácio.

Como a dignidade do rei de um povo grave exigia que suas mulas marchassem a passo, Amazan e Formosante tiveram tempo de contar-lhe as suas aventuras. Ele também conversou com a fênix, admirou-a, e beijou-a mil vezes. Reconheceu quanto eram ignorantes, brutais e bárbaros os povos do Ocidente, que comiam os animais e não mais compreendiam a sua linguagem; que só os gangáridas haviam conservado a natureza e a dignidade primitiva dos homens; mas convinha sobretudo em que os mais bárbaros dos mortais eram aqueles inquiridores antropokaias de que Amazan acabava de purgar o mundo. Não cessava de o abençoar e agradecer-lhe. A bela Formosante esquecia já a aventura da mulher de *negócio* e só tinha a alma cheia do valor daquele herói que lhe salvara a vida. Amazan, ciente da inocência do beijo dado no rei do Egito e da ressurreição da fênix, experimentava uma pura alegria e estava embriagado do mais violento amor.

Jantaram em palácio e passaram muito mal. Os cozinheiros da Bética eram os piores da Europa. Amazan aconselhou que os mandassem buscar nas Gálias. Os músicos do rei executaram durante a refeição aquela peça famosa que foi chamada, no decorrer dos séculos, as *Loucuras da Espanha.* Depois da refeição, falaram de negócios.

O rei perguntou ao belo Amazan, à bela Formosante e à bela fênix o que pretendiam fazer.

— Quanto a mim — disse Amazan —, a minha intenção é voltar à Babilônia, de cujo trono sou herdeiro presuntivo, e pedir a meu tio Belus a mão de minha prima, a incomparável Formosante, a menos que ela prefira viver comigo entre os gangáridas

— O meu desejo — disse a princesa — é certamente jamais me separar de meu primo. Mas creio conveniente ir ter com meu pai, tanto mais quanto ele só me deu licença para ir em peregrinação a Basra, e eu saí a correr mundo.

— Quanto a mim — disse a fênix —, seguirei por toda parte esses dois ternos e generosos amantes.

— Tem razão — disse o rei da Bética —, mas o regresso a Babilônia não é tão fácil como pensam. Todos os dias tenho notícias desse país, pelos navios tírios e por meus banqueiros palestinos, que mantêm correspondência com todos os povos da Terra. Tudo está em pé de guerra para as bandas do Eufrates e do Nilo. O rei da Cítia reclama a herança de sua mulher, à frente de trezentos mil guerreiros a cavalo. O rei do Egito e o rei das Índias assolam também as margens do Tigre e do Eufrates, cada um à frente de trezentos mil homens, para vingar-se de haverem zombado deles. Enquanto o rei do Egito se acha fora de seu país, o rei da Etiópia depreda o Egito com trezentos mil homens; e o rei de Babilônia só tem seiscentos mil homens de prontidão.

"Confesso — continuou o rei — que, quando ouço falar desses prodigiosos exércitos que o Oriente vomita de seu seio, e da sua espantosa magnificência; quando os comparo a nossos pequenos corpos de vinte a trinta mil soldados, tão difíceis de vestir e alimentar, sou tentado a crer que o Oriente foi feito muito tempo antes do Ocidente. Parece que saímos anteontem do caos, e ontem da barbárie."

— Sire — disse Amazan —, os últimos a chegar ganham às vezes dos que entraram primeiro na corrida. Pensam no meu país que o homem é originário da Índia, mas eu não tenho certeza alguma.

— E tu — perguntou o rei da Bética à fênix —, que pensas a respeito?

— Sire — respondeu a fênix —, sou ainda muito jovem para estar informada da Antiguidade. Não vivi mais que uns vinte e sete mil anos; mas meu pai, que viveu cinco vezes essa idade, me dizia haver sabido, por meu avô, que as regiões do Oriente sempre foram mais povoadas e mais ricas que as outras. Sabia, por seus antepassados, que as gerações de todos os animais tinham começado às margens do Ganges. Quanto a mim, não tenho a vaidade de ser dessa opinião. Não posso acreditar que as raposas de Álbion, as marmotas dos Alpes e os lobos das Gálias venham do meu país; da mesma forma, não creio que os pinheiros e os carvalhos das vossas regiões descendam das palmeiras e dos coqueiros da Índia.

— Mas de onde vimos então? — indagou o rei.

— Nada sei — respondeu a fênix. — Desejaria apenas saber para onde poderão ir a bela princesa da Babilônia e o meu querido amigo Amazan.

— Duvido muito — observou o rei — que, com os seus duzentos unicórnios, possa ele atravessar tantos exércitos de trezentos mil homens cada um.

— Por que não? — disse Amazan.

O rei da Bética sentiu o sublime do *por que não?;* mas achou que só o sublime não bastava contra exércitos inumeráveis.

— Aconselho-vos — disse ele — a procurardes o rei da Etiópia; mantenho relações com esse príncipe negro por intermédio de meus palestinos. Dar-vos-ei cartas para ele. Como é inimigo do rei do Egito, há de sentir-se muito feliz de se ver fortalecido pela vossa aliança. Posso auxiliar-vos com dois mil homens muito sóbrios e muito bravos; só dependerá de vós engajardes outros tantos entre os povos que moram, ou antes, que saltam, ao pé dos Pireneus, e a quem chamam *vascos* ou *vasconços*. Manda um de teus guerreiros, num unicórnio, com alguns diamantes, e não haverá vasco que não deixe o castelo, isto é, a choupana de seu pai, para servir-te. São infatigáveis, corajosos e alegres; ficarás muito satisfeito com eles. Enquanto não chegam, nós vos ofereceremos festas e vos aprestaremos navios. Para o serviço que me prestastes, todo reconhecimento é pouco.

Amazan desfrutava do prazer de haver reencontrado Formosante e de gozar em paz, na sua conversação, todos os encantos do amor reconciliado, que quase valem os do amor nascente.

Em breve chegou uma tropa vigorosa e alegre de vasconços, dançando ao som dos pandeiros; outra tropa vigorosa e séria de guerreiros da Bética se achava a postos. O velho rei trigueiro abraçou ternamente os dois enamorados. Mandou carregar seus navios de armas, leitos, jogos de xadrez, trajos negros, gorjeiras, cebolas, carneiros, galinhas, farinha e bastante alho, desejando-lhes feliz travessia, um amor constante e vitórias.

A frota ancorou à margem onde se diz que, tantos séculos depois, a fenícia Dido, irmã de Pigmalião, esposa de Siqueu, tendo deixado a cidade de Tiro, foi fundar a soberba cidade de Cartago, cortando um couro de boi em loros, segundo o testemunho dos mais graves autores da Antiguidade, os quais nunca contavam fábulas, e de acordo com os professores que escrevem para meninos; embora jamais tivesse havido ninguém em Tiro que se chamasse Pigmalião, ou Dido, ou Siqueu, que são nomes inteiramente gregos, e embora não houvesse rei em Tiro naquele tempo.

A soberba Cartago não era ainda um porto de mar; não havia ali senão alguns númidas que secavam peixe ao sol. Costearam Bizacene e Sirtes, as férteis plagas onde existiram mais tarde Cirene e a grande Quersoneso.

Chegaram enfim à primeira embocadura do rio sagrado do Nilo. Era na extremidade dessa terra fértil que o porto de Canope já recebia os navios de todas as nações comerciantes, sem que se soubesse se o deus Canope fundara o porto, ou se os habitantes haviam fabricado o deus, nem se a estrela Canope dera seu nome à cidade, ou se a cidade dera o seu à estrela. Só o que se sabia é que a cidade e a estrela eram muito antigas; e é só o que se pode saber da origem das coisas, qualquer que seja a natureza delas.

Foi lá que o rei da Etiópia, tendo assolado todo o Egito, viu desembarcar o invencível Amazan e a adorável Formosante. Pensou que ele fosse o deus dos combates e ela a deusa da beleza. Amazan apresentou-lhe a carta de recomendação do rei da Espanha. O rei da Etiópia começou dando festas admiráveis, segundo o indispensável costume dos tempos heróicos; em seguida falaram de ir exterminar os trezentos mil homens do rei do Egito, os trezentos mil do imperador das Índias e os trezentos mil do grande cã dos citas, que cercavam a imensa, a altiva, a voluptuosa cidade de Babilônia.

Os dois mil espanhóis que Amazan trouxera consigo disseram-lhe que não precisavam do rei da Etiópia para socorrer Babilônia; que era suficiente que seu rei lhes houvesse ordenado que a fossem libertar; que bastavam eles para tal expedição.

Quanto aos vasconços, disseram que já tinham feito muitas daquelas; que bateriam sozinhos os egípcios, os indianos e os citas, e que só marchariam com os espanhóis sob a condição de que estes ficassem à retaguarda.

Os duzentos gangáridas puseram-se a rir das pretensões de seus aliados e garantiram que, apenas com cem unicórnios, fariam fugir todos os reis da Terra. A bela Formosante os apaziguou com a sua prudência e as suas encantadoras falas. Amazan apresentou ao monarca negro os seus gangáridas, os seus unicórnios, os espanhóis, os vascos e o seu belo pássaro.

Em breve tudo estava preparado para marchar por Mênfis, Heliópolis, Arsínoe, Petra, Artemite, Sora, Apaméia, a fim de ir atacar aos três reis e

dar início a essa guerra memorável, diante da qual todas as guerras que os homens fizeram depois não foram mais que rinhas de galos e codornizes.

Todos sabem como o rei da Etiópia se enamorou da bela Formosante e como a foi surpreender no leito, quando um suave sono lhe fechava os longos cílios. Recorda-se que Amazan, testemunha daquele espetáculo, julgou ver o dia e a noite deitados juntos. Não se ignora que Amazan, indignado com a afronta, sacou de súbito a sua *fulminante,* cortou a cabeça perversa do insolente negro e expulsou todos os etíopes do Egito. Pois não estão esses prodígios registrados no livro de crônicas do Egito? A fama espalhou com as suas mil bocas as vitórias que ele obteve sobre os três reis, com os seus espanhóis, seus vascos e seus unicórnios. Entregou a bela Formosante ao pai; libertou todo o séquito da sua amada, que o rei do Egito reduzira à escravidão. O grande cã dos citas se declarou vassalo, vendo confirmado o seu casamento com a princesa Aldéia. O invencível e generoso Amazan, reconhecido herdeiro do reino de Babilônia, entrou na cidade, em triunfo, com a fênix, na presença de cem reis tributários. A festa de seu casamento ultrapassou em tudo a que o rei Belus oferecera. Foi servido à mesa o boi Ápis assado. O rei do Egito e o das Índias serviram bebidas aos dois esposos. E essas núpcias foram celebradas por quinhentos grandes poetas de Babilônia.

Ó Musas, a quem sempre invocam no princípio das obras, somente no fim eu vos imploro.[71] É em vão que me censuram dar graças sem ter dito o *benedicite*. Nem por isso, ó Musas, me havereis de proteger menos. Impedi que os continuadores temerários estraguem com as suas fábulas as verdades que ensinei aos mortais nesta fiel narrativa, assim como ousaram falsificar *Cândido, O Ingênuo,* e as castas aventuras da casta Joana que um ex-capuchinho desfigurou em versos dignos dos capuchinhos, em edições batavas. Que não causem tal transtorno a meu tipógrafo, encarregado de numerosa família, e que mal possui com que adquirir caracteres, papel e tinta.

Ó Musas, imponde silêncio ao detestável Coger, professor de parolagem no colégio Mazarino, que não ficou contente com os discursos morais de Belisário e do imperador Justiniano e escreveu infames libelos difamatórios contra esses dois grandes homens.

Ponde uma mordaça no pedante Larcher que, sem saber uma palavra do antigo babilônio, sem ter viajado, como eu, pelas margens do Eufrates e do Tigre, teve a imprudência de sustentar que a bela Formosante, e a

princesa Aldéia, e todas as mulheres daquela respeitável Corte, iam dormir, por dinheiro, com todos os palafreneiros da Ásia, no grande templo de Babilônia, devido a princípios religiosos. Esse libertino de colégio, vosso inimigo e inimigo do pudor, acusa as belas egípcias de Mendes de só terem amado a bodes, tencionando secretamente, sob esse exemplo, fazer uma viagem ao Egito, para conseguir afinal aventuras galantes.

Como não conhece nem o moderno nem o antigo, insinua, na esperança de se introduzir junto a alguma velha, que a nossa incomparável Ninon, na idade de oitenta anos, dormiu com o padre Gédoyn, da Academia Francesa e da Academia de Inscrições e Belas Letras. Nunca ouviu falar do padre de Châteauneuf, que toma pelo padre Gédoyn. Não conhece mais Ninon que as mulheres de Babilônia.

Musas, filhas do céu, vosso inimigo Larcher ainda faz mais: estende-se em elogios à pederastia; ousa dizer que todos os bambinos do meu país são sujeitos a essa infâmia. Pensa salvar-se aumentando o número dos culpados.

Nobres e castas Musas, que detestais igualmente o pedantismo e a pederastia, protegei-me contra mestre Larcher!

E vós, mestre Miboron, mais conhecido por Fréron, ex-pseudo-jesuíta, vós, cujo Parnaso ora está no manicômio, ora na taverna da esquina; vós, a quem fizeram tanta justiça em todos os teatros da Europa, na honesta comédia da *Escocesa;*[72] vós, digno filho do padre Desfontaines, que nascestes de seus amores com um desses belos efebos que trazem a lança e a venda, como o filho de Vênus, e que se alçam como ele aos ares, embora nunca tenham ido além do alto das chaminés; meu caro Aliboron, por quem sempre tive tamanha ternura, e que me fizestes rir um mês inteiro no tempo dessa *Escocesa,* eu vos recomendo a minha *Princesa de Babilônia;* dize bastante mal dela, a fim de que a leiam.

Não vos esquecerei aqui, gazeteiro eclesiástico, ilustre orador dos convulsionários, membro da igreja fundada pelo padre Bécherand e por Abraham Chaumeix; não deixeis de dizer nas vossas gazetas, tão pias quão eloqüentes e sensatas, que a *Princesa de Babilônia* é herética, deísta e atéia. Tratai sobretudo de induzir o senhor Riballier a fazer condenar a *Princesa de Babilônia* pela Sorbonne; causareis assim grande prazer a meu livreiro, a quem dei esta pequena história como presente de Ano Bom.

As cartas de Amabed etc.

traduzidas pelo padre tamponet

Os romances por correspondência eram muito apreciados no século XVIII. A voga se devia não tanto à publicação das Cartas persas *quanto às traduções das obras inglesas de ficção. Rousseau em* A nova Heloísa *também comovera até as lágrimas os seus leitores, adotando a mesma técnica. Voltaire, que muito se esforçara para introduzir a anglomania na França, não via com bons olhos essa nova Inglaterra, sentimental e chorosa, e esse romantismo que desabrochava em seu país nas cartas de Saint Preux e de Júlia. Mais de uma vez repetiu que detestava os romances, referindo-se aos romances do tipo inglês. Voltaire dá-nos a entender, em sua correspondência, que* As cartas de Amabed *são uma paródia desse gênero literário: "A obra está escrita sob a forma de carta, ao gosto de Pamela. Terá por título:* Cartas de Amabed e Adate. *Mas nos seis tomos dessa Pamela não acontece nada; é apenas uma mocinha que não quer dormir com o seu senhor a menos de se casar; e as cartas de Amabed são o quadro do mundo inteiro, das margens do Ganges ao Vaticano".*

O romance apareceu sem nome de autor em 1769 na obra Coisas úteis e agradáveis, *editada pelos Cramer, de Genebra. Voltaire insiste em que se trata de uma facécia vinda da Holanda. Em verdade temia o escândalo que não deixaria de provocar. Foi com efeito condenado pelo papa em 1779.*

S. M.

Primeira carta

de Amabed a Xastasid, grande brâmane de Madura

Benares, a dois do mês do rato do ano 115.652 da renovação do mundo.[73]

LUZ DE MINH'ALMA, pai de meus pensamentos, tu que conduzes os homens nas vias do Eterno, a ti, sábio Xastasid, respeito e ternura.

De tal forma já me familiarizei com a língua chinesa, conforme os teus sábios conselhos, que leio com proveito os seus cinco Kings, que me parecem igualar-se em antiguidade ao nosso *Xasta,* de que és intérprete, às sentenças do primeiro Zoroastro e aos livros do egípcio Thaut.

Afigura-se a minh'alma, que sempre se abre diante de ti, que esses escritos e esses cultos nada tomaram uns dos outros: pois somos os únicos a quem Brama, confidente do Eterno, ensinou a rebelião das criaturas celestes, o perdão que o Eterno lhes concede e a formação do homem; os outros nada disseram, ao que me parece, dessas coisas sublimes.

Creio sobretudo que nada tomamos, nem nós, nem os chineses, aos egípcios. Não conseguiram formar uma sociedade policiada e sensata senão muito tempo depois de nós, pois tiveram de dominar o Nilo antes que pudessem cultivar os campos e construir cidades.

Confesso que o nosso divino *Xasta* tem apenas 4.552 anos de antiguidade; mas está provado por nossos monumentos que essa doutrina era ensinada de pai para filho e mais de cem séculos antes da publicação desse livro sagrado. Espero, quanto a isto, as instruções de tua paternidade.

Depois da tomada de Goa pelos portugueses, chegaram a Benarés alguns doutores da Europa. Ensino a um deles a língua hindu, e ele, em recompensa, ensina-me um jargão que tem curso na Europa e a que chamam italiano. É uma língua engraçada. Quase todas as palavras terminam em *a,* em *e*, em *i*, em *o;* aprendo-o facilmente, e em breve terei o prazer de ler livros europeus.

Esse doutor chama-se o padre Fa Tutto; parece polido e insinuante; apresentei-o a Encanto dos Olhos, a bela Adate, que os meus pais e os seus me destinam para esposa; ela aprende italiano comigo. Conjugamos juntos o verbo *amar,* logo no primeiro dia. Levamos dois dias com todos os outros verbos. Depois dela, és tu o mortal mais perto de meu coração. Rogo a Birma e a Brama que conservem teus dias até a idade de cento e trinta anos, passados os quais a vida não é mais que um fardo.

RESPOSTA

de Xastasid

Recebi tua carta, espírito filho de meu espírito. Possa *Druga*,[74] montada no seu dragão, estender sempre sobre ti os seus dez braços vencedores dos vícios!

É verdade (e por isso não nos devemos envaidecer) que somos o povo mais antigamente civilizado do mundo. Os próprios chineses não o negam. Os egípcios são um povo muito recente, que foi ensinado pelos caldeus. Não nos gloriemos por sermos os mais antigos; e tratemos de ser sempre os mais justos.

Saberás, meu caro Amabed, que, não faz muito, chegou até os ocidentais uma fraca imagem da nossa revelação sobre a queda dos seres celestiais e a renovação do mundo. Encontro, numa tradução árabe de um livro sírio, composto apenas há uns mil e quatrocentos anos, estas palavras textuais: *E os anjos que não guardaram* o *seu principado, mas deixaram a sua própria habitação, conservou-os o Senhor em missões eternas, até o juízo daquele grande dia.*[75] Cita o autor em abono um livro composto por um de seus primeiros homens, chamado Enoch. Bem vês que as nações bárbaras não foram jamais esclarecidas senão por um flébil raio enganoso, que até eles se desviou do seio da nossa luz.

Muito receio, caro filho, a irrupção dos bárbaros da Europa em nossas felizes plagas. Sei muito bem quem é esse Albuquerque que aportou das ribas do Ocidente a estas terras prediletas do sol. É um dos mais ilustres salteadores que já assolaram a face da Terra. Apoderou-se de Goa contra a fé pública. Afogou no sangue a homens justos e pacíficos. Esses ocidentais habitam um país pobre que lhes dá muito pouca seda: nada de algodão, nada de açúcar, nenhuma especiaria. Falta-lhes até a espécie de terra com que fabricamos porcelana. Deus lhes recusou o coqueiro, que dá sombra, abriga, veste, nutre e dessedenta aos filhos de Brama. Não conhecem senão um licor, que lhes tira a razão. Sua verdadeira divindade é o ouro; saem em busca desse deus até os confins do mundo.

Quero crer que o teu doutor seja um homem de bem; mas o Eterno nos permite desconfiar desses estrangeiros. Se são carneiros em Benarés, dizem que são tigres nas regiões onde os europeus se estabeleceram.

Queira Deus que nem tu, nem a bela Adate tenha jamais a mínima razão de queixa contra o padre Fa Tutto! Mas alarma-me um secreto pressentimento. Adeus. Que em breve Adate, a ti unida por um santo matrimônio, possa gozar nos teus braços as alegrias celestiais!

Esta carta te chegará por um baniano, que só partirá na lua cheia do elefante.

Segunda carta

de Amabed a Xastasid

Pai de meus pensamentos, tive tempo de aprender esse jargão da Europa antes que o teu comerciante baniano chegasse às margens do Ganges. O padre Fa Tutto continua a testemunhar-me sincera amizade. Na verdade, começo a crer que ele não se assemelha em nada aos pérfidos cuja maldade temes com tamanha razão. A única coisa que me poderia causar desconfiança é que ele me louva em demasia e não louva suficientemente a Encanto dos Olhos; parece-me, contudo, cheio de virtude e unção. Lemos juntos um livro de seu país, que me pareceu bastante estranho. É uma história universal na qual não se diz uma só palavra sobre o nosso antigo Império, nem nada das imensas regiões de além do Ganges, nada da China, nada da vasta Tartária. Evidentemente, os autores, nesta parte da Europa, devem ser muito ignorantes. Comparo-os a aldeões que falam com ênfase das suas choupanas e não sabem onde é a capital; ou antes aqueles que pensam que o mundo termina nos limites de seu horizonte.

O que mais me surpreendeu é que eles contam o tempo, desde a criação do seu mundo, de maneira inteiramente diversa da nossa. O meu doutor europeu mostrou-me um de seus almanaques sagrados, pelo qual os seus patrícios estão agora no ano 5552 da sua criação, ou no ano 6244, ou então no ano 6940, à vontade.[76] Essa esquisitice muito me surpreendeu. Perguntei-lhe como podiam ter três épocas diferentes da mesma aventura. “Não podes ter ao mesmo tempo — disse-lhe eu — trinta, quarenta e cinqüenta anos. Como pode o teu mundo ter três datas que se contrariam?”

Respondeu-me que essas três datas se encontram no mesmo livro e que, entre eles, se é obrigado a acreditar nas contradições para humilhar a soberbia do espírito.

Esse mesmo livro trata de um primeiro homem que se chamava Adão, de um Caim, de um Matusalém, de um Noé que plantou vinhas depois que o oceano submergiu todo o globo; enfim, de uma infinidade de coisas de que nunca ouvi falar e que não li em nenhum dos nossos livros. Isso tudo nos fez rir, à bela Adate e a mim, na ausência do padre Fa Tutto: pois somos muito bem-educados e muito cônscios das tuas máximas para rirmos das pessoas na sua presença.

Lamento esses infelizes da Europa que só foram criados há 6.940 anos, quando muito, ao passo que a nossa era é de 115.652 anos. Muito mais os lamento por não terem pimenta, canela, cravo, chá, café, algodão, verniz, incenso, arômatas e tudo quanto pode tornar a vida agradável: na verdade a Providência deve tê-los negligenciado por muito tempo. Mas ainda mais os lamento por virem de tão longe, em meio a tantos perigos, arrebatar de arma em punho os nossos gêneros. Dizem que em Calicute, por causa da pimenta, cometeram crueldades espantosas: isso faz fremir a natureza indiana, que é muito diferente da sua, pois os seus peitos e coxas são peludos. Usam longas barbas, e seus estômagos são carnívoros. Embriagam-se com o suco fermentado da vinha, plantada, dizem eles, pelo seu Noé. O próprio padre Fa Tutto, por mais polido que seja, torceu o pescoço a dois franguinhos; mandou-os cozinhar numa caldeira e comeu-os impiedosamente. Esse bárbaro ato atraiu-lhes o ódio de toda a vizinhança, que só com muita dificuldade pudemos apaziguar. Deus me perdoe! Creio que esse estrangeiro seria capaz de comer as nossas vacas sagradas, que nos dão leite, se lho tivessem permitido. Ele prometeu que não mais cometeria assassínio contra os frangos, e que se contentaria com ovos frescos, leite, arroz, os nossos excelentes legumes, pistaches, tâmaras, cocos, doces de amêndoas, biscoitos, ananases, laranjas e tudo o que produz o nosso clima abençoado pelo Eterno.

De alguns dias para cá, parece mais solícito com Encanto dos Olhos. Chegou a fazer para ela dois versos italianos que terminam em *o*. Agrada-me essa polidez, pois sabes que a minha maior felicidade é que façam justiça à minha querida Adate.

Adeus. Coloco-me a teus pés, que sempre te levaram pelo caminho reto, e beijo as tuas mãos, que jamais escreveram senão a verdade.

Resposta

de Xastasid

Meu caro filho em Birma, em Brama, não gosto do teu Fa Tutto que mata frangos e que faz versos para a tua querida Adate. Praza a Birma tornar vãs as minhas suspeitas!

Posso jurar-te que jamais foram conhecidos o Adão nem o Noé deles em nenhuma parte do mundo, apesar de tão recentes. A própria Grécia, que era a assembléia de todas fábulas quando Alexandre se aproximou de nossas fronteiras, nunca ouviu falar de tais nomes. Não me espanta que amadores de vinho como os povos ocidentais façam tanto caso daquele que, segundo eles, plantou a vinha; mas podes ficar certo de que Noé foi ignorado de toda a Antiguidade conhecida.

É verdade que nos tempos de Alexandre havia, em um recanto da Fenícia, um pequeno povo de corretores e usurários, que durante muito tempo estivera cativo em Babilônia. Durante a sua escravidão, arranjaram eles uma história, e é essa a única história do mundo em que se trata de Noé. Esse pequeno povo, depois que obteve privilégios em Alexandria, traduziu ali os seus anais para o grego. Foram depois traduzidos para o árabe, e só nos últimos tempos é que os nossos sábios tiveram algum conhecimento dos referidos anais. Mas essa história é tão desprezada por eles quanto a miserável horda que a escreveu.[77]

Seria muito engraçado, com efeito, que todos os homens, que são irmãos, tivessem perdido os seus títulos de família, e que esses títulos só se encontrem num pequeno ramo de usurários e leprosos. Receio, meu caro amigo, que os concidadãos do teu padre Fa Tutto, que, como dizes, adotaram tais idéias, sejam tão insensatos e ridículos quanto interesseiros, pérfidos e cruéis.

Desposa o quanto antes a tua encantadora Adate, pois, inda uma vez te digo, temo mais os Fa Tutto que os Noés.

Terceira carta

de Amabed a Xastasid

Abençoado seja para sempre Birma, que fez o homem para a mulher! Abençoado sejas tu, ó caro Xastasid, que tanto te interessas pela minha felicidade! Encanto dos Olhos é minha; desposei-a. Já não toco a terra, estou no céu: só tu me faltavas nessa divina cerimônia. O doutor Fa Tutto foi testemunha de nossos santos compromissos; e, embora não pertença à nossa religião, não fez objeção alguma em escutar os nossos cantos e preces; esteve muito alegre no festim das núpcias. Sucumbo de felicidade. Tu gozas de outra espécie de ventura, tu possuis a sabedoria; mas a incomparável Adate me possui. Sê por muito tempo feliz, sem paixões, enquanto a minha me afoga num mar de volúpias. Nada mais te posso dizer: torno a voar para os braços de Adate.

Quarta carta

de Amabed a Xastasid

Caro amigo, caro pai, nós partimos, a terna Adate e eu, para te pedir a bênção. Nossa felicidade seria incompleta se não cumpríssemos esse dever de nossos corações; mas — acreditas? — passamos por Goa, em companhia do famoso comerciante Coursom e sua esposa. Diz Fa Tutto que Goa se tornou a mais bela cidade da Índia, que o grande Albuquerque nos receberá como embaixadores, que nos cederá um navio de três velas para nos levar a Madura. Fa Tutto convenceu minha mulher; e eu concordei com a viagem logo que ela concordou. Fa Tutto nos garante que em Goa se fala mais italiano do que português. Encanto dos Olhos anseia por fazer uso de uma língua que acaba de aprender. Dizem que há pessoas que têm duas vontades; mas Adate e eu não temos mais que uma, porque, entre os dois, possuímos uma única alma. Enfim, partimos amanhã, com a doce esperança de derramar nos teus braços, antes de dois meses, as lágrimas da alegria e da ternura.

Primeira carta

de Adate a Xastasid

Goa, 5 do mês do tigre do ano 115.652 da renovação do mundo.

Birma, ouve meus gritos, vê minhas lágrimas, salva meu caro esposo! Brama, filho de Birma, leva minha dor e meu temor a teu pai! Generoso Xastasid, mais sábio do que nós, bem que havias previsto os nossos males. O meu caro Amabed, teu discípulo, meu terno esposo, não mais te escreverá; acha-se em uma fossa a que os bárbaros chamam *prisão*. Indivíduos que não posso definir (aqui são chamados de *inquisitori,* não sei o que essa palavra significa), esses monstros, no dia seguinte ao da nossa chegada, prenderam a meu marido e a mim, e nos puseram cada um em uma fossa separada, como se estivéssemos mortos. Mas, se o estivéssemos, teriam ao menos de nos sepultar juntos. Não sei o que fizeram de meu querido Amabed. Disse a meus antropófagos: "Onde está Amabed? Não o matem. Matem a mim". Nada me responderam. "Onde está ele? Por que me separaram dele?" Conservaram-se em silêncio, e puseram-me grilhões. Há já uma hora que desfruto de um pouco mais de liberdade; o comerciante Coursom achou meios de conseguir-me papel, um pincel e tinta. Minhas lágrimas embebem tudo, minha mão treme, meus olhos se turvam, eu morro.

Segunda carta

de Adate a Xastasid escrita da prisão da Inquisição

Divino Xastasid, estive ontem por muito tempo desfalecida; não pude terminar a carta. Dobrei-a quando recuperei um pouco os sentidos; guardei-a no seio, que não amamentará os filhos que eu esperava ter de Amabed; morrerei antes que Birma me haja concedido a fecundidade.

Esta manhã, ao clarear do dia, entraram na minha fossa dois espectros, armados de alabardas e trazendo cada um ao pescoço uns grãos enfiados e no peito quatro pequenas fitas vermelhas cruzadas. Tomaram-me pelas mãos, sempre sem me dizer palavra, e levaram-me para uma peça onde, por toda mobília, havia uma grande mesa, cinco cadeiras, e um enorme quadro que representava um homem nu, com os braços estendidos e os pés juntos.

Entram em seguida cinco personagens de vestido negro e uma camisa por cima do vestido e duas longas tiras, de um tecido variegado, sobre a camisa. Tombei de terror. Mas qual não foi a minha surpresa! Vi o padre Fa Tutto entre aqueles cinco fantasmas. Vi-o, ele enrubesceu; mas olhou-me com um ar de doçura e compaixão que me tranqüilizou um pouco por um momento.

— Ah! padre Fa Tutto — disse eu —, onde é que estou? Que é feito de Amabed? Em que abismo me lançou o senhor? Dizem que há nações que se alimentam de sangue humano: vão matar-nos? vão devorar-nos?

Ele só me respondeu erguendo os olhos e as mãos ao céu, mas com uma atitude tão dolorosa e tão terna que eu não sabia mais o que pensar.

O presidente daquele conselho de mudos desprendeu afinal a língua e dirigiu-se a mim; disse-me estas palavras:

— É verdade que foste batizada?

Tão abismada estava eu no meu pasmo e na minha dor que a princípio não pude responder. Repetiu a mesma pergunta com voz terrível. Meu sangue gelou-se, e minha língua grudou no céu da boca. Ele repetiu as mesmas palavras pela segunda vez, e afinal eu respondi *sim,* pois nunca se deve mentir. Fui batizada no Ganges, como o são todos os fiéis filhos de Brama, como tu o foste, divino Xastasid, como o foi o meu querido e infeliz Amabed. Sim, eu sou batizada, é o meu consolo, é a minha glória. Confessei-o diante daqueles espectros.

Mal essa palavra *sim,* símbolo da verdade, saiu de minha boca, um dos cinco monstros negros e brancos gritou: *Apóstata!*, e os outros repetiram: *Apóstata!* Não sei o que quer dizer esta palavra, mas eles a pronunciaram num tom tão lúgubre e terrível que os meus três dedos se convulsionam ao escrevê-la.

Então o padre Fa Tutto, tomando a palavra, e sempre a fitar-me com olhar benigno, assegurou-lhes que eu tinha no fundo bons sentimentos, que ele respondia por mim, que a graça operaria, que ele se encarregaria de

minha consciência; e terminou seu discurso, do qual eu não compreendia nada, com estas palavras: *Io la converteró.* Isso significa em italiano, pelo que eu posso alcançar: *Eu a reverterei.*

Como! dizia eu comigo, ele me reverterá! Que entende ele por reverter-me? Quer dizer que me devolverá à minha pátria!

— Ah! padre Fa Tutto — disse-lhe eu —, reverta então o jovem Amabed, meu terno esposo; devolva a minha alma, devolva a minha vida.

Então ele baixou os olhos; falou em segredo aos quatro fantasmas, a um canto da peça. Partiram com os dois alabardeiros. Todos fizeram uma profunda reverência ao quadro que representa um homem nu; e o padre Fa Tutto ficou a sós comigo.

Conduziu-me a um quarto bastante limpo e prometeu-me que, se eu quisesse abandonar-me a seus conselhos, não mais seria encerrada em uma fossa.

— Estou tão desesperado como a senhora — me disse ele — com tudo o que aconteceu. Opus-me o quanto pude; mas as nossas santas leis me ataram as mãos; afinal, graças ao céu e a mim, a senhora está livre, em um bom quarto, de onde não pode sair. Virei vê-la seguidamente, tratarei de a consolar, trabalharei por sua felicidade presente e futura.

— Ah! — respondi-lhe — não há senão o meu querido Amabed que a possa fazer, essa felicidade, e acha-se em uma fossa! Por que me puseram lá? Quem são esses espectros que me perguntaram se eu tinha sido banhada? Aonde me conduziu o senhor? Não me terá enganado? Será o causador destas horríveis crueldades? Mande chamar o negociante Coursom, que é de meu país e homem de bem. Devolvam-me a minha aia, a minha companheira, a minha amiga Dera, de quem me separaram. Estará ela também num calabouço por haver sido banhada? Que venha; que eu torne a ver Amabed, ou que morra!

Respondeu às minhas palavras, e aos soluços que as entrecortavam, com protestos de dedicação e zelo, que bastante me comoveram. Prometeu-me que me esclareceria as causas de toda esta espantosa aventura, e que faria que me devolvessem a minha pobre Dera, enquanto trataria de libertar a meu marido. Ele me lamentou; notei até que tinha os olhos um tanto úmidos. Enfim quando bateu um sino, retirou-se do meu quarto e, tomando a minha mão, colocou-a sobre o seu peito. É o sinal visível, como bem sabes, da sinceridade, que é invisível. Já que ele pôs a minha mão sobre o seu peito, não me enganará. E por que me há de

enganar? Que lhe fiz eu, para que me persiga? Nós o tratamos tão bem em Benarés, o meu marido e eu! Dei-lhe tantos presentes, quando me ensinava italiano! E ele, que fez versos em italiano para mim, não me poderá odiar. Hei de considerá-lo como meu benfeitor, se ele me devolver meu infeliz esposo, se pudermos ambos sair desta terra invadida e habitada por antropófagos, se pudermos ir abraçar teus joelhos em Madura e receber a tua santa bênção.

Terceira carta

de Adate a Xastasid

Sem dúvida permites, generoso Xastasid, que eu te envie o diário de meus inauditos infortúnios; tu amas Amabed, tens piedade de minhas lágrimas, lês com interesse num coração ferido de todos os lados, que te expõe as suas inconsoláveis aflições.

Devolveram-me a minha amiga Dera, e eu choro com ela. Os monstros a tinham posto numa fossa, como a mim. Não temos notícia alguma de Amabed. Estamos na mesma casa, e há entre nós um espaço infinito, um caos impenetrável. Mas aqui estão coisas que hão de arrepiar tua virtude e dilacerar tua alma justa.

Minha pobre Dera soube, por um desses dois satélites que marcham sempre à frente dos cinco antropófagos, que esta nação tem um batismo, como nós. Ignoro como puderam chegar até eles os nossos ritos sagrados. Pretenderam que havíamos sido batizados segundo os ritos de sua seita. São tão ignorantes que não sabem que adotaram de nós o batismo, há muito poucos séculos. Imaginaram esses bárbaros que éramos da sua seita e havíamos renunciado ao seu culto. Eis o que queria dizer essa palavra *apóstata,* que os antropófagos faziam reboar a meus ouvidos com tamanha ferocidade. Dizem que é um crime horrível e digno dos maiores suplícios pertencer a outra religião que não a sua. Quando o padre Fa Tutto lhes dizia: *Io la converteró,* eu a reverterei, entendia que me faria reverter à religião dos bandidos. Não compreendo nada; meu espírito acha-se coberto de uma nuvem, como os meus olhos. Talvez o desespero me perturbe o

entendimento; mas não posso compreender como é que esse Fa Tutto, que me conhece tão bem, pôde dizer que me traria de volta a uma religião que eu jamais conheci; e que é tão ignorada em nossos climas como o eram os portugueses quando chegaram pela primeira vez à Índia para procurar pimenta de armas em punho. Perdemo-nos em nossas conjeturas, a boa Dera e eu. Ela suspeita o padre Fa Tutto de alguns secretos desígnios; mas livre-me Birma de formar um juízo temerário!

Quis escrever ao grande bandido Albuquerque para implorar sua justiça, e para lhe pedir a liberdade de meu caro esposo. Mas disseram-me que havia partido para atacar e pilhar Bombaim. Como! vir de tão longe no intento de assolar nossas habitações e matar-nos! e no entanto esses monstros são batizados como nós! Dizem todavia que esse Albuquerque fez algumas belas ações. Enfim, só tenho esperança no Ser dos seres, que deve punir o crime e proteger a inocência. Mas vi esta manhã um tigre devorar dois cordeiros. Muito receio não ser bastante preciosa perante o Ser dos seres para que ele se digne socorrer-me.

Quarta carta

de Adate a Xastasid

Acaba de sair de meu quarto esse padre Fa Tutto: que entrevista! que complicações de perfídias, de paixões e de torpezas! O coração humano é então capaz de reunir tantas atrocidades? Como as descrever a um justo?

Ele tremia quando entrou. Seus olhos estavam baixos; eu tremi mais do que ele. Logo se acalmou.

— Não sei — disse-me — se poderei salvar teu marido. Os juízes daqui às vezes mostram compaixão para com as mulheres moças, mas são muito severos com os homens.

— Como! A vida de meu esposo não está em segurança?

E tombei desfalecida. Ele procurou águas espirituosas para me reanimar; não as havia. Mandou minha aia Dera comprá-las na casa de um baniano, no outro extremo da rua. Enquanto isto, desenlaçou-me o corpete, para dar passagem aos vapores que me sufocavam. Fiquei atônita, quando

recuperei os sentidos, ao notar suas mãos sobre o meu seio e sua boca sobre a minha. Lancei um grito terrível e recuei de horror. Ele disse:

— Estava tomando umas precauções que a simples caridade indicava. Era preciso que o teu peito ficasse desafogado e eu verificava a tua respiração.

— Ah! tome as precauções necessárias para que meu marido respire. Ainda está naquela fossa horrível?

— Não. Consegui, com muita dificuldade, fazer que o transferissem para um calabouço mais cômodo.

— Mas, ainda uma vez, qual é o crime dele, qual é o meu? De que provém essa terrível desumanidade? Por que violar conosco os direitos da hospitalidade, o das gentes, o da natureza?

— A nossa santa religião é que nos exige essas pequenas severidades. Pesa sobre ti e teu marido a acusação de haverem renegado ambos o batismo.

— Que quer dizer?! — exclamei então. — Jamais fomos batizados à vossa moda; fomos batizados no Ganges, em nome de Brama. Foi o senhor quem impingiu essa execrável impostura aos espectros que me interrogaram? Qual seria o seu desígnio?

Ele refugou tal idéia. Falou-me de virtude, de verdade, de caridade; quase dissipou por um momento as minhas suspeitas, assegurando-me que aqueles espectros são pessoas de bem, homens de Deus, juízes da alma, que têm por toda parte santos espiões, e principalmente junto aos estrangeiros que aportam a Goa. Esses espiões, disse ele, juraram a seus confrades, juízes da alma, diante do quadro do homem nu, que Amabed e eu fomos batizados à moda dos salteadores portugueses, e que Amabed é *apóstato* e eu sou *apóstata.*

Ó virtuoso Xastasid, o que eu ouço, o que eu vejo, de momento para momento me enche de terror, desde a raiz dos cabelos até a unha do dedo mínimo do pé!

— Como! Então o senhor é — disse eu ao padre Fa Tutto — um dos cinco homens de Deus, um dos juízes da alma?

— Sim, minha cara Adate, sim, Encanto dos Olhos, eu sou um dos cinco dominicanos delegados pelo vice-Deus do universo para dispor soberanamente das almas e dos corpos.

— Que é um dominicano? Que é um vice-Deus?

— Um dominicano é um sacerdote, filho de S. Domingos, inquisidor da fé. E um vice-Deus é um sacerdote que Deus escolheu para representá-lo, para dispor de dez milhões de rúpias por ano, e para enviar a toda a Terra dominicanos vigários do vigário de Deus.

Espero, grande Xastasid, que me expliques essa algaravia infernal, essa incompreensível mistura de absurdos e de horrores, de hipocrisia e de barbárie.

Fa Tutto disse-me tudo aquilo com tal ar de compunção, tal acento de verdade, que, em qualquer outra época, poderia produzir algum efeito em minha alma simples e ignorante. Ora erguia os olhos ao céu, ora os pousava em mim. Estavam animados e cheios de enternecimento. Mas esse enternecimento lançava em todo o meu corpo um frêmito de horror e medo. Amabed está continuamente em minha boca como em meu coração. "Devolvam-me o meu querido Amabed" era o começo, o meio, o fim de tudo quanto eu dizia.

Neste momento chega a minha boa Dera; traz-me águas de *cinnamum* e de *amomum.* Essa encantadora criatura achou meios de entregar ao comerciante Coursom as minhas três cartas precedentes. Coursom parte esta noite; dentro em pouco estará em Madura. Serei pranteada pelo grande Xastasid; ele derramará lágrimas sobre a sorte de meu marido, me dará conselhos, um raio da sua sabedoria penetrará na noite de meu túmulo.

Resposta

do brâmane Xastasid às quatro cartas precedentes de Adate

Virtuosa e infortunada Adate, esposa de meu caro discípulo Amabed, Encanto dos Olhos, os meus lançaram rios de lágrimas sobre as tuas quatro cartas. Que demônio inimigo da natureza desencadeou do fundo das trevas da Europa os monstros a cuja mercê se acha a Índia? Como! terna esposa de meu caro discípulo, não vês que o padre Fa Tutto é um celerado que te fez cair numa armadilha? Não vês que não foi senão ele quem mandou encerrar teu marido numa fossa, e a ti fez o mesmo, para que lhe devesses

a obrigação de te retirar dali? O que não irá exigir do teu reconhecimento! Tremo contigo: acabo de denunciar essa violação do direito das gentes a todos os pontífices de Brama, a todos os omras, a todos os raias, aos nababos, e até mesmo ao grande imperador das Índias, o sublime Babar, rei dos reis, primo do Sol e da Lua, filho de Mirsamacamed, filho de Semcor, filho de Abucaid, filho de Miraca, filho de Timur, a fim de que se oponham de todos os lados aos abusos dos ladrões da Europa. Que abismos de banditismo! Jamais os sacerdotes de Timur, de Gengiscã, de Alexandre, de Oguskan, de Sesac, de Baco, que vieram sucessivamente subjugar as nossas santas e pacificas regiões, permitiram esses hipócritas horrores; pelo contrário, Alexandre deixou por toda parte eternas marcas da sua generosidade. Baco só fez o bem: era o favorito do céu; uma coluna de fogo conduzia o seu exército durante a noite, e uma nuvem lhe marchava à frente durante o dia;[78] atravessava o mar Vermelho a pé enxuto; quando lhe convinha, ordenava ao Sol e à Lua que parassem; dois feixes de raios divinos lhe saíam da fronte; o anjo exterminador estava de pé a seu lado; mas ele empregava sempre o anjo da alegria. Quanto a Albuquerque, pelo contrário, só veio com monges, comerciantes velhacos e com assassinos. Coursom, o justo, confirmou-me a infelicidade de Amabed e a tua. Possa eu, antes de minha morte, salvar a ambos, ou vingar-vos! Possa o eterno Birma arrebatar-vos nas mãos do monge Fa Tutto! O meu coração sangra com os ferimentos do teu

N.B. *Esta carta só chegou a Encanto dos Olhos muito tempo depois, quando ela partiu da cidade de Goa.*

Quinta carta

de Adate ao grande brâmane Xastasid

De que termos ousarei servir-me para exprirnir a minha nova desgraça! Como poderá o pudor falar da vergonha? Birma viu o Crime, e o sofreu! Que será de mim? A fossa onde eu estava enterrada é menos horrível que a minha situação.

O padre Fa Tutto entrou esta manhã no meu quarto, todo perfumado, e coberto de uma simarra de seda leve. Eu estava no leito. “Vitória! — exclamou ele. — Foi assinada a ordem de libertação de teu marido.”

A tais palavras, os transportes da alegria se apoderaram de todos os meus sentidos; chamei-o *meu protetor, meu pai*. Ele inclinou-se sobre mim, abraçou-me. Julguei a princípio que se tratava de uma carícia inocente, um testemunho casto da sua bondade para comigo; mas, no mesmo instante, afastando-me as cobertas, despindo a simarra, lançando-se sobre mim como uma ave de rapina sobre uma pomba, apertando-me com o peso de seu corpo, tirando com seus braços nervosos todo movimento a meus frágeis braços, afogando no meu lábio a voz queixosa com criminosos beijos, inflamado, invencível, inexorável... Que momento! E por que foi que eu não morri?

Dera, quase nua, veio em meu socorro, mas quando só um raio me poderia socorrer. Ó providência de Birma! o raio não tombou, e o detestável Fa Tutto fez chover em meu seio o ardente orvalho de seu crime. Não, nem a própria Druga, com os seus dez braços celestes, poderia afastar aquele indomável Mosasor.[79]

A minha querida Dera puxava-o com todas as suas forças, mas imagina tu um passarinho que bicasse a ponta das penas de um abutre encarniçado sobre uma rola: é a imagem do padre Fa Tutto, de Dera e da pobre Adate.

Para se vingar das importunações de Dera, ele agarra-a, derruba-a com uma das mãos, retendo-me com a outra; trata-a da mesma forma como a mim me tratou, sem misericórdia; em seguida sai altivamente, como um senhor que acaba de castigar a duas escravas, e nos diz: “Fiquem sabendo que eu punirei assim as duas, quando se mostrarem teimosas”.

Ficamos, Dera e eu, um quarto de hora sem que ousássemos dizer uma palavra, sem coragem de olhar uma para a outra. Afinal Dera exclamou: “Ah! minha querida ama, que homem! Todos os da sua espécie serão tão cruéis como ele?”.

Quanto a mim, só pensava no infeliz Amabed. Prometeram-me devolvê-lo, e não mo devolvem. Matar-me seria abandoná-lo; por isso não me matei.

Há já um dia que eu não me alimentava senão de minha dor. Não nos trouxeram comida na hora do costume. Dera se espantava e queixava-se. Parecia-me vergonhoso comer depois do que nos acontecera. No entanto,

estávamos com um apetite devorador. Nada vinha e, depois de desfalecer de dor, desmaiávamos de fome.

Enfim, à noite, serviram-nos uma torta de pombos, um frango e duas perdizes, com um único pãozinho; e, para cúmulo do ultraje, uma garrafa de vinho sem água. Era a peça mais cruel que podiam pregar a duas mulheres como nós, depois de tudo o que já tínhamos sofrido; mas, que fazer? Pus-me de joelhos: "Ó Birma! ó Vishnu?! ó Brama! sabeis que a alma não é maculada pelo que entra no corpo. Se me destes uma alma, perdoai-lhe a necessidade funesta em que se acha meu corpo de não poder restringir-se aos legumes; sei que é um pecado horrível comer frango, mas a isso somos forçadas. Possam tantos crimes retombar sobre a cabeça do padre Fa Tutto! Que ele seja, após a morte, transformado em uma jovem e infeliz indiana; que eu seja transformada em dominicano: que eu lhe devolva todos os males que me fez, e que eu seja ainda mais impiedosa com ele do que ele o foi comigo". Não fiques escandalizado, perdoa, virtuoso Xastasid. Sentamo-nos à mesa. Como é duro ter prazeres que nos censuramos.

P. S. Imediatamente após o jantar, escrevi ao magistrado de Goa a que chamam *o corregedor*. Peço-lhe a liberdade de Amabed e a minha; informo-o de todos os crimes do padre Fa Tutto. Minha querida Dera diz que fará chegar minha carta ao seu destino, por intermédio desse aguazil dos inquisidores que às vezes vem visitá-la na minha antecâmara e que lhe tem grande estima. Vejamos em que poderá dar esse arrojado passo.

Sexta carta

de Adate

Crerás em mim, sábio instrutor dos homens? Há justos em Goa! E dom Jerônimo, o corregedor, é um deles. Sentiu-se tocado com a minha desgraça e a de Amabed. A injustiça o revolta, o crime o indigna. Transportou-se com oficiais de justiça à prisão que nos encerra. Acabo de saber que chamam a este covil o *palácio do Santo Ofício*. Mas, o que te

espantará, negaram entrada ao corregedor. Os cinco espectros, seguidos de seus alabardeiros, apresentaram-se à porta, e disseram à justiça:

— Em nome de Deus, não entrarás.

— Entrarei em nome do rei — disse o corregedor —, é um caso real.

— É um caso sagrado — responderam os espectros.

Dom Jerônimo, o justo, disse então:

— Devo interrogar Amabed, Adate, Dera e o padre Fa Tutto.

— Interrogar um inquisidor, um dominicano! — exclamou o chefe dos espectros. — É um sacrilégio: *scommunicao, scommunicao.*

Dizem que são palavras terríveis, e que um homem sobre quem as pronunciaram morre ordinariamente ao cabo de três dias.

As partes se acaloraram e estavam prestes a chegar às vias de fato, quando afinal resolveram recorrer ao bispo de Goa. Um bispo é mais ou menos entre estes bárbaros o que tu és entre os filhos de Brama; é um intendente de sua religião; veste-se de roxo e usa nas mãos sapatos roxos. Traz à cabeça, nos dias de cerimônia, um pão-de-açúcar dividido em dois. Esse homem decidiu que nenhuma das duas partes estava com a razão, e que só ao seu vice-Deus competia julgar o padre Fa Tutto. Ficou combinado que o enviariam a Sua Divindade, comigo e Amabed, e a minha fiel Dera.

Não sei onde mora esse vice, se na vizinhança do Grão Lama ou na Pérsia, mas não importa. Tornarei a ver Amabed; iria com ele ao fim do mundo, ao céu, ao inferno. Esqueço neste momento a minha fossa, a minha prisão, as violências de Fa Tutto, suas perdizes, que tive a covardia de comer, e seu vinho, que tive a fraqueza de beber.

Sétima carta

de Adate

Tornei a vê-lo, o meu terno esposo; reuniram-nos, tive-o em meus braços. Ele apagou a mancha do crime com que esse abominável Fa Tutto me maculara; semelhante à água santa do Ganges, que lava todas as máculas das almas, ele me deu uma nova vida. Só essa pobre Dera é que

ainda permanece profanada; mas as tuas preces e as tuas bênçãos recolocarão a inocência dela em todo o seu esplendor.

Fazem-nos partir, amanhã, em um navio que veleja para Lisboa. E a pátria do altivo Albuquerque. É lá sem dúvida que habita esse vice-Deus que deve decidir entre Fa Tutto e nós. Se é vice-Deus, como todos aqui asseguram, é certo que causará a perdição de Fa Tutto. É um pequeno consolo, mas eu procuro menos a punição desse terrível culpado que a felicidade do terno Amabed.

Qual o destino dos fracos mortais, dessas folhas que o vento arrebata! Nascemos, Amabed e eu, às margens do Ganges; levam-nos a Portugal; vão julgar-nos em um mundo desconhecido, a nós que nascemos livres! Tornaremos a ver a nossa pátria um dia? Poderemos cumprir a peregrinação que projetávamos, até a tua sagrada pessoa?

Como poderemos, eu e minha querida Dera, ficar encerradas no mesmo navio com o padre Fa Tutto? Esta idéia me faz tremer. Felizmente terei o meu bravo esposo para defender-me. Mas que será de Dera, que não tem marido? Enfim, recomendamo-nos à Providência.

Daqui por diante, vai ser o meu querido Amabed quem te escreverá; fará o diário de nossos destinos e te pintará as novas terras e novos céus que vamos ver. Possa Brama conservar por muito tempo a tua cabeça calva e o entendimento divino que colocou no miolo de teu cérebro!

Primeira carta

de Amabed a Xastasid, após o seu cativeiro

Estou pois ainda no número dos vivos! Portanto, quem te escreve sou eu próprio, divino Xastasid! Eu soube de tudo, e tu sabes de tudo. Encanto dos Olhos não teve culpa; não pode tê-la. A virtude está no coração, e não alhures. Esse rinoceronte do Fa Tutto, que cosera à sua pele a da raposa, sustenta ousadamente que nos havia batizado, a Adate e a mim, em Benarés, à moda da Europa; que eu sou *apóstato* e que Encanto dos Olhos é *apóstata.* Jura, pelo homem nu que está aqui pintado em quase todas as paredes, que é injustamente acusado de ter violado a minha querida esposa

e a jovem Dera. Encanto dos Olhos, por sua vez, e a suave Dera juram que foram violadas. Os espíritos europeus não podem varar essa densa nuvem; dizem todos que só o seu vice-Deus é que pode discernir nisso tudo alguma coisa, visto que é infalível.

Dom Jerônimo, o corregedor, faz-nos embarcar a todos amanhã, para comparecermos perante essa criatura extraordinária que jamais se engana. Esse grande juiz dos bárbaros não tem assento em Lisboa, mas muito mais longe, em uma cidade magnífica chamada Roma, nome este completamente desconhecido entre os indianos. Terrível viagem essa! A que não estão expostos os filhos de Brama nesta curta vida!

Temos, como companheiros de viagem, comerciantes europeus, cantoras, dois velhos oficiais das tropas do rei de Portugal, que ganharam muito dinheiro em nosso país, sacerdotes do vice-Deus, e alguns soldados.

É uma grande felicidade termos aprendido italiano, que é a língua corrente de todos eles; pois como poderíamos entender o jargão português? Mas o horrível é estar no mesmo barco com um Fa Tutto. Fazem-nos dormir a bordo, para zarpar amanhã, de madrugada. Minha mulher, eu e Dera teremos um pequeno quarto de seis pés de comprimento por quatro de largura. Dizem que é um grande favor. É preciso fazer provisões de todo gênero. E há um barulho, uma algazarra inexprimível. A multidão precipita-se. Encanto dos Olhos chora. Dera treme. É preciso coragem. Adeus; dirige por nós as tuas santas preces ao Eterno que criou os infelizes mortais há justamente cento e quinze mil seiscentos e cinqüenta e duas revoluções anuais do Sol em torno da Terra, ou da Terra em torno do Sol.

Segunda carta

de Amabed, em viagem

Após um dia de viagem, estávamos à vista de Bombaim, da qual se apoderou o exterminador Albuquerque, a quem chamam aqui *o grande.* Logo em seguida se ouviu um ruído infernal: o nosso navio disparou nove tiros de canhão; responderam com outros tantos da fortaleza da cidade.

Encanto dos Olhos e a jovem Dera julgaram que era chegado o seu último dia. Estávamos cobertos de um fumo espesso. Pois acreditas, sábio Xastasid, que isso tudo são delicadezas? É o modo como esses bárbaros se saúdam. Uma chalupa trouxe cartas para Portugal; velejamos para o alto-mar, deixando à direita o grande rio Zombudipo, a que os bárbaros chamam Indo.

Não vemos nada mais que os ares, chamados de *céu* por estes bandidos tão pouco dignos do céu, e este grande mar que a cobiça e a crueldade os fez atravessar.

Contudo, o capitão parece às direitas e sensato. Não permite que o padre Fa Tutto esteja no tombadilho quando ali tomamos a fresca; e, quando ele está em cima, nós nos conservamos embaixo. Somos como o dia e a noite, que nunca aparecem juntos no mesmo horizonte. Não cesso de refletir sobre o destino, que zomba dos infelizes mortais. Vogamos sobre o mar das Índias com um dominicano, para sermos julgados em Roma, a seis mil léguas de nossa pátria.

Há a bordo um personagem considerável a que chamam *esmoler*. Não quer dizer que ele distribua esmola; pelo contrário, dão-lhe dinheiro para rezar em uma língua que não é nem a portuguesa nem a italiana, e que ninguém da equipagem entende; talvez nem ele próprio a entenda: pois está sempre a discutir sobre o sentido das palavras com o padre Fa Tutto. Disse-me o capitão que esse esmoler é franciscano e que, sendo o outro dominicano, vêem-se obrigados em consciência a nunca estar de acordo. As suas seitas são inimigas declaradas uma da outra; assim, vestem-se eles diversamente, para marcar a sua diversidade de opiniões.

Esse franciscano chama-se Fa Molto. Empresta-me livros italianos referentes à religião do vice-Deus perante o qual compareceremos. Lemos esses livros, a minha querida Adate e eu. Dera assiste à leitura. A princípio ela sentiu repugnância, temendo desagradar a Brama; mas, quanto mais lemos, mais fortalecidos ficamos no amor dos santos dogmas que tu ensinas aos fiéis.

Terceira carta

do diário de Amabed

Lemos com o esmoler as epístolas de um dos grandes santos da religião italiana e portuguesa. Seu nome é Paulo. Tu que possuis a ciência universal conheces Paulo, sem dúvida. É um grande homem: foi jogado fora do cavalo por uma voz, e cegado por um raio; gaba-se de ter estado, como eu, na prisão; acrescenta que recebeu, por cinco vezes, trinta e nove vergastadas, o que soma cento e noventa e cinco vergões nas nádegas; depois, por três vezes, bastonadas, sem especificar o número; depois diz que foi lapidado uma vez, o que é estranho, pois disso a gente não se refaz; jura, depois, que esteve um dia e uma noite no fundo do mar. Lamento-o muito; mas, em compensação foi arrebatado ao terceiro céu. Confesso-te, iluminado Xastasid, que desejaria fazer o mesmo, ainda que devesse comprar essa glória por noventa e cinco vergastadas bem aplicadas no traseiro:

É belo que um mortal se eleve ao Céu;
É belo até cair de lá,

como diz um dos nossos mais estimáveis poetas hindus, que é algumas vezes sublime.

Vejo finalmente que, exatamente como eu, Paulo foi conduzido a Roma, para ser julgado. Como, meu caro Xastasid! Então Roma tem julgado a totalidade dos mortais, em todos os tempos? Nesta cidade deve haver com certeza algo superior ao resto da Terra, todas as pessoas que estão a bordo só juram por essa Roma. Tudo o que se fazia em Goa era em nome de Roma.

Digo-te mais. O Deus do nosso esmoler Fa Molto, que é o mesmo que o de Fa Tutto, nasceu e morreu em um país dependente de Roma, e pagou tributo ao samorim que reinava nessa cidade. Não achas tudo isso surpreendente? Quanto a mim, parece-me que sonho, e que todos os que me cercam também estão sonhando.

O nosso esmoler Fa Molto leu-nos coisas ainda mais maravilhosas. Ora é um burro que fala, ora um dos seus santos que passa três dias e três noites no ventre de uma baleia e que dali sai de muito mau humor. Aqui é um pregador que foi pregar no céu, sobre um carro de fogo puxado por quatro cavalos de fogo. Acolá é um doutor que atravessa o mar a seco, seguido de dois ou três milhões de homens que fogem a seco. Outro doutor faz parar o Sol e a Lua; mas isto não me surpreende: tu me ensinaste que Baco havia feito o mesmo.

O que mais me penaliza, a mim que faço questão de asseio e de pudor, é que o Deus dessa gente ordena a um de seus pregadores que coma certa matéria com o seu pão,[80] e a um outro que durma por dinheiro com mulheres alegres e lhes faça filhos.[81]

Ainda há pior. O erudito homem nos deu a conhecer as duas irmãs Oola e Ooliba.[82] Tu bem as conheces, pois tudo leste. Esse trecho muito escandalizou a minha mulher, que enrubesceu até o branco dos olhos. Notei que a boa Dera ficava toda vermelha. Esse franciscano deve ser um pândego. Mas fechou o livro logo que viu como Encanto dos Olhos e eu estávamos alarmados, e retirou-se para ir meditar sobre o texto.

Deixou-me com o seu livro sagrado. Li algumas páginas ao acaso. Ó Brama! Ó justiça eterna! Que gente aquela! Deitam todos com as criadas, na velhice. Um faz coisas à sua sogra, outro à sua nora. Aqui é uma cidade inteira que quer absolutamente tratar um pobre sacerdote como a uma linda rapariga.[83] Acolá, duas senhoritas de condição embriagam o pai, deitam com ele uma após outra, e ambas engravidam.[84]

Mas o que mais me espantou, o que mais me horrorizou, é que os habitantes de uma cidade magnífica, a que Deus enviara duas criaturas eternas que estão sempre ao pé de seu trono, dois espíritos puros resplandecentes de luz divina... minha pena estremece como minh'alma... ousarei dizê-lo? sim, esses habitantes fizeram o possível para violar aqueles mensageiros de Deus.[85] Que pecado abominável com homens! Mas com anjos, será mesmo possível? Caro Xastasid, abençoemos Birma, Vishnu e Brama. Agradeçamo-lhes não termos jamais conhecido essas inconcebíveis torpezas. Dizem que o conquistador Alexandre pretendeu outrora introduzir entre nós esse costume supersticioso; que conspurcava, publicamente, o seu *mignon* Efestião. O Céu o puniu. Efestião e ele morreram na flor da idade. Saúde-te, senhor de minha alma, espírito de meu espírito. Adate, a triste Adate recomenda-me às tuas preces.

Quarta carta

de Amabed a Xastasid

Do cabo a que chamam da Boa Esperança, a 15 do mês do rinoceronte.

Há muito que não estendo minhas folhas de algodão sobre uma prancha, nem mergulho o pincel na laca negra líquida, para te fazer um fiel relato de nossa vida. Deixamos atrás o golfo de Bab-el-Mandeb, que entra no famoso mar Vermelho, cujas ondas outrora se apartavam, acumulando-se como montanhas, para que passasse Baco com o seu exército. Lamentava que não houvéssemos aportado às costas da Arábia Feliz, esse país quase tão belo como o nosso e no qual Alexandre queria estabelecer a sede do seu Império e o entreposto comercial do mundo. Desejaria ver esse Áden ou Éden, cujos jardins sagrados foram tão famosos na Antiguidade; essa Moca famosa pelo seu café, que até hoje só ali é produzido; Meca, onde o grande profeta dos muçulmanos estabeleceu a sede do seu Império, e onde tantos povos da Ásia, da África e da Europa vêm todos os anos beijar uma pedra negra caída do céu, que não manda todos os dias essas pedras aos mortais; mas não nos é permitido satisfazer a curiosidade. Navegamos sempre e sempre para ir a Lisboa, e dali a Roma.

Já passamos a linha equinocial; desembarcamos no reino de Melinde, onde os portugueses têm um porto considerável. Nossa equipagem ali embarcou marfim, âmbar cinzento, cobre, prata e ouro. Eis-nos chegados ao grande cabo: é a terra dos hotentotes. Essa gente não parece descender dos filhos de Brama. Ali a natureza deu às mulheres um avental formado pela sua pele; esse avental cobre o seu tesouro, de que os hotentotes são idólatras e para o qual fazem madrigais e canções. Andam completamente nus. Essa moda é muito natural; mas não me parece nem correta nem hábil. Um hotentote é muito infeliz; nada mais tem de desejar, depois que viu a sua hotentote por diante e por trás. Falta-lhe o encanto dos obstáculos. Não há mais nada de picante para ele. Os vestidos de nossas indianas, inventados para serem erguidos, denotam um gênio bastante superior. Estou persuadido de que o sábio hindu, a quem devemos o jogo do xadrez e o do trique-traque, inventou também a indumentária das damas, para felicidade nossa.

Ficaremos dois dias neste cabo, que é o marco do mundo e que parece separar o Oriente do Ocidente. Quanto mais reflito sobre a cor destes povos, sobre o murmurejo de que se servem para se fazerem entender, em

vez de uma linguagem articulada, sobre o seu aspecto, sobre o avental de suas damas, mais me convenço de que tal raça não pode ter a mesma origem que a nossa.

Nosso esmoler insiste que os hotentotes, os negros e os portugueses descendem do mesmo pai. Essa idéia é ridícula. Seria o mesmo que dizer que as galinhas, as árvores e a relva deste país provêm das galinhas, das árvores e da relva de Benarés ou de Pequim.

Quinta carta

de Amabed

16 à noite, no cabo chamado da Boa Esperança.

Mais outra aventura. O capitão passeava com Encanto dos Olhos e comigo por uma vasta rocha ao pé da qual vem quebrar o mar as suas vagas. O esmoler Fa Molto levou jeitosamente a nossa jovem Dera a uma pequena casa recém-construída a que chamam *estalagem.* A pobre moça não via nenhum mal naquilo, e julgava que nada havia a temer, visto que o referido esmoler não é dominicano. Pouco depois ouvimos gritos. Pois acreditas que o padre Fa Tutto ficou todo enciumado com isso? Entrou como uma fúria na estalagem. Havia lá dois marinheiros, que também se enciumaram. Terrível paixão, o ciúme. Os dois marinheiros e os dois padres haviam bebido muito desse licor que dizem inventado pelo seu Noé e cuja autoria atribuímos a Baco: funesto presente, que poderia ser útil, se não nos fosse tão fácil abusar dele. Dizem os europeus que essa beberagem lhes dá espírito. Como pode ser isso, se lhes tira a razão?

Os dois homens do mar e os dois bonzos da Europa esmurraram-se valentemente, batendo um marinheiro em Fa Tutto, este no esmoler, este último no segundo marinheiro, que devolvia o que recebia; todos os quatro

mudavam de mão a cada momento, dois contra dois, três contra um, todos contra todos, e cada qual a praguejar, cada qual a puxar para si a nossa desgraçada, que lançava gritos lancinantes. Ao ruído, acorreu o capitão; esbordoou indiferentemente os quatro adversários; e, para pôr Dera em segurança, levou-a para os seus aposentos, onde ficaram ambos encerrados durante duas horas inteiras. Os oficiais e os passageiros, que são muito polidos, reuniram-se todos em redor de nós, e nos garantiram que os dois monges (é assim que os chamam) seriam severamente castigados pelo vice-Deus, assim que chegassem a Roma. Essa esperança nos consolou um pouco.

Ao cabo de duas horas, voltou o capitão, trazendo-nos Dera, com muitas atenções e cumprimentos, de que minha querida mulher se mostrou muito satisfeita. Ó Brama, que estranhas coisas sucedem em viagem, e que sensato é nunca sair de casa!

Sexta carta

de Amabed, em viagem

Não te escrevi desde a aventura da nossa pequena Dera. O capitão, durante a travessia, sempre lhe demonstrou a mais atenta solicitude. Eu tinha medo de que ele também se desfizesse em atenções com minha mulher; mas esta fingiu estar grávida de quatro meses. Os portugueses consideram as mulheres grávidas como pessoas sagradas, a quem não é permitido importunar. É ao menos um bom costume, que põe em segurança a honra de Adate. O dominicano recebeu ordem de não se apresentar jamais diante de nós, e obedeceu.

O franciscano, alguns dias após a cena da estalagem, veio pedir-nos perdão. Chamei-o à parte. Perguntei-lhe como era que, tendo feito voto de castidade, se havia emancipado daquela maneira. Respondeu-me:

— É verdade que fiz tal voto; mas, se tivesse prometido que meu sangue não correria nas veias e que minhas unhas e cabelos não cresceriam, seria o primeiro a confessar que me era impossível cumprir tal promessa. Em vez de nos fazerem jurar que seremos castos, seria preciso

forçar-nos a sê-lo e tornar eunucos a todos os monges. Quando um pássaro tem penas, voa. O único meio de impedir que um cervo corra é cortar-lhe as pernas. Não tenhas dúvida de que os padres vigorosos como eu, e que não dispõem de mulheres, abandonam-se, mau grado seu, a excessos que fazem corar a natureza, após o que vão celebrar os santos mistérios.

Muito aprendi na conversação com esse homem. Instruiu-me de todos esses mistérios da sua religião, que me espantaram imenso.

— O reverendo padre Fa Tutto — disse-me ele — é um velhaco que não acredita em uma palavra de tudo o que ensina; quanto a mim, tenho fortes dúvidas, mas afasto-as, ponho uma venda nos olhos, repilo os meus pensamentos, e marcho como posso no caminho que sigo. Todos os monges se acham reduzidos a esta alternativa: ou a incredulidade lhes faz detestar a profissão, ou a estupidez a torna suportável.

Acreditas que, depois de tais confidências, ele ainda me propôs fazer-me cristão?

— Como podes — disse-lhe eu — oferecer-me uma religião de que nem tu mesmo estás persuadido, a mim que fui criado na mais antiga religião do mundo, cujo culto existia, segundo a vossa própria confissão, no mínimo uns cento e quinze mil e trezentos anos antes que houvesse franciscanos no mundo?

— Ah! meu caro indiano, se eu conseguisse fazer-vos cristãos, a ti e a bela Adate, faria rebentar de raiva aquele maroto do dominicano que não acredita na imaculada concepção da Virgem. Faríeis a minha fortuna; eu poderia tornar-me *bispo*:[86] uma boa ação que Deus vos saberia recompensar.

É assim, divino Xastasid, que entre esses bárbaros da Europa se encontram homens que são um misto de erro, fraqueza, avidez e tolice, e outros que são patifes declarados e empedernidos. Contei essa conversa a Encanto dos Olhos, que sorriu de piedade. Quem diria que havia de ser a bordo de um navio, em plena costa da África, que aprenderíamos a conhecer os homens?!

Sétima carta

de Amabed

Que belo clima o destas costas meridionais, mas que tristes nativos! que brutos! Quanto mais faz por nós a natureza, menos fazemos nós por ela. Nenhuma arte é conhecida entre todos esses povos. Um grande problema seu é saber se descendem dos macacos, ou se os macacos é que descendem deles. Disseram nossos sábios que o homem é a imagem de Deus: fresca imagem de Deus, essas cabeças negras e de nariz chato, e com pouquíssima ou nenhuma inteligência! Dia virá, sem dúvida, em que esses animais saberão cultivar devidamente a terra, embelezá-la com casas e jardins, e conhecer a rota dos astros. É preciso de tempo para tudo. Datamos nós outros os nossos conhecimentos de cento e quinze mil seiscentos e cinqüenta e dois anos: na verdade, salvo o respeito que te devo, penso que estamos enganados; na verdade é preciso muito mais tempo para chegar ao ponto a que chegamos. Ponhamos apenas vinte mil anos para inventar uma linguagem tolerável, outro tanto para escrever por meio de um alfabeto, outro tanto para a metalurgia, outro tanto para a charrua e o tear, outro tanto para a navegação; e quantas outras artes ainda não exigem séculos! Os caldeus datam de quatrocentos mil anos, e ainda não é bastante.

Na costa chamada de Angola, o capitão comprou seis negros, pelo preço corrente de seis bois. Essa terra deve ser muito mais povoada que a nossa, visto vender os homens tão barato. Mas, por outro lado, como é que tão abundante população se coaduna com tamanha ignorância?

O capitão traz alguns músicos a bordo: mandou-os que tocassem, e eis que aqueles pobres negros começaram a dançar com uma justeza quase igual à dos nossos elefantes. Será possível que, amando assim a música, não tenham sabido inventar a rabeca, ou ao menos a gaita? Hás de dizer-me, grande Xastasid, que nem a habilidade dos próprios elefantes conseguiu chegar a esse resultado, e que cumpre esperarmos. A isto, nada tenho de replicar.

Oitava carta

de Amabed

Logo à entrada do Ano Novo, avistamos Lisboa, à margem do rio Tejo, o qual tem fama de que rola ouro em suas águas. Se assim é, por que é que os portugueses vão procurá-lo tão longe? Toda essa gente da Europa retruca que ouro nunca é demais. Lisboa é, como me havias dito, a capital de um pequenino reino. É a pátria desse Albuquerque que nos fez tanto mal. Confesso que há algo de grande nesses portugueses, que subjugaram parte dos nossos belos domínios. O desejo de conseguir pimenta deve dar mesmo habilidade e coragem.

Encanto dos Olhos e eu esperávamos entrar na cidade; mas não o permitiram, porque dizem que somos prisioneiros do vice-Deus, e que o dominicano Fa Tutto, o franciscano esmoler Fa Molto, Dera, Adate e eu, devemos todos ser julgados em Roma.

Fomos transferidos para um outro navio que parte para a cidade do vice-Deus.

O capitão é um velho espanhol diferente em tudo do português que tão cavalheirescamente nos tratava. Só fala por monossílabos, e ainda assim muito raramente. Traz à cinta uns grãos enfiados, que não cessa de contar: dizem que é isso grande sinal de virtude.

Dera lamenta muito a falta do outro capitão; acha que ele era muito mais polido. Entregaram ao espanhol um grande maço de papéis para instruir nosso processo na corte de Roma. Um escriba do navio os leu em voz alta. Julga ele que o padre Fa Tutto será condenado a remar numa das galeras do vice-Deus e que o esmoler Fa Molto será fustigado de chegada. Toda a equipagem é da mesma opinião; o capitão guardou os papéis sem nada dizer. Partimos. Que Brama tenha piedade de nós e te cumule de seus favores! Brama é justo; mas é uma coisa muito singular, que, tendo eu nascido às margens do Ganges, vá ser julgado em Roma. Assegura-se no entanto que o mesmo aconteceu a mais de um estrangeiro.

Nona carta

de Amabed

Nada de novo; toda a equipagem é silenciosa e sombria como o capitão. Bem conheces o provérbio indiano: *Amarra-se o burro* à *vontade do dono.* Atravessamos um mar que tem apenas nove mil passos de largura entre duas montanhas; entramos em outro mar semeado de ilhas, uma das quais é bastante estranha. Os que a governam são religiosos cristãos, que usam chapéu e vestes curtas e juraram matar todos aqueles que usam barrete e hábito. Devem também fazer orações. Ancoramos numa ilha maior e muito linda, a que chamam *Sicília;* era muito mais bela antigamente; fala-se de cidades adoráveis, de que só existem ruínas. Foi habitada por deuses, deusas, gigantes, heróis; ali se forjava o raio. Uma deusa chamada Ceres a cobriu de ricas messes. O vice-Deus mudou tudo isso; vêem-se agora ali muitas procissões e gatunos.

Décima carta

de Amabed

Eis-nos enfim na terra sagrada do vice-Deus. Lera eu no livro do esmoler que esse país era todo ouro e azul; que as muralhas eram de esmeraldas e rubis; que eram de azeite os arroios, as fontes de leite, e os campos cobertos de vinhas, que produziam cada uma cem toneladas.[87] Talvez encontremos tudo isso quando nos aproximarmos de Roma.

Abordamos com dificuldade, num pequeno porto muito incômodo, chamado *cidade velha.* Tomba em ruínas, e tem um nome bastante apropriado.

Conduziram-nos em carroças puxadas a boi. Esses animais devem vir de longe, pois as terras que margeiam o caminho não são cultivadas; tudo uns pântanos infetos, charnecas, landes estéreis. Vimos pela estrada gente vestida com a metade de um manto, e sem camisa, que nos pedia esmola altivamente. Só se alimentam, dizem-nos, de pãezinhos minúsculos que lhes dão de graça pela manhã e só bebem água benta.

Se não fossem esses bandos de maltrapilhos, que dão cinco ou seis mil passos para obter, com suas lamentações, a trigésima parte de uma rúpia, este cantão seria um medonho deserto. Avisaram-nos até de que a

pessoa que passasse aqui a noite estaria em perigo de morte. Com certeza Deus se acha incomodado com o seu vigário, pois lhe deu um país que é a cloaca da natureza. Acabo de saber que esta região foi outrora muito linda e fértil e que só se tornou tão miserável depois que esses vigários se apoderaram dela.

Escrevo-te, sábio Xastasid, sobre a minha carroça para desenfastiar-me. Adate mostra-se muito espantada. Escrever-te-ei logo que chegar a Roma.

Undécima carta

de Amabed

Eis-nos aqui, nesta cidade de Roma. Chegamos em pleno dia, a 3 do mês da ovelha, que corresponde aqui a 15 de março de 1513. Presenciamos, no princípio, exatamente o contrário do que esperávamos.

Mal chegáramos à porta chamada de S. Pancrácio,[88] vimos dois bandos de espectros, um vestido à maneira do nosso esmoler, o outro à maneira do padre Fa Tutto. Cada bando trazia à frente um estandarte e um grande bastão, no qual estava esculpido um homem nu, na mesma atitude que o de Goa. Marchavam dois a dois e entoavam uma cantoria de fazer bocejar uma província inteira. Quando essa procissão chegou à carroça, um bando gritou: "É São Fa Tutto!". E o outro: "É São Fa Molto!". Beijaram-lhes as batinas. O povo ajoelhou-se.

— Quantos hindus converteu, meu Reverendo Padre?

— Quinze mil e setecentos — dizia um.

— Onze mil e novecentos — dizia o outro.

— Louvada seja a Virgem Maria!

Todo o mundo tinha os olhos pregados em nós, todo o mundo nos cercava.

— São seus catecúmenos, meu Reverendo Padre?

— Sim, nós os batizamos.

— Na verdade são muito bonitos. Glória nas alturas! Glória nas alturas!

O padre Fa Tutto e o padre Fa Molto foram conduzidos, cada um por sua procissão, a uma casa magnífica, e, quanto a nós, rumamos para a hospedaria. O povo nos seguiu, até a porta, gritando *Cazzo, Cazzo,* abençoando-nos, beijando-nos as mãos, louvando a Adate, a Dera e a mim. Infindável era a nossa surpresa.

Mal nos instaláramos, um homem vestido de roxo, acompanhado de dois outros de manto negro, veio apresentar-nos as boas-vindas. A primeira coisa que fez foi oferecer-nos dinheiro, da parte da *Propaganda,* caso tivéssemos necessidade. Respondi-lhe que ainda nos restava dinheiro e muitos diamantes (com efeito, sempre tivera eu o cuidado de ocultar nas ceroulas a minha bolsa e um cofre de brilhantes). Imediatamente o homem quase se prosternou diante de mim, tratando-me por *Excelência.*

— Sua Excelência a *signora* não está muito fatigada da viagem? Não vai repousar? Temo importuná-la, mas estarei sempre às suas ordens. O *signor* Amabed pode dispor de mim; eu lhe enviarei um cicerone que ficará a seu serviço; é só ordenar. Depois de bem descansados, não querem ambos dar-me a honra de tomar uns refrescos em minha casa? Terei a honra de lhes enviar uma carruagem.

Cumpre confessar, meu divino Xastasid, que os chineses não são mais polidos do que este povo ocidental. O referido senhor retirou-se. Dormimos seis horas, a bela Adate e eu. Ao anoitecer, veio a carruagem buscar-nos. Dirigimo-nos à casa daquele homem tão amável. Seu apartamento era iluminado e ornado de quadros muito mais agradáveis que o do homem nu que vimos em Goa. Uma numerosa companhia nos encheu de carinhos; admiraram-nos por sermos hindus, felicitaram-nos pelo nosso batismo, e ofereceram-nos os seus préstimos por todo o tempo em que quiséssemos permanecer em Roma.

Queríamos solicitar a punição do padre Fa Tutto. Não nos deram tempo de falar nisso. Fomos reconduzidos afinal, atônitos, confusos com tal acolhida, e sem compreender coisa alguma.

Décima segunda carta

de Amabed

Recebemos hoje inúmeras visitas, e uma princesa de Piombino mandou-nos dois escudeiros com um convite para irmos jantar com ela. Dirigimo-nos à sua casa em uma equipagem magnífica. Lá se achava o homem de roxo. Soube que era um dos senhores, isto é, um dos servos do vice-Deus, a que chamam prediletos, *prelati*. Ninguém mais amável do que essa princesa de Piombino. Fez-me sentar a seu lado. Muito a surpreendeu a nossa repugnância em comer pombos romanos e perdizes. Disse-nos o *predileto* que, como éramos batizados, tínhamos de comer perdizes e beber vinho de Montepulciano; que todos os vice-Deus assim faziam; que era esse o sinal distintivo de um verdadeiro cristão.

Retrucou a bela Adate, com a sua habitual simplicidade, que não era cristã, que fora batizada no Ganges.

— Ó minha senhora! — exclamou o predileto. — Por amor de Deus! No Ganges, no Tibre, ou numa bacia, isso que importa? A senhora é dos nossos. A senhora foi convertida pelo padre Fa Tutto; é para nós uma honra que não queremos perder. Veja que superioridade tem a nossa religião sobre a dos hindus!

E em seguida encheu os nossos pratos de asas de frango. A princesa bebeu pela nossa saúde e salvação. Instalaram-nos com tanta graça, com tão amáveis expressões, mostraram-se tão polidos, tão alegres, tão sedutores, que afinal, enfeitiçados pelo prazer (peço perdão a Brama), fizemos, Adate e eu, a mais opípara refeição do mundo, com o firme propósito de nos lavarmos no Ganges até as orelhas, ao regressar, para apagar nosso pecado. Não tinham a menor dúvida de que fôssemos cristãos.

— Esse padre Fa Tutto — dizia a princesa — deve ser mesmo um grande missionário. Tenho vontade de tomá-lo para confessor.

Nós corávamos e baixávamos os olhos, minha pobre mulher e eu.

De tempos em tempos, a *signora* Adate dizia que viéramos para ser julgados pelo vice-Deus e que tinha o maior desejo de avistar-se com ele.

— Não temos nenhum por enquanto — explicou-nos a princesa. — Ele morreu. Estão ocupados em fazer um outro: logo que este fique pronto, sereis apresentados a Sua Santidade. Assistireis então à mais augusta festa que os humanos possam ver, e da qual sereis o mais belo ornamento.

Adate respondeu com espírito, e a princesa ficou muito afeiçoada a ela.

No final da refeição tivemos música, que era (se assim ouso dizer) superior à de Benarés e de Madura.

Ao sairmos da mesa, a princesa mandou aprestar quatro carruagens douradas; fez-nos subir na sua. Mostrou-nos belos edifícios, estátuas, pinturas. À noite, dançou-se. Eu comparava secretamente essa encantadora recepção com o calabouço a que fôramos lançados em Goa, e mal conseguia compreender como o mesmo governo e a mesma religião podiam ter tamanha doçura e encanto em Roma, e exercer ao longe tantos horrores.

Décima terceira carta

de Amabed

Enquanto esta cidade se acha surdamente dividida em pequenas facções para eleger um vice-Deus, enquanto estas facções, animadas do mais ferrenho ódio, se tratam todas com uma polidez que se assemelha à afeição, enquanto o povo olha os padres Fa Tutto e Fa Molto como favoritos da Divindade, enquanto nos assediam com uma curiosidade respeitosa, eu faço, meu caro Xastasid, profundas reflexões sobre o governo de Roma.

Comparo-o à ceia que nos ofereceu a princesa de Piombino. A sala era limpa, cômoda, ornamentada; o ouro e a prata fulgiam nos aparadores; a alegria, o espírito e as graças animavam os convivas; mas, na cozinha, escorria o sangue e a graxa; as peles dos quadrúpedes, as penas das aves, as suas entranhas, tudo misturado, revoltavam o estômago e espalhavam a infecção.

Tal é, ao que me parece, a Corte romana. Polida e lisonjeira em sua terra, traiçoeira e despótica nos demais lugares. Quando dizemos que esperamos obter justiça contra Fa Tutto, todos riem com brandura; dizem que estamos muito acima dessas bagatelas; que o governo nos considera muito para permitir que guardemos lembrança de tal *facécia;* que os Fa Tutto e os Fa Molto são espécies de macacos cuidadosamente amestrados para fazer peloticagens diante do povo; e terminam com protestos de

respeito e amizade para conosco. Que partido queres tu que tomemos, grande Xastasid? Creio que o mais sábio é rir com os outros e ser polidos como eles. Vou estudar Roma, que bem vale a pena.

Décima quarta carta

de Amabed

Grande é o intervalo entre minha última carta e a presente. Li, vi, conversei, meditei. Juro-te que jamais houve no mundo maior contradição do que a existente entre o governo romano e a sua religião. Falava eu nisso ontem a um teólogo do vice-Deus. Um teólogo é, nesta Corte, o que são os últimos criados numa casa; encarregam-se do trabalho pesado, fazem os despejos e, se encontram algum trapo que possa servir, guardam-no para o que der e vier.

— O vosso Deus — dizia-lhe eu — nasceu em um estábulo, entre um boi e um burro; foi criado, viveu e morreu na pobreza; ordenou expressamente a pobreza a seus discípulos; declarou-lhes que não haveria entre eles nem primeiro nem último e que aquele que quisesse comandar aos outros os serviria. No entanto, vejo que fazem aqui exatamente o contrário do que quer o vosso Deus. O vosso próprio culto é inteiramente diverso do seu. Obrigais os homens a acreditar em coisas de que ele não disse uma única palavra.

— Tudo isso é verdade — respondeu-me. — O nosso Deus não ordenou formalmente a nossos superiores que enriquecessem à custa dos povos, nem que se apoderassem dos bens alheios; mas ordenou-o virtualmente. Nasceu entre um boi e um burro; mas três reis vieram adorá-lo no seu estábulo. Os bois e os burros figuram os povos a quem doutrinamos; e os três reis figuram os monarcas que estão a nossos pés. Seus discípulos viviam na indigência; portanto, os nossos superiores devem hoje regorgitar de riquezas. Pois, se aqueles primeiros vice-Deus apenas tiveram necessidade de um escudo, os de hoje têm premente necessidade de dez milhões de escudos. Ora, ser pobre é não ter senão o

estritamente necessário. Portanto, os nossos superiores, não dispondo nem mesmo do necessário, seguem a rigor o voto de pobreza.

"Quanto aos dogmas — continuou ele —, o nosso Deus jamais escreveu coisa alguma, e nós sabemos escrever; portanto, a nós compete escrever os dogmas: de modo que os temos fabricado com o tempo, conforme a necessidade. Por exemplo, fizemos do casamento o sinal visível de uma coisa invisível; isso faz que todos os processos suscitados por causa de casamentos venham ter, de todos os recantos da Europa, ao nosso tribunal de Roma, visto que só nós é que podemos ver coisas invisíveis. É uma copiosa fonte de tesouros que vêm despejar-se em nossa sagrada câmara de finanças, para estancar a sede da nossa pobreza."

Perguntei-lhe se a sagrada câmara não dispunha de outros recursos.

— Não descuramos disso — afiançou-me o teólogo. — Tiramos partido dos vivos e dos mortos. Por exemplo, logo que alguém morre, nós enviamos a respectiva alma para uma enfermaria; fazemo-la tomar mezinhas na botica das almas; e o senhor nem imagina quanto nos rende essa botica.

— Como assim, monsenhor? Pois a mim me parece que a bolsa de uma alma se acha ordinariamente muito mal recheada.

— Lá isso é verdade, *signor*; mas as almas possuem parentes que se apressam em retirar seus parentes mortos da enfermaria, acomodando-os em local mais aprazível. É triste para uma alma passar toda uma eternidade a tomar remédios. Entendemo-nos então com os vivos; compram eles a saúde das almas de seus falecidos parentes, uns mais caros, outros mais baratos, conforme as posses. Entregamo-lhes cartões de indulgência para a botica. Asseguro-lhe que é uma das nossas melhores rendas.

— Mas, monsenhor, como podem esses cartões de indulgência chegar até as almas?

Ele pôs-se a rir:

— lsso é com os parentes; e de resto, não lhe disse eu que temos um poder incontestável sobre as coisas invisíveis?

Esse monsenhor me parece bastante esperto; muito tenho aprendido com ele, e já me sinto inteiramente outro.

Décima quinta carta

de Amabed

Deves saber, meu caro Xastasid, que o cicerone a quem monsenhor me recomendou e de quem te falei algo nas cartas precedentes é um homem muito inteligente, que mostra aos estrangeiros as curiosidades da antiga e da nova Roma. Uma e outra, como vês, governaram os reis; mas os primeiros romanos adquiriram o poder com a espada, e os últimos com a pena. A disciplina militar deu o império aos césares, cuja história conheces; a disciplina monástica dá outra espécie de império a esses vice-Deus a que chamam *papas*. Vêem-se procissões no mesmo local onde outrora se viam triunfos. Os cicerones explicam tudo isso aos estrangeiros; fornecem-lhes livros e raparigas. Quanto a mim (por mais jovem que seja) não quero ser infiel à minha bela Adate; limito-me pois aos livros; e estudo principalmente a religião do país, que muito me diverte.

Lia com o meu cicerone a história da vida do Deus da terra. É deveras extraordinária. Era um homem que secava figueiras com uma só palavra, que mudava água em vinho e que afogava porcos. Tinha muitos inimigos. Bem sabes que ele nascera em um burgo pertencente ao imperador de Roma. Seus inimigos eram mesmo astutos; perguntaram-lhe um dia se deviam pagar tributo ao imperador, ao que ele lhes respondeu: "Dai ao príncipe o que é do príncipe, mas dai a Deus o que é de Deus". Essa resposta me parece sábia, e nisso falávamos, o meu cicerone e eu, quando chegou monsenhor. Falei-lhe muito bem do seu Deus e pedi-lhe que me explicasse como a sua câmara de finanças observava tal preceito, tomando tudo para si, sem dar coisa alguma ao imperador. Pois deves saber que os romanos, embora tenham um vice-Deus, têm também um imperador, ao qual dão o título de *rei* dos *romanos*. Eis o que me respondeu aquele homem tão avisado:

— É verdade que temos um imperador; mas só o é em aparência. Acha-se banido de Roma; nem ao menos possui uma casa; deixamo-lo habitar perto de um grande rio que gela durante quatro meses por ano, em um país cuja linguagem nos arranha os ouvidos. O verdadeiro imperador é o papa, visto que reina na capital do Império. Assim, *dai ao imperador* quer dizer *dai ao papa*; e *dai a Deus* também significa *dai* ao *papa,* pois

com efeito é ele vice-Deus. É o único senhor de todos os corações e de todas as bolsas. Se o outro imperador que mora à margem de um grande rio ousasse dizer ao menos uma palavra, nós então sublevaríamos contra ele todos os habitantes das margens do grande rio, que são na maioria uns grandes corpos sem espírito, e armaríamos contra ele os outros reis, que partilhariam, com o papa, dos seus despojos.

Eis-te, divino Xastasid, inteirado do espírito de Roma. O papa é, em ponto grande, o que é, em ponto pequeno, o dalai-lama; se não é imortal como o lama, é todo-poderoso durante a vida, o que é coisa muito melhor. Se algumas vezes lhe resistem, se o depõem, se lhe dão bofetadas, se até mesmo o matam[89] entre os braços da amante, como por vezes aconteceu, esses inconvenientes jamais atingem o seu caráter divino. Podem dar-lhe mil estribaços, mas cumpre acreditar sempre em tudo quanto ele diz. O papa morre, o papado é imortal. Já houve três ou quatro vice-Deus que disputavam tal lugar ao mesmo tempo. A divindade achava-se então dividida entre eles: cada qual tinha o seu bocado, cada qual era infalível no seu partido.

Perguntei a monsenhor por que artes conseguira a sua corte governar todas as outras cortes. "De pouca arte necessitam as pessoas de espírito — disse-me ele — para governar aos tolos." Quis eu saber se nunca se haviam revoltado contra as decisões do vice-Deus. Confessou-me que homens houvera bastante temerários para erguerem os olhos, mas que lhos haviam vazado em seguida, ou tinham exterminado esses miseráveis, e que tais revoltas até agora só tinham servido para melhor firmar a infalibilidade no trono da verdade.

Acabam de nomear um novo vice-Deus. Repicam sinos, rufam tambores, ressoam trombetas, atroa o canhão, a que cem mil vozes fazem eco. Escreverei informando-te de tudo o que tiver visto.

Décima sexta carta

de Amabed

Foi a 25 do mês do crocodilo, e a 13 do planeta Marte,[90] como se diz aqui, que homens de vermelho e inspirados elegeram o homem infalível perante o qual devia eu ser julgado, tal como Encanto dos Olhos, na qualidade de *apóstata*.

Esse Deus na terra chama-se Leão, décimo do nome. É um belo homem de trinta e quatro a trinta e cinco anos, e muito amável; as mulheres estão loucas por ele. Achava-se atacado de um mal imundo, que só é bem conhecido na Europa, mas que os portugueses começam a introduzir no Indostão. Julgavam que disso morreria, e foi por isso mesmo que o elegeram, a fim de que o sublime posto ficasse logo vago; mas curou-se, e zomba daqueles que o nomearam.

Nada mais magnífico do que a sua coroação, na qual gastou ele cinco milhões de rúpias, para prover às necessidades de seu Deus, que foi tão pobre! Não pude escrever-te na agitação das festas; sucederam-se tão rapidamente, tive de assistir a tantas diversões, que não sobrou um momento de lazer.

O vice-Deus Leão ofereceu espetáculos de que não tens idéia. Há principalmente um, chamado *comédia,* que me agradou mais que todos os outros. É uma representação da vida humana; é um quadro vivo; os personagens falam e agem; expõem os seus interesses; desenvolvem as suas paixões: abalam a alma dos espectadores.

A comédia que vi anteontem no palácio do papa intitula-se *A Mandrágora.*[91] O argumento da peça é a história de um jovem espertalhão que quer dormir com a mulher do vizinho. Contrata por dinheiro um monge, um Fa Tutto ou um Fa Molto, para seduzir a amante do marido e fazê-lo cair numa ridícula cilada. Zomba-se, durante toda a comédia, da religião que a Europa professa, de que Roma é o centro, e cujo trono é o assento papal. Tais prazeres talvez te pareçam indecentes, meu caro e pio Xastasid. Encanto dos Olhos ficou escandalizada; mas a comédia é tão linda que o prazer sobrepuja o escândalo.

Os festins, os bailes, as belas cerimônias religiosas, os dançarinos de corda, sucedem-se sem interrupção. Principalmente os bailes são muito divertidos. Cada convidado veste um hábito estranho e põe sobre o próprio rosto outro rosto de papelão. Assim disfarçados, dizem coisas de rebentar de riso. Durante as refeições toca sempre uma música muito agradável; em suma, um verdadeiro encanto.

Contaram-me que um vice-Deus, predecessor de Leão, chamado Alexandre, dera, por ocasião das núpcias de um bastardo seu, uma festa muito mais extraordinária, durante a qual fez dançar cinqüenta raparigas inteiramente nuas. Os brâmanes jamais instituíram semelhantes danças: bem vês que cada país tem os seus costumes. Abraço-te com respeito e deixo-te para ir dançar com a bela Adate. Que Birma te cumule de bênçãos!

Décima sétima carta

de Amabed

Na verdade, meu grande brâmane, nem todos os vice-Deus foram tão divertidos como este. É um verdadeiro prazer viver sob o seu domínio. O falecido, por nome Júlio, era de caráter muito diverso; tratava-se de um velho soldado turbulento, que amava a guerra como um louco; sempre a cavalo, sempre de capacete, distribuindo bênçãos e espadaços, atacando a todos os seus vizinhos, danando-lhes as almas e matando-lhes os corpos o mais que podia: morreu de um acesso de raiva. Que diabo de vice-Deus era aquele! Imagina que, com um pedaço de papel, pretendia ele despojar os reis de seus reinos! Resolveu destronar dessa maneira o rei de um país muito lindo, chamado *França.* Esse rei era um bom homem. Passa aqui por tolo porque não foi feliz. O pobre príncipe viu-se um dia obrigado a reunir os mais esclarecidos homens de seu reino[92] para lhes perguntar se lhe era permitido defender-se de um vice-Deus que o destronava com um pedaço de papel. É preciso ser mesmo muito bom para fazer tal pergunta! Testemunhava eu minha surpresa ao senhor de roxo que me tomou amizade.

— Será possível — lhe dizia eu — que se seja tão tolo na Europa?

— Receio muito — respondeu-me — que tanto abusem os vice-Deus da complacência dos homens que acabarão por lhes dar inteligência.

É de presumir, pois, que haja revoltas contra a religião da Europa. O que te surpreenderá, douto e penetrante Xastasid, é que não as houve sob o vice-Deus Alexandre, que reinava antes de Júlio. Mandava assassinar,

enforcar, afogar, envenenar impunemente a todos os senhores seus vizinhos. E o instrumento dessa multidão de crimes, cometidos à vista de toda a Itália, foi um dos seus cinco bastardos. Como puderam persistir os povos na religião desse monstro?! Era esse mesmo que fazia as raparigas dançarem sem nenhum ornamento supérfluo. Seus escândalos deviam inspirar desprezo, seus atos de barbárie deviam aguçar mil punhais contra ele; no entanto, viveu cheio de veneração e com toda a tranqüilidade, na sua Corte. A razão disso, ao que me parece, é que os padres afinal saíam ganhando com todos os seus crimes, e os povos não perdiam nada. Mas logo que estes se sentirem por demais afrontados, hão de quebrar as cadelas. Cem golpes de aríete não puderam abalar o colosso: um seixo o deitará por terra. É o que dizem por aqui as pessoas esclarecidas que gostam de profetizar.

Enfim, acabaram-se as comemorações; de festas não se deve abusar: nada cansa tanto como as coisas extraordinárias quando se tornam comuns. Só as verdadeiras necessidades, que cotidianamente renascem, podem dar prazer todos os dias. Recomendo-me às tuas santas orações.

Décima oitava carta

de Amabed

O Infalível nos quis ver em particular, a Encanto dos Olhos e a mim. O nosso monsenhor nos conduziu a seu palácio. Mandou-nos ajoelhar três vezes. O vice-Deus nos fez beijar seu pé direito, enquanto segurava as ilhargas de tanto rir. Perguntou-nos se o padre Fa Tutto nos convertera e se com efeito éramos cristãos. Minha mulher respondeu que o padre Fa Tutto era um atrevido, e o papa se pôs a rir com redobrado gosto. Beijou duas vezes a minha mulher, e a mim também.

Em seguida nos mandou sentar ao lado do seu banquinho de beija-pé. Perguntou-nos como se praticava o amor em Benarés, em que idade casavam geralmente as moças, se o grande Brama possuía um serralho. Minha mulher corava; eu respondia com respeitoso recato. Depois nos despediu, recomendando-nos o cristianismo, beijando-nos, e dando-nos

palmadinhas nas nádegas, em sinal de benevolência. Encontramos, na saída, os padres Fa Tutto e Fa Molto, que nos beijaram a fímbria das vestes. O primeiro impulso, que vem sempre da alma, fez-nos a princípio recuar de horror. Mas o de roxo nos disse:

— Bem se vê que os amigos Amabed e Adate ainda não completaram a sua educação: é dever essencial neste país beijar os nossos maiores inimigos; na primeira oportunidade mandem envenená-los, se puderem; mas, enquanto isto, não deixem de lhes demonstrar a mais profunda amizade.

Beijei-os, pois, mas Encanto dos Olhos fez-lhes uma saudação muito seca, e Fa Tutto fitava-a com o rabo do olho, inclinando-se até o chão diante dela. Um verdadeiro encantamento, tudo isto. Passamos os dias a espantar-nos. Na verdade duvido que Madura seja mais agradável do que Roma.

Décima nona carta

de Amabed

Nada de castigarem o padre Fa Tutto! Ontem de manhã a nossa jovem Dera resolveu ir por curiosidade a um pequeno templo. O povo estava de joelhos. Um brâmane da terra, magnificamente vestido, curvava-se sobre uma mesa; tinha o traseiro voltado para o público. Dizem que ele fazia Deus. Depois que fez Deus, mostrou-nos a dianteira. Dera soltou um grito e exclamou: “Olhem o patife que me pegou à força!”. Felizmente, no auge da revolta e da surpresa, ela pronunciou tais palavras em hindu. Asseguram-me que se a tivessem compreendido o populacho se lançaria a ela como a uma feiticeira. Fa Tutto respondeu-lhe em italiano: “Que a graça da Virgem te acompanhe, minha filha! Fala mais baixo”. Ela veio, desesperada, contar-nos a sua história. Nossos amigos nos aconselharam que nunca nos queixássemos. Disseram-nos que Fa Tutto era um santo, e que nunca se devia falar mal dos santos. Que queres tu? O que está feito está feito. Aceitamos pacientemente todas as diversões em que nos fazem

tomar parte neste país. Cada dia nos ensinam coisas de que nem suspeitávamos. As viagens educam muito a gente.

Chegou à Corte de Leão um grande poeta; seu nome é *messer* Ariosto: não gosta de padres; eis como se refere a eles:

Non sa quel che sia amor, non sa che vaglia
La caritade, e quindi avvien che i frati
Sono si ingorda e si crudel canaglia.[93]

O que quer dizer em hindu:

Modermen sebar eso
La te ben sofa meso.[94]

Bem vês que superioridade a língua indiana, quê é tão antiga, sempre conservará sobre todos esses recentes jargões da Europa: exprimimos em quatro palavras o que eles com tanta dificuldade exprimem em dez. Compreendo perfeitamente que esse Ariosto diga que os monges são uma verdadeira canalha, mas não sei por que pretende que eles desconhecem o amor. Nós que o digamos! Com certeza quer dizer que eles apenas gozam, e não amam.

Vigésima carta

de Amabed

Faz alguns dias que não te escrevo, meu estimado grande brâmane. É devido às solicitudes com que aqui nos honram. O nosso monsenhor ofereceu-nos uma excelente ceia, a que compareceram dois jovens vestidos de vermelho da cabeça aos pés. Sua dignidade é a de *cardeal,* que é como quem diz *gonzo de porta.*[95] Um é o cardeal Sacripante e o outro o cardeal Faquinetti. São os primeiros na terra depois do vice-Deus; de maneira que os intitulam *vigários do vigário.* O seu direito, sem dúvida um direito divino, consiste em serem iguais aos reis e superiores aos

príncipes, e em possuírem sobretudo imensas riquezas. Eles merecem tudo isso, tendo em vista a grande utilidade que têm para o mundo.

Esses dois gentis-homens, durante a ceia, nos convidaram para passar alguns dias em sua casa de campo, pois cada qual porfia em nos ter consigo. Após disputarem a preferência o mais divertidamente possível, Faquinetti apoderou-se da bela Adate, sob a condição de trocarem de convidados no dia seguinte e de nos reunirmos os quatro no terceiro dia. Dera também ia conosco. Não sei com que palavras contar-te o que nos aconteceu, mas vou tentá-lo como melhor puder.

Aqui termina o manuscrito das Cartas de Amabed. *Procurou-se em todas as bibliotecas de Madura e Benarés a continuação destas cartas. É seguro que não existe.*

Assim, no caso de que algum infeliz falsário edite um dia o resto das aventuras dos dois jovens indianos, Novas Cartas de Amabed, Novas Cartas de Encanto dos Olhos, Respostas do Grande Brâmane Xastasid, *pode estar certo o leitor de que o enganam, e de que o aborrecem, como mil vezes tem acontecido em casos tais.*

Escritos avulsos

atribuídos a diversos homens célebres

A história de Jenni, *publicada nos* Escritos avulsos atribuídos a diversos homens célebres *e que data de 1775, é interessante porque reveladora da filosofia de Voltaire nos últimos anos de atividade intelectual. Mais violento do que nunca mostrou-se ele então contra a religião revelada e os dogmas católicos, porém igualmente hostil ao ateísmo de D'Holbach, sobre quem escrevia um livro quando morreu. Pode-se observar que a crítica do ateísmo ocupa espaço mais importante nesse livro do que a dos dogmas católicos, o que parece perfeitamente característico do estado de espírito de Voltaire nessa época.*

Seria possível apontar na obra frases que, reunidas, constituiriam um esquema da filosofia voltairiana. O cristianismo é reduzido a uma moral: "Mas enfim, se sois cristão em que acreditais? — Acredito, com Jesus Cristo, que é preciso amar a Deus e ao próximo, perdoar as injúrias e reparar as injustiças". Voltaire elimina ao mesmo tempo a metafísica e o ateísmo, que considera uma metafísica às avessas: "Provei, creio, que existe uma inteligência suprema [...] *não vos prometi explicar o porquê e o como". O otimismo leibniziano é rejeitado e, por outro lado, D'Holbach é escarnecido. Finalmente a moral é ligada à existência de Deus, pois é da dupla existência da lei na natureza e na alma que se vale o escritor para demonstrar que Deus existe: "Dignou-se Deus tornar-se conhecido de nós? — Sim, pelas suas obras. — Ditou-nos leis, falou-nos? — Sim, pela voz de nossa consciência". Essa história é pois, sob uma forma divertida, uma espécie de soma das derradeiras idéias de Voltaire.*

Ouvidos do conde de Chesterfield *pertence à mesma coletânea. Pode-se dizer que completa a* História de Jenni *porquanto nos oferece a opinião de Voltaire, no fim da vida, acerca do problema da alma. Aliás nunca mudou de idéia neste ponto, e essa idéia é a seguinte: Não há uma*

substância alma, há apenas uma vida psíquica, função dos nossos órgãos físicos.

É possível no entanto discernir uma evolução no seu pensamento: ao passo que anteriormente estudava o espírito de preferência nas suas manifestações exteriores, isto é, nas instituições sociais e nos acontecimentos históricos, parece preocupar-se agora, sob a influência dos médicos, cujo reinado se inicia, com a ligação psicofísica. Passa da história à história natural.

O gosto pelas ciências naturais é assinalado então pela multiplicação dos jardins botânicos, e pelo aparecimento de centenas de tratados e memórias. Buffon começou em 1749 sua História natural, *Réaumur publicou a sua* História dos insetos *entre 1734 e 1742 e Diderot desenvolveu a teoria que consiste em estudar a evolução da vida psíquica nos animais inferiores para se elevar até o homem seguindo o desenvolvimento dos órgãos. Toda essa nova corrente do pensamento está presente em* Os ouvidos do conde de Chesterfield, *mas transposta para o plano da farsa rabelaisiana.*

Quanto ao Touro branco, *antes de ser publicado na coletânea de peças avulsas, foi publicado em separado por Cramer sob o título de* O touro branco, traduzido do sírio por D. Calmet*, assinalando-se a cidade de Mênfis como lugar da edição. A história fora escrita em 1773, segundo esclarece uma carta de Voltaire a La Harpe, datada de 2 de setembro de 1778. As precauções tomadas revelam o receio que o escritor sempre teve da Igreja e do Poder Político. "Na minha idade* [*80 anos*]*, dizia ele a d'Argental, não fica bem lutar contra touros, como um espanhol."*

Talvez a idéia inspiradora do conto se encontre em Apuleio, a menos que se trate de uma simples lenda oriental acerca da metamorfose animal. Em todo caso, a curiosidade de Voltaire no que respeita às religiões deve tê-lo induzido a anotar todos os mitos em que o homem entra em relações com os animais, a constituir uma espécie de zoologia mítica. Daí a idéia de escrever uma narrativa utilizando esse conjunto de mitos e lendas, de reunir numa espécie de comédia animal a serpente do Paraíso, a asna de Balaão, a baleia de Jonas lado a lado com as divindades zoomórficas do Egito e um rei-touro à moda de Júpiter amando Europa. Dessa maneira organizou uma Ménagerie *sagrada da qual o domador-filósofo tirou os mais divertidos efeitos.*

S. M.

História de Jenni ou o ateu e o sábio

por mr. sherloc

Traduzida pelo senhor de La Caille

Capítulo I

VÓS ME SOLICITAIS, senhor, alguns pormenores acerca do nosso amigo, o respeitável Freind, e de seu estranho filho. O lazer de que afinal disponho após a reforma de milorde Peterborou permite-me atender-vos satisfatoriamente. Ficareis tão espantado quanto eu, e compartilhareis de todos os meus sentimentos.

Quase não vos avistastes com esse jovem e infeliz Jenni, filho único de Freind, que o levou consigo à Espanha quando era capelão de nosso exército, em 1705. Vós partistes para Alep antes que milorde cercasse Barcelona; mas tendes razão em dizer que Jenni possuía um aspecto dos mais amáveis e atraentes e denotava coragem e espírito. Nada mais verdadeiro; era impossível vê-lo sem estimá-lo. O pai o destinara primeiramente à Igreja; mas, tendo o jovem demonstrado repugnância a essa condição que demanda tanto engenho, circunspeção e finura, julgou aquele sensato pai que seria um crime e uma tolice forçar a natureza.

Jenni ainda não contava vinte anos. Fez questão absoluta de servir como voluntário no ataque a Montjuich, que nós vencemos, e onde foi morto o príncipe de Hesse. O nosso pobre Jenni, ferido, foi feito prisioneiro e levado para a cidade. Eis uma fiel narrativa do que lhe aconteceu desde o ataque de Montjuich até a tomada de Barcelona. Esse relato é devido a uma catalã um pouco livre e ingênua demais; tais escritos

não chegam até o coração do sábio. Apreendi o referido escrito em casa dela, quando entrei em Barcelona com milorde Peterborou. Vós o lereis sem escândalo, como um fiel retrato dos costumes do país.

Aventuras de um jovem inglês chamado Jenni

escritas por mão de doña Las Nalgas

Quando nos disseram que os mesmos selvagens que tinham chegado pelos ares, de uma ilha desconhecida, para tomar-nos Gibraltar, vinham cercar a nossa bela cidade de Barcelona, começamos por fazer novenas à Santa Virgem de Manreze, o que é sem dúvida a melhor maneira de nos defendermos.

Esse povo, que nos vinha atacar de tão longe, tem um nome difícil de pronunciar, pois é *english.* Nosso reverendo padre inquisidor dom Jerónimo Bueno Caracucarador pregou contra esses salteadores. Lançou contra eles uma excomunhão-mor em Nossa Senhora del Pino. Assegurou-nos que os *english* tinham cauda de macaco, patas de urso e cabeça de papagaio; que na verdade falavam algumas vezes como os homens, mas que silvavam quase sempre; que eram, aliás, notoriamente heréticos; que a Santa Virgem, que é muito favorável aos outros pecadores e pecadoras, jamais perdoava aos heréticos, e que por conseguinte seriam todos infalivelmente exterminados, sobretudo se se apresentassem diante de Montjuich. Mal acabara ele o seu sermão, soubemos que Montjuich fora tomado de assalto.

À noite soubemos que nesse assalto havíamos ferido a um jovem *english* e que ele se achava em nossas mãos. Gritaram por toda a cidade: *Vitória! Vitória!* e acenderam-se luminárias.

Doña Boca Bermeja, que tinha a honra de ser amante do reverendo padre inquisidor, sentiu extremos desejos de ver como era feito um animal *english* e herético. Era minha amiga íntima. Sentia-me tão curiosa quanto

ela. Mas foi preciso esperar que ele se curasse do ferimento, o que não demorou.

Soubemos logo depois que ele deveria tomar banhos no estabelecimento de meu primo Elvob, que é, como se sabe, o melhor cirurgião da cidade. Em minha amiga Boca Bermeja redobrou a impaciência de ver tal monstro. Não tivemos descanso, nem o demos a meu primo, enquanto não nos ocultou em um vestiário, atrás de uma veneziana pela qual se enxergava o banheiro. Ali entramos na ponta dos pés, sem o mínimo ruído, sem uma palavra, sem nos atrevermos a respirar, precisamente no instante em que o *english* saía de dentro d'água. Seu rosto não se achava voltado para nós; retirou um pequeno barrete sob o qual estavam enrolados os seus cabelos loiros que tombaram em grossos cachos sobre o mais belo dorso que já vi em minha vida; seus braços, suas coxas, suas pernas, me pareceram de uma carnação, de um acabado, de uma elegância que se aproxima, a meu ver, do Apolo do Belvedere de Roma, cuja cópia se acha em casa de meu tio escultor.

Doña Boca Bermeja achava-se extasiada de surpresa e encantamento. Quanto a mim, sentia-me igualmente arrebatada. Não pude deixar de dizer: *Oh, que hermoso muchacho!* Essas palavras, que me escaparam, fizeram o jovem voltar-se. Aí foi muito pior; vimos o rosto de Adônis sobre o corpo de um jovem Hércules. Por pouco doña Boca Bermeja não tombou para trás e eu também. Seus olhos se incenderam, cobrindo-se de leve orvalho, através do qual se entreviam flamas. Não sei o que aconteceu aos meus.

Quando voltou a si: "S. Tiago (me disse ela) e Santa Virgem! É assim que são os hereges? Oh! Como nos enganaram!".

Saímos o mais tarde que pudemos. Boca Bermeja foi logo acometida do mais violento amor pelo monstro herético. Ela é mais bonita do que eu, confesso-o; e confesso também que me senti duplamente enciumada. Fiz-lhe ver que perdia a alma traindo o reverendo padre inquisidor dom Jerónimo Bueno Caracucarador, com um *english*. "Ai, minha querida Las Nalgas — disse-me ela (pois Las Nalgas é o meu nome) —, eu seria capaz de trair Melquisedeque por esse belo rapaz." Ela não deixou de o fazer e, já que é preciso dizer tudo, concorri secretamente com muito mais do que o dízimo das oferendas.

Um dos familiares da Inquisição, que ouvia quatro missas por dia para obter de Nossa Senhora de Manreze o aniquilamento dos *english*, foi

informado dos nossos atos de devoção. O reverendo padre dom Caracucarador mandou-nos vergastar a ambas. Mandou vinte e quatro alguazis da Santa Hermandad prenderem o nosso querido *english*. Jenni matou cinco deles e foi preso pelos dezenove que sobraram. Fizeram-no repousar num calabouço bem arejado. Resolveram queimá-lo no domingo seguinte, em grande cerimonial, paramentado com um grande sambenito e um chapéu em forma de pão-de-açúcar, em honra de nosso Salvador e da Virgem Maria, sua mãe. Dom Caracucarador preparou um belo sermão, mas não pôde pronunciá-lo porque a cidade foi tomada às quatro da madrugada daquele mesmo domingo.

Aqui termina a narrativa de doña Las Nalgas. Era uma mulher que não deixava de ter essa espécie de espírito a que os espanhóis denominam *agudeza.*

Capítulo II

Continuação das aventuras do jovem inglês Jenni e do senhor seu pai, doutor em teologia, membro do Parlamento e da Sociedade Real

Sabeis que admirável conduta manteve o conde de Peterborou quando se apoderou de Barcelona; como impediu a pilhagem; com que pronta sagacidade pôs ordem em tudo; como arrancou a duquesa de Popoli das mãos de alguns soldados alemães bêbedos que a roubavam e violavam. Mas podereis acaso imaginar a surpresa, a dor, o aniquilamento, a cólera, as lágrimas, os transportes de nosso amigo Freind, quando soube que Jenni estava nos calabouços do Santo Ofício e já se achava preparada a sua fogueira? Sabeis que as cabeças mais frias são as mais exaltadas nas grandes ocasiões. Era de ver aquele pai, que conhecestes tão grave e tão imperturbável, voar do antro da Inquisição mais depressa do que correm

os nossos cavalos de raça em Neumarket. Cinqüenta soldados, que o seguiam arquejantes, estavam sempre a duzentos passos dele. Ei-lo que chega. Entra na caverna. Que momento! Que prantos e que alegria! Vinte vítimas destinadas à mesma cerimônia são libertadas com Jenni. Todos esses prisioneiros se armam; todos se juntam a nossos soldados; arrasam o Santo Ofício em dez minutos e almoçam sobre as ruínas, com o vinho e o presunto dos inquisidores.

Em meio desse tumulto, e das fanfarras, e dos tambores, e do troar de quatrocentos canhões que anunciavam a nossa vitória na Catalunha, o nosso amigo Freind retomara a tranqüilidade que lhe conheceis. Estava calmo como o céu de um belo dia após a tempestade. Erguia a Deus um coração tão sereno como o seu rosto, quando viu sair do respiradouro de um calabouço um espectro negro de sobrepeliz, que se lançou a seus pés, bradando misericórdia.

— Quem és tu? — indagou o nosso amigo. — Vens do inferno?

— Mais ou menos — respondeu o outro. — Sou dom Jerónimo Bueno Caracucarador, inquisidor da fé; peço-vos humildemente perdão por haver querido assar o senhor vosso filho em praça pública: eu supunha que ele fosse judeu.

— E mesmo que ele fosse judeu — respondeu o nosso amigo com o seu sangue-frio habitual —, fica-lhe bem, senhor Caracucarador, assar pessoas porque pertencem a uma raça que habitava outrora um pequeno cantão pedregoso próximo ao deserto da Síria? Que lhe importa que um homem tenha ou não tenha prepúcio e que comemore a páscoa na lua cheia de abril ou no domingo seguinte? Este homem é judeu; precisa pois ser queimado; e todos os seus bens me pertencem: eis um péssimo argumento; não se raciocina assim na Sociedade Real de Londres.

"E não sabia o senhor Caracucarador que Jesus Cristo era judeu? Que ele nasceu, viveu e morreu judeu; que celebrou a páscoa, como judeu, na lua cheia; que todos os seus apóstolos eram judeus; que foram ao templo judeu após a desgraça de Cristo, como está expressamente referido; e que os quinze primeiros bispos secretos de Jerusalém eram judeus? Meu filho não é judeu, é anglicano: como lhe deu na telha a idéia de o queimar?"

O inquisidor Caracucarador, aterrado com a erudição do senhor Freind, e sempre prosternado a seus pés, respondeu:

— Ai de nós! Não sabíamos nada de tudo isso na Universidade de Salamanca. Mais uma vez, perdão. Mas o verdadeiro motivo é que o

senhor vosso filho me tomou a minha amante Boca Bermeja.

— Ah! se ele tomou a sua amante, é outra história; não se deve tomar os bens de outrem. Todavia, não se nos depara aqui uma razão suficiente (como diria Leibniz) para queimar um jovem. As penas devem ser proporcionais aos delitos. Vós outros, cristãos de além do mar britânico tirante para o sul, sois mais expeditos em assar a um de vossos irmãos, seja o conselheiro Anne Dubourg, seja Michel Servet, ou todos aqueles que foram sagrados sob Filipe II, cognominado *o discreto,* do que nós, ingleses, em mandar preparar um rosbife em Londres. Mas tragam-me aqui a senhorita Boca Bermeja, para que eu saiba dela a verdade.

Boca Bermeja foi conduzida à sua presença, toda chorosa, e embelezada pelas lágrimas, como é costume.

— É verdade que a senhorita amava ternamente a dom Caracucarador e que o meu filho Jenni a possuiu à força?

— À força, senhor inglês?! Qual nada! Foi de todo o meu coração. Nunca vi nada tão lindo e tão digno de amor como o senhor vosso filho; e julgo-vos muito feliz em ser seu pai. Fui eu quem fiz todas as investidas; ele bem o merece: sou capaz de segui-lo até o fim do mundo, se é que o mundo tem fim. Sempre detestei, no fundo d'alma, esse maldito inquisidor; ele mandou vergastar-me até sair sangue, a mim e à senhorita Las Nalgas. Se quereis tornar-me a vida um verdadeiro encanto, mandareis enforcar esse celerado monge à minha janela, enquanto eu estiver jurando a vosso filho um amor eterno. Feliz de mim, se lhe pudesse um dia dar um filho que se pareça convosco!

E, com efeito, enquanto Boca Bermeja pronunciava estas singelas palavras, milorde Peterborou mandava procurar Caracucarador, que se havia sumido, para que o enforcassem. Não vos espantareis se eu disser que o senhor Freind se opôs energicamente a isso.

— Que vossa justa cólera — disse ele — se curve ante vossa generosidade; só se deve condenar um homem à morte quando tal coisa for absolutamente necessária ao bem público. Os espanhóis iriam dizer que os ingleses são uns bárbaros que matam todos os padres que encontram. Isso poderia prejudicar grandemente ao senhor arquiduque, em nome do qual acabais de tomar Barcelona. Estou assaz contente de que meu filho tenha sido salvo e de que o pulha desse frade não mais esteja em condições de exercer as suas funções inquisitoriais.

Enfim, tão bem falou o sábio e caridoso Freind, que milorde se contentou em mandar vergastar Caracucarador, como esse miserável fizera a *miss* Boca Bermeja e a *miss* Las Nalgas.

Tamanha demência tocou o coração dos catalães. Os que haviam sido libertados dos calabouços da Inquisição concluíram que a nossa religião valia infinitamente mais que a sua. Quase todos pediram para serem aceitos na igreja anglicana; e até alguns bacharéis da Universidade de Salamanca, que estavam em Barcelona, desejaram ser esclarecidos. A maioria foi logo atendida. Só houve um deles, chamado dom Inigo y Medroso y Comodios y Papalamiendo, que se mostrou um tanto rebelde.

Eis a súmula da amigável discussão que o nosso querido amigo Freind e o bacharel dom Papalamiendo travaram na presença de milorde Peterborou. Chamaram a essa conversação familiar o diálogo dos *Mas*. Vereis facilmente por quê, ao lê-la.

Capítulo III

Súmula da controvérsia dos Mas, entre Mister Freind e dom Inigo y Medroso y Comodios y Papalamiendo, bacharel de Salamanca

O bacharel: — Mas, Senhor, apesar de todas as belas coisas que acabeis de dizer-me, tereis de confessar que a vossa igreja anglicana, tão respeitável, não existia antes de dom Lutero e antes de dom Œcolampadius. Sois muito recentes: portanto, não sois de casa.

Freind: — É como se me dissessem que não descendo de meu avô, porque um colateral, residente na Itália, se apossara do seu testamento e dos meus títulos. Felizmente os recuperei, e é claro que sou neto de meu avô. Somos ambos da mesma família, com a pequena diferença de que nós, ingleses, lemos o testamento de nosso avô em nossa própria língua e

de que vos é proibido lê-lo na vossa. Sois escravos de um estrangeiro, e nós estamos apenas submetidos à nossa razão.

O bacharel: — Mas se a vossa razão vos perder?... porque afinal não credes na nossa Universidade de Salamanca, a qual declarou a infalibilidade do papa e o seu direito incontestável sobre o passado, o presente, o futuro e o paulo-post-futuro.

Freind: — Ah! Os apóstolos também não acreditavam em nada disso. Está escrito que esse Pedro, que renegou a seu mestre Jesus, foi severamente acusado por Paulo. Não quero examinar qual dos dois estava errado; talvez ambos o estivessem, como acontece em quase todas as disputas; mas afinal não há uma única passagem nos *Atos dos Apóstolos* em que Pedro seja considerado como senhor de seus companheiros e do paulo-post-futuro.

O bacharel: — Mas não há dúvida de que S. Pedro foi arcebispo de Roma, pois Sánchez nos ensina que esse grande homem ali chegou no tempo de Nero e que ali ocupou o trono arquiepiscopal durante vinte e cinco anos, sob esse mesmo Nero, que só reinou treze. De resto, é matéria de fé, e é dom Grillandus, o protótipo da Inquisição, quem o afirma (pois nós nunca lemos a Bíblia Sagrada), é matéria de fé, digo eu, que S. Pedro estava em Roma certo ano; pois data uma de suas cartas de Babilônia; e, como Babilônia é visivelmente um anagrama de Roma, está visto que o papa é, por direito divino, senhor de toda a Terra: e, mais ainda, todos os licenciados de Salamanca demonstraram que Simão Virtude-Deus, feiticeiro-mor e conselheiro de Estado do Imperador Nero, mandou seu cachorro cumprimentar a S. Simão Barjonas, também chamado S. Pedro; que S. Pedro, não menos polido, enviou também cumprimentos a Simão Virtude-Deus, por intermédio de seu cachorro; que em seguida apostaram qual dos dois ressuscitaria mais depressa a um primo de Nero, que Simão Virtude-Deus só ressuscitou o seu morto pela metade e que Simão Barjonas ganhou a aposta, ressuscitando o primo por inteiro; que Virtude-Deus quis tirar desforra, voando nos ares como S. Dédalo, e que S. Pedro lhe quebrou as duas pernas, fazendo-o tombar. Eis por que S. Pedro recebeu a coroa do martírio, com a cabeça para baixo e as pernas para cima.[96] Está pois demonstrado *a posteriori* que nosso santo padre o papa deve reinar sobre todos aqueles que têm coroa na cabeça, e é senhor do passado, do presente e de todos os futuros do mundo.

Freind: — É claro que todas essas coisas aconteceram no tempo em que Hércules com um passe de mágica separou as duas montanhas de Calpe e Abila e tirou do chapéu o estreito de Gibraltar. Mas não é nessas histórias, por mais autênticas que sejam, que baseamos a nossa religião; é no Evangelho.

O bacharel: — Mas em que passagens do Evangelho, senhor? Pois li uma parte desse Evangelho em nossos cadernos de teologia. É na passagem do anjo que desceu das nuvens para anunciar a Maria que ela seria engravidada pelo Espírito Santo? É na da viagem dos três reis e de uma estrela? No morticínio de todas as crianças do país? No trabalho que teve o diabo em transportar Deus, no deserto, ao alto do templo e ao cimo de uma montanha de onde se descortinavam todos os reinos da Terra? No milagre da água mudada em vinho, num casamento de aldeia? No milagre dos dois mil porcos que o diabo afogou num lago por ordem de Jesus? No...

Freind: — Senhor, nós respeitamos todas essas coisas, porque estão no Evangelho; e jamais nos referimos a elas, porque estão muito acima da frágil razão humana.

O bacharel: — Mas dizem que nunca chamais à Santa Virgem de mãe de Deus...

Freind: — Nós a veneramos e amamos; mas cremos que ela pouco se importa com os títulos que lhe dão neste mundo. Aliás, nunca é denominada mãe de Deus no Evangelho. Houve uma grande disputa, em 431, no Concílio de Éfeso, para saber se Maria era *teótocos,* e se, sendo Jesus Cristo Deus e filho de Maria, poderia esta ser ao mesmo tempo mãe de Deus Pai e de Deus Filho.

O bacharel: — Mas Senhor, falais em *teótocos*... Que quer dizer isso, por *favor?*

Freind: — Quer dizer mãe de Deus. Como?! Sois bacharel de Salamanca e não sabeis grego?

O bacharel: — Mas o grego... ora, o grego! De que pode o grego servir a um espanhol? Mas senhor, acreditais que Jesus tenha uma natureza, uma pessoa e uma vontade? Ou duas naturezas, duas pessoas e duas vontades? Ou uma vontade, duas naturezas e duas pessoas? Ou duas vontades, duas pessoas e uma natureza? Ou...

Freind: — São questões de Éfeso. Isso absolutamente não nos interessa.

O bacharel: — Mas que é que vos interessa, então? Pensais que haja três pessoas em Deus, ou três deuses em uma pessoa? Procede a segunda da primeira pessoa, e a terceira das duas outras, ou da segunda *intrinsecus,* ou apenas da primeira? Possui o Filho todos os atributos do Pai, exceto a paternidade? E essa terceira pessoa vem por infusão, ou por identificação, ou por espiração?

Freind: — O Evangelho não trata dessa questão, e nunca S. Paulo escreveu o nome da Trindade.

O bacharel: — Mas sempre me falais do Evangelho, e nunca de S. Boaventura, nem de Alberto, o Grande, nem de Tamburini, nem de Grillandus, nem de Escobar.

Freind: — E que não sou nem dominicano, nem franciscano, nem jesuíta; contento-me em ser cristão.

O bacharel: — Mas se sois cristão, dizei-me de sã consciência: acreditais que o resto dos homens esteja condenado à danação eterna?

Freind: — A mim não me compete medir a justiça de Deus e sua misericórdia.

O bacharel: — Mas afinal, se sois cristão, em que é que acreditais?

Freind: — Creio, com Jesus Cristo, que devemos amar a Deus e ao próximo, perdoar as injúrias e reparar os males que tenhamos feito. Crede-me: adorai a Deus, sede justo e caridoso; é quanto basta ao homem. Eis as máximas de Jesus. São tão verdadeiras que nenhum legislador ou filósofo jamais teve outros princípios antes dele, e é impossível que haja outros. Tais verdades jamais tiveram nem podem ter outros adversários senão as nossas paixões.

O bacharel: — Mas... ah! a propósito de paixões: é verdade que os vossos bispos, os vossos pastores e diáconos são todos casados?

Freind: — É verdade. S. José, que passou por pai de Jesus, era casado. Teve por filho a Tiago, o moço, cognominado Oblia, irmão de Nosso Senhor; o qual, após a morte de Jesus, passou a vida no templo. S. Paulo, o grande S. Paulo, era casado.

O bacharel: — Mas Grillandus e Molina dizem o contrário.

Freind: — Molina e Grillandus que digam o que quiserem, prefiro acreditar no próprio S. Paulo, que diz em sua primeira epístola aos corintios:[97] *Não temos o direito de comer e beber à vossa custa? Não temos o direito de levar conosco nossa mulher, nossa irmã, como fazem os outros apóstolos, e os irmãos de Nosso Senhor, e Cefas? Vai-se jamais*

para a guerra à própria custa? Quando se plantou uma vinha, não se lhe come o fruto? etc.

O bacharel: — Mas senhor, é mesmo verdade que S. Paulo tenha dito isso?

Freind: — Sim, ele disse, e muitas coisas mais.

O bacharel: — Mas como! Aquele verdadeiro prodígio, aquele exemplo de graça eficaz!

Freind: — É verdade, senhor, que a sua conversão foi um grande prodígio. Confesso que, segundo os *Atos dos Apóstolos,* fora ele o mais cruel satélite dos inimigos de Jesus. Dizem os Atos que assistira à lapidação de Santo Estêvão; ele próprio diz que, quando os judeus condenavam à morte um seguidor de Jesus, era ele quem levava a sentença, *detuli sententiam.*[98] Confesso que Abdias, seu discípulo, e Júlio Africano, seu tradutor, o acusam de ter mandado matar a Tiago Oblia, irmão de Nosso Senhor;[99] mas a sua fúria ainda mais admirável lhe torna a conversão, e não o impediu de achar mulher. Era casado, digo-vos, como expressamente o declara S. Clemente de Alexandria.

O bacharel: — Mas no entanto era um digno, um excelente homem, esse S. Paulo! Sinto muito que ele haja assassinado a S. Tiago e a Santo Estêvão, e muito me surpreende que tenha ido ao terceiro céu; mas continuai, por favor.

Freind: — S. Pedro, pelo que diz S. Clemente de Alexandria, teve filhos; e até se encontra entre estes uma Santa Petronilha. Na sua *História da Igreja*, diz Eusébio que S. Nicolau, um dos primeiros discípulos, tinha uma belíssima mulher, e que os apóstolos lhe censuraram preocupar-se muito com ela e parecer ciumento. "Pois tome-a quem quiser — respondeu-lhes o santo —, eu a cedo aos senhores."[100]

"Na economia judaica, que devia durar eternamente, e à qual no entanto sucedeu a economia cristã, o casamento era não só permitido, mas expressamente ordenado aos sacerdotes, pois que deviam ser da mesma raça; e o celibato era uma espécie de infâmia.

"Em verdade o celibato não deve ter sido considerado uma situação muito pura e honrosa pelos primeiros cristãos, pois, entre os hereges anatematizados pelos primeiros concílios, encontram-se especialmente aqueles que se revoltavam contra o casamento dos padres, como os saturilianos, os basilidianos, os montanistas, os encratistas e outros *anos e istas*. Eis por que a mulher de S. Gregório Nazianzeno deu à luz a outro S.

Gregório Nazianzeno e teve a inestimável ventura de ser esposa e mãe de um canonizado, o que não aconteceu nem mesmo a Santa Mônica, mãe de Santo Agostinho.

"Eis por que vos poderia eu nomear igual ou maior número de antigos bispos casados do que o que tivestes, outrora, de bispos e papas concubinários, adúlteros, ou pederastas, coisa que já não se encontra em nenhum país. Eis por que a Igreja grega, mãe da Igreja Latina, quer ainda que os curas sejam casados. Eis afinal por que eu, que vos falo, sou casado, e tenho o mais belo filho do mundo.

"E dizei-me, meu caro bacharel, não tendes vós na vossa Igreja sete sacramentos, que são todos sinais visíveis de uma coisa invisível? Ora, um bacharel de Salamanca desfruta das vantagens do batismo logo que nasce; da crisma, logo que começa a usar calças; das confissão, logo que faz algumas loucuras, ou compreende as dos outros; da comunhão, embora um pouco diferente da nossa, logo que chega aos treze ou catorze anos, da ordenação quando é tonsurado e lhe dão um benefício de vinte, ou trinta, ou quarenta mil piastras de renda, e enfim, da extrema-unção, quando chega a hora. Deveremos privá-lo do sacramento do matrimônio, quando se acha em plena saúde, e sobretudo depois que o próprio Deus casou Adão e Eva: Adão o primeiro dos bacharéis do mundo, pois tinha ciência infusa, segundo a vossa escola; Eva, a primeira bacharela, pois conheceu a árvore da ciência antes do marido?"

O bacharel: — Mas, se assim é, acabo com os *mas*. Está feito, sou da vossa religião; faço-me anglicano. Quero casar com uma boa mulher que sempre fingirá amar-me, enquanto eu for jovem, que cuidará de mim na velhice, e a quem enterrarei com todas as honras, se lhe sobrevivo; mais vale isso do que queimar homens e desonrar raparigas, como fez o meu primo dom Caracucarador, inquisidor da fé.

Tal é o fiel apanhado da conversação que tiveram o doutor Freind e o bacharel dom Papalamiendo, chamado depois por nós Papa Dejando. Essa curiosa entrevista foi redigida por Jacob Hulf, um dos secretários de milorde.

Após esse encontro, o bacharel chamou-me à parte e disse-me: "Esse inglês, que eu tomara a princípio por um antropófago, deve ser um excelente homem, pois é teólogo e não me disse injúrias". Respondi-lhe que o senhor Freind era tolerante e que descendia de uma filha de William

Penn, o primeiro dos tolerantes, e fundador de Filadélfia. “Tolerante e Filadélfia! — exclamou ele. — Eu nunca tinha ouvido falar nessas seitas”. Informei-o de tudo: não podia acreditar-me, pensava estar em outro universo, e tinha razão.

Capítulo IV

Regresso a Londres: Jenni começa a corromper-se

Enquanto o nosso digno filósofo Freind esclarecia assim os barceloneses e o seu filho Jenni encantava as barcelonesas, milorde Peterborou viu-se perdido no conceito da rainha, e no do arquiduque, por lhes haver dado Barcelona. Os cortesãos lhe censuraram haver tomado essa cidade contra todas as regras da arte, com um exército metade menos forte do que a guarnição. O arquiduque a princípio topou o jogo e o amigo Freind foi obrigado a imprimir a apologia do general. Todavia, o arquiduque, que viera conquistar o reino da Espanha, não tinha com que pagar seu chocolate. Tudo o que lhe dera a rainha Ana se evaporara. Diz Montecucculi, nas suas memórias, que três coisas são precisas para fazer guerra: 1º dinheiro, 2º dinheiro, 3º dinheiro. O arquiduque escreveu de Guadalajara, onde se achava a 11 de agosto de 1706, a milorde Peterborou, uma grande carta assinada *yo el rey,* na qual o conjurava a que fosse imediatamente a Gênova conseguir-lhe, sob fiança pessoal, cem mil libras esterlinas, para reinar.[101] Eis pois o nosso Sertório transformado de general de exército em banqueiro genovês. Confiou sua situação ao amigo Freind; dirigiram-se ambos a Gênova; eu os acompanhei, pois bem sabeis que o coração me dirige. Admirei a habilidade e o espírito de conciliação de meu amigo nesse delicado assunto. Vi que um bom espírito pode prover a tudo; o nosso grande Locke era médico: pois foi o único metafísico da Europa e restabeleceu as finanças da Inglaterra.

Freind, em três dias, conseguiu as cem mil libras esterlinas, que a Corte de Carlos VI devorou em menos de três semanas. Após o que, o general, acompanhado do seu teólogo, teve de ir justificar-se em Londres, em pleno Parlamento, de haver conquistado a Catalunha contra as regras e ter-se arrumado a serviço da causa comum. O assunto dilatou-se em extensão e acrimônia, como todos os assuntos de partido.

Bem sabeis que o senhor Freind fora deputado ao Parlamento antes de ser pastor, e o único a quem permitiram exercer essas funções incompatíveis. Ora, um dia em que Freind meditava um discurso que devia pronunciar na Câmara dos Comuns, de que era um digno membro, anunciaram-lhe uma dama espanhola que pedia para lhe falar sobre assunto urgente. Era doña Boca Bermeja. Achava-se em pranto; o nosso bom amigo lhe mandou servir almoço. Ela enxugou as lágrimas, almoçou, e falou-lhe como se segue:

— Deveis estar lembrado, meu caro senhor, de que, ao seguir para Gênova, ordenastes ao senhor vosso filho que partisse de Barcelona para Londres, a fim de assumir o emprego de amanuense do Tesouro, que vossa influência lhe obteve. Ele embarcou no *Tritão* com o jovem bacharel dom Papa Dejando e alguns outros mais que convertestes. Bem deveis imaginar que eu também seguira em sua companhia, com a minha boa amiga Las Nalgas. Pois não ignorais que me permitistes amar ao senhor vosso filho, e que eu o adoro...

— Eu, senhorita! Não, não lhe permiti isso, tolerei-o; é muito diferente. A fornicação entre duas pessoas livres foi talvez outrora uma espécie de direito natural de que Jenni pode gozar com discrição, sem que eu me intrometa; não o constranjo, quanto às suas amantes, da mesma forma que o deixo jantar o que bem lhe pareça. Agora, se se tratasse de um adultério, confesso que seria mais severo, pois o adultério é um furto. Mas quanto à senhorita, que não faz mal a ninguém, nada tenho de dizer.

— Pois bem, senhor, é de adultério que se trata! O belo Jenni me abandonou por uma jovem casada que não é tão bonita como eu. Bem vedes que é uma injúria atroz.

— Ele fez mal — disse então o senhor Freind.

Boca Bermeja, derramando algumas lágrimas, contou-lhe como Jenni se enciumara, ou tinha fingido enciumar-se, do bacharel; como a senhora Clive-Hart, uma dama multo atrevida, muito arrebatada, muito masculina, muito má, soubera apoderar-se do seu espírito; como vivia ele com

libertinos que não temiam a Deus; como enfim desprezava a sua fiel Boca Bermeja pela esperta da Clive-Hart, porque a Clive-Hart tinha uma nuança ou duas de brancura e rosado acima da pobre Boca Bermeja.

— Examinarei este assunto com mais devagar — disse o bom Freind. — Tenho de ir agora ao Parlamento para tratar do caso de milorde Peterborou.

Foi pois ao Parlamento: ouvi-o pronunciar um discurso firme e cerrado, sem nenhum lugar-comum, sem epítetos, sem o que nós chamamos frases; ele não *invocava* um testemunho, uma lei; atestava-os, citava-os, reclamava-os; não dizia que haviam *surpreendido a religião* da Corte acusando milorde Peterborou por haver arriscado as tropas da rainha Ana, pois não se tratava de um assunto de religião; não prodigava a uma conjetura o nome de demonstração; não faltava com o respeito à augusta assembléia por meio de insípidos gracejos burgueses; não chamava a milorde Peterborou seu cliente, porque a palavra cliente significa um homem da burguesia protegido por um senador. Freind falava com tanta modéstia quanto firmeza; escutavam-no em silêncio; não o interrompiam senão para dizer: *"Hear him, hear him:* ouçam-no, ouçam-no". A Câmara dos Comuns votou que agradecessem ao conde de Peterborou em vez de o condenar. Milorde obteve a mesma justiça da Corte dos Pares, e preparou-se para partir com o seu caro Freind, a fim de dar o reino da Espanha ao arquiduque; o que todavia não aconteceu, pela razão de que nada acontece no mundo precisamente como se quer.

Ao sair do Parlamento, nada urgia tanto como nos informarmos da conduta de Jenni. Soubemos que efetivamente levava uma vida desbragada e crapulosa com a senhora Clive-Hart e um bando de jovens ateus, aliás gente de espírito, a quem os próprios deboches haviam persuadido de "que o homem nada tem de superior ao animal, que nasce e morre como o animal, que são ambos igualmente formados de terra, que voltam igualmente à terra, e que não há nada de bom e sensato senão em gozar e viver com aquela a quem se ama, como o afirma Salomão no fim do capítulo terceiro do *Coheleth,* a que nós chamamos *Eclesiastes"*.

Essas idéias lhes eram principalmente insufladas por um impudente malandro chamado Warburton. Li algo dos manuscritos desse louco: Deus nos livre de os ver impressos algum dia! Pretende Warburton que Moisés não acreditava na imortalidade da alma; e, como, com efeito, Moisés jamais falou nisso, conclui que seria aquela a única prova da sua missão

divina. Essa conclusão absurda faz infelizmente concluir que a seita judaica era falsa; os ímpios concluem por conseqüência que a nossa, fundada na judaica, também é falsa e que, sendo falsa esta nossa, que é a melhor de todas, todas as outras são ainda mais falsas; e que, destarte, não há religião. De onde concluem alguns que não há Deus. Acrescentai a essas conclusões que esse pequeno Warburton é um intrigante e um caluniador. Imaginai que perigo!

Um outro louco chamado Needham, que é em segredo jesuíta, vai ainda mais longe. Esse animal, como aliás o sabeis, e como tanto já vos disseram, imagina que criou enguias com farinha de centeio e banha de carneiro; que imediatamente essas enguias produziram outras, sem cobertura. Daí decidirem os nossos filósofos que se pode fazer homens com farinha de trigo e banha de perdiz: pois devem ter origem mais nobre que a das enguias; pretendem que esses homens produzirão outros incontinênti; que, assim, não foi Deus quem fez o homem; que tudo se fez por si mesmo; que se pode muito bem passar sem Deus; que não há Deus. Imaginai que estragos o *Coheleth* mal compreendido, e Warburton e Needham bem compreendido, não podem fazer em corações moços movidos de paixões e que só raciocinam segundo elas.

Mas o pior de tudo é que Jenni estava enterrado em dívidas até o pescoço. Pagava-as de estranha maneira. Naquele mesmo dia, enquanto nos achávamos no Parlamento, um de seus credores lhe fora cobrar cem guinéus. O belo Jenni, que até então permanecera muito dócil e polido, batera-se com ele, dando-lhe, como único pagamento, uma boa estocada. Temia-se que o ferido viesse a morrer: Jenni ia ser preso e arriscava ir para a forca, apesar da proteção de milorde Peterborou.

Capítulo V

Pretende-se casar Jenni

Relembro ainda a dor e indignação que experimentara o venerável Freind ao saber que o seu querido Jenni se achava nas prisões do Santo Ofício, em Barcelona; pois podeis acreditar que foi tomado de transporte ainda mais violento, quando soube dos excessos daquele desgraçado filho, das suas orgias, das suas dissipações, da sua maneira de atender aos credores e do perigo, em que se achava, de ir para a forca. Mas Freind conteve-se. É uma coisa espantosa o domínio que esse homem exerce sobre si mesmo. A razão governa-lhe o coração, como um bom amo ao criado. Faz tudo a propósito, e age prudentemente com a mesma celeridade com que atuam os imprudentes. "Não é ocasião — disse ele — para pregar sermões a Jenni; é preciso tirá-lo do precipício."

Na véspera recebera o nosso amigo uma importante soma, da herança de George Hubert, seu tio. Vai ele próprio procurar o nosso grande cirurgião Cheselden. Felizmente o encontramos; vamos juntos à casa do credor ferido. O senhor Freind manda-lhe examinar o ferimento; não era mortal. Dá ao paciente os cem guinéus e mais cinqüenta à guisa de indenização; pede-lhe perdão por seu filho; exprime-lhe a sua dor com tanto sentimento e verdade que aquele pobre homem, que estava no leito, abraça-o chorando e quer devolver-lhe o dinheiro. Esse espetáculo espantava e comovia o jovem senhor Cheselden, que começa a adquirir grande reputação e cujo coração é tão bondoso como hábeis a sua mão e seu golpe de vista. Eu estava emocionado, fora de mim; nunca venerara e amara tanto a nosso amigo.

Perguntei-lhe, na volta, se não mandaria chamar o filho, para lhe exprobrar as faltas. "Não — disse ele —, quero que ele as reconheça antes que eu fale nelas. Vamos cear nós dois, veremos o que posso fazer de melhor. Os exemplos corrigem muito mais do que as censuras."

Enquanto não chegava a hora da ceia, fui ter com Jenni; encontrei-o, como julgo se ache qualquer homem após o seu primeiro crime, pálido, com o olhar perdido, a voz rouca e entrecortada, o espírito perturbado, e dando respostas desconexas ao que lhe diziam. Contei-lhe afinal o que seu pai acabara de fazer. Ele permaneceu imóvel, olhou-me fixamente, e depois desviou a face um instante, para verter algumas lágrimas. Tirei bons augúrios desta cena; e tive grandes esperanças de que Jenni ainda viria a ser um homem às direitas. Ia abraçá-lo, quando entrou a senhora Clive-Hart, em companhia de um dos estroinas seus amigos, chamado Birton.

— E então? — disse a dama a rir. — É verdade que mataste um homem hoje? Devia ser algum aborrecido; é bom livrar o mundo dessa espécie de gente. Quando te vier vontade de matar outro, peço-te que dês preferência a meu marido; pois ele me aborrece furiosamente.

Eu contemplava aquela mulher da cabeça aos pés. Era bela, mas pareceu-me ter qualquer coisa de sinistro na fisionomia. Jenni não ousava responder e baixava os olhos porque eu me achava presente.

— Que é que tens, meu amigo? — indagou Birton. — Até parece que praticaste algum mal; pois eu venho remir os teus pecados. Olha, eis aqui um livrinho que acabo de comprar no Lintot; ele prova, como dois e dois são quatro, que não há nem Deus, nem vício, nem virtude: isso é consolador. Vamos beber.

Ante essas estranhas palavras, retirei-me o mais depressa possível. Fiz ver discretamente ao senhor Freind o quanto necessitava o filho da sua presença e dos seus conselhos. "O mesmo penso eu — disse aquele bom pai —, mas comecemos por lhe pagar as dívidas." Todas foram liquidadas na manhã seguinte. Jenni veio lançar-se a seus pés. Pois acreditais que o pai não lhe fez censura alguma? Abandonou-a a própria consciência, dizendo-lhe apenas: "Meu filho, lembra-te de que não há felicidade sem virtude".

Em seguida fez casar Boca Bermeja com o bacharel de Catalunha, pelo qual tinha ela uma secreta inclinação, apesar das lágrimas que derramara por Jenni; pois tudo isso se combina maravilhosamente nas mulheres. Dizem que é nos seus corações que todas as contradições se reúnem. Sem dúvida é porque foram originariamente formadas de uma costela nossa.

O generoso Freind pagou o dote do casal; deixou bem colocados todos os seus novos conversos, graças à proteção de milorde Peterborou: pois não basta assegurar a salvação dos outros; é preciso fazê-los viver.

Tendo despachado todas essas boas ações com aquele ativo sangue-frio que sempre me espantava, concluiu que não havia outro partido para recolocar o filho no reto caminho, senão casá-lo com uma criatura de bom nascimento, que tivesse beleza, caráter, inteligência, e até um pouco de riqueza; pois era o único meio de afastar Jenni dessa detestável Clive-Hart e dos perdidos que ele freqüentava.

Tinha eu ouvido falar na senhora Primerose, jovem herdeira, criada por *milady* Hervey, sua parenta. Milorde Peterborou introduziu-me em

casa de *milady* Hervey. Vi *miss* Primerose e achei-a capaz de satisfazer a todos os desígnios de meu amigo Freind. Jenni, em meio à sua vida desregrada, dedicava profundo respeito e mesmo ternura ao pai. Agora, o que mais o sensibilizava é que o pai não lhe fazia nenhuma censura ao passado. Suas dívidas saldadas sem avisá-lo, sábios conselhos dados a propósito e sem reprimendas, mostras de amizade escapadas de tempos em tempos, sem nenhuma familiaridade que as pudesse aviltar, tudo isso penetrava Jenni, que nascera com sentimento e bastante inteligência. Todas as razões tinha eu para crer que a fúria de suas desordens acabaria cedendo aos encantos de Primerose e às admiráveis virtudes de meu amigo.

O próprio milorde Peterborou apresentou primeiro o pai e depois Jenni em casa de *milady* Hervey. Notei que a extrema beleza de Jenni causou logo uma impressão profunda no coração de Primerose; pois vi-a baixar os olhos, erguê-los e enrubescer. Jenni apenas se mostrou polido, e Primerose confessou a *milady* Hervey que desejaria muito que essa polidez fosse amor.

Pouco a pouco o nosso belo jovem foi descobrindo todo o mérito daquela incomparável moça, embora estivesse subjugado pela infame Clive-Hart. Achava-se como aquele indiano convidado por um anjo a colher um fruto celeste, e retido pelas garras de um dragão. Sufoca-me, neste instante, a lembrança do que vi. Minhas lágrimas molham o papel. Quando houver recobrado a calma, retomarei o fio de minha história.

Capítulo VI

Terrível aventura

Estava prestes a concluir-se o casamento da bela Primerose com o belo Jenni. O nosso amigo Freind jamais gozara de tão pura alegria; eu a

compartilhava. E eis como se transforma ela numa desgraça que mal posso compreender.

A Clive-Hart amava Jenni, sem deixar de fazer-lhe contínuas traições. É a sorte, dizem, de todas as mulheres que, desprezando demais o pudor, renunciaram à probidade. Ela traía principalmente o seu querido Jenni com o seu querido Birton e mais um outro debochado da mesma têmpera. Viviam juntos na crápula. E uma coisa que talvez só se veja em nosso país é que eles todos tinham espírito e valor. Infelizmente, nunca tinham tanto espírito como contra Deus. A casa da senhora Clive-Hart era o salão dos ateus. Se ao menos fossem ateus honrados, como Epicuro e Leontium, como Lucrécio e Memmius, como Spinoza, que dizem ter sido um dos homens mais honestos da Holanda, como Hobbes, tão fiel a seu desgraçado soberano Carlos I...

Como quer que seja, Clive-Hart, furiosamente enciumada da terna e inocente Primerose, sem que fosse fiel a Jenni, não pôde suportar aquele feliz enlace. Medita uma vingança de que não creio haja exemplo em nossa cidade de Londres, onde no entanto nossos pais viram tantos e tão diversos crimes.

Soube que Primerose devia passar pela sua porta ao voltar do centro, onde fora a compras, com a camareira. Manda então consertar um encanamento subterrâneo que levava água a sua casa.

A carruagem de Primerose foi obrigada, na volta, a parar ante o obstáculo. A Clive-Hart aparece, pede-lhe que desça, que descanse um pouco, que tome alguns refrescos, enquanto não fica desimpedida a passagem. A bela Primerose tremia ante este convite; mas Jenni achava-se no vestíbulo. Um movimento involuntário, mais forte que a reflexão, fê-la descer. Jenni corria a seu encontro, oferecendo-lhe a mão. Ela entra; o marido de Clive-Hart era um bêbedo imbecil, odioso a sua mulher tanto quanto submisso, e talvez exatamente por suas complacências. Balbuciando, oferece primeiro uns refrescos à senhorita que lhe honra a casa, e também se serve depois dela. A senhora Clive-Hart leva-os em seguida e manda trazer outros. Nesse meio- tempo, a rua é desembaraçada e Primerose sobe no carro e regressa à casa da mãe.

Um quarto de hora após, queixa-se de náuseas e vertigens. Atribui-se esse pequeno desarranjo ao movimento da carruagem. Mas o mal aumenta de instante a instante; e, no dia seguinte, estava à morte. O senhor Freind e eu corremos à sua residência. Fomos encontrar aquela encantadora criatura

pálida, lívida, agitada de convulsões, os lábios contraídos, os olhos ora apagados, ora fulgurantes, e sempre fixos. Manchas negras lhe desfiguravam a bela garganta e o belo rosto. Sua mãe achava-se desmaiada junto ao leito. O prestativo Cheselden prodigalizava em vão todos os recursos da sua arte. Não vos pintarei o desespero de Freind; era inexprimível. Corro à casa da Clive-Hart. Informo-me de que seu marido acaba de morrer, e que sua mulher desertara de casa. Procuro Jenni; impossível encontrá-lo. Conta-me uma criada que a sua patroa se lançara aos pés de Jenni, conjurando-o a não abandoná-la na sua desgraça. Diz mais que ela partira com Jenni e Birton, e que ninguém sabe para onde foram.

Esmagado com esses repentinos e múltiplos golpes, o espírito agitado de terríveis suspeitas que eu repelia e que voltavam, arrasto-me até a casa da moribunda. "No entanto — dizia eu comigo mesmo —, se aquela abominável mulher se lançou aos joelhos de Jenni, se lhe pediu misericórdia, é que então ele não era cúmplice. Jenni é incapaz de um crime tão covarde, tão medonho, que não teria nenhum interesse, nenhum motivo para cometer, que o privaria de uma mulher adorável e da sua fortuna, que o tornaria execrável ao gênero humano. Fraco, ter-se-á deixado subjugar por uma infeliz cuja perversidade desconhece. Não viu, como eu, Primerose moribunda; não teria deixado a cabeceira de seu leito para seguir a envenenadora de sua futura esposa." Devorado por esses pensamentos, penetro, trêmulo, na casa daquela que não mais esperava encontrar com vida. Ela respirava. O velho Clive-Hart sucumbira em um instante, porque seu corpo se achava desgastado pelos excessos; mas a jovem Primerose era sustentada por uma natureza tão robusta como pura era a sua alma. Avistou-me e, com voz terna, me perguntou onde estava Jenni. Diante disto, confesso que uma torrente de lágrimas me correu dos olhos. Não pude responder-lhe; não pude falar ao pai. Foi preciso deixá-la enfim entre as mãos fiéis que a serviam.

Fomos informar milorde dessa desgraça. Vós lhe conheceis o coração: é tão terno para com os amigos como terrível para os inimigos. Nunca um homem se mostrou tão compassivo com mais dura fisionomia. Tanto se esforçou por socorrer a moribunda, por descobrir o refúgio de Jenni e da sua celerada companheira, como se esforçara antes por dar a Espanha ao arquiduque. Todas as nossas pesquisas foram inúteis. Acreditei que Freind fosse morrer de desgosto. Corríamos, ora à casa de Primerose, cuja agonia

se prolongava, ora a Rochester, a Douvres, a Portsmouth; enviava-se correio a toda parte, estava-se em toda parte, errava-se ao acaso como cães de caça que houvessem perdido a pista; e, enquanto isto, a desgraçada mãe da desgraçada Primerose via de hora a hora ir morrendo a filha.

Soubemos afinal que uma mulher muito moça e bonita, acompanhada de três jovens e alguns criados, embarcara em Neuport, no condado de Pembroke, em um pequeno navio cheio de contrabandistas, que ali se achava ancorado, e que esse navio partira para a América Setentrional.

Freind, a esta notícia, lançou um profundo suspiro; concentrou-se um momento e, apertando-me a mão, declarou:

— Devo ir à América.

Cheio de admiração e em pranto, respondi-lhe:

— Não vos deixarei. Mas que podereis fazer?

— Restituir meu filho único à sua pátria e à virtude, ou sepultar-me junto dele.

Não podíamos duvidar, com efeito, pelos sinais que nos deram, de que era Jenni que havia embarcado com aquela horrível mulher e Birton, e os mais do seu cortejo.

O bom pai, tendo tomado o seu partido, despediu-se de milorde Peterborou, que logo regressou à Catalunha, e fomos fretar em Bristol um navio até Delaware e Maryland. Concluía Freind que, estando essas paragens em meio às possessões inglesas, para lá deveríamos navegar, tivesse o filho rumado para o sul ou para o norte. Muniu-se de dinheiro, de letras de câmbio e de víveres, deixando em Londres um empregado com o encargo de lhe mandar notícias pelos navios que partiam semanalmente para Maryland ou a Pensilvânia.

Partimos; o pessoal de bordo, vendo a serenidade de Freind, supunha que se tratava de uma viagem de recreio. Mas, quando tinha só a mim por testemunha, os seus suspiros assaz denotavam o sofrimento que lhe ia na alma. Algumas vezes eu me aplaudia, em segredo, da honra de consolar tão bela alma. Um vento de oeste nos reteve longo tempo à altura das Sorlingas. Fomos obrigados a rumar para a Nova Inglaterra. Quantas informações tomamos por toda a costa! Quanto tempo e quanto passo perdido! Afinal, tendo-se levantado um vento do nordeste, tocamos para Maryland. Foi lá que nos deram notícias de Jenni, da Clive-Hart e seus companheiros.

Haviam-se demorado mais de um mês no litoral, espantando toda a colônia com orgias e magnificências até então desconhecidas naquela parte do globo; depois haviam desaparecido, e ninguém sabia notícias suas.

Avançamos pela baía, com o intento de ir até Baltimore colher novas informações.

Capítulo VII

O que aconteceu na América

Deparou-se-nos à direita, no litoral, uma habitação muito bem edificada. Era uma casa baixa, cômoda e limpa, entre uma granja espaçosa e um vasto estábulo, tudo cercado de um parque onde vicejavam todos os frutos da região. A propriedade pertencia a um velho que nos convidou a desembarcar, para visitá-la. Não tinha aspecto de inglês, e vimos logo, pelo sotaque, que se tratava de um estrangeiro. Deitamos âncora; descemos; o bom do homem recebeu-nos cordialmente, e ofereceu-nos a melhor refeição que se possa fazer no novo mundo.

Discretamente lhe insinuamos nosso desejo de saber a quem devíamos a bondade de tal recepção.

— Sou — disse ele — um desses a quem chamais selvagens. Nasci numa das montanhas azuis que bordam esta região, e que daqui avistais no Ocidente. Quando menino, fui mordido por uma cascavel, numa dessas montanhas; estava abandonado, ia morrer. Mas o pai do lorde Baltimore de hoje, encontrando-me, entregou-me aos cuidados de seu médico, e a ele devo a minha salvação. Em breve retribuí o que lhe devia; pois lhe salvei a vida durante um combate com uma horda vizinha. Como recompensa, deu-me ele esta casa, onde vivo feliz.

Perguntou-lhe o senhor Freind se ele não era da mesma religião de lorde Baltimore.

— Eu? — disse ele. — Eu sou da minha. Por que há de querer o senhor que eu seja da religião de um outro homem?

Essa curta e enérgica resposta nos fez refletir um pouco.

— Tendes então — lhe disse eu — o vosso Deus e a vossa lei?

— Sim — respondeu-nos, com uma segurança que nada tinha de altivez. — Lá está o meu Deus (e apontou para o céu) e aqui a minha lei (e pôs a mão no coração).

Disse-me o sr. Freind, cheio de admiração:

— Essa pura natureza sabe mais sobre o assunto do que todos os bacharéis que discutiram conosco em Barcelona.

Estava ansioso por saber, se possível, alguma notícia certa acerca de seu filho Jenni. Era um peso que o oprimia. Perguntou se não tinham ouvido falar daquele bando de jovens que tanto estardalhaço fizera pelas redondezas.

— Como? Se me falaram neles?! — exclamou o velho. — Mas eu próprio os vi, hospedei-os em casa, e ficaram tão satisfeitos com a minha recepção, que partiram com uma de minhas filhas.

Imaginai qual não foi o choque e o terror de meu amigo ao ouvir tais palavras. Não pôde deixar de exclamar, no primeiro impulso:

— Como! Então foi raptada por meu filho?!

— Bom inglês — retrucou o velho, — não te incomodes; estimo muito que aquele que partiu de minha casa com minha filha seja teu filho; pois é belo, bem proporcionado e parece corajoso. Não, ele não raptou a minha querida Paruba; pois deves saber que Paruba é o seu nome, porque Paruba é o meu. Se ele houvesse raptado a minha Paruba, seria um roubo; e os meus cinco filhos machos, que estão a caçar pela vizinhança, a quarenta ou cinqüenta milhas daqui, não teriam suportado essa afronta. É um grande pecado roubar o bem alheio. A minha filha foi por sua própria vontade com esses jovens; quis visitar o país; é uma pequena satisfação que não se deva recusar a uma criatura da sua idade. Esses viajantes ma devolverão em menos de um mês, tenho certeza, pois assim me prometeram.

Tais palavras me teriam feito rir, se a dor em que eu via absorto o meu amigo também não me houvesse penetrado a alma.

À noite, quando estávamos prestes a partir, aproveitando o vento, chega um dos filhos de Paruba, sem fôlego, com palidez, o horror e o desespero estampado no rosto.

— Que tens, meu filho? De onde vens? Eu te supunha na caça. Que te aconteceu? Foste ferido por algum animal selvagem?

— Não, meu pai, não fui ferido, mas estou morrendo.

— Mas de onde vens, mais uma vez te pergunto, meu caro filho?

— Venho de quarenta milhas de distância, mas estou morto.

O pai, trêmulo, obriga-o a descansar. Dão-lhe estimulantes; apressuramo-nos em torno dele, os seus irmãozinhos, as suas irmãzinhas, o sr. Freind, eu e nossos criados. Depois que se refez, lançou-se ao pescoço do bom velho Paruba.

— Ah! — disse ele soluçando. — A minha irmã Paruba é prisioneira de guerra, e provavelmente vai ser devorada.

A estas palavras, o velho Paruba caiu por terra. O senhor Freind, que também era pai, sentiu um aperto nas entranhas. Afinal Paruba filho nos relatou que um bando de jovens ingleses muito estouvados atacara por passatempo os habitantes da montanha azul.

— Levavam consigo — disse ele — uma bela mulher e sua criada; e não sei como é que minha irmã se encontrava em tal companhia. A bela inglesa foi morta e comida; minha irmã foi feita prisioneira e será igualmente devorada. Venho aqui procurar auxílio contra os habitantes da montanha azul; quero matá-los, comê-los por minha vez, tomar-lhes minha irmã, ou morrer.

Foi então a vez do senhor Freind desmaiar; mas o hábito de dominar-se sustentou-o.

— Deus me deu um filho — disse-me ele. — Retomará o filho e o pai, quando for chegado o momento de executar seus eternos desígnios. Meu amigo, sou tentado a crer que Deus age às vezes por meio de uma providência particular, submetida às suas leis gerais, visto que pune na América os crimes cometidos na Europa e que a celerada Clive-Hart morreu como devia. Talvez o soberano fabricador de tantos mundos haja arranjado as coisas de modo que os grandes males cometidos em um globo sejam algumas vezes expiados nesse mesmo globo. Não ouso acreditá-lo, mas desejo-o; e assim acreditaria, se essa idéia não fosse contrária a todas as regras da boa metafísica.

Após reflexões tão tristes sobre tão fatais aventuras, muito comuns na América, Freind tomou incontinênti o seu partido, como costumava.

— Tenho — disse ele a seu hospedeiro — um bom navio, bem aprovisionado; remontemos o golfo com a maré, o mais perto possível das

montanhas azuis. Meu mais urgente empenho é agora salvar a vossa filha. Vamos ter com os vossos antigos compatriotas; direis a eles que lhes venho trazer o cachimbo da paz e que sou neto de Penn: este nome bastará.

A esse nome de Penn, tão venerado em toda a América boreal, o bom Paruba e seu filho sentiram-se tomados do mais profundo respeito e da mais grata esperança. Embarcamos, velejamos e, em trinta e seis horas, já estávamos desembarcando nas proximidades de Baltimore.

Apenas nos achavámos à vista dessa praça, então quase deserta, quando divisamos de longe um numeroso bando de habitantes das montanhas azuis, que desciam para a planície com maças, machados e esses mosquetões que os europeus tão tolamente lhes haviam vendido para conseguir peles. Já se ouviam terríveis gritos. De outro lado, avançavam quatro cavaleiros, seguidos de alguns homens a pé. Essa pequena tropa nos tomou por gente de Baltimore que lhes fosse dar combate. Os cavaleiros correm para nós a toda brida, com o sabre em punho. Nossos companheiros preparavam-se para os receber. O senhor Freind, depois de olhar fixamente os cavaleiros, estremeceu um instante; mas, retomando logo o sangue-frio, disse-nos com voz comovida:

— Não se movam, meu amigos; deixem-me agir sozinho.

Avança com efeito sozinho, sem armas, a passo lento, ao encontro da tropa. Vemos, num ápice, o chefe abandonar as rédeas de seu cavalo, lançar-se por terra, e tombar prosternado. Lançamos um grito de espanto; aproximamo-nos: era o próprio Jenni que banhava de lágrimas os pés do pai, o qual o enlaçava com suas mãos trêmulas. Nenhum dos dois podia falar. Birton e os dois jovens cavaleiros que o acompanhavam apearam do cavalo. Mas Birton, conservando o seu caráter, disse-lhe:

— Oh! meu caro Freind, eu não te esperava por aqui. Fomos feitos para as aventuras. Francamente, muito prazer em ver-te.

Freind, sem se dignar responder-lhe, voltou-se para o exército das montanhas azuis, que avançava. E encaminhou-se na sua direção, apenas com Paruba, que servia de intérprete.

— Compatriotas — disse-lhes Paruba —, eis aqui o descendente de Penn, que vos traz o cachimbo da paz.

A estas palavras, respondeu o mais antigo do povo, erguendo as mãos e os olhos ao céu.

— Um filho de Penn! Que eu lhe beije os pés e as mãos, partes sagradas da geração. Possa ele fazer uma longa raça de Penn! Que os Penn

vivam para sempre! O grande Penn é o nosso manitu, o nosso Deus. Foi quase o único europeu que não nos enganou, que não se apoderou de nossas terras à força. Comprou a região que lhe cedemos; pagou-a liberalmente; manteve a concórdia entre nós; trouxe remédios para as poucas doenças que nos comunicava o nosso contato com europeus; ensinou-nos artes que ignorávamos. Jamais fumamos contra ele nem contra seus filhos o cachimbo da guerra; para os Penn, só temos o cachimbo da adoração.

Tendo assim falado em nome de seu povo, correu com efeito a beijar as mãos e os pés do senhor Freind; mas absteve-se de chegar às partes sagradas quando lhe disseram que isso não era costume na Inglaterra e que cada terra tem as suas cerimônias.

Freind mandou trazer imediatamente de bordo umas três dúzias de presuntos, outros tantos pastelões e frangos recheados e duzentos garrafões de vinho de Pontac; fez sentar a seu lado o comandante das montanhas azuis. Jenni e seus companheiros tomaram parte no festim; mas Jenni preferia achar-se a cem pés abaixo da terra. O pai não lhe dizia palavra; e tal silêncio ainda mais lhe aumentava a vergonha.

Birton, a quem tudo era igual, mostrava uma estouvada alegria. Antes de começarem a comer, disse Freind ao bom Paruba: "Só nos falta aqui uma estimada criatura, a vossa filha". Imediatamente o comandante das montanhas azuis a mandou buscar; não lhe tinham feito nenhum ultraje; ela abraçou o pai e o irmão como se voltasse de um passeio.

Aproveitei-me da liberdade do repasto para indagar por que motivo haviam os guerreiros das montanhas azuis matado e devorado a senhora Clive-Hart, e nada tinham feito à filha de Paruba.

— É porque somos justos — respondeu o comandante. — Essa orgulhosa inglesa era do bando que nos atacou, matou um dos nossos por trás, com um tiro de pistola. Nada fizemos a Paruba ao saber que era filha de um dos nossos antigos camaradas e que aqui só viera divertir-se; a cada qual pelo que faz.

Freind mostrou-se muito bem impressionado com essa máxima; mas observou que o costume de devorar mulheres era indigno de tão brava gente e que, com tantas virtudes, não deviam ser antropófagos.

O chefe das montanhas perguntou-nos então o que fazíamos com os nossos inimigos, depois de os matar.

— Nós os enterramos — respondi-lhe.

— Quer isto dizer — retrucou — que os dais de comer aos vermes. Nós queremos a primazia; nossos estômagos são uma sepultura mais honrosa.

Birton divertiu-se em sustentar a opinião das montanhas azuis. Disse que o costume de levar o próximo para a panela ou para o espeto era o mais antigo, e o mais natural, pois já o haviam encontrado assente em ambos os hemisférios; que estava por conseguinte provado tratar-se de uma idéia inata; que tinham saído à caça de homens antes de ir à caça de animais, pela razão de que era mais fácil matar um homem do que matar um lobo; que, se os judeus, nos seus livros por tanto tempo ignorados, imaginaram que um chamado Caim matou um chamado Abel, talvez fosse apenas para o comer; que esses próprios judeus confessam claramente haver-se alimentado várias vezes de carne humana; que, segundo os melhores historiadores, os judeus devoraram as carnes sangrentas dos romanos assassinados por eles no Egito, em Chipre, na Ásia, quando das suas revoltas contra os imperadores Trajano e Adriano.

Deixamo-lo dizer esses duros gracejos, cujo fundo podia infelizmente ser verdadeiro, mas que nada tinham do aticismo grego e da urbanidade romana.

O bom Freind, sem lhe responder, dirigiu a palavra aos nativos. Paruba interpretava-o frase a frase. Jamais o grave Tillotson falou com tanta energia. Jamais o insinuante Smalridge teve graças tão tocantes. O grande segredo está em demonstrar com eloqüência. Ele lhes demonstrou, pois, que esses festins, onde é servida a carne de nossos semelhantes, são repastos de abutres, e não de homens; que esse execrável costume inspira uma ferocidade destrutiva do gênero humano; que era a razão pela qual não conheciam eles nem as consolações da sociedade nem o cultivo da terra. Afinal juraram pelo seu grande Manitu que não mais comeriam nem homens nem mulheres.

Freind, em uma só conversação, tornou-se o seu legislador: era Orfeu que dominava os tigres. Os jesuítas, por mais que se atribuam milagres em suas *Cartas curiosas e edificantes*, que raramente são uma coisa ou outra, jamais igualarão a nosso amigo Freind.

Após haver cumulado de presentes os senhores das montanhas, trouxe a bordo, de volta para casa, o velho Paruba, bem como o jovem Paruba e sua irmã; os outros irmãos prosseguiram a caçada, para as bandas da Carolina. Jenni, Birton e seus camaradas também vinham a bordo. O sábio

Freind persistia no método de não dirigir a mínima censura a seu filho quando este fazia alguma das suas. Deixava-o examinar-se e devorar seu próprio coração, como diz Pitágoras. No entanto, tomou três vezes a carta que lhe haviam mandado da Inglaterra e, enquanto a relia, olhava para o filho, que sempre baixava os olhos; e no rosto do jovem liam-se o respeito e o arrependimento

Quanto a Birton, estava tão alegre e desenvolto como se voltasse do teatro: era um caráter mais ou menos ao gosto do falecido conde de Rochester, extremo no deboche, na bravura, nas idéias, nas expressões, na filosofia epicurista, sem nunca estar ligado a coisa alguma, senão às coisas extraordinárias, de que logo se aborrecia; com essa sorte de espírito que toma as verossimilhanças por demonstrações; mais sábio, mais eloqüente do que nenhum jovem da sua idade, mas sem nunca se dar ao trabalho de aprofundar coisa alguma.

Ao sr. Freind, escapou dizer-me, enquanto jantava conosco a bordo:

— Na verdade, meu amigo, espero que Deus há de inspirar melhores costumes a esses jovens, e que o terrível exemplo da Clive-Hart os possa corrigir.

Tendo ouvido essas palavras, disse-lhe Birton, em tom um pouco desdenhoso:

— Fazia muito que eu não estava nada contente com essa malvada Clive-Hart: não me importo mais com ela do que com uma franga gorda que houvessem mandado para o espeto. Mas, falando sério, achais que exista, não sei onde, um ser continuamente ocupado em punir todas as más mulheres e todos os homens perversos que povoam e despovoam os quatro cantos do nosso pequeno mundo? Esqueceis que a nossa detestável Maria, filha de Henrique VIII, foi feliz até a morte? E no entanto fizera morrer, nas chamas, mais de oitocentos cidadãos e cidadãs, sob o pretexto de que não acreditavam nem na transubstanciação nem no papa. Seu pai, quase tão bárbaro quanto ela, e seu marido, mais profundamente mau, viveram nos prazeres. O papa Alexandre VI, mais criminoso do que eles todos, foi também o mais afortunado: todos os seus crimes lhe saíram bem, e ele morreu aos setenta e dois anos, poderoso, rico, cortejado por todos os reis. Onde está, pois, o Deus justo e vingador? Não, por Deus! não existe Deus.

O senhor Freind, com um ar austero mas tranqüilo, retrucou-lhe:

— Quer-me parecer que não devíeis jurar pelo próprio Deus que esse mesmo Deus não existe. Atentai em que Newton e Locke jamais

pronunciaram esse nome sagrado senão com um ar de recolhimento e adoração secreta que foi notado por todo o mundo.

— *Pox!* — exclamou Birton. — Pouco me importa a cara que dois homens tenham feito. Que cara teria Newton quando comentava o *Apocalipse?* E que careta fazia Locke quando narrava a conversação de um papagaio com o príncipe Maurício?

Então Freind pronunciou estas belas palavras de ouro, que se gravaram em meu coração: *Esqueçamos os sonhos dos grandes homens, e lembremo-nos das verdades que eles nos ensinaram.*

Essa resposta provocou uma disputa regular, mais interessante que a conversação com o bacharel de Salamanca. Meti-me a um canto e anotei tudo quanto se disse. O público cercou os dois contendores: o velho Paruba, o seu filho, e principalmente a sua filha, e os companheiros de Jenni escutavam, com o pescoço estendido, os olhos fixos; e Jenni, de cabeça baixa, com os cotovelos sobre os joelhos, as mãos sobre os olhos, parecia mergulhado na mais profunda meditação.

Eis a polêmica, palavra por palavra.

Capítulo VIII

Diálogo de Freind e de Birton sobre o ateísmo

Freind: — Não vos repetirei, Senhor, os argumentos metafísicos de nosso famoso Clarke. Exorto-vos simplesmente a lê-los; são mais próprios para vos esclarecer do que para vos comover: não vos quero trazer senão razões, que talvez falem mais a vosso coração.

Birton: — Com muito prazer; quero que me divirtam e que me interessem; odeio os sofismas: as disputas metafísicas se assemelham a bolas cheias de vento que os combatentes atiram um ao outro. As bexigas rebentam, o ar escapa-se: nada sobra.

Freind: — Talvez nas profundezas do respeitável ariano Clarke haja algumas obscuridades, algumas bexigas; talvez se haja ele enganado sobre a realidade do infinito atual e do espaço etc.; talvez, fazendo-se comentador de Deus, tenha imitado às vezes os comentadores de Homero, que lhe atribuem idéias que a Homero jamais ocorreram.

A estas palavras sobre o infinito, o espaço, Homero e comentadores, o velho Paruba e sua filha, e até alguns ingleses, resolveram ir tomar a fresca no tombadilho; mas Freind prometeu ser inteligível, e eles permaneceram; e eu expliquei baixinho a Paruba algumas palavras um pouco científicas, que criaturas nascidas nas montanhas azuis não podiam compreender tão comodamente como doutores de Oxford e de Cambridge.

O amigo Freind continuou assim:

— Seria triste que, para ter certeza da existência de Deus, fosse necessário ser um profundo metafísico: não haveria, quando muito, na Inglaterra, mais que uns cem espíritos versados nessa árdua ciência do pró e do contra que fossem capazes de sondar esse abismo, e o resto da Terra inteira jazeria numa ignorância invencível, abandonado a suas paixões brutais, governado tão só pelo instinto, e só raciocinando passavelmente sobre as grosseiras noções de seus interesses carnais. Para saber se há um Deus, só vos peço uma coisa: é abrirdes os olhos.

Birton: — Ah! já sei: recorrer a esse velho e batido argumento de que o Sol gira em torno do seu eixo em vinte e cinco dias e meio, a despeito da absurda Inquisição de Roma; que a luz nos chega refletida de Saturno em catorze minutos, apesar das suposições absurdas de Descartes; que cada estrela fixa e um sol como o nosso, cercado de planetas; que todos esses astros inumeráveis, colocados nas profundezas do espaço, obedecem às leis matemáticas descobertas e demonstradas pelo grande Newton; que um catequista anuncia Deus às crianças, e que Newton o prova aos sábios, como o disse um filósofo *frenchman,* perseguido no seu engraçado país por havê-lo dito.

Não vos atormenteis em patentear-me essa ordem constante que reina em todas as partes do universo: afinal de contas, tudo o que existe deve estar numa ordem qualquer; a matéria mais rarefeita deve elevar-se acima da mais maciça, o mais forte deve fazer pressão, em todos os sentidos, sobre o mais fraco, o que é impulsionado com maior movimento deve correr mais depressa que o seu igual; tudo se arranja assim por si mesmo.

Ainda que bebêsseis uma pinta de vinho, como Esdras, e falásseis, como ele, novecentas e sessenta horas seguidas, sem fechar a boca, nem por isso eu vos acreditaria mais. Queríeis que eu adotasse um Ser eterno, infinito e imutável, a quem aprouve, não sei em que tempo, criar, do nada, coisas que mudam a todo instante, e fazer aranhas para que destripem moscas? Queríeis que eu dissesse, com esse impertinente de Nieuventyd, que *Deus nos deu ouvidos para termos fé, porque a fé nos vem por ouvir dizer?* Não, não acreditarei em charlatães que venderam caro a sua droga a imbecis. Reporto-me ainda ao livrinho desse *frenchman* que disse que nada existe e nada pode existir, senão a natureza; que a natureza faz tudo, que a natureza é tudo, que é impossível e contraditório que exista alguma coisa além do tudo; numa palavra, só creio na natureza.

Freind: — E se eu vos dissesse que não há natureza, e que em nós, em torno de nós, e a cem milhões de léguas, tudo é arte sem nenhuma exceção?

Birton: — Como! Tudo é arte? Mais outra!

Freind: — Quase ninguém atenta nisso; e no entanto nada é mais verdadeiro. Sempre hei de dizer: Servi-vos de vossos olhos, e reconhecereis, adorareis um Deus. Pensai em como esses globos imensos, que vedes rolar em sua imensa carreira, observam as leis de uma profunda matemática: há, pois, um grande matemático, a que Platão chamava o Eterno Geômetra. Admirais essas máquinas recém-inventadas a que chamam *oreri,* porque milorde Oreri as pôs em moda, protegendo o operário com suas liberalidades; é uma cópia muito fraca do nosso mundo planetário e das suas revoluções, o próprio período da mudança dos solstícios e dos equinócios, que nos traz dia a dia uma nova estrela polar. Esse período, esse curso tão lento de cerca de vinte e seis mil anos, não pôde ser executado por mãos humanas em nosso oreri. Essa máquina é muito imperfeita: é preciso acioná-la a manivela; no entanto, é uma obra-prima da habilidade de nossos artífices. Julgai, pois, qual não é o poder, qual não é o gênio do eterno arquiteto, se nos podemos servir desses termos impróprios, tão mal adequados ao Ser Supremo.

Dei a Paruba uma ligeira idéia do oreri. Ele disse: "Se há gênio nessa cópia também o deve haver no original. Eu desejaria ver um oreri; mas o céu é mais belo". Todos os assistentes, ingleses e americanos, ao ouvir tais palavras, sentiram-se igualmente tocados da verdade, e

ergueram as mãos ao céu. Birton permaneceu pensativo, depois exclamou: "Como! Tudo seria então arte, e a natureza não mais que a obra de um supremo artífice! Será possível?".

O sábio Freind continuou assim:

— Volvei agora os olhos para vós mesmos. Examinai com que arte espantosa, e nunca assaz desvendada, tudo aí está construído, por dentro e por fora, para todos os vossos usos e todos os vossos desejos; não pretendo dar aqui uma lição de anatomia, bem sabeis que não há uma víscera que não seja necessária e que não seja socorrida, quando em perigo, pelo jogo contínuo das vísceras vizinhas. Os socorros, no corpo, se acham tão artificiosamente preparados, que não há nenhuma veia que não tenha as suas válvulas e eclusas para abrir passagem ao sangue. Desde a raiz dos cabelos até os dedos dos pés, tudo é arte, tudo é preparação, meio e fim. E, na verdade, só se pode sentir indignação contra aqueles que ousam negar as verdadeiras causas finais, e que têm bastante má-fé ou fúria para dizerem que a boca não é feita para falar e comer; nem que os olhos não estejam maravilhosamente dispostos para ver, nem os ouvidos para ouvir; nem as partes da geração para engendrar: tão louca é essa audácia que tenho dificuldade em compreendê-la.

Confessemos que cada animal é um testemunho do supremo artífice.

A mais pequena relva basta para confundir a inteligência humana; e tão verdade é isso, que é impossível aos esforços de todos os homens reunidos produzir uma folhinha de capim se o germe não estiver na terra. E não se deve dizer que os germes apodrecem para produzir; pois tais asneiras não se dizem mais.

A assembléia sentiu a verdade dessas provas mais vivamente que todo o resto, porque eram mais palpáveis. Birton dizia entre dentes: "Será preciso submeter-me a reconhecer um Deus? Veremos isso; por Deus, é um assunto que se deve examinar". Jenni, que continuava imerso em profunda cisma, sentia-se abalado; e o nosso Freind terminou a sua frase:

Não, meus amigos, nós não fazemos nada, nada podemos fazer; é-nos dado arranjar, unir, desunir, numerar, pesar, medir; mas fazer! Qual! Só quem faz é o Ser necessário, o Ser eternamente existente por si mesmo. Eis porque os charlatães que procuram a pedra filosofal são sempre

tamanhos imbecis ou tamanhos velhacos. Gabam-se de criar ouro, e seriam incapazes de criar lama.

Confessemos pois, meus amigos, que existe um Ser supremo, necessário, incompreensível, que nos fez a todos.

Birton: — E esse Ser, onde está? Se há um, por que se esconde? Quem jamais o viu? Devemo-nos esconder depois de ter feito o bem?

Freind: — Vistes alguma vez Cristovão Ren, que construiu S. Paulo de Londres? No entanto, está demonstrado que esse edifício é obra de um hábil arquiteto.

Birton: — Todos concebem facilmente que Ren haja construído com muito dinheiro esse vasto edifício, onde Burgess nos adormece quando prega. Bem sabemos por que e como ergueram os nossos pais essa construção. Mas por que e como teria um Deus criado do nada este universo? Conheceis a velha máxima de toda a Antiguidade: *Nada se pode criar, nada volta a nada.* É uma verdade de que ninguém jamais duvidou. Até a vossa Bíblia diz expressamente que o vosso Deus fez o céu e a terra, embora o céu, isto é, a reunião de todos os astros, seja tão superior à terra como a terra o é ao menor dos grãos de areia; mas a vossa Bíblia jamais disse que Deus tenha feito o céu e a terra absolutamente com coisa alguma: não pretende que Deus tenha feito a mulher de nada. Formou-a singularmente de uma costela que arrancou ao marido. O caos existia, segundo a própria Bíblia, antes da terra: a matéria era, pois, tão eterna quanto o vosso Deus.

Elevou-se então um pequeno murmúrio na assembléia; dizia-se: "É bem possível que Birton esteja com a razão"; mas Freind respondeu:

— Já vos provei, creio eu, que existe uma inteligência suprema, uma potência eterna a que devemos uma existência passageira: não vos prometi explicar o "porquê" nem o "como". Deus me deu suficiente razão para compreender que ele existe, mas não o bastante para saber ao certo se a matéria lhe foi eternamente submissa, ou se ele a fez nascer no tempo. Que vos importa a eternidade ou a criação da matéria, contanto que reconheçais um Deus, um senhor da matéria e senhor vosso? Perguntais onde está Deus; nada sei, e não devo sabê-lo. Sei que ele existe, sei que ele é nosso senhor, que faz tudo, que tudo devemos esperar da sua bondade.

Birton: — Da sua bondade! Estais troçando comigo. Dissestes: "Servi-vos dos olhos". Pois eu vos digo: "Servi-vos dos vossos". Lançai

um único olhar que seja, à Terra inteira, e vede se o vosso Deus é bom.

O sr. Freind sentiu que aí é que estava o forte da discussão, e que Birton lhe preparava um rude assalto. Percebeu que os ouvintes, principalmente os americanos, tinham necessidade de tomar ares para escutar e eles para falar. Recomendou-se a Deus; foram passear pelo tombadilho; em seguida tomaram chá no iate, e recomeçou a discussão.

Capítulo IX

Sobre o ateísmo

Birton: — Por Deus, senhor! Não vos saireis tão bem no artigo da bondade como no referente ao poder e à indústria; falarei primeiro dos enormes defeitos deste globo, que são precisamente o oposto dessa tão gabada indústria; em seguida vos farei ver os crimes e males perpétuos dos habitantes, e julgareis do paternal afeto que, na vossa opinião, lhes dedica o Senhor.

Começo por vos dizer que os naturais de Glocestershire, minha terra, quando fazem nascer cavalos nos seus haras, criam-nos em belas pastagens, dão-lhes depois uma boa estrebaria, e aveia e feno com fartura; mas dizei-me que alimento e que abrigo tinham esses pobres americanos do norte quando os descobrimos passados tantos séculos. Tinham de correr trinta a quarenta milhas para conseguir o que comer. Toda a costa boreal do nosso antigo mundo definha mais ou menos sob a mesma necessidade; e, desde a Lapônia sueca até os mares setentrionais do Japão, cem povos arrastam a sua vida, tão curta quão insuportável, numa miséria terrível, em meio das neves eternas.

Os mais belos climas estão continuamente expostos a flagelos destruidores. Aí marchamos sobre acesos abismos recobertos de terrenos

férteis, que são ciladas de morte. Não há outros infernos sem dúvida; e esses infernos se abriram milhentas vezes sob nossos passos.

Falam-nos de um dilúvio universal, fisicamente impossível, e de que riem todas as pessoas sensatas; mas ao menos consolam-nos dizendo que somente durou dez meses: devia ele ter apagado esses fogos que depois destruíram tantas cidades florescentes. Informa-nos o vosso Santo Agostinho que um só terremoto, na Líbia, abrasou e subverteu cem cidades inteiras; esses vulcões abalararn toda a bela Itália. Para cúmulo de males, nem os tristes habitantes das zonas glaciais se acham isentos desses pegos subterrâneos; os islandeses, sempre ameaçados, vêem, pela frente, a fome, e, à direita e à esquerda, cem pés de flama e cem pés de gelo no seu monte Hecla: pois todos os grandes vulcões ficam situados naquelas horríveis montanhas.

E não nos venham dizer que essas montanhas de duas mil toesas de altura não são nada em relação à Terra, que tem três mil léguas de diâmetro; que são como as granulações da casca de uma laranja sobre a redondeza desse fruto; que se acham na razão de um pé para três mil. Ai! que somos nós então, se as altas montanhas só fazem sobre a Terra a figura de um pé sobre três mil e de quatro polegadas sobre nove mil pés? Somos portanto animais absolutamente imperceptíveis; e no entanto vemo-nos esmagados por tudo o que nos cerca, embora a nossa infinita pequenez, tão vizinha do nada, nos devesse colocar ao abrigo de todos os acidentes. Após essa infinidade de cidades destruídas, reconstruídas e novamente destruídas como formigueiros, que diremos desses mares de areia que atravessam o meio da África e cujas vagas ardentes, amontoadas pelos ventos, engoliram exércitos inteiros? De que servem esses vastos desertos ao lado da velha Síria? Desertos tão horrendos, tão inabitáveis, que esses animais ferozes chamados *judeus* se julgaram no paraíso terrestre quando passaram, daqueles lugares de horror, para um recanto de terra onde se podiam cultivar algumas jeiras.

E ainda não basta que o homem, essa nobre criatura, tenha sido tão mal alojado, tão malvestido, tão mal alimentado durante séculos. Nasce, entre a urina e a matéria fecal, para respirar dois dias; e, durante esses dois dias, compostos de enganadoras esperanças e de aborrecimentos reais, o seu corpo, formado com uma arte inútil, está à mercê de todos os males que resultam dessa mesma arte; vive entre a peste e a sífilis; a fonte de seu ser se acha envenenada; não há quem possa reter na memória a lista de

todas as doenças que nos perseguem; e o médico das urinas na Suíça pretende curá-las todas!

Enquanto Birton assim falava, o auditório se mostrava atento e impressionado. "Vejamos — dizia consigo Paruba — como o nosso doutor se sairá desta." O próprio Jenni deixou escapar em voz baixa: "Palavra, ele tem razão; tolo fui eu em me impressionar com os discursos de meu pai". O senhor Freind deixou passar essa onda, que agitava todas as imaginações, e depois disse:

— Um jovem teólogo responderia com sofismas a essa torrente de tristes verdades e vos citaria S. Basílio e S. Cirilo, que não têm o que fazer aqui; quanto a mim, senhores, confessarei sem rodeios que há muito mal físico sobre a face da Terra; não lhe subestimo a existência; mas o sr. Birton exagerou-a demasiado. Reporto-me a vós, meu caro Paruba: este clima foi feito para os americanos, e não é assim tão mau, já que nem vós, nem os vossos compatriotas, jamais quisestes deixá-lo. Os esquimós, os islandeses, os lapões, os ostiacos, os samoiedos igualmente jamais quiseram abandonar o seu. Os rangíferes, ou renas, que Deus lhes deu para os alimentar, vestir e carregar, morrem quando transportados para outras zonas. Os próprios lapões também morrem em climas um pouco meridionais; o clima da Sibéria é demasiado quente para eles: sentir-se-iam abrasados na paragem em que nos achamos.

É claro que Deus fez cada espécie de animais e de vegetais para o local onde se perpetuam. Os negros, essa espécie de homens tão diferente da nossa, nasceram de tal modo para a sua pátria, que milhares desses negros animais se suicidaram quando a nossa bárbara cupidez os transportou alhures. O camelo e o avestruz vivem constantemente nas areias da África; o touro e suas companheiras movimentam-se nas regiões férteis em que a relva continuamente se renova para seu sustento; a canela e o cravo só crescem na Índia; o trigo só é bom nos poucos países em que Deus o fez nascer. Temos outros alimentos, em toda a vossa América, desde a Califórnia até o estreito de Lemaire; não podemos cultivar a vinha em nossa fértil Inglaterra; nem tampouco na Suécia e no Canadá. Eis por que aqueles que, em certos países, fundam os seus ritos religiosos em pão e vinho não fizeram mais que consultar o seu clima; bem fazem eles em agradecer a Deus o alimento e a bebida que auferem da sua bondade; e vós, americanos, fareis bem em lhe dar graças, pelo vosso milho, a vossa

mandioca e a vossa farinha. Deus, por toda a Terra, proporcionou os órgãos e faculdades dos animais, desde o homem ao caracol, aos locais onde lhes deu vida: não acusemos sempre a Providência, quando tantas vezes lhe devemos ações de graças.

Consideremos os flagelos, as inundações, os vulcões, os terremotos. Se não reparais senão nessas calamidades, se só reunis um medonho conjunto de todos os incidentes que entravaram algumas engrenagens da máquina deste universo, Deus é um tirano; se atentais em seus inumeráveis benefícios, Deus é um pai. Vós me citais Santo Agostinho, o retórico, que, no seu livro dos milagres, fala de cem cidades destruídas ao mesmo tempo na Líbia; mas considerai que esse africano, que passou a vida a contradizer-se, prodigava em seus escritos a figura da ênfase: tratava os terremotos como a graça eficaz e a danação eterna de todas as criancinhas mortas sem batismo. Não disse ele, no seu trigésimo sétimo sermão, ter visto na Etiópia uma raça de homens providos de um grande olho no meio da fronte, como os ciclopes, e povos inteiros sem cabeça?

Nós, que não somos doutores da Igreja, não devemos ficar muito além nem muito aquém da verdade: essa verdade é que, dentre cem mil casas, pode-se contar quando muito uma destruída cada século pelos fogos necessários à formação deste globo.

Tão necessário é o fogo ao universo inteiro que, se não fora ele, não haveria na Terra nem animais, nem vegetais, nem minerais: não haveria nem Sol nem estrelas no espaço. Esse fogo, espalhado por debaixo da primeira crosta da Terra, obedece às leis gerais estabelecidas pelo próprio Deus; impossível que disso não resultem alguns desastres particulares: não se pode dizer que um artesão seja mau operário quando uma máquina imensa, construída por ele só, vem durando há tantos séculos sem se desarranjar. Se um homem tivesse inventado uma máquina hidráulica que regasse e fertilizasse toda uma província, haveríeis de censurar-lhe que a água que ele vos propinou afogasse alguns insetos?

Já vos provei que a máquina do mundo é obra de um ser soberanamente inteligente e poderoso: vós, que sois inteligentes, deveis admirá-lo; vós, que sois cumulados de seus benefícios, deveis amá-lo.

Mas os infelizes, direis, condenados a sofrer toda a vida, acabrunhados de moléstias incuráveis, podem acaso admirá-lo e amá-lo? Eu vos direi, meus amigos, que essas doenças tão cruéis vêm quase todas por culpa nossa, ou por culpa dos nossos pais, que abusaram do seu corpo,

e não por culpa do grande artífice. Quase não se conheciam outras enfermidades além da decrepitude, em toda a América Setentrional, antes de que para cá houvéssemos trazido essa *água de morte* a que chamamos *eau-de-vie,*[102] e que traz mil males diversos a quem quer que a beba em demasia. O contágio secreto das Caraíbas, a quem vós, os jovens, chamais de *pox,* não passava de uma leve indisposição cuja origem ignorávamos e de que nos curávamos em dois dias com guaiaco ou caldo de tartaruga; a incontinência dos europeus transplantou para o resto do mundo esse incômodo, que tomou entre nós um caráter tão funesto e se transformou em tão abominável flagelo. Lemos que vieram a morrer desse mal o papa Júlio II, o papa Leão X, um arcebispo de Mogúncia chamado Henneberg e o rei de França Francisco I.

A varíola, originada na Arábia Feliz, era tão-somente uma fraca erupção, uma ebulição passageira e sem perigo, uma simples depuração do sangue: tornou-se mortal na Inglaterra, como em tantos outros climas; nossa cupidez a trouxe para este mundo; ela o despovoou.

Cumpre lembrar que, no poema de Milton, esse tolo do Adão pergunta ao anjo Gabriel se viverá por muito tempo. "Sim — respondeu-lhe o anjo —, se observares a grande regra: *Nada em excesso.*" Observai todos essa regra, meus amigos; acaso vos atreveríeis a exigir que Deus vos fizesse viver sem dor durante séculos inteiros, em recompensa da vossa gula, da vossa embriaguez, da vossa incontinência, do vosso abandono a infames paixões que corrompem o sangue e abreviam fatalmente a vida?

Aprovei tal resposta; Paruba ficou muito satisfeito com ela; mas Birton não se abalou; e notei pelos olhos de Jenni que este ainda se achava bastante indeciso. Birton replicou como segue:

— Já que vos servistes de lugares-comuns de envolta com algumas reflexões novas, empregarei também um lugar-comum ao qual jamais se respondeu senão com ficções e verbiagem. Se existisse mesmo um Deus tão poderoso e tão bom, não teria ele posto o mal na Terra; não teria devotado as suas criaturas ao sofrimento e ao crime. Se ele não pôde impedir o mal, é impotente, se o pôde e não o quis, é bárbaro.

Só temos anais de cerca de oito mil anos, conservados entre os brâmanes; só os temos de uns cinco mil anos entre os chineses; o que conhecemos é de ontem; mas, nesse ontem, tudo é horror. Degolamos de um extremo a outro da Terra, e fomos bastante imbecis para dar o nome de

grandes homens, de heróis, de semideuses, de deuses até, àqueles que mataram o maior número de seus semelhantes.

Restavam na América duas grandes nações civilizadas que começavam a gozar das doçuras da paz: chegam os espanhóis e massacram doze milhões desses nativos; partem à caça de homens, como cães; e Fernando, rei de Castela, concede uma pensão a esses cães, por terem-no tão bem servido. Os heróis vencedores do novo mundo, que massacram tantos inocentes desarmados e nus, mandam servir à mesa assados de homens e mulheres, nádegas, braços e panturrilhas ensopadas. Mandam assar num braseiro o rei Guatimozin do México; correm ao Peru, a converter o rei Atabalipa. Um chamado Almagro, padre, filho de padre, condenado à forca na Espanha por ter sido ladrão de estrada, vai, com um chamado Pizarro, comunicar ao rei, por voz de um outro padre, que um terceiro padre, chamado Alexandre VI, manchado de incestos, de assassínios e de homicídios, dera, por sua livre vontade, *proprio motu,* e por seus plenos poderes, não só o Peru, mas a metade do novo mundo ao rei de Espanha; que Atabalipa deve imediatamente submeter-se, sob pena de incorrer na indignação dos apóstolos S. Pedro e S. Paulo. E, como esse rei não entendesse a língua latina mais do que o padre que lia a bula, foi logo declarado incréu e herético: mandaram queimar Atabalipa, como fizeram com Guatimozin; trucidaram o seu povo, e tudo isso para roubar uma terra amarela endurecida, que só serviu para despovoar e empobrecer a Espanha: pois lhe fez negligenciar a verdadeira terra, que sustenta os homens quando a cultivam.

Com efeito, meu caro sr. Freind, se o ser fantástico e ridículo a que chamam Diabo tivesse querido fazer homens à sua imagem e semelhança, acaso os teria formado de outro modo? Deixai, pois, de atribuir a um Deus uma obra tão abominável.

Esta tirada colocou toda a assembléia do lado de Birton. Eu via Jenni triunfar em segredo; até a jovem Paruba se sentiu tomada de horror ante o padre Almagro, o padre que lera a bula em latim, o padre Alexandre VI, todos os cristãos que haviam cometido tão inconcebíveis crimes por devoção e para roubar ouro. Confesso que tremi pelo amigo Freind; desesperava da sua causa; eis no entanto como ele respondeu, sem se perturbar:

— Meus amigos, lembrai-vos sempre de que existe um Ser supremo; eu vo-lo provei, e concordastes comigo, e, após ter sido forçados a confessar que ele existe, vós vos esforçastes por lhe achar imperfeições, vícios e maldades.

Longe estou de vos afiançar, como certos arrazoadores, que os males particulares formam o bem geral. Essa extravagância é demasiado ridícula. Convenho com pesar em que existe muito mal moral e mal físico; mas, já que a existência de Deus é certa, também é certo que esses males todos não podem impedir que Deus exista. Ele não pode ser mau; pois que interesse teria em sê-lo? Há males terríveis, meus amigos: pois bem! não lhes aumentemos o número. É impossível que Deus não seja bom; mas os homens são perversos; fazem um detestável uso da liberdade que esse Grande Ser lhes deu e lhes deve ter dado, isto é, o poder de executarem suas próprias vontades, sem o que não passariam de puras máquinas formadas por um ser mau, para serem por ele quebradas.

Todos os espanhóis esclarecidos concordam em que um pequeno numero de seus antepassados abusou dessa liberdade até a prática de crimes que fazem fremir a natureza. Dom Carlos, segundo do nome (de quem possa o senhor arquiduque ser sucessor!), reparou o quanto pôde as atrocidades a que se entregaram os espanhóis sob Fernando e sob Carlos v.

Meus amigos, se existe o crime na face da Terra, aqui também existe a virtude.

Birton: — Ah! ah! ah! a virtude! Engraçado, isto. Por Deus! Eu bem queria saber que cara tem a virtude, e onde encontrá-la.

A estas palavras, não me contive e interrompi por minha vez a Birton: "Vós a encontrareis no sr. Freind, no bom Paruba, em vós mesmo, quando tiverdes limpado o coração dos vícios que os recobrem". Ele corou, Jenni também; depois Jenni baixou os olhos, e pareceu sentir remorsos. O pai olhou-o com alguma compaixão e prosseguiu nos seguintes termos:

— Sim, meus caros amigos, se houve crimes, sempre houve virtudes. Atenas, se viu Anitos, viu também Sócrates; Roma, se teve Silas, também teve Catões; Calígula, Nero horrorizaram o mundo com as suas atrocidades; mas Tito, Trajano, Antonino Pio, Marco Aurélio consolaram-no com a sua beneficência: o meu Sherloc dirá em poucas palavras ao bom Paruba quem eram esses a que me refiro. Tenho felizmente o meu Epicteto aqui no bolso: esse Epicteto não passava de um escravo, mas, pelos seus

sentimentos, era igual a Marco Aurélio. Escutai, e possam todos aqueles que se arvoram em doutrinadores escutar o que Epicteto diz a si mesmo: *Foi Deus quem me criou, eu o trago em mim; ousaria desonrá-lo com pensamentos infames, com ações criminosas, com desejos indignos?* A sua vida foi conforme as suas palavras. Marco Aurélio, no trono da Europa e de duas outras partes de nosse hemisfério, não pensou diversamente de Epicteto; jamais se humilhou este da sua baixeza, jamais se deslumbrou aquele da sua grandeza; e, quando escreveram seus pensamentos, fizeram-no para si mesmos e para seus discípulos, e não para serem louvados nos jornais. E, na vossa opinião, Locke, Newton, Tillotson, Penn, Clarke, aquele a que chamam *the man of Ross,* e tantos outros da nossa ilha e fora da nossa ilha, que eu vos poderia citar, não foram modelos de virtude?

Falastes das guerras tão cruéis quão injustas de que tantas nações se tornaram culpadas, descrevestes as abominações dos cristãos no México e no Peru, podeis acrescentar a isso a noite de S. Bartolomeu na França e os morticínios da Irlanda; mas não há povos inteiros que sempre tiveram horror ao derramamento de sangue? Os brâmanes não deram sempre tal exemplo ao mundo? E, sem sair do país onde nos achamos, não temos aqui perto a Pensilvânia, onde os nossos primitivos, que desfiguram em vão com o nome de *quakers,* sempre detestaram a guerra? Não temos a Carolina, onde o grande Locke ditou as suas leis? Nessas duas pátrias da virtude, todos os cidadãos são iguais, todas as consciências são livres, todas as religiões são boas, desde que se adore a um Deus; todos os homens são ali irmãos. Vistes como, à simples menção de um descendente de Penn, os habitantes das montanhas azuis, que podiam exterminar-vos, logo largaram as armas. Eles sentiram o que é a virtude, e vós vos obstinais em ignorá-lo! Se a terra tanto produz venenos como alimentos salutares, ides acaso alimentar-vos unicamente de veneno?

Birton:— Ah! senhor, para que tantos venenos? Se Deus tudo fez, os venenos são obra sua; ele é o senhor de tudo; ele faz tudo; ele dirige a mão de Cromwell que assina a morte de Carlos I; ele conduz o braço do carrasco que lhe corta a cabeça; não, não posso admitir um Deus homicida.

Freind: — Nem eu tampouco. Escutai, peço-vos; haveis de convir comigo em que Deus governa o mundo por meio de leis gerais. Segundo essas leis Cromwell, monstro de fanatismo e de hipocrisia, decidiu a morte de Carlos I, por seu interesse, que todos os homens necessariamente amam e que nem todos interpretam do mesmo modo. Segundo as leis do

movimento estabelecidas pelo próprio Deus, o carrasco cortou a cabeça desse rei. Mas sem dúvida Deus não assassinou Carlos I por um ato particular da sua vontade. Deus não foi nem Cromwell, nem Jeffrys, nem Ravaillac, nem Balthazar Gérard, nem o irmão pregador Jacques Clément. Deus não comete, nem ordena, nem permite o crime, mas fez o homem, e fez as leis do movimento; essas leis eternas do movimento são igualmente executadas pela mão do homem caridoso que socorre o pobre e pela mão do celerado que degola seu irmão. Da mesma forma que Deus não extingue o sol e não afunda a Espanha no mar, para punir Cortez, Almagro e Pizarro, que inundaram de sangue humano a metade de um hemisfério, assim também não envia um bando de anjos a Londres, nem faz baixarem do céu cem mil tonéis de vinho de Borgonha, para causar prazer a seus queridos ingleses quando estes praticam uma boa ação. Sua providência geral seria ridícula se baixasse em cada momento a cada indivíduo; e tão palpável é essa verdade que jamais Deus puniu imediatamente a um criminoso, com um golpe teatral da sua onipotência: deixa brilhar o seu sol sobre os bons e sobre os maus. Se alguns celerados morrem imediatamente após seus crimes, aconteceu-lhes isso por obra das leis gerais que presidem o mundo. Li no grande livro de um *frenchman* chamado Mézeray que Deus fizera morrer o nosso grande Henrique V de uma fístula no ânus porque ele ousara sentar-se no trono do rei cristianíssimo; não, ele morreu porque as leis gerais emanadas da onipotência tinham de tal modo arranjado a matéria que a fístula no ânus acabaria com a vida daquele herói. Todo o mal físico de uma ação má é efeito das 1eis gerais impostas pela mão de Deus à materia; todo o mal moral da ação criminosa é efeito da liberdade de que o homem abusa.

Enfim, sem nos perdermos no nevoeiro da metafísica, lembremo-nos que está demonstrada a existência de Deus; não há que discutir quanto à sua existência. Tirai Deus ao mundo, e acaso se tornará mais legítimo o assassínio de Carlos I. Mais caro vos será o seu carrasco? Deus existe, é suficiente; se existe, é justo. Sede pois justos.

Birton: — Vosso argumento sobre o concurso de Deus tem agudeza e força, embora não desculpe inteiramente Deus de ser o autor do mal físico e do mal moral. Vejo que a maneira como desculpais Deus impressiona a assembléia; mas não poderia Ele agir de tal sorte que as leis gerais não implicassem tantas desgraças particulares? Haveis-me provado a existência de um Ser eterno e poderoso; e, Deus me perdoe!, temo o

momento em que me fareis crer em Deus. Mas tenho terríveis objeções a vos fazer. Vamos, Jenni, coragem; não nos deixemos abater. E vós, sr. Freind, que falais tão bem, não lestes o livro intitulado *o Bom senso?*

Freind: — Sim, eu o li, e não sou daqueles que condenam tudo em seus adversários. Há nesse livro verdades bem expostas, mas prejudicadas por um grande defeito. O autor quer continuamente destruir o Deus de Scot, de Albert, de Boaventura, o Deus dos ridículos escolásticos e dos monges. Notai que não ousa dizer uma palavra contra o Deus de Sócrates, de Platão, de Epicteto, de Marco Aurélio, contra o Deus de Newton e de Locke, contra o meu Deus, ouso dizê-lo. Perde o tempo a deblaterar contra superstições absurdas e abomináveis cujo ridículo e horror todas as pessoas sensatas hoje reconhecem. É como se se escrevesse contra a natureza porque os turbilhões de Descartes a desfiguraram; é como se se dissesse que o bom gosto não existe porque a maioria dos autores não tem gosto nenhum. Aquele que escreveu o livro do *Bom senso* julga haver atacado a Deus, e com isso demonstra absoluta falta de bom senso: só escreveu contra certos padres antigos e modernos. Julga haver aniquilado o senhor por ter repetido que ele foi muitas vezes servido por velhacos.

Birton: — Escutai, nós poderíamos aproximar-nos. Eu poderia respeitar o senhor se me entregásseis os servos. Amo a verdade; mostrai-ma, e eu a seguirei.

Capítulo X

Sobre o ateísmo

Descera a noite. Era bela, a atmosfera era uma abóbada de transparente azul, semeada de estrelas de ouro; esse espetáculo sempre toca os homens e lhes inspira doces meditações: o bom Paruba admirava o céu, como um alemão admira a basílica de S. Pedro, ou a Ópera de Nápoles, ao vê-la pela primeira vez.

— Essa abóbada é bastante ousada — dizia Paruba a Freind, e Freind lhe retrucava:

— Não há nenhuma abóbada, meu caro Paruba; essa cúpula azul não é mais que um estendal de nuvens ligeiras, que Deus de tal modo dispôs e combinou de tal modo com a mecânica de vossos olhos que, em qualquer ponto em que vos acheis, estais sempre no centro do vosso passeio, e avistais isso a que chamam céu, e que não é o céu, arqueado sobre a vossa cabeça.

— E essas estrelas, sr. Freind?

— São, como já o disse, outros tantos sóis em torno dos quais giram outros mundos; longe de estarem ligados a essa abóbada azul, lembrai-vos que estão a distâncias diferentes e prodigiosas: aquela que estais vendo acha-se a mil e duzentos milhões de mil passos do nosso Sol.

Mostrou-lhe então o telescópio que trouxera: fez-lhe ver nossos planetas, Júpiter com as suas quatro luas, Saturno com as suas cinco luas e o seu inconcebível anel luminoso; é a mesma luz, dizia-lhe ele, que parte de todos esses globos, e que chega a nossos olhos, daquele planeta em um quarto de hora, daquela estrela em seis meses. Paruba pôs-se de joelhos e disse:

— Os céus anunciam Deus.

Toda a equipagem cercava o venerável Freind, olhava, e admirava. O coriáceo Birton avançou sem nada olhar, e falou assim:

Birton: — Pois bem, seja! há um Deus, concedo-vos; mas que importa a vós e a mim? Que há entre o Ser infinito e nós, vermes da terra? Que relação pode existir entre a sua essência e a nossa? Epicuro, admitindo deuses nos planetas, tinha razão em ensinar que eles não se misturavam absolutamente às nossas tolices e aos nossos horrores; que não podíamos nem ofendê-los nem lhes agradar; que não tinham nenhuma necessidade de nós, nem nós deles: admitis um Deus mais digno do espírito humano que os deuses de Epicuro e que todos os deuses dos orientais e ocidentais. Mas se dizeis, como tantos outros, que esse Deus formou ao mundo e a nós para sua glória; que exigiu outrora sacrifícios de bois, para sua glória; que apareceu, para glória sua, sob a nossa forma de bípedes etc., estareis dizendo, parece-me, uma coisa absurda, que faria rir a todas as pessoas que pensam. O amor da glória não é outra coisa que orgulho, e o orgulho não passa de vaidade; um orgulhoso é um tolo personagem que Shakespeare representava no seu teatro: esse epíteto não pode convir mais

a Deus que o de injusto, de cruel, de inconstante. Se Deus se dignou fazer, ou antes, arranjar o universo, só deve ter sido em vista de fazer felizes as criaturas. Deixo a vosso entendimento o afirmar se ele atingiu tal desígnio, o único, no entanto, que poderia convir à natureza divina.

Freind: — Sim, sem dúvida, ele o conseguiu com todas as almas justas: elas serão felizes um dia, se já não o são hoje.

Birton: — Felizes! Que sonho! Que história da Carochinha! Onde? Como? Quando? Quem vos disse tal?

Freind: — A sua justiça.

Birton: — Não me digais, depois de tantos declamadores, que nós viveremos eternamente quando não mais existirmos; que possuímos uma alma imortal, ou antes, que ela nos possui, após nos haverdes confessado que os próprios judeus, os judeus a quem vos gabais de haver substituído, jamais suspeitaram ao menos essa imortalidade da alma, até o tempo de Herodes? Essa idéia de uma alma imortal fora inventada pelos brâmanes, adotada pelos persas, os caldeus, os gregos, ignorada muito tempo pela infeliz horda judaica, mãe das mais infames superstições. Ah, senhor, sabemos ao menos se possuímos uma alma? Sabemos se os animais cujo sangue lhes constitui a vida, como constitui a nossa, que têm, como nós, vontades, apetites, paixões, idéias, memória, indústria; sabeis se essas criaturas, tão incompreensíveis quanto nós, possuem uma alma, como pretendem que nós possuímos?

Julgara até agora que existia na natureza uma força ativa de que recebemos o dom de viver em todo o nosso corpo, de marchar com os pés, de aprender com as mãos, de ver com os olhos, de ouvir com os ouvidos, de sentir com os nervos, de pensar com a cabeça, e que tudo isso era o que chamamos alma, palavra vaga que não significa, no fundo, mais que o princípio desconhecido de nossas faculdades. Chamarei Deus convosco, a esse princípio inteligente e poderoso que anima a natureza inteira; mas acaso se dignou ele em dar-se a conhecer a nós?

Freind: — Sim, pelas suas obras.

Birton: — Ditou-nos as suas leis? Falou-nos?

Freind: — Sim, pela voz da vossa consciência. Não é verdade que, se houvésseis matado vosso pai e vossa mãe, essa consciência vos despedaçaria com remorsos tão horrendos quão involuntários? Essa verdade não é sentida e confessada pelo universo inteiro? Baixemos agora a menores crimes. Haverá um único que não vos assuste à primeira vista,

que não vos faça empalidecer na primeira vez em que o cometeis, e que não vos deixe no coração o aguilhão do arrependimento?

Birton: — Tenho de o confessar.

Freind: — Deus portanto expressamente ordenou, falando a vosso coração, que nunca vos manchásseis com um crime evidente. E quanto a todas essas ações equívocas, que uns condenam e outros justificam, que de melhor temos a fazer senão seguir esta grande lei do primeiro dos Zoroastros, tão celebrada em nossos dias por um autor francês: "Quando não sabes se a ação que meditas é boa ou má, abstém-te"?[103]

Birton: — Essa máxima é admirável; é sem dúvida o que jamais se disse de mais belo, isto é, de mais útil em moral; e isso quase me faria pensar que Deus suscitou de tempos em tempos alguns sábios que ensinaram a virtude aos homens transviados. Peço-vos perdão de haver escarnecido da virtude.

Freind: — Pedi perdão ao Ser eterno, que pode recompensá-lo eternamente, e punir os transgressores.

Birton: — Como! Deus me puniria eternamente por me haver entregue a paixões que ele me deu?

Freind: — Ele vos deu paixões com as quais se pode fazer o bem e o mal. Eu não disse que ele vos punirá para sempre, nem como vos punirá, pois ninguém pode saber nada a respeito; digo-vos que ele o pode. Foram os brâmanes os primeiros que imaginaram uma prisão eterna para as substâncias celestes que se haviam revoltado contra Deus no seu próprio palácio; encerrou-os numa espécie de inferno a que chamavam *ondera;* mas, ao cabo de alguns milhares de séculos, suavizou-lhes as penas, colocou-os na terra, fê-los homens: é daí que vem a nossa mescla de vícios e de virtudes, de prazeres e de calamidades. É engenhosa essa imaginação; e ainda mais o é a fábula de Pandora e de Prometeu. Nações grosseiras imitaram grosseiramente a bela fábula de Pandora; essas invenções são sonhos da filosofia oriental; tudo o que vos posso dizer é que, se cometestes crimes abusando da vossa liberdade, ser-vos-á impossível provar que Deus seja incapaz de vos punir; desafio-vos a isso.

Birton: — Esperai; dizeis que não vos posso demonstrar que ao grande Ser é impossível punir-me: palavra, tendes razão; fiz o que pude para provar-me que isso era impossível, e jamais o consegui. Confesso que abusei da minha liberdade, e que Deus me pode castigar; mas, por Deus! não serei punido quando não mais existir.

Freind: — O melhor partido é serdes honesto enquanto existis.

Birton: — Ser honesto enquanto existo?... Sim, confesso-o, tendes razão, é o partido que se deve tomar.

Desejaria, caro amigo, que houvésseis testemunhado o efeito que as palavras de Freind produziram em todos os ingleses e americanos. Birton, tão leviano e audacioso, tomou de súbito um ar recolhido e modesto; Jenni, com os olhos úmidos de pranto, lançou-se aos joelhos de seu pai, e o pai o abraçou. Eis enfim a última cena dessa disputa tão espinhosa e tão interessante.

Capítulo XI

Do ateísmo

Birton: — Concebo perfeitamente que o grande Ser, o senhor da natureza, seja eterno; mas nós, que não existíamos ontem, poderemos ter a louca ousadia de aspirar a uma eternidade futura? Tudo parece sem remissão em torno de nós, desde o inseto devorado pela andorinha até o elefante devorado pelos vermes.

Freind: — Não, nada perece: tudo se transforma: os germes impalpáveis dos animais e dos vegetais subsistem, desenvolvem-se, e perpetuam as espécies. Por que não havíeis de querer que Deus conservasse o princípio que vos faz agir e pensar, de qualquer natureza que ele possa ser? Deus me livre de construir um sistema; mas certamente há em nós qualquer coisa que pensa e que quer: essa qualquer coisa, a que chamavam outrora uma mônada, essa qualquer coisa é imperceptível. Deus no-la deu, ou talvez, para falar mais justo, Deus nos deu a ela. Estais bem certo de que ele não a pode conservar? Pensai, examinai, podeis fornecer-me alguma demonstração disso?

Birton: — Não; procurei-a em meu entendimento, em todos os livros dos ateus, e sobretudo no terceiro canto de Lucrécio; confesso que nunca encontrei senão verossimilhanças.

Freind: — E, louvados nessas simples verossimilhanças, nos entregaríamos a todas as nossas funestas paixões? Viveríamos como brutos, não tendo como regra senão os nossos apetites e como freio o temor dos outros homens, eternamente inimigos uns dos outros devido a esse mútuo temor! Pois a gente sempre quer destruir aquilo a que teme. Pensai bem nisso, sr. Birton, reflete profundamente sobre isso, meu filho Jenni; não esperar de Deus nem castigo nem recompensa é ser verdadeiramente ateu. De que serviria a idéia de um Deus que não tivesse nenhum poder sobre nós? É como se dissessem: há um rei da China que é muito poderoso. Que lhe faça bom proveito — responderia eu —; que fique na sua terra e eu na minha; não me preocupo mais com ele do que ele comigo; ele não tem mais jurisdição sobre a minha pessoa do que um cônego de Windsor sobre um membro do nosso Parlamento; então sou eu o meu próprio Deus: sacrifico o mundo inteiro às minhas fantasias, se se apresentar uma ocasião; sou sem lei, e só importo a mim mesmo. Se os outros seres são carneiros, faço-me lobo; se são galinhas, faço-me raposa.

Suponhamos (queira Deus o contrário) que toda a nossa Inglaterra seja atéia por princípios. Convenho em que poderá haver vários cidadãos que, nascidos com um gênio tranqüilo e brando, bastante ricos para não terem necessidade de ser injustos, governados pela honra e por isso atentos a seu procedimento, conseguirão viver em sociedade: cultivarão as belas-artes, que suavizam os costumes: poderão viver na paz, na inocente alegria da gente honrada. Mas o ateu pobre e violento, seguro da sua impunidade, será um tolo se não vos assassinar para roubar vosso dinheiro. De então, todos os elos da sociedade são rompidos, todos os crimes secretos inundam a terra, como os gafanhotos, no princípio mal percebidos, vêm assolar nossos campos; o baixo povo não passará de uma horda de salteadores, como os nossos ladrões de que não se enforca a décima parte: passam a sua miserável vida em tavernas, com prostitutas, batem-lhes, batem-se entre si; tombam bêbedos no meio de seus canecões com os quais quebram a cabeça uns aos outros; despertam para roubar e para assassinar; recomeçam cada dia esse círculo abominável de brutalidades!

Quem conterá os grandes e os reis nas suas vinganças, na sua ambição, à qual tudo querem imolar? Um rei ateu é mais perigoso que um

Ravaillac fanático.

Os ateus formigavam na Itália, no século XV; que resultou daí? Tornou-se tão comum envenenar como oferecer uma ceia, e mergulhar um punhal no coração de um amigo como abraçá-lo; houve professores de crime, como há hoje mestres de música e de matemática. Escolhiam expressamente os templos para aí assassinar os príncipes ao pé dos altares. O papa Sixto IV e um arcebispo de Florença mandaram assassinar assim os dois príncipes mais distintos da Europa. (Dizei, meu caro Sherlock, a Paruba e a seus filhos, o que é um papa e um arcebispo, e dizei-lhes sobretudo que já não existem semelhantes monstros.) Mas continuemos. Um duque de Milão foi assassinado da mesma forma no interior de uma igreja. São por demais conhecidos os espantosos horrores de Alexandre VI. Se houvessem subsistido tais costumes, a Itália teria ficado mais deserta do que o Peru após a invasão.

A crença num Deus remunerador das boas ações, punidor das más, perdoador das faltas leves, é pois a crença mais útil ao gênero humano; é o único freio dos poderosos, que cometem insolentemente os crimes públicos; é o único freio dos homens que cometem disfarçadamente os crimes secretos. Não vos digo, meus amigos, que junteis, a essa crença necessária, superstições que a desonrariam e que até poderiam torná-la funesta: o ateu é um monstro que só devorará para apaziguar a fome; o supersticioso é outro monstro que estraçalhará os homens por dever. Sempre notei que se pode curar um ateu, mas jamais se cura radicalmente a um supersticioso; o ateu é um homem de talento que se engana, mas que pensa por si mesmo; o supersticioso é um tolo brutal que jamais teve senão as idéias dos outros. O ateu violará Ifigênia, prestes a desposar Aquiles, mas o fanático a degolará piedosamente sobre o altar, e julgará que Júpiter lhe ficará devendo obrigações; o ateu roubará um vaso de ouro a uma igreja, para cear com mulheres alegres, mas um fanático celebrará um auto-de-fé nessa igreja e entoará um cântico judeu, a plenos pulmões, enquanto faz queimar judeus. Sim, meus amigos, o ateísmo e o fanatismo são os dois pólos de um universo de confusão e de horror. A pequena zona da virtude está entre esses dois pólos; marchai a passo firme por esse caminho; acreditai num Deus bom, e sede bons. É tudo quanto os grandes legisladores Locke e Penn pedem a seus povos.

Respondei-me, senhor Birton, vós e vossos amigos: que mal vos pode fazer a adoração de um Deus, junta à ventura de ser um homem honrado?

Neste momento em que vos falo, podemos todos ser atacados de uma doença mortal: qual de nós não desejaria então ter vivido na inocência? Vede como o nosso mau Ricardo III morre em Shakespeare; como os espectros de todos aqueles que ele matou vêm aterrorizar sua imaginação. Vede como expira Carlos IX de França após S. Bartolomeu. Por mais que lhe diga o capelão que ele fez bem, seu crime o dilacera, seu sangue jorra-lhe pelos poros, e todo o sangue que fez correr brada contra ele. Acreditai-me: de todos esses monstros, não há nenhum que não tenha vivido nos tormentos do remorso e que não tenha acabado no desespero.

Capítulo XII

Regresso à Inglaterra. Casamento de Jenni

Birton e seus amigos não mais puderam conter-se; lançaram-se aos joelhos de Freind.

— Sim — disse Birton —, eu creio em Deus e em vós.

Já estavam perto da casa de Paruba. Ali cearam; mas Jenni não pôde comer: mantinha-se afastado, derramava lágrimas; o pai foi procurá-lo para o consolar.

— Ah! — disse-lhe Jenni —, eu não merecia ter um pai como vós; morrerei de dor de me haver deixado seduzir por essa abominável Clive-Hart: sou a causa, embora inocente, da morte de Primerose; e, ainda há pouco, quando nos falastes de envenenamento, senti um calafrio; pareceu-me ver Clive-Hart apresentando a Primerose a horrível beberagem. Meu Deus! Como pude ter o espírito bastante alienado para seguir uma criatura tão criminosa? Ela enganou-me; eu estava cego. Só me desenganei um pouco antes de os selvagens a terem apanhado: num assomo de cólera, ela quase me fez a confissão de seu crime. Desde esse momento, tive-lhe horror. E, para meu suplício, a imagem de Primerose está incessantemente

diante de meus olhos; eu a vejo, eu a ouço; ela me diz: “Eu estou morta porque te amava”.

O senhor Freind esboçou um sorriso de bondade, cujo motivo Jenni não compreendeu; disse-lhe o pai que só uma vida impecável poderia reparar as faltas passadas; levou-o para a mesa como um homem a quem acabam de retirar das vagas onde se afogava; eu próprio o abracei, agradei-lhe, animei-o; estávamos todos comovidos. Aparelhamo-nos no dia seguinte para voltar à Inglaterra, depois de ter dado presentes a toda a família de Paruba: nossos adeuses foram mesclados de lágrimas sinceras; Birton e seus camaradas, que nunca tinham sido senão levianos, pareciam agora completamente sensatos.

Estávamos em alto-mar, quando Freind disse a Jenni em minha presença:

— E então, meu filho, a lembrança da linda, da virtuosa e terna Primerose ainda te é muito cara?

Jenni desesperou-se a essas palavras; as flechas de um eterno e inútil arrependimento lhe varavam o coração, e eu temi que ele se precipitasse no mar.

— Pois bem — disse-lhe Freind —, consola-te; Primerose está viva, e ama-te.

Freind, com efeito, recebia notícias seguras, graças àquele fiel empregado que lhe escrevia por todos os navios que partiam para Maryland. O senhor Mead, que depois adquiriu tamanha reputação no conhecimento de todos os venenos, tivera a felicidade de arrancar Primerose aos braços da morte. O sr. Freind mostrou ao filho aquela carta que ele relera tantas vezes e com tanta emoção.

Jenni passou, em um ápice, do auge do desespero ao da felicidade. Não vos descreverei o efeito dessa tão repentina mudança; quanto mais me impressionou, menos posso exprimi-lo; foi o mais belo momento da vida de Jenni. Birton e seus camaradas compartilharam tão pura alegria.

Que mais vos direi? O excelente Freind lhes serviu de pai a todos. O casamento do belo Jenni e da bela Primerose efetuou-se em casa do doutor Mead. Também casamos Birton, que estava completamente mudado. Jenni e ele são hoje as pessoas mais honradas da Inglaterra. Haveis de convir em que um sábio pode curar loucos.

Os ouvidos do conde de Chesterfield e o capelão Goudman

Capítulo I

AH! A FATALIDADE GOVERNA irremissivelmente todas as coisas deste mundo. Assim o julgo, como de razão, por minha própria aventura.

Milorde Chesterfield, que me estimava muito, prometera ajudar-me. Vagara um bom *preferment*[104] de sua nomeação. Corro, do fundo da minha província, a Londres; apresento-me a milorde; recordo-lhe as suas promessas; ele me aperta amistosamente a mão e diz que, com efeito, estou com uma péssima fisionomia. Respondo-lhe que o meu maior mal é a pobreza. Ele me replica que quer mandar curar-me, e dá-me imediatamente uma carta para o sr. Sidrac, perto de Guildhall.

Não duvido que o sr. Sidrac seja aquele que deve tratar dos papéis de meu curato. Vôo a sua casa. O sr. Sidrac, que era o cirurgião de milorde, põe-se incontinênti no dever de me sondar, e assegura-me que, se tenho pedra, ele ma talhará devidamente.

Cumpre esclarecer que milorde entendera que eu tinha um grande mal na bexiga e quisera, na sua habitual generosidade, fazer-me talhar à sua custa. Era surdo, bem como o senhor seu irmão, e eu não estava inteirado disso.

Durante o tempo que eu perdi em defender a minha bexiga contra o sr. Sidrac, que queria sondar-me à viva força, um dos cinqüenta e dois competidores que aspiravam ao mesmo benefício chegou à casa de milorde, pediu o meu curato, e obteve-o.

Estava eu enamorado de *miss* Fidler, a quem devia desposar logo que me fizessem cura; o meu rival conseguiu meu lugar e minha amada.

O conde, sabedor do meu desastre e do seu engano, prometeu-me reparar tudo. Mas morreu dois dias após.

O sr. Sidrac me fez ver, claro como a luz, que o meu bom protetor não podia viver um minuto mais, dada a constituição presente de seus órgãos, e provou-me que a sua surdez provinha apenas da extrema secura da corda e do tambor da sua orelha. Ofereceu-se para endurecer meus dois ouvidos com espírito de vinho, de modo a me tornar mais surdo do que qualquer par do reino.

Compreendi que o sr. Sidrac era um homem muito sábio. Inspirou-me gosto pela ciência da natureza. Via aliás que era um homem caridoso, que me talharia graus na primeira ocasião, e que me aliviaria em todos os acidentes que me poderiam acontecer no colo da bexiga.

Pus-me, assim, a estudar a natureza sob a sua direção, para me consolar da perda de meu curato e de minha amada.

Capítulo II

Depois de muitas observações sobre a natureza, feitas com os meus cinco sentidos, lentes, microscópios, disse eu um dia ao sr. Sidrac:

— Estão a zombar de nós; não há natureza, tudo é arte. É por uma arte admirável que todos os planetas dançam regularmente em torno do Sol, ao passo que o Sol gira sobre si mesmo. Cumpre certamente que alguém tão sábio como a Sociedade Real de Londres tenha arranjado as coisas de maneira que o quadrado das revoluções de cada planeta seja sempre proporcional à raiz do cubo do seu quadrado ao seu centro; e é preciso ser feiticeiro para adivinhá-lo.

O fluxo e refluxo do nosso Tâmisa me parece efeito constante de uma arte não menos profunda e não menos difícil de conhecer.

Animais, vegetais, minerais, tudo me parece arranjado com peso, medida, número, movimento. Tudo é mola, alavanca, polia, máquina hidráulica, laboratório de química, desde a relva até o carvalho, desde a pulga até o homem, desde um grão de areia até as nossas nuvens.

Certamente, não há senão arte, e a natureza é uma quimera.

— Tendes razão — respondeu-me o sr. Sidrac —, mas não vos cabe a primazia; isso já foi dito por um sonhador de além-Mancha,[105] mas não

lhe deram atenção.

— O que me espanta, e o que mais me agrada, é que, por meio dessa arte incompreensível, duas máquinas produzam sempre uma terceira; e sinto muito não ter feito uma com *miss* Fidler; mas compreendo que estava arranjado de toda a eternidade que *miss* Fidler empregaria outra máquina que não eu.

— O que dizeis — replicou o sr. Sidrac — também já foi dito, e melhor: é apenas uma probabilidade que penseis justo. Sim, é muito divertido que dois seres produzam um terceiro; mas isso não é verdade para todos os seres. Duas rosas não produzem uma terceira, beijando-se. Dois seixos, dois metais, não produzem um terceiro, e no entanto um metal, uma pedra, são coisas que toda a indústria humana não poderia fazer. O grande, o belo milagre contínuo é que um jovem e uma rapariga façam juntos um filho, que um rouxinol faça um rouxinolzinho na sua rouxinola, e não numa toutinegra. Deveria passar metade da vida a imitá-los, e a outra metade a abençoar aquele que inventou tal método. Há na geração mil segredos curiosíssimos. Diz Newton que a natureza se assemelha em toda parte: *Natura est ubique sibi consona.* Isso é falso em amor; os peixes, os répteis, os pássaros não fazem o amor como nós: há nisso uma variedade infinita. O fabrico dos seres que sentem e agem me encanta. Os vegetais também têm seu interesse. Espanta-me sempre que um grão de trigo lançado à terra produza vários outros.

— Ah! — disse-lhe eu, como um tolo que ainda era —, é que o trigo deve morrer para nascer, como o disseram na escola.

O sr. Sidrac retrucou-me com um riso circunspecto:

— Isso era verdade no tempo da escola, mas o mais humilde lavrador sabe hoje muito bem que a coisa é absurda.

— Ah! sr. Sidrac, peço-lhe perdão; mas é que eu fui teólogo, e não é de um momento para outro que a gente se desfaz dos velhos hábitos.

Capítulo III

Algum tempo depois dessas conversações entre o pobre padre Goudman e o excelente anatomista Sidrac, este último encontrou o primeiro no parque St. James, muito pensativo e cismarento, com o ar embaraçado de um algebrista que acabasse de fazer um cálculo errado.

— Que tendes? — indagou Sidrac. — É a bexiga ou o cólon que vos atormenta?

— Não, é a vesícula do fel. Acabo de ver passar numa bela carruagem o bispo de Gloucester, que é um pedante palrador e atrevido. Eu ia a pé, e isso me irritou. Pensei que, se eu quisesse um bispado neste reino, haveria dez mil probabilidades contra uma de não o conseguir, visto que somos dez mil padres na Inglaterra. Estou sem nenhuma proteção desde a morte de milorde Chesterfield, que era surdo. Suponhamos que os dez mil padres anglicanos tenham cada um dois protetores; haveria neste caso vinte mil probabilidades contra uma de que eu não conseguiria o bispado. Isso, pensando bem, incomoda.

Lembra-me de que outrora me haviam proposto ir às Indias na qualidade de grumete; asseguravam-me que eu ali faria fortuna, mas não me achava com vocação para me tornar um dia almirante. E, depois de haver examinado todas as profissões, fiquei padre, sem prestar para mais nada.

— Deixai de ser padre — disse-lhe Sidrac — e fazei-vos filósofo. Este ofício não exige nem dá riquezas. Qual é a vossa renda?

— Tenho apenas trinta guinéus de renda e, após a morte de minha velha tia, terei cinqüenta.

— Vamos, meu caro Goudman, é o bastante para viver livre e para pensar. Trinta guinéus importam em seiscentos e trinta xelins, o que dá cerca de dois xelins por dia. Philips não queria mais que um. Pode-se, com essa renda garantida, dizer tudo o que se pensa da Companhia das Índias, do Parlamento, das nossas colônias, do rei, do ser em geral, do homem e de Deus, o que é um grande divertimento. Vinde jantar comigo; isso vos poupará dinheiro; conversaremos, e a vossa faculdade pensante terá o prazer de comunicar-se com a minha por meio da palavra, o que é uma coisa maravilhosa, que os homens não admiram como devem.

Capítulo IV

Conversação do doutor Goudman e do anatomista Sidrac sobre a alma e outras coisas

Goudman: — Mas meu caro Sidrac, por que dizeis sempre a *minha faculdade pensante?* Por que não dizeis *minha alma* simplesmente? Ficaria mais curto, e eu vos entenderia da mesma forma.

Sidrac: — Pois eu não me entenderia a mim. Sinto muito bem, sei muito bem que Deus me deu a faculdade de pensar e de falar, mas não sinto nem sei se me deu um ser e que se chama alma.

Goudman: — Na verdade, refletindo bem, vejo que nada sei tampouco, e que por muito tempo fui assaz ousado para julgar sabê-lo. Observei que os povos orientais chamaram a alma por um nome que significava a vida. A seu exemplo, os latinos entenderam a princípio por *anima* a vida do animal. Entre os gregos dizia-se: a respiração é a alma. Essa respiração é um sopro. Os latinos traduziram a palavra sopro por *spiritus:* daí a palavra que corresponde a espírito em quase todas as nações modernas. Como jamais ninguém viu esse sopro, esse espírito, fizeram dele um ser que ninguém pode ver nem tocar. Disseram que habitava o nosso corpo sem nele ocupar espaço, que movia nossos órgãos sem os atingir. Que mais que não se disse? Todas as nossas digressões, ao que parece, se têm baseado em equívocos. Vejo que o sábio Locke bem compreendeu em que caos haviam mergulhado a razão humana esses equívocos de todas as línguas. Não dedicou ele um único capítulo à alma no único livro razoável de metafísica que já se escreveu no mundo. E se por acaso pronuncia essa palavra em alguns lugares, essa palavra apenas significa para ele a nossa inteligência.

Com efeito, toda gente percebe que tem uma inteligência, que recebe idéias, que as associa, que as decompõe; mas ninguém percebe que tem em si um outro ser que lhe dá movimento, sensações e idéias. É, no fundo, ridículo pronunciar palavras que não se entendem, e admitir seres de que não se pode ter o mínimo conhecimento.

Sidrac: — Eis-nos portanto já de acordo sobre uma coisa que foi objeto de disputa durante tantos séculos.

Goudman: — E admira-me que estejamos de acordo.

Sidrac: — Não é de espantar, pois procuramos a verdade de boa- fé. Se estivéssemos nos bancos da escola, argumentaríamos como os personagens de Rabelais.[106] Se vivêssemos nos séculos de horrendas trevas que envolveram por tanto tempo a Inglaterra, um de nós dois faria talvez queimar o outro. Estamos num século de razão; encontramos facilmente o que nos parece a verdade, e ousamos dizê-lo.

Goudman: — Sim, mas receio que essa verdade seja bem pouca coisa. Fizemos em matemática prodígios que espantariam Apolônio e Arquimedes e que os converteriam em nossos discípulos; mas, em metafísica, que foi que encontramos? A nossa ignorância.

Sidrac: — E não é nada? Haveis de convir em que o grande Ser vos deu uma faculdade de sentir e de pensar como deu a vossos pés a de andar, a vossas mãos o poder de fazer mil coisas, a vossas vísceras o de digerir, a vosso coração o de impelir o sangue para as artérias. Dele recebemos tudo; nada nos pudemos dar; e ignoramos sempre a maneira como o senhor do universo consegue conduzir-nos. Quanto a mim, dou-lhe graças por me haver ensinado que nada sei dos primeiros princípios.

Sempre se procurou saber como age a alma sobre o corpo. Seria preciso saber primeiro se possuíamos uma alma. Ou Deus nos fez essa dádiva, ou nos comunicou qualquer coisa que lhe é equivalente. De qualquer modo que haja feito, estamos sob o seu domínio. Ele é o nosso senhor, eis tudo quanto sei.

Goudman: — Mas, ao menos, dizei-me o que suspeitais. Dissecastes cérebros, vistes embriões e fetos: descobristes aí algum indício de alma?

Sidrac: — Nenhum, e jamais pude compreender como um ser imaterial, imortal, poderia viver inutilmente durante nove meses, oculto em uma membrana malcheirosa, entre a urina e os excrementos. Pareceu-me difícil conceber que essa pretendida alma simples existisse antes da formação de seu corpo; pois para que teria ela servido durante séculos sem ser alma humana? E depois, como imaginar um ser simples? Um ser metafísico que espera, durante uma eternidade, o momento de animar a matéria durante alguns minutos? Que será feito desse ser desconhecido se o feto a que deve animar morre no ventre materno?

Pareceu-me ainda mais ridículo que Deus criasse uma alma no momento em que um homem deita com uma mulher. Pareceu-me blasfematório que Deus esperasse a consumação de um adultério, de um incesto, para recompensar essas torpezas criando almas em seu favor. É ainda pior quando me dizem que Deus tira do nada almas imortais para as fazer sofrerem eternamente incríveis tormentos. Como! queimar seres simples, seres que nada têm de queimável! Como faríamos para queimar um som de voz, um vento que acaba de passar? E ainda esse som, esse vento, eram materiais no breve instante da sua passagem; mas um espírito puro, um pensamento, uma dúvida? Isto me confunde. Para qualquer lado que me volte, só encontro obscuridade, contradição, impossibilidade, ridículo, sonhos, impertinência, quimera, absurdo, tolice, charlatanismo.

Mas sinto-me à vontade quando considero: Deus é o senhor. Aquele que faz gravitarem astros inumeráveis, aquele que fez a luz, é bastante poderoso para nos dar sentimentos e idéias, sem que tenhamos necessidade de um pequeno átomo estranho, invisível, chamado *alma.*

Deus deu certamente sentimento, memória, indústria a todos os animais. Deu-lhes vida, e é tão belo fazer presente da vida como fazer presente de uma alma. É geralmente aceite que os animais vivem; está demonstrado que eles têm sentimento, pois têm os órgãos do sentimento. Ora, se eles têm tudo isso sem alma, por que queremos nós à viva força possuir uma?

Goudman: — Talvez por vaidade. Estou persuadido de que, se um pavão pudesse falar, gabar-se-ia de ter uma alma e diria que a sua alma estava na cauda. Sinto-me muito inclinado a suspeitar convosco que Deus nos fez comedores, bebedores, andantes, dormintes, sensíveis, pensantes, cheios de paixões, de orgulho e de miséria, sem nos dizer uma palavra do seu segredo. Não sabemos mais sobre esse artigo do que os pavões a que me refiro. E aquele que disse que nascemos, vivemos e morremos sem saber como, disse uma grande verdade.

Aquele que nos chama os títeres da Providência, parece-me que nos definiu muito bem. Pois enfim, para que existamos, é necessário uma infinidade de movimentos. Ora, nós não fizemos o movimento; não fomos nós que lhe estabelecemos as leis. Há alguém que, tendo feito a luz, a faz mover do Sol a nossos olhos, ferindo-os em sete minutos. É tão só pelo movimento que os meus cinco sentidos são impressionados; e é só por esses cinco sentidos que eu tenho idéias; é pois o autor do movimento

quem me dá as minhas idéias. E quando ele me disser de que maneira mas dá, render-lhe-ei as minhas humildes ações de graças. E já muito lhe agradeço por me haver permitido contemplar durante alguns anos o magnífico espetáculo deste mundo, como dizia Epicteto. É verdade que ele podia tornar-me mais feliz e fazer-me conseguir um bom cargo e a minha amada *miss* Fidler; mas afinal, tal como estou com os meus seiscentos e trinta xelins de renda, ainda lhe devo muitas obrigações.

Sidrac: — Dizeis que Deus vos podia ter dado um bom cargo e que podia tornar-vos mais feliz do que sois. Há gente que não vos deixaria passar tal proposição. Já não recordais que vós próprio vos queixastes da fatalidade? Não é permitido contradizer-se, a um homem que pretendeu ser cura. Não vedes que, se houvésseis obtido o curato e a mulher pretendida, seríeis vós quem teria feito um filho em *miss* Fidler, e não o vosso rival? O filho que ela teria dado à luz poderia ter sido grumete, tornar-se almirante, ganhar uma batalha naval na embocadura do Ganges, e acabar destronando o Grão Mogol. Só isso teria mudado a constituição do universo. Seria preciso um mundo completamente diverso do nosso para que o vosso competidor não obtivesse o curato, para que não desposasse *miss* Fidler, para que não ficásseis reduzido a seiscentos e trinta xelins, enquanto não morre a vossa tia. Tudo está encadeado, e Deus não irá romper a cadeia eterna por causa de meu amigo Goudman.

Goudman: — Eu não esperava por esse raciocínio, quando me referia à fatalidade; mas afinal, se assim é, quer dizer que Deus é tão escravo quanto eu?

Sidrac: — Ele é escravo da sua vontade, da sua sabedoria, das próprias leis que fez, da sua natureza necessária. Não pode infringi-las, porque não pode ser fraco, inconstante, volúvel como nós, e porque o Ser necessariamente eterno não pode ser uma ventoinha.

Gondman: — Sr. Sidrac, isso poderia levar diretamente à irreligião. Pois, se Deus nada pode mudar nos assuntos deste mundo, para que lhe cantar louvores, para que implorá-lo?

Sidrac: — Mas quem vos mandou implorar a Deus e louvá-lo? Que tem ele a fazer com os vossos louvores e os vossos pedidos? A gente louva a um homem porque o julga vaidoso, e dirige-lhe pedidos quando o julga fraco, esperando fazer que ele mude de opinião. Cumpramos os nossos deveres para com Deus, adoremo-lo, sejamos justos; eis os nossos verdadeiros louvores e as nossas verdadeiras preces.

Goudman: — Sr. Sidrac, percorremos um vasto terreno; pois, sem contar *miss* Fidler, examinamos se temos uma alma, se existe um Deus, se ele pode mudar, se somos destinados a duas vidas, se... São profundos estudos, e talvez eu nunca houvesse pensado neles se me fizessem cura. Preciso aprofundar essas coisas necessárias e sublimes, visto que nada tenho a fazer.

Sidrac: — Pois bem! Amanhã o doutor Grou vem jantar comigo: é um médico muito instruído; deu volta ao mundo com os senhores Banks e Solander; deve certamente conhecer Deus e a alma, o verdadeiro e o falso, o justo e o injusto, muito melhor que aqueles que nunca saíram de Covent-Garden. De resto, o doutor Grou viu quase toda a Europa quando moço; foi testemunha de cinco ou seis revoluções na Rússia; freqüentou o paxá conde de Bouneval, que se tornara, como se sabe, um perfeito muçulmano em Constantinopla. Foi amigo do padre papista Mac-Carthy, irlandês, que mandou cortar o prepúcio em honra de Maomé; esteve também ligado ao nosso presbítero escocês Ramsey, que fez o mesmo, e que em seguida serviu na Rússia, e foi morto em uma batalha contra os suecos, na Finlândia. Enfim, conversou com o reverendo padre Malagrida, que foi depois queimado em Lisboa, porque a Santa Virgem lhe revelara tudo o que ela fizera quando se achava no ventre de sua mãe Santa Ana. Bem compreendeis que um homem como o senhor Grou, que viu tantas coisas, deve ser o maior metafísico do mundo. Até amanhã, então, aqui em casa, para jantarmos.

Goudman: — E depois de amanhã também, meu caro Sidrac, pois é preciso mais de um jantar para a gente instruir-se.

Capítulo V

No dia seguinte, os três pensadores jantaram juntos; e, como iam ficando mais alegres à medida que avançava o tempo, segundo o costume dos filósofos que jantam, divertiram-se em falar de todas as misérias, de todas as tolices, de todos os horrores que afligem o gênero animal, desde as terras austrais ao pólo ártico, e desde Lima a Meaco. Essa diversidade

de abominações não deixa de ser muito divertida. É um prazer que não têm os burgueses caseiros e os vigários de paróquia, que só conhecem o seu campanário e julgam que todo o resto do universo é feito como Exchange-alley em Londres, ou como a rua de La Huchette em Paris.

— Noto — disse o doutor Grou — que, apesar da variedade infinita espalhada pelo globo, todos os homens que vi, negros encarapinhados ou lisos, ou os bronzeados, ou os vermelhos, ou os trigueiros que se chamam brancos, têm igualmente duas pernas, dois olhos e uma cabeça, diga lá o que quiser Santo Agostinho, que, no seu trigésimo sétimo sermão, assegura ter visto acéfalos, isto é, homens sem cabeca, monóculos, que só têm um olho, e monópodes, que só têm uma perna. Quanto aos antropófagos, confesso que os há de sobra, e que todo o mundo já o foi.

"Muitas vezes me perguntaram se os habitantes desse país imenso chamado Nova Zelândia, e que são hoje os mais bárbaros de todos os bárbaros, eram batizados. Respondi que não o sabia, mas bem poderiam sê-lo; que os judeus, que eram mais bárbaros que eles, tinham dois batismos em vez de um, o batismo de justiça e o batismo de domicílio."

— Na verdade, eu os conheço — disse o sr. Goudman — e tive, a esse respeito, grandes discussões com aqueles que julgam termos inventado o batismo. Não, senhores, nós não inventamos coisa alguma, nada mais fizemos que repetir. Mas dizei-me, sr. Grou, das oitenta ou cem religiões que vistes de passagem, qual vos pareceu mais agradável? A dos zelandeses ou a dos hotentotes?

O senhor Grou: — É a da ilha de Otaiti,[107] sem nenhuma comparação. Percorri os dois hemisférios, e nada vi como Otaiti e a sua religiosa rainha. É em Otaiti que a natureza habita. Mas noutras partes não vi senão velhacos que enganam a tolos, charlatães que escamoteiam o dinheiro dos outros para conseguir autoridade, e que escamoteiam autoridade para conseguir dinheiro impunemente; que nos vendem teias de aranha para comer nossas perdizes; que nos prometem riquezas e prazer para quando não houver mais ninguém, a fim de que lhe viremos o espeto enquanto eles existem.

"Por Deus! não é o que acontece na ilha de Aiti, ou de Otaiti. Essa ilha é muito mais civilizada do que a da Zelândia e o país dos cafres, e, ouso dizê-lo, do que a nossa Inglaterra, porque a natureza a favoreceu com um solo mais fértil; deu-lhe a árvore do pão, presente tão útil como admirável, que só fez a algumas ilhas dos mares do sul. Otaiti também possui muitos

voláteis, legumes e frutos. Em tal país não se tem necessidade de comer o semelhante; mas há uma necessidade mais natural, mais amável, mais universal, que a religião de Otaiti manda satisfazer em público. É de todas as cerimônias religiosas a mais respeitável sem dúvida. Fui testemunha de tal cerimônia, bem como toda a equipagem de nosso navio. Não se trata aqui de fábulas de missionários, tais como às vezes se encontram nas *Cartas edificantes e curiosas* dos reverendos padres jesuítas. O doutor João Hakerovorth acaba de mandar imprimir as nossas descobertas no hemisfério meridional. Sempre acompanhei o sr. Banks, esse jovem tão estimável que empregou o tempo e o dinheiro na observação da natureza antártica, enquanto os srs. Dakins e Wood voltavam das ruínas de Palmira e Balbek, onde haviam explorado os mais antigos monumentos das artes, e enquanto o sr. Hamilton contava aos napolitanos atônitos a história natural de seu monte Vesúvio. Vi, enfim, com os srs. Banks, Solander, Cook, e cem outros, o que vou agora referir.

"A princesa Obeira, rainha da ilha de Otaiti..."

Foi então servido o café e, depois que o tomaram, o sr. Grou assim continuou a sua narrativa:

Capítulo VI

— A princesa Obeira, dizia eu, depois de nos haver cumulado de presentes, com uma polidez digna de uma rainha da Inglaterra, mostrou curiosidade em assistir ao nosso serviço anglicano. Nós o celebramos o mais pomposamente possível. Ela convidou-nos então para assistir ao seu, na tarde do mesmo dia; era 14 de maio de 1769. Encontramo-la rodeada de cerca de mil pessoas de ambos os sexos, dispostas em semicírculo, e num silêncio respeitoso. Uma jovem, muito linda, simplesmente vestida de um roupão galante, achava-se deitada sobre um estrado que servia de altar. A rainha Obeira ordenou a um belo jovem de cerca de vinte anos que fosse sacrificar. Este pronunciou uma espécie de oração e subiu ao altar. Os dois sacrificadores estavam seminus. A rainha, com um ar majestoso, indicava à jovem vítima a maneira mais conveniente de consumar o sacrifício.

Todos os otaitianos se mostravam tão atentos e respeitosos que nenhum dos nossos marinheiros ousou perturbar a cerimônia com um riso indecente. Eis, pois, o que eu vi, eis o que toda a nossa equipagem viu. A vós cumpre tirar as conseqüências.

— A mim não me espanta essa festa sagrada — disse o doutor Goudman. — Estou persuadido de que foi a primeira festa que os homens celebraram; e não vejo por que motivo não se rezaria a Deus quando se vai fazer uma criatura à sua imagem, da mesma forma que lhe rezamos antes das refeições que servem para sustentar o nosso corpo. É assim que pensavam os primeiros hindus, que veneravam o Linga, símbolo da geração; os antigos egípcios, que carregavam o Falo em procissão; os gregos, que erigiam templos a Príapo. Se é permitido citar a miserável nação judia, grosseira imitadora de todos os seus vizinhos, está escrito nos seus livros que esse povo adorou Príapo, e que a rainha mãe do rei judeu Asa foi sua grã-sacerdotisa.[108]

"Como quer que seja, é muito verossímil que nenhum povo jamais tenha estabelecido, ou tenha podido estabelecer, um culto por mera libertinagem. O deboche às vezes se introduz com o tempo; mas a instituição é sempre inocente e pura. Nossos primeiros ágapes, durante os quais os rapazes e as raparigas se beijavam recatadamente na boca, só muito mais tarde é que degeneraram em encontros galantes e infidelidades; e praza a Deus que eu possa sacrificar com miss Fidler diante da rainha Obeira com toda honra e glória! Seria certamente o mais belo dia e a mais bela ação da minha vida."

O sr. Sidrac, que até então se conservara em silêncio, porque os senhores Goudman e Grou não haviam cessado de falar, saiu enfim da sua taciturnidade e disse:

— Depois de tudo o que ouvi, sinto-me arrebatado de admiração. A rainha Obeira se me afigura a primeira soberana do hemisfério meridional, não ouso dizer dos dois hémisférios. Mas, em meio a tanta glória e felicidade, há uma coisa que faz tremer, e a respeito da qual vos disse algo a que não respondestes. É verdade, senhor Grou, que o capitão Wallis, que ancorou antes de vós nessa afortunada ilha, levou para ali os dois mais horríveis flagelos da terra?[109]

— Oh! — exclamou o sr. Grou. — Os franceses é que nos acusam disso, e nós acusamos os franceses. O senhor Bougainville diz que foram aqueles malditos ingleses que transmitiram a sífilis à rainha Obeira; e o sr.

Cook alega que essa rainha a adquiriu do próprio sr. Bougainville. Como quer que seja, a sífilis assemelha-se às belas-artes: não se sabe qual foi seu inventor, mas acabaram dando volta à Europa, à Asia, à Africa e à América.

— Há muito que exerço a cirurgia — disse Sidrac — e confesso que devo à sífilis a maior parte de minha fortuna; mas nem por isso a detesto menos. A sra. Sidrac ma comunicou logo na primeira noite de núpcias; e, como é uma mulher excessivamente melindrosa em tudo quanto possa atentar à sua honra, mandou publicar em todas as gazetas de Londres que estava na verdade atacada do mal imundo, mas que o trouxera do ventre da senhora sua mãe, e que era um antigo hábito de família.

"Em que teria pensado isso a que se chama *natureza* quando verteu esse veneno nas fontes da vida? Já disseram, e eu o repito, que é a maior e a mais detestável de todas as contradições. Como! o homem foi feito, dizem à imagem de Deus, *finxit in effigiem moderantum cuncta deorum,* e é nos vasos espermáticos dessa imagem que puseram a dor, a infecção e a morte! Que será então desse belo verso de milorde Rochester: "O amor faria adorar a Deus em um país de ateus"?

— Ah! — suspirou o bom Goudman. — Talvez eu deva agradecer à Providência por não ter desposado a minha querida *miss* Fidler, pois sabe lá o que não teria acontecido. Nunca se está seguro de nada neste mundo. Em todo caso, sr. Sidrac, vós me prometestes auxílio em tudo quanto se referisse à minha bexiga.

— Estou a vosso dispor — respondeu Sidrac —, mas é preciso repelir esses maus pensamentos.

Goudman, assim falando, parecia prever o seu destino.

Capítulo VII

No dia seguinte os três filósofos abordaram a grande questão: qual o primeiro móvel de todas as ações dos homens. Goudman, a quem sempre lhe doera a perda de seu cargo e da sua bem-amada, disse que o princípio de tudo era o amor e a ambição. Grou, que vira mais terras, disse que era o

dinheiro; e o grande anatomista Sidrac assegurou que era a privada. Pasmaram os dois convivas, e eis como o sábio Sidrac provou a sua tese:

— Sempre observei que todos os negócios deste mundo dependem da opinião e da vontade de um principal personagem, seja o rei, ou o primeiro ministro, ou alto funcionário. Ora, essa opinião e essa vontade são o efeito imediato da maneira como os espíritos animais se filtram no cérebro e daí até a medula alongada; esses espíritos animais dependem da circulação do sangue; esse sangue depende da formação do quilo; esse quilo elabora-se na rede do mesentério; esse mesentério acha-se ligado aos intestinos por filamentos muito delgados; esses intestinos, se assim me é permitido dizer, estão cheios de merda. Ora, apesar das três fortes túnicas de que cada intestino está revestido, é tudo perfurado como uma peneira; pois tudo na natureza é arejado, e não há grão de areia, por imperceptível que seja, que não tenha mais de quinhentos poros. Poder-se-ia fazer passar mil agulhas através de uma bala de canhão, se as conseguíssemos bastante finas e bastante fortes. Que acontece então a um homem com prisão de ventre? Os elementos mais tênues, mais delicados da sua merda, se misturam ao quilo nas veias de Asellius, vão à veia-porta e ao reservatório de Pecquet; passam para a subclávia; penetram no coração do homem mais galante, da mulher mais faceira. É uma orvalhada de bosta que se lhe espalha por todo o corpo. Se esse orvalho inunda os parênquimas, os vasos e as glândulas de um atrabiliário, o seu mau humor transforma-se em ferocidade; o branco de seus olhos se torna de um sombrio ardente; seus lábios colam-se um ao outro; a cor do rosto assume tonalidades baças. Ele parece que vos ameaça; não vos aproximeis; e, se for um ministro de Estado, guardai-vos de lhe apresentar um requerimento. Todo e qualquer papel, ele só o considera como um recurso de que bem desejaria lançar mão, segundo o antigo e abominável costume dos europeus. Informai-vos habilmente de seu criado se Sua Senhoria foi aos pés pela manhã.

"Isto é mais importante do que se julga. A prisão de ventre tem produzido às vezes as mais sanguinolentas cenas. Meu avô, que morreu centenário, era boticário de Cromwell; contou-me muitas vezes que fazia oito dias que Cromwell não ia à privada quando mandou degolar o seu rei.

"Todas as pessoas um pouco a par dos negócios do continente sabem que o duque de Guise foi várias vezes avisado de que não incomodasse a Henrique III no inverno, enquanto estivesse soprando o nordeste. Em tal época, era com extrema dificuldade que o referido monarca satisfazia as

suas necessidades naturais. Suas matérias lhe subiam à cabeça; era capaz, então, de todas as violências. O duque de Guise não levou a sério tão avisado conselho. Que lhe aconteceu? Seu irmão e ele foram assassinados.

"Carlos IX, seu predecessor, era o homem mais entupido do reino. Tão obstruídos estavam os condutos de seu cólon e de seu reto, que por fim o sangue lhe jorrou pelos poros. Bem se sabe que esse temperamento adusto foi uma das causas da matança de S. Bartolomeu.

"Pelo contrário, as pessoas que têm bom aspecto, as entranhas aveludadas, o colédoco fluente, o movimento peristáltico fácil e regular, que todas as manhãs, depois de comer, se desobrigam de uma boa evacuação, tão facilmente como os outros cospem; essas pessoas favoritas da natureza são brandas, afáveis, graciosas, benevolentes, serviçais. Um *não* na sua boca tem mais graça do que um *sim* na boca de um entupido.

"Tal é o domínio da privada, que uma soltura torna muita vez um homem pusilânime. A disenteria tira a coragem. Não convideis um homem enfraquecido pela insônia, por uma febre lenta, e por cinqüenta dejeções pútridas, para atacar um posto inimigo em pleno dia. Eis por que não posso acreditar que todo o nosso exército estivesse com disenteria na batalha de Azincourt, como dizem, e que alcançou a vitória de calças na mão. Alguns soldados teriam ficado com soltura por haverem abusado de maus vinhos no caminho; e os historiadores teriam dito que todo o exército, enfermo, se bateu de bunda de fora, e que, para não mostrá-la aos peralvilhos franceses, bateu-os redondamente, segundo a expressão do jesuíta Daniel. *E eis justamente como se escreve a História.*[110]

"É assim que os franceses todos repetiram, uns após outros, que o nosso grande Eduardo fez que lhe apresentassem, de corda ao pescoço, seis burgueses de Calais, para os mandar enforcar, porque haviam ousado sustentar corajosamente o cerco e que sua mulher lhes obtivera o perdão com suas lágrimas. Esses romancistas não sabem que era costume, naqueles tempos bárbaros, que os burgueses se apresentassem perante o vencedor com a corda ao pescoço, quando o haviam detido por demasiado tempo diante de um bivaque. Mas sem dúvida o generoso Eduardo não tinha a mínima intenção de enforcar aqueles seis reféns, a quem cumulou de presentes e honras. Estou farto de todas essas sensaborias com que tantos pretensos historiadores rechearam as suas crônicas, e de todas essas batalhas que tão mal descreveram. Prefereria acreditar que Gedeão obteve assinalada vitória com trezentas bilhas. Não leio mais, graças a Deus,

senão a história natural, contanto que um Burnet, e um Whiston, e um Woodward não mais me aborreçam com seus malditos sistemas; que um Maillet não mais me diga que o mar da Irlanda produziu o monte Cáucaso, e que o nosso globo é de vidro; contanto que não me apre-sentem pequenos juncos aquáticos como animais vorazes, nem o coral como insetos; contanto que charlatães não me venham apresentar insolentemente as suas fantasias como verdades. Faço mais caso de um bom regime que mantém meus humores em equilíbrio e me proporciona uma digestão fácil e um sono tranqüilo. Bebei coisas quentes no frio, coisas frescas no calor; nem em demasia nem muito pouco; digeri, dormi, diverti-vos e zombai do resto."

Capítulo VIII

Enquanto o sr. Sidrac pronunciava essas avisadas palavras, vieram prevenir o sr. Goudman de que o intendente do conde de Chesterfield estava à porta com sua carruagem e pedia para lhe falar sobre um assunto urgentíssimo. Goudman corre a receber as ordens do senhor intendente, que, pedindo-lhe que subisse para a carruagem, indagou:

— Sabeis acaso o que aconteceu ao senhor e à senhora Sidrac na sua primeira noite de núpcias?

— Sim, meu senhor, não faz muito que ele me contava essa pequena aventura.

— Pois bem! a mesma coisa aconteceu à bela Fidler e ao senhor cura seu marido. No dia seguinte eles se bateram, no outro dia se separaram, e tiraram o cargo ao senhor cura. Amo a Fidler, sei que ela vos ama; e a mim não me odeia. Estou acima do pequeno infortúnio que é a causa do seu divórcio. Sou um enamorado intrépido. Cedei-me *miss* Fidler, e eu vos consigo o curato, que dá cento e cinqüenta guinéus de renda. Concedo-vos apenas dez minutos para refletir.

— Senhor, a proposta é delicada, vou consultar meus filósofos Sidrac e Grou; volto já.

Corre a seus dois conselheiros.

— Vejo — diz ele — que não só a digestão decide as coisas deste mundo, mas que também o amor, a ambição e o dinheiro influem grandemente.

Expõe-lhes o caso e pede que o resolvam logo. Concluíram ambos que, com cento e cinqüenta guinéus, teria ele todas as raparigas da sua paróquia e ainda *miss* Fidler, de quebra.

Goudman compreendeu a sabedoria desse alvitre; obteve o curato e conseguiu *miss* Fidler em segredo, o que era muito mais agradável do que tê-la por esposa. O sr. Sidrac lhe prestou seus bons ofícios quando se apresentou a ocasião. Ele tornou-se um dos mais terríveis pastores da Inglaterra; e está mais do que nunca persuadido de que a fatalidade governa todas as coisas deste mundo.

O touro branco

traduzido do siríaco pelo senhor mamaki, intérprete do rei de inglaterra para as línguas orientais.

Capítulo I

De como a princesa Amaside encontra um boi

A JOVEM PRINCESA AMASIDE, filha de Amásis, rei de Tânis, no Egito, passeava pela estrada de Pelusa com as damas do seu séquito. Estava mergulhada em profunda tristeza; as lágrimas corriam de seus belos olhos. Sabe-se qual o motivo do seu sofrimento e como temia ela desagradar ao rei seu pai com esse mesmo sofrimento. Achava-se em sua companhia o velho Mambrés, antigo mago e eunuco dos faraós, e que não a deixava quase nunca. Vira-a nascer, educara-a, ensinara-lhe tudo o que a uma bela princesa é permitido saber das ciências do Egito. O espírito de Amaside igualava-se à sua bondade; ela era tão sensível, tão terna como encantadora; e era essa sensibilidade que lhe custava tantas lágrimas.

A princesa tinha vinte e quatro anos de idade; o mago Mambrés tinha cerca de mil e trezentos anos. Fora ele, como é sabido, quem sustentara com o grande Moisés aquela famosa disputa na qual a vitória esteve por longo tempo pendente entre os dois profundos filósofos. Se Mambrés sucumbiu, foi unicamente devido à visível intervenção das potências celestes, que favoreceram o seu rival; só mesmo deuses, para vencer Mambrés.

Amásis o nomeara superintendente da casa de sua filha, e ele se desincumbia dessas funções com a sua ordinária sabedoria. A bela Amaside enternecia-o com seus suspiros.

— Ó meu amor! meu jovem e querido amor! — exclamava ela às vezes —, tu, o maior dos vencedores, o mais perfeito, o mais belo dos homens! como! há mais de sete anos que desapareceste da face da Terra! Que deus te arrebatou à tua terna Amaside? Não estás morto, assim o dizem os sábios profetas do Egito; mas para mim estás morto, acho-me sozinha na Terra, ela é deserta. Por que estranho prodígio abandonaste o teu trono e a tua amada? O teu trono! era o primeiro do mundo, e é pouco; mas eu, que te adoro, ó meu querido Na...

— Tremei de pronunciar esse nome fatal — disse-lhe o sábio Mambrés, antigo eunuco e mago dos faraós. — Seríeis talvez traída por alguma das vossas damas. Elas vos são todas fiéis, e todas as belas damas timbram em servir as nobres paixões das belas princesas; mas, enfim, pode-se encontrar uma indiscreta entre elas, e até mesmo uma pérfida. Bem sabeis que o rei vosso pai, que aliás vos ama, jurou mandar cortar-vos o pescoço se pronunciásseis esse nome terrível, continuamente prestes a vos escapar dos lábios. Chorai, mas calai-vos. Essa lei é dura, mas não fostes educada na sabedoria egípcia para que não soubésseis dominar a língua. Considerai que Harpócrates, um dos nossos maiores deuses, tem sempre um dedo sobre o lábio.

A bela Amaside chorou e não falou mais.

Como se dirigisse em silêncio para as margens do Nilo, avistou de longe, junto a um bosque banhado pelo rio, uma velha coberta de farrapos, sentada sobre um cômoro. Tinha junto a si uma jumenta, um cão e um bode. À frente dela estava uma serpente que não era como as serpentes ordinárias, pois seus olhos eram tão ternos como animados; sua fisionomia era tão nobre como atraente; sua pele brilhava com as mais vivas e agradáveis cores. Um enorme peixe, mergulhado a meio no rio, não era a menos admirável pessoa da companhia. Havia sobre um ramo um corvo e uma pomba. Todas essas criaturas pareciam empenhadas em animada conversação.

— Ai! — suspirou baixinho a princesa —, toda essa gente fala decerto de seus amores, e a mim não me é permitido pronunciar o nome daquele a quem amo!

A velha segurava uma leve corrente de aço, de umas cem braças de comprimento, à qual se achava atado um touro que pastava no campo. Esse touro era branco, bem torneado, elegante de linhas, leve até, o que é bastante raro. Seus cornos eram de marfim. Era o que de mais belo já se vira na sua espécie. O de Pasifaé, e aquele cuja figura tomou Júpiter para raptar Europa, não se aproximavam sequer do soberbo animal. Apenas a encantadora novilha em que fora transformada Ísis seria, quando muito, digna dele.

Mal viu a princesa, correu para ela com a rapidez de um cavalo árabe que franqueja as vastas planícies e os rios do antigo Saana para se aproximar da brilhante égua que reina no seu coração e que o faz erguer as orelhas. A velha fazia esforços por detê-lo, a serpente parecia querer espantá-lo com seus silvos; o cão o seguia, mordendo-lhe as belas pernas; a jumenta atravessava-se-lhe no caminho e dava-lhe coices para o fazer voltar. O grande peixe remontava o Nilo, e, lançando-se fora d'água, ameaçava devorá-lo; o corvo adejava em torno da cabeça do touro, como se quisesse vazar-lhe os olhos. Só a pomba o acompanhava por curiosidade e aplaudia-o com um suave murmúrio.

Tão extraordinário espetáculo remergulhou Mambrés em profundas cogitações. O touro branco, arrastando a corrente e a velha, já havia no entanto alcançado a princesa, que era toda espanto e medo. Ei-lo que se lança aos pés de Amaside, beija-os, derrama lágrimas, contempla-a com um olhar onde se lia uma inaudita mistura de dor e alegria. Não ousava mugir, por medo de assustá-la. Ele não podia falar. Era-lhe vedado esse modesto uso da voz concedido pelo céu a alguns animais; mas todas as suas ações eram eloqüentes. A princesa se agradou muito dele. Sentiu que uma pequena diversão poderia surpreender por alguns momentos as mais dolorosas penas.

— Eis aqui — dizia ela — um amável animal; desejaria tê-lo no meu estábulo.

A estas palavras, o touro dobrou os quatro joelhos.

— Ele me compreende! — exclamou a princesa. — Diz-me, à sua maneira, que quer pertencer-me. Ah! divino mago, divino eunuco! dá-me essa consolação, compra esse belo querubim;[111] propõe um preço à velha, à qual decerto ele pertence. Quero que este animal seja meu; não me recuses esse inocente consolo.

Todas as damas do palácio juntaram suas instâncias aos rogos da princesa. Mambrés deixou-se comover, e foi falar com a velha.

Capítulo II

De como o sábio Mambrés, antigo feiticeiro do Faraó, reconheceu uma velha, e como foi por ela reconhecido

— Senhora — disse-lhe ele —, bem sabeis que as moças, e principalmente as princesas, têm necessidade de divertir-se. A filha do rei está louca pelo vosso touro; vendei-nos, por favor, esse animal, que sereis paga em dinheiro à vista.

— Senhor — respondeu a velha —, esse precioso animal não me pertence. Estou encarregada, eu e todos os animais que vistes, de observar todos os seus passos e dar conta de tudo. Deus me livre de pensar algum dia em vender esse animal sem preço!

Ouvindo isto, sentiu-se Mambrés tocado de alguns raios de confusa luz, que ainda não distinguia nitidamente. Observou a velha com mais atenção.

— Respeitável dama — disse ele —, ou muito me engano, ou já vos vi outrora.

— Pois eu bem me lembro, senhor, que já vos encontrei há setecentos anos, em uma viagem que fiz da Síria ao Egito, alguns meses após a destruição de Tróia, quando Hiram reinava em Tiro, e Nephel-Kerés no antigo Egito.

— Ah! senhora — exclamou o velho —, sois a augusta pitonisa de Endor.

— E vós, senhor — disse a pitonisa, abraçando-o —, sois o grande Mambrés do Egito.

— O imprevisto encontro! ó memorável dia! ó decretos eternos! — exclamou Mambrés. — Não é, por certo, sem ordem expressa da providência universal que nós nos encontramos neste prado à margem do Nilo, perto da soberba cidade de Tânis. Com que então sois mesmo vós, senhora, tão famosa às margens do Jordão, vós, a mais hábil pessoa do mundo para evocar as sombras!

— E sois vós, senhor, tão famoso por mudardes os bastões em serpentes, o dia em trevas, e os rios em sangue!

— Sim, minha senhora; mas a minha avançada idade enfraquece parte de minhas luzes e de meus poderes. Ignoro de onde vos vem esse belo touro branco, e que animais são esses que vos auxiliam a vigiá-lo.

A velha recolheu-se um momento, ergueu os olhos ao céu, depois respondeu nos seguintes termos:

— Meu caro Mambrés, somos do mesmo ofício, mas é-me expressamente proibido dizer-vos que touro é esse. Posso satisfazer-vos no tocante aos outros animais. Vós os reconhecereis facilmente pelos sinais que os caracterizam. A serpente é aquela que persuadiu Eva a comer uma maçã e a fazer que o marido a comesse. A jumenta é a que falou num caminho a Balaão, contemporâneo vosso. O peixe que conserva sempre a cabeça fora d'água é aquele que engoliu Jonas há alguns anos. Esse cão é aquele que seguiu o anjo Rafael e o jovem Tobias durante a viagem que fizeram a Ragés, na Média, no tempo do grande Salmanasar. Esse bode é aquele que expia todos os pecados de uma nação. Esse corvo e essa pomba são os que estavam na arca de Noé: grande acontecimento, catástrofe universal, que quase toda a terra ainda ignora. Estais, pois, informado. Mas, quanto ao touro, nada sabereis.

Mambrés escutava com respeito. Depois disse:

— O Eterno revela o que quer, e a quem quer, ilustre pitonisa. Todos esses animais, encarregados convosco da guarda do touro branco, só são conhecidos na vossa generosa e aprazível nação, a qual, por sua vez, é desconhecida de quase todo o mundo. As maravilhas que vós e os vossos, e eu e os meus operamos, serão um dia objeto de dúvida e escândalo entre os falsos sábios. Felizmente encontrarão crédito entre os verdadeiros sábios, que se submeterão aos videntes, numa pequena parte do mundo, e é o que basta.

Enquanto pronunciava estas últimas palavras, a princesa puxou-lhe a manga, indagando:

— Mambrés, e o meu touro? Será que não vais comprá-lo?

O mago, mergulhado em profunda cisma, nada respondeu, e Amaside pôs-se a chorar.

Dirigiu-se então à pitonisa, dizendo-lhe:

— Minha boa velha, conjuro-te por tudo o que tens de mais caro no mundo, por teu pai, por tua mãe, por tua ama, que sem dúvida ainda vivem, que me vendas não só o teu touro, mas também a tua pomba, que lhe parece tão afeiçoada. Quanto aos teus outros animais, não os quero; mas sou bem capaz de adoecer de vapores, se não me venderes esse encantador touro branco, que constituirá toda a doçura da minha vida.

A velha beijou-lhe respeitosamente a fímbria do vestido de gaze e disse-lhe:

— Princesa, o meu touro não está à venda, e o vosso ilustre mago já o sabe. O mais que eu posso fazer por vós é levá-lo a pastar todos os dias nas proximidades de vosso palácio; podereis acariciá-lo, dar-lhe biscoitos, fazê-lo dançar à vontade. Mas é preciso que ele esteja continuamente sob as vistas de todos os animais que me acompanham e que estão encarregados da sua guarda. Se não procurar escapar-se, não lhe farão mal algum; mas ai dele! se tentar romper de novo a corrente, como fez logo que vos avistou. Não responderei então por sua vida. Esse grande peixe que vedes infalivelmente o engoliria, guardando-o por mais de três dias na barriga; ou então essa serpente, que vos pareceu talvez tão branda e amável, poderia dar-lhe uma picada mortal.

O touro branco, que entendia às maravilhas tudo quanto dizia a velha, mas que não podia falar, aceitou todas as suas propostas, com um ar submisso. Deitou-se a seus pés, mugiu docemente; e, contemplando Amaside com ternura, parecia dizer-lhe:

— Vinde ver-me algumas vezes no prado.

A serpente tomou então a palavra, e disse-lhe:

— Princesa, aconselho-vos a seguirdes cegamente tudo quanto vos diz a senhorita de Endor.

A jumenta também deu sua opinião, que era a mesma da serpente. Amaside afligiu-se com o fato de que aquela serpente e aquela jumenta falassem tão bem, e que um belo touro, que tinha tão nobres e ternos sentimentos, não pudesse exprimi-los.

— Ah! nada é tão comum na Corte — dizia ela baixinho. — Todos os dias se vêem ali belos senhores que não sabem conversar e feiarrões que

falam com segurança.

— Essa serpente não é pouca coisa — disse Mambrés. — Não vos enganeis. É talvez a pessoa de maior consideração.

Caía o crepúsculo; a princesa viu-se obrigada a voltar para casa, mas prometeu que retornaria no dia seguinte ao mesmo local. As damas do palácio estavam maravilhadas e nada compreendiam do que tinham visto e ouvido. Mambrés fazia as suas reflexões. A princesa, considerando que a serpente havia chamado a velha de *senhorita,* concluiu ao acaso que esta era virgem, e sentiu alguma aflição de ainda o ser: aflição respeitável, que ela ocultava com tanto escrúpulo quanto o nome de seu bem-amado.

Capítulo III

De como a bela Amaside teve uma entrevista secreta com uma bela serpente

A bela princesa recomendou segredo às suas damas sobre o que haviam presenciado. Todas elas o prometeram, e, com efeito, guardaram-no um dia inteiro. Pode-se crer que Amaside pouco dormiu naquela noite. Um encantamento inexplicável lhe trazia a todo instante a imagem de seu belo touro. Logo que se viu a sós com o seu sábio Mambrés, disse-lhe ela:

— O sábio! esse animal me vira a cabeça.

— E ocupa bastante a minha — disse Mambrés. — Vejo claramente que esse querubim está muito acima da sua espécie. Há aqui um grande mistério, mas temo um acontecimento funesto. O vosso pai Amásis é violento e desconfiado; toda essa história exige que vos porteis com a maior prudência.

— Ah! — suspirou a princesa —, sinto-me por demais curiosa para ser prudente; é esta a única paixão que pode unir-se, em meu peito, àquela que me devora pelo bem-amado que perdi. Não poderei então saber o que é esse touro branco que provoca em mim tamanha perturbação?!

— Senhora — respondeu Mambrés —, já vos confessei que minha ciência declina à medida que minha idade avança; mas, ou me engano muito, ou a serpente está a par do que tanto desejais saber. Tem espírito, exprime-se com discrição, e há muito que está acostumada a meter-se nos negócios das damas.

— Ah! sem dúvida — disse Amaside — é essa bela serpente do Egito, que, com a cauda metida na boca, é o símbolo da eternidade, e que alumia o mundo quando abre os olhos e o obscurece quando os fecha.

— Não, minha senhora.

— É então a serpente de Esculápio?

— Ainda menos.

— É então Júpiter sob a forma de serpente?

— Qual!

— Ah! já sei: é aquele teu bastão que outrora transformaste em serpente.

— Garanto-lhe que não, senhora; mas todas essas serpentes são da mesma família. Esta de que falamos tem grande reputação no seu país, onde passa pela mais hábil serpente que jamais se viu. Ide falar com ela. Advirto-vos, contudo, de que é um passo muito perigoso. Eu, se estivesse em vosso lugar, deixaria o touro, a jumenta, a cobra, o peixe, o cão, o bode, o corvo e a pomba. Mas a paixão vos arrebata; o mais que posso é apiedar-me e tremer.

A princesa conjurou-o a conseguir-lhe uma entrevista com a serpente. Mambrés, que era bom, consentiu, e, sempre a refletir profundamente, foi procurar a sua pitonisa. E tão insistentemente lhe expôs o capricho da sua princesa, que afinal a persuadiu.

Disse-lhe então a velha que Amaside era a senhora e dona; que a serpente sabia muito bem como haver-se nesta vida; que costumava ser muito amável com as damas; que não queria outra coisa senão lhes prestar favores, e que não faltaria à entrevista.

O velho mago voltou à princesa com essa boa notícia; mas temia ainda alguma desgraça, e continuava com as suas ponderações.

— Quereis falar com a serpente, senhora; será quando aprouver à Vossa Alteza. Lembrai-vos, no entanto, que é preciso saber lisonjeá-la; pois todo animal é cheio de amor-próprio, e sobretudo a serpente. Dizem que ela foi outrora expulsa de um belo lugar por causa de seu excessivo orgulho.

— Nunca ouvi falar nisso.

— Acredito-o.

Contou-lhe então o velho todos os rumores que haviam corrido acerca daquela famosa serpente.

— Mas, seja como for, Alteza, não lhe podereis arrancar o segredo senão lisonjeando-a. Ela passa, num país vizinho, por haver pregado uma terrível peça às mulheres; é justo que, por sua vez, uma mulher a seduza.

— Farei o possível — disse a princesa.

Partiu pois com as suas damas palacianas e o bom mago eunuco. A velha fazia o touro pastar bastante longe. Mambrés deixou Amaside em liberdade e foi conversar com a sua pitonisa. A dama de honra pôs-se a conversar com a jumenta; as damas de companhia entretiveram-se com o bode, o cão, o corvo e a pomba; quanto ao grande peixe, que metia medo a todo o inundo, mergulhou no Nilo por ordem da velha.

A serpente foi em seguida ao encontro da bela Amaside, no bosque; e mantiveram ambas a seguinte conversação:

A Serpente: — Não imaginais, Senhora, o quanto me lisonjeia a honra que Vossa Alteza se digna conceder-me.

A Princesa: — A vossa grande reputação, a inteligência de vossa fisionomia e o brilho de vossos olhos logo me decidiram a solicitar esta entrevista. Sei, pela voz pública (se ela não é enganadora), que fostes uma grande personagem no céu empíreo.

A Serpente: — É verdade, Senhora, que eu ocupava lá uma posição assaz distinta. Dizem que sou um favorito desgraciado: é um rumor que correu a princípio na Índia.[112] Os brâmanes foram os primeiros que apresentaram uma longa história das minhas aventuras. Não duvido que os poetas do Norte façam um dia com esse material um poema épico assaz estranho; pois, na verdade, é só o que se pode fazer. Não estou, porém, tão decaído que ainda não desfrute neste globo um considerável domínio. Quase me atreveria a dizer que toda a Terra me pertence.

A Princesa: — Acredito-o, pois dizem que tendes o talento da persuasão; e agradar é reinar.

A Serpente: — Sinto, Senhora, enquanto vos vejo e vos escuto, que tendes sobre mim esse império que me atribuem sobre tantas outras almas.

A Princesa: — Sabeis vencer amavelmente. Dizem que subjugastes muitas damas, e que começastes por nossa mãe comum, cujo nome esqueci.

A Serpente: — Nada disso: dei-lhe o melhor conselho do mundo. Ela honrava-me com a sua confiança. Eu era de parecer que ela e seu marido deviam provar do fruto da árvore da ciência. Acreditava agradar assim ao senhor das coisas. Uma árvore tão necessária ao gênero humano não me parecia plantada para ficar inútil. Desejaria o Senhor ser servido por ignorantes e idiotas? Não é feito o espírito para esclarecer-se e aperfeiçoar-se? Não se deve conhecer o bem e o mal para praticar o primeiro e evitar o segundo? Por certo só me deviam agradecimentos.

A Princesa: — Dizem no entanto que vos saístes mal. Parece que é desde essa época que tantos ministros foram punidos por terem dado bons conselhos, e tantos verdadeiros sábios e grandes gênios foram perseguidos por terem escrito coisas úteis ao gênero humano.

A Serpente: — Decerto foram inimigos meus que vos contaram essas histórias. Andam a assoalhar que estou mal na Corte. Mas uma prova de que ainda tenho grande crédito por lá é que eles próprios confessam que eu entrei no conselho quando se tratou de pôr Jó à prova; e que também fui chamado quando se tomou a resolução de enganar a certo reisote por nome Ahab;[113] fui eu o único encarregado dessa nobre missão.

A Princesa: — Ah! Não creio que vosso espírito seja afeiçoado aos enganos. Mas, já que continuais no ministério, posso fazer-vos um pedido? Espero que uma autoridade tão amável não me há de repelir

A Serpente: — Senhora, os vossos pedidos são leis. Que ordenais?

A Princesa: — Conjuro-vos a dizer-me o que vem a ser esse belo touro branco que me inspira sentimentos incompreensíveis que me enternecem e amedrontam. Disseram-me que teríeis a condescendência de esclarecer-me.

A Serpente: — Senhora, a curiosidade é necessária à natureza humana, e principalmente a vosso amável sexo; sem ela, ficar-se-ia vegetando na mais vergonhosa ignorância. Sempre satisfiz, o mais que pude, a curiosidade das damas. Acusam-me de não ter tido essa complacência senão para fazer birra ao senhor das coisas. Juro que o meu único objetivo é ser-vos agradável; mas a velha já vos deve ter avisado de que há algum perigo para vós na revelação desse segredo.

A Princesa: — Ah! é isso que me torna ainda mais curiosa.

A Serpente: — Reconheço nessa atitude todas as belas damas a quem prestei serviço.

A Princesa: — Se tendes sensibilidade, se todos os seres se devem mútuo auxílio, se sentis compaixão por uma desgraçada, não me recuseis esse favor.

A Serpente: — Vós me partis o coração; tenho de satisfazer-vos; mas nada de interrupções.

A Princesa: — Prometo-o.

A Serpente: — Havia um jovem rei, belo que nem uma pintura, apaixonado, amado...

A Princesa: — Um jovem rei! belo que nem uma pintura, apaixonado, amado! e por quem? de quem? e quem era esse rei? e que idade tinha? que foi feito dele? onde está ele? onde é o seu reino? qual é o seu nome?

A Serpente: — Pois não é que já me interrompeis, quando mal começo a falar?! Cuidado: se não tiverdes mais poder sobre vós mesma, estais perdida.

A Princesa: — Oh! perdão. Não mais serei indiscreta; continuai, por favor.

A Serpente: — Esse grande rei, o mais amável e o mais corajoso dos homens, vitorioso por toda parte aonde houvesse levado as suas armas, costumava sonhar seguidamente. E, quando esquecia os sonhos, queria que os magos se lembrassem deles, e lhe contassem direitinho tudo o que havia sonhado, sem o que mandava-os enforcar a todos, pois nada era mais justo. Ora, há cerca de sete anos, teve ele um belo sonho, de que perdeu memória ao despertar; e depois que um jovem judeu, cheio de experiência, lhe explicou o sonho, esse amável rei foi de súbito transformado em boi: [114] pois...

A Princesa: — Ah! é o meu querido Nabu...

Não pôde terminar: caiu desfalecida. Mambrés, que escutava de longe, viu-a tombar, e julgou-a morta.

Capítulo IV

De como quiseram sacrificar o boi e exorcismar a princesa

Mambrés corre a ela, chorando. A serpente comove-se; não pode chorar, mas silva num tom lúgubre; e grita: “Ela esta morta!”. A jumenta repete: “Ela está morta!”. O corvo o rediz; todos os outros animais parecem transidos de dor, exceto o peixe de Jonas, que sempre foi impiedoso. A dama de honra, as damas do palácio aproximam-se e arrancam os cabelos. O touro branco, que pastava ao longe e ouve os seus clamores, corre para o bosque, arrastando a velha e soltando mugidos cujos ecos reboam. Em vão todas as damas derramavam sobre Amaside expirante os seus frascos de água-de-rosas, de cravo, de mirto, de benjoim, de bálsamo-de-Meca, de canela, de amônio, de noz-moscada, de âmbar cinzento. A princesa não dava nenhum sinal de vida. Quando, porém, sentiu o belo touro branco a seu lado, voltou a si mais fresca, mais bela, mais animada do que nunca. Deu mil beijos naquele animal encantador, que inclinava languidamente a bela cabeça sobre o seu seio de alabastro. Ela o chama: “Meu senhor, meu rei, meu coração, minha vida”. Envolve com seus braços de marfim aquele pescoço mais branco do que a neve. Menos fortemente se liga a leve palha ao âmbar, a vinha ao olmo, a hera ao carvalho. Ouvia-se o suave murmúrio de seus suspiros; viam-se-lhe os olhos ora fulgurantes de amorosa flama, ora empanados com essas preciosas lágrimas que o amor faz derramar.

Imagine-se em que surpresa não estariam mergulhadas a dama de honra e as damas de companhia! Logo que chegaram ao palácio, contaram toda essa estranha aventura a seu respectivos namorados, e cada uma com circunstâncias diferentes que lhe aumentavam a singularidade e contribuíam para a variedade de todas as versões.

Logo que Amásis, rei de Tânis, foi informado do caso, seu coração real encheu-se de justa cólera. Tal foi a indignação de Minos quando soube que sua filha Pasifaé prodigava seus ternos favores ao pai do Minotauro. Assim estremeceu Juno quando viu o seu esposo Júpiter acariciar a bela vaca Io, filha do rio Ínaco. Amásis mandou encerrar a bela Amaside em seu quarto e pôs-lhe à porta uma guarda de eunucos negros; depois convocou o conselho secreto.

Presidia-o o grande mágico Mambrés, mas já não tinha o mesmo crédito de outrora. Todos os ministros de Estado concluíram que o touro branco era um feiticeiro. Dava-se exatamente o contrário: ele estava enfeitiçado; mas na Corte sempre se enganam nesses delicados assuntos.

Foi votado por unanimidade que se devia exorcismar a princesa e sacrificar o touro branco e a velha.

O sábio Mambrés não queria impugnar a decisão do rei e do conselho. Era a ele que competia fazer os exorcismos; podia diferi-los sob um pretexto bastante plausível. Acabava de morrer em Mênfis o deus Ápis. Pois um deus boi morre como qualquer boi. E no Egito não era permitido exorcismar ninguém até que se encontrasse um outro boi para substituir o defunto.

O conselho resolveu esperar, pois, pela nomeação do novo Deus em Mênfis.

O bom velho Mambrés sentia a que perigo se achava exposta a sua querida princesa: sabia quem era o seu apaixonado. As sílabas *Nabu,* que ela deixara escapar, lhe haviam revelado todo o mistério.

A dinastia[115] de Mênfis pertencia então aos babilônios; conservavam eles esse resto das suas passadas conquistas, que haviam feito sob o maior rei do mundo, de que Amásis era inimigo mortal. Mambrés tinha necessidade de toda a sua sabedoria para bem se conduzir entre tantas dificuldades. Se o rei Amásis descobrisse quem era o enamorado da princesa, ela estaria morta, jurara ele. O grande, o jovem, o belo rei por quem ela se apaixonara tinha destronado o seu pai, que só recuperara o reino de Tânis desde que se ignorava, fazia agora uns sete anos, o paradeiro do adorável monarca, o vencedor e ídolo das nações, o terno e generoso apaixonado da encantadora Amaside. Mas, sacrificando o touro, infalivelmente a fariam morrer de dor.

Que poderia fazer Mambrés em tão espinhosas circunstâncias? Vai procurar a princesa, ao sair do conselho, e diz-lhe:

— Eu vos servirei, minha bela princesa; mas vos cortarão o pescoço, repito-vos, se pronunciardes o nome de vosso amado.

— Ah! que me importa o meu pescoço — retruca a bela Amaside — se não posso enlaçar o de Nabuco...? Meu pai é um homem muito mau! Não só recusou dar-me ao belo príncipe que idolatro, mas declarou-lhe guerra; e, quando foi vencido pelo meu amado, descobriu o segredo de o

transformar em boi. Já se viu mais tremenda malícia? Se meu pai não fosse meu pai, eu não sei o que lhe faria.

— Não foi vosso pai quem lhe pregou essa cruel partida — disse o sábio Mambrés. — Foi um palestino, um de nossos antigos inimigos, um habitante de um pequeno país compreendido na multidão dos Estados que o vosso augusto pretendente dominou para os civilizar. Essas metamorfoses não vos devem surpreender; bem sabeis que eu as fazia outrora muito mais belas: nada era mais comum então do que essas mudanças que espantam hoje os sábios. A história verdadeira que lemos juntos nos ensinou que Licaonte, rei da Arcádia, foi transformado em lobo. A bela Calisto, sua filha, foi transformada em ursa; Io, filha de Ínaco, a nossa venerável Ísis, em vaca; Dafne, em loureiro; Sirinx, em flauta. A bela Edith, mulher de Loth, o melhor, o mais carinhoso pai que já se viu, não se mudou, em nossas vizinhanças, numa grande estátua de sal muito bela e picante, que conservou todas as características do seu sexo e que tem mensalmente as suas regras,[116] como o atestam os grandes homens que a viram? Fui testemunha dessa transformação, em minha juventude. Vi cinco poderosas cidades, no local mais seco e árido do mundo, mudadas de súbito em um belo lago. Ah! quando eu era moço, só se andava sobre metamorfoses. Enfim, Senhora, se os exemplos podem abrandar as vossas penas, lembrai-vos de que Vênus transformou os Cerastes em bois.

— Eu sei — murmurou a infeliz princesa —, mas quem disse que os exemplos consolam? Se o meu amado estivesse morto, acaso me consolaria a idéia de que todos os homens morrem?

— A vossa pena pode findar — disse o sábio —, e já que o vosso amado se transformou em boi, bem compreendeis que, de boi, poderá transformar-se em homem. Quanto a mim, deveria ser transformado em tigre ou em crocodilo, se não empregasse o pouco de poder que me resta a serviço de uma princesa digna das adorações da terra, a bela Amaside, a quem criei sobre os meus joelhos, e cujo fatal destino a submete a tão cruéis provações.

Capítulo V

De como o sábio Mambrés sabiamente se conduziu

Tendo dito à princesa tudo o que deveria dizer-lhe para a consolar, sem que aliás o conseguisse, o divino Mambrés foi imediatamente falar com a velha.

— Minha camarada — começou ele —, belo é o nosso ofício, mas assaz perigoso: correis o risco de ser enforcada, e o vosso boi de ser queimado, ou afogado ou comido. Não sei o que farão dos outros animais, pois, embora profeta, de poucas coisas sou sabedor. Mas ocultai com todo o cuidado a serpente e o peixe; que um não ponha a cabeça fora d'água, e o outro não saia do seu buraco. Alojarei o boi em um dos meus estábulos no campo; ali ficareis com ele, pois afirmais que não vos é permitido abandoná-lo. O bode emissário poderá oportunamente servir de bode expiatório; nós o enviaremos para o deserto, carregado dos pecados da tropa: está acostumado a essa cerimônia, que não lhe faz mal nenhum; e é sabido que tudo se expia com um bode que passeia. Peço-vos apenas que me empresteis desde já o cão de Tobias, que é um lebrel muito ágil, a jumenta de Balaão, que corre mais que um dromedário; o corvo e a pomba da arca, que voam rapidamente. Quero enviá-los em embaixada a Mênfis, para um assunto da máxima importância.

— Senhor — respondeu a velha ao mago —, podeis dispor à vontade do cão de Tobias, da jumenta de Balaão, do corvo e da pomba da arca, e do bode emissário; mas o meu boi não pode dormir num estábulo. Está escrito que deve ficar preso a uma corrente de aço, *estar sempre molhado de orvalho e pastar a relva sobre a terra*[117] *e que a sua porção será com os animais selvagens*. Ele me foi confiado, e eu devo obedecer. Que pensariam de mim Daniel, Ezequiel e Jeremias, se eu entregasse o meu boi a outras pessoas? Vejo que conheceis o segredo desse estranho animal. Não tenho de censurar-me dessa revelação. Vou levá-lo para longe, desta terra impura, para o lago de Sirbon, longe das crueldades do rei de Tânis. O meu peixe e a minha serpente me defenderão; não temo a ninguém quando sirvo a meu senhor.

O sábio Mambrés assim lhe retrucou:

— Faça-se a vontade do Senhor! Contanto que eu encontre o nosso touro branco, não me importa nem o lago de Sirbon, nem o lago de

Moeris, nem o lago de Sodoma; só quero fazer-lhe bem, e a vós igualmente. Mas por que me falastes de Daniel, de Ezequiel e de Jeremias?

— Ah! senhor — tornou a velha —, sabeis tão bem quanto eu o interesse que eles têm neste grave assunto. Mas não tenho tempo a perder; não quero ser enforcada; não quero que o meu touro seja queimado, ou afogado, ou comido. Vou para o lago de Sirbon, por Canope, com a minha serpente e o meu peixe. Adeus.

O touro a seguiu pensativo, depois de haver testemunhado ao bom Mambrés o reconhecimento que lhe devia.

O sábio Mambrés achava-se numa cruel inquietação. Bem sabia que Amásis, rei de Tânis, desesperado com a louca paixão da sua filha pelo animal, e julgando-a enfeitiçada, mandaria perseguir por toda parte o infeliz touro, e que este seria infalivelmente queimado, como feiticeiro, na praça pública de Tânis, ou entregue ao peixe de Jonas, ou queimado, ou servida à mesa. Queria, por qualquer preço, poupar esse desgosto à princesa.

Escreveu uma carta ao grão-sacerdote de Mênfis, seu amigo, em caracteres sagrados, e em papel do Egito, que ainda não estava em uso. Eis, textualmente, o que dizia a carta:

Luz do mundo, lugar-tenente de Ísis, de Osíris e de Hórus, chefe dos circuncisos, ó vos cujo altar se eleva, como é de justiça, acima de todos os tronos, acabo de saber que é morto nosso deus, o boi Ápis. Tenho outro a vosso dispor. Vinde depressa, com os vossos sacerdotes, reconhecê-lo, adorá-lo, e conduzi-lo ao estábulo de vosso templo. Que Ísis, Osíris e Hórus vos tenham na sua santa e digna guarda; e a vós, senhores sacerdotes de Mênfis, na sua santa guarda!

Vosso afeiçoado amigo
Mambrés

Fez quatro duplicatas dessa carta, por medo de algum acidente, e encerrou-as em estojos do mais rijo ébano. Chamando depois os quatro portadores que destinava para essa mensagem (eram a jumenta, o cão, o corvo e a pomba), disse à jumenta:

— Sei com que fidelidade serviste a meu confrade Balaão; serve-me agora da mesma forma. Não há onocrótalo[118] que te iguale na corrida; vai, minha amiga, entrega a minha carta em mão própria e regressa logo.

— Como servi a Balaão — respondeu a jumenta —, servirei a monsenhor: vou e volto.

O sábio lhe pôs o estojo de ébano na boca e ela partiu como um raio.

Mandou depois chamar o cão de Tobias e disse-lhe:

— Cão fiel, e mais veloz na corrida do que Aquiles dos pés rápidos, eu sei o que fizeste por Tobias, filho de Tobias, quando tu e o anjo Rafael o acompanhastes de Nínive a Ragés, na Média, e de Ragés a Nínive, e quando ele trouxe a seu pai dez talentos[119] que o escravo Tobias pai emprestara ao escravo Gabelus; pois aqueles escravos eram muito ricos. Entrega a seu destinatário esta carta minha, que é mais preciosa do que dez talentos de prata.

— Senhor — respondeu-lhe o cão —, se eu segui outrora o mensageiro Rafael, posso igualmente desincumbir-me de vosso recado.

Mambrés lhe pôs a carta na boca. E falou da mesma forma à pomba. Esta lhe respondeu:

— Senhor, se eu trouxe um ramo para a arca, igualmente trarei resposta à vossa carta.

Tomou a carta no bico. E os três, num instante, perderam-se de vista.

Depois disse ele ao corvo:

— Sei que alimentaste o grande profeta Elias.[120] quando ele estava oculto junto ao Cárites, tão famoso em toda a terra. Todos os dias tu lhe levavas bom pão e galinhas gordas; só te peço que leves esta carta a Mênfis.

O corvo respondeu-lhe nos seguintes termos:

— É verdade, senhor, que eu levava diariamente comida ao grande profeta Elias, o tesbita, a quem vi subir na atmosfera sobre um carro de fogo puxado por quatro cavalos de fogo, embora não seja esse o costume; mas eu sempre ficava com metade do almoço para mim. Estou disposto a levar vossa carta, contanto que me assegureis duas boas refeições por dia e que meu serviço seja pago à vista, adiantadamente.

Mambrés, fulo de raiva, disse ao animal:

— Que glutão e velhaco me saíste! Não me admira que Apolo, de branco que eras como um cisne, te haja tornado negro como uma toupeira, quando, nas planícies de Tessália, traíste a bela Corônis, infeliz mãe de Esculápio. Dize-me uma coisa: comias diariamente lombo de vaca e frangos, durante os dez meses em que estiveste na arca?

— Senhor, nós ali passávamos muito bem — retrucou o corvo. — Serviam assado duas vezes por dia a todos os voláteis da minha espécie, que só vivem de caça, como abutres, milhafres, águias, bútios, duques, gaviões, falcões, corujas, e à inumerável multidão das aves de rapina. Com muito maior profusão guarneciam a mesa dos leões, dos leopardos, dos tigres, das panteras, das onças, das hienas, dos lobos, dos ursos, das raposas, das fuinhas, e de todos os quadrúpedes carnívoros. Havia na arca oito pessoas importantes, e as únicas que então existiam no mundo, incessantemente ocupadas com a nossa mesa e a limpeza das nossas privadas, a saber: Noé e sua mulher, que não tinham mais de seiscentos anos, e seus três filhos com as respectivas esposas. Era um gosto ver com que cuidado, com que asseio, os nossos oito criados atendiam a mais de quatro mil comensais do mais voraz apetite, sem contar o prodigioso trabalho que exigiam outras dez a doze mil criaturas, desde o elefante e a girafa aos bichos de seda e às moscas. O que me espanta é que o nosso despenseiro Noé seja desconhecido de todas as nações de que ele é o tronco; mas isso pouco me importa. Já estive em festa semelhante[121] com o rei Xisutra da Trácia. Essas coisas acontecem de tempos em tempos para edificação dos corvos. Numa palavra, quero passar bem e ser muito bem pago, em dinheiro à vista.

O sábio Mambrés desistiu de entregar sua carta a um animal tão difícil de contentar e tão tagarela. Separaram-se muito descontentes um com o outro.

Era preciso no entanto saber o que era feito do belo touro e não perder a pista da velha e da serpente. Mambrés ordenou a criados inteligentes e fiéis que os seguissem; quanto a ele, avançou de liteira para as margens do Nilo, sempre absorto em suas reflexões.

“Como pode ser (dizia consigo) que essa serpente domine quase toda a Terra, como ela própria alardeia e tantos eruditos confessam, e no entanto obedeça a uma velha? Como se explica que seja às vezes convocada para o conselho das alturas, quando vive a rastejar na terra? Por que, por sua única virtude, entra diariamente no corpo das pessoas, de onde tantos sábios procuram desalojá-la com palavras? Enfim, como passa, entre um pequeno povo da vizinhança, por haver perdido o gênero humano, e como é que o gênero humano nada sabe a esse respeito? Estou muito velho, estudei durante a vida inteira, e vejo nisso uma porção de incompatibilidades que não posso conciliar. Não saberia explicar o que

aconteceu a mim mesmo, nem as grandes coisas que fiz outrora, nem aquelas de que fui testemunha. Pensando bem, começo a suspeitar que este mundo subsiste à custa de contradições: *Rerum concordia discors,*[122] como outrora dizia na sua língua o meu velho mestre Zoroastro."

Enquanto se achava mergulhado nessa metafísica obscura, como o é toda metafísica, um barqueiro, cantando uma canção de taberna, fez atracar à margem um pequeno barco. Dele saíram três graves personagens, semivestidos de trapos sujos, mas que conservavam, sob aquela indumentária de miséria, o ar mais augusto e majestoso do mundo. Eram Daniel, Ezequiel e Jeremias.

Capítulo VI

De como Mambrés encontrou três profetas e lhes ofereceu um bom almoço

Esses três grandes homens, que tinham na face a luz profética, reconheceram o sábio Mambrés como um de seus confrades, pelos poucos raios dessa mesma luz que ainda lhe restavam, e prosternaram-se diante do seu palanquim. Mambrés também os reconheceu como profetas, mais pela sua indumentária do que pelos raios que partiam daquelas augustas cabeças. Desconfiou que vinham saber notícias do touro branco; e, usando da sua prudência ordinária, desceu da viatura e avançou alguns passos ao encontro deles, com um misto de polidez e dignidade. Fê-los erguerem-se, mandou armar tendas e preparar um almoço, de que julgava muito necessitados os três profetas.

Mandou convidar a velha, que se achava a uns quinhentos passos. Ela compareceu, sempre trazendo a cabresto o touro branco.

Serviam duas sopas, uma de caranguejo, outra à *la reine;* as entradas consistiram em uma torta de língua de carpa, de fígados de lota e solha de frangos com pistache, de pombinhos com trufas e azeitonas, de dois perus

com molho de lagosta, cogumelos e morilhas e uma chipolata. Os assados eram constituídos de faisões, perdizes, gelinotas, codornizes e hortulanas, com quatro saladas. No meio havia um centro de mesa do melhor gosto. Nada foi mais delicado que o *entremeto;* nada mais magnífico, mais brilhante e engenhoso que a sobremesa.

De resto, o discreto Mambrés tivera o máximo cuidado de que não houvesse naquela refeição nem cozidos, nem lombo, nem língua, nem palato de boi, nem ubres de vaca, de medo que o infortunado monarca, assistindo de longe ao almoço, fosse pensar que o insultavam.

Esse grande e infeliz príncipe pastava perto da tenda. Nunca sentiu tão cruelmente a fatal revolução que por sete anos inteiros o tinha privado do trono.

— Ai! — suspirava ele —, esse Daniel, que me transformou em touro, e essa feiticeira, que me guarda, gozam o melhor passadio do mundo; e eu, o soberano da Ásia, vejo-me reduzido a comer capim e a beber água!

Beberam, à farta, vinho de Engaddi, de Tadmor e de Xiraz. Quando ficaram um pouco tocados, os profetas e a pitonisa puseram-se a falar com mais franqueza do que durante os primeiros pratos.

— Confesso — disse Daniel — que não passava tão bem quando me achava na cova dos leões.

— Como! Puseram-vos na cova dos leões?! — exclamou Mambrés. — E como não fostes devorado?

— Senhor — respondeu Daniel —, bem sabeis que os leões nunca devoram profetas.

— Quanto a mim — disse Jeremias —, passei toda a vida a morrer de fome; nunca fiz uma boa refeição, a não ser hoje. Se tivesse de renascer, e pudesse escolher a minha condição, confesso que estimaria mil vezes mais ser inspetor geral, ou bispo em Babilônia, que profeta em Jerusalém.

— Pois a mim — confessou Ezequiel — ordenaram-me uma vez que dormisse trezentos e noventa dias seguidos sobre o lado esquerdo, e que, durante todo esse tempo, comesse pão de cevada, de milho, de ervilhaca, de fava e de trigo, coberto com...[123] nem ouso dizê-lo. O mais que pude obter foi o privilégio de o cobrir apenas com bosta de vaca. Confesso que a cozinha do senhor Mambrés é mais delicada. Contudo, o ofício de profeta tem o seu lado bom: e a prova disso é que há tanta gente que se mete a profeta.

— A propósito — disse Mambrés —, explicai-me o que entendeis pelo vosso Oolla e o vosso Ooliba, que tanto se preocupavam com cavalos e burros.

— Ah! — respondeu Ezequiel —, são flores de retórica.

Após essas expansões, Mambrés falou de negócios. Perguntou aos três peregrinos por que tinham vindo aos Estados do rei de Tânis. Daniel tomou a palavra: disse que o reino de Babilônia ficara em polvorosa após o desaparecimento de Nabucodonosor; que haviam perseguido todos os profetas, segundo o costume da Corte; que eles, profetas, passavam a existência ora vendo reis a seus pés, ora recebendo açoites; que enfim tinham sido obrigados a refugiar-se no Egito, para não ser lapidados. Ezequiel e Jeremias também falaram, longamente, num belíssimo estilo, que mal se podia compreender. Quanto à pitonisa, trazia sempre o seu animal de olho. O peixe de Jonas mantinha-se no Nilo, defronte à tenda, e a serpente espairecia sobre a relva.

Depois do café, foram passear à margem do Nilo. Então o touro branco, avistando os profetas seus inimigos, soltou terríveis mugidos; lançou-se impetuosamente sobre eles, com os cornos em riste; e, como os profetas nunca tiveram mais que pele e osso, fatalmente os teria atravessado de um lado a outro, tirando-lhes a vida; mas o Senhor das coisas, que vê tudo e a tudo remedeia, transformou-os imediatamente em gralhas, e eles continuaram a falar como dantes. A mesma coisa aconteceu depois às Piérides, de tal modo a fábula imita a história.

Esse novo incidente provocava novas reflexões no espírito do sábio Mambrés.

"Eis, pois — dizia ele consigo —, três grandes profetas transformados em gralhas; isto nos deve ensinar a não falar demais e a guardar sempre uma conveniente discrição."

Concluía que a sabedoria vale mais que a eloqüência e meditava profundamente, segundo o seu costume, quando um grande e terrível espetáculo lhe ofuscou os olhos.

Capítulo VII

Chega o rei de Tânis. Sua filha e o touro vão ser sacrificados

Turbilhões de poeira erguiam-se de sul a norte. Ouvia-se o ruído dos tambores, das trombetas, dos pífanos, dos saltérios, das citaras, dos sambucos; vários esquadrões com vários batalhões avançavam, e Amásis, rei de Tânis, vinha à sua frente, num cavalo coberto de um xairel escarlate recamado a ouro; e os arautos gritavam:

"Que apanhem o touro branco, que o amarrem, que o lancem ao Nilo, e que o dêem de comer ao peixe de Jonas: pois o rei meu senhor, que é justo, quer vingar-se do touro branco, que enfeitiçou a sua filha".

O bom velho Mambrés fez mais reflexões do que nunca. Compreendeu que o perverso corvo fora contar tudo ao rei e que a princesa corria o risco de lhe cortarem o pescoço. Disse então à serpente:

— Corre a consolar a bela Amaside; dize-lhe que não tema coisa alguma, haja o que houver, e conta-lhe histórias para distrair suas penas, pois as histórias sempre divertem as moças, e é com histórias que a gente vence na vida.

Depois se prosternou diante de Amásis, rei de Tânis, e disse-lhe:

— Ó rei! que vivas para sempre. O touro branco deve ser sacrificado, pois Vossa Majestade tem sempre razão, mas o Senhor das coisas disse: *Esse touro* só *deve ser comido pelo peixe de Jonas depois que Mênfis houver encontrado um deus para colocar no lugar do seu deus que é morto.* Então sereis vingado, e vossa filha exorcismada, pois ela está possessa. Tendes bastante religião para não obedecer às ordens do Senhor das coisas.

Amásis, rei de Tânis, ficou pensativo; depois disse:

— É morto o boi Ápis; que Deus lhe tenha a alma! Quando acreditais que se possa achar outro boi para reinar sobre o fecundo Egito?

— Sire — disse Mambrés —, não vos peço mais que oito dias.

O rei, que era muito devoto, disse:

— Concedo-os, e quero permanecer aqui esses oito dias; após o que, sacrificarei o sedutor de minha filha.

E mandou vir suas tendas, seus cozinheiros, seus músicos, e permaneceu oito dias naquele local, como está escrito em Manethon.

A velha desesperava-se por ver que o touro a que guardava não tinha mais que oito dias de vida. Todas as noites, fazia ela aparecerem fantasmas ao rei, para o desviar de seu cruel desígnio. Mas o rei, pela manhã, não se lembrava mais dos fantasmas que vira à noite, da mesma forma que Nabucodonosor esquecera os seus sonhos.

Capítulo VIII

De como a serpente contou histórias à princesa para a consolar

E a serpente contava histórias à bela Amaside, para acalmar seus sofrimentos. Dizia-lhe como curara outrora um povo inteiro da mordedura de certas pequenas cobras, apenas mostrando-se na extremidade de um bastão. Narrava-lhe as conquistas do herói que fez tão belo contraste com Anfião, arquiteto de Tebas, na Beócia. Esse Anfião fazia amontoarem-se as pedras de cantaria ao som do violino: bastava-lhe um rigodão ou um minuete para construir uma cidade; mas o outro as destruía ao som de uma corneta de chifre; mandou enforcar trinta e um poderosos reis num cantão de dezesseis léguas quadradas; fez chover grandes pedras do céu sobre um batalhão de inimigos que lhe fugiam; e, tendo-os assim exterminado, fez parar o Sol e a Lua em pleno meio-dia para os exterminar de novo entre Gabaon e Aialon, no caminho de Bethoron, a exemplo de Baco que, na sua viagem às Índias, mandara parar o Sol e a Lua.

A prudência que deve ter toda serpente não lhe permitiu falar à bela Amaside do poderoso bastardo Jefté, que cortou o pescoço à filha porque havia vencido uma batalha; teria enchido de terror o coração da bela princesa; mas contou-lhe as aventuras do grande Sansão, que matava mil filisteus com uma queixada de burro, que atava trezentas raposas pela cauda, e que tombou nos laços de uma rapariga menos bela, menos terna e menos fiel que a encantadora Amaside.

Contava-lhe os desgraçados amores de Siquem e da amável Dina, que tinha seis anos de idade, e os amores mais felizes de Booz e de Ruth, os de Judá com a sua nora Tamar, os de Loth com as suas duas filhas que não queriam que o mundo acabasse, os de Abraão e de Jacó com suas criadas, os de Rubem com sua mãe, os de Davi e Betsabé, os do grande rei Salomão, em suma, tudo quanto pudesse dissipar as penas de uma bela princesa.

Capítulo IX

De como a serpente não a consolou

— Essas histórias me aborrecem — respondeu a bela Amaside, que tinha inteligência e bom gosto. — Só servem para ser comentadas entre os irlandeses por esse louco do Abbadie, ou entre os velches por esse frasista do Houteville. As histórias que podiam contar à tataravó da tataravó da minha avó já não servem para mim, que fui educada pelo sábio Mambrés e que li o *Entendimento humano* do filósofo egípcio chamado Locke[124] e a *Matrona de Éfeso*.[125] Quero uma história que seja fundada na verossimilhança e que não se assemelhe sempre a um sonho. Desejo que não tenha nada de trivial nem de extravagante. Desejaria sobretudo que, sob o véu da fábula, deixasse transparecer aos olhos exercitados alguma fina verdade que escapa ao vulgo. Estou cansada do sol e da lua de que uma velha dispõe a seu bel-prazer, das montanhas que dançam, dos rios que remontam à sua fonte, e dos mortos que ressuscitam; mas, quando essas tolices são escritas em estilo empolado e ininteligível, aí sim, que me desgostam horrivelmente. Bem compreendeis que uma pobre moça que receia ver seu amado engolido por um grande peixe e ser ela própria decapitada pelo próprio pai tem muita necessidade de que a divirtam; mas tratai de divertir-me conforme o meu gosto.

— Difícil coisa me ordenais — respondeu a serpente. — Antigamente poderia eu fazer-vos passar alguns quartos de hora bastante agradáveis; mas perdi há algum tempo a imaginação e a memória. Ai! onde estão os tempos em que eu divertia as moças? Vejamos no entanto se poderei lembrar-me de algum conto moral, para vos ser agradável.

"Há vinte e cinco mil anos, o rei Gnaof e a rainha Patra ocupavam o trono da Tebas das cem portas. O rei Gnaof era muito belo, e a rainha Patra ainda mais bela; mas não podiam ter filhos. O rei Gnaof instituiu um prêmio para quem indicasse o melhor método de perpetuar a raça real.

"A Faculdade de Medicina e a Academia de Cirurgia fizeram excelentes tratados sobre essa importante questão: nenhum vingou. Mandaram a rainha a banhos; ela rezou novenas; deu muito dinheiro ao templo de Júpiter Amon, de onde vem o sal amoníaco: tudo inútil. Afinal apresentou-se ao rei um jovem sacerdote de vinte e cinco anos, que lhe disse: — Sire, creio que sei fazer o exorcismo necessário para o que Vossa Majestade deseja com tanto ardor. É preciso que eu fale em segredo ao ouvido da senhora vossa esposa; e, se ela não se tornar fecunda, consinto em ser enforcado. — Aceito a vossa proposta — disse o rei Gnaof.

"A rainha e o sacerdote ficaram juntos apenas durante um quarto de hora. A rainha ficou grávida, e o rei quis mandar enforcar o sacerdote."

— Meu Deus! — exclamou a princesa —, sei no que dão essas coisas: essa é uma história muito comum; direi até que escandaliza o meu pudor. Contai-me qualquer fábula bem verdadeira, bem averiguada e bem moral, de que nunca me tenham falado, para que eu termine de *me formar o espiríto e o coração*, como diz o professor egípcio Linro.[126]

— Eis aqui uma, Senhora — disse a bela serpente —, e que é das mais autênticas.

"Havia três profetas, todos eles igualmente ambiciosos e aborrecidos da sua condição. Sua loucura consistia em quererem ser reis; pois de profeta a monarca não há mais que um passo, e o homem aspira sempre a subir todos os degraus da escada da fortuna. Aliás, os seus gostos e prazeres eram absolutamente diversos. O primeiro pregava admiravelmente ante seus irmãos reunidos, que lhe batiam palmas; o segundo era louco por música; e o terceiro amava apaixonadamente as mulheres. O anjo Ituriel apresentou-se a eles, num dia em que estavam à mesa e falavam sobre as doçuras do trono.

“— O Senhor das coisas (disse-lhe o anjo) me envia para recompensar vossa virtude. Não só haveis de reinar, mas satisfareis continuamente as vossas paixões dominantes. A ti, primeiro profeta, faço-te rei do Egito, e terás sempre reunido o conselho, que aplaudirá tua eloqüência e tua sabedoria. Tu, segundo profeta, ocuparás o trono da Pérsia, e ouvirás continuamente uma música divina. E a ti, terceiro profeta, entrego o trono da Índia e uma encantadora amante que jamais te abandonará.

“O que teve em partilha o Egito começou por reunir seu conselho privado, que era composto de duzentos sábios, apenas. Fez-lhes, segundo a etiqueta, um longo discurso que foi muito aplaudido, e o monarca experimentou a doce satisfação de embriagar-se de louvores que não eram corrompidos pela lisonja.

“Ao conselho privado sucedeu-se o conselho dos negócios estrangeiros. Foi muito mais numeroso, e um novo discurso recebeu maiores louvores. O mesmo aconteceu nos outros conselhos. Nada interrompia o prazer e a glória do profeta rei do Egito. A fama da sua eloqüência encheu toda a Terra.

“O profeta rei da Pérsia começou por mandar representar uma ópera italiana, cujos coros eram cantados por mil e quinhentos eunucos. Suas vozes lhe comoviam a alma até a medula dos ossos, onde ela reside. A essa ópera sucedia uma outra, e a essa segunda uma terceira, sem interrupção.

“O rei da Índia encerrou-se com a sua amante, com quem desfrutou uma volúpia perfeita. Considerava soberana ventura a necessidade de a acariciar sempre, e lamentava a triste sorte de seus dois confrades, um reduzido a estar sempre em conselho, e o outro sempre a ouvir ópera.

“Cada qual, dias depois, ouviu pela janela uns lenhadores que saíam de uma taverna para ir ao mato cortar lenha, e que enlaçavam as suas doces amigas, que eles podiam mudar à vontade. Os nossos reis pediram a Ituriel para interceder por eles junto ao Senhor das coisas, e que os fizesse lenhadores.”

— Não sei — respondeu a terna Amaside —, se o Senhor das coisas lhes satisfez o pedido, e pouco me importa; mas o que eu sei é que não pediria nada a ninguém se estivesse encerrada a sós com o meu bem-amado, o meu querido Nabucodonosor.

As abóbadas do palácio ecoaram esse grande nome. No princípio Amaside só pronunciara Na, em seguida Nabu, depois Nabuco, mas afinal

a paixão arrebatou-a, e ela pronunciou por inteiro o nome fatal apesar do juramento que fizera ao rei seu pai. Todas as damas do palácio repetiram *Nabucodonosor* e o vilão do corvo não deixou de ir avisar ao rei. O rosto de Amásis, rei de Tânis, perturbou-se, porque seu peito estava cheio de perturbação. E eis como a serpente, o mais prudente e sutil dos animais, sempre fazia mal às mulheres, supondo auxiliá-las.

Amásis, irado, mandou doze de seus alguazis lhe trazerem a filha, os quais estão sempre prontos a executar todas as barbaridades que o rei ordena, e que dão como motivo: — Nós somos pagos para isso.

Capítulo X

De como quiseram cortar o pescoço à princesa, e de como lho não cortaram

Logo que a princesa chegou toda trêmula ao acampamento do rei seu pai, disse-lhe este:

— Minha filha, bem sabeis que as princesas que desobedecem aos reis seus pais são condenadas à morte, sem o que não poderia um reino ser bem governado. Eu te proibira que proferisses o nome de teu apaixonado Nabucodonosor, meu inimigo mortal, que me destronou há quase sete anos, e que desapareceu da face da Terra. Escolheste em seu lugar um touro branco, e gritaste: "Nabucodonosor!". É justo que eu te corte o pescoço.

— Que seja feita a vossa vontade, meu pai — respondeu a princesa. — Mas concedei-me tempo para chorar a minha virgindade.

— É justo — disse o rei Amásis. — Essa é uma lei assentada entre todos os príncipes esclarecidos e prudentes. Concedo-te o dia inteiro para chorares a tua virgindade, pois dizes que a tens. Amanhã, que é o oitavo dia do meu acampamento, providenciarei para que o touro branco seja devorado pelo peixe e te cortarei o pescoço às nove horas.

A bela Amaside foi pois chorar, ao longo do Nilo, com as suas damas palacianas, tudo o que lhe restava da virgindade. O sábio Mambrés refletia a seu lado, e contava as horas e os instantes.

— Como! meu caro Mambrés — disse-lhe ela —, mudaste as águas do Nilo em sangue, segundo o costume, e não podes mudar o coração de Amásis, meu pai, rei de Tânis! Suportarás que ele me corte o pescoço amanhã de manhã às nove horas?

— Isso depende — respondeu o cogitabundo Mambrés — da presteza de meus mensageiros.

No dia seguinte, logo que a sombra dos obeliscos e das pirâmides marcaram sobre a terra a nona hora do dia, amarraram o touro branco para jogá-lo ao peixe de Jonas e levaram ao rei o seu grande sabre.

— Ai! — gemia Nabucodonosor no fundo do seu coração —, eu, o rei, sou boi há quase sete anos, e, mal encontro a minha bem-amada, sou devorado por um peixe!

Jamais o sábio Mambrés fizera tão profundas reflexões. Estava engolfado nos seus tristes pensamentos quando avistou ao longe tudo o que esperava. Vinha-se aproximando inumerável multidão. As três imagens de Ísis, de Osíris e de Hórus avançavam juntas, sobre um andor de ouro e pedrarias carregadas por cem senadores de Mênfis, e precedidas por cem raparigas tocando o sistro sagrado. Quatro mil sacerdotes, com a cabeça raspada e coroada de flores, vinham montados cada um num hipopótamo. Mais além, surgiam, na mesma pompa, a ovelha de Tebas, o cão de Bubasta, o gato de Febe, o crocodilo de Arsínoe, o bode de Mendés, e todos os deuses inferiores do Egito, que vinham render homenagem ao grande boi, ao grande deus Ápis, tão poderoso quanto Ísis, Osiris e Hórus juntos.

No meio de todos esses semideuses, quarenta sacerdotes carregavam um enorme cesto cheio de cebolas sagradas, que não eram deuses, mas que muito se lhes assemelhavam.

Nos dois flancos dessa fila de deuses seguidos de numerosa multidão, marchavam quarenta mil guerreiros, de capacete, cimitarra à cinta, carcaz a tiracolo e arco em punho.

Todos os sacerdotes cantavam em coro, com uma harmonia que elevava a alma e a enternecia:

O nosso boi, nós o perdemos,

Outro mais belo ganharemos.

E, a cada pausa, ouviam-se ressoar os sistros, as castanholas, os pandeiros, os saltérios, as cornamusas, as harpas e os sambucos.

Capítulo XI

De como a princesa desposou o seu boi

Amásis, rei de Tânis, surpreso com aquele espetáculo, não cortou o pescoço à filha: recolocou a cimitarra na bainha. E Mambrés lhe disse:

— Grande rei! a ordem das coisas está mudada; é preciso que Vossa Majestade dê o exemplo. Ó rei! desamarrai vós mesmo sem tardança o touro branco, e sede o primeiro a adorá-lo.

Amásis obedeceu e prosternou-se com todo o seu povo. O grão-sacerdote de Mênfis apresentou ao novo boi Ápis a primeira mancheia de feno. A princesa Amaside prendia-lhe aos belos cornos festões de rosas, de anêmonas, de rainúnculos, de tulipas, de cravos e de jacintos. Tomava a liberdade de o beijar, mas com profundo respeito. Os sacerdotes juncavam de palmas e flores o caminho por onde o conduziam a Mênfis. E o sábio Mambrés, sempre a fazer reflexões, dizia baixinho à sua amiga serpente:

— Daniel transformou esse homem em boi, e eu transformei esse boi em Deus.

Regressavam a Mênfis na mesma ordem. O rei de Tânis, confuso, seguia o cortejo. Ia a seu lado Mambrés, com o ar sereno e recolhido. A velha marchava atônita e maravilhada; acompanhavam-na a serpente, o cão, a jumenta, o corvo, a pomba e o bode emissário. O grande peixe remontava o Nilo. Daniel, Ezequiel e Jeremias, transformados em gralhas, fechavam o cortejo.

Quando chegaram às fronteiras do reino, que não eram muito distantes, o rei Amásis despediu-se do boi Ápis e disse à filha:

— Minha filha, voltemos para nossos Estados, a fim de que eu te corte o pescoço, tal como ficou resolvido em meu coração real, porque pronunciaste o nome de Nabucodonosor, meu inimigo, que me destronou há uns sete anos. Depois que um pai jura que há de cortar o pescoço à filha, tem de cumprir o juramento, sem o que será precipitado para sempre nos infernos, e eu não quero danar-me por amor de ti.

A bela princesa respondeu nos seguintes termos ao rei Amásis:

— Ide cortar o pescoço de quem quiserdes, meu querido pai, mas não o meu. Acho-me nas terras de Ísis, de Osíris, de Hórus e de Ápis; não deixarei o meu belo touro branco; beijá-lo-ei durante todo o caminho, até que tenha visto a sua apoteose no grande estábulo da santa cidade de Mênfis: fraqueza perdoável a uma jovem bem-nascida.

Mal pronunciara ela tais palavras, quando o boi Ápis exclamou:

— Querida Amaside, eu te amarei durante toda a minha vida.

Desde os quarenta mil anos que o vinham adorando, era a primeira vez que se ouvia no Egito o boi Ápis falar. “Os sete anos estão cumpridos!”, exclamaram a serpente e a jumenta, e as três gralhas repetiram: “Os sete anos estão cumpridos!”. Todos os sacerdotes do Egito ergueram as mãos ao céu. Viu-se de súbito o rei perder as pernas traseiras; as dianteiras transformaram-se em duas pernas humanas; dois belos braços, carnudos, musculosos e brancos lhe brotaram dos ombros; seu focinho de touro cedeu lugar ao rosto de um herói encantador; ele tornou-se de novo o mais belo homem da terra, e disse:

— Prefiro ser esposo de Amaside a ser um deus. Eu sou Nabucodonosor, rei dos reis.

Essa nova metamorfose espantou a todo o mundo, com exceção do meditativo Mambrés. Mas o que a ninguém surpreendeu foi Nabucodonosor desposar imediatamente a bela Amaside, em presença daquela grande assembléia.

Conservou o sogro no reino de Tânis e instituiu belas subvenções para a jumenta, a serpente, o cão, a pomba, e até para o corvo, as três gralhas e o grande peixe, mostrando assim a todo o universo que tanto sabia perdoar como triunfar. A velha obteve uma considerável pensão. O bode emissário foi enviado, por um dia, para o deserto, a fim de que fossem expiados todos os pecados antigos; depois disso lhe deram doze cabras, para que se consolasse. O sábio Mambrés voltou a seu palácio para entregar-se a reflexões. Nabucodonosor, depois de o ter abraçado, começou a governar

tranqüilamente o reino de Mênfis, o de Babilônia, de Damasco, de Balbec, de Tiro, a Síria, a Ásia Menor, a Cítia, as regiões de Xiraz, de Mosok, de Tubal, de Madai, de Gog, de Magog, de Javan, a Sogdiana, a Bactriana, as Índias e as ilhas.

Os povos dessa vasta monarquia gritavam todas as manhãs:

— Viva o grande rei Nabucodonosor, rei dos reis, que não é mais boi!

E desde então, todas as vezes em que o soberano (tendo sido grosseiramente enganado pelos seus sátrapas, ou pelos seus magos, ou pelos seus tesoureiros, ou pelas suas mulheres) reconhecia enfim o engano e modificava o seu proceder, todos os babilônios costumavam ir gritar à sua porta:

— Viva o nosso grande rei, que não é mais boi!

Miscelânea

Reuniram-se sob este título geral os seguintes contos de Voltaire que figuram na edição de La Pléiade:

1 — "Aventura da memória" — publicado em 1775 concomitantemente em "Mélanges" e "Nouveaux Mélanges" (Cramer, Genebra). É uma apologia da teoria sensualista do espírito que faz decorrerem os nossos conhecimentos da experiência, mas é também uma crítica da teoria cartesiana das idéias inatas.

2 — "O Sonho de Platão", publicado pela primeira vez em 1756 na edição completa das Obras de Voltaire*, de Cramer, Genebra.*

3 — "Carta de um Turco", publicado em 1750 na edição das Obras de Voltaire, *de G. O. Walter, Dresden. Trata-se de uma crítica ao ascetismo cristão e ao misticismo oriental.*

4 — "Pequena digressão" e "Aventura indiana", dois capítulos do Filósofo Ignorante *publicado por Cramer, Genebra, em 1766. O livro compõe-se de dezesseis perguntas apresentadas pelo Ignorante, mais a* "*Pequena digressão*", *a* "*Aventura indiana*" *(traduzida pelo Ignorante), um pequeno comentário do Ignorante ao* Elogio do Delfim de França *de M. Thomas e um suplemento:* "André Destouches no Sião".

5 — "Elogio histórico da razão", atribuído por Voltaire a um Senhor de Chambon "bem conhecido na República das letras" e publicado em apêndice à tragédia de D. Pedro, rei de Castela (1775, Genebra, Cramer). A julgar por uma carta de Voltaire a Frederico II, o escritor prezava mais a facécia do que a tragédia: "Inútil ler D. Pedro. Não vale a pena, mas dignai-vos deitar os olhos na pequena digressão sobre a razão e a verdade".

S. M.

Aventura da memória

O GÊNERO HUMANO PENSANTE, isto é, a centésima milésima parte do gênero humano, quando muito, acreditara por muito tempo, ou pelo menos por muitas vezes o repetira, que nós não tínhamos idéias senão por intermédio dos sentidos, e que a memória era o único instrumento com o qual podíamos reunir duas idéias e duas palavras.

Eis por que Júpiter, símbolo da natureza, se enamorou, à primeira vista, de Mnemósine, deusa da memória; e desse casamento nasceram as nove Musas, que inventaram todas as artes.

Este dogma, no qual se fundam todos os nossos conhecimentos, foi universalmente aceito, e até mesmo a Nonsobre[127] o adotou, embora se tratasse de uma verdade.

Algum tempo depois surgiu um argumentador,[128] metade geômetra, metade lunático, o qual se pôs a argumentar contra os cinco sentidos e contra a memória. E disse ao reduzido grupo do gênero humano pensante:

— Até agora estivestes enganados, porque os vossos sentidos são inúteis, porque as idéias são inatas em vós, antes de que qualquer dos vossos sentidos possa ter operado; porque já tínheis todas as noções necessárias quando viestes ao mundo; porque já sabíeis tudo sem nunca haver sentido nada; todas as vossas idéias, nascidas convosco, se achavam presentes em vossa inteligência, chamada *alma,* e sem auxílio da memória. Esta memória não serve para coisa alguma.

A Nonsobre condenou tal proposição, não porque fosse ridícula, mas porque era nova. No entanto, quando em seguida um inglês[129] começou a provar, e a provar longamente, que não havia idéias inatas, que nada era tão necessário como os cinco sentidos, que a memória muito servia para reter as coisas recebidas pelos cinco sentidos, a Nonsobre condenou suas próprias idéias, visto que eram agora as mesmas de um inglês. Ordenou por conseguinte ao gênero humano que acreditasse dali por diante nas idéias inatas, e perdesse toda e qualquer crença nos cinco sentidos e na memória. O gênero humano, em vez de obedecer, pôs-se a rir da Nonsobre,

a qual entrou em tamanha fúria, que quis mandar queimar a um filósofo. Pois dissera esse filósofo que era impossível formar idéia completa de um queijo sem o ter visto e comido; e chegou o celerado a afirmar que os homens e mulheres jamais poderiam fazer trabalhos de tapeçaria se não tivessem agulhas e dedos para as enfiar.

Os liolistas[130] juntaram-se à Nonsobre pela primeira vez na vida; e os sejanistas,[131] inimigos mortais dos liolistas, reuniram-se por um momento a estes. Chamaram em seu auxílio os antigos dicastéricos; e todos eles, antes de morrer, baniram unanimemente a memória e os cinco sentidos, e mais o autor que dissera bem dessa meia dúzia de coisas.

Um cavalo que estava presente ao julgamento estatuído por aqueles senhores, embora não pertencesse à mesma espécie e houvesse muita coisa que os diferenciava, tal como a estatura, a voz, as crinas e as orelhas, esse cavalo, dizia eu, que tanto possuía senso como sentidos, contou a história a Pégaso, na minha estrebaria, e Pégaso, com a sua ordinária vivacidade, foi repeti-la às Musas.

As Musas que, durante uns cem anos, vinham singularmente favorecendo o país, por tanto tempo bárbaro, onde se passava esta cena, ficaram muito escandalizadas; amavam ternamente a Memória, ou Mnemósine, sua mãe, à qual essas nove filhas são credoras de tudo quanto sabem. Irritou-as a ingratidão dos homens. Não satirizaram os antigos dicastéricos, os liolistas, os sejanistas e a Nonsobre, porque as sátiras não corrigem ninguém, irritam os tolos e os tornam ainda piores. Elas imaginaram um meio de esclarecê-los, punindo-os. Os homens haviam blasfemado contra a memória; as Musas lhes tiraram esse dom dos deuses, a fim de que aprendessem de uma vez por todas a que se fica reduzido sem o seu auxílio.

Aconteceu, pois, que durante uma bela noite todos os cérebros se obscureceram, de modo que no dia seguinte, de manhã, todos se acordaram sem a mínima lembrança do passado. Alguns dicastéricos, deitados com as suas mulheres, quiseram aproximar-se delas por um resto de instinto independente da memória. As mulheres, que só muito raramente possuem o instinto de entrar em contato com os maridos, repeliram asperamente as suas desagradáveis carícias, e a maioria dos casais acabou aos tapas.

Alguns senhores, encontrando um chapéu, serviram-se dele para certas necessidades que nem a memória nem o bom senso justificam. E senhoras empregaram para o mesmo uso as bacias de rosto. Os criados,

esquecidos do contrato que haviam feito com os patrões, entraram no quarto dos mesmos, sem saber onde se achavam; mas, como o homem nasceu curioso, abriram todas as gavetas; e, como o homem ama naturalmente o brilho da prata e do ouro, sem ter para isso necessidade de memória, apanharam tudo o que estava a seu alcance. Os patrões quiseram bradar contra ladrão; mas, tendo-lhes saído do cérebro a idéia de ladrão, não pôde a palavra lhes chegar à língua. Cada qual, tendo esquecido o seu idioma, articulava sons informes. Era muito pior que em Babel, onde cada um inventava imediatamente uma língua nova. A inata inclinação dos criados moços pelas mulheres bonitas se manifestou com tal premência que os atrevidos se lançaram irrefletidamente sobre as primeiras mulheres ou raparigas que encontraram, fossem elas taverneiras ou presidentas; e estas, esquecidas das leis do pudor, deixaram-se manobrar com toda liberdade.

Foi preciso almoçar; ninguém sabia o que fazer para isso. Ninguém fora ao mercado, nem para vender nem para comprar. Os criados tinham vestido a roupa dos patrões, e os patrões a dos criados. Todo mundo se olhava aparvalhado. Os que tinham mais jeito para obter o necessário (e era a gente do povo) conseguiram um pouco com que viver; aos outros, faltou-lhes tudo. O ministro e o arcebispo andavam inteiramente nus, e seus palefreneiros passeavam, uns de hábito vermelho, outros com dalmáticas: tudo estava confundido, iam todos morrer de miséria e de fome, por falta de mútuo entendimento.

Ao cabo de alguns dias, as Musas tiveram piedade dessa pobre raça: elas são boas afinal, embora algumas vezes façam sentir aos maus a sua cólera; suplicaram, pois, à mãe, que devolvesse àqueles blásfemos a memória que lhes havia tirado. Mnemósine desceu à região dos contrários, onde tão temerariamente a tinham insultado, e falou-lhes nos seguintes termos:

— Perdôo-vos, imbecis; mas lembrai-vos de que sem sentido não há memória e sem memória não há senso.

Os dicastéricos agradeceram-lhe secamente, e decidiram fazer-lhe uma admoestação. Os sejanistas publicaram toda essa aventura na sua gazeta; viu-se que ainda não estavam curados. Os liolistas transformaram o caso numa intriga de Corte. Mestre Coger, pasmado da aventura e sem compreender patavina daquilo tudo, disse a seus alunos do quinto ano este

belo axioma: *Non magis musis quam hominibus infensa est ista quae vocatur memoria.*[132]

Sonho de Platão

PLATÃO SONHAVA MUITO, e não menos se tem sonhado até agora. Imaginava ele que o ser humano era outrora duplo e que, como castigo de suas faltas, foi dividido em macho e fêmea.

Demonstrara que não pode haver senão cinco mundos perfeitos, porque, na matemática, só há cinco corpos regulares. A sua *República* foi um de seus grandes sonhos. Sonhara ainda que o dormir nasce da vigília e a vigília do dormir, e que se perde infalivelmente a vista contemplando um eclipse, a não ser numa bacia d'água. Os sonhos davam, àquela época, grande reputação.

Eis aqui um de seus sonhos, que não é dos menos interessantes. Fantasiou que o grande Demiurgo, o eterno Geômetra, depois de povoar o infinito de globos inumeráveis, quis experimentar a ciência dos gênios que haviam testemunhado o seu trabalho. Deu a cada um deles uma pequena porção de matéria para que a afeiçoasse a seu modo, da mesma forma que Fídias e Zêuxis distribuiriam a seus discípulos o material para fazerem estátuas e quadros, se é permitido comparar as pequenas coisas às grandes.

Demogórgon recebeu como partilha a porção de lama que se chama a *Terra;* e, tendo-a arranjado tal como hoje a vemos, julgava ter feito uma obra-prima. Pensava haver subjugado a inveja e esperava elogios, até mesmo de seus confrades; muito surpreso ficou de ser recebido com forte vaia.

Um deles, que não poupava gracejos, disse-lhe:

— Na verdade, fizeste um excelente trabalho: dividiste o teu mundo em dois e puseste um grande espaço d'água entre os dois hemisférios, a fim de que não houvesse comunicação entre ambos. Os humanos vão enregelar-se nos teus dois pólos e morrer de calor na tua linha equatorial. Distribuíste prudentemente, pelas terras, grandes desertos de areia, para que os viajantes morressem de fome e de sede. Estou muito satisfeito com os teus carneiros, as tuas vacas e as tuas galinhas; mas, francamente, não vou muito com as tuas cobras nem com as tuas aranhas. As tuas cebolas e

alcachofras são excelentes; mas não concebo qual foi a tua intenção ao cobrir a terra de tantas plantas venenosas, a menos que tivesses o desejo de envenenar seus habitantes. Parece-me, por outro lado, que formaste umas trinta espécies de macacos, muito mais espécies de cães e apenas quatro ou cinco espécies de homens; é verdade que deste a este último animal aquilo a que chamas *razão;* mas, para te falar com toda a sinceridade, essa tal razão é demasiado ridícula e muito se aproxima da loucura. Parece-me aliás que não fazes grande caso desse animal de dois pés, visto lhe haveres dado tantos inimigos e tão pouca defesa, tantas doenças e tão poucos remédios, tantas paixões e tão pouca sabedoria. Pelo que se vê, não queres que fiquem muitos desses animais sobre a face da Terra: pois, sem contar os perigos a que os expões, arranjaste de tal modo as coisas que um dia a varíola arrebatará regularmente todos os anos a décima parte dessa espécie e a irmã dessa varíola[133] envenenará a fonte da vida nos nove décimos restantes; e, como se ainda não bastasse, fizeste de modo que metade dos sobreviventes se ocupará em demandas e a outra metade em matar-se. Eles, sem dúvida, muito te ficarão devendo, e fizeste na verdade uma bela obra.

Demogórgon enrubesceu: bem sentia que na sua obra havia mal moral e mal físico; mas sustentava que havia mais bem que mal.

— É fácil criticar — disse ele —, mas achas tão fácil fazer um animal que seja sempre razoável, que seja livre, e que jamais abuse da sua liberdade? Pensas que, quando se tem de nove a dez mil plantas para fazer proliferar, seja tão fácil impedir que algumas dessas plantas tenham qualidades nocivas? Imaginas que, com certa quantidade de água, de areia, de lama e de fogo, não se possa ter nem mar nem deserto? Acabas, senhor trocista, de arranjar o planeta Marte; veremos como te houveste com os teus costados e que belo efeito não hão de fazer as tuas noites sem lua; veremos se entre a tua gente não há nem loucura nem doença.

Com efeito, os gênios examinaram Marte e caíram de rijo sobre o galhofeiro. Nem o grave gênio que modelara Saturno foi poupado; seus confrades, os fabricadores de Júpiter, de Mercúrio, de Vênus, tiveram cada um de suportar censuras.

Escreveram grossos volumes e brochuras; disseram frases de espírito; fizeram canções, ridicularizaram-se uns aos outros; as facções se desmandaram na linguagem; até que o eterno Demiurgo impôs silêncio a todos:

— Fizestes (lhes disse ele) coisas boas e coisas más, porque tendes muita inteligência e sois imperfeitos; as vossas obras durarão somente algumas centenas de milhões de anos; após o que, já possuindo mais experiência, haveis de fazer coisa melhor: só a mim é dado fazer coisas perfeitas e imortais.

Eis o que Platão ensinava aos discípulos. Quando parou de falar, um deles disse-lhe: *E aí então vós acordastes.*

Carta de um turco

sobre os faquires e o seu amigo bababec

QUANDO ME ACHAVA NA CIDADE DE BENARÉS, à margem do Ganges, antiga pátria dos brâmanes, procurava instruir-me. Compreendia passavelmente o hindu; escutava muito e observava tudo. Parava em casa de meu correspondente Omri, o homem mais digno que já conheci na vida. Era ele da religião dos brâmanes; quanto a mim, tenho a honra de ser muçulmano; mas nunca trocamos uma palavra mais alta a respeito de Maomé e de Brama. Fazíamos as abluções cada qual para o seu lado; bebíamos da mesma limonada, comíamos do mesmo arroz, como irmãos.

Fomos um dia juntos ao pagode de Gavani. Vimos ali vários bandos de faquires. Uns eram janguis, isto é, faquires contemplativos; e os outros eram discípulos dos antigos ginossofistas, que levavam uma vida ativa. Possuem, como é sabido, uma língua erudita, que é a dos mais antigos brâmanes, e, nessa língua, um livro chamado *Vedas*. É certamente o mais antigo livro de toda a Ásia, sem excetuar o *Zend Avesta.*

Pessei por um faquir que lia esse livro.

— Ah! desgraçado infiel! — exclamou ele. — Tu me fizeste perder o número das vogais que eu estava contando; e por isso a minha alma vai passar para o corpo de uma lebre, em vez de ir para o de um papagaio, como eu tinha motivos de crer.

Dei-lhe uma rúpia para consolá-lo. Dali a alguns passos, aconteceu-me a desgraça de espirrar, e o ruído que fiz despertou um faquir que se achava em êxtase.

— Onde estou? — disse ele. — Que horrível queda! Não vejo mais a ponta do nariz; a luz celeste dissipou-se.[134]

—Se sou o causante — disse-lhe eu — de que afinal enxergues além da ponta do nariz, eis uma rúpia para reparar o mal. Retoma a tua luz celeste.

Depois de assim contornar discretamente a situação, fui ter com os ginossofistas: vários deles me trouxeram uns preguinhos muito bonitos, para os fincar em meus braços e coxas, em honra de Brama. Comprei-lhes

os pregos, com os quais mandei pregar meus tapetes. Outros dançavam sobre as mãos; outros na corda bamba; outros andavam num pé só. Havia uns que carregavam correntes, outros uma sela, outros que conservavam a cabeça dentro de uma caixa: de resto, a melhor gente do mundo. Meu amigo Omri levou-me à cela de um dos mais famosos; chamava-se Bababec: estava nu como um macaco e trazia ao pescoço urna grossa cadeia que pesava mais de sessenta libras. Achava-se sentado em um banco de madeira, lindamente guarnecido de pregos que lhe penetravam nas nádegas, e dir-se-ia que estava num leito de cetim. Muitas mulheres vinham consultá-lo; era o oráculo das famílias; e pode-se dizer que gozava de grande reputação. Fui testemunha da longa conversa que Omri teve com ele.

— Acreditas, meu pai — perguntou-lhe Omri —, que, após haver passado pela prova das sete metempsicoses, possa eu chegar à morada de Brama?

— Isto é conforme — disse o faquir. — Como vives?

— Trato — disse Omri — de ser bom cidadão, bom esposo, bom pai, bom amigo. Empresto dinheiro sem juros aos ricos e dou aos pobres. Incentivo a paz entre meus vizinhos.

— Não metes algumas vezes pregos no ânus?

— Nunca, reverendo.

— Sinto muito: dessa maneira, só irás para o décimo nono céu; e é uma pena.

— Qual! Está certo. Sinto-me muito contente com a minha parte. Que me importa o décimo nono ou o vigésimo, contanto que eu cumpra o dever na minha peregrinação, e seja bem recebido na última morada? Não será suficiente ser um homem direito neste país e depois um homem venturoso no país de Brama? Para que céu pretendes ir então, com os teus pregos e as tuas correntes?

— Para o trigésimo quinto — disse Bababec.

— És muito engraçado — replicou Omri — com isso de quereres ficar alojado acima de mim: talvez não seja mais que um sinal de excessiva ambição. Se condenas aqueles que buscam honrarias nesta vida, por que então ambicionas honrarias tão grandes na outra? E de resto, por que motivo pretendes ser mais bem tratado do que eu? Fica sabendo que dou em esmolas, em dez dias, mais do que te custam em dez anos todos os pregos que fincas no traseiro. A Brama, pouco se lhe dá que passes o dia

nu, com uma corrente ao pescoço. Belo serviço prestas assim à pátria. Considero cem vezes mais a um homem que semeia legumes ou planta árvores do que todos os teus camaradas que olham para a ponta do nariz ou carregam uma sela, por excesso de nobreza d'alma.

Depois de assim falar, Omri se abrandou, mostrou-se gentil, acarinhou-o, persuadindo-o enfim a que deixasse os pregos e as correntes, e fosse viver uma vida às direitas, na sua companhia. Tiraram-lhe o cascão, aspergiram-no de perfumes, vestiram-no decentemente. Viveu quinze dias muito sensatamente, e confessou que era mil vezes mais feliz do que antes. Mas desacreditava-se entre o povo e as mulheres não vinham mais consultá-lo. Ele deixou Omri e voltou a seus pregos para ter consideração.

Pequena digressão

LOGO NO COMEÇO DA FUNDAÇÃO dos Quinze-Vingts,[135] sabe-se que os asilados eram todos iguais e seus assuntos se decidiam por votação. Distinguiam perfeitamente, pelo tato, a moeda de cobre da de prata; nenhum deles tomou jamais vinho de Brie por vinho de Borgonha. Seu olfato era mais fino que o de seus patrícios que tinham dois olhos. Aprofundaram-se perfeitamente nos quatro sentidos, isto é, ficaram sabendo acerca deles tudo quanto é possível; e viveram tranqüilos e felizes na medida em que os cegos o podem ser. Infelizmente, um de seus professores julgou possuir noções claras sobre o sentido da vista; fez-se ouvir, intrigou, granjeou partidários; reconheceram-no afinal como chefe da comunidade. Pôs-se a julgar soberanamente em matéria de cores, e aí é que foi a perdição.

Esse primeiro ditador dos Quinze-Vingts formou primeiro um pequeno conselho, com o qual se tornou depositário de todas as esmolas. Por esse motivo, ninguém se atreveu a resistir-lhe. Decidiu ele que todas as roupas dos Quinze-Vingts eram brancas; os cegos acreditaram; não falavam senão de seus belos trajes brancos, embora não houvesse entre eles um único dessa cor. Como todo o mundo começasse então a zombar deles, foram queixar-se ao ditador, que os recebeu muito mal; tratou-os de inovadores, de espíritos fortes, de rebeldes, que se deixavam seduzir pelas opiniões errôneas daqueles que tinham olhos e ousavam duvidar da infalibilidade de seu senhor. Dessa querela, formaram-se dois partidos.

O ditador, para os apaziguar, baixou um decreto segundo o qual todas as suas vestes eram vermelhas. Não havia uma única veste vermelha entre os Quinze-Vingts. Riram-se deles mais do que nunca. Novas queixas da comunidade. O ditador enfureceu-se, os outros cegos também. Disputaram longamente, e só se restabeleceu a concórdia quando foi permitido, a todos os Quinze-Vingts, suspenderem o juízo sobre a cor de sua roupa.

Um surdo, ao ler esta pequena história, confessou que os cegos tinham feito muito mal em querer julgar a respeito de cores, mas permaneceu

firme na opinião de que só aos surdos compete falar de música.

Aventura indiana

traduzida pelo ignorante

DURANTE A SUA ESTADA NA ÍNDIA, Pitágoras aprendeu com os gimnossofistas, como todos sabem, a linguagem dos animais e das plantas. Passeando um dia por um campo à beira-mar, ouviu estas palavras: "Que desgraça a minha ter nascido relva! Mal chego a duas polegadas de altura, vem logo um monstro devorador, um animal horrível, que me aplastra com seus largos pés; a sua boca é armada com uma dupla fila de foices cortantes, com a qual me arranca, me tritura e me engole. Os homens chamam a esse monstro de ovelha. Não creio que haja no mundo mais abominável criatura".

Pitágoras avançou alguns passos e topou com uma ostra que bocejava sobre um rochedo. O filósofo ainda não havia adotado essa admirável lei que nos proíbe comer aos animais nossos semelhantes. Ia, pois, engolir a ostra, quando a pobre pronunciou estas comoventes palavras: "Ó Natureza! Como é feliz a relva, que é, como eu, obra tua! Ela, depois de cortada, renasce: é imortal. E nós, miseráveis ostras, em vão somos defendidas por uma dupla couraça; e uns celerados nos comem às dúzias, ao almoço, e tudo se acaba para sempre. Que terrível o destino de uma ostra, e como são bárbaros os homens!".

Pitágoras estremeceu; sentiu a enormidade do crime que ia praticar: debulhado em pranto, pediu perdão à ostra e colocou-a cuidadosamente sobre o seu rochedo.

De regresso à cidade, a meditar profundamente sobre essa aventura, viu aranhas que comiam moscas, andorinhas que comiam aranhas, gaviões que comiam andorinhas. "Esse pessoal todo — dizia ele consigo — não tem a mínima filosofia."

Ao entrar na cidade, foi Pitágoras atropelado, contundido, derrubado por uma multidão de cretinos e cretinas que corriam a gritar: "Bem feito!

Bem feito! É mesmo merecido!”.

“Quem? O quê? Como?” — disse Pitágoras, erguendo-se do chão. E a gente sempre a correr, exclamando: “Ah! como não vai ser bom vê-los cozer!”.

Pitágoras julgou que falavam de lentilhas ou quaisquer outros legumes; absolutamente: tratava-se de dois pobres hindus. “Ah, sem dúvida — pensou Pitágoras — são dois grandes filósofos que estão cansados da vida e querem renascer sob outra forma; é um prazer mudar de casa, embora se fique sempre mal alojado; de gostos não se discute.”

Avançou com a multidão até a praça pública e foi lá que viu uma grande pira acesa e, defronte a essa pira, um banco a que chamavam *tribunal,* e, nesse banco, uns juízes, e esses juízes seguravam todos uma cauda de vaca e usavam todos um barrete que se assemelhava perfeitamente às duas orelhas do animal que transportou Sileno, quando este veio outrora à Índia em companhia de Baco, depois de atravessarem a seco o mar Eritreu e terem feito parar o Sol e a Lua, como vem fielmente descrito nas *Órficas*.

Entre esses juízes havia um excelente homem conhecido de Pitágoras. O sábio da Índia explicou ao sábio de Samos em que consistia a festa que iam oferecer ao povo indiano.

“Os dois hindus — disse ele — não têm o mínimo desejo de ser queimados; os meus graves confrades condenaram ambos a esse suplício: um por haver dito que a substância de Xaca não é a substância de Brama; e o outro, por haver suspeitado que se podia agradar ao Ser Supremo pela simples virtude, sem que seja preciso, à hora da morte, segurar uma vaca pela cauda; pois que, dizia ele, a gente pode ser sempre virtuoso, mas nem sempre se encontra uma vaca à mão. De tal forma a se horrorizaram as boas mulheres da cidade com tão heréticas proposições que não deram descanso aos juízes enquanto estes não mandaram os dois infelizes para a fogueira.”

Pitágoras considerou que, desde a relva até o homem, há sobejos motivos de aborrecimento. No entanto, fez que os juízes, e até mesmo os devotos, ouvissem a voz da razão; e foi essa a única vez em que tal coisa aconteceu.

Em seguida foi pregar tolerância em Crotona; mas um intolerante lhe ateou fogo à casa: e Pitágoras morreu queimado, ele que tirara dois hindus da fogueira...

Salve-se quem puder!

Elogio histórico da razão

PRONUNCIADO EM UMA ACADEMIA DE PROVÍNCIA POR M***

SENHORES,

Fez Erasmo, no século XVI, o *elogio da Loucura*. Vós me ordenais que vos faça o elogio da Razão. Essa Razão, com efeito, só costuma ser festejada duzentos anos após sua inimiga, e às vezes muito mais tarde; e existem nações onde ela ainda não foi vista.

Era tão desconhecida entre nós, no tempo dos druidas, que nem sequer tinha nome em nossa língua. César não a levou nem à Suíça, nem a Autan, nem a Paris, que não passava então de uma aldeola de pescadores; e ele próprio quase a não conhecia.

Possuía tantas e tamanhas qualidades que a Razão não pôde encontrar lugar em meio delas. Esse magnânimo insensato saiu de nosso país devastado para ir devastar o seu e para deixar-se mimosear com vinte e três punhaladas por vinte e três outros ilustres furiosos que estavam longe de emparelhar com ele.

O sicambro Clodvich, ou Clóvis, cerca de quinhentos anos depois, veio exterminar parte da nossa nação e subjugar a outra. Não se ouviu falar em razão, nem no seu exército nem nas nossas infelizes aldeias, a não ser na razão do mais forte.

Apodrecemos por muito tempo nessa horrível e aviltante barbárie, da qual as Cruzadas não nos tiraram. Foi essa, ao mesmo tempo, a mais universal, a mais atroz, a mais ridícula e desgraçada das loucuras. A essas longínquas cruzadas, sucedeu a abominável loucura da guerra civil e sagrada que exterminou tanta gente da língua de *Oc* e da língua de *Oïl*.[136] A Razão não tinha como achar-se ali. Em Roma reinava então a Política, que tinha como ministras suas duas irmãs, a Velhacaria e a Avareza. Viam-se a Ignorância, o Fanatismo, a Fúria percorrerem sob suas ordens a

Europa toda; a Pobreza lhes seguia o rastro; a Razão ocultava-se num poço, como a Verdade sua filha. Ninguém sabia onde ficava esse poço, e, se o farejassem, ali teriam descido para degolar mãe e filha.

Depois que os turcos tomaram Constantinopla, redobrando os espantosos males da Europa, dois ou três gregos, ao fugir, tombaram nesse poço, ou antes, nessa caverna, semimortos de fadiga, de fome e de medo.

A Razão recebeu-os com humanidade, deu-lhes de comer sem distinção de carnes (coisa que jamais haviam conhecido em Constantinopla). Receberam dela algumas instruções, em pequeno número: pois a Razão não é prolixa. Obrigou-os a jurar que não revelariam o local do seu retiro. Partiram, e chegaram, depois de muito andar, à Corte de Carlos V e Francisco I.

Receberam-nos ali como a prestidigitadores que viessem fazer seus passes de mágica para distrair a ociosidade dos cortesãos e das damas, no intervalo de seus encontros galantes. Os ministros dignaram-se olhá-los nos momentos de folga que lhes pudessem permitir a lufa-lufa dos negócios. Chegaram até a ser acolhidos pelo imperador e pelo rei de França, que lhes lançaram um olhar de passagem, quando iam ter com suas amantes. Mas eles colheram melhor fruto nas pequenas cidades, onde encontraram alguns burgueses que ainda tinham, não se sabia como, algum vislumbre de senso comum.

Esses flébeis clarões se extinguiram em toda a Europa, entre as guerras civis que a assolaram. Duas ou três faíscas de razão não podiam aclarar o mundo no meio das tochas ardentes e das fogueiras que o fanatismo acendeu durante tantos anos. A Razão e sua filha ocultaram-se mais do que nunca.

Os discípulos de seus primeiros apóstolos suicidaram-se, com exceção de alguns que foram bastante desavisados para irem apregoar a Razão desarrazoadamente, e fora de tempo: isso lhes custou a vida, como a Sócrates; mas ninguém prestou atenção à coisa. Nada mais desagradável do que ser enforcado obscuramente. Por tanto tempo se havia a gente ocupado com noites de S. Bartolomeu, massacres da Holanda, cadafalsos da Hungria, e assassínios de reis, que não havia nem tempo, nem suficiente liberdade de espírito para pensar nos crimes miúdos e nas calamidades secretas que inundavam o mundo, de um extremo a outro.

A Razão, informada do que ocorria por alguns exilados que se haviam refugiado no seu retiro, sentiu-se tomada de compaixão, embora não passe

por ser muito terna. Sua filha, que é mais ousada do que ela, animou-a a que fosse ver o mundo e tratasse de curá-lo. Apareceram as duas, falaram; mas encontraram tantos malvados interessados em contradizê-las, tantos imbecis a soldo desses malvados, tantos indiferentes apenas preocupados consigo mesmos e com o momento atual e que não se importavam nem com elas nem com seus inimigos, que resolveram ambas voltar muito sabiamente para o seu asilo.

Todavia, algumas sementes dos frutos que elas carregam sempre consigo, e que haviam espalhado, germinaram na terra; e até sem apodrecer.

Enfim, há algum tempo lhes deu vontade de ir em peregrinação a Roma, disfarçadas e anônimas, por medo da Inquisição. Logo de chegada, dirigiram-se ao cozinheiro do papa Ganganelli — Clemente XIV. Sabiam que era o menos ocupado cozinheiro de Roma. Pode-se até dizer que era, depois de vossos confessores, o homem mais folgado da sua profissão.

Esse homem, depois de ter servido às duas peregrinas uma refeição quase tão frugal quanto a do papa, levou-as à presença de Sua Santidade, a quem encontraram lendo os *Pensamentos de Marco Aurélio.* O papa reconheceu os disfarces e beijou-as cordialmente, apesar da etiqueta.

— Minhas Senhoras, se eu pudesse imaginar que estavam neste mundo, ter-lhes-ia feito a primeira visita.

Após os cumprimentos, trataram de negócios. Logo no dia seguinte, Ganganelli aboliu a bula *In coena Domini,* um dos maiores monumentos da loucura humana, que por tanto tempo ultrajara a todos os potentados. No outro dia, tomou a resolução de destruir a companhia[137] de Garasse, de Guignard, de Garnet, de Busenbaum, de Malagrida, de Paulian, de Patouillet, de Nonotte; e a Europa bateu palmas. No terceiro dia, diminuiu impostos de que o povo se queixava. Animou a agricultura e todas as artes; fez-se estimado de todos aqueles que passavam por inimigos de seu posto. Disseram então, em Roma, que não havia mais que uma nação e uma lei no mundo.

As duas peregrinas, atônitas e satisfeitas, despediram-se do papa, que lhes fez presente, não de agnus e de relíquias, mas de uma boa carruagem para continuarem a viajar. A Razão e a Verdade não tinham até então o hábito de andar a gosto.

Visitaram toda a Itália, e surpreenderam-se de encontrar, em vez do maquiavelismo, uma verdadeira emulação entre os príncipes e as

repúblicas, desde Parma a Turim, para ver quem tornaria seus súditos mais honrados, mais ricos e mais felizes.

— Minha filha — dizia a Razão à Verdade —, creio que o nosso reinado bem poderia começar, após tão longa prisão. Alguns dos profetas que nos foram visitar no poço devem ter sido mesmo muito poderosos em palavras e obras, para assim mudarem a face da Terra. Bem vês que tudo vem tarde. Era preciso passar pelas trevas da ignorância e da mentira antes de entrar em teu palácio de luz, de que foste escorraçada comigo durante tantos séculos. Acontecerá conosco o que aconteceu com a Natureza; esteve ela coberta de um véu, e toda desfigurada, durante inumeráveis séculos. Afinal chegou um Galileu, um Copérnico, um Newton, que a mostraram quase nua, fazendo os homens se enamorarem dela.

Assim conversando, chegaram a Veneza. O que consideraram mais atentamente foi um procurador de S. Marcos que segurava um grande par de tesouras, diante de uma mesa toda coberta de jarras, de bicos e de plumas negras.

— Ah! — exclamou a Razão —, Deus me perdoe, *lustrissimo Signor,* mas creio que essa é uma das tesouras que levava para o meu poço, quando ali me refugiei com minha filha! Como a obteve Vossa Excelência, e que faz com ela?

— *Lustrissima Signora* — respondeu o procurador —, bem pode ser que a tesoura tenha pertencido outrora a Vossa *Excelência;* mas foi um chamado Fra Paolo que no-la trouxe há muito, e dela nos servimos para cortar as garras da Inquisição, que vedes espalhadas sobre esta mesa.

"Essas plumas negras pertenciam a harpias que vinham comer o alimento da República; nós lhes aparamos todos os dias as unhas e a ponta do bico. Se não fora essa precaução, teriam acabado por devorar tudo; nada teria sobrado para os grandes, nem para os *pregadi,*[138] nem para os cidadãos.

"Se passardes pela França, talvez encontreis em Paris vosso outro par de tesouras, em poder de um ministro espanhol,[139] que as empregava da mesma forma que nós em seu país, e que será um dia abençoado pelo gênero humano."

Depois de terem assistido à ópera veneziana, partiram as duas viajantes para a Alemanha. Viram com satisfação esse país, que no tempo de Carlos Magno não passava de uma floresta imensa entrecortada de pântanos, coberto agora de cidades florescentes e tranqüilas; esse país,

povoado de soberanos outrora bárbaros e pobres, e agora todos polidos e magníficos; esse país, cujo sacerdócio, nos tempos antigos, só era constituído por feiticeiras, que então imolavam criaturas humanas sobre pedras grosseiramente talhadas; esse país que fora depois inundado por seu próprio sangue, para saber ao certo se a coisa era *in, cum, sub,* ou não; [140] esse país que enfim acolhia ao seio três religiões inimigas, espantadas de viver pacificamente juntas.

— Louvado seja Deus! — disse a Razão. — Essa gente veio afinal a mim, à força de demência.

Conduziram-nas à presença de uma imperatriz muito mais que sensata, pois era generosa. Tão contentes ficaram com ela as peregrinas, que não levaram em conta alguns costumes que as chocaram; mas ambas se enamoraram do imperador seu filho.

Redobrou-lhes o espanto ao chegarem à Suécia. "Como!" — diziam —, "uma revolução tão difícil e no entanto tão rápida! tão perigosa e no entanto tão pacífica! E, desde esse grande dia, nem um só dia perdido para a prática do bem, e tudo isso na idade que é tão raramente a da razão! Bem fizemos em sair de nosso esconderijo quando esse grande acontecimento enchia de admiração a Europa inteira!"

Dali, atravessaram às pressas a Polônia. "Ah! minha mãe, que contraste! — exclamou a Verdade. — Dá-me até vontade de voltar para o poço. Eis no que dá ter esmagado sempre a mais útil porção do gênero humano e tratado aos lavradores pior do que eles tratam aos animais que os servem! Esse caos de anarquia só podia redundar em ruína: já o haviam predito claramente. Lamento um monarca virtuoso, sábio e humano; e ouso esperar que ele seja feliz, pois os outros reis começam a sê-lo, e as vossas luzes se comunicam gradualmente.

"Vamos ver — continuou ela — uma transformação mais favorável e surpreendente. Vamos a essa imensa região hiperbórea, tão bárbara há oitenta anos e hoje tão esclarecida e invencível. Vamos contemplar aquela que cumpriu o milagre de uma nova criação..." Lá acorreram, e confessaram que não lhes haviam exagerado.[141]

Não cessavam de admirar o quanto mudara o mundo em alguns anos. Concluíram que talvez um dia o Chile e as Terras Centrais fossem o centro da civilização e do bom gosto e que se teria de ir ao pólo antártico para aprender a viver.

Chegadas que foram à Inglaterra, disse a Verdade à sua mãe:

— Parece-me que a felicidade desta nação não é constituída como a das outras; foi mais louca, mais fanática, mais cruel e mais infeliz do que qualquer uma das que eu conheço; e eis que instituiu um governo único, no qual conservou tudo o que a monarquia tem de útil e tudo o que uma República tem de necessário. É superior na guerra, nas leis, nas artes, no comércio. Apenas a vejo embaraçada com a América Setentrional, que conquistou num extremo do universo, e com as mais belas províncias da Índia, subjugadas no outro extremo. Como carregará ela esses dois fardos da sua felicidade?

— O peso é considerável — disse a Razão —, mas, desde que ela me escute um pouco, há de encontrar alavancas que o tornarão mais leve.

Afinal a Razão e a Verdade passaram pela França, onde já haviam feito algumas aparições, tendo sido dali escorraçadas.

— Não vos lembrais — dizia a Verdade à sua mãe — do grande desejo que tivemos de nos estabelecer entre os franceses nos belos dias de Luís XIV? Mas as impertinentes querelas dos jesuítas e dos jansenistas nos obrigaram a fugir em seguida. Não mais nos chegam agora os apelos contínuos do povo. Ouço as aclamações de vinte milhões de homens que abençoam os Céus. *Este acontecimento,* dizem uns, *é tanto mais jubiloso porquanto não nos custa nada essa alegria.* Bradam outros: *O luxo não é mais que vaidade. Os empregos acumulados, as despesas supérfluas, os lucros extraordinários, tudo isso vai ser cortado.* E têm razão. *Todo e qualquer novo imposto será abolido.* E nisso não têm razão: pois cumpre que cada particular pague alguma coisa em proveito da felicidade geral.

"*As leis vão ser uniformes.* Nada mais desejável, mas nada tão difícil. *Vão ser distribuídos aos indigentes que trabalham, e sobretudo aos pobres operários, os bens imensos de certos ociosos que fizeram voto de pobreza. Essa gente de mão-morta não mais terá, por sua vez, escravos de mão-morta. Não mais se verão esbirros de monges escorraçar da casa paterna órfãos reduzidos à mendicidade, para enriquecerem com os seus despojos a um convento no gozo de direitos senhoriais, que são os direitos dos antigos conquistadores. Não mais se verão famílias inteiras pedindo inutilmente esmola à porta do convento que as despoja.* Praza aos Céus! Nada é mais digno de um rei. O rei da Sardenha acabou com esse abominável abuso. Queira Deus que esse abuso seja exterminado em França!

"Não ouvis, minha mãe, todas essas vozes que dizem: *Os casamentos de cem mil famílias úteis ao Estado não mais serão considerados concubinagens; e os filhos não mais serão declarados bastardos pela lei?* A natureza, a justiça e vós, minha mãe, tudo reclama para esse assunto um sábio regulamento, que seja compatível com o repouso do Estado e com os direitos de todos os homens.

"*Tornar-se-á a profissão de soldado tão digna que ninguém mais será tentado a desertar.* A coisa é possível mas delicada.

"*As pequenas faltas não serão punidas como grandes crimes, pois que em tudo é preciso proporção. Uma lei bárbara, obscuramente enunciada, mal interpretada não mais fará perecer nas barras de ferro e nas chamas a jovens indiscretos e imprudentes, como se tivessem assassinado os próprios pais.* Deveria ser este o primeiro axioma da justiça penal.

"*Não mais serão confiscados os bens de um pai de família, pois os filhos não devem morrer de fome por causa das faltas dos pais, e o rei não tem nenhuma necessidade desse miserável confisco.* Maravilhoso! Isso é digno da magnanimidade do soberano.

"*A tortura, inventada outrora pelos ladrões de estrada para forçar as vítimas a revelar seu tesouro, e empregada hoje em pequeno número de nações, para salvar o culpado robusto e perder o inocente fraco de corpo e de espírito, só será utilizada nos crimes de lesa-sociedade, na pessoa do chefe, e somente para conseguir a revelação dos cúmplices. Mas tais crimes jamais serão cometidos.* Nada melhor. Eis os votos que ouço por toda parte, e escreverei todas essas grandes mudanças nos meus anais, eu que sou a Verdade.

"Ouço ainda proferir em torno de mim, em todos os tribunais, estas palavras notáveis: *Não citaremos jamais os dois poderes, pois só pode existir um: o do rei ou da lei, em uma monarquia; o da nação, em uma República. O poder divino é de natureza tão diferente, tão superior, que não deve ficar comprometido por uma mescla profana com as leis humanas. O infinito não se pode juntar ao finito. Gregório VII foi quem primeiro ousou chamar o infinito em seu auxílio, nas suas guerras, até então inauditas, contra Henrique IV, imperador demasiado finito; quero dizer: limitado. Por muito tempo essas guerras ensangüentaram a Europa; mas, afinal separaram essas duas entidades veneráveis, que nada têm em comum: e é o único meio de garantir a paz.*

“Essas coisas, que proferem todos os ministros das leis me parecem assaz fortes. Sei que não se reconhecem dois poderes nem na China, nem na Índia, nem na Pérsia, nem em Constantinopla, nem em Moscou, nem em Londres etc. Mas fio-me em vós, minha mãe. Nada escreverei que não me seja ditado por vós.”

Respondeu-lhe a Razão:

— Bem vês, minha filha, que eu sinto mais ou menos as mesmas coisas, e muitas outras. Tudo isso demanda tempo e reflexão. Sempre fiquei muito contente quando, em meio às minhas dores, consegui parte do alívio que desejava. Hoje estou muito feliz.

“Não te lembras do tempo em que quase todos os reis da Terra, estando em completa paz, se divertiam em decifrar enigmas, e em que a bela rainha de Sabá ia em pessoa propor logogrifos a Salomão?”

— Sim, minha mãe; bom tempo aquele, mas não durou muito.

— Pois bem — tornou a mãe —, este é infinitamente melhor; só se pensava então em mostrar um pouco de espírito; e vejo que há dez ou doze anos os europeus se vêm empenhando nas artes e virtudes que abrandam a amargura da vida. Parece que em geral se combinaram para pensar mais solidamente do que o haviam feito durante milhares de séculos. Tu, que nunca pudeste mentir, dize-me que tempo terias preferido ao presente para morar na França...

— Tenho a reputação — respondeu a filha — de gostar de dizer coisas assaz duras às pessoas entre as quais me encontro; mas confesso que só tenho a louvar o tempo presente, a despeito de tantos autores que só louvam o passado.

“Devo atestar à posteridade que foi nesta época que os homens aprenderam a garantir-se de uma doença terrível e mortal, tornando-a menos funesta na transmissão; a restituir à vida aqueles que a perdem por afogamento; a governar e desafiar ao raio; a prover ao ponto fixo que em vão se deseja do Ocidente ao Oriente. Muito mais se fez em moral. Ousou-se pedir justiça às leis contra leis que haviam condenado a virtude ao suplício; e essa justiça foi algumas vezes obtida. Ousou-se, enfim, pronunciar o nome da tolerância.”

— Pois bem, minha filha, gozemos destes belos dias; fiquemos por aqui, se durarem; e, se vierem tempestades, voltemos a nosso poço.

Contos não recolhidos por Voltaire

A edição da Plêiade, de que nos valemos, ajunta aos contos duas pequenas narrativas na edição de Kehl em 1784: "O carregador zarolho" e "Cosi-Sancta", acompanhados da seguinte nota: "Este conto, bem como o seguinte, nunca foi impresso. Voltaire emprestava reduzida importância a esses divertimentos de salão". Ambos os contos são da mocidade do escritor e muito anteriores aos que fez mais tarde. São na realidade contos escritos em 1747 nas reuniões da duquesa du Maine, a que aludimos em nossa nota sobre "Zadig".

Observa-se nestas duas tentativas aqui traduzidas forte influência de Boccaccio, cuja obra tivera grande voga na França durante o século XVI.

S. M.

O carregador zarolho

Os dois olhos que temos em nada melhoram a nossa condição; serve-nos um para ver os bens, e o outro para ver os males da vida. Muita gente possui o mau hábito de fechar o primeiro, e poucos fecham o segundo; eis por que há tantas pessoas que prefeririam ser cegos a ver tudo o que vêem. Felizes os zarolhos que só são privados desse olho mau que estraga tudo quanto a gente olha! Era o caso de Mesrour.

Seria preciso ser cego para não ver que Mesrour era zarolho. Era-o de nascença; mas era um zarolho tão satisfeito com a sua condição que jamais se lembrara de desejar outro olho. Não eram os dons da fortuna que o consolavam dos malefícios da natureza, pois não passava de um simples carregador e não tinha outro tesouro senão os seus ombros; mas era feliz, e mostrava que mais um olho e menos trabalho pouco contribuem para a felicidade. O dinheiro e o apetite lhe vinham sempre em proporção com o exercício que fazia; trabalhava de manhã, comia e bebia de tarde, dormia de noite, e considerava cada dia como uma vida à parte, de modo que a preocupação do futuro jamais lhe perturbava o gozo do presente. Era (como o vedes) ao mesmo tempo zarolho, carregador e filósofo.

Viu por acaso passar numa suntuosa carruagem uma grande princesa que tinha um olho mais do que ele, o que não o impediu de achá-la muito bela, e, como os zarolhos não diferem dos outros homens senão em que têm um olho de menos, apaixonou-se perdidamente pela princesa. Dirão talvez que, quando se é carregador e zarolho, o melhor é a gente não se apaixonar, principalmente por uma grande princesa e, o que é mais, uma princesa que tem dois olhos: concordo que, no caso, é bom temer que não se vá agradar; no entanto, como não há amor sem esperança, e como o nosso carregador amava, ousou esperar.

Tendo mais pernas que olhos, e boas pernas, seguiu durante quatro léguas o carro da sua deusa, que seis grandes cavalos brancos puxavam velozmente. Era moda naqueles tempos, entre as damas, viajar sem lacaios e sem cocheiro, conduzindo elas próprias o carro; queriam os maridos que

elas andassem sempre sozinhas, para ficar mais seguros da sua virtude; o que é diametralmente oposto ao parecer dos moralistas, que dizem que não há virtude na solidão.

Mesrour continuava a correr junto às rodas do carro, voltando seu olho bom na direção da dama, espantada de ver um zarolho com tamanha agilidade. Enquanto ele provava assim o quanto se é infatigável quando se ama, um animal selvagem, perseguido por caçadores, atravessou a estrada, espantando os cavalos, que tomaram o freio nos dentes e já arrastavam a bela para um precipício. Seu novo apaixonado, ainda mais assustado do que ela, embora a princesa o estivesse bastante, cortou as correias com maravilhosa habilidade; somente os seis cavalos deram o salto mortal, e a dama, que não estava menos branca do que eles, apenas passou por um grande susto.

— Quem quer que sejas — disse-lhe ela —, jamais esquecerei que te devo a vida; pede-me o que quiseres: tudo o que tenho está a teu dispor.

— Ah! com muito mais razão — respondeu Mesrour — posso eu oferecer-vos outro tanto; mas, assim fazendo, sempre vos oferecerei menos; pois só tenho um olho, e vós tendes dois; mas um olho que vos contempla vale mais que dois olhos que não vêem os vossos.

A dama sorriu: pois as galanterias de um zarolho são sempre galanterias; e as galanterias sempre fazem sorrir.

— Eu desejaria dar-te um outro olho — disse ela —, mas só a tua mãe podia dar-te esse presente; mas continua a acompanhar-me.

Dizendo essas palavras, desce ela do carro e prossegue o caminho a pé; seu cãozinho também desceu e marchava ao lado da dona, ladrando para a estranha figura do seu escudeiro. Faço mal em lhe dar o título de escudeiro, porque, por mais que ele lhe oferecesse o braço, não quis a dama aceitá-lo, sob o pretexto de que o braço estava muito sujo; e ides ver agora como a princesa foi vítima de seu próprio asseio. Tinha ela uns pequeninos pés, e uns sapatinhos ainda menores, de maneira que não era feita para longas caminhadas, nem estava devidamente calçada para isso.

Lindos pezinhos consolam de ter pernas débeis, quando se passa a vida numa espreguiçadeira, em meio de uma porção de peralvilhos; mas de que servem sapatos bordados e lantejoulados em um caminho pedregoso, onde só podem ser vistos por um carregador, e, ainda por cima, por um carregador que só tem um olho?

Melinade (é este o nome da dama, que tive minhas razões para calar até agora, visto que ainda não fora inventado), Melinade avançava como podia, amaldiçoando o seu sapateiro, escorchando os pés, e dando um mau jeito a cada passo. Fazia hora e meia que ela marchava como as grandes damas, isto é, já fizera perto de um quarto de légua, quando tombou de fadiga.

Mesrour, cujos serviços ela recusara enquanto estava de pé, hesitava em lhos oferecer, por medo de a macular com o seu contato; pois bem sabia que não estava limpo (a dama claramente lho dera a entender), e a comparação que fizera em caminho entre a sua pessoa e a da sua amada ainda lho mostrava com maior clareza. Tinha ela um leve vestido cor de prata, semeado de guirlandas, que lhe ressaltava a beleza do talhe; e ele, um blusão pardacento, todo manchado, rasgado e remendado, e de tal maneira que os remendos ficavam ao lado dos buracos e não por baixo, onde estariam mais no seu lugar. Havia comparado as suas mãos musculosas e cobertas de calos com as duas pequenas mãos mais brancas e delicadas do que lírios. Vira enfim os lindos cabelos loiros de Melinade, que se entremostravam através de um véu de gaze, penteados em tranças e cachos; e ele, para colocar ao lado disso, não tinha mais que umas eriçadas crinas negras, cujo único ornamento era um turbante roto.

No entanto Melinade tenta erguer-se, mas tomba em seguida, e tão desastradamente, que o que ela deixou ver a Mesrour tirou-lhe o pouco de razão que a vista de seu rosto pudera deixar-lhe. Esqueceu que era carregador, que era zarolho, e não mais pensou na distância que a fortuna pusera entre ambos; mal se lembrou que amava, pois faltou à delicadeza que dizem inseparável de um verdadeiro amor, e que às vezes lhe constitui o encanto, e muitas vezes o aborrecimento; serviu-se dos direitos à brutalidade que lhe dava a sua condição de carregador; foi brutal e feliz. A princesa, então, estava, sem dúvida desmaiada, ou lamentava a sua sorte; mas, como tinha um espírito justo, abençoava decerto o destino pelo fato de todo infortúnio trazer consigo o seu próprio consolo.

A noite estendera os véus no horizonte, e ocultava na sua sombra a verdadeira felicidade de Mesrour e a pretensa desgraça de Melinade; Mesrour desfrutava os prazeres dos perfeitos amantes, e desfrutava-os como carregador, quer dizer (para vergonha da humanidade) da maneira mais perfeita; os desmaios de Melinade voltavam-lhe a cada momento, e a cada momento o seu amante recuperava forças.

— Poderoso Maomé — disse ele uma vez, como homem arrebatado, mas como péssimo católico —, só o que falta à minha felicidade é ser sentida por aquela que a causa; enquanto estou no teu paraíso, divino profeta, concede-me ainda um favor, o de ser para os olhos de Melinade o que ela seria para os meus olhos, se houvesse luz.

Acabou de rezar e continuou a gozar. A aurora, sempre demasiado diligente para os amantes, surpreendeu a ambos na atitude onde ela própria poderia ter sido surpreendida um momento antes, com Titono. Mas qual não foi o espanto de Melinade quando, abrindo os olhos aos primeiros raios do dia, viu-se num lugar encantado, com um homem de nobre estatura, cujo rosto se assemelhava ao astro cuja volta a Terra aguardava! Tinha faces de rosa, lábios de coral; seus grandes olhos, ao mesmo tempo ternos e vivos, exprimiam e inspiravam volúpia; seu carcaz de ouro, ornado de pedrarias, pendia-lhe do ombro e só o prazer fazia ressoar as suas flechas; sua longa cabeleira, presa por um atilho de diamantes, flutuava-lhe livremente sobre os rins, e um tecido transparente, bordado de pérolas, lhe servia de veste, sem nada ocultar da beleza do seu corpo.

— Onde estou, e quem és? — exclamou Melinade no auge da surpresa.

— Estais — respondeu ele — com o miserável que teve a ventura de vos salvar a vida, e que tão bem cobrou o seu trabalho.

Melinade, tão satisfeita quanto espantada, lamentou que a metamorfose de Mesrour não tivesse começado mais cedo. Aproxima-se de um magnífico palácio que lhe atraíra o olhar e lê esta inscrição na porta: “Afastai-vos, profanos; estas portas só se abrirão para o senhor do anel”. Mesrour aproxima-se por sua vez para ler a mesma inscrição, mas viu outros caracteres e leu estas palavras: “Bate sem receio”. Bateu, e em seguida as portas se abriram por si mesmas com fragor. Os dois amantes entraram, ao som de mil vozes e de mil instrumentos, num vestíbulo de mármore de Paros; dali passaram para uma sala soberba, onde os esperava há mil duzentos e cinqüenta anos um festim delicioso, sem que nenhum dos pratos houvesse esfriado: puseram-se à mesa e foram servidos cada um por mil escravas da maior formosura; a refeição foi entremeada de concertos e danças; e, quando terminou, todos os gênios vieram, na maior ordem, em diferentes grupos, com vestuários tão suntuosos quão singulares, prestar juramento de fidelidade ao senhor do anel, e beijar o dedo sagrado que o carregava.

Ora, havia em Bagdá um muçulmano muito devoto que, não podendo ir lavar-se na mesquita, fazia a água da mesquita vir à sua casa, mediante uma pequena retribuição que pagava ao sacerdote. Acabava ele de fazer a quinta ablução, a fim de se preparar para a quinta prece. E a sua criada, rapariga estouvada e muito pouco devota, desembaraçou-se da água santa lançando-a pela janela. A água caiu sobre um infeliz profundamente adormecido junto a um marco que lhe servia de apoio. Acordou-se com o choque. Era o pobre Mesrour que, voltando do seu passeio encantado, perdera na viagem o anel de Salomão. Deixara as soberbas vestes e retomara o seu blusão; seu belo carcaz de ouro havia-se transformado num porta-fardos de madeira, e, para cúmulo da desgraça, tinha deixado um dos olhos no caminho. Lembrou-se então de que bebera na véspera grande quantidade de aguardente, que lhe adormentara os sentidos e aquecera a imaginação. E Mesrour, que até aquele instante amara essa bebida por gosto, começou a amá-la por gratidão, e voltou alegremente ao trabalho, resolvido a empregar o salário daquele dia na aquisição dos meios para tornar a ver a sua querida Melinade. Qualquer outro ficaria desolado de ser um mísero zarolho depois de ter tido dois lindos olhos; de sofrer as recusas das varredeiras do palácio depois de haver gozado os favores de uma princesa mais bela do que as amantes do califa; e de estar a serviço de todos os burgueses de Bagdá depois de haver reinado sobre todos os gênios; mas Mesrour não possuía o olho que vê o lado mau das coisas.

Cosi-Sancta

UM PEQUENO MAL POR UM GRANDE BEM

Novela africana

É UMA DAS TANTAS MÁXIMAS falsamente acreditadas, essa de que não é permitido fazer um pequeno mal de que possa resultar um bem maior. Mas era assim que pensava Santo Agostinho, como se pode depreender da narrativa desta pequena aventura acontecida na sua diocese, sob o proconsulado de Séptimio Acindino, e que vem no livro da *Cidade de Deus*.

Havia em Hipona um velho cura, grande inventor de confrarias, confessor de todas as raparigas da vizinhança, e que passava por homem inspirado de Deus, pois costumava deitar sortes, ofício de que se desempenhava assaz passavelmente.

Levaram-lhe um dia uma jovem chamada Cosi-Sancta: era a mais bela criatura da província. Tinha pais jansenistas que a haviam educado nos princípios da mais rígida virtude; e, de todos os pretendentes que tivera, não houvera um só que lhe causasse um momento de distração nas suas preces. Fazia alguns dias que fora ela prometida a um velhote encarquilhado, chamado Capito, conselheiro do presidial de Hipona. Era um homenzinho brusco e rabugento a quem não faltava inteligência, mas que era ríspido de conversação, escarninho e amante de brincadeiras de mau gosto; e, de resto, ciumento como um veneziano, e que por nada no mundo se teria conformado em ser amigo dos galanteadores da esposa. A jovem criatura fazia o possível para amá-lo, pois que ele deveria ser seu marido; mas por maior boa-fé com que se empenhasse em tal coisa, não conseguia nada.

Foi pois consultar o seu cura para saber se seria feliz no casamento. O nosso padre disse-lhe num tom profético: *Minha filha, a tua virtude causará desgraças, mas serás um dia canonizada por teres sido três vezes infiel a teu esposo.*

Esse espantoso oráculo escandalizou cruelmente a inocência da bela rapariga. Ela pôs-se a chorar; depois pediu explicações, julgando que tais palavras ocultavam algum sentido místico; mas a única explicação que conseguiu foi que as três vezes não deviam ser interpretadas como três encontros com o mesmo amante, mas sim como três aventuras diferentes.

Cosi-Sancta pôs-se então aos gritos; chegou até a dizer algumas injúrias ao bom do cura, e jurou que nunca seria canonizada. E no entanto o foi, como já ides ver.

Casou-se pouco depois: as núpcias foram esplêndidas; ela suportou muito bem todos os maus discursos que teve de ouvir, todos os trocadilhos sem graça, todas as grosserias mal disfarçadas com que costumam constranger o pudor das noivas. Dançou de bom grado com alguns jovens muito bem parecidos e com os quais o marido não simpatizou absolutamente.

E foi deitar-se ao lado do pequeno Capito, com um pouco de repugnância. Passou boa parte da noite a dormir; e acordou-se muito pensativa. Mas o assunto das suas cismas não era tanto o marido, e sim um jovem chamado Ribaldos, que lhe tomara conta do pensamento, sem que ela propriamente o suspeitasse. Esse jovem parecia formado pelas mãos do Amor, de quem tinha as graças, a ousadia e o espírito travesso; era um pouco indiscreto, mas só com aquelas que no fundo assim o queriam: era a coqueluche de Hipona. Incompatibilizara todas as mulheres da cidade umas com as outras e, por sua vez, estava incompatibilizado com todos os maridos e todas as mães. Amava, de ordinário, por estouvamento, e um pouco por vaidade; mas amou Cosi-Sancta por gosto, e tanto mais perdidamente quanto mais difícil se lhe antolhava a conquista.

Como homem de espírito que era, aplicou-se de início em agradar ao marido. Fazia-lhe mil cumprimentos, felicitava-o por sua boa fisionomia e seu espírito arejado e galante. Perdia para ele no jogo, e todos os dias lhe fazia alguma pequena confidência. Cosi-Sancta achava-o a criatura mais amável do mundo. Já o amava mais do que supunha; era verdade que não o suspeitava, mas o marido suspeitou por ela. Embora tivesse todo o amor-próprio que um homenzinho possa ter, não deixou de desconfiar que as

visitas de Ribaldos não eram somente para ele. Rompeu com este sob qualquer pretexto, e proibiu-lhe a entrada em casa.

Cosi-Sancta ficou muito aborrecida, mas não ousou dizê-lo; e Ribaldos, cujo amor crescera com as dificuldades, passava todo o tempo a espiar uma oportunidade para a ver. Disfarçou-se de monge, de vendedora de roupas, de apresentador de títeres. Mas não fez o bastante para triunfar de sua amada, e fez demasiado para que não fosse reconhecido pelo esposo. Se Cosi-Sancta estivesse em combinação com ele, saberiam ambos como tomar as necessárias medidas para que o marido nada suspeitasse; mas, visto que ela combatia as suas inclinações, e nada tinha a censurar-se, salvava tudo, fora as aparências, e o marido a julgava culpabilíssima.

O homenzinho, que era muito colérico e que imaginava que a sua honra dependia da fidelidade da mulher, ultrajou-a cruelmente, e puniu-a pelo fato de a acharem bela. E Cosi-Sancta se viu na mais horrível situação em que possa estar uma mulher: acusada injustamente e maltratada por um marido a quem era fiel, e dilacerada por uma paixão violenta que procurava dominar.

Achou que, se o seu apaixonado parasse com as perseguições, poderia o marido parar com as injustiças, e que ela se daria por muito feliz curando-se de um amor que nada mais alimentava. Nessa intenção, aventurou-se a escrever a Ribaldos a seguinte carta:

Se tendes virtude, deixai de tornar-me infeliz: vós me amais, e o vosso amor me expõe às suspeitas e às violências de um senhor que eu me impus para o resto da vida. Quem dera que fosse esse o único risco em que eu incorro! Por piedade, deixai de perseguir-me; conjuro-vos a isso por este mesmo amor que constitui vossa desgraça e a minha, e que jamais vos poderá fazer feliz.

Não previra a pobre Cosi-Sancta que uma carta tão terna, embora tão virtuosa, causasse um efeito inteiramente contrário ao que esperava. Só serviu para inflamar mais do que nunca o coração de seu enamorado, que resolveu expor a vida para avistar-se com ela.

Capito, que era assaz tolo para querer ser informado de tudo e que tinha bons espiões, foi avisado de que Ribaldos se disfarçara em carmelita pedinte para ir implorar caridade à sua mulher. Julgou-se perdido: imaginou que um hábito de carmelita era muito mais perigoso que qualquer outro para a honra de um marido. Contratou alguns homens para darem uma sova no irmão Ribaldos, no que foi muito bem servido. O

jovem, ao entrar na casa, foi recebido pelos tais senhores: por mais que bradasse que era um honrado carmelita e que não era assim que se tratavam pobres religiosos, recebeu valente sova, vindo a morrer dali a quinze dias de um golpe que recebera na cabeça. Choraram-no todas as mulheres da cidade. Cosi-Sancta ficou inconsolável. O próprio Capito aborreceu-se muito, mas por outro motivo: é que se metera numa terrível situação.

Ribaldos era parente do procônsul Acindino. Quis esse romano dar um castigo exemplar àquele assassínio, e, como outrora tivera algumas questões com o presidial de Hipona, não se incomodou em achar tal pretexto para enforcar um conselheiro; e ainda mais se agradou de que a sorte coubesse a Capito, que era na verdade o mais vaidoso e insuportável togado da região.

Cosi-Sancta vira pois assassinarem o seu apaixonado, e estava prestes a ver enforcarem o marido; e tudo isso por ter sido virtuosa. Porque, como já disse, se houvesse concedido seus favores a Ribaldos, o marido teria sido muito menos enganado.

Eis como se cumprira a metade da predição do cura. Cosi-Sancta lembrou-se então do oráculo, e muito se arreceou de cumprir o resto. Mas, tendo refletido que não se pode vencer o destino, entregou-se à Providência, que a levou ao fim pelos mais honestos caminhos do mundo.

O procônsul Acindino era um homem mais debochado que voluptuoso, que muito pouco se divertia nas preliminares, um sujeito brutal, sem cerimônias, verdadeiro herói de guarnição, muito temido na província, e com quem todas as mulheres de Hipona haviam tido um caso, unicamente para evitar complicações.

Mandou chamar a senhora Cosi-Sancta. Ela chegou banhada em lágrimas, o que não deixava de lhe aumentar os encantos.

— Vosso marido, Senhora, vai ser enforcado, e só de vós depende a sua salvação.

— Eu daria a minha vida pela sua — respondeu-lhe a dama.

— Oh! mas não é isso que se vos pede — replicou o procônsul.

— Que é preciso então fazer? — indagou ela.

— Desejo apenas uma de vossas noites — tornou o procônsul.

— Elas não me pertencem — disse Cosi-Sancta. — São um bem de meu marido. Darei meu sangue para salvá-lo, mas não posso dar a minha honra.

— Mas se vosso marido consentir? — perguntou o procônsul.

— Ele é o proprietário — respondeu a dama — e cada qual tem o direito de dispor dos seus bens como lhe aprouver. Mas conheço meu marido, não abrirá mão de nada; é um sujeitinho cabeçudo, que preferirá deixar-se enforcar a permitir que me toquem com um dedo.

— É o que veremos — disse o juiz, encolerizado.

Imediatamente manda chamar o criminoso; propõe-lhe ou a forca ou um par de ornamentos: não havia outra alternativa. O homenzinho começou com coisas. Mas afinal fez o que qualquer outro teria feito no seu lugar. Sua esposa, por pura caridade, salvou-lhe a vida. E foi essa a primeira das três vezes.

No mesmo dia o seu filho caiu doente de uma enfermidade assaz extraordinária e que nenhum médico de Hipona conhecia. Só havia um que estava a par dos segredos dessa doença, mas que morava em Áquila, a algumas léguas de Hipona. Era então proibido que um médico estabelecido numa cidade saísse desta para ir exercer em outra a sua profissão. Cosi-Sancta viu-se obrigada a ir procurá-lo pessoalmente em Áquila, com um irmão que tinha e a quem estimava muito. No caminho foi detida por salteadores. O chefe dos referidos cavalheiros achou-a muito bonita. E, como o irmão de Cosi-Sancta estava prestes a ser morto, aproximou-se e disse-lhe que, se ela tivesse um pouco de complacência, não lhe matariam o irmão e que isso afinal não lhe custaria nada. A coisa era urgente. Cosi-Sancta acabava de salvar a vida do marido, a quem não amava; ia perder um irmão a quem estimava muito; por outro lado, alarmava-a o perigo de seu filho; não havia um minuto a perder. Ela encomendou-se a Deus, e fez tudo o que quiseram. E foi essa a segunda das três vezes.

No mesmo dia chegou a Áquila e foi ter com o médico. Era um desses médicos da moda que as mulheres mandam chamar quando têm vapores ou quando não têm absolutamente nada. Era confidente de umas e amante de outras; homem polido, condescendente, um pouco estremecido aliás com a Faculdade, contra a qual fizera a propósito uns bem aplicados gracejos.

Cosi-Sancta lhe expôs a doença do filho e ofereceu-lhe um sestércio grande. (E notai que um desses sestércios corresponde, em moeda de França, a mais de mil escudos.)

— Não é com essa moeda que eu pretendo ser pago, Senhora — respondeu o galante médico. — Eu próprio vos ofereceria todos os meus

haveres, se quisésseis cobrar as curas que podeis fazer: curai-me apenas do mal que me causais, e eu devolverei a saúde a vosso filho.

A proposta pareceu extravagante à dama, mas o destino a acostumara às coisas mais estranhas. O médico era um teimoso que não queria outro preço pelo seu remédio. Cosi-Sancta não tinha o marido à mão, para o consultar. Mas como deixar morrer um filho a quem adorava, por falta daquele pequeno auxílio que ela lhe poderia dar?! Era tão boa mãe quanto boa irmã. Comprou o remédio pelo preço que lhe pediram. E foi essa a última das três vezes.

Voltou a Hipona com o irmão, que não cessava de agradecer-lhe, durante o caminho, a coragem com que lhe salvara a vida.

Assim Cosi-Sancta, por ter sido demasiado virtuosa, fez morrer o seu amado e condenar o marido à morte, e, por ter sido complacente, conservou os dias do irmão, do filho e do marido. Acharam que uma mulher como essa era muito necessária em uma família, canonizaram-na após a morte, por ter feito tanto bem a seus parentes, mortificando-se, e gravaram-lhe no túmulo:

um pequeno mal por um grande bem

Cronologia

1694: O escritor que adotaria o pseudônimo de Voltaire nasce François Marie Arouet em 21 de novembro, em Paris, França, numa abastada família de negociantes, quinto filho de François Arouet, um notário, e Marie Marguerite D'Aumard.

1701: Morre-lhe a mãe, a qual cedo havia introduzido Voltaire a amigos que o iniciariam nas letras e no deísmo, como o abade de Châteauneuf, que o apadrinha e lhe descobre a faculdade de fazer versos.

1704: É enviado ao College Louis-le-Grand, dirigido pelos jesuítas, onde, complementando a educação clássica, Voltaire toma contato com peças de teatro representadas tanto em latim quanto em francês. É apresentado a Ninon de Lenclos, famosa cortesã e "mulher de letras", cujo salão literário era freqüentado por importantes nomes do pensamento da época, que deixa a Voltaire, ao morrer, 2 mil francos para que ele comprasse livros.

1711: Volta para casa, desejando dedicar-se à literatura, contra a vontade do pai, que almejava para o filho o estudo das leis.

1713: Voltaire, por um breve tempo, procura satisfazer o pai, fingindo trabalhar no escritório de um advogado parisiense.

1714: Seus poemas satíricos lhe causam problemas e seu pai o envia para o campo, na companhia de Louis de Caumartin, o marquês de Saint-Ange.

1715: Volta a Paris e é introduzido na corte de Sceaux, o círculo social da ambiciosa duquesa de Maine.

1716: Em maio, é exilado em Tulle e depois em Sully, acusado de escrever poemas satíricos sobre o regente.

1717: Retorna a Paris, mas, novamente suspeito de ter composto dois violentos libelos, é mandado para a Bastilha, a prisão parisiense, por onze meses. Lá, reformula Édipo, tragédia que escrevera em 1715, começa a redigir a Henriade, conjunto de poemas dedicado a Henrique iv. Adota o pseudônimo que o consagraria, Voltaire, provavelmente um anagrama de "Arouet le jeune".

1718: Édipo é encenada no Theátre Français em novembro e lá fica em cartaz durante 45 noites seguidas, feito inédito para a época. Voltaire lucra 4 mil francos com a peça, dinheiro que emprega com sucesso em especulações financeiras.

1719: Acusado de ser o autor dos libelos de Lagrange-Chancel, as Philippiques, é informalmente exilado.

1720: De volta a Paris, assiste ao fracasso de Artémire, sua segunda peça, produzida em fevereiro.

1721: Morre-lhe o pai, que deixa para Voltaire alguns bens. Passa a receber também uma pensão do regente e, em troca, se oferece para exercer missões diplomáticas confidenciais em Dubois.

1722-23: Voltaire se estabelece principalmente em Paris, hospedando-se na casa de campo de sr. de Bernières, da nobreza de Rouen. Empenha-se em conseguir algum "privilégio" para o

seu poema Henriada. Sua expectativa é frustrada, mas, apesar disso, consegue imprimi-lo em Rouen. Passa o verão de 1723 a revisá-lo. Contrai varíola em novembro, adoecendo seriamente.

1724: Sua terceira tragédia, Mariamne, fracassa. Morto seu patrono, o regente, Voltaire vê-na na necessidade de buscar a proteção do duque de Richelieu. Modifica com sucesso Mariamne, escreve a comédia L'Indiscret e bajula a rainha, os ministros e todos aqueles que lhe poderiam ser de alguma utilidade.

1725: É insultado pelo Cavaleiro de Rohan, da antiga família dos Rohan, a quem responde com a sua usual mordacidade. É ferido, como contra-resposta, a golpes de bastão pelo cavaleiro e seus companheiros.

1726: Cerca de três meses após a injúria, Voltaire desafia o Cavaleiro de Rohan, mas, na manhã do suposto duelo, é novamente preso e enviado à Bastilha, onde é confinado por duas semanas. Embarca para o exílio na Inglaterra, de acordo com sua própria solicitação, onde passará os três anos seguintes, aprendendo inglês e assistindo a várias produções shakespearianas. Recebido pela rainha Caroline, torna-se amigo dos Walpoles, Bubb Dodington, Bolingbroke, Congreve, Sarah, a duquesa de Marlborough, Pope, entre outros. Dedica a edição inglesa de Henriade à rainha Caroline.

1729: É-lhe concedido o direito de retornar a Paris. O poema Henriade é finalmente permitido na França. Brutus, peça que havia sido publicada na Inglaterra, é aceita para encenação, mas Voltaire a adia. Começa a redigir o célebre poema épico burlesco, La Pucelle d'Orléans, centrado na figura de Joana d'Arc e na idéia de que a sua virgindade tinha sido essencial para que ela desempenhasse a contento o papel de salvadora da França, e do qual se ocupará ao longo das próximas quatro décadas.

1730: Brutus é finalmente encenada no fim do ano.

1731: Vai para Rouen para finalizar e aperfeiçoar a história de Charles xii, publicada então apenas em parte.

1732: Ériphile, outra tragédia, aparece, sem grande sucesso, mas em agosto Voltaire produz Zaïre, considerada, juntamente com Mérope, uma de suas melhores peças e uma das dez melhores da escola clássica francesa, ainda que o tema tenha sido emprestado de Otelo. No inverno, a morte da condessa de Fontaineble, de quem era hóspede, o depõe da confortável habitação e logo Voltaire se vê mais envolvido em especulações financeiras, para salvaguardar seu sustento, do que com a literatura.

1733: Publica Cartas inglesas e Le Temple du goût, as quais lhe causam problemas por se tratar esta de sátira à literatura francesa contemporânea, especialmente a de Jean-Baptiste Rousseau, e, aquela, discorrendo sobre os costumes ingleses, uma crítica à Igreja e ao Estado franceses.

1734: A obra Cartas inglesas é condenada em 10 de junho, as cópias, queimadas e uma ordem de prisão é emitida contra Voltaire, que foge para o ducado independente de Lorraine, onde passará os próximos quinze anos no château de Cirey com a amante Émile de Breteuil, marquesa du Châtelet.

1735: Em março o banimento é formalmente retirado e Voltaire pode voltar a Paris, mas ele permanece em Cirey e apenas ocasionalmente visita a capital. Escreve muito. Começam a circular os primeiros catorze cantos de La Pucelle d'Orléans.

1736: Redige Discours en vers sur l'homme, as peças Alzire e L'Enfant Prodigue, um tratado sobre o sistema newtoniano, escrito com marquesa du Châtelet, e o Tratado de metafísica, no qual a metafísica é pretexto para satirizar a religião. Recebe a primeira carta de Frederico da Prússia, que o admira, e em cuja corte permanecerá entre 1750-53. Envolve-se novamente em problemas: dessa vez, por causa do poema Le Mondain, em que ridiculariza

a felicidade e a inocência da Idade do Ouro, personificadas no mito bíblico de Adão e Eva, ao mesmo tempo em que exalta os prazeres da civilização moderna. Foge para os Países Baixos, lá permanecendo por três meses.

1737: Volta a Cirey e continua a escrever e a se ocupar com experimentos científicos no laboratório que adquire.

1738-39: Época de seu relacionamento com Madame de Grafigny, desentendimentos com a marquesa du Châtelet e preocupação com a publicação clandestina de La Pucelle d'Orléans.

1740: Em setembro, encontra-se pela primeira vez com Frederico da Prússia, em Clèves.

1741: Novamente nos Países Baixos, Voltaire finaliza as peças Mérope e Mahomet, esta última encenada em Lille no mesmo ano.

1743-44: Trabalha no Essai sur les moeurs e no Siècle de Louis xiv. Volta a freqüentar a corte, atividade da qual havia abdicado desde a morte do regente. Com a influência de Richelieu, ocupa-se do casamento do filho primogênito do falecido regente.

1745: É designado, por meio da influência da Madame de Pompadour, no Ano Novo, Historiador Real da França, nomeação concedida anteriormente a Racine e a Boileau. Escreve o poema sobre Fontenoy, a guerra de sucessão austríaca, e uma série de textos de entretenimento. Recebe condecoração do papa, a quem dedica Mahomet.

1746: É eleito para a Academia Francesa.

1747: Seu favorecimento junto à corte desagrada a seus inimigos, que tentam prejudicá-lo. Esconde-se, com a duquesa du Maine, por dois meses em Sceaux, onde são produzidas a comedietta La Prude e a tragédia Rome sauvée. Vive por um breve período em Lunéville. Lá, a marquesa du Châtelet se estabelece na corte do rei Stanislaus da Polônia, na qual mantém um caso com um oficial da guarda real.

1748: Publica o conto filosófico Zadig ou o destino.

1749: A marquesa du Châtelet morre de complicações no parto.

1750: Envolve-se numa polêmica com o dramaturgo Crébillon o pai, seu rival e autor de Rhadamiste et Zénobie.

1751: Deixa Paris e parte para Berlim, para encontrar-se com Frederico da Prússia. Lá fica por três anos, mas não sem dificuldades, pois se indispõe com outros intelectuais da corte, como Lessing, Maupertuis e Hirsch, o judeu de Dresden, o que quase lhe vale a expulsão da cidade.

1752: Publica o Siècle de Louis xiv, Micromegas e começa a elaborar o Dicionário filosófico. Publica o libelo Diatribe du Docteur Akakia, resultado de sua disputa com o matemático Maupertuis, texto pelo qual é preso por ordem de Frederico.

1753: Deixa Berlim após uma derradeira discussão com o rei da Prússia.

1754: Sem permissão de ficar na França, vive em várias cidades na fronteira até se estabelecer na casa de campo que chamou Les Délices, em Genebra, onde conhece Jean-Jacques Rousseau.

1755: Sua peça Orphelin de la Chine, encenada em Paris, é muito bem recebida.

1756: O terremoto de Lisboa, de 1755, que devastou uma das cidades mais religiosas da Europa, é tomado como mote por Voltaire para um poema no qual ele expressa dúvidas sobre a existência da Providência Divina, Poema sobre o desastre de Lisboa. Rousseau responde com uma Carta sobre a Providência. Voltaire, alegando estar doente, não dá continuidade à polêmica. Sua resposta será dada, porém, em breve, na novela Cândido ou o otimismo, que submete a processo a noção de Providência e promove a ruptura definitiva entre os dois filósofos.

1758: Contribui na Enciclopédia, de Diderot, com verbetes sobre literatura. Muda-se para Ferney, localidade próxima de Genebra, mas em solo francês, onde é visitado por europeus ilustres. Considerado já o maior gênio literário da França, Voltaire se empenha na defesa dos ideais ilustrados e da liberdade de expressão, publicando sátiras contra os inimigos da Enciclopédia, como Fréron, que ridiculariza em O pobre diabo.

1759: Publica Cândido ou O otimismo, novela filosófica em que refuta a crença otimista gerada pela filosofia de Leibniz, de acordo com a qual se vivia no melhor dos mundos e a Carta, de Rousseau, sobre a Providência.

1762: Primeira edição completa de La Pucelle de Orléans, com vinte cantos.

1763: Publica o Tratado sobre a tolerância.

1764: Publica o Dicionário filosófico. Publica um último canto, suplementar, do poema La Pucelle d'Orléans, intitulado La capitolade.

1778: Retorno triunfal a Paris. Homenageado pela Academia, assiste a uma representação de Irene, sua última tragédia. Ao final da peça, um busto de Voltaire é coroado no palco, em meio à aclamação geral. Vivendo seu apogeu, falece em 30 de maio, durante o sono. Sua última profissão de fé, redigida desde fevereiro, dizia: "Eu morro adorando a Deus, amando meus amigos, não odiando meus inimigos, detestando a superstição".

1791: Os restos mortais de Voltaire são transferidos para o Panteão.

[1] Havia naquele tempo, em Babilônia, um tal Arnoult, que curava e prevenia as apoplexias, nas gazetas, com um saquinho pendurado ao pescoço. (N. do A.)
[2] Palavras chinesas que significam propriamente: *Li, a luz natural, a razão, e Tien*, o céu, e que também significam Deus. (N. do A.)
[3] Alusão ao financista Law, que em 1716 estabeleceu seu banco nessa rua de Paris. Sabe-se da falência desse banco e de suas especulações. (N. do T.)
[4] Rapaz de talento, mas patife notável. (N. do E.)
[5] "Ergueu para Deus." (N. do E.)
[6] Gramático célebre do século xvii cujas leis ditaram a boa linguagem. (N. do E.)
[7] O édito de revogação do Édito de Nantes que expulsara os protestantes. (N. do E.)
[8] Voltaire sempre acreditou naquilo a que se deu o nome, por vezes, de milagre francês, a essa recuperação após as piores catástrofes: "A França é como as abelhas: tomam-lhes a cera e o mel, mas logo se põem elas a refazê-los".
[9] Salmos que constituem o livro dos cânticos dos protestantes. (N. do E.)
[10] Duas tragédias de Voltaire foram traduzidas para o português por Manuel Odorico Mendes: *Merope,* em 1831, e *Tancredo,* em 1838. (N. do E.)
[11]*Ensaio sobre os costumes*.
[12] Ibid. Vemos aparecer o mesmo sentimento na narrativa que Voltaire faz da viagem de Anson em volta do mundo e de seu retorno a Londres com trinta e dois carros carregados de despojos de navios espanhóis. *Século de Luís XIV*, cap. XXVII. A tradução de Anson fora publicada em 1749-1750, Paris, in 4º.
[13]Ibid. Cap. CLIV.
[14] Ibid., cap. CLIV.
[15] Ibid., cap. CLIV.
[16]Foi sem dúvida esse trecho de Voltaire que sugeriu o título de um panfleto. *Os selvagens da Europa*, Berlim, 1760, atribuído a Louvet. Os selvagens da Europa são os ingleses, que o autor não admira.
[17] Ibid., Cap. VIII. Ele parece ter percebido a que ponto era perigosa a doutrina de Lafiteau, e essa transformação dos selvagens em heróis de Homero. Por isso tudo tenta ridicularizá-lo: "Faz descenderem os americanos dos antigos gregos e eis as suas razões: Os gregos primitivos tinham fábulas, alguns americanos também as têm; os gregos primitivos entregavam-se à caça, os americanos igualmente o fazem. Os gregos primitivos tinham oráculos, os americanos têm feiticeiros. Dançava-se nas festas da Grécia, dança-se na América. Deve-se confessar que tais razões são convincentes". A Voltaire não bastam as recordações da Antiguidade para que encare o selvagem pelo ângulo otimista.
[18] Ver: *Carta a D'Argental*, 5-9-1774 – *Carta a Frederico*, 21-9-1775 – *Fragmento de história geral* XXIX, 29.
[19] Lanson demonstrou na sua obra sobre Voltaire a exatidão da cor local em *Cândido*. Seria possível, entretanto, considerar esse romance uma paródia. Se a velha conta a sua história é porque se costuma, em um navio, a contar histórias para passar o tempo. Cacambo, quarteirão espanhol, filho de mestiço do Tucumán e que foi coroinha, sacristão, marinheiro, monge, soldado, sacristão de novo e lacaio, parece sair das *Aventuras de Beauchène*. Encontram-se flibusteiros, escravos supliciados, jesuítas, missionários de botas; quanto ao El Dorado, parece-me ver nisso uma forte influência de Foigny. Aquela "bela galeria de dois mil passos, toda cheia de instrumentos de matemática e de física e onde se cultivam as ciências", lembra muito de perto a Haab.
[20] No *Ingênuo*, Voltaire inspira-se sobretudo nas *Lettres Persanes* e talvez nas *Lettres Iroquoises* de Maubert de Gouvert, Paris, 2 vls., in 12, 1752. Tal qual o Hurão, Igli o Iroquês aprecia muitas coisas de nossa sociedade, em particular as carruagens, a mesa e as mulheres. O estilo é por vezes divertido e não perde demasiado o seu interesse ao lado de Voltaire. Ver em especial a

enumeração engraçada dos monges que enchem uma igreja. Ao mesmo gênero devem-se ligar as *Lettres Chérokiennes*, vertidas para o francês da tradução italiana por Jean-Jacques Rousseau, selvagem europeu, Roma (?) 1769. Grimm diz que eles foram atribuídos a Diderot.

[21]*Relation Abrégée d'un Voyage fait à l'Intérieur de l'Amérique Méridionale*, 1745, p. 53. É sem dúvida por esse motivo que Jean-Jacques faz pouco caso da obra no *Discurso sobre a desigualdade*.

[22]*Voyage d'un Philosophe*, ou *Observations sur les Moeurs et les Arts des Peuples de l'Asie, de l'Afrique et de 1'Amérique*, Londres et Lyon, 1769. — A primeira edição é de 1768, mas a segunda vem aumentada de dois discursos curiosos endereçados aos colonos de Île de France.

[23] Aqui termina a edição original de *Zadig*. Os dois capítulos que se seguem, publicados postumamente, deveriam vir entre o capítulo das "Entrevistas" e o do "Salteador". Mas sua inclusão no corpo da novela acarretaria certas contradições, como é fácil ao leitor verificar, e que demandariam algumas alterações no texto de Voltaire, o que, naturalmente, não nos é lícito fazer. (N. do T.)

[24] Palavra grega que significa "de olhos de vaca, de grandes olhos". Estudiosos da obra de Voltaire supõem que ele teria confundido esse termo, utilizado por Homero, com a expressão *glaucopis* ("de olhos azuis"), mais pertinente aqui. (N. do E.)

[25] Vede a extrema discrição do autor; não houve até agora nenhum papa denominado Urbano x; teme atribuir uma bastarda a um papa conhecido. Que circunspeção! que delicadeza de consciência! (N. do A.)

[26] No original: *sièges*, que em francês significa "cercos" e "assentos" e forma, pois, um trocadilho intraduzível. (N. do T.)

[27] Alusão aos *Essais sur la nécessité et les moyens de plaire*, de Moncrif. (N. do E.)

[28] O texto citado por Voltaire é o da tradução francesa, em verso, utilizada pelos huguenotes. O nosso texto é o da versão de João d'Almeida. (N. do T.)

[29] Louis Racine, filho do grande Racine. (N. do T.)

[30] Adeus ó tão virtuoso e encantador objeto/ adeus, tão generoso amante/ vou sozinha em meu quarto encerrar meus pesares.

[31] Polyeucte é aqui o apoio de minha família,/ mas se, por morte sua, o outro desposasse minha filha,/ eu adquiriria assim apoios muito mais poderosos,/ que me colocariam cem vezes mais alto do que estou agora.

[32] Tendo o papa condenado a doutrina jansenista, os certificados de confissão, necessários à realização dos casamentos, enterros etc., passaram a não ter valor quando fornecidos pelos adeptos de Port Royal. (N. do T.)

[33] Voltaire alude à doutrina teológica, difundida pelo livro *L'Action de Dieu sur ler créatures ou la Prémotion Physique*, do Padre Laurent-François Boursier, segundo a qual Deus age diretamente, "fisicamente", sobre a vontade das criaturas. (N. do E.)

[34] De La Fontaine. (N. do E.)

[35] De Molière. (N. do E.)

[36] Peças de Racine. (N. do E.)

[37] De Corneille. (N. do E.)

[38] De Corneille. (N. do E.)

[39] De Racine. (N. do E.)

[40] Tradução de dois versos tirados de *Henriade*, do próprio Voltaire. (N. do T.)

[41] Voltaire ironiza dois conceitos teológicos defendidos pelos jansenistas, segundo os quais cabe apenas a Deus conceder uma graça aos homens, que não podem conquistá-la por seus atos (graça eficaz) e que pode ser concedida por Deus no momento de uma ação, impedindo os homens de cometerem o pecado (concurso concomitante). (N. do E.)

[42]*Madame* de Maintenon, que era em tudo um espírito muito arejado, exceto nos assuntos em que consultava o finório e chicaneiro padre Gobelin, seu confessor, *madame* de Maintenon, dizia

eu, faz em uma de suas cartas o cômputo das despesas de seu irmão, mais a sua cunhada, pelo ano de 1680. O casal alugava uma casa confortável; os criados eram em número de dez; tinham quatro cavalos e dois cocheiros, um bom almoço todos os dias. *Madame* de Maintenon avalia o total em nove mil francos por ano, e acrescenta três mil libras para o jogo, o teatro, as fantasias e magnificências do casal. Seria agora preciso mais de quarenta mil libras para levar tal vida em Paris; bastariam seis mil no tempo do Henrique IV. Esse exemplo prova que o bom do velho não dizia nenhum disparate. (N. do A.)

[43] Baseado nos memoriais dos intendentes, em fins do século xvii, em combinação com o censo por domicílio, efetuado em 1753 por ordem do senhor conde de Argenson, e sobretudo com a obra bastante exata do senhor de Messance, feita sob as vistas do senhor intendente de La Michaudière, um dos homens mais esclarecidos do seu tempo.

[44] Fiz com que um sábio de quarenta escudos me explicasse tais palavras, que muito me divertiram. (N. do A.)

[45] Caso semelhante sucedeu na província onde habito, sendo o fiscal do domínio obrigado a restituir; mas não foi punido. (N. do A.)

[46] Personagem de François Rabelais. (N. do E.)

[47] Se a Virgem Maria expeliu líquido seminal ao copular com o Espírito Santo. (N. do E.)

[48] O jesuíta Sanadon pôs *adsunt* por *adflent*. Pretende um amador de Horácio que foi por isso que expulsaram os jesuítas. (N. do A.)

[49] "Assim como riem com aqueles que riem, os rostos humanos choram com os que choram." (N. do E.)

[50]Nessa passagem, e nos parágrafos abaixo, Voltaire nomeia alguns de seus desafetos, representantes ou defensores das instituições religiosas. (N. do E.)

[51] Rousseau. (N. do E.)

[52] Voltaire se refere ao romance *A nova Heloísa*, de Rousseau. (N. do E.)

[53] Personagens da *commedia dell'arte*. (N. do E.)

[54] Editor de livros blasfemos, que eram impressos em Amsterdã, mas vendidos em Paris como se tivessem sido editados em Londres. (N. do E.)

[55]*Petite vérole*, variola, e *grosse vérole*, sífilis. A expressão é, pois, intraduzível. (N. do T.)

[56] Voltaire alude ironicamente ao *Tratado dos estudos, ou da maneira de ensinar belas-artes ao espírito e ao coração*, de Charles Rollin. (N. do E.)

[57] Voltaire assim nomeia Marco Aurélio (Marcus Aurelius Antoninus Augustus). (N. do E.)

[58] Governador de província. (N. do E.)

[59] Burgomestre. (N. do E.)

[60] Membros aristocráticos do Conselho de Genebra, que defendiam seu poder de veto sobre os representantes populares. (N. do E.)

[61] Voltaire se refere às disputas entre jesuítas e jansenistas. (N. do E.)

[62] Verso de *Charlot*, comédia do próprio Voltaire. (N. do E.)

[63] Esse senhor Home, árbitro escocês, ensina como se deve fazer falar com espírito os heróis de uma tragédia; e eis aqui um notável exemplo que extrai da tragédia de *Henrique IV*, do divino Shakespeare. Assim introduz o divino Shakespeare a milorde Falstaff, que acaba de prender o cavaleiro Jean Coleville, e o apresenta ao rei:

"Sire, ei-lo, eu vo-lo entrego; suplico a Vossa Graça mandardes registrar este feito d'armas entre os outros desta jornada, ou, por Deus, eu o mandarei pôr numa balada, com o meu retrato à frente; verão Coleville a beijar-me os pés. Eis o que farei, se não tomardes a minha glória tão brilhante como uma dourada peça de dois soldos; e então me vereis, no claro céu da fama, empanar vosso esplendor, como a luz cheia apaga os carvões extintos do elemento do ar, que não aparecem em torno dela senão como cabeças de alfinete."

É esse absurdo e abominável mistifório, tão freqüente no divino Shakespeare, que o senhor Jean Home propõe como modelo do bom gosto e do espírito na tragédia. Mas o senhor Home, em

compensação, acha a *Ifigênia* e a *Fedra*, de Racine, extremamente ridículas. (N. do A.)
[64] Vide o capítulo 9 do *Gênesis* e os capítulos 3, 18 e 19 do *Eclesiastes*. (N. do E.)
[65] Romances escritos por, respectivamente, Charles Mouhy, Claude Crébillon e Antoine Hamilton (N. do E.)
[66] Em latim: *Urbi et orbi*. (N. do A.)
[67] Membros da Congregação de Santo Antônio, que cuidavam de doentes que sofriam do "fogo de Santo Antônio" ou "ergotismo" (envenenamento provocado pelo esporão do trigo). (N. do E.)
[68] Gratificação. (N. do E.)
[69] A Santa Casa, Casa da Virgem, que segundo a lenda se teria transportado pelos ares desde Nazaré. (N. do T.)
[70] Trocadilho com a palavra "antropófago" e com o verbo grego *"kaió"* (queimar), significando incinerador de homens" ou, simplesmente, "cremador". (N. do E.)
[71] Toda essa invocação às musas enche-se de alusões aos literatos inimigos de Voltaire, panfletários, críticos etc. (N. do T.)
[72] Peça do próprio Voltaire que satiriza Fréron, inimigo dos *philosophes*. (N. do E.)
[73] Corresponde tal data ao ano 1512 da nossa era vulgar, dois anos depois da tomada de Goa, por Afonso de Albuquerque. Cumpre saber que os brâmanes contavam 111.100 anos desde a rebelião e queda dos seres celestiais, e 4.552 anos desde a promulgação do *Xasta*, seu primeiro livro sagrado; o que dava 115.652 para o ano correspondente ao nosso ano de 1512, tempo em que reinavam Babar na Mongólia, Ismael Sophi na Pérsia, Selim na Turquia, Maximiliano I na Alemanha, Luís XII na França, Júlio II em Roma, Joana, a Louca na Espanha, e Manuel em Portugal. (N. do A.)
[74] Druga é a palavra indiana que significa “virtude”. É representada com dez braços e montada num dragão para combater os vícios, que são a intemperança, a incontinência, o furto, o assassínio, a injúria, a maledicência, a calúnia, a ociosidade, a resistência aos pais, a ingratidão. Foi essa figura que vários missionários tomaram pelo diabo. (N. do A.)
[75] Vê-se que Xastasid lera a nossa Bíblia em árabe, atentando ali na epístola de S. Judas, onde com efeito se encontram estas palavras, no versículo 6. O livro apócrifo que jamais existiu é o de Enoch, citado por S. Judas no versículo 14.
[76] É a diferença entre os textos hebraico, samaritano e dos Setenta. (N. do A.)
[77] Bem se vê que Xastasid fala aqui como brâmane que não tem o dom da fé e a quem foi negada a graça. (N. do A.)
[78] É indubitável que as fábulas concernentes a Baco eram muito comuns na Arábia e na Grécia, muito tempo antes de que as nações fossem informadas se os judeus tinham ou não uma história. Josephus confessa até que os judeus sempre conservaram os seus livros ocultos para os povos vizinhos. Baco era venerado no Egito, na Arábia, na Grécia, muito antes que o nome de Moisés penetrasse nessas regiões. Os antigos versos órficos chamam a Baco de Misa ou Mosa. Foi criado na montanha de Nisa, que é precisamente o monte Sinai. Fugiu em direção ao mar Vermelho; ali reuniu um exército e atravessou com ele esse mar, a pé enxuto. Fez parar o Sol e a Lua. Seu cão o seguiu em todas as expedições, e o nome de Caleb, um dos conquistadores hebreus, significa “cão”.
Os sábios muito discutiram e ainda não chegaram a um acordo sobre se Moisés é anterior a Baco, ou Baco a Moisés. Ambos são grandes homens; mas Moisés, ao bater um rochedo com a sua vara, só fez sair água, ao passo que Baco, ao bater a terra com o seu tirso, fez sair vinho. Vem daí que todas as canções de mesa celebram a Baco, não havendo talvez duas canções em favor de Moisés. (N. do A.)
[79] Esse Mosasor é um dos principais anjos rebeldes que combateram contra o Eterno, como o relata o *Autoraxasta*, o mais antigo livro dos brâmanes, e onde está provavelmente a origem de todas as guerras dos Titãs e de todam as fábulas imaginadas depois conforme esse modelo. (N. do A.)

[80] Ezequiel – Cap. IV. (N. do A.)
[81] Oseas – Cap. I. (N. do A.)
[82] Ezequiel – Cap. XVI. (N. do A.)
[83] Juízes – Cap. XIX. (N. do A.)
[84] Gênesis – Cap. XIX. (N. do A.)
[85] Gênesis – Cap. XIX. (N. do A.)
[86] Palavra portuguesa que significa *episcopus*. Não está em nenhum dos quatro Evangelhos. (N. do A.)
[87] Aparentemente quer ele referir-se à santa Jerusalém descrita no minucioso livro do Apocalipse, em Justino, Tertuliano, Irineu e outros grandes personagens. Mas bem se vê que esse pobre brâmane tinha disso uma idéia muito imperfeita. (N. do A.)
[88] Era outrora a porta do Janículo; vede como a nova Roma sobrepujou a antiga. (N. do A.)
[89] João VIII, assassinado a martelo por um marido ciumento.
João X, amante de Teodora, estrangulado no leito da mesma.
Estêvão VIII, aprisionado no castelo a que chamam hoje de Sto. Angelo.
Estêvão IX, acutilado no rosto pelos romanos.
João XII, deposto pelo imperador Otão I e assassinado em casa de uma de suas amantes.
Benedito V, exilado pelo imperador Otão I.
Benedito VII, estrangulado pelo bastardo de João X.
Benedito IX, que comprou, com mais dois outros, o pontificado, e revendeu a sua parte. Etc. etc. Todos eles eram infalíveis. (N. do A.)
[90] Mars, Março. Mars, Marte. (N. do T.)
[91] Peça de Maquiavel. (N. do E.)
[92] Em 1510 o papa Júlio II excomungou o rei de França, Luís XII, e interditou o reino de França, oferecendo-o ao primeiro que dele se quisesse apoderar; a excomunhão e a interdição foram reiteradas em 1512. Custa acreditar hoje em tal excesso de insolência e ridículo. Mas, desde Gregório VII, não houve quase nenhum bispo de Roma que não fizesse ou não quisesse fazer e desfazer soberanos, a seu bel-prazer. Os soberanos mereciam todos esse infame tratamento, pois haviam sido bastante imbecis para fortalecerem, eles próprios, em seus súditos, a convicção da infalibilidade do papa e do seu poder sobre todas as Igrejas. Eles mesmos é que forjavam as próprias cadeias, tão difíceis de quebrar. O governo era por toda parte um caos formado pela superstição. Só muito tarde penetrou a razão nos povos do Ocidente; curou algumas feridas que fizera essa superstição, inimiga do gênero humano; mas ainda restam profundas cicatrizes. (N. do A.)
[93] Não sabe o que é o amor, nem o que vale a caridade, e assim acontece que os frades sejam tão ávida e cruel canalha. (N. do T.)
[94] Esses versos nada têm de "hindus"; segundo estudiosos de Voltaire, trata-se provavelmente de um anagrama, cujo sentido ainda não foi decifrado. (N. do E.)
[95] Voltaire faz aqui uma "etimologia ingênua", atribuindo ao termo "*cardinalis*" ("principal", em latim) o mesmo valor de "*cardo*", que de fato significa "gonzo de porta", "dobradiça". (N. do E.)
[96] Toda essa história é narrada por Abdias, Marcelo e Hegesipo. Eusébio refere-lhe uma parte. (N. do A.)
[97] Cap. IX.
[98] Atos, Cap. XXVI.
[99] *História apostólica de Abdias*. Tradução de Júlio Africano, livro VI, pp. 395 e seguintes.
[100] Eusébio, liv. III, cap. XXX.
[101] Vem transcrita na *Apologia do conde de Peterborou*, pelo doutor Freind, p. 143.
[102] Aguardente, em francês *eau-de-vie*, isto é, água de vida. (N. do T.)

[103] A frase é do próprio Voltaire. (N. do E.)
[104]*Preferment* significa "benefício" em inglês. (N. do A.) — No caso, um bom cargo. (N. do T.)
[105]*Questões enciclopédicas*, artigo "Natureza". (N. do A.)
[106] Panurge e Thaumaste, que se comunicam por sinais em *Pantagruel*. (N. do E.)
[107] Voltaire se refere ao Taiti. (N. do E.)
[108]*Terceiro dos reis*, cap. XIII; e *Paralipômenos*, cap. XV. (N. do A.)
[109] ... "*les deux plus horribles fléaux de la terre, les deux véroles?*" — diz o original. Refere-se o autor a *vérole* (sífilis) e a *petite-vérole* (varíola). (N. do T.)
[110] A exemplo do que fizera em *O Homem de Quarenta Escudos*, Voltaire cita este verso de sua peça *Charlot*. (N. do E.)
[111]*Querub*, em caldeu e siríaco, significa "boi".
[112] Os brâmanes foram, com efeito, os primeiros que imaginaram uma revolta no céu, e essa fábula serviu, muito tempo depois, como esquema à história da guerra dos gigantes contra os deuses, e a algumas outras histórias. (N. do A.)
[113] Primeiro *Livro dos reis*, cap. XXII, v. 21 e 22. (N. do A.)
[114] Toda a Antiguidade empregava indiferentemente os termos de *boi* e *touro***.** (N. do A.)
[115]*Dinastia* significa propriamente poder. Neste sentido se pode empregar tal palavra, apesar das cavilações de Larcher. *Dinastia* vem do fenício *dunast*, e Larcher é um ignorante que não sabe nem fenício, nem siríaco, nem copta. (N. do A.)
[116] Diz Tertuliano, no seu poema de "Sodoma":
Dicitur et vivens alio sub corpore sexus
Munificos solito dispungere sanguine menses.
E Santo Irineu, liv. IV:
Por naturalia ea quae sunt consuetudinis feminae ostendens. (N. do A.)
[117] Daniel, cap. V. (N. do A.)
[118] Voltaire toma o termo de empréstimo ao *Gargântua*, de Rabelais, que o usou para designar um grande pássaro. Segundo os intérpretes de Voltaire, o escritor teria confundido "onocrótalo" com "onagro" (espécie de burro selvagem). (N. do E.)
[119] Vinte mil escudos de prata francesa, pelo câmbio atual (1773). (N. do A.)
[120] Terceiro *Livro dos Reis*, cap. XVII. (N. do A.)
[121] Berósio, autor caldeu, refere com efeito ter acontecido a mesma aventura ao rei Xisutra da Trácia: foi ainda mais maravilhosa, pois a sua arca tinha cinco estádios de comprimento por dois de largura. Travou-se grande discussão entre os sábios para destrinçar qual dos dois era o mais antigo, se Xisutra ou Noé. (N. do A.)
[122] "Concórdia na discórdia do universo", frase dita por Horácio, e não Zoroastro. (N. do E.)
[123] Ezequiel, cap. IV. (N. do A.)
[124] Voltaire se refere, obviamente, ao filósofo inglês John Locke (1632-1704). (N. do E.)
[125] Fábula cuja versão mais conhecida foi escrita por La Fontaine. (N., do E.)
[126] Rollin, tratadista francês do século XVIII. (N. do E.)
[127]*Nonsobre*: "não sóbria"; anagrama de *Sorbonne*. (N. do T.)
[128]Malebranche parece visado diretamente, embora a teoria seja cartesiana. (N. do T.)
[129] Locke. (N. do T.)
[130] Os jesuítas. (N. do T)
[131] Os jansenistas. (N. do T)
[132] "Aquilo que se chama memória não é mais infenso às musas do que aos homens." (N. do T.)
[133] Varíola: *petite vérole. Vérole*: mal venéreo. (N. do T.)
[134] Quando os faquires querem ver a luz celeste, o que é muito comum entre eles, fixam os olhos na ponta do nariz. (N. do A.)
[135] Instituto para cegos, fundado por S. Luís. (N. do T.)

[136] As expressões designam duas regiões dialetais da França: a *langue d'oc* (hoje chamada *provençal*) se refere às línguas do Sul, faladas em regiões como Languedoc ou a antiga Occitânia; a *langue d'oïl* se refere aos dialetos setentrionais e está na origem do francês moderno. (N. do E.)
[137] Alusão à bula que dissolveu a ordem dos jesuítas. (N. do T.)
[138] Membros do Senado veneziano. (N. do E.)
[139] Conde de Arauda. (N. do T.)
[140] Alusão às querelas teológicas em torno da consubstanciação e da transubstanciação. (N. do E.)
[141] Catarina ii. (N. do T.)